

**AEROPORTO**

**ARTHUR HAILEY**



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

## AEROPORTO

Um grande escritor observou uma ocasião que "as estações ferroviárias são as catedrais americanas". Referia-se à arquitetura — e ao romantismo de outra época. É duvidoso que exaltasse da mesma forma essa sala de espera da metade do nosso século: o frenético e barulhento aeroporto de aviões a jato. Para os viajantes impacientes não passa, na maior parte das vezes, do lugar onde são obrigados a permanecer enjaulados enquanto as linhas aéreas acertam o horário alterado pelo mau tempo. Arthur Hailey aplica ao tema a mesma espécie de tratamento usado em *Hospital*, *Hotel*, e *Voando para o Perigo*, e o resultado é perfeitamente capaz de convencer o leitor a escolher em definitivo a segurança dos transportes terrestres.

Numa só noite, quase tudo o que é possível imaginar — pessoa, máquina ou Romances de Arthur Hailey publicados por esta Editora:

HOTEL (4.<sup>a</sup> edição)

HOSPITAL (4.<sup>a</sup> edição)

VOANDO PARA O PERIGO — com John Castle (2.<sup>a</sup> edição)

AEROPORTO (11.<sup>a</sup> edição)

ARTHUR HAILEY

AEROPORTO

ROMANCE

Tradução de

MILTON PERSSON 11<sup>a</sup> edição



editora

NOVA FRONTEIRA

Título do original norte-americano

AIRPORT

Copyright by Arthur Hailey Ltd., Canadá

Capa

*Layout* — Catherine Hopkins

*Foto* — Cortesia da American Airlines / Bob Takis

Revisão

A. TAVARES

Direitos adquiridos para o Brasil pela

EDITORA NOVA FRONTEIRA S. A.

Rua do Carmo, 27 - 4<sup>o</sup> andar - Tel. 31-5830 Caixa Postal 3812

Endereço Telegráfico - NEOFRONT

Rio de Janeiro — GB

Ah! Escapei aos amargos grilhões da terra. E dancei no espaço com asas prateadas de alegria – de ALTO VÔO de John Gillespie Magee, Jr. (1922-1941) ex-tenente da Força Aérea Real Canadense.

# PRIMEIRA PARTE

18.30 - 20.30

1

À SEIS e meia de uma tarde de sexta-feira em janeiro, o Aeroporto Internacional Lincoln, em Chicago, estava funcionando, embora com dificuldade.

Como todo o centro-oeste dos Estados Unidos, sofria as conseqüências da tempestade de inverno mais violenta e devastadora dos últimos seis anos. O temporal já durava três dias. E agora, como pústulas num organismo esgotado e anêmico, irrompiam problemas por todos os cantos.

Um caminhão de transporte de alimentos, pertencente à United Airlines, carregado com duzentas refeições, extraviou-se, atolando-se com certeza na região perimetral do aeroporto. Uma busca para encontrá-lo — em meio à escuridão e à neve que caía. — ainda não conseguira localizar nem o veículo perdido nem o motorista.

O vôo 111 da mesma linha aérea — um DC-8 com destino a Los Angeles, sem escalas, e ao qual se destinavam as refeições — já estava com algumas horas de atraso. A confusão com as provisões de bordo ia adiar ainda mais a partida. Dissabores semelhantes, provocados pelos motivos mais variados, prejudicavam a decolagem de um mínimo de cem aviões, programados pelas vinte empresas diferentes que utilizavam o Lincoln.

No campo de pouso, a pista número trinta encontrava-se paralisada por um jato da Aéreo-Mexicana — um Boeing 707 — cujas rodas ficaram profundamente atoladas nas poças d'água, cobertas de neve, perto da sua extremidade. Duas horas de esforços intensivos não conseguiram remover a imensa aeronave. A companhia, depois de esgotar os próprios recursos, resolveu pedir auxílio à TWA.

O controle de trânsito aéreo, tolhido pela perda dessa pista, limitava o volume de chegadas procedentes de centros vizinhos, como Mineápolis, Cleveland, Kansas City, Índianópolis e Denver. Apesar disso, vinte aviões descreviam círculos sucessivos nos céus do aeroporto, alguns com o combustível praticamente no fim. E um número duas vezes maior preparava-se para levantar vôo. Mas o controle prescreveu novos adiamentos no trânsito de partida até que se pudesse reduzir o acúmulo dos que aguardavam sinal para aterrar. Enquanto isso, os pontos de início de decolagem, as vias de acesso e os lugares de espera cada vez se congestionavam mais, e as tripulações impacientes chegavam a manter os motores ligados.

Os depósitos de carga de todas as companhias, atulhados de encomendas até os tetos, tinham a sua rapidez costumeira de expedição impedida pela borrasca. Os principais encarregados, tomados de nervosismo, procediam à fiscalização dos artigos sujeitos à deterioração: flores de estufa de Wyoming, destinadas à Nova Inglaterra; uma tonelada de queijo da Pensilvânia que devia seguir para Anchorage, no Alasca; ervilhas congeladas, para a Islândia; lagostas vivas, provenientes da costa leste, aguardando uma rota polar com destino à Europa. No dia seguinte figurariam nos cardápios de Edimburgo e Paris, onde seriam apregoadas como "iguarias marítimas, frescas e locais", e consumidas pelos incautos turistas norte-americanos. Com ou sem tempestade, os contratos previam que as encomendas deterioráveis chegassem em condições perfeitas e com a maior rapidez ao local de destino.

Motivo de inquietação especial no armazém da American Airlines era uma partida de vários milhares de filhotes de peru, colocados em incubadoras com poucas horas de antecedência. Um plano



minucioso para a incubação e embarque — semelhante a uma complexa ordem de batalha — tinha sido organizado semanas atrás, antes de os ovos serem chocados. Determinava um prazo máximo de quarenta e oito horas para a chegada das aves vivas à costa do Pacífico, tempo limite que poderiam viver os minúsculos bichinhos sem receber o primeiro alimento ou água. Em condições normais plano previa a sobrevivência da quase totalidade. Detalhe importante: se os filhotes fossem alimentados durante o vôo, provocaria mau-cheiro, empestando o avião transportador dias a fio. A essa altura o horário previsto já se encontrava atrasado de várias horas. Um avião de passageiros, porém, foi convertido em cargueiro, e nessa noite os peruzinhos iam receber prioridade sobre qualquer outra espécie de viajantes, inclusive as personalidades mais ilustres.

Nos principais portões de embarque reinava a maior confusão. Os postos de espera estavam repletos de milhares de passageiros de vôos adiados ou cancelados. Pilhas de bagagem se espalhavam por todos os cantos. O vasto saguão central parecia uma combinação de tumulto futebolístico e véspera de Natal na Macy's.

No alto do edifício principal, a divisa orgulhosa: *Aeroporto Internacional Lincoln — A Encruzilhada Aérea do Mundo*, estava totalmente encoberta pela neve acumulada.

O fantástico, refletiu Mel Bakersfeld, é que funcionasse alguma coisa em semelhantes condições.

Mel, administrador geral do aeroporto — alto, esguio e um dinâmico de energia disciplinada — encontrava-se no centro de repressão à neve, no penúltimo pavimento da torre de observação. Perscrutou a escuridão. Normalmente, desta sala envidraçada avistava-se todo o conjunto do aeroporto: pistas de vôo, faixas de acesso, pontos de espera, o tráfego em terra e no ar, como blocos e modelos de construção bem dispostos. Mesmo à noite as formas e os movimentos ficavam perfeitamente definidos pelas luzes. Só existia um local mais elevado — o controle de trânsito aéreo, que ocupava pavimento superior.

Nessa noite, porém, só o tênue clarão das luzes mais próximas rasgava a cortina quase opaca da neve soprada pelo vento. Mel desconfiou que esse inverno ia fornecer assunto para as convenções meteorológicas durante os anos vindouros.

A tempestade atual começara longe, há cinco dias, ao abrigo das montanhas do Colorado. No início constituía apenas uma minúscula zona de pressão baixa, cuja extensão não ultrapassava uma fazenda ao sopé de uma montanha. Passou despercebida ou então foi totalmente ignorada pela maior parte dos previsores de tempo nos gráficos meteorológicos das rotas aéreas. Como por vingança, o sintoma degenerou logo em gigantesca virulência e, aumentando cada vez mais, tomou primeiro o rumo sudeste, desviando depois para o norte.

Atravessou o Kansas e Oklahoma, deteve-se um pouco no Arkansas, colhendo um sortimento de maldades. No dia seguinte, nédio e monstruoso, rolou com os seus trovões pelo vale do Mississippi. Finalmente, decidiu-se por Illinois, descarregando a tormenta e paralisando praticamente o estado inteiro com nevascas e temperaturas glaciais. Em vinte e quatro horas, a nevada possuía quase três metros de altura.

No aeroporto, antes de atingir essa espessura, a neve tinha caído constantemente, embora leve. Agora recomeçava chicoteada por ventos inclementes, e que acumulavam novos montes — ao mesmo tempo que eram removidos os anteriores. As equipes encarregadas desse serviço já estavam à beira da exaustão. Durante as últimas horas diversos homens foram enviados para casa, por excesso de cansaço, apesar de utilizarem intermitentemente as camas instaladas no aeroporto para esse tipo de emergência.

No centro de repressão, ao lado de Mel, Danny Farrow — em outras oportunidades assistente da administração, agora improvisado em supervisor da limpeza da neve — chamava a manutenção pelo rádio.

— Estamos perdendo os postos de estacionamento. Preciso de mais seis escavadoras e um grupo de "guitarristas" no Y setenta e quatro.

Danny ocupava a mesa de controle, que não chegava a ser propriamente uma mesa, constituída por um consolo amplo, de três posições. À sua frente, e de seus dois assistentes — um de cada lado — havia uma bateria de telefones, telantogramas e rádios. Estavam cercados por mapas, gráficos e quadros de boletins, com um registro completo das condições e posição de cada entidade de equipamento motorizado utilizada no combate à neve, bem como de todos os funcionários e supervisores. Existia um quadro especial para os "guitarristas" — grupos errantes, munidos de pás individuais. O centro de repressão só funcionava nessas ocasiões. Em outras épocas do ano, permanecia vazio e silencioso.

Gotas de suor porejavam na calva de Danny, enquanto rabiscava anotações num gigantesco mapa do aeroporto. Repetiu a mensagem à manutenção, procurando emprestar um tom desesperado e pessoal ao apelo, coisa que não estava longe da verdade. Ali em cima ficava o posto de comando, encarregado de desinterditar o campo. Quem o dirigisse, precisava levar em consideração o conjunto, burlando as exigências e desdobrando os recursos para atender o maior número possível de problemas. Havia contudo um dilema — sem dúvida a causa do suor de Danny: os que trabalhavam lá embaixo, não poupando esforços para o prosseguimento das operações, dificilmente compartilhavam das opiniões a respeito da prioridade.

— Mas certamente! Outras seis, é? — A voz irritada, de alguém da manutenção, que ficava no lado oposto do campo, arranhou o alto-falante. — Vamos pedir pra Papai Noel. Ele deve andar por estes lados. — Uma pausa e depois, mais agressiva: — Não tem outro pedido idiota desse gênero?

Olhando para Danny, Mel sacudiu a cabeça. Reconhecera a voz. Era um chefe de turma veterano, provavelmente trabalhando sem descanso desde o início do temporal. Nessas ocasiões os ânimos se exaltavam e com razão. Em geral, após um inverno rigoroso, de combate incessante à neve, a diretoria do aeroporto reunia os participantes da repressão numa festa noturna, exclusivamente

masculina, chamada "a noite da reconciliação". Este ano, na certa, ia haver uma.

— Mandamos quatro escavadoras atrás daquele caminhão de víveres da United. A esta hora já deveriam estar de volta.

A justificativa era razoável.

— E estariam... se conseguíssemos localizar aquele maldito caminhão.

— *Ainda* não localizaram? O que é que vocês estão fazendo? Brincando de roda?

Mas Danny, precavido, estendeu a mão rapidamente e reduziu o volume do alto-falante, aplacando a ferocidade da resposta.

— Olhem aqui, seus corujas empoleirados aí nessa cobertura miserável! Será que fazem idéia de como estão as coisas aqui embaixo? Talvez seja pedir demais que encostem o nariz, de vez em quando, nas vidraças. Se a gente estivesse congelando no maldito pólo norte nem notaria a diferença.

— Experimente soprar as mãos, Ernie — recomendou Danny. — Talvez se aqueça e ocupe a boca em vez de ficar dizendo besteira.

Mel Bakersfeld fez, mentalmente, uma triagem do diálogo. Sabia que as referências às condições exteriores eram a pura verdade. Percorrera o campo uma hora antes num carro. Usou as estradas de serviço, porém, mesmo familiarizado com os mínimos detalhes topográficos do aeroporto, encontrou dificuldade para se orientar e, por várias vezes, esteve a ponto de se perder.

Havia ido inspecionar o centro de manutenção e então, como agora, a atividade era intensa. Ao passo que a repressão na torre ocupava um posto de comando, lá constituía o quartel-general da linha de combate. Ali chegavam e partiam as turmas e os supervisores, todos exaustos, ora transpirando, ora mortos de frio, as categorias de trabalhadores regulares recebendo reforços de auxiliares: carpinteiros, eletricitas, bombeiros, escriturados, polícias. Deslocados de suas funções habituais no aeroporto, recebiam

pagamento além do dobro até o final da emergência provocada pela neve. Contudo, sabiam o que os esperava após as manobras, como soldados de serviço nos fins-de-semana, no verão e no outono, nas pistas de decolagem e vias de acesso. Os intrusos às vezes se divertiam a presenciar os grupos de remoção de neve, praticando com as escavadoras e os sopradores a todo vapor, num dia quente e ensolarado. Mas, caso alguém manifestasse surpresa com o vulto dos preparativos, Mel Bakersfeld se prontificava a lembrar que uma limpeza de neve na zona de operações do aeroporto equivalia a fazer o mesmo numa estrada de mais de mil quilômetros.

A exemplo do gabinete na torre de observação, a repressão só funcionava durante o período do inverno. Consistia de uma sala enorme e cavernosa, em cima de uma garagem de caminhões do aeroporto e, quando em uso, era controlada por um despachante. A julgar pela voz que ocupara o microfone, Mel deduziu que o plantão fora substituído, temporariamente, para talvez recuperar algumas horas de sono no "apartamento de luxo", como a reserva chamava, ironicamente, o galpão que servia de dormitório às equipes encarregadas da neve.

A voz do chefe de turma ressoou de novo no alto-falante.

— Também estamos inquietos com aquele caminhão, Danny. O infeliz do motorista é bem capaz de morrer de frio por aquelas bandas. Mas se souber usar a cabeça, de fome não morre.

O caminhão da United tinha partido da cozinha da empresa rumo ao edifício principal, há quase duas horas. O seu trajeto ficava dentro da faixa perimetral, e demorava, em geral, quinze minutos. Não chegou, entretanto, ao destino. O motorista, evidentemente, tinha se extraviado e estava atolado num lugar ermo do aeroporto. A princípio a própria United mandou uma patrulha para efetuar a busca, sem êxito. A diretoria do aeroporto assumira, agora, o encargo.

— Aquele avião da United finalmente decolou sem a comida? — perguntou Mel.

Danny Farrow respondeu sem levantar os olhos.

— Pelo que sei, o comandante deixou a critério dos passageiros. Disse que ia levar ainda uma hora para conseguir outro caminhão, e que tinham o filme e a bebida a bordo, e o sol brilhava na Califórnia. Todo mundo só quis saber de dar o fora desse inferno. Eu faria o mesmo.

Mel concordou, resistindo à tentação de assumir o comando pessoal da equipe que procurava o caminhão e motorista desaparecidos. Qualquer ação serviria de terapêutica. O frio de vários dias e a umidade reavivavam um velho ferimento de guerra — recordação permanente da Coreia que já começava a sentir. Curvou-se e apoiou o corpo sobre a outra perna. O alívio foi apenas passageiro. Na nova posição a dor recomeçou, quase imediatamente.

Um minuto depois, sentiu-se satisfeito por não ter interferido. Danny agia com acerto: intensificando a busca do caminho, deslocando escavadoras e homens do perímetro de embarque para os locais mais afastados. Os parques de estacionamento precisavam ser esquecidos provisoriamente, a despeito de toda a celeuma que a medida provocaria mais tarde. Antes, o que importava era salvar o motorista desaparecido.

Num intervalo de transmissões, Danny preveniu Mel.

— Prepare-se para ouvir mais reclamações. Essa busca vai engarrafar o caminho perimetral. Vamos ter de reter todos os outros caminhões de víveres até localizar o camarada.

Mel demonstrou que entendera. Reclamações constituíam o prato de cada dia do cargo de administrador geral. No caso presente, conforme Danny previa, ia haver um dilúvio de protestos quando as outras companhias percebessem que os seus transportes de gêneros não conseguiam passagem, fosse qual fosse o motivo.

Parece incrível que um homem pudesse correr perigo de vida, vítima das intempéries, num centro civilizado como um aeroporto. Mas era justamente o que estava acontecendo. As zonas mais desertas do campo não eram locais para perambular sem bússola numa noite

semelhante. E se o motorista inventasse de permanecer dentro do caminhão, com o motor ligado para se aquecer, seria logo coberto pela neve, acumulando por baixo o monóxido de carbônio letal.

Danny usava uma mão para atender um telefone vermelho. Com a outra, folheava as instruções de emergência — estabelecidas por Mel, com o máximo de cautela, para ocasiões como essa.

O telefone vermelho comunicava com o chefe dos bombeiros do aeroporto. Danny resumiu a situação.

— E quando localizarem o caminhão, enviem logo uma ambulância ao local. Vão precisar de oxigênio ou de uma bomba de aquecimento, talvez ambas as coisas. Mas é melhor esperar até saber com exatidão onde está. Senão vamos ter de sair cavando atrás de vocês também.

O suor, em quantidade cada vez maior, reluzia no crânio calvo de Danny. Mel sabia que Danny detestava supervisionar o controle da neve, vivendo feliz no seu próprio departamento de planejamentos aeronáuticos, a analisar os cálculos aritméticos e as hipóteses previstas para o futuro da aviação. Esses assuntos eram projetados dentro do maior conforto, com muita antecedência e tempo para pensar, em vez dos desconcertantes problemas imediatos dessa noite. Assim como há gente que vive às custas do passado — refletiu Mel — para um sujeito como Danny Farrow, o futuro constitui um refúgio. No entanto, satisfeito ou não, e a despeito da transpiração, Danny se comportava à altura da situação.

Estendendo o braço por cima do seu ombro, Mel levantou um telefone de linha direta para o controle de trânsito aéreo. O chefe de observação da torre atendeu.

— Alguma novidade com o 707 da Aéreo-Mexicana?

— Continua no mesmo, Mr. Bakersfeld. Estão lutando há duas horas para tirá-lo de lá. E por enquanto nada.

Aquele problema especial começara logo após o anoitecer, quando um comandante da Aéreo-Mexicana, tomando uma via de acesso à

pista de decolagem, dobrou, por engano, à direita, em vez de à esquerda, de uma luz azul. Infelizmente, o terreno à direita — normalmente coberto de grama — apresentava um problema de escoamento, que só seria corrigido no fim do inverno. Nesse meio tempo, apesar da forte nevada, formou-se um pântano de lama por baixo da superfície. Poucos segundos depois do equívoco, o avião de cento e vinte toneladas atolava fundo.

Quando se tornou óbvio que não poderia sair dali, carregado como estava, e pelos próprios motores, os passageiros desembarcaram em meio ao descontentamento geral, sendo auxiliados a passar por cima do lodo e entrar nos ônibus que haviam sido convocados com urgência. Agora, passadas duas horas, o imenso jato continuava preso, com a fuselagem e a cauda a interditar a número trinta.

— A pista e a via de acesso — perguntou Mel — já podem ser usadas?

— Negativo — replicou o chefe da torre. — Estamos retendo nos portões todo o trânsito de partida, para mandá-los pelo caminho mais longo na direção das outras pistas.

— Muito lento?

— Com uns cinqüenta por cento de redução. Agora mesmo estamos com dez vôos à espera de levantamento da interdição das vias de acesso, e uns outros doze prontos para ligar os motores.

Era uma demonstração, refletiu Mel, da urgência de pistas e vias de acesso extras para atender às necessidades do aeroporto. Há três anos que vinha insistindo para a construção imediata de uma nova, paralela à número trinta, além de inúmeras melhorias para as operações. A Junta de Diretoria do Aeroporto, sob a pressão política do governo, recusou a aprovação. Tudo porque os vereadores, por razões que somente eles poderiam explicar, queriam evitar a questão de uma nova verba necessária para obter o financiamento.

— Outra coisa — advertiu o chefe da torre. — Com a trinta fora de combate, estamos encaminhando as decolagens por cima de Meadowood. E as reclamações já começaram.



Mel soltou um suspiro. A comunidade de Meadowood, que vizinhava com os limites sudestes do campo, representava um espinho constante para ele e um estorvo às operações de vôo. Apesar do aeroporto ter sido estabelecido muito antes do bairro, os moradores queixaram-se desde o início com veemência por causa do barulho provocado pelos aviões. Depois foi a imprensa. Atraiu um número ainda maior de denúncias, cada vez mais ásperas, contra a administração. Finalmente, depois de intermináveis negociações que envolveram políticos, provocaram mais publicidade e — de acordo com a opinião de Mel Bakersfeld — divulgaram informações totalmente errôneas, o aeroporto e a Administração Federal de Aviação concordaram que as decolagens e aterragens dos jatos, diretamente por cima de Meadowood, só seriam efetuadas quando se tornassem imprescindíveis e em circunstâncias especiais. Como o aeroporto já contava com um número limitado de pistas disponíveis, o decréscimo de eficiência resultou considerável.

Além disso, concordaram também que os aviões que decolassem naquela direção ficariam obrigados — quase imediatamente após ganharem altura — a obedecer a uma redução de ruído. O que, por sua vez, produziu protestos dos pilotos, que consideraram a medida perigosa. As companhias aéreas, no entanto — temendo a agitação pública e suas respectivas representações corporativas — cumpriam o acordo.

Não foi suficiente para contentar os moradores do bairro. Os porta-vozes continuavam a protestar, organizando-se e — segundo os últimos boatos — planejando aborrecimentos legais para o aeroporto.

— Quantos chamados — perguntou Mel ao chefe da torre de observação — já receberam?

Antes de receber a resposta, percebeu, mal-humorado, que ia perder mais horas de trabalho com delegações, uso de persuasão e as mesmas discussões inúteis de sempre.

— Uns trinta, no mínimo, foram atendidos. Mas houve outros. Os

telefones começam a tocar logo após cada decolagem — até os números que não constam do catálogo. Não sei o que não daria para descobrir onde ficam sabendo deles.

— Espero que você tenha explicado que atravessamos uma situação toda especial — a tempestade, a pista interditada.

— Explicamos. Mas ninguém quer saber. Só pedem que os aviões não passem mais por lá. Alguns chegam a dizer que, com problemas ou sem problemas, os pilotos estão obrigados a utilizar os redutores de ruído. E que hoje à noite não obedecem ao regulamento.

— Santo Deus! Se eu fosse piloto tampouco obedeceria. Como era possível que alguém, dotado de inteligência mediana, refletia Mel, podia esperar que um piloto, no meio daquele clima violento, fosse desligar o motor logo depois de ganhar altura, e em seguida fazer uma curva amparado só nos instrumentos — a condição requerida para a redução do barulho.

— Eu também não — concordou o chefe da torre. — Embora ache que isso depende do ponto de vista. Se eu morasse naquele bairro, talvez raciocinasse como eles.

— Você não moraria lá. Teria escutado as advertências que fizemos, anos atrás, para que não construíssem casas em Meadowood.

— É provável. Por falar nisso, um dos rapazes me contou que vão realizar uma nova reunião dos moradores ainda hoje,

— Com esse tempo?

— Parece que sim, e ao que me consta, estão preparando um novo plano de ataque.

— Seja qual for — predisse Mel — não tardaremos a saber.

De qualquer forma, refletiu, se ia haver mesmo uma reunião pública em Meadowood, era uma lástima fornecer munição nova e tão conveniente às reclamações. Tinha quase certeza de que a imprensa e os políticos locais compareceriam, e os vãos diretos, por mais necessários que fossem na ocasião, forneceriam assunto extra para

artigos e comentários. Por isso, quanto mais cedo ficasse desinterditada a pista número trinta, tanto melhor para as partes interessadas.

— Daqui a pouco — comunicou ao chefe da torre, — irei pessoalmente ao campo para verificar o que está se passando. Depois lhe informo.

— Combinado.

Mudando de assunto, Mel indagou:

— O meu irmão está de serviço hoje?

— Positivo. Keith controla o radar — chegadas do oeste.

Aquele posto de observações — as chegadas procedentes do oeste — constituía um dos mais exaustivos e tensos da torre. Mel sabia disso. Abrangia a supervisão de todos os vôos que chegassem do quadrante ocidental. Hesitou um pouco, mas logo lembrou-se que conhecia o chefe da torre de controle há muito tempo.

— Ele está bem? Não anda nervoso?

Houve uma ligeira pausa antes da resposta.

— Anda, sim. Na minha opinião, mais do que de costume.

Ambos estavam cientes de que o irmão mais moço de Mel era ultimamente um motivo de inquietação, tanto em casa como no serviço.

— Para falar com franqueza — prosseguiu o chefe da torre — gostaria de lhe tornar as coisas mais fáceis. Mas não posso. Estamos com falta de pessoal e todo mundo anda com os nervos tensos. — E acrescentou: — Inclusive eu.

— Sei disso, e fico reconhecido pela atenção que você lhe vem dispensando.

— Ora, nesse trabalho quase todos nós temos de lutar contra o cansaço, de vez em quando. — Mel podia sentir como ele escolhia as palavras com cuidado. — Tem horas que se manifesta no cérebro, e

outras que se reflete no estômago. De qualquer forma, quando acontece, a gente procura ajudar-se mutuamente, na medida do possível.

— Obrigado. — A conversa não logrou atenuar a ansiedade de Mel. — Sou capaz de passar aí mais tarde.

— Combinado, chefe. — E desligou.

O "chefe" não passava de cortesia. Mel não possuía nenhuma autoridade sobre o controle de trânsito aéreo, subordinado diretamente à Administração Federal de Aviação, cuja sede é em Washington. Mas as relações entre os inspetores e a administração do aeroporto eram boas, e Mel fazia tudo para que continuassem dessa maneira.

Todo aeroporto constitui um estranho complexo de autoridades justapostas. Nenhum indivíduo detém pessoalmente o comando supremo, e no entanto não existe um segmento dotado de completa independência. Na qualidade de administrador-geral, Mel aproximava-se ao máximo de uma atribuição global, mas conhecia seções onde sabia que era melhor não se intrometer. Uma delas era o controle de trânsito aéreo, e outra a organização interna das companhias. Podia intervir — e chegava mesmo a fazê-lo — em questões que afetassem de modo geral o aeroporto ou o bem-estar das pessoas que o utilizassem. Ordenava, peremptoriamente, uma empresa para remover o aviso afixado a uma porta que estivesse sujeito a interpretações errôneas ou deixasse de apresentar uniformidade com os padrões estabelecidos. Mas o que ocorresse por detrás das portas era, dentro dos limites razoáveis, do interesse exclusivo das linhas aéreas.

Por essa razão um diretor de aeroporto precisa ser, ao mesmo tempo, um diplomata e um administrador dotado de versatilidade.

Mel tornou a colocar o telefone da mesa de controle no lugar. Numa outra linha, Danny Farrow discutia com o encarregado do parque de estacionamento, um indivíduo atrapalhado que há várias horas tentava contornar as reclamações indignadas dos proprietários de

carros paralisados. Só queriam saber: será que o camarada responsável pelo aeroporto não tinha percebido que estava nevando? E nesse caso, porque não providenciava a remoção daquela droga para que um homem pudesse conduzir o seu carro para onde e quando bem entendesse, da maneira prescrita pela constituição democrática do país?

— Diga-lhes que instituímos uma ditadura.

Os estacionamentos descobertos, insistiu Danny, precisavam aguardar o desafogo de prioridades. Mandaria homens com equipamento assim que pudesse. Foi interrompido por um chamado do chefe da torre de controle. Um novo boletim meteorológico previa uma mudança no vento para a próxima hora. Isso implicava numa troca de pistas, e será que podiam acelerar a limpeza do número dezessete, à esquerda?

Danny prometeu que faria o possível. Ia verificar com o supervisor da Fila da Conga e depois chamaria de novo.

Era o tipo de pressão ininterrupta que vinha ocorrendo há três dias e três noites, desde o início da atual nevasca. O fato de terem reagido à altura da situação tornava ainda mais irritante um recado entregue a Mel por um mensageiro quinze minutos atrás. O texto era o seguinte: achei que devia prevenir vc: comissão cias. (instigada por vern demerest... pq o seu cunhado antipatiza c. vc?) redigindo relatórios críticas pq limpeza pistas vias acesso (sg v.d.) péssima ineficiente... rlat. culpa aerpto (i.e. vc) maior parte vôos atrasados... (tb pretende 707 atolado culpa demora limpeza via acesso mal feita... agora cias. sofrendo esquências, etc, etc, neve vai cair em vc... onde anda — recebendo? (neve, quero dizer) caia fora & vem me pg café logo. bicocas t

O "t" era a abreviatura de Tânia — Tânia Livingston, relações públicas da Trans-América, e muito amiga de Mel. Releu o bilhete, como sempre fazia com as mensagens de Tânia, que ficavam mais claras na segunda leitura. O seu trabalho consistia numa combinação de apaziguar os ânimos e mostrar-se simpática.

Detestava as letras maiúsculas ("Mel, você não acha justo? Se a gente as suprimisse, acabava com uma porção de dor de cabeça. Pense só nos jornais"). Chegou ao cúmulo de convencer um mecânico da Trans-América a raspar todas as maiúsculas das teclas da sua máquina de escrever. Alguém importante na companhia fez um barulho danado por causa dessa história — Mel ouviu dizer — invocando o regulamento rigoroso acerca de prejuízos deliberados sofridos pela empresa. Tânia, no entanto e como sempre, encontrou um jeito de conseguir o seu intento.

O Vern Demerest do bilhete era o Comandante Vernon Demerest, também da Trans-América. Além de ser um dos mais antigos da companhia também funcionava como militante veterano da Associação dos Pilotos Comerciais e este ano se convertera em membro da Comissão de Repressão à Neve no Aeroporto Internacional Lincoln que fiscalizava as pistas de decolagem e as vias de acesso durante os períodos de nevasca, decidindo se podiam ou não serem usadas pelos aviões. E sempre incluíam um comandante em exercício ativo.

Acontece que Vernon Demerest também era cunhado de Mel, casado com a irmã mais velha, Sarah. O clã dos Bakersfeld, por tradição e casamento, possuía raízes e ramificações na aviação, assim como as famílias antigas eram, outrora, associadas com a navegação marítima. Havia, contudo, pouca cordialidade entre Mel e o cunhado, que considerava pretensioso e arrogante. E sabia que não se tratava de opinião puramente pessoal. Recentemente, tinham trocado palavras ásperas, numa reunião da Junta de Diretoria do Aeroporto, onde Demerest se apresentou como representante da associação de pilotos. Mel desconfiou que o relatório com críticas à repressão da nevasca — aparentemente por iniciativa do próprio cunhado — não passava de uma represália.

Não ficou muito preocupado com o relatório. Por piores deficiências que o aeroporto podia apresentar em outros setores, estava certo de que tinham enfrentado a borrasca tão bem como qualquer outra organização. Mesmo assim, seria sempre um aborrecimento. Todas

as companhias iam receber uma cópia, e no dia seguinte se sucederiam os telefonemas e memorandos, exigindo uma explicação.

Achou melhor ficar de sobreaviso, munido de um máximo de informações. Resolveu efetuar uma inspeção na situação atual da limpeza da neve quando fosse verificar, ao mesmo tempo, a pista interdita e o jato atolado da Aéreo Mexicana.

Na mesa de controle, Danny Farrow falava de novo com o serviço de manutenção. A uma pausa momentânea, Mel aparteou:

— Vou até o portão de embarque, e depois ao campo.

Lembrou-se do que Tânia escrevera a respeito de tomarem café juntos. Ia passar primeiro no seu gabinete, e a caminho do portão, ia-se deter um instante na Trans-América para falar com ela. Essa idéia o deixou animado.

MEL UTILIZOU o elevador particular, que só funcionava com uma chave-mestra, para descer da torre para a sobreloja da administração. Embora o seu gabinete estivesse silencioso, com as mesas das estenógrafas arrumadas e as máquinas de escrever cobertas, as luzes tinham ficado acesas. Entrou e retirou de um armário, perto da ampla escrivaninha de mogno que usava no expediente, um sobretudo grosso e botas forradas de lã.

Nessa noite Mel não possuía nenhuma tarefa específica no aeroporto. E assim devia ser. O motivo de ter ficado durante a quase totalidade dos três dias de tormenta, era por querer estar disponível em caso de emergência. Do contrário, refletiu, enquanto enfiava e amarrava as botas, a essas horas estaria em casa, com Cindy e as crianças.

Estaria mesmo?

Por mais objetiva que uma pessoa procurasse ser, raciocinou Mel, é sempre difícil verificar os seus verdadeiros motivos. Provavelmente, se não houvesse a tempestade, ocorreria qualquer outra coisa para justificar a sua permanência no aeroporto. De fato, deixar de ir para casa, ultimamente, parecia ter-se tornado um hábito em sua vida. Claro, uma das causas era a sua função: proporcionava inúmeras razões para ficar fazendo serão. Nesses últimos tempos tivera de enfrentar grandes problemas, sem mencionar a confusão de hoje. Porém — caso quisesse ser sincero consigo mesmo — o aeroporto também fornecia uma desculpa para o desentendimento incessante entre ele e Cindy, que parecia ser a regra atualmente, toda a vez que passavam algum tempo juntos.

— Oh, diabo!

A exclamação ressoou no silêncio do escritório. Caminhou com



dificuldade dentro das botas na direção da sua escrivaninha. Um lembrete datilografado pela secretária confirmou o que acabava de se lembrar. Hoje à noite iria haver mais uma das tediosas festas de caridade organizadas pela esposa. Uma semana atrás, com relutância, Mel tinha prometido comparecer. Tratava-se de um coquetel, seguido de jantar (pelo menos era o que dizia o bilhete datilografado), no centro da cidade, no aparatoso Hotel Lago Michigan. Para quem se destinava a caridade, a nota não mencionava, e se por acaso alguém lhe tivesse explicado, esquecera. No entanto, não fazia diferença. Cindy Bakersfeld se envolvia sempre em causas deprimentemente idênticas. O critério do mérito — segundo o seu ponto de vista — era representado pela eminência social dos participantes da comissão.

Felizmente, em prol da paz que desejava manter com Cindy, ia começar tarde — dentro de quase duas horas. E, por culpa do mau tempo, era capaz de começar muito depois. Assim, podia ainda chegar a tempo, mesmo indo inspecionar o campo. Dava para voltar, barbear-se e trocar de roupa no escritório, e chegar ao centro com um pequeno atraso. Contudo, seria conveniente prevenir Cindy. Usando uma linha externa direta, discou o número de sua casa.

Roberta, a filha mais velha, atendeu.

— Ôi — fez Mel. — Aqui é o velho.

A voz veio fria do outro extremo da linha.

— Sim, já sei.

— Como foi de escola hoje?

— Quer fazer o favor de ser específico, pai? Houve várias aulas. A qual o senhor se refere?

Mel soltou um suspiro. Havia dias em que lhe parecia que a vida no lar desmoronava de uma hora para outra. Percebeu que Roberta estava num dos seus momentos de impertinência, como dizia Cindy. Será que todos os pais perdem repentinamente a comunicação com as filhas que completam treze anos? Há menos de um ano, os dois

viviam tão agarrados quanto é possível a um pai e filha. Mel adorava as duas meninas — Roberta e a irmã menor, Libby. Havia ocasiões em que compreendia que constituíam as únicas razões de sobrevivência do seu casamento. Roberta, ao entrar na adolescência, ia adquirir interesses dos quais não poderia compartilhar, nem muito menos entender. Estava preparado para isso. Só que não esperava ser excluído de maneira tão radical, tratado com um misto de indiferença e condescendência. Embora, se quisesse ser objetivo, a tensão crescente entre Cindy e ele pouco ajudasse a situação. As crianças observam tudo.

— Não tem importância — desconversou. — Sua mãe está em casa?

— Ela saiu. Disse que, se o senhor telefonasse, era para lhe dizer que ia encontrá-la no centro, e que procurasse não chegar atrasado pelo menos uma vez.

Mel dominou a irritação. Roberta, sem dúvida alguma, repetia as palavras textuais de Cindy. Quase podia ouvir a voz da esposa a pronunciá-las.

— Se sua mãe telefonar, diga-lhe que talvez me atrase um pouco e não posso fazer nada. — Houve um silêncio, e perguntou: — Você me ouviu?

— Ouvi — disse Roberta. — Mais alguma coisa, pai? Tenho deveres a fazer.

— Tem, sim — retorquiu imediatamente. — Veja se muda esse tom de voz e mostre um pouco mais de respeito. Além disso, pretendo continuar com essa conversa na primeira oportunidade.

— Como queira, pai.

— E pare de me chamar de "pai"!

— Está bem, pai.

Sentiu vontade de rir, mas logo viu que não devia.

— Tudo em ordem aí em casa?

— Sim. Libby quer falar com o senhor.

— Daqui a pouco. Eu só queria dizer a você — com o temporal, talvez não durma hoje em casa. Há uma porção de coisas acontecendo no aeroporto. Provavelmente voltarei para cá e passarei a noite aqui.

Houve outra pausa, como se Roberta estivesse ponderando se devia correr o risco de um comentário safado: *grande novidade*. Aparentemente decidiu o contrário.

— Quer falar com Libby agora?

— Quero, sim. Boa-noite, Robbie. — Boa-noite.

Ouviu um barulho impaciente enquanto o telefone trocava de mãos, e logo surgia a vozinha sôfrega de Libby.

— Papai, papai! Adivinhe o quê!

Libby vivia sempre esbaforida, como se, aos sete anos de idade, tudo acontecesse de maneira empolgante e em grande velocidade e precisasse correr para não perder nada.

— Deixe eu ver — disse Mel. — Já sei — você hoje brincou na neve.

— Foi, sim. Mas não é isso.

— Então desisto. Você vai ter de contar.

— Olhe, na escola, Miss Curzon disse que o nosso dever seria escrever todas as coisas boas que a gente acha que vai acontecer no mês que vem.

Pensou com carinho: compreendo o entusiasmo de Libby.

Para ela, quase tudo era bom e motivo de contentamento, e as poucas exceções se viam logo descartadas e rapidamente esquecidas. Ficou pensando quanto tempo ia durar ainda aquela alegre inocência.

— Que bom — comentou. — Gostei da idéia.

— Papai, papai! O senhor me ajuda?

— Se eu puder.

— Quero um mapa de fevereiro.

Mel sorriu. Libby usava uma linguagem taquigráfica toda própria, às vezes mais expressiva do que palavras convencionais. Ocorreu-lhe que também podia fazer bom uso de um mapa de fevereiro.

— Tem um calendário na escrivaninha do meu escritório.

Mel explicou onde se encontrava e escutou os seus pezinhos a correr para fora da sala, esquecida do telefone. Deduziu que fora Roberta quem, silenciosamente, o desligou.

Saindo do gabinete, Mel encaminhou-se para a parte executiva da sobreloja que percorria toda a extensão do prédio principal. Levava junto o sobretudo grosso.

Deteve-se a observar a multidão que se atropelava lá embaixo. O movimento parecia ter aumentado durante a última meia hora. Nos postos de espera, todos os assentos disponíveis estavam ocupados. As bancas de jornais e os balcões de informações se viam rodeados por um número incalculável de pessoas, entre as quais sobressaíam vários uniformes militares. Diante de cada linha aérea formavam-se filas, algumas a perder de vista. Vendedores de passagens e inspetores, com o contingente normal acrescido por colegas de turnos anteriores, retidos para serviço extra, tinham horários e talões de passagens espalhados à sua frente como partituras de orquestra.

Atrasos e alterações de rota, provocados pela tempestade esgotavam os horários e a paciência humana. Logo abaixo de Mel, no balcão de passagens da Braniff, um jovem de cabelo comprido, louro, e com uma manta amarela, proclamava em altos brados:

— Vocês têm a audácia de me dizer que devo ir a Kansas City para chegar em Nova Orleans? Querem modificar a geografia? Crêem que tudo lhes é permitido?

A vendedora de passagens, uma bonita morena de vinte e poucos anos, esfregou os olhos antes de responder com paciência profissional:

— O senhor pode viajar direto, só não sabemos quando. Devido ao

mau tempo, a rota mais longa é a mais rápida, e custa o mesmo preço.

Atrás do rapaz de manta amarela, outros passageiros com problemas diversos, empurravam-se mutuamente.

No balcão da United, ocorria uma pequena pantomima. Um homem que queria viajar — um comerciante bem vestido — debruçou-se e falou baixinho. Pelo gesto e pelas expressões, Mel Bakersfeld podia muito bem imaginar o que estava dizendo.

— Preciso tomar o próximo avião.

— Sinto muito, cavalheiro, mas já está lotado. A lista de espera também é grande...

Antes de completar a frase, o agente das passagens levantou os olhos. O homem colocara uma pasta em cima do balcão, diante dele. Delicadamente, mas com toda a intenção, tamborilava numa etiqueta plástica de bagagem presa a uma ponta. Era uma referência ao Clube das 100.000 Milhas, cortesia distribuída pela United aos seus amigos privilegiados — uma elite minoritária que todas as empresas aéreas ajudaram a formar. A expressão do agente mudou. A sua voz também ficou mais baixa.

— Acho que podemos dar um jeito, cavalheiro.

O seu lápis pairou um instante no ar, riscou o nome de outro passageiro — chegado antes e que ia incluir naquele vôo — e inseriu o do recém-chegado no mesmo lugar. A ação passou despercebida pelos que se encontravam na fila.

Aquela mesma espécie de coisa ocorria em todos os balcões de aeroporto. Somente os ingênuos ou os ignorantes acreditavam que as listas de espera e as reservas eram respeitadas com inabalável imparcialidade.

Observou a chegada de um novo grupo de passageiros — presumivelmente vindos do centro da cidade. À medida que entravam iam escovando a neve dos seus trajes e, a julgar pela sua aparência, o tempo lá fora piorava cada vez mais. Os recém-

chegados foram rapidamente absorvidos pela multidão.

Entre os oitenta mil passageiros que se acumulavam diariamente no saguão central, poucos se lembravam de erguer os olhos para a sobreloja executiva, e um número ainda menor percebeu Mel nessa noite, lá em cima, a contemplar o movimento. A maioria das pessoas, quando pensam em aeroporto, o reduzem a termos de linhas aéreas e aviões. É de duvidar que houvesse alguém capaz de se dar conta da existência de escritórios executivos, ou de que um mecanismo administrativo — invisível, mas complexo e utilizando centenas de funcionários — estivesse constantemente em ação, garantindo o seu funcionamento.

Talvez fosse melhor assim, pensou Mel, enquanto descia novamente pelo elevador. Se as pessoas ficassem melhor informadas, não tardariam a perceber as deficiências e perigos, e viajariam com menos segurança do que antes.

No saguão central, encaminhou-se para o lado da Trans-América. Perto do balcão de apresentação de passagens, um inspetor uniformizado aproximou-se.

— Boa-noite, Mr. Bakersfeld. Procura Mrs. Livingston?

Por maior que seja o movimento, pensou Mel, sempre há tempo para mexericos. Gostaria de saber até que ponto o seu nome e o de Tânia eram mencionados juntos.

— Sim — confirmou. — Estou.

O inspetor acenou para uma porta onde estava escrito:

"Exclusivo dos funcionários da companhia".

— O senhor vai encontrá-la ali dentro, Mr. Bakersfeld. Acabamos de enfrentar uma pequena crise. Ela está tentando resolver o caso.

### 3

NUMA SALINHA particular, às vezes destinada a personalidades ilustres, a moça com o uniforme de vendedora de passagens da Trans-América soluçava histericamente.

Tânia Livingston a conduziu a uma poltrona.

— Fique à vontade — disse, prática —, não há pressa. Daqui a pouco isso passa, e quando se sentir melhor conversaremos.

Sentou-se também, alisando a saia justa e elegante do uniforme. Não havia mais ninguém na sala, e o único ruído — além do pranto — era o suave zumbido do ar condicionado.

As duas mulheres teriam uma diferença de cerca de quinze anos. A moça com pouco mais de vinte, Tânia beirando os quarenta. Enquanto a contemplava, pareceu-lhe que essa diferença era ainda mais acentuada do que na realidade. Talvez fosse devido ao fato de ter sido casada, embora por um curto período e há muito tempo. Não encontrou outra explicação.

Ocorreu-lhe então que, pela segunda vez no mesmo dia, mostrava-se sensível à idade. A primeira fora de manhã, ao se pentear: notou uns pequenos fios grisalhos, reveladores, misturados ao cabelo curto, extravagantemente vermelho. Encontrou uma maior quantidade do que da última vez que examinara, há um mês, mais ou menos. Ambas ocasiões serviram para lhe lembrar que o marco dos quarenta anos — quando uma mulher precisa resolver o rumo que pretende dar à sua vida — estava mais próximo do que imaginava. E veio-lhe outra idéia: dentro de quinze anos, no máximo, sua filha estaria com a mesma idade da moça que chorava naquela poltrona.

Chamava-se Patsy Smith. Enxugou os olhos avermelhados com o grande lenço de linho emprestado por Tânia. Falava com

dificuldade, sufocando as lágrimas.

— Não falariam assim com tanta mesquinhez e grosseria... em casa... ou com as mulheres deles.

— Está se referindo aos passageiros?

A moça fez que sim.

— Falariam, sim — afirmou Tânia. — Quando você se casar, Patsy, verá embora eu faça votos para o contrário. Mas se quer dizer que os homens se comportam como adolescentes selvagens perante um contratempo nos seus planos de viagem, nesse caso eu concordo.

— Estava me esforçando ao máximo... Todos nós, alias... O dia inteiro. E ontem... e anteontem... Mas do jeito que eles falam...

— É, até parece que acham que o temporal começou por nossa culpa. De propósito, só para contrariá-los.

— Sim... E aí aquele último homem... Até ele aparecer eu estava bem...

— Mas que aconteceu, exatamente? Quando me chamaram, tudo tinha terminado.

A moça começou a recuperar o controle.

— Olhe... ele tinha uma passagem para o vôo 72, que foi cancelado com o mau tempo. Conseguimos um lugar no 114, mas ele perdeu o avião. Disse que estava no restaurante e não ouviu a chamada.

— Os avisos de vôo não são transmitidos para o restaurante — disse Tânia. — Tem um cartaz enorme dizendo isso, e consta de todos os cardápios.

— Foi o que expliquei, Mrs. Livingston, quando ele voltou do portão de embarque. Ele, porém, continuou antipático. Não parava de falar, como se a culpa de perder o avião fosse minha e não dele. Disse que não passávamos de um bando de palermas ineficientes.

— Você não chamou o inspetor?

— Chamei, mas estava ocupado. Como todos.



— E o que fez, então?

— Consegui um lugar... no vôo extra, 2122.

— E aí?

— Ele quis saber qual era o filme que ia passar a bordo. Eu lhe informei, e o passageiro disse que já tinha visto. Ficou uma fera de novo. O que ele queria assistir estava escalado para o primeiro vôo, que foi cancelado. Perguntou se não podia conseguir um lugar pra ele num outro avião, que exibisse o mesmo filme do primeiro. Enquanto isso, surgiam outras pessoas, comprimindo-se contra o balcão. Algumas comentaram em voz alta que eu era uma lesma. Ora, quando ele saiu com aquela do filme, eu então. — A moça hesitou. — Acho que me deu uma coisa.

— Foi quando você jogou longe o horário? — ajudou Tânia.

Patsy Smith confirmou com um ar infeliz. Estava com jeito de quem ia recomeçar a chorar.

— Foi. Não sei o que me aconteceu, Mrs. Livingston, ... Atirei tudo em cima do balcão. E disse-lhe que tratasse de escolher o próprio vôo.

— Tudo que posso dizer — consolou Tânia — é que espero que tenha acertado a pontaria.

A moça ergueu os olhos. No lugar das lágrimas havia a sombra de um sorriso.

— Oh, sim, acertei. — Refletiu um pouco e depois riu. — Precisava ver a cara que fez. Ficou assombrado. — A expressão voltou a ser séria. — Aí então...

— Sei o que aconteceu. Você rompeu em choro, o que é perfeitamente natural. E mandaram que viesse para cá, para controlar as lágrimas. E agora que tudo passou, vai voltar de táxi para casa.

Parecia confusa.

— Quer dizer... que é só isso?

— Lógico que é. Pensou que ia ser despedida?

— Eu... não tinha certeza.

— Talvez fôssemos forçados — explicou Tânia —, por mais que nos desagradasse, Patsy, se você repetisse a cena.

Mas isso não vai suceder, não? Nunca mais?

A moça sacudiu a cabeça com firmeza.

— Não vai, não. Não sei como explicar, mas uma vez é suficiente.

— Então, fim da história. A não ser que você tenha curiosidade de saber o que aconteceu depois que veio para cá.

— Oh, sim, por favor.

— Um homem se aproximou. Estava também na fila, e disse que havia assistido a tudo. Falou que tinha uma filha da sua idade, e se aquele passageiro a tratasse da maneira que usou com você, não hesitaria em lhe dar um murro na cara. Aí insistiu em deixar o nome e endereço, afirmando que, se o outro resolvesse apresentar queixa, deveríamos chamá-lo, estando pronto a relatar o incidente nos mínimos detalhes. — Tânia sorriu. — Portanto, como vê... também há gente decente...

— Eu sei — disse Patsy. — Não são muitos, mas quando surge um assim, simpático e disposto, dá vontade de abraçá-lo.

— Infelizmente isso não é permitido, do mesmo modo que é proibido atirar os horários nos passageiros. A nossa missão é tratar bem a todos, com cortesia, mesmo quando não merecem.

— Sim, Mrs. Livingston.

Tânia percebeu que Patsy Smith já estava em plena forma. Aparentemente não cogitava de abandonar o emprego, como tantas que sofrem experiências semelhantes. Agora que a emoção passara, mostrava indícios de possuir o tipo de resistência que lhe ia ser útil no futuro.

Só Deus sabe, pensou Tânia, como se precisa ter resistência — e um

pouco de dureza — para lidar com as pessoas que viajam, seja qual for a função que se ocupa.

A seção de reservas, por exemplo.

Sabia perfeitamente que, nessa noite, na agência do centro da cidade as pressões pessoais nesse departamento seriam ainda piores do que no aeroporto. Desde o início da nevasca, os funcionários cumpriam milhares de telefonemas, comunicando atrasos e alterações aos passageiros. Era um serviço que odiavam, porque recebiam as respostas mais mal-humoradas, e, na maioria das vezes, ofensivas. As mudanças pareciam despertar uma selvageria latente nos que sofriam as conseqüências. Os homens proferiam insultos às pobres telefonistas, e até mesmo pessoas que em outras ocasiões se mostravam gentis e discretas transformavam-se em ríspidas e mal-educadas. Os piores vôos eram os que se destinavam a Nova Iorque. Os encarregados de reservas tinham adquirido fama por se recusarem a transmitir notícias de atraso ou cancelamento de um avião lotado de passageiros para Nova Iorque, preferindo o risco de perderem os empregos a enfrentar a torrente de invectivas que os aguardava. Tânia muitas vezes se interrogara sobre o fenômeno: uma cidade que contaminava todos os que se dirigiam para lá com uma espécie de fervor alucinado para chegar sem perda de tempo.

Fossem quais fossem os motivos, sabia que era fatal que se registrassem pedidos de demissão em todos os departamentos — não só nas reservas — quando terminasse o atual estado de emergência. Sempre havia. Podia-se contar, também, com alguns casos de esgotamento nervoso, em geral entre as mais jovens, especialmente sensíveis à grosseria e mau humor dos passageiros. Mostrar-se sempre cortês, mesmo com vasto preparo, representava um esforço que se pagava caro demais.

Ficou contente, entretanto, ao perceber que Patsy Smith não faria parte da lista.

Bateram na porta. Abriu-se e Mel Bakersfeld se encostou no umbral.

— Passava por aqui — disse a Tânia. — Posso voltar depois, se

prefere.

— Fique. — Sorriu, acolhedora. — Estamos praticamente terminando.

Observou-o, enquanto se dirigia a uma poltrona no outro lado da sala. Estava com um aspecto cansado, pensou Tânia.

Desviou a atenção para Patsy, preencheu um vale, e entregou-lhe.

— Entregue isso ao despachante de táxis, Patsy, e ele manda você para casa. Durma bem, e volte amanhã, novinha em folha.

Depois que a moça foi embora, Tânia girou a cadeira para ficar de frente para Mel.

— Ei! — disse alegremente.

Abaixou o jornal que estivera folheando, e sorriu.

— Ôi!

— Recebeu meu recado?

— Vim agradecê-lo. Embora não precisasse de pretexto para vir cá. — Fez um gesto na direção da porta por onde a moça tinha saído. — Que foi que houve? Exaustão no combate?

— É.

Contou o ocorrido. Mel riu.

— Também estou cansado. Que tal acha da idéia de me mandar pra casa de táxi?

Olhou para ele, com curiosidade. Tânia possuía uma qualidade franca nos olhos — de um azul luminoso, límpido. Um corpo esbelto, de uma madureza acentuada pelo elegante uniforme da companhia. Mel sentiu-se sensível, como em outras ocasiões, à sua atração sexual, ao seu jeito cativante.

— Talvez ponha em prática — disse ela. — Com a condição do táxi ir para a minha casa, e você aceitar o convite para jantar. Ovelha à caçarola, digamos.

Hesitou, pesando os prós e os contras, e terminou sacudindo, relutante, a cabeça.

— Bem que eu gostaria. Mas estamos com uma porção de problemas aqui, e terei de ir mais tarde ao centro. — Pôs-se em pé. — Podemos tomar café, entretanto.

— Ótimo.

Mel abriu a porta e dirigiram-se para o alvoroço e alarido do saguão central.

O número de pessoas aglomeradas em torno do balcão da Trans-América tornava-se cada vez maior.

— Não posso demorar — disse Tânia. — Ainda tenho duas horas de serviço.

Enquanto abriam caminho no meio da multidão e das pilhas de bagagem a se multiplicar em quantidade, moderou o passo normalmente rápido para acompanhar o de Mel, mais lento. Notou que ele estava mancando mais do que de costume. Sentiu vontade de tomá-lo pelo braço, mas achou que não devia. Ainda vestia o uniforme da linha aérea. Para espalharem-se rapidamente os mexericos dispensam ajuda. Haviam sido vistos juntos em demasia, ultimamente, e Tânia tinha certeza de que a máquina de boatos do aeroporto — que funcionava como um telégrafo africano, com a velocidade de um computador eletrônico — já registrara o fato. No mínimo imaginavam que os dois costumavam ir juntos para a cama, embora, na realidade, isso ainda não tivesse acontecido.

Dirigiram-se ao café "Piloto das Nuvens".

— A ovelha à caçarola — lembrou Mel. — Não poderia ficar para outra noite? Quem sabe depois de amanhã?

O convite de Tânia o surpreendera. Apesar de já terem combinado antes outros encontros — para bares ou restaurantes — era a primeira vez que o convidava para ir ao apartamento. Está claro que seria só para jantar. No entanto... sempre havia a possibilidade de alguma coisa suplementar.

Durante os últimos tempos, percebera que o prosseguimento dos encontros fora do aeroporto traria, sem dúvida, uma consequência natural, óbvia. Mas continuava agindo com cautela, advertido pelo próprio instinto: uma ligação com Tânia, em vez de simples aventura, resultaria num profundo compromisso sentimental. Também precisava levar em conta os seus problemas com Cindy. Esses iam exigir uma solução demorada — se é que podiam ser resolvidos — e há um limite para o número de complicações com que um homem pode arcar simultaneamente. E concluiu, com estranheza, que é mais fácil manter uma ligação quando um lar é feliz do que quando se encontra abalado. De qualquer maneira, o convite era tentador demais para ser ignorado.

— Depois de amanhã é domingo — lembrou ela. — Mas é meu dia de folga e se pra você fica bem, disponho de mais tempo.

Mel sorriu.

— Com velas e vinho?

Tinha-se esquecido de que seria domingo. Mas sabia que precisava vir ao aeroporto de todo jeito, pois ainda que o temporal terminasse, surgiriam problemas decorrentes. E quanto a Cindy, já acontecera outros domingos em que ela mesma, sem nenhum aviso, jantara fora de casa.

Separaram-se momentaneamente para Tânia desviar-se de um homem apressado, de rosto corado, seguido por um carregador de boné vermelho, com o carrinho cheio de bagagem, repleto de tacos de golfe e raquetes de tênis. Fosse qual fosse o seu destino, pensou Tânia com inveja, só podia ser bem para o sul.

— Combinado — disse, ao ficarem novamente lado a lado. — Com velas e vinho.

Ao entrarem no café, uma funcionária desenvolta reconheceu Mel e o encaminhou, na frente dos outros, para uma mesinha ao fundo, que tinha um sinal "reservada", frequentemente utilizada pelos superiores do aeroporto. Quando ia sentar, tropeçou ligeiramente e apoiou-se ao braço de Tânia. A atenta garçonete registrou o

incidente com um olhar rutilante e um sorriso de malícia. Tânia pensou: máquina de boatos, prepare-se para novo boletim.

— Já viu multidão igual? — comentou em voz alta. — Não me recorde de outros três dias de maior confusão.

Mel relanceou os olhos pelo recinto lotado. O tumulto de vozes era contra pontuado pelo barulho dos pratos. Acenou na direção da porta de entrada, por onde se avistava uma aglomeração de pessoas à espera de lugares vagos.

— Se você acha que hoje a horda está imensa, espere até os Lockheed L-500 entrarem em serviço.

— Eu sei — não se consegue nem dar conta dos 747. Imagine mil passageiros chegando ao mesmo tempo ao balcão de embarque... Vai ser um Deus nos acuda! — Tânia estremeceu. — Já pensou quando reclamarem a bagagem?

Nem é bom pensar.

— Mas era precisamente o que muita gente boa devia estar fazendo a esta hora.

Divertiu-se com a descoberta de que a conversa tinha desviado para assuntos de aviação. Aeroplanos e linhas aéreas exerciam uma fascinação toda especial sobre Tânia. Gostava de falar nisso. Mel também, e constituía uma das razões do prazer que sentia em sua companhia.

— A quem você se refere?

— Aos que ficam em terra, na administração — do aeroporto e do trânsito aéreo. A maioria age como se os jatos atuais fossem insuperáveis. Parecem crer que se todo mundo ficar quieto e calado, os enormes aviões do futuro serão esquecidos, sem aborrecer ninguém. E sem precisar de novas instalações para contê-los.

— Mas há construções em tudo quanto é aeroporto. Por toda a parte, a cada passo, se encontra uma.

Mel ofereceu-lhe um cigarro, mas recusou, sacudindo a cabeça.

Acendeu um antes de responder.

— A maioria das construções são remendos — alterações e anexos a aeroportos edificadas na década de 50 ou no início da de 60. Pouca coisa prevê o futuro. Há exceções — Los Angeles é uma. O de Tampa, na Flórida, é outro, assim como o de Dallas/Fort Worth. Serão os primeiros do mundo aparelhados para os novos jatos e supersônicos descomunais. Os de Kansas City, Houston e Toronto parecem bons. São Francisco tem um projeto, mas é capaz de ir água abaixo por questões políticas. Na América do Norte é praticamente só o que existe.

— E na Europa?

— É a mesma história de sempre — afirmou Mel — com exceção de Paris. O novo aeroporto da parte norte, para substituir Le Bourget, será o melhor de todos. Londres é aquele tipo de confusão que só os ingleses são capazes de imaginar. — Fez uma pausa, refletindo. — Mas não devemos falar mal dos outros países. O que há por aqui já é suficiente em matéria de defeitos. Nova Iorque chega a assustar, mesmo com as modificações introduzidas no Kennedy. Simplesmente não há espaço aéreo que chegue. Acho até que vou passar a viajar de trem para lá, no futuro. Washington, D. C., está entrando pelo cano — o Aeroporto Nacional mais parece o de Calcutá. O de Dulles foi um equívoco fantástico. E Chicago qualquer dia vai despertar para o fato de ter retrocedido vinte anos. — Parou de novo para pensar. — Você se recorda, há poucos anos, quando os jatos começaram a voar, das condições dos aeroportos que tinham sido construídos para os DC-4 e Constellations?

— Recordo, sim — disse Tânia. —• Trabalhei num deles. Nos dias normais era impossível abrir caminho no meio da multidão. Nos de muito movimento, nem se podia respirar. Costumávamos dizer que era o mesmo que realizar as Olimpíadas num terreno baldio.

— E o que nos aguarda na década de 70 — previu Mel — vai ser pior, muito pior. E não me refiro só ao congestionamento de pessoas. Vamos ficar apertados com outras coisas também.



— Por exemplo?

— Rotas aéreas e controle de trânsito, para citar apenas uma. Mas isso já é outra história. O grande problema, menosprezado em quase todos novos projetos de aeroportos, é que se aproxima rapidamente o dia em que o frete aéreo terá um volume maior do que o tráfego de passageiros. Foi o que sucedeu com todas as formas de transporte, a começar com a canoa feita de vidoeiro. No início é sempre assim: primeiro as pessoas são transportadas, com um pouco de carga. Dentro em pouco, a carga é maior do que os passageiros. No comércio aéreo, já estamos mais perto disso do que a maioria supõe. Quando o frete assumir o papel preponderante — como é fatal que aconteça dentro dos próximos dez anos — a maior parte das noções atuais sobre aeroportos ficará arcaica. Quer ver uma prova da rapidez com que isso se está processando? Observe os jovens que se candidatam atualmente à gerência de uma companhia. Não faz muito tempo, quase ninguém procurava colocação nos departamentos de frete. Era considerado trabalho sem futuro. O setor de passageiros concentrava todos os atrativos. Agora mudou! Os mais espertos dedicam-se ao frete. Sabem que é nele que se encontram as grandes possibilidades de promoção. Tânia riu.

— Pois eu sou antiquada, prefiro as pessoas. De uma certa maneira, a carga...

Uma garçonete veio atendê-los.

— O prato do dia acabou, e se chegar mais gente agora de noite, não vai sobrar nada.

Pediram café, torradas com canela para Tânia, e um sanduíche de ovo estrelado para Mel.

Depois que a garçonete se afastou, Mel sorriu.

— Acho que estive fazendo um discurso. Desculpe.

— Quem sabe é bom para praticar. — Olhou para ele com curiosidade. — Faz tempo que você não faz nenhum.

— Não sou mais presidente do Conselho de Administradores de Aeroportos. Não vou mais a Washington, nem a outros lugares.

Mas não era essa a única causa de haver deixado de pronunciar discursos, aparecendo menos em público. Desconfiou que Tânia conhecia o verdadeiro motivo.

Por estranho que pareça, foi um discurso seu que os aproximou pela primeira vez. Durante uma das raras reuniões gerais, de que participavam todas as linhas aéreas, tinha exposto os iminentes progressos da aviação, em relação ao atraso das organizações em terra. Havia aproveitado a ocasião como um exercício para o discurso que pretendia apresentar numa assembléia de caráter nacional dentro de uma semana, mais ou menos. Tânia fazia parte do contingente da Trans-América e no dia seguinte enviou-lhe um dos seus típicos bilhetes em tipo miúdo: mr. b discurso bacana, tds escravos terrestres aplaudimos vc pq admitiu administradores aerpto dormem no pt. alguém tinha d falar, aceita sgstês? nós tds queremos t interesse pelas pessoas — burocracia... passageiro qdo entra na barriga (avião ou baleia, ouviu falar em jonas?) quer ser bem atendido, ã liga pra sistema, aposto orville/wilbur sentiram mesma coisa qdo voaram la. vez. "wright?" tl

O recado, além de engraçado, deixou-o pensativo. Era verdade, concordava — realmente concentrara-se mais nos fatos burocráticos e sistemas em detrimento das pessoas como indivíduos. Revisou as anotações do discurso, deslocando a ênfase, como Tânia sugeria. O resultado constituiu a apresentação mais brilhante de sua vida. Recebeu uma ovação, de grande repercussão internacional. Mais tarde telefonou a Tânia para agradecer. Foi o marco inicial dos encontros.

Ao pensar na primeira mensagem que Tânia lhe enviara, lembrou-se do recado recebido nessa noite.

— Obrigado pelo aviso sobre relatório da comissão de repressão à neve. Só queria saber como conseguiu lê-lo antes de mim.

— Não há mistério. Foi datilografado no escritório da Trans-

América. Desconfiei quando vi o Comandante Demerest rir baixinho enquanto conferia.

— Vernon mostrou-lhe o relatório?

— Não, mas espalhou o papel por toda a parte, e eu tenho prática em ler de cabeça pra baixo. A propósito, você não respondeu minha pergunta: Porque o seu cunhado o detesta?

Mel fez uma careta.

— Acho que ele sabe que não morro de amores por ele.

— Se você quiser — avisou Tânia — pode dizer-lhe pessoalmente. Aí está o grande homem em pessoa.

Indicou o caixa com a cabeça, e Mel virou-se para olhar.

O Comandante Vernon Demerest da Trans-América recebia o troco. Imponente, de ombros largos, destacava-se entre todos os que o rodeavam. Vestido esportivamente, com um paletó de mescla e calças de friso impecável, transmitia uma impressão autoritária — como um general do exército, pensou Mel, provisoriamente à paisana. Os seus traços marcados, aristocráticos, conservavam-se severos enquanto se dirigia a um outro comandante, uniformizado, com quatro divisas, que o acompanhava. Pela aparência, Demerest comunicava instruções, e o colega concordava com a cabeça. Passando os olhos rapidamente em torno, avistou Mel e Tânia, e cumprimentou friamente com um aceno. Em seguida, consultou o relógio e, com uma última palavra ao colega, afastou-se.

— Parece afobado — comentou Tânia. — Mas seja onde for, não poderá demorar muito tempo. O Comandante Demerest parte hoje para Roma no vôo número dois. Mel sorriu.

— O Caravela de Ouro?

— Nada menos. Pelo que vejo, o cavalheiro é leitor dos nossos anúncios de publicidade.

— É difícil deixar de ler.

Mel, como milhões de outras pessoas que admiravam os anúncios a

quatro cores, em página dupla, na *Life*, *Look*, *Post*, e outros semanários nacionais, sabia que o vôo número dois da Trans-América — o *Caravela de Ouro* — gozava do maior prestígio, sendo o favorito da companhia. E também sabia que os comandantes veteranos disputavam o privilégio de pilotá-lo.

— Segundo consta •— disse — Vernon é um dos melhores pilotos em atividade.

— Ah, isso é. Em atividade e arrogância. — Tânia hesitou, depois prosseguiu em voz ligeiramente mais baixa: — Se está com disposição para segredos, fique sabendo que não é o único que antipatiza com o seu cunhado. Ouvi um dos mecânicos comentar, não faz muito, que lastimava terem suprimido os aviões movidos à hélice, porque sempre torceu para que o Comandante Demerest fosse apanhado por uma.

— Que idéia cruel — protestou Mel.

— De pleno acordo. Quanto a mim, prefiro o que Mr. Youngquist, o nosso presidente, disse certa vez. Corre boato que a sua ordem a respeito do Comandante Demerest é: "Não me façam perder tempo com aquele sacana convencido — mas só quero viajar em avião pilotado por ele."

Mel teve de rir. Conhecía ambos, a piada devia ser autêntica. Não estava com vontade de falar mal do cunhado, porém continuava roído por causa do relatório sobre a neve e os efeitos contraproducentes que produziria. Ficou a pensar se o cunhado ia ao encontro de uma de suas inúmeras aventuras amorosas, sobre as quais existia uma série de rumores. Olhando na direção do saguão central, viu que o Comandante Demerest já havia se misturado à multidão.

Do outro lado da mesa, Tânia alisou a saia com um gesto rápido e feminino que lhe era familiar e simpático. Servia para lembrar como poucas mulheres ficam bem de uniforme. Em geral, torna-as assexuadas. Com Tânia sucedia justamente o contrário.

Mel sabia que determinadas companhias permitiam trajés civis aos

funcionários mais antigos. A Trans-América, porém, achava que o seu garboso uniforme azul e dourado impunha maior autoridade. Duas listras em ouro, debruadas de branco, nos punhos do casaco de Tânia, proclamavam a função e a superioridade hierárquica.

Como se lesse o que estava pensando, disse espontaneamente:

— Dentro em breve ficarei dispensada desse uniforme. — Porquê?

— O nosso Administrador de Transportes do Setor será transferido para Nova Iorque. O assistente assumirá o seu cargo, e me candidatei ao posto dele.

Considerou-a com um misto de admiração e curiosidade.

— E creio que irá obtê-lo. Não por muito tempo, evidentemente.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Acha que posso tornar-me vice-presidente?

— Creio que sim. Isto é, se estiver interessada. Pode transformar-se em membro da diretoria e tudo mais.

— Não tenho certeza — disse baixinho — se é o tipo de coisa que me interessaria ou não.

A garçonete voltou com o pedido. Quando voltaram a ficar sós, Tânia prosseguiu.

— Às vezes uma mulher que trabalha não dispõe de muitas alternativas. Quando não está contente — e muitas não estão mesmo — com o cargo que se ocupa, para contar tempo de serviço, a única saída é subir.

— Você se esquece do casamento.

Ela escolheu uma fatia de torrada com canela.

— Não esqueço, não. Mas não deu certo pra mim uma vez, e pode acontecer o mesmo de novo. Aliás, o mercado — dos bons partidos — anda escasso para noivas com filhos.

— Talvez encontre uma exceção.

— Mais fácil encontrar agulha em palheiro. Está falando a voz da experiência, meu caro. Eu lhe afirmo que os homens preferem as mulheres livres de encargos. Pergunte ao meu ex-marido. Isto é, se conseguir achá-lo — eu nunca consegui.

— Largou você depois que a criança nasceu?

— Pensa que foi bobo? Se o tivesse feito, Roy pegava uma responsabilidade de seis meses. Acho que foi uma quinta-feira que revelei a gravidez. Não podia esconder o fato por mais tempo. No dia seguinte, quando voltei do trabalho, as suas roupas haviam desaparecido. Roy era assim.

— E nunca mais o viu?

Sacudiu a cabeça.

— Afinal de contas, simplificou a ação de divórcio — abandono de domicílio. Nada de complicações com outra mulher. Mas devo ser justa. Ele não era de todo mau. Não sacou o saldo da nossa conta-conjunta, e podia ter feito. Confesso que às vezes fico em dúvida se foi camaradagem ou mero esquecimento. De qualquer forma fiquei com os oitenta dólares só pra mim.

— Você nunca mencionou isso antes — disse Mel.

— Porquê? Devia?

— Talvez, por amizade.

Balançou a cabeça.

— Se você me conhecesse bem, saberia que o motivo de lhe ter contado hoje é porque não gosto que sintam pena de mim. Tudo terminou da melhor maneira possível. — Sorriu. — Talvez chegue até a me tornar vice-presidente de uma companhia de aviação. Você mesmo disse.

Numa mesa vizinha, uma mulher exclamou assombrada: — Nossa! Olhe que horas são!

Instintivamente, Mel olhou. Faziam quarenta e cinco minutos que abandonara Danny Farrow no controle de repressão à neve.

Erguendo-se da mesa, disse para Tânia:

— Espere aqui. Tenho de dar um telefonema.

Encontrou um aparelho no balcão do caixa e discou um dos números do controle que não constava da lista.

— Não desligue — atendeu a voz de Danny Farrow, voltando à linha poucos segundos após.

— Já ia chamá-lo — disse Danny. — Acabo de receber notícias do 707 atolado da Aéreo-Mexicana.

— Então diga.

— Sabia que a companhia pediu socorro à TWA?

— Sim.

— Pois bem, estão com caminhões, guindastes, sabe Deus mais o quê, lá no local. Obstruíram por completo, tanto a pista como a via de acesso, e ainda não conseguiram mover o danado do avião. A última novidade é que a TWA mandou chamar Joe Patroni.

— Fizeram bem, só que deviam ter lembrado antes.

Patroni era o chefe de manutenção da TWA no aeroporto, e um gênio para resolver situações desesperadas. Personalidade franca e dinâmica, era amigo íntimo de Mel.

— Parece que tentaram chamá-lo logo — disse Danny. — Mas estava em casa e o pessoal encontrou dificuldades para avisá-lo. Há uma porção de linhas interrompidas por causa do temporal.

— Porém agora ele sabe — tem certeza disso?

— A TWA garantiu. Dizem que está a caminho.

Mel calculou. Sabia que Joe Patroni morava em Glen Ellyn, a quarenta quilômetros do aeroporto, e mesmo em condições ideais o trajeto demorava quarenta minutos. Nessa noite, com as estradas cobertas de neve e o trânsito se arrastando, o chefe de manutenção da companhia poderia se considerar feliz se levasse apenas o dobro de tempo.

— Se existe alguém capaz de remover aquele avião ainda hoje — reconheceu Mel — é ele. Mas enquanto isso não quero ver ninguém de braços cruzados à espera de sua chegada. Deixe claro a todo mundo que precisamos da pista trinta com urgência.

Além das necessidades operacionais, lembrou-se com um aperto que os aviões continuavam a sobrevoar Meadowood.

Ficou imaginando se a reunião da comunidade, a que se referira o chefe da torre, ainda estaria em assembléia.

— Já disse isso a todos — confirmou Danny. — Vou repetir a dose. Ah, uma notícia boa — encontramos o caminhão de víveres da United.

— Como vai o motorista?

— Perdeu os sentidos debaixo da neve. O motor continuou funcionando, e espalhou monóxido de carbônio, tal como supúnhamos. Mas estão lhe aplicando oxigênio. Já está melhor.

— Ótimo! Vou agora até o campo para uma inspeção. Ligo de lá pra você.

— Agasalhe-se bem — recomendou Danny. — Dizem que está fazendo um tempo medonho.

Tânia ainda continuava na mesa quando Mel voltou, mas preparando-se para ir embora.

— Espere um pouco — disse ele. — Também vou.

Ela indicou o sanduíche que Mel nem tocara.

— E o seu jantar? Se é que se pode chamar isso de jantar.

— Por enquanto é suficiente. — Abocanhou um naco misturando apressadamente com um gole de café, e apanhou o sobretudo. — De qualquer jeito vou jantar na cidade.

Enquanto pagava a conta, entraram dois vendedores de passagens da Trans-América. Um era o inspetor com quem Mel tinha falado pouco antes. Ao enxergar Tânia, aproximou-se.



— Com licença, Mr. Bakersfeld... Mrs. Livingston, o ATS anda à sua procura. Surgiu outro problema.

Mel embolsou o troco do caixa.

— Deixe ver se adivinho. Outro horário jogado em cima de um passageiro.

— Não senhor. — O inspetor sorriu. — Se surgir outro caso parecido ainda hoje, quem vai jogar sou eu. Trata-se de um clandestino — no vôo 80 de Los Angeles.

— Só isso?

Tânia parecia surpreendida. Clandestinos aéreos — embora freqüentes em todas as companhias — raramente causavam graves problemas.

— Pelo que soube — disse o inspetor — trata-se de uma *avis-rara*. Recebemos uma mensagem do comandante pelo rádio, e uma guarda de segurança foi ao portão para aguardar a chegada. De qualquer modo, Mrs. Livingston, estão lhe chamando.

Com um aceno cordial, foi juntar-se ao companheiro.

Mel saiu com Tânia. Passaram pelo saguão e se detiveram em frente ao elevador que o levaria à garagem do porão, onde o seu carro estava estacionado.

— Dirija com cuidado — recomendou ela. — Não vá passar diante de algum avião.

— Se passar, tenho certeza de que ficará sabendo. — Ajeitou os ombros no sobretudo grosso. — O seu clandestino parece interessante. Farei empenho em passar por lá antes de ir embora, para saber dos detalhes. — Hesitou, e depois acrescentou: — Será uma desculpa para rever você.

Estavam muito próximos. Estenderam as mãos, ao mesmo tempo.

— E você precisa de desculpas? — perguntou Tânia baixinho.

A cálida maciez da carne e o som de sua voz acompanharam-no

durante a descida do elevador.

**JOE PATRONI** — conforme Mel Bakersfeld previa — encontrava-se a caminho do aeroporto, procedente de sua residência em Glen Ellyn. Insolente e atarracado, filho de emigrantes italianos, atual chefe de manutenção da TWA no aeroporto, saíra de automóvel há cerca de vinte minutos do seu bangalô nos subúrbios, uma casa em estilo de rancho. O trajeto, como era de esperar, transcorria com lentidão exasperante.

Nesse instante, o seu carro, um Buick Wildcat, estava detido por um engarrafamento. Até onde conseguia enxergar, tanto na parte da frente como na de trás, enfileirava-se uma série de veículos, todos parados. Enquanto esperava, cada gesto seu iluminado pelas luzes traseiras do carro que o antecedia, acendeu um cigarro.

Havia-se convertido num personagem lendário, em parte por motivos profissionais, um pouco pela vida que levava.

Começara a trabalhar como mecânico coberto de graxa, numa garagem. Não tardou muito tornou-se o proprietário, ganhando o estabelecimento numa partida de dados com o patrão: no final do jogo inverteram-se os papéis. Como conseqüência, o jovem Joe herdou uma quantidade enorme de dívidas para cobrar, inclusive uma que o transformou em dono de um bimotor Waco antigo, quase em frangalhos. Com uma combinação de desenvoltura e pura habilidade mecânica, consertou o avião, e depois pilotou-o com êxito — sem jamais tomar aulas de vôo, coisa que não podia pagar.

O aparelho e o seu mecanismo absorveram-no totalmente — de tal maneira que persuadiu o ex-patrão a jogar nova partida de dados e a ficar outra vez com a garagem. Feito o quê, abandonou o serviço e empregou-se como mecânico de aviação comercial. Frequentou um curso noturno, converteu-se em chefe de oficina e mais tarde em chefe de turma, com a reputação de possuir uma capacidade

excepcional para resolver qualquer impasse. A sua equipe era capaz de trocar um motor com mais rapidez do que a própria fábrica construtora — e com absoluta segurança. Depois de certo tempo, sempre que surgia uma emergência, ou um conserto problemático, a ordem era: *chamem Joe Patroni*.

Outro motivo para o seu sucesso constituía o fato de nunca perder tempo com rodeios. Em vez disso, ia direto à questão, tanto em matéria de pessoas como de aviões. Nutria profundo desprezo pela hierarquia, recusando-se a usar de tato até com os diretores mais antigos da companhia.

Numa ocasião, sempre lembrada pelos funcionários da organização, largou o emprego e, sem dizer nada a ninguém, nem consultar fosse quem fosse, pilotou sozinho um avião para Nova Iorque. Junto levava um pacote. Ao chegar, tomou o ônibus e o metrô até à sede Olímpica da empresa, situada em plena Manhattan. Sem se fazer anunciar e dispensando maiores preâmbulos invadiu o gabinete do presidente. Abrindo o pacote, depositou um carburador coberto de óleo, todo desmontado, em cima da escrivania imaculada.

O presidente, que jamais tinha ouvido falar em Joe Patroni e não recebia pessoa alguma sem marcar entrevista, ficou apoplético. Então Joe explicou: "Se o senhor não se importa de perder aviões em pleno vôo, ponha-me pra fora daqui. Do contrário, sente-se e ouça."

Enquanto Joe Patroni acendia um charuto — o presidente sentou e ouviu. Mais tarde, chamou o vice-presidente, que era engenheiro, o qual, posteriormente, ordenou que se procedesse uma modificação mecânica relacionada com o congelamento de carburador durante o vôo, coisa que vinha insistindo, sem o mínimo êxito, nos escalões inferiores, para que fosse feita há vários meses.

Como resultado, recebeu o encômio oficial, e o incidente passou a enriquecer o patrimônio cada vez maior de histórias a seu respeito. Pouco tempo depois, via-se promovido a inspetor-chefe, e alguns anos após foi nomeado para o importante cargo de chefe da

manutenção no Aeroporto Internacional Lincoln.

No tocante à sua vida íntima, corriam boatos de que fazia amor com a esposa, Marie, quase todas as noites, com a mesma naturalidade com que outros homens não dispensam um drinque antes do jantar. E era verdade. De fato, estava entregue a essa atividade quando recebeu o telefonema do aeroporto a respeito do jato atolado da Aéreo-Mexicana, que a TWA ajudava a desembarçar.

Mas o boato não terminava aí: Patroni se dedicava ao amor como a qualquer outra ocupação — com um enorme charuto preso insolentemente a um canto da boca. Mas exageravam, pelo menos ultimamente. Marie, depois de forçada a extinguir vários incêndios provocados por travesseiros em chamas durante os primeiros anos de casados — recorrendo aos ensinamentos ministrados no seu curso de comissária de bordo da TWA — proibiu terminantemente que fumasse charutos na cama. Joe só obedeceu ao ultimato porque gostava muito da esposa. E havia motivos para isso. Na época do casamento, Marie era provavelmente a aeromoça mais popular e bonita de todas as companhias, e mesmo após doze anos e três filhos podia ainda disputar o título com as sucessoras. Havia quem se perguntasse — e não de forma discreta — porque razão havia escolhido Joe Patroni, quando tinha ao alcance os mais apaixonados comandantes e pilotos. Joe, porém, apesar de ocupar o simples cargo de chefe de turma na manutenção quando se conheceram, possuía um charme todo especial. E soube conservá-la satisfeita — sob todos os pontos de vista — desde o primeiro dia.

Outra coisa a seu favor: nunca entrava em pânico face a uma emergência. Em vez disso, avaliava rapidamente a situação, decidindo o aspecto que reclamava primazia, para depois resolver se convinha completar o que estava fazendo antes de se dedicar ao novo problema. No caso do 707 atolado, o instinto lhe prevenia que se tratava de uma crise de proporções moderadas, com tendência a piorar — o que implicava em duas alternativas: ou terminava o que começara ou então ia jantar. Uma coisa ou outra. Resolveu então desistir da fome. Quando terminaram o amor, Marie, ainda de

roupão, correu à cozinha para preparar sanduíches para o trajeto de quarenta quilômetros ao aeroporto. Naquele instante, Joe mordia um.

Chamaram-no de volta após uma dia inteiro de trabalho não constituía novidade. Nessa noite, porém, não se recordava de jamais haver deparado com semelhante mau tempo. Os efeitos acumulados por três dias de tempestades podiam ser vistos em toda a parte, tornando o simples fato de dirigir o carro numa atividade penosa e arriscada. Imensos montes de neve atulhavam as ruas e agora, com a escuridão da noite, a nevasca recrudescia. Tanto nas auto-estradas como nas vias marginais, o trânsito avançava palmo a palmo, quando não parava indefinidamente. Mesmo os automóveis equipados com pneus adequados à lama, como era o caso do Buick Wildcat de Patroni, a locomoção tornava-se difícil. Os limpadores de para-brisa e os degeladores não conseguiam dar conta das rajadas que assolavam os vidros, além do vapor formado no interior. E os faróis iluminavam apenas distâncias muito pequenas. Veículos enguiçados, alguns abandonados pelos motoristas, convertiam o trajeto numa pista de obstáculos. Era óbvio que só um motivo imperioso faria alguém sair numa noite dessas.

Patroni olhou a hora. O seu carro e o que seguia à frente, encontravam-se paralisados há vários minutos. Pouco mais adiante, enxergava outros nas mesmas condições. À direita havia outra estrada interrompida. Além disso, fazia algum tempo que não surgia nenhum veículo da direção oposta. Portanto, era evidente que alguma coisa devia ter ocorrido para engarrafar todas as quatro faixas. Se a situação não se modificasse nos próximos cinco minutos, sairia do carro para investigar. Mas, ao observar o lodo, o vento, e a neve que continuava a cair, torceu para que não fosse necessário. Havia tempo de sobra para sentir frio e desespero — inevitável antes do fim da noite — quando chegasse ao aeroporto. Nesse meio tempo, levantou o volume do rádio, sintonizado numa estação que só transmitia *rock-and-roll*, e deu uma pitada no seu charuto.

Os cinco minutos passaram. Viu pessoas que saíam dos carros e avançavam pela estrada, e preparou-se para seguir o exemplo. Trouxera um capote forrado de lã e o enfiou, cobrindo a cabeça com o capuz. Apanhou uma lanterna possante que sempre tinha consigo. Ao abrir a porta do carro, entrou uma lufada de vento e neve. Caiu fora, fechando-a rapidamente.

Caminhou com dificuldade, enquanto ouvia outras portas que se fechavam com força, e vozes que perguntavam: "Que foi que houve?" Alguém respondeu ao longe: — "É um acidente. Está uma confusão." À medida que Joe avançava, ficavam visíveis as luzes das lanternas e as sombras que se moviam e separavam, formando um aglomerado de gente. Outra voz dizia: — "Estou te dizendo que não vão limpar o caminho tão cedo. Vamos ficar presos durante horas." Começou a vislumbrar uma sombra enorme, mais escura, iluminada em parte pela crepitação dos faróis vermelhos. Era uma pesada unidade, composta de trator e reboque, emborcada de lado. O veículo, um trambolho de dezesseis rodas, atravessado na estrada, impedia completamente o trânsito. Uma parte da carga — aparentemente caixas de víveres enlatados — tinha-se espalhado pelo chão, e um bando de oportunistas enfrentava a neve para recolher algumas, fugindo logo para os automóveis.

Dois carros da radiopatrulha estadual se encontravam no local. Os policiais interrogavam o motorista do caminhão, que, pelo visto, não sofrera nenhum ferimento.

— Não fiz mais do que tocar na droga do freio — protestou o sujeito, em voz bem alta. — Aí então essa porcaria deu um salto e começou a rolar como uma gata no cio.

Um dos polícias anotava num caderninho. Uma mulher cochichou para o homem que estava a seu lado:

— Você acha que ele copiou o que foi dito por último? Outra berrava:

— Vai adiantar mesmo grande coisa! — A voz soava estridente contra o vento. — Por que é que esses tiras não afastam esse troço

do caminho?

Um patrulheiro encaminhou-se na direção da mulher. Tinha o casacão do uniforme coberto de neve.

— Com o maior prazer, se a senhora quiser nos dar uma mãozinha.

Algumas pessoas riram. A mulher resmungou: — Seus burros metidos ã besta.

Um caminhão de socorro, com o farol pisca-pisca amarelo a girar em cima da cabine do volante, aproximou-se, lentamente, proveniente do lado oposto da obstrução. O motorista utilizava as pistas, de contra-mão, agora livres. O caminhão parou e ele desceu, sacudindo a cabeça com pessimismo ao constatar o tamanho e a posição do trator com reboque.

Joe Patroni abriu caminho aos empurrões. Deu uma pitada no charuto, cuja ponta vermelha brilhava ao vento, e cutucou o ombro do patrulheiro com força.

— Olhe aqui, meu filho, vocês nunca hão de conseguir remover esse monstro só com um socorro. É mais fácil levantar um tijolo com alfinete.

O polícia se virou para ele.

— Fácil por fácil, meu chapa, tem gasolina espalhada por toda a parte. É melhor apagar esse charuto.

Patroni ignorou a ordem, como costumava fazer com quase todos os avisos de proibição de fumar. Acenou com o charuto na direção do trator virado.

— E tem mais, velhã. Todo mundo vai perder tempo, inclusive eu e vocês, lutando para botar em pé ainda hoje aquele lixo ali. É preciso arrastá-lo para longe senão o trânsito continuará interditado, e pra isso um socorro só não chega. Têm de usar três — um deste lado pra empurrar, e dois do outro pra puxar.

Começou a caminhar de um lado para outro, usando a lanterna para inspecionar o imenso veículo dos ângulos mais diversos. Como



sempre acontecia quando estudava um problema, estava totalmente absorto. Acenou outra vez com o charuto.

— Os dois socorros juntos devem engatar em três pontos. Primeiro vão puxar a cabine, com força. Isso resolve a capotagem. O outro...

— Espere aí — pediu o patrulheiro. Chamou um dos seus colegas. — Hank, tem um camarada aqui que parece entender do assunto.

Dez minutos mais tarde, confabulando com os guardas, assumiu praticamente o comando. Os dois socorros extras, de acordo com a sugestão, foram pedidos pelo rádio. Enquanto não vinham, o motorista do que tinha chegado primeiro começou, sob as instruções de Patroni, a amarrar as correntes aos eixos da carroçaria capotada. A situação já adquiria um aspecto proficiente, dinâmica — marca registrada de qualquer método de trabalho em que se envolvesse o ativo chefe de manutenção da TWA.

O próprio Patroni lembrava-se, preocupado, a cada instante, do motivo que o fizera sair naquela noite, além do fato de estar incrivelmente atrasado para chegar ao aeroporto. Calculou, porém, que a maneira mais rápida de encurtar a demora seria ajudando a desimpedir a estrada bloqueada. Evidentemente, nenhum carro poderia avançar antes de arrastarem o trator-reboque emborcado do meio do caminho. Recuar, em busca de uma via paralela era igualmente impossível, pois o tráfego na retaguarda encontrava-se imobilizado, com filas intermináveis de veículos se estendendo — conforme assegurou a polícia — por quilômetros afora.

Foi até o carro para usar o telefone-rádio, instalado por sugestão da firma, que pagava a conta mensal. Chamou o departamento de manutenção da TWA no aeroporto e comunicou que ia chegar atrasado. Informaram-lhe, em troca, sobre pedido urgente de Mel Bakersfeld para tornar a pista número trinta desimpedida e utilizável.

Patroni transmitiu algumas instruções pelo telefone, certo, porém, de que o importante era chegar ao aeroporto o mais depressa possível.

Ao sair do Buick pela segunda vez, a neve ainda caía forte. Esquivando-se da corrente de ventania formada pelas filas de carros parados, voltou calmamente ao lugar do desastre, verificando, com alívio, que o primeiro dos dois socorros extras solicitados, já se encontrava no local.

O ELEVADOR TOMADO por Mel Bakersfeld ao separar-se de Tânia deixou-o no porão do edifício. O carro oficial — amarelo-mostarda, com equipamento para transmissões de rádio — estava num lugar de estacionamento privilegiado, a poucos passos de distância.

Saiu no volante, enfrentando o temporal na junção do portão de acesso com uma rampa destinada às aeronaves no lado de fora. No momento em que abandonou o abrigo do prédio, um turbilhão de vento e neve chicoteou brutalmente o para-brisa do carro. As pás do limpador batiam rápidas em ambas as direções, embora pouco ajudassem a manter um espaço livre suficiente para a visão. Uma rajada gélida penetrou por uma fresta da janela. Apressou-se em fechá-la por completo. A passagem do aconchego interno do edifício para a aspereza da noite ali fora não podia ser mais chocante.

Encontrou logo vários aviões estacionados, ocupando posições de partida à saída da rampa. Por entre a neve, à medida que o vento vergastava e redemoinhava em torno dos prédios convergentes, vislumbrou os interiores iluminados de algumas aeronaves, com os passageiros em seus lugares. Evidentemente inúmeros vôos estavam prontos para decolar. Aguardavam ordem da torre para ligar os motores e o atraso ininterrupto provinha da interdição da pista número trinta. Adiantando-se mais pelo meio do campo e das pistas, divisou sombras confusas e luzes de navegação de outros jatos recém-chegados com os motores ainda funcionando. Estavam instalados em lugares de espera, denominados "buraco de penitência" pelos pilotos, e passariam à frente assim que as posições de partida ficassem desocupadas. Sem dúvida nenhuma ocorria o mesmo nas outras sete vias de acesso convergentes, agrupadas em torno do edifício principal.

O transmissor do carro de Mel, sintonizado na frequência de

controle de terra, acendeu-se.

— Torre chamando vô dezessete da Eastern — disse o operador. — Pode avançar sobre a pista vinte e cinco. Mude de frequência para receber o sinal de desinterdição.

Ouviu-se uma descarga.

— Dezessete da Eastern. Recebido.

Uma voz mais grossa falou irritada:

— Controle de terra Pan-Am, aqui é vô cinqüenta e quatro, dirigindo-se para a vinte e cinco. Há um Cessna particular na nossa frente — uma tartaruga bimotor. Estou freando ao máximo para não bater.

— Pan-Am, cinqüenta e quatro, um momento. — A pausa foi mínima, e em seguida tornou-se a ouvir o controle: — Cessna sete três, responda ao controle de terra. Entre no próximo cruzamento à direita, e espere a passagem do vô da Pan-Am.

Inesperadamente, uma agradável voz feminina respondeu:

— Controle de terra, aqui Cessna sete três. Estou entrando agora. Pode passar, Pan-Am, seu bicho-papão.

O piloto riu e depois disse:

— Obrigado, boneca. Aproveite a pausa pra retocar o batom.

A voz do controle revidou:

— Torre a todos os aviões. Limitem as mensagens a assuntos oficiais.

Mel notou que o operador estava nervoso, apesar de manter uma calma de rotina, dissimulada. Mas numa noite dessas, do jeito que andavam as condições de vô, quem não ficaria? E outra vez lembrou-se, inquieto, do irmão, Keith, ocupado com a pressão inexorável do controle dos aviões procedentes do oeste.

O diálogo entre a torre e as aeronaves prosseguiu contínuo, sem intervalos entre as transmissões. Mel aproveitou um breve lapso

para apertar o botão do microfone.

— Controle de terra, aqui carro um. Estou no ponto de partida sessenta e cinco, rumo à pista trinta, local do 707 atolado.

Esperou enquanto o operador distribuía instruções de estacionamento para dois outros vôos que acabavam de pousar.

— Torre para carro um, recebido. Siga o DC-9 da Air Canadá, que acaba de se mover à sua frente. Mantenha-se afastado da pista vinte e um.

Mel acusou o recebimento. Podia ver o avião da Air Canadá afastando-se nesse momento de um ponto de partida com a cauda alta e elegante em silhueta angulosa.

Enquanto permaneceu na área da rampa, rumou com o máximo cuidado para o campo, cuidando para não esbarrar nos "piolhos" — apelido que os funcionários aplicavam à proliferação de veículos que cercavam os aeroplanos em terra. Além dos habituais, nessa noite circulavam inúmeros "comedores de cereja" — caminhões aparelhados com altas plataformas móveis nas extremidades de braços de aço articulados. Sobre essas plataformas, grupos de trabalhadores se esforçavam para limpar a neve das asas dos aviões, espalhando glicol para retardar a formação de gelo. Todos estavam também cobertos de neve por causa da posição exposta.

Mel freou repentinamente, evitando um veloz "vagão de mel", que vinha da área da rampa, transportando quase dois mil quilos de conteúdo fétido retirado das toaletes de bordo. A carga seria deposta na máquina retalhadora de um prédio especial, evitado pelos demais empregados do aeroporto, e depois lançada aos esgotos da cidade. O método geralmente transcorria sem maiores incidentes, exceto quando os passageiros comunicavam a perda de objetos pessoais — dentaduras, bolsas, carteiras, até sapatos — caídos por acidente nos vasos sanitários. Acontecia uma ou duas vezes por dia. Então a carga tinha de ser peneirada, enquanto todos torciam para que o artigo perdido fosse localizado rapidamente.

Mesmo que não sucedesse um caso desse tipo, seria uma noite

penosa para as equipes sanitárias. As administrações sabem, por experiência, que o movimento de toaletes, tanto em terra como no ar, aumenta à proporção que o tempo piora. Mel ficou imaginando quantas pessoas estariam cientes de que os inspetores sanitários do aeroporto recebem boletins meteorológicos de hora em hora, e depois organizam os seus horários de limpeza extra e aumento de suprimento de material de acordo.

O jato da Air-Canadá cujo rastro devia seguir já tomara uma via de acesso e ganhava velocidade. Mel acelerou para manter a mesma distância. Era reconfortante — uma vez que os limpadores do parabrisa revelavam-se insuficientes para combater a neve — ter a cauda iluminada do DC-9 como ponto de referência à sua frente. Pelo espelho da direção podia vislumbrar o contorno de outro jato, ainda maior, vindo na retaguarda. Através do transmissor, o controle preveniu:

— Air-France quatro-zero-quatro, há um carro do aeroporto entre vocês e a Air-Canadá.

Levou um quarto de hora para chegar ao cruzamento onde a pista número trinta encontrava-se bloqueada pelo 707 da Aéreo-Mexicana. A essa altura Mel tinha-se separado do fluxo de aeronaves que prosseguiam para a decolagem nas outras duas pistas em funcionamento.

Parou o carro e saiu. Naquele ermo escuro, o temporal parecia ainda mais gélido e violento do que perto do edifício principal. O vento uivava, varrendo a pista abandonada. Se surgisse uma malta de lobos à sua frente, Mel não se surpreenderia.

Uma silhueta o saudou. — É Mr. Patroni?

— Não é, não. — Mel percebeu que também precisava gritar para se fazer ouvir por cima do vento. — Joe Patroni vem daqui a pouco.

O outro homem se aproximou. Estava encolhido no capote, com o rosto roxo de frio.

— Quando ele chegar, vai haver alegria por aqui. Mas quero ser mico

se conseguir quebrar o galho. Já experimentamos tudo para remover esse filho da puta. — Gesticulou na direção do jato, um vulto imenso às suas costas. — Atolou pra valer.

Mel identificou-se e perguntou:

— Quem é você?

— Ingram, chefe. Sou chefe de turma da manutenção da Aéreo-Mexicana. Mas neste instante eu preferia ter outro cargo.

Enquanto conversavam, aproximaram-se do Boeing 707 atolado, buscando instintivamente abrigo sob as altas asas e a fuselagem. Debaixo do bojo do enorme jato, uma luz vermelha indicando perigo piscava ritmadamente. O seu reflexo permitia ver por baixo da neve a lama onde as rodas do avião estavam atoladas até o fundo. Tanto na pista como na via que lhe servia de acesso, aglomerados como parentes inquietos, havia uma profusão de caminhões e veículos de serviço, inclusive um fornecedor de combustível, carrinhos de bagagem, uma camioneta de correio, dois ônibus de serviço, e um ruidoso carro-bateria.

Mel apertou a lapela do sobretudo contra o pescoço.

— Precisamos desta pista com urgência — esta noite ainda. O que foi que fizeram até agora?

Ingram relatou que, durante as duas últimas horas, escadas de madeira obsoletas tinham sido trazidas do edifício principal e encostadas à aeronave, para ajudarem os passageiros a descer de bordo. O trabalho fora demorado e difícil, pois os degraus ficavam congelados no mesmo instante em que eram limpos. Uma senhora idosa teve de ser descida com o auxílio de dois mecânicos. As crianças de colo passavam de mão em mão, enroladas em cobertores. Agora todos já tinham ido embora — em ônibus, na companhia das aeromoças e do copiloto. O comandante e o piloto oficial permaneciam no avião.

— Depois que os passageiros saíram — vocês tentaram pôr o jato em movimento?

O chefe de turma acenou afirmativamente.

— Ligaram os motores duas vezes. O comandante colocou o máximo de força que se atreveu. Mas não houve jeito. Parece até que ficava cada vez mais atolado.

— E agora?

— Estamos retirando mais carga, na esperança que ajude.

A maior parte do combustível, acrescentou Ingram, tinha sido bombeada pelos carros-tanques — o que representava um peso enorme, pois os reservatórios estavam cheios para a decolagem. Os compartimentos de bagagem e frete no bojo haviam sido esvaziados. A camioneta do correio apanhava os sacos de correspondência.

Mel concordou com a cabeça. Sabia que por esse lado não precisava se preocupar. O correio do aeroporto mantinha uma vigilância cronométrica dos horários das linhas aéreas. Conhecia com exatidão a localização de cada saco e, quando ocorriam atrasos, os funcionários postais trocavam rapidamente de uma para outra empresa. Na realidade, a correspondência do jato encalhado teria melhor sorte que os passageiros. Dentro de meia hora no máximo já estaria noutro vôo e, se fosse necessário, seguindo por outra rota.

— Receberam todo o socorro de que precisam? — perguntou Mel.

— Sim, senhor — temos tudo de que precisamos no momento. A maioria da nossa equipe da Aéreo-Mexicana está aqui — uma dúzia de homens. A metade está se esquentando num daqueles ônibus. Talvez Patroni queira mais gente, depende das idéias que tiver. — Ingram virou-se, contemplando o avião silencioso com pessimismo. — Mas na minha opinião o trabalho será demorado. Vamos precisar de guindastes pesados, macacos, e sacos de ar comprimido para levantar as asas. Quase tudo só pode chegar aqui com o raiar do dia. O negócio é capaz de levar outro dia inteiro.

— Não pode levar, nem mesmo a noite inteira — retrucou Mel, asperamente. — Esta pista tem de ficar desimpedida...

Parou de repente, sentindo um calafrio imprevisto que o deixou



assustado. A intensidade fora inesperada, quase sobrenatural.

Estremeceu novamente. Que vinha a ser isso? Tranquilizou-se: era o tempo — a fúria inclemente do vento espalhando um turbilhão de neve pelo aeroporto. Contudo estranhou, pois desde a saída do carro até aquele momento o corpo resistira bem ao frio.

Do lado oposto do campo, por cima do vendaval, podia ouvir o trovão dos motores a jato. Aumentavam num crescendo para diminuir quando o avião levantava vôo. Seguiu-se outro e mais outro. Naquela parte tudo transcorria em perfeita ordem.

E ali?

Era verdade, não? — sentira uma premonição como um relâmpago. Apenas uma alusão. Uma intuição: o aroma fermentado de problemas piores. Devia ignorá-la, lógico. Impulso, premonições, não podiam encontrar guarida numa administração pragmática. Acontece, porém, que uma vez, há muito tempo, tivera um pressentimento idêntico — uma convicção provocada por um acúmulo de incidentes, encaminhando-se para um desfecho desastroso, imprevisível. Mel recordava-se desse desfecho, que não pudera impedir... completamente.

Olhou de novo para o 707. Agora coberto de neve, não se distinguiam mais os contornos. O bom senso lhe segredou: com exceção da pista interdita e a inconveniência das decolagens que sobrevoavam Meadowood, a situação não era grave. Tinham sofrido apenas um azar, ninguém estava ferido, não havia prejuízos visíveis. Apenas.

— Vamos ao meu carro — convidou. — Liga-se o rádio e descobre-se o que está acontecendo.

Durante o percurso lembrou-se de que em breve Cindy estaria impaciente à sua espera no centro da cidade.

Deixara o aquecedor ligado, e o interior do automóvel estava agradavelmente quente. Ingram soltou um suspiro de satisfação. Afrouxou o capote e curvou-se para a frente, estendendo as mãos

para a corrente de ar morno.

Mel ligou o transmissor na frequência da manutenção do aeroporto.

— Carro um para Controle de Repressão. Danny, estou no cruzamento interditado da pista trinta. Chame a manutenção da TWA e pergunte por Joe Patroni. Quero saber onde está e quando chega.

A voz de Danny Farrow pipocou de novo no alto-falante do painel.

— Controle para carro um. Vou ver. Mel, sua esposa telefonou.

Apertou o botão do microfone.

— Ela deixou o número?

— Positivo.

— Carro um para Controle. Chame-a, por favor, Danny. Diga-lhe que sinto muito, mas vou chegar tarde. Porém antes informe-se sobre Patroni.

— Entendido. Aguarde.

O rádio ficou mudo.

Procurou um maço de Marlboro no capote. Ofereceu a Ingram.

— Obrigado.

Acenderam os cigarros, e ficaram observando os limpadores de para-brisa a bater de um lado para outro.

Ingram acenou na direção da cabine iluminada do jato da Aéreo-Mexicana.

— Lá em cima aquele filho da puta do comandante no mínimo está derramando lágrimas no seu "sombbrero". Da próxima vez ele há de cuidar das luzes azuis da pista como se fossem velas de altar.

— Os seus grupos de salvamento são mexicanos ou americanos? — perguntou Mel.

— Todos americanos. Só uns trouxas como nós para trabalhar com

esse tempo de merda. Sabe pra onde ia esse vôo?

Mel sacudiu a cabeça.

— Acapulco. Antes disso acontecer eu seria capaz de passar seis meses sem trepar para embarcar a bordo. — O chefe de turma riu. — Imagine só — entrar no avião, refestelar a bunda, e depois ser obrigado a ir embora desse jeito. Precisava ouvir o que os passageiros praguejavam, as mulheres principalmente. Aprendi um bocado de palavrão hoje à noite.

O rádio recomeçou.

— Controle chamando carro um — disse Danny Farrow. — Falei com a TWA sobre Joe Patroni. Receberam notícias: está retido pelo trânsito. Vai demorar uma hora, no mínimo. Mandou uma mensagem. Recebido até aqui?

— Recebido — confirmou. — Mande a mensagem.

— Patroni avisa pra não deixar o avião atolar mais do que já está. Diz que é fácil acontecer. Assim, a menos que a turma da Aéreo-Mexicana saiba o que está fazendo, deve evitar novas tentativas até Joe chegar aí.

Olhou de esguelha para Ingram.

— O que é que a turma da Aéreo-Mexicana acha disso? O chefe de turma concordou.

— Patroni pode contar com todo o auxílio que precisar. Nós esperaremos.

— Bem recebido? Tudo claro? — perguntou Danny Farrow.

Baixou o botão do microfone.

— Tudo claro.

— Okay. Tem mais ainda. A TWA está recrutando mais gente para ajudar. E, Mel, sua esposa telefonou de novo. Transmiti sua mensagem.

Sentiu que Danny hesitava, ciente de que outros, cujos rádios

sintonizavam na mesma frequência, também ouviam.

— Ela não gostou? — perguntou.

— Acho que não. — Houve um segundo de silêncio. — É melhor telefonar assim que puder.

Seria capaz de apostar como Cindy se portara de uma forma mais arrogante do que de costume. Mas Danny, de pura lealdade, não queria revelar.

Quanto ao 707 da Aéreo-Mexicana, era evidente que não testava nada a fazer antes da chegada de Joe Patroni. O seu conselho para evitar que o avião atolasse ainda mais era sensato.

Ingram enfiou umas luvas grossas e tornou a abotoar o capote.

— Obrigado pelo forquinho.

Saiu, em meio ao vento e à neve, batendo a porta depressa. Poucos instantes após, podia vê-lo enfrentando as fortes rajadas na direção dos veículos aglomerados na via de acesso.

No transmissor, o Controle falava com a Manutenção. Mel aguardou o fim do diálogo, e depois ligou o botão do microfone.

— Aqui carro um, Danny. Dirijo-me à Fila da Conga.

Deu partida ao carro, escolhendo cuidadosamente o caminho entre a neve que soprava e a escuridão, contando apenas com as luzes esparsas pela pista como guia.

A Fila da Conga, ao mesmo tempo cabeça de lança e máquina motriz do sistema de repressão à neve, encontrava-se naquele instante na pista número dezessete, à esquerda. Dentro de poucos minutos, pensou Mel com mau-humor, iria descobrir pessoalmente se havia motivo, ou simples maldade, no relatório crítico da Comissão das companhias, elaborado pelo Comandante Demerest.

O OBJETO DAS preocupações de Mel — o Comandante Vernon Demerest da Trans-América — encontrava-se, naquele momento, a cerca de cinco quilômetros de distância, no volante do seu Mercedes, modelo 230 SL Roadster. Em comparação com a viagem que fizera antes, da sua residência ao aeroporto, quase não teve trabalho para percorrer as ruas locais, limpas há poucas horas. A neve continuava a cair com força, favorecida pela ventania. Mas o tapete branco que encobria o solo ainda não era suficientemente espesso para dificultar o trânsito.

Demerest rumava para um conjunto de blocos de apartamentos de três andares, próximo ao aeroporto, conhecido pelos tripulantes como o Bairro das Comissárias. Era ali que moravam muitas aeromoças — de todas as companhias — com base no Lincoln. Cada um era, em geral, dividido entre duas ou três. Os iniciados batizaram esses lares individuais de "ninhos das comissárias".

Os "ninhos" serviam frequentemente de cenário para festas animadas, em dias de folga, e, com maior raridade, como lugar de encontro para as ligações amorosas que ocorriam, com regularidade previsível, entre as moças e os tripulantes de vôo.

Considerados em conjunto, o índice de licenciosidade não diferia muito de outros apartamentos que servem de residência para mulheres solteiras em toda parte. A única característica do que transpirava em matéria de atividades amorais e divertidas é que envolvia funcionários das linhas aéreas.

Havia motivo para isso. Tanto as comissárias como os membros masculinos da tripulação com quem se encontravam — comandantes, e demais, oficiais de bordo — eram, sem exceção, pessoas de gabarito. Todos chegavam aos cargos que desempenhavam — cobiçados pelos outros — através de um

processo eliminatório severo, exato, no qual os menos aquinhoados de talento ficavam totalmente ofuscados. A minoria restante era constituída pelos melhores e mais inteligentes. O resultado constituía uma fusão de personalidades vivazes e esclarecidas, dotadas de grande apetite pela vida e de percepção para se compreenderem mutuamente.

Vernon Demerest, nos seus bons tempos, tinha gostado de várias comissárias e sido retribuído. Desfrutara, de fato, de uma sucessão de casos com mulheres jovens, bonitas e inteligentes que faria inveja a um monarca ou astro do cinema. Aquelas que ele e os colegas conheciam, e com quem faziam sexo com regularidade, não eram prostitutas nem presas fáceis. Pelo contrário, tratava-se de garotas cheias de vitalidade, sensíveis, intensamente sensuais que sabiam reconhecer um homem de qualidade, e do qual lançavam mão quando se apresentava de modo tão óbvio e conveniente.

Uma que havia lançado mão — por assim dizer — de Vernon Demerest, e parecia inclinada a prosseguir, era Gwen Meighen, uma morena inglesa, alegre e bonita. Filha de lavradores, saiu de casa para vir para os Estados Unidos, quando tinha dezoito anos, há uma década. Antes de ingressar na linha aérea fora modelo de modas em Chicago por algum tempo. Talvez por causa dessa variedade de experiências, combinava uma sexualidade desinibida na cama com elegância e classe na vida cotidiana.

Vernon Demerest estava a caminho do seu apartamento.

Mais tarde, nessa mesma noite, os dois partiriam para Roma pelo vôo número dois da Trans-América. Na cabine, o Comandante Demerest assumia o comando do avião. No setor dos passageiros, Gwen Meighen convertia-se na chefe das comissárias. No fim da viagem, em Roma, aguardava-os três dias de pernoite, enquanto outra tripulação — que já se encontrava na Itália gozando de um descanso equivalente — traria o avião de volta ao Internacional de Lincoln.

O termo "pernoite" há muito foi adotado oficialmente pelas

companhias, que o usam com o maior cinismo. É possível que o inventor do termo possuísse espírito de gozação. De qualquer forma, as tripulações emprestam-lhe frequentemente um sentido prático diverso do oficial. Demerest e Gwen Meighen haviam planejado uma definição pessoal. Ao chegarem a Roma, partiriam imediatamente para Nápoles, para um "pernoite" a dois, de quarenta e oito horas. A perspectiva era fabulosa, idílica. Vernon Demerest sorria enlevado só em pensar. Encontrava-se perto do "Bairro das Comissárias", e à medida que se lembrava de outras ocorrências agradáveis dessa mesma noite, o sorriso se expandia.

Chegara cedo ao aeroporto, após despedir-se da esposa, Sarah, que — com a calma habitual — desejara-lhe boa viagem. Em outro século da antigüidade, talvez ficasse sentada, como fiel esposa, bordando ou fazendo tricô, durante a ausência do senhor da casa. Vernon, porém, sabia que, mal virava as costas, corria a ocupar-se com os seus penteados, a sua roda de bridge e os pincéis de pintura que constituíam os principais esteios de sua vida.

Aquela placidez, e a inevitável insipidez decorrente, eram qualidades que o marido terminou aceitando e — de maneira maldosa — estimulando. Nos intervalos de viagem e outros casos com mulheres mais interessantes, encarava os períodos que passava em casa — chegando a usar a expressão em conversa com amigos — como "uma parada no hangar para consertos". A vida conjugal oferecia uma conveniência extra. Enquanto perdurasse, as mulheres com quem fazia amor podiam apaixonar-se e tornar-se exigentes como bem entendessem, mas nunca haveriam de forçá-lo a casar. Dessa maneira dispunha de uma proteção garantida contra qualquer ação precipitada pelo auge da paixão. Quanto às relações sexuais com Sarah, ainda as mantinha esporadicamente, como quem brinca de "atirar a bola" com um cachorro velho. Ela correspondia devidamente, com as contorções de praxe e a respiração ofegante, embora Vernon suspeitasse de que resultassem mais da prática do que da paixão, e que se eliminassem as cópulas por completo não seria Sarah quem havia de ficar inquieta. Também tinha certeza de que suspeitava de suas aventuras, pois na falta de provas o instinto

é sempre infalível. No entanto, tipicamente, preferia ignorar, decisão para a qual Demerest cooperava com o maior entusiasmo.

Outro fator decisivo para o atual contentamento era o relatório da Comissão de Repressão à Neve, que representava um autêntico soco verbal no meio das pernas de Mel Bakersfeld, aquele seu cunhado de colarinho engomado.

A tônica crítica fora idéia sua, exclusiva. Os dois outros representantes das linhas aéreas a princípio opinaram que a administração do aeroporto estava fazendo o máximo face a condições excepcionais. O Comandante Demerest discordava. Ficaram finalmente persuadidos, e combinaram que ele mesmo redigiria o relatório. O que fez, obedecendo a um rigor excessivo. Não se preocupou com a autenticidade das acusações. Afinal de contas, com tanta neve, quem podia averiguar alguma coisa? A única intenção, era causar o máximo embaraço e irritação a Mel Bakersfeld com aquela crítica, que seria amplamente divulgada. Foram tiradas fotocópias para serem enviadas aos vice-presidentes de todas as companhias aéreas, sem falar nas matrizes em Nova Iorque e outras cidades. Sabendo como havia uma verdadeira sanha para encontrar um bode expiatório para os atrasos das operações, estava certo de que os telefones e os teletipos ficariam sobrecarregados após a distribuição da circular.

Acalentava com prazer aquela desforra — pequena mas compensatória. Talvez agora o seu cunhado manco, semiinválido, pensasse duas vezes antes de hostilizar Demerest e a Associação de Pilotos Comerciais, como tivera a petulância de fazê-lo — em público — duas semanas atrás.

Desviou a Mercedes para o estacionamento de um prédio de apartamentos. Parou o carro devagar e saiu. Tinha chegado um pouco cedo, reparou — com um quarto de hora de antecedência ao que ficara combinado para vir buscar Gwen e levá-la ao aeroporto. Resolveu subir de qualquer maneira.

Quando entrou no edifício, usando a chave-mestra que ela lhe dera,



cantarolava baixinho e percebeu, risonho, que a canção era *Ó Sole Mio*. Ora, porque não? Nada mais apropriado. Nápoles... uma noite cálida em vez de neve, o panorama da baía sob a luz das estrelas, música aveludada de bandolins, jantar com Chianti, e Gwen Meighen ao seu lado... tudo a menos de vinte e quatro horas de distância. Claro, pois! — *Ó Sole Mio*. Continuou a cantarolar.

Enquanto o elevador subia, teve outra lembrança agradável. O vôo para Roma seria fácil.

Embora estivesse no comando do vôo número dois — o *Caravela de Ouro* — teria pouco a fazer. Só ia exercer uma função de controle. Um outro comandante de quatro divisas — Anson Harris, quase tão veterano quanto o próprio Demerest — fora designado para a viagem, devendo ocupar o assento esquerdo. Ficaria à direita — normalmente a posição do piloto — a fim de observar a sua habilidade, colhendo elementos para o relatório.

Esse vôo de provas era uma consequência da resolução de Harris de passar das atividades domésticas da Trans-América para as internacionais. Para isso, entretanto, antes de se qualificar como piloto nessa categoria de larga escala, precisava efetuar dois vôos numa rota transatlântica em companhia de um comandante que fizesse o mesmo percurso regularmente e que possuísse também credenciais de instrutor. Vernon Demerest preenchia ambos requisitos.

Após os dois vôos, — o dessa noite seria o segundo — passava pela inspeção final de um supervisor veterano, antes da admissão definitiva na linha internacional.

Essas inspeções — assim como os vôos de prova cuja realização regular, de seis em seis meses, era compulsória para os pilotos de todas as linhas aéreas — impunham um escrutínio de destreza e prática do ofício. As provas se realizavam durante as viagens de rotina, e a única indicação que permitia ao passageiro notar o que estava ocorrendo limitava-se à presença de dois comandantes de igual nível hierárquico na carlinga de vôo.

A despeito do fato de exercerem uma função fiscal recíproca, as provas, sempre regulares e especiais ao mesmo tempo, costumavam ser feitas com seriedade e exatidão. Os próprios pilotos preferiam que fossem assim. Os riscos eram imensos — a segurança pública e o elevado gabarito profissional — sendo inadmissível qualquer proteção mútua ou o perdão de negligências sérias. Um comandante sob inspeção ficava cômico de que devia manter uma linha de conduta impecável em todos os sentidos. Qualquer deslize provocava, automaticamente, um relatório desfavorável, que, de acordo com a gravidade do caso, podia redundar num exame ainda mais rigoroso em companhia do chefe dos pilotos da empresa, com o risco do candidato perder o emprego.

Entretanto, apesar do critério de julgamento não sofrer nenhuma trégua, os comandantes veteranos que se submetiam a esses testes eram tratados pelos colegas com extrema cortesia. Com a exceção de Vernon Demerest.

Mantinha o mesmo tipo de conduta com qualquer piloto designado para a sua fiscalização. Fossem inexperientes ou tivessem mais anos de serviço do que ele, tratava-os como um aluno faltoso chamado à presença do diretor do colégio. E o que era pior, no papel de reitor, Demerest revelava-se intrometido, arrogante, intransigente e implacável. Nunca fez segredo de que se julgava o melhor de todos os pilotos. Os colegas ficavam danados da vida, mas nada podiam fazer. Depois juravam entre si que, no momento em que ele fosse designado para uma prova, iriam fazê-lo comer o pão que o diabo amassou. E esforçavam-se para cumprir a promessa, com um resultado invariável — Vernon Demerest apresentava um desempenho perfeito, totalmente isento de falhas.

Naquela tarde, num gesto típico, antecipou o vôo de provas com um telefonema para a casa do Comandante Harris.

— Hoje à noite o trânsito vai estar engarrafado — disse, sem o menor preâmbulo. — Minha tripulação precisa ser pontual, por isso sugiro que saia de casa com bastante antecedência.

Anson Harris, que durante vinte e dois anos de serviço impecável para a Trans-América nunca se atrasara para vôo nenhum, quase sufocou de indignação. Felizmente, antes de recuperar a voz, Demerest desligou o telefone.

Ainda morto de raiva, mas para ter a absoluta certeza de não incorrer na falta alegada, Harris chegou ao aeroporto com quase três horas de antecipação, em vez de apenas uma, conforme a praxe. Demerest, recém-saído da façanha junto à Comissão de Repressão à Neve, encontrou-o no Piloto das Nuvens. Vernon estava vestido de paletó e calças esporte. Mantinha um uniforme de reserva no vestiário da companhia e mudaria de roupa mais tarde. Harris, homem de cabelos grisalhos, quase brancos, tratado como "senhor" por muitos comandantes mais jovens, trajava o uniforme de vôo. — Olá, Anson.

Vernon Demerest sentou no banco vizinho do balcão.

— Pelo que vejo, seguiu o meu conselho.

Harris apertou ligeiramente a pressão dos dedos na xícara de café, mas limitou-se a dizer:

— Boa-noite, Vern.

— Vamos começar as instruções de vôo vinte minutos mais cedo que o usual — avisou Demerest. — Quero dar uma olhada no seu manual.

Graças a Deus, pensou Harris, que a minha mulher ontem passou revista nele, acrescentando as correções mais recentes. Mas era melhor examinar a caixa postal no gabinete de despachos. Aquele sacana era capaz de lhe marcar uma falta por deixar de incluir alguma correção divulgada naquele mesmo dia. Para dar uma ocupação às mãos impacientes, encheu o cachimbo de fumo e acendeu-o.

Todo o tempo permaneceu cômico do exame crítico de que estava sendo alvo.

— Você não está vestindo a camisa do regulamento.

Por um instante, duvidou que falasse a sério. Depois, ao verificar o engano, ficou com o rosto vermelho como um pimentão.

As camisas do regulamento constituíam uma exigência irritante, tanto para os pilotos da Trans-América como para os das outras linhas aéreas. Obtidas através de uma cooperativa, custavam nove dólares cada uma. Muitas vezes o número não combinava, além de serem feitas com fazenda de qualidade duvidosa. Embora constituindo infração ao regulamento, uma camisa superior podia ser comprada, em qualquer loja, muito mais barato, com uma diferença imperceptível. A maioria dos pilotos usava este expediente — *inclusive Vernon Demerest*. Em diversas ocasiões, o escudara referir-se com desdém às camisas da cooperativa, enaltecendo a excelência das suas.

O comandante Demerest pediu café com um sinal à garçonete, e depois tranqüilizou o colega.

— Não tem importância. Não vou comunicar que encontrei você com uma camisa fora do regulamento. Só que terá de mudá-la antes de entrar no meu avião.

Controle-se! — recomendou Anson Harris a si mesmo. Deus do céu, dai-me forças para não estourar, que é provavelmente o que este filho da puta ordinário está querendo.

Mas porquê? Porquê?

*Não tem importância.* Está bem, decidiu. Covardia por covardia, trocaria de camisa. Não pretendia dar a Demerest a satisfação do mínimo pretexto de censura. Seria difícil conseguir uma camisa da companhia de uma hora para outra. Sem dúvida teria de pedir emprestado — trocando com algum outro comandante ou piloto. Se tivesse de explicar o motivo, não acreditariam. Pois era difícil até para ele...

Ah, mas quando chegasse a vez da inspeção de Demerest... a *próxima, e todas as outras a partir daquele momento... ele que se cuidasse*. Anson Harris contava com boas amizades entre os supervisores. Demerest que se atrevesse a não vestir uma camisa

oficial — ou transgredisse qualquer insignificância no regulamento... ia *ver*. Mas conteve tristemente a antevisão da vingança: o sacana era astuto bastante para se lembrar. Na certa não esqueceria.

— Ei, Anson! — Demerest parecia estar-se divertindo. — Você deu uma mordida na ponta do cachimbo.

E dera mesmo.

Lembrando-se do incidente, Vernon Demerest riu sozinho. Sim, seria um vôo fácil — para ele.

Voltou a atenção para o presente quando o elevador chegou ao terceiro pavimento. Avançou pelo corredor atapetado, virando à esquerda com familiaridade, rumo ao apartamento que Gwen Meighen dividia com uma comissária da United Air Lines. A outra moça — Demerest sabia porque Gwen lhe contara — estava fora, fazendo uma escala. Tocou a campainha com o sinal combinado, as suas iniciais em código Morse... dit-dit-dit-dah dah-dit-dit... e depois entrou, com a mesma chave que abrira a porta do edifício.

Gwen estava no chuveiro. Podia ouvir o barulho da água. Ao passar para o quarto de dormir, chamou.

— É você, Vernon?

Mesmo misturada à ducha, a voz — com aquele correto sotaque inglês que lhe agradava tanto — possuía uma sonoridade macia e excitante. Não era de admirar que fizesse tanto sucesso com os passageiros. Cansou de vê-los derretidos — os homens principalmente — diante do seu charme natural.

— É sim, meu bem.

Suas roupas íntimas, diáfanas, estavam espalhadas em cima da cama — calcinhas de puro *nylon*, um *soutien* transparente cor de carne, uma cinta do mesmo tecido, e uma combinação de seda francesa, bordada à mão. O uniforme podia obedecer ao padrão do regulamento, mas por baixo fazia questão cerrada do maior luxo individual. Os sentidos de Vernon se aguçaram. Desviou o olhar

com relutância.

— Que bom que veio cedo — gritou outra vez. — Precisava falar com você antes de sairmos. — Claro, há tempo de sobra.

— Se quiser, pode fazer um chá.

— Okay.

Gwen o convertera ao hábito inglês de beber chá a qualquer hora do dia, apesar de ser uma coisa que jamais tinha provado antes de conhecê-la. Agora, porém, pedia frequentemente em casa, o que deixava Sarah intrigada, sobretudo porque insistia na maneira certa de prepará-lo: primeiro, esquentando o bule — conforme Gwen ensinara, e só colocando as folhas quando a água estivesse fervendo.

Foi à minúscula cozinha, sua velha conhecida, e colocou a chaleira d'água no fogo. Retirou um invólucro de papelão da geladeira, despejou o leite do conteúdo numa jarra, bebeu um pouco e tornou a colocar o resto no lugar anterior. Teria preferido gim tônica. Mas, como a maioria dos pilotos, não tocava em álcool durante as vinte e quatro horas que precediam uma viagem. Por pura força de hábito, verificou a hora. Faltavam poucos minutos para as oito. Imaginou que naquele momento o avião a jato, um Boeing 707, de longa distância, luzidio, que ficaria sob o seu comando nos oito mil quilômetros de percurso até Roma, estaria sendo preparado para ele no aeroporto.

Escutou Gwen fechar o chuveiro. No silêncio, pôs-se a cantarolar outra vez. Alegrementemente. *Ó Sole Mio.*

O VENTO TEMPESTUOSO e cortante do campo de aviação prosseguia com a força de sempre, arrastando os grossos flocos de neve que caíam sem parar.

No interior do carro, Mel Bakersfeld tiritava de frio. Dirigia-se à pista dezessete, à esquerda, que estava sendo limpa, depois de ter deixado a número trinta e o jato atolado da Aéreo-Mexicana. Os arrepios que sentia seriam causados pelo tempo gélido que fazia, ou pela recordação ao pressentir o perigo há poucos minutos, além da lembrança importuna do velho ferimento no pé?

Esse ferimento ocorrera dezesseis anos atrás, perto da costa da Coréia. Mel era piloto naval e efetuava vôos de combate, com base no porta-aviões *Essex*. Durante as doze horas precedentes (lembrava-se com a maior nitidez) tivera uma premonição do perigo. Não de medo — como outros combatentes, aprendera a superá-lo. Parecia antes uma certeza de que uma coisa fatal, praticamente mortal, movia-se inexoravelmente ao seu encontro. No dia seguinte, num combate encarniçado com um MIG-15, o F9F-5 da marinha que pilotava foi derrubado no mar.

Conseguiu controlar a queda, mas apesar de ileso, ficou com o pé esquerdo preso num pedal de leme emperrado. Como o avião soçobrasse rapidamente — um F9F-5 ia ao fundo com a maior facilidade — recorreu a um facão de caça para retalhar, com desespero e selvageria, o pé e o pedal. Inexplicavelmente, já debaixo d'água, ficou livre. Sentindo uma dor lancinante, semi-afogado, logrou nadar à superfície.

Passou as oito horas seguintes boiando até ser recolhido, inconsciente. Soube, depois, que tinha cortado os tendões do tornozelo, deixando o pé numa posição quase em linha reta, a partir da perna.

Com o decorrer do tempo os médicos da marinha curaram o pé, embora nunca mais voltasse a voar como piloto. De vez em quando, entretanto, a dor reaparecia, fazendo-o lembrar que o seu sexto sentido para o perigo era infalível.

Agora repetia-se a mesma sensação.

Manobrando o carro com cautela, cuidando para se conservar sempre na mesma direção no meio da escuridão e pouca visibilidade, aproximava-se da pista dezessete, à esquerda. Segundo o chefe da torre, o controle de trânsito aéreo tentaria usá-la quando o vento mudasse de rumo, o que estava previsto para breve.

O campo de aviação possuía atualmente duas pistas em funcionamento: a dezessete, à direita, e a vinte e cinco.

O Aeroporto Internacional Lincoln tinha cinco pistas ao todo. Durante os últimos três dias e noites, representavam a linha de frente de batalha face à tempestade.

Das cinco, a maior e mais larga era a número trinta, agora interdita pelo jato da Aéreo-Mexicana. (Dependendo da mudança do vento e da aeronave que chegasse da direção oposta, podia também ser número 12. Esses números indicavam deslocamentos na bússola da ordem de 300 e 120 graus respectivamente.) A trinta possuía quase três quilômetros de extensão e uma largura equivalente a um pequeno quarteirão na cidade — uma piada local pretendia ser impossível enxergar de uma extremidade à outra devido à curvatura da terra. Cada uma das outras não atingia um quilômetro, sendo mais estreitas. Desde o início da borrasca, tinham sido limpas sem cessar, por uma frota de carros especiais, e cobertas de areia. O equipamento motorizado — avaliado em diversos milhões de dólares de motores diesel a rodar — só interrompia o trabalho em pequenos intervalos de alguns minutos para pôr combustível ou revezar as turmas. Os passageiros jamais assistiam às manobras, pois um avião não usava uma pista recém-limpa antes de a superfície ser inspecionada e aprovada. O critério usado era severo. Meia polegada de lama ou três polegadas de neve pouco



espessa constituíam o máximo permitido para jatos. Uma densidade superior seria absorvida pelos motores, oferecendo riscos às operações.

Mel Bakersfeld considerava uma lástima que as equipes de limpeza de neve nas pistas não ficassem mais expostas à apreciação pública. O espetáculo era imponente e impressionante. Mesmo agora, com o temporal e as trevas, aproximar-se dos veículos pela retaguarda causava um efeito fantástico. Gigantescas colunas de neve cascateavam à direita em arcos de quase cinquenta metros de altura. Esses arcos ficavam emoldurados pelos faróis dos veículos, e cintilavam com as cores de cerca de vinte faróis pisca-pisca — um em cada veículo do grupo.

Os funcionários do aeroporto apelidaram esse comboio de Fila da Conga.

Contava com um carro líder à frente, um na retaguarda, um bloco central e um séquito, avançando pelas pistas com precisão coreográfica.

O líder assumia a dianteira. Era um chefe de turma veterano, da manutenção do aeroporto, e dirigia um automóvel amarelo vivo, como todo o equipamento restante da Fila. Estabelecia o ritmo a ser mantido, em geral rápido; Possuía dois transmissores e ficava em contato permanente com o controle de repressão e o de trânsito aéreo. Por meio de um sistema de cores luminosas, dava o sinal para os motoristas seguintes — verde significava "acelerar", amarelo, "manter a mesma marcha", vermelho, "diminuir" e vermelho pisca-pisca, "parar". Era obrigado a saber de memória um mapa minucioso do aeroporto, pois precisava ter uma idéia exata da sua localização, mesmo na noite mais espessa, como agora.

Atrás do líder, o motorista, como o primeiro violino de uma orquestra, guiava o limpa-neve número um — nessa noite um Oshkosh descomunal, provido de enorme lâmina dianteira e outra lateral como uma asa. O número dois vinha logo atrás, à sua direita. O primeiro levantava a neve, jogando-a para o lado. O segundo a

recebia e, repetindo a dose, arremessava para ainda mais longe.

Depois seguia um assoprador de neve, em escalão com os precedentes, e representando uma força trovejante de seiscentos cavalos a vapor. Cada um custava sessenta mil dólares e eram considerados os Cadillacs do comboio. Dotados de potentes ventiladores, engoliam os montes de neve lançados pelos anteriores e os arremessavam, traçando um arco hiperbólico além da beira da pista.

Num segundo escalão, à direita, avançavam mais dois limpa-neves e outro assoprador.

A seguir, na retaguarda, vinham cinco aplanadores — alinhados lado a lado, com as lâminas prontas para varrer qualquer montículo que escapasse aos dianteiros. Rebocavam escovas giratórias, cada uma com cerca de cinco metros de diâmetro e equipamento diesel independente. As escovas esfregavam a superfície da pista e assemelhavam-se a monstruosas vassouras de quintal.

Os próximos veículos eram os disseminadores de areia.

Por onde os onze primeiros passavam, três enormes caminhões F W D, cada um aparelhado com funis de quatro mil litros cúbicos de capacidade espalhavam a areia uniformemente.

Tratava-se de areia especial. Em outras partes do aeroporto, nas estradas e locais usados pelo público, misturava-se com sal para ajudar a derreter o gelo. Nunca, porém, nos lugares destinados à aviação. O sal corrói os metais, acelerando o desgaste, e os aeroplanos eram tratados com mais respeito que os automóveis.

Completando a Fila da Conga propriamente dita, havia um assistente de chefe de turma — o "Pinduca da retaguarda" — num segundo automóvel. Sua missão consistia em assegurar a perfeita formação do comboio e recolher os extraviados. Mantinha-se em contato pelo rádio com o carro líder, muitas vezes invisível à frente, no meio da neve e da escuridão.

Finalmente o séquito: um limpa-neve de reserva, para a

eventualidade de qualquer acidente; um caminhão de serviço, aparelhado com peças sobressalentes; carros-tanque — com óleo diesel e gasolina; e — atendendo chamados pelo transmissor em determinadas horas — uma camioneta com café e roscas.

Mel acelerou, passando à frente desse último conjunto e colocou o carro em posição paralela ao do "Pinduca da retaguarda". A sua chegada foi notada. Ouviu o líder do comboio ser notificado pelo rádio:

— Mr. Bakersfeld acaba de chegar.

A Fila avançava rapidamente — cerca de sessenta quilômetros por hora, em vez dos habituais vinte e cinco. O líder provavelmente acelerara por causa da mudança de vento prevista e da necessidade de desinterditar a pista com a maior presteza possível.

Ligando o rádio na frequência do controle de trânsito, Mel escutou a comunicação do líder à torre:

— ... na pista dezessete, à esquerda, aproximando-nos do cruzamento com a vinte e cinco. Favor providenciar acesso livre nesse ponto.

A pista vinte e cinco estava com intenso movimento, sobretudo agora.

— Controle de terra para líder do comboio. Não se aproxime desse cruzamento. Temos dois vôos em curso final. Não cruzem, repetimos, não cruzem a pista. Recebido? A voz da torre soava como um pedido de desculpas.

Compreendiam, lá em cima, a dificuldade em deter uma Fila de Conga em andamento, e recomendar, mais tarde a investida. No entanto, os aviões que se aproximavam tinham na certa efetuado uma descida problemática e agora preparavam-se para pousar sucessivamente. Só mesmo uma emergência desesperada poderia justificar que subissem de novo numa noite semelhante.

À frente de Mel as luzes vermelhas se acenderam, piscando autoritariamente à medida que a Fila da Conga diminuía a marcha e

parava.

O "Pinduca da retaguarda", um negrinho disposto, saltou do carro e aproximou-se de Mel. Ao abrir a porta, entrou uma rajada de vento, apenas sentida, abafada pelo barulho atordoante dos motores. O assistente colocou a mão em concha na orelha de Mel.

— Como é, Mr. Bakersfeld, não sente vontade de cair na Conga? Um dos rapazes pode tomar conta do seu carro. Mel sorriu. Todo mundo sabia o prazer que experimentava, sempre que dispunha de um momento de folga, em andar e às vezes até dirigir o equipamento motorizado pesado. Porque não? pensou. Viera fiscalizar a limpeza da neve devido ao relatório hostil de Vernon Demerest, evidentemente injusto. Tudo ia bem. Porém talvez fosse melhor permanecer observando de um posto privilegiado durante mais algum tempo.

Aceitando o convite com um aceno de cabeça, gritou:

— Está bem. Vou pegar o segundo assoprador. — Perfeito!

O assistente, de lanterna na mão e curvando-se contra o vento, tomou a dianteira, passando pelas filas de caminhões de areia e escovas parados. Mel notou que a neve já cobria a área da pista limpa há poucos instantes. Lá atrás, um vulto apressado desceu de um caminhão de serviço, correndo em direção do seu carro.

— Mais depressa, Mr. Bakersfeld. A parada vai ser rápida.

O negrinho assestou a lanterna contra o assoprador de neve, depois manteve-a firme, iluminando o caminho, enquanto Mel subia à cabine. Lá em cima, o motorista abriu a porta. Ao entrar, sentiu uma dor intensa no pé ferido, mas não havia tempo a perder. Na ponta da fila as luzes vermelhas, que antes piscavam, tinham mudado para verde. Provavelmente os dois aviões já teriam pousado, além do cruzamento. A "Conga" precisava andar rápida antes que chegassem outros, talvez num intervalo de poucos minutos. Olhando para a retaguarda, Mel avistou o assistente do chefe de turma voltar numa corrida desabalada até o seu carro de "Pinduca".

O assoprador de neve arrancou, ganhando impulso com um ronco ensurdecedor. O motorista olhou para o lado enquanto Mel se instalava em um dos assentos macios, acolchoados.

— Oi, Mr. Bakersfeld.

— Como vai, Will?

Mel reconheceu-o. Quando não ocorria nenhuma emergência provocada pela neve, ocupava a função de caixa de pagamentos.

— Bem, chefe. Um pouco cansado.

O motorista mantinha cuidadosamente a posição atrás do terceiro e quarto limpa-neves, cujos faróis pisca-pisca eram apenas visíveis. As pás verruosas, descomunais, do assoprador, já começavam a aspirar a neve, empurrando-a para o ventilador. A faixa branca contínua recomeçou a ser lançada por diante, longe da pista.

A cabine assemelhava-se à ponte de comando de um navio. O motorista mantinha o controle do volante com leveza, idêntico a um timoneiro. Uma quantidade enorme de mostradores e alavancas, brilhando no escuro, estava ao alcance da mão. Limpadores de para-brisa circulares, muito rápidos — como num navio — proporcionavam nítida visão na crosta de neve acumulada nos vidros.

— Acho que acontece o mesmo com todos — disse Mel. — O máximo que lhe posso dizer é que isso não pode durar a vida toda.

Observou o aumento do ponteiro de velocidade — de quarenta passou para cinqüenta, e, em seguida, sessenta. Sacudido no assento. Mel olhava para fora. Dessa posição, no centro da Fila da Conga, podia ver as luzes e contornos dos outros veículos. Percebeu, com satisfação, que a formação continuava perfeita.

Há alguns anos, num temporal como esse, um aeroporto ficava totalmente interditado. Hoje em dia não, sobretudo por causa das facilidades terrestres — exclusivamente nesse setor — que tinham acompanhado o progresso no espaço. Mas quais eram os outros setores que apresentavam o mesmo adiantamento? Muito poucos,

concluiu com pesar.

— Quê se há de fazer? — disse o motorista. — Dá para variar do trabalho de uma máquina de somar. E quanto mais tempo durar, maior o pagamento extra final.

Tocou numa alavanca, curvando um pouco a cabine para verificar as lâminas de perfuração. Endireitou-as com outro controle, e depois voltou à posição anterior.

— Não sou obrigado a fazer este serviço. Como o senhor sabe, Mr. Bakersfeld, faço porque quero. Mas até gosto de andar por aqui. É uma espécie de... — Hesitou. — Nem sei como explicar.

— Força elementar? — sugeriu Mel.

— Acho que sim. — O motorista deu uma risada. — Talvez porque sou louco por neve.

— Não, Will, acho que louco não.

Mel debruçou-se para a frente, para observar a maneira da Fila da Conga avançar. De fato, era uma força elementar. Mais precisamente na solidão do campo sentia-se terrivelmente próximo da aviação, mas da verdadeira, cujo sentido mais simples significa o homem em luta contra os elementos. Quando se fica muito tempo às voltas com problemas burocráticos nos escritórios das linhas aéreas, perde-se essa sensação. Fica-se confuso por ninharias e coisas sem importância. Talvez todos os funcionários da administração precisassem visitar — a extremidade de uma pista, de vez em quando, para receber o vento no rosto. Ajudaria a separar o essencial do secundário. E a refrescar as idéias.

Houve várias ocasiões em que Mel saía para o meio do campo, lutando com algum problema, a fim de pensar em paz, sem ser perturbado. Ficou surpreso ao perceber que era justamente o que fazia naquele momento... imaginando, tentando adivinhar — fato constante nesses últimos dias — o futuro do aeroporto. O seu futuro.

HÁ MENOS de um lustro, o aeroporto figurava entre os melhores e mais modernos do mundo. As delegações o inspecionavam com admiração. Os políticos gostavam de apontá-lo com orgulho, e inchavam de satisfação com a "liderança aérea", o "símbolo da era do jato". Hoje em dia, ainda constituía uma fonte de vaidosa referência, porém com menos razão. O que a maioria não conseguia entender é que, a exemplo de um número surpreendente de outros aeroportos internacionais, encontrava-se prestes a ser transformado em sepulcro caído.

Mel Bakersfeld ponderou a expressão *sepulcro caído* enquanto avançavam no escuro pela pista dezessete, à esquerda. A definição era acertada. As deficiências, graves e fundamentais, ficavam no entanto praticamente ignoradas pelo público sendo percebidas apenas pelos que trabalhavam no aeroporto.

Os passageiros e visitantes viam apenas, por assim dizer, o edifício principal de embarque — um Taj-Mahal profusamente iluminado, com ar condicionado. Feito de vidro cintilante e cromo, possuía uma amplidão impressionante e as inúmeras galerias desembocavam em saguões elegantes. Instalações públicas opulentas ofereciam os seus serviços por todos os cantos. Seis restaurantes especializados satisfaziam todos os gostos: desde a sala destinada aos epicuristas, com serviço de porcelana gravado a ouro e preços correspondentes, até o balcão onde só serviam cachorro-quente para comer em pé. Bares de penumbra acolhedora, ou sem cadeiras e iluminados a néon, proliferavam assim como os toaletes.

Enquanto aguardava a hora do vôo, e sem abandonar o prédio, um visitante podia fazer compras, alugar um dormitório, tomar banho turco com massagem, cortar o cabelo, passar a roupa a ferro, engraxar os sapatos, e até morrer, pois o enterro seria providenciado

pelos Jardins Perpétuos do Espírito Santo, através do serviço funerário que mantinham na principal galeria do rés do chão.

Analisado sob esse ponto de vista, o aeroporto ainda era espetacular. As suas deficiências ocorriam nos setores de operações, sobretudo nas pistas e vias de acesso.

Entre os oitenta mil passageiros que chegavam e partiam diariamente, poucos possuíam qualquer noção exata do sistema de pouso e decolagem — arcaico e, por conseguinte, perigoso. Há um ano, o número de pistas e vias de acesso era apenas suficiente. Agora, encontravam-se sobrecarregadas a ponto de se converterem em risco. Em períodos de movimento normal, ocorria a entrada e partida de um avião em cada trinta segundos. A posição de Meadowood, e a consideração dispensada pelo aeroporto aos seus moradores, tornava necessário, nas situações de emergência, o uso de uma pista alternada, que cortava outra pelo meio. Em vista disso, os vôos empregavam cursos convergentes, e havia momentos em que os controladores do trânsito aéreo prendiam a respiração e rezavam. Uma semana atrás, Keith Bakersfeld, o irmão de Mel, fizera um sinistro vaticínio:

— Muito bem, até agora ficamos de cabelo em pé na torre, resolvendo os problemas mais graves, e evitando qualquer colisão naquele cruzamento. Um dia, porém, bastará um segundo de descuido ou erro de cálculo e um de nós será responsável por um desastre. Só espero, por Deus, que não seja eu, porque quando isso acontecer será pior que o do Grand Canyon.

Keith referia-se ao cruzamento que a Fila da Conga acabava de cruzar. Na cabine do assoprador de neve, Mel olhou para a retaguarda. Todo o comboio já havia passado pelo ponto crítico e, através de uma brecha momentânea nas rajadas, luzes de navegação ficaram visíveis na outra pista, movendo-se velozmente à medida que o avião decolava. Logo após, por incrível que pareça, surgiram outras, a poucos metros de distância, enquanto um outro avião aterrava, aparentemente, no mesmo minuto.



O motorista também virou a cabeça para olhar. Soltou um assobio.

— Esses dois escaparam por um triz.

Mel assentiu. Realmente a colisão fora evitada quase por milagre, e sentira um prurido de pânico. Evidentemente um dos operadores do trânsito aéreo, ao instruir os pilotos pelo rádio, tinha exagerado o limite de tolerância. Como sempre, porém, o seu hábil discernimento provara estar certo, embora a um milímetro do engano. Os dois agora estavam garantidos — um no ar, o outro em terra. A necessidade de uma multiplicidade de decisões, cujo limite de segurança era praticamente nulo, impunha contudo um risco permanente.

Mel assinalou esse risco repetidas vezes, tanto à Junta de Diretoria como aos vereadores municipais, que controlavam a distribuição de verbas. Insistia, além da construção imediata de outras pistas e vias de acesso, na compra de terrenos para a expansão do campo atual, tendo em vista os futuros desenvolvimentos aeronáuticos. Discussão não faltava, resultando, às vezes, em debates acalorados. Alguns membros da Junta e da câmara municipal concordavam com o seu ponto de vista; no entanto, houve quem se opusesse encarniçadamente. Tornava-se difícil persuadi-los de que um aeroporto para jatos modernos, construído em fins da década de 50 pudesse ter ficado obsoleto tão depressa, a ponto de oferecer perigo. Pouco importava que o mesmo acontecesse em outras metrópoles, como Nova Iorque, São Francisco etc. Certas coisas os políticos simplesmente recusavam-se a acreditar.

Mel pensou: talvez Keith tivesse razão. Quem sabe seria preciso um novo desastre para despertar a consciência cívica, tal como o de 1956 no Grand Canyon, que apressou o Presidente Eisenhower e o 84º congresso a atualizar as aerovias? Entretanto, por ironia, jamais encontravam dificuldade para levantar verba para melhorias que não envolvessem as operações. Uma proposta para triplicar os pavimentos de todos os parques de estacionamento obteve a aprovação unânime da assembléia. Nesse caso, porém, tratava-se de uma obra que o público — inclusive os votantes — podia ver e tocar.

As pistas e as vias de acesso constituíam capítulo à parte. Para construir uma nova, levava dois anos, a um preço de vários milhões de dólares, e no entanto apenas os pilotos, os controladores do trânsito aéreo e a administração percebiam o seu bom ou mau funcionamento.

Mas a hora da decisão no Aeroporto Internacional Lincoln não podia tardar. Era inevitável. Durante as últimas semanas, Mel sentia os indícios por toda parte, e quando acontecesse só haveria duas alternativas — ou se providenciava a modernização das pistas para enfrentar as novas conquistas do espaço, ou se aceitava a inevitável decadência.

Em matéria de aviação, nada é eterno.

Havia também outro fator.

O futuro pessoal de Mel dependia diretamente da solução dada ao problema. Fosse qual fosse o rumo escolhido, o seu prestígio aumentaria ou diminuiria proporcionalmente, junto aos setores de maior influência.

Até data recente, Mel Bakersfeld era considerado um porta-voz nacional do planejamento em terra da aviação, sendo saudado como uma revelação, o novo gênio da administração aeronáutica. Repentinamente, um incidente calamitoso transtornou a sua atuação. Agora, decorridos cinco anos, o futuro tornava-se uma incógnita. Surgiam dúvidas e indagações a seu respeito, formuladas tanto pelo espírito alheio como pelo próprio Mel.

A catástrofe que provocou essa alteração em sua vida foi o assassinato do Presidente Kennedy.

— Chegamos ao fim da pista, Mr. Bakersfeld. O senhor quer voltar conosco ou vai ficar aqui?

A voz do motorista interrompeu as cogitações de Mel. — Hem?

O homem repetiu a pergunta. À sua frente, mais uma vez, as luzes piscavam, e a Fila da Conga diminuía a marcha. Metade da largura da pista era limpa de cada vez. Agora o comboio ia retroceder pelo

mesmo caminho, limpando a parte que faltava. Descontando as interrupções, levava entre quarenta e cinco minutos e uma hora para retirar a neve e espalhar areia numa única pista.

— Não — respondeu Mel. — Vou ficar aqui.

— O senhor manda, chefe.

O motorista fez um sinal com os faróis para o assistente do chefe de turma, que imediatamente retirou o carro da formação. Poucos momentos mais tarde, quando Mel desceu da cabine, o seu automóvel já estava esperando ao lado. A equipe das outras máquinas e caminhões começou a sair e aclamar a chegada da camioneta do café.

Rumando de novo para o edifício principal, Mel chamou a torre, confirmando a Danny Farrow a desinterdição iminente da pista dezessete. Depois, mudando de frequência para o controle de terra, baixou o volume, deixando aquelas vozes sussurrantes e suaves como pano de fundo para os seus pensamentos.

Na cabine do assoprador tinha-se lembrado do acontecimento que causara o maior impacto de sua vida.

Sucedera quatro anos atrás.

Ficou assombrado que fizesse tanto tempo assim. Quatro anos, desde aquela tarde cinzenta de novembro quando, estupefato, havia tomado o microfone particular em cima da escrivaninha — raramente usado, e que interceptava todos os outros do aeroporto — e interrompendo um aviso de chegada de vôo, anunciara às galerias — imediatamente silenciosas — a notícia estarrecedora recebida de Dallas poucos segundos antes.

Enquanto lia o texto, os seus olhos pousaram na fotografia da parede oposta à escrivaninha, cuja dedicatória dizia: *A meu amigo Mel Bakersfeld, preocupado, como eu, em suavizar os amargos grilhões da terra — John F. Kennedy.* A fotografia continuava no mesmo lugar, e sempre lhe trazia recordações.

As primeiras começavam com um discurso que pronunciara em

Washington.

Na ocasião, além de administrador-geral, ocupava também o cargo de presidente do Conselho de Administradores de Aeroportos — sendo o líder mais jovem que jamais desempenhara semelhante função junto a um organismo cuja esfera, limitada porém influente, ligava os principais aeroportos mundiais. A sede ficava em Washington, e Mel comparecia sempre às reuniões.

O discurso foi pronunciado perante um congresso de planejamento nacional.

A aviação — dissera, — constituía o único empreendimento de caráter internacional que havia alcançado sucesso indiscutível. Transcendia tanto as fronteiras ideológicas quanto as meramente geográficas. Além de representar um processo de fusão das diversas populações a um custo cada vez mais baixo, oferecia o meio mais prático inventado pelo homem para obter a compreensão universal.

Mais importante ainda é o comércio aéreo. O movimento de frete, transportado pelos ares, cuja extensão já é monumental, está destinado a um permanente desenvolvimento. Os novos e gigantescos aviões a jato, que devem entrar em serviço no início da década de 70, serão os mais velozes e baratos cargueiros da história da humanidade. Em menos de dez anos, os navios transatlânticos se transformarão em peças de museu, parados nas docas, postos fora de ação da mesma maneira que os aeroplanos de passageiros tornaram arcaicos o *Queen Mary* e o *Queen Elizabeth*. O resultado será uma nova frota mundial de comércio, trazendo prosperidade para as nações atualmente subdesenvolvidas. Mel lembrou que a parte da aviação reservada ao transporte oferece, tecnologicamente, todas essas vantagens, e, o que é mais importante, dentro do prazo de vida das pessoas que já atingiram a idade madura.

Entretanto — prosseguiu — ao passo que os desenhistas de aviões convertem o sonho em realidade, as condições em terra, na sua maior parte, continuam sendo obra da miopia ou da pressa desorientada. Os aeroportos, os sistemas de pistas, os próprios

edifícios são adaptados a necessidades antiquadas, com pouca — ou nenhuma — previsão do futuro. Ninguém percebe, ou então prefere ignorar, a rapidez vertiginosa do progresso da aviação. Os aeroportos são construídos gradativamente, do mesmo modo que uma prefeitura, e quase sempre com a mesma falta de imaginação. Em geral, gasta-se demais em prédios suntuosos e muito pouco com os setores das operações. Um planejamento coordenado, de alto gabarito, seja nacional ou internacional, simplesmente não existe.

No plano local, onde os políticos mostravam-se apáticos aos problemas denunciados, a situação era a mesma, para não dizer pior.

— Rompemos a barreira do som — declarou — mas falta romper a do solo.

Citou nominalmente as áreas que deveriam ser analisadas e instou para que se formasse um planejamento internacional — preconizado e presidido pelos Estados Unidos — para o progresso terrestre da aviação.

O discurso recebeu uma ovação de todos os presentes e foi aplaudido de pé. Repercutiu no mundo inteiro. Provocou editoriais encomiásticos da imprensa mundial mais diversa, desde o *Times* de Londres, até o *Pravda*, e o *Wall Street Journal*.

No dia seguinte, Mel recebeu um convite para ir à Casa Branca.

A entrevista com o presidente transcorreu bem. Havia sido uma reunião descontraída bem-humorada, no gabinete particular do segundo andar do palácio. Descobriu que J. F. K. compartilhava da maior parte de suas idéias.

Encontraram-se, depois, com freqüência, às vezes na presença de grupos de peritos, inclusive assistentes de Kennedy, quando estudavam questões aeronáuticas. Com a repetição constante dessas entrevistas, seguidas de palestras mais íntimas e cordiais, Mel começou a sentir-se à vontade na Casa Branca, menos surpreso do que da primeira vez, quando se assombrara com o convite. À medida que o tempo ia passando, deixou-se levar por aquele tipo de relação

desembaraçada que J. F. K. costumava estimular nas pessoas dotadas de talento e que podiam auxiliá-lo.

Um ano e pouco após o encontro inicial, o presidente sondou-o para ver se lhe interessava chefiar a Agência Federal de Aviação. (Começara como Agência, passando depois a Administração.) A certa altura do segundo período presidencial — a reeleição de Kennedy era fato considerado automático por todo mundo — Halaby, administrador da AFA na época, seria promovido a um outro cargo. O que é que Mel achava de efetuar, na prática, algumas das medidas que preconizava na teoria? Respondeu que ficaria satisfeitíssimo. Deixou bem claro que, se recebesse um convite oficial, aceitaria.

A notícia se espalhou, não através de Mel, mas de terceiros que ficaram cientes nas esferas superiores. Estava *feito* — membro efetivo de uma esfera privilegiada. O seu prestígio, já considerável ficou maior ainda. Foi reeleito para o Conselho de Administradores de Aeroportos. Os próprios membros regionais aumentaram generosamente o seu salário. Com menos de quarenta anos, era considerado o prodígio dessa atividade.

Seis meses mais tarde, John F. Kennedy empreendia a viagem fatal ao Texas.

Como tantos, Mel ficou primeiro atônito, e depois rompeu em pranto. Só muito depois percebeu que as balas assassinas tinham ricocheteado, atingindo outras vidas, inclusive a dele. Descobriu também que o seu prestígio em Washington perdera o primitivo brilho. Najeeb Halaby fora, de fato, transferido da AFA para um novo cargo — uma vice-presidência importante na Pan-Am — porém Mel não recebeu a nomeação para sucedê-lo. Àquela altura, o poder já se encontrava deslocado, as influências diminuíram. Soube posteriormente que o seu nome nem figurava na pequena lista organizada por Johnson para preencher a vaga na AFA.

A prorrogação do seu mandato como presidente do CAA decorreu rotineiramente e um outro jovem de idéias brilhantes tornou-se o

seu sucessor. As viagens a Washington terminaram. As aparições em público restringiram-se ao âmbito local e, de certo modo, sentiu-se aliviado com a modificação. As responsabilidades assumidas já haviam crescido à medida que o trânsito aéreo desenvolvia-se além das expectativas. Passou a se ocupar intensamente do planejamento, somado aos esforços despendidos em convencer a junta de diretoria a aceitar os seus pontos de vista. Tinha muito em que pensar, inclusive problemas no lar. Os dias, as semanas e os meses eram cheios de atividade.

E no entanto não lhe abandonava a sensação de ter deixado escapar uma ocasião oportuna de vencer na vida. Outros notaram o mesmo. Chegou à conclusão de que, a menos que ocorresse um incidente dramático, a sua carreira iria continuar, e provavelmente terminar, no mesmo ponto em que se encontrava.

— Torre chamando carro um — qual é a sua posição?

O rádio interrompeu as divagações de Mel, devolvendo-o abruptamente ao presente.

Levantou o volume e respondeu. Agora estava perto do edifício principal cujas luzes ficavam mais nítidas, apesar da neve prosseguir caindo incessantemente. Os locais de estacionamento das aeronaves, segundo observou, continuavam nas mesmas condições de antes, no momento em que partira rumo ao campo, e isso sem levar em consideração uma fila de novos aviões que aguardavam vez.

— Carro um, espere a passagem do Lake Central Nord e depois siga atrás dele.

— Aqui carro um. Recebido.

Poucos minutos após, Mel encaminhava o carro para o estacionamento do porão do prédio.

Próximo à vaga que lhe era reservada havia uma cabine trancada, contendo um telefone do aeroporto. Usou uma de suas chaves-mestras para abri-la, e discou para a torre de controle. Danny

Farrow atendeu. Mel perguntou se havia alguma novidade a respeito do jato atolado da Aéreo-Mexicana.

— Negativo — respondeu Danny. — E o chefe da torre pediu para lhe informar que a interdição da pista trinta continua atrasando metade do trânsito. Além disso, está recebendo novas reclamações de Meadowood toda vez que uma nova decolagem sobrevoa o bairro.

— Deixe Meadowood sofrer — comentou Mel mal-humorado.

Com ou sem assembléia de moradores, nada podia fazer para eliminar o barulho dos aviões por enquanto. De momento a coisa mais importante era reduzir o atraso das operações.

— Onde está Joe Patroni?

— No mesmo lugar. Continua retido. — Mas chegará a tempo?

— A TWA assegura que sim. O carro dele tem telefone e estão em comunicação permanente.

— Assim que chegar — pediu — me notifiquem. Esteja onde estiver.

— Então espero que seja no centro da cidade.

Mel hesitou. Evidentemente não havia nenhum motivo para permanecer mais tempo no aeroporto nessa noite. No entanto, sem que pudesse explicar o motivo, foi possuído pela mesma sensação de presságio que o inquietara no campo. Lembrou-se da conversa anterior com o chefe da torre de controle, e da fila de aviões esperando lugar na rampa lá fora.

Tomou uma decisão espontânea.

— Não vou à cidade, não. Precisamos muito daquela pista e não irei embora antes de me certificar se Patroni chegou.

— Nesse caso — disse Danny — sugiro que chame sua esposa imediatamente. Espere que lhe dou o número.

Mel anotou o telefone, desligou e discou para a cidade.

Perguntou por Cindy, e, após breve demora, escutou o som áspero de sua voz.



— Mel, como é que você ainda não está aqui?

— Desculpe, fiquei retido. Há uma infinidade de problemas no aeroporto. O temporal está muito forte...

— Seu porqueira, venha pra cá de uma vez!

Pelo jeito de falar baixo, deduziu que havia outras pessoas por perto. Mesmo assim conseguiu transmitir uma surpreendente carga de rancor.

Às vezes tentava associar a voz de Cindy atual com a da mulher que conhecera antes do casamento, há quinze anos. Parecia-lhe que tinha sido mais suave. De fato, a sua suavidade fora uma das coisas que lhe atraíram quando se encontraram pela primeira vez em São Francisco, durante uma licença do serviço da marinha na guerra da Coréia. Cindy, na época, era atriz. De pouco relevo, porém. A carreira que sonhara fazer não se concretizara e evidentemente chegara a um impasse. Conseguira uma sucessão de pontinhas cada vez mais insignificantes em teatros de verão e na televisão. Mais tarde, num momento de franqueza, confessou que o casamento havia representado uma libertação oportuna daquele equívoco.

Anos depois a história se modificou um pouco. Passou então a declarar que sacrificara a carreira e provavelmente o estrelato por culpa de Mel. Mais recentemente, entretanto, Cindy passou a omitir qualquer alusão ao seu passado artístico. Ao ler *Town and Country*, descobriu que o Registro Social dificilmente — para não dizer nunca — incluía atrizes em sua lista. E ver o próprio nome incluído era algo que desejava com veemência.

— Irei me encontrar com você na cidade assim que puder — prometeu Mel.

— Prometer não resolve — retrucou Cindy. — Você já devia estar aqui. Sabia muito bem que esta festa é importante para mim, e há uma semana prometeu não faltar.

— Há uma semana eu ignorava que ia haver a maior nevasca desses últimos seis anos. Agora mesmo estamos com uma pista

interditada, há o problema da segurança do aeroporto...

— Você, por acaso, não tem gente trabalhando aí? Ou será que os funcionários que selecionou são tão incompetentes que não saibam agir sozinhos?

— Competência não lhes falta — contestou Mel irritado. — Mas o meu salário também inclui uma certa responsabilidade.

— É uma lástima que não use o mesmo argumento comigo. Basta eu aceitar um compromisso social importante para que você, sem falta, dedique-se ao prazer de arruinar os meus planos.

À proporção que a escutava, percebia que Cindy fervia de indignação. Podia visualizá-la, sem esforço, naquele instante: um metro e setenta de imperiosa energia, com os sapatos de saltos mais altos, faiscando os límpidos olhos azuis, e a cabeça loura, bem penteada, jogada para trás daquele jeito terrivelmente sedutor que assumia quando se zangava. Na opinião de Mel, era um dos motivos porque nunca se intimidou com as suas explosões de temperamento nos primeiros anos de casados. Sempre lhe pareceu que a raiva tornava-a ainda mais atraente. Nesses momentos os seus olhos dedicavam-se a devorá-la, da cabeça aos pés, a começar pelos tornozelos. Mas sem a menor pressa, pois Cindy possuía-os, como as pernas, extraordinariamente bem feitos. Eram, de fato, os mais bonitos que conhecia. E o resto do corpo mantinha o mesmo equilíbrio de proporções e atrativos físicos.

Antigamente, depois que os olhos concluía essa avaliação apreciativa, efetuava-se uma comunhão recíproca e simultânea, impelindo-os a colarem os corpos de maneira impulsiva, faminta, com os resultados previsíveis. Invariavelmente, também, a origem da cólera de Cindy ficava esquecida em meio à onda de sensualismo que os arrastava. Ela alimentava uma selvageria excitante, insistente, e durante o amor suplicava: — *Machuque seu frouxo, machuque!* Quando terminavam, caíam numa tal prostração e esgotamento que a última coisa que sentiam vontade ou disposição para fazer era recomeçar a briga.

Está visto que constituía uma maneira de adiar, em vez de resolver, certas diferenças que — conforme Mel na época já percebia — eram fundamentais. Com o correr dos anos e o decréscimo da paixão física, o seu acúmulo foi ficando cada vez mais pronunciado.

Finalmente cessaram por completo de recorrer ao sexo como lenitivo e nos últimos dois anos, mais ou menos, qualquer espécie de intimidade física tornou-se obra exclusiva do acaso. Cindy, realmente, cujo apetite carnal sempre tinha insistido em ser saciado independente do estado de espírito reinante entre ambos, mostrava-se totalmente indiferente nos últimos meses. Mel começou a desconfiar. Teria algum amante? Era possível. Pensou em tomar uma atitude. O mais triste da situação, porém, é que ficava mais cômodo não se preocupar.

Mas havia ainda ocasiões em que o simples fato de vê-la ou ouvi-la num de seus momentos de fúria voluntariosa provocava-lhe a excitação física, despertando velhos desejos. Era o que lhe acontecia agora, enquanto escutava a sua voz inflamada ao telefone.

Quando conseguiu interrompê-la protestou.

— Não é verdade que sinta prazer em arruinar os seus planos. Quase sempre concordo com o que você quer, mesmo quando acho que não é tão importante assim. Mas gostaria de passar mais frequentemente uma noite em casa, em companhia das meninas.

— Isso é pura besteira — disse Cindy — e você sabe perfeitamente disso.

Sentiu-se tenso, apertando o telefone com mais força. Depois reconheceu que a última observação não deixava de ser verdadeira, até certo ponto. No começo da noite lembrara-se das ocasiões em que permanecera no aeroporto quando podia ter ido para casa — apenas para evitar alguma briga com ela. Roberta e Libby não tinham sido levadas em consideração, como sempre acontece quando um casamento fracassa. Arrependeu-se de tê-las mencionado.

Em todo o caso, porém, essa noite era diferente. Precisava ficar no

aeroporto, pelo menos até ter certeza da desinterdição da pista número trinta.

— Escute — disse Mel — quero deixar uma coisa bem clara. Não contei antes isso pra você, mas durante o ano passado resolvi anotar as nossas saídas. Você me pediu para comparecer a cinqüenta e sete festas de caridade. Consegui ir a quarenta e cinco ao todo, o que representa um número muito superior ao que compareceria por livre e espontânea vontade. Há de concordar que é uma boa média.

— Seu filho da mãe! Pensa que sou algum jogo de futebol pra ficar contando os gols? Sou sua mulher, ouviu?

— Calma! — atalhou enérgico. Começava também a se irritar. — Não sei se já percebeu, mas está falando muito alto. A não ser que queira que toda essa gente simpática aí perto do telefone saiba que o seu marido é uma peste.

— Não ligo a mínima!

Apesar disso baixou de tom.

— Sei perfeitamente que você é a minha mulher e é por esse motivo que pretendo ir para a festa assim que puder.

O que aconteceria se pudesse aproximar-se de Cindy naquele momento e colar o seu corpo a ela? O antigo encanto ainda se manifestaria? Parecia duvidoso.

— Guarde o meu lugar e recomende ao garçom para conservar a sopa quente. Apresente as minhas desculpas e explique a razão do atraso. Presumo que haja alguém aí que tenha ouvido falar na existência deste aeroporto. — Ocorreu-lhe uma idéia: — A propósito, que festa é essa?

— Expliquei na semana passada.

— Explique de novo.

— É uma reunião — coquetel e jantar — para promover o baile à fantasia que será realizado no próximo mês, em benefício do Fundo de Auxílio às Crianças de Archidona. A imprensa está aqui. E vão

fotografar os presentes.

Então Mel compreendeu o motivo da pressa de Cindy. Estando lá, aumentavam as possibilidades de sair nas fotografias — e nas páginas sociais dos jornais do dia seguinte.

— A maioria das senhoras da comissão — insistiu Cindy — já está aqui, em companhia dos maridos.

— Mas não todas?

— Eu disse a maioria.

— E também disse que é para o Fundo de Auxílio de Archidona?

— Disse.

— Qual das duas Archidonas? Existe uma no Equador e outra na Espanha.

Mapas e geografia sempre haviam fascinado Mel nos seus tempos de estudante, e possuía boa memória.

Pela primeira vez, Cindy hesitou. Mas logo acrescentou com impaciência:

— Que importância tem? Não é hora de fazer perguntas idiotas.

Sentiu vontade de soltar uma gargalhada. *Cindy não sabia*. Como sempre, dedicava-se a uma obra de benemerência, cuja finalidade ignorava, exclusivamente pelo prestígio social que traria aos organizadores.

— Quantas cartas você espera obter dessa vez?

— Não sei o que está querendo dizer.

— Ah, sabe, sim.

Para ter possibilidade de ingressar na lista do Registro Social, cada candidato precisava apresentar oito cartas de recomendação de pessoas que já sejam integrantes. Sabia que Cindy recebera apenas quatro da última vez.

— Por Deus, Mel, se você falar alguma coisa — hoje ou em qualquer

outra ocasião...

— As cartas vão ser grátis ou pretende comprá-las, como as outras duas?

Finalmente tinha um trunfo contra ela. Acontecia com rara freqüência.

— Essa sua acusação é muito baixa. Ninguém pode comprar ingresso a ... — Sufocava de indignação.

— Deixe disso! — interrompeu Mel. — Você esquece que sou eu quem recebe os cheques cancelados na nossa conta conjunta.

Houve um silêncio. Depois Cindy afirmou, em voz baixa e enrouquecida:

— Escute o que vou lhe dizer! É melhor que não demore a chegar. Se você não vier, ou então aparecer só para me deixar em má posição com asneiras semelhantes às que acaba de dizer, está tudo acabado. Entendeu?

— Não muito bem. — Ficou calmo. O instinto lhe prevenia que o momento era decisivo para ambos. — Talvez fosse preferível falar mais claro.

— Pois trate de adivinhar — replicou Cindy. E desligou.

Subindo da área de estacionamento para o seu gabinete. Mel sentia uma indignação cada vez mais intensa. Ao contrário de Cindy, não perdia a cabeça com facilidade. O seu tipo de combustão era lento. Agora, porém, estava fervendo de raiva.

Não encontrava um motivo definido. Em boa parte era culpa da esposa, porém existiam também outros fatores: o que considerava um fracasso profissional em preparar, efetivamente, o caminho para uma nova era de aviação; a sua aparente incapacidade de incutir a certeza de suas convicções em qualquer pessoa. Grandes esperanças, todas irrealizadas. De certo modo, analisando bem, parecia-lhe que tanto a sua vida particular quanto a pública haviam-se tornado manifestações vivas de sua insuficiência como homem.

Se o casamento ainda não desmoronara, estava por um fio. E quando isso acontecesse, teria falhado também com as filhas. Ao mesmo tempo, o aeroporto que administrava, e por onde milhares de criaturas de boa-fé transitavam diariamente, resistia a todos os seus esforços e poder de persuasão para evitar o desgaste. O elevado padrão de categoria, que ajudara a criar e lutava por manter, decaía cada vez mais.

Felizmente não encontrou nenhum conhecido no trajeto da sobreloja da diretoria. Tanto melhor. Se alguém lhe dirigisse a palavra naquele momento, por inócua que fosse, obteria uma resposta áspera. Ao chegar em sua sala, despiu as roupas grossas que usara para sair, deixando-as caídas ao chão. Acendeu um cigarro. Mas sentiu um gosto amargo e amassou-o logo. Indo à escrivaninha, percebeu que o ferimento voltava a incomodar, desta vez pior.

Houve uma época — parecia séculos — em que, numa noite como essa, ao sentir dores no pé ferido rumava logo para casa, onde Cindy insistia para que descansasse. Primeiro tomava um banho quente. Depois, deitado de bruços na cama de casal, recebia a massagem que ela lhe fazia nas costas e na nuca com aqueles dedos calmos e firmes, até a dor desaparecer. Naturalmente seria absurdo esperar que voltasse algum dia a fazer o mesmo. E ainda que o fizesse, duvidava que surtisse efeito. Há muitas outras maneiras de duas pessoas perderem contato além do silêncio.

Sentado à escrivaninha, apoiou as mãos à cabeça.

Tal como sucedera antes, em pleno campo, sentia calafrios. Foi então que o telefone tocou repentinamente. Por um instante fingiu não ter ouvido. Tocou novamente, e aí percebeu que se tratava do sistema de alarme vermelho, colocado num suporte ao lado da mesa. Em dois passos rápidos, tirou-o do gancho.

— É Bakersfeld quem está falando.

Escutou vários ruídos e as vozes de outras pessoas atendendo o mesmo chamado.

— Aqui é o controle de trânsito — anunciou o chefe da torre. —  
Ocorreu uma emergência aérea de terceira categoria.



KEITH BAKERSFELD, o irmão de Mel, completou um terço das oito horas do turno habitual na sala de radar do controle de trânsito aéreo.

O temporal estava causando nessa noite um profundo efeito sobre o serviço, embora não se tratasse de nada especialmente físico. Para um espectador leigo, incapaz de decifrar a história intrincada que um sistema de múltiplos painéis revelava, podia até parecer que a tempestade, rugindo do lado de fora das janelas, encontrava-se a mil quilômetros de distância.

A sala do radar ficava situada na torre de observação, um andar abaixo da cabine envidraçada — a torre — de onde o controle de trânsito aéreo dirigia os movimentos das aeronaves em terra e nas manobras das que sobrevoavam diretamente o local. A sua alçada estendia-se além dos limites do aeroporto, e os controladores esforçavam-se para preencher a lacuna entre o serviço local e o centro regional de controle de trânsito aéreo. Esses centros regionais — geralmente muito distantes dos aeroportos — controlavam as principais rotas aéreas utilizadas pelos aviões que pretendiam pousar ou decolar.

Ao contrário da parte superior da torre, a sala de radar não possuía janelas. O Aeroporto Internacional Lincoln, dia e noite, mantinha dez operadores e supervisores de radar trabalhando numa perpétua penumbra, debaixo de fracas luzes fluorescentes. Ao redor deles, ocupando cada milímetro das quatro paredes, espalhavam-se painéis, controles, quadros de transmissão pelo rádio. De modo geral, os funcionários trabalhavam em mangas de camisa, uma vez que a temperatura do ambiente, tanto no inverno como no verão, ficava regulada uniformemente em 25 graus, a fim de proteger o delicado equipamento eletrônico.

Na sala do radar costumava reinar a calma. No entanto, corria,

subterrânea, uma constante pressão nervosa. Nessa noite, por causa do temporal, estava pior e durante os últimos minutos aumentara ainda mais. O efeito era semelhante a esticar uma mola já tensa.

O motivo da intensificação foi um sinal captado por um painel de radar que, por sua vez, acendeu uma luz vermelha intermitente e a campainha de alarme na sala de controle. Esta última já havia parado, porém o sinal manifesto no radar continuava. Apelidado de "flor dupla", florescera na tela como um trêmulo cravo verde, representando o avião em perigo. No caso presente, tratava-se de um KC-135 da Força Aérea Norte-Americana, sobrevoando o aeroporto à grande altura, no meio da tormenta, em busca de uma aterragem imediata. Keith Bakersfeld estivera examinando a superfície plana do painel onde apareceu o sinal de socorro, e agora tinha um supervisor ao seu lado. Ambos transmitiam decisões urgentes, rápidas — pelo telefone interno aos controladores das cidades vizinhas, e pelo rádio às outras aeronaves.

O chefe da torre de observação no pavimento superior foi o primeiro a ser informado do sinal de perigo. Declarou logo uma emergência de terceira categoria, alertando as disposições terrestres do aeroporto.

O painel, alvo de todas as atenções, era formado por um círculo de vidro horizontal, do tamanho de uma roda de bicicleta, inserido na tampa de um consolo. De superfície verde escura, possuía pontos luminosos, também verdes, mostrando todos os aviões que se encontravam dentro de um raio de sessenta e cinco quilômetros de diâmetro. À medida que se deslocavam, os pontos assinalavam o percurso. Ao lado de cada um havia um pequeno marcador plástico que servia para identificar o vôo. Esses marcadores, cognominados "barquinhos", eram manobrados pelos operadores, acompanhando o avanço e a posição respectiva na tela. A cada nova aparição, procedia-se a identificação através do rádio, seguido logo pela marca individual. Os sistemas de radar mais recentes dispensam o emprego dos "barquinhos". Em lugar deles, identificam com códigos de letras e números — fornecendo inclusive a altitude — que

aparecem diretamente no painel. Porém são muito raros e, como todo sistema revolucionário, precisa ser aperfeiçoado.

Nessa noite havia uma quantidade extraordinária de aviões no mostrador, e alguém mesmo disse pouco antes que os pontinhos verdes proliferavam com fertilidade de formiga.

Keith, sentado ao mostrador, mantinha a figura alta e magra curvada para a frente numa cadeira cinzenta de aço. O corpo tenso e as pernas, enfiadas por baixo do assento, conservavam idêntica rigidez. O rosto imóvel e descarnado concentrava-se com uma intensidade que há meses não o abandonava. O reflexo verde do painel, de modo fantasmagórico, acentuava as bolsas profundas sob os olhos. Quem o conhecesse bem, sem tê-lo visto durante o último ano, ficaria chocado com o aspecto e a mudança de atitude. Antes Keith transpirava uma disposição amável, descontraída. Agora tudo isso desaparecera por completo. Apesar de seis anos mais moço que Mel, atualmente dava a impressão de ser o mais velho.

A transformação foi percebida pelos colegas, alguns dos quais encontravam-se trabalhando em outras posições de controle na mesma sala. Também sabiam a causa, que despertara a mais autêntica solidariedade. No entanto, sendo homens práticos, ocupados com um serviço meticuloso, isso não impedia que Wayne Tevis, o supervisor de radar, observasse Keith disfarçadamente nesse instante, reparando nos sintomas de uma tensão crescente, fenômeno que se repetia há certo tempo. Tevis, um texano compridão, de sotaque arrastado, sentava-se no centro da sala numa banqueta alta, de onde divisava por cima dos ombros dos operadores os diversos painéis dedicados a funções específicas. Tinha instalado, pessoalmente, rodinhas nas pernas do banco, montando-o de quando em quando à maneira de um cavalo, impulsionando-o com estocadas das botas de *cowboy*, feitas sob medida, rodando para qualquer canto onde a sua presença fosse imediatamente necessária.

Durante a hora precedente permaneceu constantemente ao lado de Keith. Estava pronto, caso fosse preciso, a substituí-lo no controle

do radar e o instinto lhe dizia que isso podia acontecer a qualquer momento.

Wayne Tevis era um sujeito simpático, apesar das suas extravagâncias. Tremia só em pensar que seria obrigado a recorrer a uma medida como a prevista, pois sabia os efeitos desastrosos que causaria em Keith. Todavia, caso se visse forçado, não hesitaria.

Com os olhos pregados no painel, preveniu com aquele jeito de falar arrastado:

— Keith, meu filho, esse vôo da Braniff está muito perto do da Eastern. Se dirigi-lo para a direita, poderá manter o outro onde está.

Era uma coisa que o próprio Keith devia ter percebido e não o fizera.

O problema que monopolizava a atenção da equipe na sala, consistia em abrir caminho para o KC-135 da Força Aérea, que já iniciara a descida para tentar uma aterragem cega a partir de uma altitude de três mil metros. A dificuldade é que abaixo do grande jato militar havia cinco aviões comerciais, separados por intervalos de trezentos metros e ocupando o limitado espaço aéreo. Todos aguardavam a vez de descer. A poucos quilômetros laterais, outras colunas de aeronaves, separadas por distâncias idênticas, enchiam as rotas aéreas de chegada. E num plano ainda mais baixo, havia mais três transportes de passageiros, prestes a pousar. Era preciso encontrar uma maneira de guiar o avião da Força Aérea através dessa enorme quantidade de vôos civis, evitando qualquer colisão. Em condições normais o empreendimento esgotaria os nervos mais resistentes. Nas circunstâncias atuais, a situação se complicava com a pane do transmissor do KC-135, não havendo possibilidade de estabelecer contato com o piloto por meio do rádio.

Keith Bakersfeld ligou o microfone:

— Braniff oito-vinte-e-nove, vire imediatamente à direita, e volte, dirigindo-se para zero-nove-zero.

Em momentos como este, mesmo sob uma tensão febril, as vozes eram obrigadas a manter a calma. A sua, porém, mostrava-se

exaltada, revelando o seu nervosismo. Percebeu que Wayne Tevis olhava severamente para ele. Sobre a tela do radar, entretanto, os pontos luminosos que antes estavam perigosamente vizinhos, começaram a se separar, à medida que o comandante da Braniff obedecia as instruções. Havia momentos — como este — em que os controladores do trânsito aéreo agradeciam aos céus as reações imediatas e alertas dos aviadores de vôo. Mais tarde, talvez — acontecia frequentemente — reclamassem as súbitas mudanças de rota, que exigem curvas fechadas e abruptas, enfurecendo os passageiros. Mas quando um operador transmitia uma ordem "imediata", obedeciam instantaneamente, deixando as queixas para depois.

Dentro de pouco mais de um minuto, o vôo da Braniff seria forçado a descrever outra volta, da mesma forma que o da Eastern, situado à mesma altura. Antes, porém, era preciso encontrar novos cursos para dois da TWA — um muito alto, o outro menos — além de um Convair da Lake Central, um Vanguard da Air Canadá, e um da Swissair que acabava de entrar na área abrangida pelo painel. Até que o KC-135 conseguisse passar, esses e outros aviões deveriam seguir os seus cursos em zigue-zague, mas só em curtas distâncias, pois nenhum poderia se extraviar para os espaços aéreos adjacentes. De certo modo constituía um jogo de xadrez intrincado, com a diferença de que todas as peças estavam situadas em níveis desiguais e desenvolvendo uma velocidade de várias centenas de quilômetros por hora. Observando as regras do jogo, as peças tinham de ser levantadas ou abaixadas enquanto mantinham a mesma rapidez de avanço, sempre cuidando para nunca chegarem muito perto umas das outras: cinco quilômetros laterais ou trezentos metros verticais, jamais aproximando-se dos limites do tabuleiro. E durante toda a partida, milhares de passageiros, ansiosos para chegar ao término da viagem, viam-se forçados a permanecer em seus assentos no interior dos aviões — a espera.

Nos raros intervalos de tensão, Keith perguntava-se qual seria a sensação, naquele momento, do piloto da Força Aérea, lutando com dificuldades e descendo das nuvens no meio do temporal e do

espaço apinhado de outros vôos. Provavelmente de desamparo. Exatamente como ele próprio se sentia: solitário, a exemplo da própria vida, mesmo quando existe a presença física alheia. O avião dispunha de um copiloto e a tripulação; semelhante à situação de Keith, que tinha os colegas de trabalho, cuja proximidade, no momento, não podia ser maior. Mas não era esse tipo de proximidade que importava. Quando se fica sozinho, no âmago mais recôndito do espírito, onde ninguém consegue penetrar, e não se pode mais sair — isolado e solitário — a viver em companhia da consciência, da lembrança, do remorso e do medo, nada rompe a solidão. Desde o momento em que se nasce até à hora da morte. Sempre e eternamente desamparado.

Keith Bakersfeld sabia como um indivíduo é capaz de se sentir só.

Transmitiu novas rotas, sucessivamente, à Swissair, a um dos da T W A, Lake Central e Eastern. Às suas costas ouvia Wayne Tevis tentando entrar novamente em comunicação com o KC-135 da Força Aérea. Mas a única resposta que obteve foi o insistente sinal de perigo, acionado pelo piloto e visível, a cintilar, no painel do radar. A posição assinalada demonstrava que agia acertadamente: seguindo à risca as instruções recebidas antes da interrupção de funcionamento do rádio. Dessa maneira ficava ciente de que o controle de trânsito aéreo podia antecipar os seus movimentos, confiante que os outros vôos seriam desviados de sua rota.

O avião militar procedia do Havaí, numa viagem sem escalas após o reabastecimento de combustível na costa do Pacífico, e o seu destino era a Base Aérea de Andrews, perto de Washington. A oeste da grande linha divisória das bacias hidrográficas ocorreu uma falha no motor e mais tarde um problema de eletricidade, obrigando o comandante a sondar uma aterragem imprevista em Smoky Hill, no Kansas. Ali, entretanto, a limpeza de neve nas pistas não havia sido concluída, e o KC-135 foi desviado para o Lincoln. O Controle de Rotas Aéreas orientou-o na parte nordeste, através de Missouri e Illinois. Depois, a cinqüenta quilômetros de distância, o Controle de Chegadas do Oeste, na pessoa de Keith Bakersfeld, assumiu a

orientação. E, logo após, a interrupção das transmissões era acrescentada aos dissabores do piloto.

Na maioria das vezes, em condições normais de vôo, os aviões militares evitam os aeroportos civis. Porém numa noite de tempestade como essa o auxílio era pedido e prestado sem discussões.

Na sala escura, repleta de equipamento, os outros operadores também transpiravam. E não podiam revelar o menor indício de tensão ou premência em suas vozes quando falavam com os aviadores. Os comandantes tinham um bom número de preocupações em todos os momentos de vôo. E nessa noite, acoçados pela nevasca, e pilotando exclusivamente com os instrumentos, sem a menor visibilidade diante das carlingas de vôo, os esforços requeridos à sua perícia ficavam multiplicados. A maioria já gastava tempo extra por causa dos atrasos motivados pelo excesso de trânsito. E agora teriam de esperar ainda mais no ar.

Cada posição de controle na sala de radar expedia uma torrente de instruções rápidas e calmas para reter um número cada vez maior de aviões longe da zona de perigo. Todos esperavam a sua vez para pousar e de minuto em minuto chegavam outros. *Um controlador, em voz baixa porém urgente, falou por cima do ombro:*

— Chuck, estou num apuro. Quer pegar o Delta setenta e três?

Era uma maneira de dizer que não conseguia mais dar conta de tudo.

Outra voz.

— Diabo! Também estou numa enrascada... Espere! ... Positivo, consegui. — Um segundo de pausa. — Delta setenta e três, aqui controle de aproximação do Lincoln. Vire à direita, a 120 graus. Mantenha a altitude, 6.500 metros!

Os operadores auxiliavam-se mutuamente, na medida do possível. Dentro de poucos minutos podia ser a vez do segundo homem precisar de socorro.

— Ei, cuidado com esse Northwest — ele está vindo do outro lado. Nossa! até parece a perimetral na hora do *rush!* ... Pan-Am quarenta e quatro, mantenha o ângulo atual. Qual é a sua altitude? ... Esse avião da Lufthansa desviou muito da rota. Tirem esse diabo da zona de entrada! ...

As partidas estavam sendo afastadas da área problemática, porém os vôos de chegada continuavam retidos, perdendo um tempo precioso. Mesmo depois, quando terminasse a emergência, todos sabiam que iriam levar mais de uma hora para desembarçar o acúmulo de tráfego aéreo.

Keith Bakersfeld esforçava-se ao máximo para manter a concentração e reter um quadro mental do setor aos seus cuidados, assim como de cada avião abrangido por ele. Exigia memória instantânea — identificações, posições, tipos de aeronaves, velocidades, altitudes, seqüência de aterragem... um diagrama detalhado, em profundidade, com modificações constantes... uma configuração que nunca se conservava inalterável. Até nos momentos de tranqüilidade, a tensão mental não diminuía. Nessa noite, o temporal impunha um esforço cerebral sem limites. O pesadelo de um controlador é "perder o quadro", situação que ocorre quando a mente sobrecarregada se rebela e não distingue mais nada. Acontecia ocasionalmente, mesmo com os melhores elementos.

Keith já figurara nessa elite. Até um ano atrás, era a ele que os colegas recorriam quando a premência se tornava insuportável. *Keith, estou ficando em transe. Quer se encarregar de mais dois?* E sempre aceitava o pedido.

Ultimamente, porém, os papéis tinham se invertido. Agora eram os outros que o socorriam, da melhor forma possível, pois existe um limite ao auxílio que um homem pode prestar sem descuidar do próprio serviço.

Um maior número de instruções pelo rádio estavam sendo solicitadas. Keith via-se sozinho. Tevis, o supervisor, havia impelido a sua banquetta para um outro canto da sala, onde acompanhava o



trabalho de um operador. O cérebro de Keith estalava de decisões. *Vire Braniff a esquerda, Air-Canadá à direita, Eastern a 180 graus. Foi cumprido: no painel do radar, os sinais mudaram de direção. O Convair da Lake Central é lento, pode esperar mais um minuto. O jato da Swissair não, já ia batendo no da Eastern. O da Swissair precisa receber um novo rumo imediatamente, mas qual? Pensa depressa! Quarenta e cinco graus à direita, mas só por um instante, depois novamente à direita. Fique de olho na TWA e Northwest! Um outro vôo está chegando do lado oeste a toda velocidade — identifique-o e procure mais espaço aéreo. Concentre-se, concentre-se!*

Keith resolveu sombriamente: Não vou perder o quadro hoje, logo agora.

Havia bom motivo para isso. Um segredo que não revelara a ninguém, nem mesmo a Natalie, sua esposa. Apenas Keith Bakersfeld, exclusivamente, sabia que era a última vez que ficaria cuidando de um painel de radar ou suportando uma emergência. Seria o seu último dia no controle de tráfego aéreo. A libertação não tardava.

Assinalava o derradeiro dia de sua vida.

— Faça uma pausa, Keith.

Era a voz do chefe da torre de observação.

Keith não o tinha visto chegar. Havia entrado discretamente e ficara parado ao lado de Wayne Tevis.

Minutos antes, o supervisor dissera baixinho ao chefe da torre:

— Acho que Keith está bem. Fiquei preocupado um momento, mas parece que se reanimou.

Tevis ficou satisfeito por não ter tomado nenhuma medida drástica, porém o chefe da torre murmurou:

— De qualquer modo vamos dar uma folga a ele. — E, depois, refletindo: — Deixe que eu falo.

Vendo-os juntos, Keith percebeu imediatamente o motivo da substituição. A crise continuava e não depositavam confiança nele. A pausa constituía um pretexto: faltava ainda meia hora para o descanso. Devia protestar? Para um operador veterano, representava uma humilhação que seria notada pelos demais. Então pensou: para que criar problema? Não valia a pena. Aliás, um intervalo de dez minutos o revigoraria. Mais tarde, passado o pior da emergência, poderia voltar para completar o resto do turno.

Wayne Tevis inclinou-se para a frente.

— Lee pode tomar o seu lugar, Keith.

Fez sinal ao outro controlador, recém-chegado da pausa de descanso — essa programada.

Keith concordou com um aceno, sem comentários. Porém continuou sentado, transmitindo instruções aos aviões enquanto o colega assimilava o quadro. Geralmente levava vários minutos para o controle trocar de operador. O que ia assumir estudava antes o mostrador, apanhando o conjunto da situação. E precisava também ficar mentalmente tenso.

A tensão — consciente e deliberada — fazia parte do serviço. Os controladores a chamavam de "afiadora do gume" e nos quinze anos que servia no controle de trânsito aéreo Keith havia assistido à mesma coisa com regularidade, tanto para os outros como para si mesmo. Era algo inevitável, como iniciar o trabalho. Como agora, por exemplo. Em outras ocasiões tornava-se uma ação reflexa: irem juntos para o aeroporto — dividindo o táxi, hábito de alguns. Quando partiam de casa, a conversa começava descontraída, normal. Durante o percurso, uma pergunta banal do tipo "Você vai assistir ao jogo no sábado?" causava uma resposta igualmente convencional — "Claro que sim", ou "Não, esta semana não posso". No entanto, ao se aproximar do local do emprego, os ânimos ficavam agressivos e a mesma pergunta — a meio quilômetro do aeroporto — era respondida com um lacônico "positivo" ou "negativo", e mais nada.

Simultâneo à tensa agilidade mental surgia outro requisito — uma

calma deliberada, estudada, a qualquer momento do serviço. Ambos — contraditórios em termos de natureza humana — eram mentalmente exaustivos e, com o correr do tempo, cobravam elevado tributo. Muitos controladores sofriam de úlceras, fato que dissimulavam por medo de perder o cargo. Em vista disso, preferiam gastar com médicos particulares, a recorrer à assistência gratuita a que tinham direito como funcionários do aeroporto. Escondiam frascos de *Maalox* — "o lenitivo da hiperacidez digestiva" — nos armários, ingerindo, de vez em quando, sub-repticiamente, o fluido branco e adocicado.

E não era só. Conhecia vários operadores que se mostravam mesquinhos e irritadiços em casa, com acessos de raiva, em reação a emoções reprimidas. Somado às horas irregulares de trabalho e de sono, que tornavam difícil a vida no lar, alcançaram o resultado previsível. A lista de famílias infelizes era imensa, e o índice de divórcios muito elevado. — Pronto — anunciou o colega — já entendi tudo.

Desocupou a cadeira, desligando os fones das orelhas enquanto o substituto tomava o lugar. Antes mesmo de sentar começou a transmitir novas instruções ao avião mais baixo da TWA.

— O seu irmão falou que talvez passe por aqui mais tarde — avisou o chefe da torre.

Keith fez um aceno com a cabeça e saiu da sala. Não sentia rancor contra ele. Tinha de se preocupar com as suas próprias responsabilidades de chefia. E sentiu-se satisfeito por não ter protestado contra a substituição prematura. Naquele momento, o que desejava antes de mais nada era um cigarro, um pouco de café, e ficar só. Também estava contente por lhe terem poupado a decisão de se afastar daquela emergência. Conhecera uma quantidade excessivamente grande de experiências do mesmo tipo para que fosse lamentar a sua ausência durante aquele clímax emocionante.

Como em qualquer aeroporto importante, emergências de trânsito aéreo de toda espécie ocorriam diversas vezes por dia no Lincoln.

Podiam acontecer sob o céu mais límpido ou durante uma tempestade como a de hoje. Via de regra, pouquíssimas pessoas ficavam a par desses incidentes, porque quase todos se resolviam satisfatoriamente, e os próprios pilotos raramente recebiam uma explicação dos atrasos e instruções imprevistas nas manobras de seus vôos. Em primeiro lugar, porque não havia necessidade. E, em segundo, porque jamais dispunham de tempo para conversar pelo rádio. As equipes de emergência em terra — turmas de salvamento, enfermeiros das ambulâncias, e a polícia — mantinham-se sempre em estado de alerta, bem como a administração geral do aeroporto, e a providência que tomavam dependia da categoria declarada. A primeira categoria era a mais grave, mas quase nunca recorriam a ela, uma vez que indicava acidente fatal. A segunda notificava um perigo iminente, de vida ou dano físico. A terceira, como a atual, constituía uma advertência generalizada a todos os recursos do aeroporto para ficarem de sobreaviso. Podiam ou não ser necessários. Para os controladores, porém, qualquer tipo de emergência acarretava pressões e conseqüências extras.

Keith entrou no vestiário dos operadores, contíguo à sala de controle do radar. Agora que dispunha de alguns minutos de tranqüilidade para raciocinar, desejava, em nome do sossego comum, que tanto o piloto do KC-135 da Força Aérea quanto os demais aviões que aguardavam vez conseguissem pousar em segurança no meio da nevasca.

O vestiário, um minúsculo cubículo de janela única, tinha três paredes com armários fechados a cadeado, e um banco de madeira ocupando o espaço central. Um quadro de avisos ao lado da vidraça exibia uma miscelânea de boletins oficiais e convites dos clubes recreativos do aeroporto. Do teto pendia uma lâmpada desguarnecida, espalhando uma claridade ofuscante após a penumbra da sala de radar. Não havia ninguém. Estendeu a mão e apagou a luz. Os refletores externos bastavam para iluminar o aposento.

Acendeu um cigarro. Depois, abrindo o armário, retirou a marmitta

com o lanche preparado por Natalie antes de sair de casa à tarde. Enquanto enchia um copo de café da garrafa térmica, perguntou-se se a esposa não teria incluído algum bilhete, ou mesmo algum recorte sem importância, de jornal ou revista. Frequentemente fazia ambas as coisas, ou pelo menos uma, na esperança — julgava Keith — de estimulá-lo um pouco. Sempre se esforçara nesse sentido, desde o início do problema. À princípio lançara mão de recursos óbvios. Depois, ao perceber sua inutilidade, passou a outros mais sutis, embora o marido sempre adivinhasse — de maneira fria, desinteressada — precisamente o que estava tentando ou querendo conseguir. Com o correr do tempo, os bilhetes e os recortes ficaram cada vez mais raros.

Talvez Natalie também tivesse perdido, finalmente, o ânimo. Nesses últimos meses encontrava pouca coisa para comentar e Keith sabia, pelos olhos vermelhos, que também chorava.

Quando notou, procurou ajudá-la. Mas que poderia fazer — se não conseguia resolver os próprios problemas?

Havia uma fotografia sua, colada no interior do armário — um instantâneo colorido, tirado por ele. Estava pendurado ali há três anos. Agora, a claridade externa iluminava-o fracamente. Porém conhecia tão bem o retrato que podia enxergar perfeitamente, com ou sem luz.

Natalie estava de biquíni, sentada em cima de uma rocha rindo, com a mão delicada a proteger os olhos contra a intensidade do sol. Os cabelos quase louros escorriam-lhe pelas costas, e tinha o rostinho petulante coberto de sardas, como sempre acontecia no verão. Ela possuía uma qualidade travessa, infantil, aliada à força de caráter, e a câmera captara ambas. Ao fundo aparecia um lago azul, altos pinheiros e uma formação rochosa. Fora durante uma viagem de férias ao Canadá. Estacionaram o carro à beira d'água em Haliburton, e armaram uma barraca. Os dois filhos, Brian e Theo, tinham ficado em Chicago, na companhia de Mel e Cindy. Foi uma das épocas mais felizes que Keith e Natalie haviam desfrutado.

Talvez, pensou, recordar tudo aquilo não fosse nada mau para a sua situação.

Atrás da fotografia encontrou um papel dobrado. Era um dos recados que Natalie colocava esporadicamente junto com o lanche. Datava de poucos meses atrás e, por um motivo qualquer, resolvera guardá-lo. Embora soubesse de cor o que estava escrito, apanhou-o e foi à janela para enxergar melhor. Não passava de um recorte de revista, e algumas linhas com a letra da esposa.

Natalie costumava interessar-se pelos assuntos mais bizarros, alguns positivamente excêntricos, e encorajava Keith e os garotos a participar. O trecho recortado versava sobre experiências em curso, efetuadas por geneticistas norte-americanos. Segundo eles, o esperma humano já podia ser congelado com rapidez. Colocado em temperatura extremamente baixa, mantinha-se em condições perfeitas por tempo indefinido. Após o degelo, seria usado para a fertilização das mulheres a qualquer momento — na atualidade ou nas gerações futuras.

Natalie escrevera:

Calculem quanto espaço Noé podia ter economizado.

Com um estoque de esperma congelado... Consta que a moda agora... É parir às carreiras,

Pois é simples — basta abrir as geladeiras.

Menos mal que o nosso quinhão Foi de puro amor e paixão.

Naquele tempo ela ainda se esforçava, e desesperadamente, para recuperarem a felicidade antiga... 'Primeiro, quando só havia os dois — mais tarde, com a família formada. *Amor e paixão.*

Mel também emprestara o seu apoio. Junto com Natalie, lutou para persuadir o irmão a se libertar da torrente de angústia e depressão que o subjugava por completo.

Keith fez o que pôde para corresponder. Buscou no recôndito mais íntimo da consciência uma centelha de ânimo para retribuir com

um esforço próprio a força que lhe ofereciam — para responder àquela dádiva de carinho com o seu maior afeto. Fracassou, porém, porque já não dispunha, como havia previsto, de nenhuma sobra de sentimento ou emoção. Nenhum ardor, amor, ou até mesmo raiva, que pudessem 'ser reavivados. Apenas tristeza, remorso e um desespero que tudo sufocavam.

Natalie agora compreendia o fracasso — Keith estava certo disso. E suspeitava que fosse o motivo do seu pranto, às escondidas.

E Mel? É capaz que tivesse resolvido, também, desistir. Embora não de todo — lembrava-se do que o chefe da torre dissera há pouco: "O seu irmão falou que talvez passe por aqui mais tarde..."

Seria melhor que não passasse. Keith não conseguia corresponder ao interesse demonstrado pelo irmão, embora desde a infância fossem muito unidos. A presença de Mel só serviria para piorar a situação.

Estava exausto, esgotado demais para enfrentar novas complicações.

Perguntou-se novamente se Natalie incluía algum bilhete no lanche dessa noite. Examinou o conteúdo da marmita na esperança de que não tivesse esquecido.

Encontrou sanduíches de presunto e agrião, um recipiente de requeijão, uma pera e papel de embrulho. Mais nada.

Agora que sabia que não havia recado, ficou desconsolado. Qualquer tipo de observação, até a mais banal. Depois, compreendeu — a culpa era exclusivamente sua: não dera tempo. Por causa dos preparativos que devia fazer, tinha saído de casa mais cedo que de costume. Natalie, sem estar prevenida, fora obrigada a se apressar. Houve um momento em que Keith sugeriu desistir do lanche, alegando que poderia comer qualquer coisa num dos cafés do aeroporto. Ela, porém, sabendo como sempre vivem cheios de gente e alarido — dois motivos de irritação para o marido — negara-se, prosseguindo com a maior rapidez possível. Não lhe perguntou porque tinha de sair mais cedo, embora soubesse que estava curiosa. Para Keith foi um alívio. Se tivesse feito alguma pergunta,

seria obrigado a inventar um pretexto, e não queria que as derradeiras palavras trocadas entre ambos fossem mentiras.

E afinal dispôs de tempo suficiente para realizar o que pretendia. Conduziu o carro até às proximidades comerciais do aeroporto e assinou o livro de hóspedes no Hotel O'Haggan, onde, às primeiras horas do dia, fizera uma reserva pelo telefone. Planejava minuciosamente um esquema, idealizado há várias semanas. Contudo esperou — para dar tempo de pensar e adquirir certeza — antes de pô-lo em funcionamento. Depois de inspecionar o quarto, seguiu para o Lincoln, chegando pontualmente, a tempo de iniciar o serviço.

O O'Haggan distava alguns minutos de carro do aeroporto. Dentro de poucas horas, quando terminasse o seu turno, podia dirigir-se para lá rapidamente. Estava com a chave do quarto. Tirou-a do bolso para se certificar.



A INFORMAÇÃO — transmitida anteriormente a Mel Bakersfeld pelo chefe da torre de controle — acerca de uma assembléia de moradores de Meadowood, era absolutamente certa.

Realizada no salão paroquial da Igreja Batista do bairro — a quinze segundos, num vôo a jato, da extremidade da pista vinte e cinco — encontrava-se em reunião há meia hora. Tinha sofrido um atraso, pois a maioria dos seiscentos residentes que compareceram viram-se forçados a abrir caminho, em carros e a pé, no meio da neve mais espessa. Mas finalmente conseguiram chegar.

Constituíam um grupo heterogêneo, como é natural em qualquer comunidade de moradias de nível médio. Havia um punhado de funcionários de certa categoria, alguns artesãos e uma variedade de comerciantes locais. O número de homens e mulheres era praticamente igual. Sendo noite de sexta-feira, portanto fim-de-semana, quase todos vestiam roupas esporte. As únicas exceções eram formadas por meia dúzia de forasteiros, além de inúmeros jornalistas.

O pavilhão encontrava-se agora incomodamente atulhado de gente, abafado e repleto de fumaça. Todas as cadeiras disponíveis estavam ocupadas e havia, no mínimo, cem pessoas em pé.

O comparecimento em massa numa noite semelhante, abandonando os lares aquecidos, denotava com eloqüência o fervor de suas preocupações. Mais: naquele instante indicava uma unanimidade de indignação.

Essa indignação — quase palpável, como a fumaça provocada pelos cigarros — tinha duas "causas. Em primeiro lugar, o ressentimento de longa data contra os efeitos produzidos pelo aeroporto — o barulho atordoante, ensurdecador, da propulsão a jato que abalava

as residências do bairro, dia e noite, rompendo a paz e a intimidade, acordados ou dormindo. Em segundo lugar, a frustração imediata por não poderem, durante a maior parte da assembléia, ouvir o que os oradores diziam.

Em parte, essa última dificuldade havia sido prevista. Afinal de contas, o assunto da reunião ia ser precisamente este, e um sistema portátil de alto-falantes fora cedido pela igreja. Mas o que não esperavam, no entanto, é que precisamente nessa noite os aviões decolassem bem por cima do teto, tornando inúteis quaisquer tentativas de audição, mesmo com o emprego de microfones. O motivo, ignorado por completo por pessoas que não aceitariam, de resto, nenhuma explicação, resumia-se na interdição da pista trinta por causa do 707 atolado da Aéreo-Mexicana, obrigando os vôos a usar a dezessete. Ora, essa última se estendia como uma flecha na direção de Meadowood, ao passo que a outra, quando utilizada, ao menos desviava as partidas ligeiramente para um lado.

Aproveitando um instante de silêncio, o presidente da reunião, com o rosto afogueado, gritou:

— Senhoras e senhores, há anos tentamos convencer a administração e as linhas aéreas do aeroporto. Denunciamos a violação de nossos lares. Provamos, com testemunhos irrefutáveis, que uma vida normal — sob a barragem de ruído que somos forçados a suportar — tornou-se impraticável. Fizemos ver o perigo que representa para a saúde mental, obrigando nossas esposas, nossos filhos e nós mesmos a viver sob a ameaça de um colapso nervoso, coisa que já vitimou alguns membros desta comunidade.

O orador, um sujeito calvo, de queixo quadrado, chamado Floyd Zanetta, era gerente de uma tipografia e proprietário de uma casa no bairro. Com sessenta anos de idade, elemento de proa nas questões que envolviam o interesse de Meadowood, ostentava uma insígnia de veterano dos Kiwanis na lapela do paletó esporte.

Junto com outro homem mais jovem e impecavelmente vestido, ocupava uma pequena plataforma erguida diante da assistência. O

que estava sentado chamava-se Elliott Freemantle e era advogado. Tinha ao seu lado uma pasta de couro preto aberta.

Floyd Zanetta vibrou um murro enérgico na estante à sua frente.

— E que fazem eles? Já lhes digo: Fingem. Fingem ouvir. E enquanto isso, prometem mundos e fundos, sem a menor intenção de cumprir. Tanto a administração do aeroporto, como a AFA e as empresas de vôo, não passam de farsantes e mentirosos...

Ninguém conseguiu escutar a palavra "mentirosos", encoberta por um som ensurdecedor, quase inacreditável, que veio crescendo com um rugido monstruoso, fortíssimo, que parecia envolver e estremecer os alicerces do prédio. Para se protegerem, muitos assistentes colocaram as mãos nas orelhas. Alguns ergueram os olhos assustados para o teto. Outros, fuzilando de raiva, discutiam ardentemente com os vizinhos, se bem que era preciso ser leitor de lábios para descobrir o que estavam dizendo: nenhuma palavra era audível. Uma jarra d'água na estante do orador estremeceu. Se Zanetta não a amparasse logo, teria caído e se esfaqueado no chão.

Com a mesma rapidez com que começou e aumentou, o trovão decresceu e sumiu. Agora a vários quilômetros de distância e altitude, o vôo 58 da Pan-American ganhava os céus no meio da tormenta e das trevas, em busca de níveis cada vez mais altos e mais límpidos, rumo a Francfort, Alemanha. Chegou, então a vez do vôo 23 da Continental Airlines, com destino a Denver, Colorado, decolar na extremidade da pista vinte e cinco desinterditada. Sobrevoou Meadowood. Outros aviões, já enfileirados na via de acesso contígua, aguardavam o sinal de partida.

A mesma coisa já durava a noite toda, mesmo antes do início da assembléia. E depois que começou, os discursos tinham de respeitar breves intervalos a cada estrondo esmagador das decolagens.

Zanetta prosseguiu rápido:

— Como disse, não passam de farsantes e mentirosos. O que sucede neste momento representa uma prova insofismável. Podiam ter ao menos a consideração de utilizar os silenciadores, mas hoje à noite

nem ao menos isso...

— Presidente — interrompeu uma voz feminina no seio da plateia — o senhor está dizendo coisas que todos nós estamos fartos de saber. Bater na mesma tecla não modifica a situação.

Todos os olhares convergiram para a mulher, agora em pé. Possuía uma fisionomia enérgica, inteligente, e longos cabelos castanhos que teimavam em lhe cobrir o rosto, sendo jogados para trás com impaciência.

— O que gostaria de saber, não só eu como outros presentes, é se viemos conversar ou vamos agir?

Irrompeu uma salva de palmas e bravos.

— Se a senhora — disse Zanetta irritado — tiver a bondade de me deixar terminar...

Era impossível.

Nova trovoadas atordoante sacudia o salão paroquial.

A coincidência do último reparo de Zanetta com essa decolagem provocou uma série de gargalhadas, a primeira da noite. O próprio orador foi obrigado a sorrir enquanto erguia as mãos com gesto desolado.

Uma voz de homem gritou impaciente:

— Vamos logo ao que interessa!

Zanetta assentiu. Prosseguiu falando, escolhendo as palavras como um alpinista a saltar de pedra em pedra, observando as irrupções periódicas de som que sobrevinham. Declarou que o bairro precisava abandonar a cortesia e recorrer à pressão violenta contra as autoridades do aeroporto. E propôs que a palavra de ordem, de agora em diante, se resumisse num ataque em bases estritamente legais. Os cidadãos de Meadowood gozavam de plenos direitos, cujo exercício livre estava sendo infringido. Recorrer aos tribunais fazia parte de seus privilégios. Por conseguinte, deviam preparar-se para lutar nas cortes de justiça encarniçadamente, até mesmo com

espírito maligno, se fosse necessário. Quanto à forma legal da ofensiva, tinham a felicidade de contar com a presença de um renomado advogado, Mr. Elliott Freemantle, cujo escritório ficava no "Loop" no centro da cidade. Mr. Freemantle tinha procedido um levantamento das leis relacionadas com excesso de ruídos, domicílios particulares e espaço aéreo e, dentro em pouco, todos que haviam enfrentado o mau tempo para comparecer à reunião iriam ouvir a opinião do notável causídico. Ele, na realidade, ia apresentar uma proposta.

Enquanto Zanetta desfiava lugares-comuns, Elliott Freemantle se impacientava. Passou a mão levemente pelos cabelos grisalhos, impecavelmente aparados, certificou-se da maciez do queixo e das faces — barbeara-se uma hora antes da assembléia — e o olfato apurado confirmou-lhe a permanência da finíssima loção que sempre usava após a toailete e os banhos de raio ultravioleta. Cruzou de novo as pernas, observando que os sapatos de crocodilo — preço: duzentos dólares — continuavam lustrosos como um espelho e tendo o cuidado de manter o friso nas calças do terno feito sob medida. Fazia muito tempo que Elliott Freemantle descobrira que todo mundo prefere o advogado — com médicos sucede o oposto — de aparência próspera. Emprasta-lhe uma aura de triunfo no tribunal que coincide exatamente com o tipo de êxito sonhado pelos litigantes.

A sua esperança resumia-se em contar a maioria da assistência ali presente, como futuros constituintes. Enquanto isso, só torcia para que Zanetta, aquele maldito papagaio decrépito, fechasse a matraca de uma vez, para então assumir a palavra. A maneira mais fácil de perder uma plateia, de ouvintes ou de jurados, é dar-lhes tempo de pensar mais rápido do que o orador, permitindo adivinhar o que vai dizer. O instinto finamente aguçado segredava-lhe que era justamente o que estava acontecendo naquele momento. Acarretaria um dispêndio de energia muito maior do que tinha previsto para, ao chegar a sua vez, estabelecer a sua competência e superioridade intelectual.

O fato, porém, é que muitos colegas de profissão contestariam essa sua pretensão. Talvez até objetassem à descrição do presidente da assembléia, que o apresentava como uma pessoa do mais alto respeito.

Outros advogados o consideravam um mero exibicionista, conjugando honorários exorbitantes com uma capacidade histriônica de atrair a atenção. Todos, entretanto, confessavam que era dotado de talento invejável para farejar de imediato as conseqüências espetaculares e lucrativas de causas aparentemente sem brilho.

Para Elliott Freemantle, a situação de Meadowood apresentava-se sob medida.

Lera a respeito do problema do bairro, conseguindo logo, através de contatos, que o seu nome fosse sugerido a inúmeros proprietários de moradias como o único jurista com possibilidades de auxiliá-los. Em decorrência disso, uma comissão de representantes não tardou a procurá-lo, colocando-o em posição privilegiada e fornecendo-lhe uma vantagem psicológica, com a qual contava desde o início. Já havia efetuado uma análise superficial das leis referentes ao assunto e dos mais recentes acórdãos dos tribunais sobre a lei do silêncio e inviolabilidade do domicílio — questões que lhe eram totalmente inéditas — e ao receber a comissão, comportou-se com a segurança de um especialista no assunto.

Posteriormente sugeriu a convocação de uma assembléia a qual compareceria.

Graças a Deus! Tudo indicava que Zanetta, finalmente, havia encerrado a sua inacabável arenga. Banal até o último instante, já recitava:

— ... e assim tenho a honra e o prazer de apresentar...

Sem ao menos esperar que o nome fosse pronunciado, Elliott Freemantle ergueu-se da cadeira. Começou a falar sem dar tempo às nádegas de Zanetta de entrar em contato com o assento. Seguindo velha praxe, dispensou rodeios.

— Se esperam que eu sinta pena de vocês, podem levantar e ir embora, porque isso é coisa que não tenho para dar. Nem nesta reunião, nem em nenhuma outra que porventura venha a se efetuar. Não forneço toalhas para lágrimas. Portanto, se é disso que precisam, aconselho a usarem as que possuem em casa, ou a tomar emprestadas as dos vizinhos. Só entendo de leis. Leis e mais nada.

Falava deliberadamente com voz áspera, na certeza de provocar um estremeamento, o efeito visado.

Viu também os jornalistas levantarem a vista, imediatamente atentos. Eram três, instalados na mesa reservada à imprensa, perto do estrado dos oradores: dois rapazes que trabalhavam para os diários de maior tiragem na cidade, e uma velhota, representante de um semanário local. Todos estavam incluídos em seus planos, e dera-se o incômodo de descobrir-lhes nomes e trocar algumas palavras com cada um antes do início da reunião. Agora os lápis corriam pelo papel. Ótimo! Não havia projeto de Elliott Freemantle em que não figurasse, em lugar destacado, a colaboração com os órgãos de opinião pública. E sabia, por experiência, que o melhor modo de obtê-la é com uma história de grande interesse, vista sob um ângulo inteiramente novo. Em geral lograva êxito. Jornalista sempre gosta disso — muito mais do que copa franca — e quanto mais interessante e pitoresca a história, mais solidária a tendência manifesta pela reportagem.

Voltou a atenção para a assistência.

Usando um tom pouco menos agressivo, continuou:

— Se decidirmos que serei o representante de vocês, terei de formular perguntas sobre o efeito causado pelo barulho do aeroporto em seus lares, suas famílias, e na sua saúde física e mental. Porém, não cometam o equívoco de imaginar que estou interessado pessoalmente nessas coisas, ou que os considere individualmente. Francamente isso não me preocupa nem um pouco. É melhor que fiquem sabendo desde já que sou um sujeito extremamente egoísta. Quando formulo esse tipo de perguntas,

limito-me a averiguar a extensão do prejuízo sofrido em termos da lei. Já estou convencido da existência desse prejuízo — talvez em proporções consideráveis — e nesse caso fazem jus à reparação legal. Quero, contudo, frisar que sejam quais forem as respostas, e por mais que me deixe apaixonar pela questão, não costumo sofrer de insônia por causa do bem-estar dos meus constituintes fora do escritório ou do tribunal. No entanto...

Freemantle fez uma pausa dramática e apontou o público com o dedo para sublinhar o que ia dizer.

— No entanto, em meu escritório e no tribunal, na qualidade de meus constituintes, contarão com a minha atenção e capacidade integrais, *em questões jurídicas*. E nessas ocasiões, se chegarmos a trabalhar juntos, prometo que darão graças a Deus por eu estar do seu lado e não do adversário. Agora monopolizava todas as atenções do recinto. Homens e mulheres, sem distinção, chegavam a se inclinar para a frente nas cadeiras, esforçando-se para não perder uma só palavra a cada interrupção — observada rigorosamente — das aeronaves que sobrevoavam continuamente o bairro. A princípio, algumas fisionomias exprimiram hostilidade, mas o número era reduzido. Decidiu que podia diminuir um pouco a pressão. Com um sorriso rápido, passou a falar seriamente.

— Estou-lhes dizendo tudo isso para que não tenham dúvidas. Certas pessoas me acusam de maldade e antipatia. Talvez com razão, embora, pessoalmente, se precisasse dos serviços de um advogado, não hesitaria nunca em escolher um que fosse mau e antipático. E intransigente — a meu favor.

Houve alguns acenos e sorrisos de aprovação.

— É lógico que, se procuram um camarada simpático e disposto a demonstrar compaixão em detrimento de uma assistência legal mais completa — Elliott Freemantle ergueu os ombros — o problema é de vocês.

Estivera observando os ouvintes atentamente. Um homem de aspecto respeitável, com óculos de aros grossos, inclinou-se para



uma mulher e cochichou. Pelas suas expressões, adivinhou o que estaria dizendo.

— Assim, sim! Era disso que precisávamos.

A mulher, a esposa provavelmente, concordou com a cabeça. Por toda a sala, outras feições traduziam reação idêntica.

Como sempre acontecia em ocasiões semelhantes, Elliott Freemantle calculara astutamente o clima reinante antes de aplicar o estilo adequado. Percebeu logo que estavam fartos de consolos convencionais — bem intencionados, mas inoperantes. As suas palavras, brutalmente francas, equivaliam a uma ducha fria, refrescante. Agora, antes que pudessem descansar o espírito e divagar a atenção, precisava adotar uma nova tática. Soava o momento de se mostrar conciso — apresentando hoje à noite, diante desse grupo, uma dissertação sobre a lei do silêncio. O recurso que ia usar para reter o interesse da plateia — truque no qual era mestre — consistia em guardar apenas meio passo mental de avanço sobre ela. Se ultrapassasse esse limite, corria o risco de perder a compreensão e cansar os ouvintes.

— Prestem atenção — concitou. — Vou me referir ao problema específico.

A lei do silêncio, declarou, encontrava-se sob a análise cada vez mais interessada dos juristas do país. Os velhos conceitos já não serviam. Novos acórdãos estabeleciam o excesso de barulho como uma invasão dos direitos privados, além de constituir uma infração à propriedade. E, mais importante, os tribunais mostravam-se inclinados a estipular proibições e conceder ressarcimento monetário nos casos em que a intrusão — inclusive aérea — ficasse comprovada.

Elliott Freemantle observou nova pausa enquanto outra decolagem sobrevoava trovejante. Gesticulou para o alto.

— Acho que não encontrarão dificuldade em matéria de provas.

Na mesa reservada à imprensa, os três jornalistas anotaram a

observação.

O Supremo Tribunal norte-americano, prosseguiu, já estabeleceu um precedente. Num processo que opunha o governo a um fazendeiro de Greensboro, Carolina do Norte, chamado Causby, o juiz declarou que o criador de galinhas tinha direito à indenização por causa da "invasão" de aviões militares que sobrevoavam muito baixo a região de sua casa. Ao decidir sobre a questão de Causby, o juiz William O. Douglas declarou: — "... se o fazendeiro tem direito ao pleno usufruto do cultivo da terra, precisa exercer um controle exclusivo da extensão imediata da atmosfera circunvizinhante." Em outro caso examinado pelo Supremo, *Griggs contra o município de Allegheny*, foi mantido um princípio semelhante. Nas cortes estaduais de Oregon e Washington, nos processos de *Thornburg contra o porto de Portland*, e *Martin contra o porto de Seattle*, foram outorgadas compensações por excesso de barulho de aviões, embora o espaço aéreo imediatamente acima das propriedades dos queixosos não tivesse sido violado. Outras comunidades haviam iniciado, ou pretendiam, uma ação legal da mesma índole, e algumas chegavam a recorrer a aparelhamentos sonoros de filmagem para provar as alegações. Os gravadores registravam a intensidade do som e as câmeras fotografavam a altitude dos aviões. Ficava frequentemente comprovado que o barulho era maior e os vôos mais baixos do que as linhas aéreas e a administração dos aeroportos estavam dispostos a reconhecer. Em Los Angeles, um proprietário processou o aeroporto internacional afirmando que, ao permitirem o pouso numa pista recentemente ampliada, vizinha de sua casa, haviam imposto um gravame ao seu patrimônio, não previsto pela lei. O proprietário reclamava dez mil dólares de indenização, soma que julgava proporcional à desvalorização sofrida pelo imóvel. Por toda parte assinalava-se um acúmulo de casos semelhantes, debatidos nos tribunais.

O desempenho foi sucinto e marcante. A referência a uma importância específica — dez mil dólares — despertou interesse imediato, tal como havia previsto. O conjunto da apresentação possuía a ressonância de fatos fundamentados, como se fosse

produto de anos de estudo. Só o próprio Freemantle sabia que os "fatos" eram o resultado, não de estafante pesquisa jurídica, mas de duas horas, na tarde da véspera, passadas no exame de recortes de jornais no arquivo de um diário do centro da cidade.

Teve o cuidado de silenciar, também, inúmeros outros fatos. O criador de galinhas levava a ação ao Supremo Tribunal há mais de vinte anos, e o total recebido como indenização limitara-se a uns magros trezentos e setenta e cinco dólares — preço equivalente a alguns frangos limpos. O processo de Los Angeles não passava de uma petição que ainda não fora julgada pelo tribunal, e talvez nunca chegasse a sê-lo. Uma questão muito mais importante, *Batten contra os Estados Unidos*, cuja sentença foi pronunciada pelo Supremo Tribunal em data bastante recente (1963), Elliott Freemantle preferiu não mencionar. A corte decidiu que apenas uma "invasão física" literal criava a possibilidade — o simples barulho não podia ser tomado em consideração. Como em Meadowood não ocorria invasão alguma, o precedente estabelecia o risco de se perder a ação legal antes mesmo de iniciá-la.

O advogado, porém, não sentia o menor desejo de divulgar o fato, pelo menos por enquanto. Jamais se preocupara, aliás, em ganhar ou perder uma questão jurídica. Queria apenas contar com os moradores de Meadowood como constituintes — por um honorário escandaloso.

Nesse sentido, já tinha efetuado a contagem mental do número de presentes, acrescida de algumas operações aritméticas. O resultado era positivamente embriagador.

Entre as seiscentas pessoas que formavam o público, calculou que umas quinhentas, talvez até mais, seriam proprietárias de residências. Fazendo-se um desconto dos prováveis casais, significava um mínimo de duzentos e cinqüenta constituintes. Se cada um deles fosse persuadido a assinar um compromisso inicial de cem dólares por cabeça — coisa que Elliott Freemantle tinha esperança que ocorresse antes do fim da reunião — uma soma total superior a vinte e cinco mil dólares parecia decididamente ao

alcance.

Em outras ocasiões conseguira obter o mesmo fim. É fantástico o que se pode realizar com ousadia, especialmente quando as criaturas ardem para defender os próprios interesses. Um vasto sortimento de formulários impressos, firmando o depósito inicial, enchia a sua pasta. *O acordo aqui combinado entre ... que será designado no correr da presente ação como queixoso (s), e Freemantle & Sye, seus representantes legais, que ficarão encarregados das formalidades requeridas pelo processo de reclamação de perdas e danos causados ao(s) queixoso (s) pelo uso de aviões no aeroporto internacional Lincoln estipula que — O(s) queixoso (s) concorda em pagar aos mencionados Freemantle & Sye a importância de cem dólares, em quatro prestações de vinte e cinco dólares, ficando estabelecido que a primeira é vencível no momento de assinatura do presente documento, sendo o saldo cobrável trimestralmente... Convenciona-se ainda que, na eventualidade de as suas pretensões virem a ser atendidas, o(s) queixoso(s) pagará(ão) a Freemantle & Sye dez por cento do montante bruto da indenização recebida...*

Os dez por cento constituíam uma possibilidade remota, pois era extremamente improvável que recebessem qualquer indenização. Mesmo assim, a lei comporta toda espécie de eventualidades, e Elliott Freemantle achou melhor precaver-se contra qualquer hipótese.

— Já lhes informei quanto ao aspecto jurídico — afirmou. — Agora quero dar um conselho. — Desfechou um de seus raros e fugazes sorrisos. — Constitui apenas uma amostra grátis, porém — como uma pasta dental — os tubos subseqüentes terão de ser pagos.

Provocou uma reação de gargalhadas, atalhadas bruscamente por um gesto imperioso.

— O conselho é o seguinte: a única coisa que deve preocupá-los deste momento em diante é agir. Agir sem perda de tempo.

A tirada produziu aplausos de entusiasmo e novas manifestações de

apoio.

Sempre houve tendência, afirmou, em considerar os trâmites legais como automaticamente lentos e tediosos. Embora fosse muitas vezes verdade, ocorriam exceções em que, pelo uso de determinação e habilidade jurídica, o cumprimento da lei podia ser acelerado. No caso presente, a ação legal devia ser iniciada imediatamente, sem permitir que as linhas aéreas e o aeroporto, pela reiteração do barulho durante um período de vários anos, pudessem reivindicar o costume e a prática continuada. Como para sublinhar o argumento, uma nova aeronave sobrevoou o salão paroquial com estrondo. Antes que o ruído amortecesse, Elliott Freemantle berrou:

— Por isso repito — o meu conselho é não esperar mais!

Comecem a agir hoje mesmo. Agora!

Entre os ouvintes mais próximos, um rapaz, vestido com um paletó de alpaca e calças de lonita, levantou-se repentinamente.

— Muito bem! Diga-nos o que se deve fazer.

— Para começar — se quiserem — podem me eleger seu representante legal.

Houve um coro instantâneo de várias centenas de vozes. — Queremos, sim.

O presidente da assembléia, Floyd Zanetta, ergueu-se novamente, à espera do fim das aclamações. Parecia satisfeito. Dois jornalistas viraram as cadeiras para observar melhor a franca euforia que percorria o recinto. O terceiro representante da imprensa — a velha do semanário local — ergueu os olhos para a plataforma com um sorriso cordial. Surtira o efeito previsto por Elliott Freemantle. O resto, sabia perfeitamente, seria mera rotina. Durante a próxima meia hora, a maior parte dos formulários de sua pasta estariam preenchidos, ao passo que o restante seria levado para casa, discutido e provavelmente enviado pelo correio na manhã seguinte. Não se tratava de pessoas que tivessem receio de assinar documentos, nem de trâmites legais. Acostumaram-se a ambas as

coisas ao comprar as suas casas. A soma de cem dólares tampouco parecia exorbitante — alguns podiam até ficar surpresos que fosse tão barato. Apenas um punhado se daria o trabalho de efetuar os mesmos cálculos mentais a que Elliott Freemantle se entregara. E se chegassem a reclamar o vultoso montante final, podia sempre argumentar que os honorários se justificavam pela responsabilidade do volume do próprio empreendimento.

Ademais, ficariam recompensados — ia proporcionar-lhes um espetáculo excelente, com fogos de artifícios, tanto no tribunal como em outros lugares. Consultou o relógio. Precisava continuar logo. Agora que assegurara os seus préstimos, queria consolidar a relação encenando o primeiro ato da peça. Como tudo que fizera até agora, tratava-se de algo já planejado e destinado a atrair a atenção — muito mais do que a assembléia — dos matutinos locais. E serviria para confirmar que não estava brincando ao declarar que não havia tempo a perder.

Os personagens do drama seriam os moradores de Meadowood, ali reunidos. Confiava que todos se prontificassem a abandonar o recinto e ficar acordados até tarde.

O cenário era o aeroporto.

O período da ação: essa mesma noite.

APROXIMADAMENTE à mesma hora em que Elliott Freemantle saboreava o seu triunfo, um ex-construtor chamado D. O. Guerrero, amargurado e vítima de toda espécie de frustrações, entregava-se ao mais negro desespero.

A mais ou menos trinta quilômetros do aeroporto, encontrava-se fechado no quarto miserável de um prédio de apartamentos sem elevador na zona sul da cidade. No andar térreo havia uma lanchonete, dessas que servem talheres sujos. Ficava na rua 51, pouco distante dos matadouros.

Homem alto e descarnado, ligeiramente encurvado, de fisionomia macerada e queixo fino, pontiagudo, tinha os olhos cavos, os lábios finos sem cor, o bigodinho amarelo, ressaltados pelo pescoço esquelético, com o pomo de Adão proeminente. Começava a perder o cabelo. As mãos eram nervosas e os dedos raramente estavam quietos. Fumante inveterado, costumava acender um cigarro novo no toco do anterior. A essa hora, precisava fazer a barba e mudar de camisa, pois transpirava profusamente, apesar de o quarto em que se trancara estar gélido. Tendo cinquenta anos de idade, aparentava muito mais.

Casara-se há dezoito anos. Sob certos aspectos, fizera um bom casamento, embora não se pudesse afirmar, de maneira alguma, que fosse espetacular. D. O. (toda a vida o chamavam só pelas iniciais) e Inez Guerrero toleravam-se mutuamente, sem nunca lhes ocorrer a idéia de buscar aventuras. D. O. afinal de contas, jamais demonstrara um interesse fora do comum por mulheres. Vivia mais preocupado com os negócios e os esquemas financeiros. Durante o ano precedente, entretanto, um abismo mental se abriu entre ambos e Inez, por mais que se esforçasse, não conseguiu transpô-lo. Foi conseqüência de uma série de transações desastrosas que os

reduziu, de uma relativa abundância, à beira da miséria, forçando-os a uma sucessão de mudanças — primeiro de sua confortável e ampla residência no subúrbio, hipotecada e perdida, para outros bairros menos pretensiosos, terminando finalmente nesse apartamento de duas peças, inóspito, úmido e infestado de baratas.

Inez Guerrero, talvez conseguisse suportar a difícil situação se o marido não se tornasse cada vez mais irascível, em constante mau humor, impedindo qualquer possibilidade de comunicação. Poucas semanas antes, num acesso de fúria, havia batido nela, machucando-lhe gravemente o rosto. Embora o tivesse perdoado, D. O. não só não se desculpou como tampouco fez referência posterior ao incidente. Temendo novas violências, logo após enviou os filhos adolescentes — um rapaz e uma menina — para a casa da irmã casada, em Cleveland. Inez ficou, tomando um emprego de garçoneiro numa cafeteria. O serviço era pesado e o salário insignificante, mas pelo menos não passavam fome. O marido pareceu ignorar a ausência das crianças e agir como se ela não existisse. A sua disposição, recentemente, restringia-se à mais profunda e total depressão.

Nesse instante, Inez estava no trabalho e D. O. Guerrero achava-se sozinho no apartamento. Não precisava trancar a porta do pequeno quarto de dormir, porém o fizera para proteger a sua intimidade, embora não pretendesse demorar-se.

Como tantas pessoas nessa mesma noite, partiria, dentro em pouco, para o aeroporto. Confirmada a sua reserva, retirara a passagem — para aquela data — no vôo número dois da Trans-América para Roma. Agora guardada no bolso do sobretudo, no mesmo quarto, em cima de uma cadeira de pau vacilante.

Inez Guerrero ignorava a existência dessa passagem sem suspeitar de que o marido tivesse algum motivo para viajar.

O preço normal do percurso de ida e volta custava quatrocentos e setenta e quatro dólares. No entanto, por meio de mentiras, D. O. Guerrero obteve crédito. Pagou uma entrada de quarenta e sete



dólares penhorando o último objeto de valor da esposa — o anel materno (Inez ainda não percebera a falta) — sob a promessa de remeter o saldo, acrescido de juros, em vinte e quatro prestações mensais.

Era pouquíssimo provável que a promessa fosse cumprida.

Nenhum banco ou companhia de financiamentos digno desse nome se atreveria a emprestar dinheiro a D. O. Guerrero, nem mesmo para ir de ônibus até Peoria, quanto mais uma passagem aérea para Roma. Com uma devassa do seu passado, descobririam uma infinidade de insolvências, uma parcela de dívidas pessoais de longa data, além do fato de a sua firma construtora — Construções Guerrero S.A. — estar falida há um ano.

Uma inspeção mais pormenorizada no emaranhado financeiro dos seus negócios provaria que, durante os últimos oito meses — usando o nome da esposa — tentara levantar fundos para especulações imobiliárias, com resultado nulo. Antes de alcançar insucesso, porém, assumiu novas dívidas. E agora, devido a declarações fraudulentas, agravadas pela circunstância de ser falido e não reabilitado, a denúncia, que parecia iminente, acarretaria um processo-crime, sob a ameaça inevitável de prisão. Ligeiramente menos grave, mas nem por isso menos imediato, era o fato de que o aluguel do apartamento, por mais sórdido que fosse, encontrava-se atrasado há três semanas. O locador ameaçava despejá-los no dia seguinte. Se isso acontecesse, não tinham para onde ir.

D. O. Guerrero estava desesperado. A sua situação econômica não podia ser pior.

As companhias de aviação, entretanto, oferecem crédito com assombrosa facilidade. Além disso, quando o devedor se mostra renitente, empregam métodos de cobrança geralmente mais suaves do que as outras empresas. O sistema tem suas justificativas. Baseia-se na regra comprovada de que os viajantes aéreos sempre resultam de uma proporção surpreendentemente honesta da sociedade. Como resultado, o déficit por dívidas irrecuperáveis, na

maioria das linhas aéreas, é insignificante. Parasitas incômodos são casos extremamente raros. Por conseguinte as companhias não oferecem resistência ao tipo de subterfúgio empregado por D. O. Guerrero.

Acostumado a dois recursos banais, iludiu uma investigação de crédito perfunctória. Em primeiro lugar, apresentou referências de empregador, datilografadas pessoalmente no papel timbrado de uma extinta companhia que possuía antigamente (não a falida), usando como endereço da firma a sua própria caixa postal. Depois, ao bater a carta à máquina, alterou o sobrenome de propósito, mudando a inicial para " B ". Desse modo, uma verificação rotineira de crédito de consumidor de "Buerrero" não produzia a menor informação desabonadora, fatal se efetuada com o nome correto. Para outros documentos de identidade, lançou mão das carteiras de previdência social e de motorista, sempre observando a mesma alteração da inicial, voltando mais tarde a restaurar a anterior. Teve também o cuidado de assinar com garranchos indecifráveis o contrato que estipulava o prazo de pagamento, tornando impossível assegurar se aquilo era um " G " ou um " B ".

O erro de ortografia foi confirmado pelo funcionário que na véspera havia tirado a passagem aérea em nome de "D. O. Buerrero". Analisando o lapso judiciosamente à luz dos planos imediatos, decidiu não se inquietar. Se depois surgisse alguma dúvida, o equívoco de uma única letra, tanto na "referência de empregador" como na passagem, pareceria obra de um simples descuido. Faltavam provas de que fosse deliberado. Em todo caso, ao se apresentar logo mais, à noite, no aeroporto, pretendia corrigir o engano — na lista de passageiros da Trans-América e na passagem. Quando se encontrasse a bordo, era importante que não se registrasse nenhuma confusão a respeito de sua identidade. Esse último detalhe também fazia parte do plano.

D. O. Guerrero decidira destruir o vôo número dois por meio de uma explosão.

Morreria junto, mas isso, na sua opinião, não tinha a menor

importância, uma vez que a sua vida era completamente inútil, não só para ele como para os demais.

Podia, contudo, converter a sua morte num negócio rendoso. Ia tomar todas as providências necessárias.

Antes da partida do avião, fazia um seguro de vida de setenta e cinco mil dólares, nomeando a esposa e os filhos como beneficiários. Fizera, sem dúvida, muito pouco por eles até então, mas esse derradeiro gesto representaria uma compensação de suma transcendência. Acreditava, piamente, que o seu gesto seria um ato de amor e sacrifício.

Levada pelo desespero a sua mentalidade deformada não refletiu um segundo sobre os outros passageiros que também estariam a bordo, nem sobre os tripulantes. Todos morreriam. Com inconsciência total de psicopata, a única consideração que dedicou aos futuros companheiros de viagem foi preocupar-se para que não lhe prejudicassem o esquema armado.

Parecia-lhe que havia previsto todas as contingências.

O problema da passagem perderia a importância após a decolagem. Ninguém poderia provar a sua intenção de não pagar as prestações prometidas. E ainda que desmascarassem a "referência de empregador" — como era provável — só serviria para demonstrar que obtivera o crédito sob alegações falsas. E isso não constituía evidência suficiente para impugnar a reclamação de seguro subsequente.

Comprou deliberadamente um bilhete de ida e volta para dar a impressão de que não só pretendia chegar ao término da viagem, como também regressar. O motivo da escolha de Roma como destino prendia-se à circunstância de possuir um primo em segundo grau na Itália, o qual nunca havia visto, porém mencionava esporadicamente, dizendo que algum dia iria visitá-lo — fato do conhecimento de Inez. Dessa maneira, pelo menos, a escolha contava com um elemento lógico. D. O. Guerrero elaborara o plano meses a fio, à proporção que sofria os revezes da sorte. Durante esse

tempo, estudou com a maior atenção o histórico dos desastres aéreos em que os transportes de passageiros ficaram destruídos por indivíduos que buscavam lucro no seguro de vôo. Surpreendeu-se com o número de ocorrências: era imenso. Todos os exemplos constatavam que o motivo fora descoberto através de investigações posteriores, e nos casos em que os conspiradores sobreviveram, responderam por acusação de homicídio. As apólices de seguro tinham sido inutilizadas.

Naturalmente, tornava-se impossível averiguar como sabotagem a quantidade de desastres de causas ignoradas. O fator determinante sempre foi a presença ou ausência de escombros. Efetuada a recuperação, investigadores experientes juntavam os pedaços, numa tentativa de desvendar o segredo.

Em geral conseguiam. Se a explosão ocorresse no ar sobriam vestígios, sendo possível determinar-lhes a natureza. Por esse motivo, de acordo com o raciocínio de D. O. Guerrero, o plano tinha de excluir, por completo, a recuperação dos destroços.

Essa era a causa da escolha do vôo sem escalas da Trans-América para Roma.

Uma grande parte da viagem do *Caravela de Ouro* transcorria por cima do oceano, onde os restos de um avião desintegrado no espaço jamais seriam encontrados.

Utilizando um dos folhetos distribuídos pelas linhas aéreas, com mapas mostrando as rotas de vôo, a velocidade das aeronaves, e até uma seção que estimula o passageiro a calcular a posição progressiva da viagem, Guerrero previu que após duas horas de percurso — com ventos normais — o *Caravela de Ouro* sobrevoaria o Atlântico. Pretendia verificar a exatidão de sua conjetura e corrigi-la, se necessário, uma vez a bordo. Para isso, anotaria em primeiro lugar a hora certa da decolagem, escutando depois, atentamente, as comunicações que os comandantes sempre transmitem pelo alto-falante, explicando as etapas do vôo. Mediante essas informações, tornava-se fácil perceber se estavam atrasados ou adiantados e qual

a margem de diferença. Finalmente, perto de um ponto sobre o qual já havia decidido — a mil e trezentos quilômetros a leste de Newfoundland — deflagraria a explosão. O avião, ou o que restasse dele, mergulharia no oceano.

Os destroços jamais seriam encontrados.

Os vestígios do vôo número dois ficariam sepultados para sempre no fundo do Atlântico. Não havia investigação, nem denúncia posterior do motivo da perda sofrida. Podiam conjecturar, duvidar, especular. Talvez até adivinhassem a verdade, porém nunca teriam *certeza*.

Os seguros de vôo — à falta de qualquer prova de sabotagem — seriam pagos na íntegra.

A explosão constituía o elemento primordial, do qual tudo mais dependia. Evidentemente devia ser eficaz para a destruição do avião, porém — detalhe vital — tinha de ocorrer na hora exata. Esse último motivo decidiu D. O. Guerrero a transportar o dispositivo para bordo e detoná-lo pessoalmente. Agora, no interior do quarto trancado, ocupava-se em montá-lo e, apesar de familiarizado — como construtor — com explosivos, transpirava profusamente há quinze minutos.

Havia cinco componentes fundamentais — três cartuchos de dinamite, um minúsculo detonador provido de fios e uma pilha única de bateria de rádio transistor. Os explosivos eram Du Pont Red Cross Extra — pequenos, mas de potência incomparável, contendo quarenta por cento de nitroglicerina. Cada cartucho media três centímetros de diâmetro por vinte de comprimento. Estavam presos por fita isolante e para dissimular a verdadeira finalidade, ocultos numa caixa de Ry-Krisp, aberta numa extremidade.

Guerrero espalhara vários objetos, com a maior cautela, sobre a coberta esfarrapada da cama onde armava o dispositivo. Consistiam em um prendedor de roupa, dois percevejos, um pedacinho quadrado de plástico transparente e um pequeno barbante. O custo total do equipamento que iria destruir um avião avaliado em seis

milhões e meio não chegava a cinco dólares. E tudo, inclusive a dinamite — uma "sobra" dos seus dias de construtor — tinha sido comprado em lojas de ferragens.

Estendida também sobre a cama, havia uma pequena maleta achatada, do tipo usado pelos homens de negócios para guardar documentos e livros quando viajam de avião. Era onde estava instalando o mecanismo explosivo. Mais tarde entraria a bordo com ela na mão.

Tudo parecia extraordinariamente simples. A tal ponto, pensou Guerrero consigo mesmo, que a maioria das pessoas que não dispõem de conhecimentos sobre o assunto jamais acreditaria que pudesse funcionar. E no entanto podia — com tremenda e devastadora capacidade mortífera.

Na extremidade de uma das cápsulas de dinamite, enfiou a ponta de um lápis, fazendo um furo de quatro centímetros de profundidade. Retirou o lápis e encaixou o detonador, cujo diâmetro era idêntico. Saíam dele dois fios isolados. Agora só faltava passar uma corrente elétrica por esses fios para explodir o detonador e os três bastões de dinamite.

Prendeu bem a caixa de Ry-Krisp, que continha o explosivo, com fita isolante num canto do interior da maleta.

Ao lado, firmou o prendedor de roupa e a pilha. Estacionaria a carga. O prendedor serviria de chave para, no momento aprazado, soltar a corrente da bateria.

Ligou um fio do detonador diretamente a uma extremidade da pilha.

Tinha as mãos trêmulas. Sentia o suor escorrendo por dentro da camisa. Colocando o detonador no lugar, o mínimo erro, o menor deslize, e tudo voaria pelos ares, não só ele como o quarto, o prédio inteiro, na mesma hora.

Concentrou-se no prendedor.

De cada lado da cabeça do prendedor — na parte interna — fincou um percevejo. Quando os dois se tocassem, pela pressão da mola,

produziriam um contato elétrico. Para impedir que isso acontecesse antes da hora marcada, inseriu um isolador entre ambos — o pedacinho de plástico transparente.

Conteve a respiração enquanto ligava o segundo fio do detonador com um dos percevejos do prendedor. Os dois fios agora estavam no lugar.

Esperou um pouco, sentindo as pancadas do coração, e passou um lenço para enxugar a umidade das mãos. Estava nervoso, agitado. Ao sentar na cama, tocou no colchão cocado, cheio de protuberâncias. A armação decrepita rangeu um protesto quando se mexeu.

Concentrou-se novamente no trabalho. Com extrema precaução, ligou uma pequena extensão de fio, primeiro à outra extremidade da bateria, depois ao segundo percevejo do prendedor. Agora a única coisa que mantinha distante as duas tachinhas e impedia a passagem de uma corrente elétrica que resultaria na explosão instantânea, era aquele quadradinho de plástico transparente.

A sua espessura, inferior à décima-sexta parte de uma polegada, tinha um furinho perto da beirada. D. O. Guerrero apanhou a última coisa que ficara em cima da cama — o barbante — e enfiou uma ponta pelo furinho, amarrando-a depois fortemente, tendo o cuidado para não deslocar o plástico. A outra ponta passou por um buraco imperceptível, já perfurado na parte externa da maleta, e que saía debaixo da alça. Deixando o barbante relativamente frouxo, amarrou um segundo nó pelo lado de fora, suficientemente grande para impedir que caísse no interior. E por fim — sempre do lado de fora — fez um pequeno laço, do tamanho de um dedo, semelhante a uma forca em miniatura, e cortou na ponta.

Não faltava nenhum detalhe.

Um dedo enfiado no laço, um puxão no barbante! Dentro da maleta, o pedaço de plástico se desprenderia logo da cabeça do prendedor, e os percevejos entrariam em contato. Ligada a corrente elétrica, a explosão seria imediata, devastadora, final, para tudo e todos que estivessem nas proximidades.

Agora que estava pronto, Guerrero suspirou e acendeu um cigarro. Sorriu com ironia ao pensar de novo na idéia complicada que as pessoas — inclusive os ficcionistas de romances policiais — formam a respeito da confecção de uma bomba. Em todas as histórias que lera sempre deparou mecanismos elaborados, relógios, fusíveis, que tiquetaqueavam, chiavam ou faziam barulho, e podiam ser frustrados pela imersão na água. Na realidade o processo era bem simples — bastava recorrer aos componentes caseiros que acabava de montar. E nada podia impedir a detonação desse tipo de bomba — nem água, nem balas, nem bravura, — após puxar o barbante.

Segurando o cigarro com os lábios, e espremendo os olhos por causa da fumaça, colocou alguns jornais com o maior cuidado dentro da mala, encobrindo a dinamite, o prendedor, os fios, a pilha e o barbante. Certificou-se de que se conservariam no mesmo lugar, sem estorvar os movimentos do barbante. Mesmo que precisasse abri-la por qualquer motivo, o conteúdo parecia inocente. Fechou a tampa e trancou-a a chave.

Olhou para o despertador barato ao lado da cama. O seu relógio de pulso há muito fora empenhado. Passavam alguns minutos das oito, faltando menos de duas horas para a partida do vôo. Precisava apressar-se. Tomaria o metrô até à rodoviária das empresas aéreas, e seguiria de ônibus para o aeroporto. Possuía apenas o dinheiro suficiente para a passagem e o pagamento da apólice de seguro. Então lembrou-se de que era necessário chegar a tempo para tomar essa providência. Apanhou depressa o sobretudo, verificando antes se o bilhete para Roma continuava no bolso interno.

Destrancou a porta do quarto e entrou na sala de visitas, acanhada e pobrementemente mobiliada, sobraçando a mala com a maior cautela.

Faltava uma coisa! Deixar um recado a Inez. Encontrou um pedaço de papel e lápis, e depois de pensar alguns segundos, escreveu:

Vou passar alguns dias fora da cidade.

Espero mandar boas notícias dentro em breve. Você vai se admirar.

E assinou: *D. O.*



Hesitou um momento, com remorso. Não era o tipo de bilhete para encerrar uma vida conjugal de dezoito anos. Porém resolveu que tinha de ser assim. Um recado muito longo seria um erro. Mais tarde, mesmo que não sobrassem destroços do *Caravela de Ouro*, os investigadores examinariam minuciosamente a lista de passageiros. Tanto a nota como todos os seus documentos passariam por um crivo implacável.

Colocou o bilhete na mesa, bem à mostra.

Enquanto descia as escadas, D. O. Guerrero ouvia vozes, e o som da eletrola, que vinham da lanchonete no andar térreo. Virou para cima a lapela do sobretudo, segurando firme a maleta com a outra mão. Sob o fecho, o laço de barbante, como a força de um carrasco, ficava próximo dos dedos crispados.

Na rua, ao abandonar o prédio da zona sul e dirigir-se para a estação do metrô, a neve continuava a cair.

# SEGUNDA PARTE

20.30 - 23.00

**JOE PATRONI**, O chefe de manutenção da TWA, voltou outra vez ao calor do seu carro e telefonou ao aeroporto. Informou que a estrada que ainda tinha pela frente continuava interrompida pelo acidente de trânsito, motivo da demora, porém começava a despontar a possibilidade de seguir logo adiante. Perguntou se o 707 da Aéreo-Mexicana permanecia atolado no meio da pista. Responderam que sim, e, o que era pior, a cada minuto alguém interessado diretamente no caso chamava a companhia para saber onde Patroni estava e quanto tempo levaria para chegar. Precisavam do seu auxílio com urgência.

Sem esperar para se aquecer por completo, saiu do carro e apressou-se a voltar pela estrada chafurdando na lama, no meio da neve que persistia em cair, até o local do acidente.

Naquele instante, a cena em torno do trator-reboque emborcado assemelhava-se à preparação para as filmagens de um desastre destinado à tela panorâmica. O veículo descomunal ainda jazia de lado, interditando as quatro faixas de trânsito. Inteiramente coberto de neve e, virado de rodas para o ar, parecia um dinossauro morto, caído de costas. Faróis e tochas, realçados pela brancura geral, convertiam o cenário em dia claro. Os primeiros se concentravam sobre os três carros-socorro, sugeridos por Patroni, e que já haviam chegado. As brilhantes tochas vermelhas tinham sido instaladas pela polícia rodoviária. Vários carros-patrolha haviam aparecido e, pelo jeito, quando um patrulheiro ficava sem ter o que fazer, acendia uma tocha. Em conseqüência, a exibição pirotécnica era digna de comemorar a Independência.

Com a chegada de uma equipe de televisão, poucos minutos antes, o efeito cinematográfico acentuou-se ainda mais. Os presunçosos cinegrafistas conseguiram atravessar o engarrafamento de trânsito

com uma buzina fortíssima e o uso ilegal de um farol giratório na capota, percorrendo um trecho da estrada numa camioneta marrom que ostentava as iniciais W S H T. De uma maneira bem típica, os quatro rapazes que compunham a equipe de TV tomaram conta de tudo como se o acontecimento tivesse sido encenado para atender as suas conveniências, e as providências inadiáveis pudessem ficar à espera das filmagens. Diversos patrulheiros, além de ignorar o farol ilegal na capota da camioneta, puseram-se a remover os carros-socorro para novas posições, seguindo as instruções dos recém-chegados.

Antes de ir fazer o telefonema, Joe Patroni orientara, com a maior cautela, esses carros-socorro para que ocupassem os lugares mais propícios a um ponto de apoio para o deslocamento do trator-reboque inutilizado. Quando se afastou, os motoristas, com a ajuda de voluntários, estavam prendendo correntes pesadas, que levariam alguns bons minutos para ficarem prontas. A polícia rodoviária mostrava-se contente com o seu auxílio, e um tenente corpulento, a essa altura senhor da situação, dissera aos motoristas para obedecerem as diretrizes de Patroni. Pois agora encontrava as correntes fora do lugar, com uma única exceção, que pendia das mãos de um motorista sorridente enquanto enfrentava os fotógrafos e uma câmera portátil de televisão.

Por trás dos aparelhos de filmagem, aglomerava-se uma multidão de curiosos, maior do que antes, proveniente dos outros veículos detidos. Quase todos seguiam os movimentos da câmera com interesse, esquecidos, aparentemente, da impaciência anterior e do frio terrível da noite.

Uma súbita lufada de vento lançou a neve úmida e gelada no rosto de Joe Patroni. Tarde demais, aproximou a mão à gola alta do capote. Sentiu a neve escorregar pelo pescoço, penetrando na camisa e encharcando-o todo. Ignorando o mal-estar, apressou-se em alcançar o tenente rodoviário.

— Quem foi o cretino que removeu os caminhões? — perguntou. — Do jeito que estão enfileirados agora, não se pode nem levantar o

bico de um pardal. Só serve para se puxarem mutuamente.

— Eu sei, moço.

O tenente, alto e espadaúdo, ultrapassando a estatura pequena e atarracada de Patroni, parecia embaraçado.

— Os caras da TV precisavam de um ângulo melhor. É para o noticioso de uma emissora local. Estão filmando tudo sobre o temporal. Com licença.

Um dos funcionários da televisão — também metido num sobretudo grosso — acenava para o tenente, convocando-o para as filmagens. De cabeça erguida, indiferente à neve, o oficial dirigiu-se ao carro-socorro que ocupava o centro da cena. Foi acompanhado por dois patrulheiros. Mantendo o rosto cuidadosamente virado de frente para a câmera, começou a gesticular, como se estivesse distribuindo ordens ao motorista. As instruções não tinham, em geral, o menor propósito, mas causariam impressão no vídeo.

O chefe de manutenção, lembrando-se da sua pressa em chegar ao aeroporto, começou a perder a paciência. Conteve-se para não correr, pegar a câmera e os refletores, e quebrar tudo. Sentia-se disposto a fazer isso. Os seus músculos, instintivamente, retesaram-se, a respiração ficou ofegante. Com esforço, porém, controlou-se.

Um dos traços da personalidade de Patroni era o seu temperamento feroso, violento. Por felicidade, o elemento de violência não se manifestava facilmente, porque quando isso ocorria, perdia por completo a capacidade de raciocinar com lógica. O exercício de autocontrole foi uma coisa a que se dedicou com afinco durante os seus anos de formação. Nem sempre lograva êxito, mas atualmente bastava a lembrança de um incidente para acalmá-lo.

Fora uma ocasião em que se deixara levar pela fúria. As conseqüências perseguiram-no até hoje.

Convocado para servir na aeronáutica durante a Segunda Guerra Mundial, havia sido um temível pugilista amador. Lutava na categoria dos pesos médios e chegou a finalista de sua divisão no

campeonato das forças aéreas aquarteladas na Europa.

Numa peleja efetuada na Inglaterra, pouco antes da invasão da Normandia, enfrentou um chefe de tripulação chamado Terry O'Hale, um valentão massa-bruta, natural de Boston, cuja maldade refletia-se tanto no ringue de boxe como na vida. Patroni, na época jovem recruta, mecânico de aviação, conhecia-o, não simpatizando com ele. Isso não teria importância se O'Hale, como parte calculada da sua estratégia, não se pusesse a cochichar a toda hora: — *Seu italiano fedido, gringo de merda... Por que não vai combater com o inimigo, do lado da Italiazinha adorada da mãezinha? ... Você não aplaude quando afundam os nossos navios, gringo filho da mãe? e amenidades do mesmo gênero. Patroni logo reconheceu o expediente — uma tentativa para deixá-lo aturdido — e fez que não ouviu até que O'Hale desfechou dois golpes baixos perto da virilha, em rápida sucessão. O juiz, descrevendo círculos em torno dos contendores, não percebeu.*

A combinação de insultos, socos traiçoeiros e dor lancinante, provocou a cólera esperada pelo oponente. Mas não havia contado com a sua reação: um assalto furioso, tão ágil e selvagem, completamente desapiedado, que O'Hale caiu logo por terra, o juiz efetuou a contagem e descobriu que estava morto.

Patroni foi absolvido. Embora o juiz não tivesse visto os golpes ilícitos, os que se encontravam mais perto assistiram a tudo. Independente disso, comportara-se apenas de modo normal — lutara até o limite da sua força e habilidade. A diferença é que sabia que, durante alguns segundos, ficara possesso, desvairado. Mais tarde, sozinho consigo mesmo, chegou à conclusão de que, se tivesse percebido que O'Hale ia morrer, seria incapaz de interromper o ataque.

Finalmente, evitou o desfecho clássico do pugilista que abandona o ringue, "pendurando as luvas para sempre", conforme reza a cartilha da ficção. Prosseguiu lutando, utilizando todos os recursos físicos, sem se refrear, mas pondo à prova o seu próprio controle para jamais ultrapassar a tênue fronteira que separa a sensatez da

selvageria desregrada. E atingiu o seu propósito, com plena consciência disso, pois enfrentou testes de cólera onde a razão se engalfinhava com o animal feroz que o habitava — triunfando sempre. E só então abandonou o boxe para o resto da vida.

Controlar a raiva, no entanto, não significa sufocá-la por completo. Quando o tenente da radiopatrulha saiu do âmbito da câmera, Patroni o enfrentou com energia.

— Vocês acabam de perder vinte minutos. Levou dez para colocar os caminhões no lugar adequado, e vai levar outro tanto para pô-los onde estavam.

Enquanto falava, ouviu-se o som de um avião a jato no céu — como para lembrar-lhe o motivo da urgência.

— Olhe aqui, moço. — O rosto do tenente adquiriu uma cor mais rubra do que a provocada pelo frio e pelo vento. — Meta na cabeça que o encarregado aqui sou eu. Aceitamos qualquer auxílio com o maior prazer, inclusive o seu. Mas quem dá as ordens sou eu.

— Então dê uma agora!

— Faço o que...

— Não senhor! Quem vai falar agora sou *eu*.

Joe Patroni enfrentou-o sem se intimidar com a estatura do patrulheiro. Qualquer coisa na sua fúria contida, somada a uma sugestão de autoridade, fez com que o outro hesitasse.

— Está havendo uma emergência no aeroporto. Já expliquei isso. Como também expliquei porque precisam de mim lá. — Deu um piparote no charuto aceso para sublinhar o que queria dizer. — Não duvido que haja muita gente aí com pressa de dar no pé, mas acho que a minha basta. O meu carro tem telefone. Posso chamar o chefão, que vai ligar para o seu, e não demora vão lhe chamar pelo rádio para saber se você veio pra cá abrir a estrada ou bancar o herói de televisão. Portanto, resolva, já que é você quem decide! Telefone ou vamos nos mexer?

O tenente olhou-o, morto de raiva. Por um instante, parecia disposto a dar vazão à sua indignação, mas mudou logo de idéia. Arremessou o corpanzil em direção à equipe de televisão.

— Tirem toda essa joça daqui! Chega de filmar.

Um membro da equipe falou por cima do ombro.

— Só mais um minuto, chefe.

Com duas passadas, o tenente o alcançou.

— Você não ouviu? O negócio é pra já!

O patrulheiro se curvou, com o rosto ainda furioso pela altercação com Patroni, e o sujeito da televisão recuou a olhos vistos.

— Tá bem, tá bem.

Fez um sinal para os outros se apressarem e os refletores sobre a câmera portátil apagaram as luzes.

— Vamos botar esses dois socorros no lugar onde estavam!

O tenente começou a distribuir ordens aos patrulheiros que puseram mãos à obra com rapidez. Voltou para perto de Patroni e indicou o transporte virado na estrada. Era evidente que preferia o seu auxílio ao seu antagonismo.

— Moço, tem certeza de que é preciso arrastar esse trambolho? Não seria melhor virar logo ele pra cima?

— Só se você quiser deixar a estrada interditada até amanhã de manhã. E primeiro terá de descarregar o reboque, e nesse caso...

— Sei, sei! Não se fala mais nisso! Agora vamos tratar de puxar e empurrar; as preocupações ficam para depois. — Apontou para a fila de veículos à espera. — Se quiser ir embora logo em seguida, é bom tirar o seu carro da fila e trazê-lo pra cá. Não quer uma escolta até o aeroporto? Patroni fez que sim, grato pelo oferecimento.

— Obrigado.

Dez minutos mais tarde o último gancho do carro-socorro era



colocado no lugar. Pesadas correntes ligavam um deles aos eixos do trator de transporte acidentado. Um vigoroso cabo de arame prendia-as ao guincho do socorro. Outro encontrava-se atado ao reboque. O terceiro ficou atrás, pronto para empurrar.

O motorista da enorme unidade de transporte — que, apesar de tudo, não apresentava grandes avarias — resmungou enquanto observava o que faziam:

— Os chefes não vão gostar dessa história! A carroçaria é praticamente nova. Vocês vão arrebentar com ela.

— Se arrebentar — replicou um jovem patrulheiro — estaremos terminando o que você começou.

— É, vocês nem ligam. Não se importam que eu perca um bom emprego — rosnou o chofer. — Da próxima vez vou tentar um mais fácil — o de tira fedido, por exemplo.

O guarda sorriu.

— E por que não? Motorista fedido você já é.

— Acha que está tudo pronto? — perguntou o tenente a Patroni.

Acenou afirmativamente. Agachara-se para observar a firmeza das correntes e dos cabos.

— Comecem devagar e sem fazer força — recomendou. — Puxem primeiro a parte da cabine.

O primeiro socorro começou a puxar com o guincho. As suas rodas resvalaram na neve e o chofer acelerou para a frente, mantendo a corrente tensa. A parte fronteira do transporte emborcado estalou, patinhou meio metro enquanto se escutava o chiado de protesto metálico, e parou de novo. Patroni gesticulou.

— Continuem puxando! E comecem logo com o reboque! As correntes e o cabo entre os eixos do reboque e o segundo carro-socorro retesaram-se. O terceiro socorro empurrou a capota virada no chão. As rodas dos três caminhões resvalaram como se estivessem competindo na neve úmida e espessa. O trator e o

reboque, sempre ligados entre si, como haviam ficado no momento do acidente, adiantaram outro meio metro para o lado da estrada, sob os aplausos rasgados da multidão de curiosos. A câmera de TV voltou a funcionar, com os refletores aumentando a claridade.

Um sulco largo e profundo assinalava o ponto da estrada onde o grande transporte caíra. A cabine do trator e a carroçaria do reboque carregado estavam sendo castigadas, e a capota deste último começou a se erguer, enquanto um lado arranhava a estrada. O preço a ser pago — pela apólice de seguro, sem dúvida — para desinterditar a rodovia sem perda de tempo ia ser muito caro.

Em torno da obstrução da estrada, dois limpa-neves — um de cada lado, como contendores — tentavam remover ao máximo a quantidade amontoada desde o início do acidente. A essa altura não havia nada nem ninguém que não estivesse coberto de neve, inclusive Patroni, o tenente, os patrulheiros e todos os que se encontravam ao relento.

Os motores dos caminhões roncaram novamente, levantando fumaça dos pneus, a girar sobre a neve úmida acumulada. Lenta e pesadamente, o veículo emborcado avançou algumas polegadas, alguns passos e finalmente deslizou, desembaraçado, para o extremo oposto da estrada. Em poucos segundos, ocupava apenas uma das quatro faixas de trânsito. Tornava-se, agora, simples empurrá-lo para uma das margens inferiores.

Patrulheiros já empunhavam tochas, medida preliminar para desafogar o monumental engarrafamento de trânsito que ia provavelmente tomar-lhes horas de trabalho. O som de um avião a jato lembrou Patroni mais uma vez que a sua principal ocupação nessa noite o aguardava noutra local.

O tenente tirou o quepe da cabeça e sacudiu a neve.

Fez um sinal para Patroni.

— Acho que agora é a sua vez.

Um carro-patrolha, até então parado à beira da estrada, vinha

costeando a fila. O tenente apontou para ele.

— Conserve-se atrás daquele carro. Já estão prevenidos, e têm ordem de conduzi-lo depressa ao aeroporto.

Joe Patroni concordou com um aceno. Ao entrar no Buick Wildcat, ouviu de novo a voz do tenente. — E... obrigado, hem, moço!

O COMANDANTE Vernon Demerest recuou diante da porta aberta do armário e assobiou baixinho, demoradamente. Continuava na cozinha do apartamento de Gwen Meighen, no Bairro das Comissárias. Ela ainda não aparecera depois da ducha e enquanto aguardava tinha preparado o chá sugerido. Abrira o armário à procura de xícaras e pratos.

Deparou com quatro prateleiras atulhadas de garrafas.

Eram miniaturas de bebidas alcoólicas — com capacidade para 50 gramas — usadas pelas linhas aéreas no serviço de bordo. Quase todas possuíam minúsculas etiquetas com o nome da empresa por cima das marcas, e nenhuma estava aberta. Numa estimativa superficial, Demerest calculou que devia haver perto de trezentas.

Acostumara-se a encontrar bebida da companhia nos apartamentos das aeromoças, mas nunca em quantidade tão grande.

— E ainda tem mais, escondido no quarto de dormir — disse Gwen alegremente às suas costas. — Estamos armazenando para uma festa. Mas já tem que chega, não acha?

Tinha-se aproximado sem fazer barulho. Vernon se virou. Como sempre acontecia desde o início de seu caso, a primeira visão renovava a sensação de encanto. E, fato incomum para quem se gabava de manter a segurança na presença de uma mulher, nesses momentos acudia-lhe uma estranha sensação de jamais ter possuído Gwen completamente. Vestida com o elegante uniforme de saia e blusa, parecia ainda mais jovem. As feições vivas, de maçãs salientes, estavam erguidas e os negros cabelos espessos, reluziam às lâmpadas da cozinha. Olhou-o com um sorriso de franca aceitação nas pupilas muito escuras e fundas.

— Pode me beijar à vontade — disse. — Ainda não me maquilei.

Vernon sorriu, deliciado com o som puro e melodioso da voz. Como todas as moças educadas nos internatos reservados à classe média britânica, Gwen adquirira as melhores qualidades da pronúncia inglesa, evitando os defeitos. Às vezes, Vernon Demerest estimulava-a a falar pelo simples prazer de ouvi-la.

Sem dizer uma só palavra, estreitou-a apaixonadamente nos braços, beijando-lhe os lábios ávidos.

Depois de mais ou menos um minuto, Gwen se desvencilhou.

— Não! — insistiu com firmeza. — Não, meu querido.

Agora não.

— Mas porquê? Temos tempo de sobra.

A voz de Demerest era pastosa, cheia de impaciência.

— Já disse: precisamos conversar e não há tempo para as duas coisas.

Gwen tornou a pôr a blusa para dentro da saia.

— Ora que inferno! — resmungou. — Você me atíça, e depois... Está bem. Vou esperar até Nápoles. — Beijou-a com maior suavidade. — Durante o vôo, pense em mim, lá na cabine de comando, com o indicador assinalando "fogo lento".

— Prometo deixar você em "fogo máximo" outra vez. — Soltou uma risada e encostando-se a Vernon, passou os dedos longos e finos pelo seu cabelo e pelo seu rosto.

— Santo Deus! — reclamou. — É o que você está fazendo neste instante.

— Então basta.

Gwen despreendeu-lhe as mãos, que cingiam-lhe a cintura, afastando-as de um modo resolutivo. Virando as costas, foi fechar o armário que Demerest estivera examinando.

— Ei, espere aí. Qual é a explicação disso aí?

Demerest apontava as garrafinhas de miniatura com etiquetas da linha aérea. — Isso aqui?

Gwen passou os olhos pelas quatro prateleiras repletas, arqueou as sobrancelhas e assumiu um ar de inocência ofendida.

— São apenas velhos refugos dos passageiros. Comandante, o senhor certamente não vai me denunciar pela posse de sobras.

— Tantas assim? — perguntou, cético.

— Lógico.

Gwen pegou uma garrafinha de gim Beefeater, largou-a de novo, e examinou um uísque Canadian Club.

— O que as companhias têm de bom é que sempre compram as melhores marcas. Quer experimentar?

Sacudiu a cabeça.

— Você sabe perfeitamente que não posso.

— Sei, sim. Mas não é preciso fazer essa cara.

— Apenas não gostaria que você fosse surpreendida em flagrante.

— Ninguém é apanhado em flagrante, e quase todos fazem o mesmo. Olhe... cada passageiro da primeira classe tem direito a duas garrafinhas, mas alguns só usam uma e há quem recuse.

— O regulamento manda devolver as que não forem usadas.

— Ora, faça-me o favor! É o que obedecemos... devolve-se umas duas pra salvar as aparências. O resto, porém, as meninas dividem entre si. A mesma coisa acontece com o vinho que sobra. — Gwen deu uma risadinha. — O nosso passageiro predileto é o que pede mais, perto do fim da viagem. Dessa maneira, abre-se oficialmente uma nova garrafa, enche-se um copo...

— Já sei: trazem o resto pra casa?

— Quer ver uma coisa?

Abriu outra porta do armário. Continha uma dúzia de garrafas

cheias de vinho. Demerest sorriu.

— Vocês, hem? Francamente...

— Não são todas minhas. A que mora comigo e uma das vizinhas estão contribuindo para a festa que planejamos. — Tomou-o pelo braço. — Você também virá, não?

— Acho que sim, se for convidado.

Gwen fechou as duas portas. — Será, sim.

Sentaram-se na cozinha e ela serviu o chá que Vernon preparara. Observava-a com admiração. Gwen tinha uma maneira toda particular de converter o acontecimento mais trivial numa ocasião especial.

Divertiu-se ao observar que retirava as xícaras de uma pilha no interior de outro armário, todas ostentando o emblema da Trans-América. Eram do tipo usado durante os vôos. Arrependeu-se de se ter mostrado tão impertinente por causa das garrafinhas de bebida. Afinal de contas, aeromoças que "abafavam" material não constituíam nenhuma novidade. Apenas ficara assombrado com a quantidade amealhada.

Todas as comissárias de bordo descobrem, no início da carreira, que um pouco de economia nas viagens auxilia a diminuir o custo de vida doméstico. Entram no avião com a maleta pessoal parcialmente vazia, utilizando o espaço com os víveres que sobram — sempre da mais fina qualidade, pois as empresas aéreas só compram o que há de melhor. Uma garrafa térmica, sem nada dentro, serve para transportar líquidos poupados: leite, ou até mesmo champanha, despejados dos recipientes originais. Se a comissária tiver realmente iniciativa, pode reduzir a conta da mercearia pela metade. Em vôos internacionais as moças tomam mais precauções, porque o regulamento prescreve que toda a comida — usada ou não — seja incinerada logo após a aterragem.

Essa espécie de atividade é estritamente proibida por todas as empresas de aviação. O que não impede que continue francamente

em uso.

Outra regra desse aprendizado é que não se efetua verificação de inventário do equipamento móvel ao término de uma viagem. Um dos motivos é a falta de tempo. Outro prende-se ao fato de que sai menos oneroso aceitar as perdas do que criar um caso por causa disso. Baseando-se nessa circunstância, muitas comissárias dão um jeito de adquirir utilidades domésticas — cobertores, travesseiros, guardanapos de linho, copos, objetos de prata — em quantidade assombrosa. Vernon Demerest conhecia "ninhos" onde a maioria dos utensílios empregados no uso diário indicavam a mesma procedência.

Gwen interrompeu o curso dos seus pensamentos.

— O que eu queria lhe dizer, Vernon, é que estou grávida.

Disse isso de um modo tão natural que a princípio as palavras não provocaram a menor reação.

— Você está o quê? — repetiu mecanicamente.

— Grávida. G-r-á-v-i...

— Eu sei soletrar — retorquiu irritado. O espírito continuava com dificuldade de entender. — Tem certeza?

Gwen riu — aquele atraente riso cascadeante — e sorveu o chá. Sentiu que estava fazendo troça dele. Percebeu, também, que nunca estivera tão linda e apetitosa como nesse instante.

— Querido, isso que você acaba de dizer — assegurou-lhe — é um velho lugar-comum. Não há um único livro que eu tenha lido e onde conste uma cena semelhante sem que o homem pergunte: — "Tem certeza?"

— Ora bolas, Gwen! — Levantou a voz: — Você *tem*?

— Claro que tenho. Do contrário nem teria falado. — Apontou a xícara diante de Vernon. — Quer mais?

— Não!



— O que aconteceu — continuou calmamente — é muito simples. Naquele pernoite em São Francisco... lembra? — estávamos num hotel bacana em Nob Hill, aquele do panorama. Como se chamava?

— Fairmont. Sim, lembro. Continue.

— Pois bem, acho que não cuidei. Tinha parado com as pílulas porque estavam me deixando gorda. E depois pensei que não havia motivo para outras precauções naquele dia. Mas vi que me enganei. Enfim, por causa do meu descuido, agora estou com um Vernon Demerest deste tamaninho dentro de mim e que não vai parar mais de crescer. Houve um silêncio.

— Acho que não devia perguntar, mas... — começou ele sem jeito.

— Pode perguntar — interrompeu. — Tem todo o direito.

Os profundos olhos escuros fitavam-no com franca sinceridade.

— O que você quer saber é se houve algum outro, se estou certa de que é seu? É isso? — Escute, Gwen...

Ela estendeu a mão e pegou a dele.

— Não precisa ter vergonha de perguntar. Eu, no seu lugar, faria o mesmo.

Vernon fez um gesto de desconsolo.

— Esqueça isso. Desculpe.

— Mas eu quero responder.

Falava um pouco mais apressadamente, com menos segurança.

— Não houve ninguém. Seria impossível. Acontece que... eu gosto muito de você.

Pela primeira vez abaixava os olhos. Depois prosseguiu:

— Acho que... tenho certeza... já gostava, quero dizer... mesmo antes daquela vez em São Francisco. Quando reflito sobre o caso, fico até contente, porque é preciso gostar de alguém para querer a criança, não acha?

— Gwen, escute uma coisa.

Tomou-lhe as mãos entre as suas. As mãos de Vernon Demerest eram fortes e sensíveis, habituadas à responsabilidade e ao controle, e no entanto capazes de delicadeza. Nesse momento o seu toque era suave. As mulheres de quem gostava sempre exerciam o mesmo efeito sobre ele, em contraste com a rispidez brusca a que estava acostumado a tratá-las.

— Precisamos falar a sério, fazer planos.

Agora que o impacto da surpresa já passara, as suas idéias começavam a ficar ordenadas. Não tinha a menor dúvida quanto à primeira providência a tomar.

— Não é preciso fazer coisa alguma. — Gwen ergueu a cabeça, com a voz perfeitamente calma. — E não se preocupe porque eu não vou criar-lhe nenhum problema. Absolutamente. Eu sabia muito bem o risco que corria. Com franqueza, não esperava que isso fosse acontecer. Porém está feito. Quis contar logo porque o filho é seu. Faz parte de você. Portanto precisava lhe comunicar. Agora que sabe, quero também lhe dizer que não há motivo para inquietações. Pretendo resolver tudo sozinha.

— Não diga asneiras, claro que vou ajudar. Ou por acaso pensa que vou virar as costas e esquecer o assunto?

Vernon percebeu que o essencial era agir depressa. O único modo de livrar-se de fetos indesejáveis é liquidar os desgraçadinhos logo de saída. Ficou a imaginar se Gwen teria escrúpulos religiosos contra o aborto. Nunca revelara se possuía alguma crença, mas às vezes as pessoas mais inesperadas são devotas.

— Você é católica? — perguntou.

— Não.

Menos mal, pensou ele. Então, talvez um vôo rápido à Suécia fosse a solução. Bastavam alguns dias. Contava com a colaboração da Trans-América — é praxe em todas as linhas aéreas — desde que a companhia não se comprometesse oficialmente. A palavra "aborto"

pode ser insinuada, porém jamais pronunciada. Desse modo, Gwen viajaria de graça até Paris, seguindo depois para Estocolmo pela Air France, utilizando um passe de cortesia trocado entre os funcionários. Mesmo assim, é natural que as despesas com o médico na Suécia ainda seriam incrivelmente caras. O pessoal de vôo costumava pilheriar que os suecos aproveitavam a estada das clientes estrangeiras para espoliá-las de todas as formas. Está visto que no Japão sairia mais barato. Uma porção de aeromoças preferia Tóquio, onde o aborto custava cinquenta dólares. Constava que eram intervenções terapêuticas, mas Demerest não confiava na sua garantia. A Suécia — ou a Suíça — apresentavam maior segurança. Certa vez declarara: a comissária que engravidou recebe tratamento de luxo.

Na sua opinião, Gwen não podia ter escolhido pior hora para aparecer com novidade. Logo agora, quando estava ampliando a casa e — lembrou-se de mau-humor — o custo já ultrapassava o orçamento. Paciência. Venderia algumas ações, da General Dynamics, provavelmente. Dispunha de um pequeno capital empatado nelas. Era tempo de ganhar algum lucro. Entraria em contato com o seu corretor logo após o regresso de Roma — e Nápoles.

— O passeio a Nápoles — perguntou — continua de pé?

— Claro, estou contando com isso. Aliás, comprei um *negligé* novo. Você vai vê-lo amanhã de noite.

Ele se levantou da mesa com um sorriso.

— Você é uma diabinha descarada.

— Uma diabinha descarada e *grávida*, que gosta descaradamente de você. E você, gosta de mim?

Aproximou-se e Vernon beijou-a na boca, no rosto e na orelha. Enfiou a língua no ouvido, sentindo a reação tensa nos braços de Gwen.

— Gosto, sim — murmurou.

E refletiu que, naquele momento, era verdade.

— Vernon, meu bem.

— Que é?

Sentia-lhe a maciez do rosto de encontro à pele. A voz mal se ouvia, abafada pelo ombro.

— Estava falando sério. Você não precisa me ajudar.

Mas se faz questão, então é diferente.

— Faça, sim.

Decidiu aguardar o percurso ao aeroporto para sondá-la a respeito do aborto.

Gwen despreendeu-se de seus braços e olhou a hora. Eram oito e vinte.

— Está na hora, comandante. É melhor irmos andando.

— Acho que você sabe que não há motivo para inquietação — falou Vernon Demerest para Gwen, durante o trajeto. — As companhias estão acostumadas a ter comissárias solteiras grávidas. É muito comum. De acordo com a última estatística, a média nacional é de dez por cento ao ano.

Reparou, satisfeito, que a conversa assumia um tom cada vez mais natural. Ótimo! O importante era desviá-la de qualquer sentimentalismo idiota a respeito desse filho. Demerest sabia que se Gwen ficasse emocionada expunha-se a toda sorte de bobagens, perdendo a sensatez.

Dirigia o Mercedes com prudência, usando o toque delicado, e ao mesmo tempo seguro, que se transformara em segunda natureza ao controlar qualquer mecanismo, carro ou avião. As ruas suburbanas, que encontrara limpas ao se dirigir do aeroporto para o apartamento de Gwen, estavam outra vez cobertas por denso tapete de neve. Continuava a cair incessantemente e acumulava-se em grossas camadas nos locais expostos ao vento, longe do abrigo das construções. O Comandante Demerest contornava-as com cautela.

Não tinha a menor intenção de ficar atolado e muito menos sair do carro antes de chegar ao parque de estacionamento interno da Trans-América.

Encolhida no assento de couro a seu lado, Gwen parecia incrédula.

— Isso é fato? Todos os anos, em cada dez comissárias, uma fica grávida?

— Cada ano varia — garantiu — mas a proporção é essa. Se bem que, com a pílula, a situação mudou um pouco. Mas não tanto quanto se esperava. Sendo membro do sindicato, fico a par dessas informações.

Esperou o comentário de Gwen. Como ficasse calada, prosseguiu.

— Você precisa se lembrar de que a maioria é composta de moças do interior ou de famílias modestas que vivem nas grandes cidades. Tiveram uma educação discreta, uma vida normal. De repente, pegam um emprego bacana, viajam, encontram gente interessante, se hospedam nos melhores hotéis. Saboreiam pela primeira vez a *dolce vita*. — Sorriu. — É normal que essa primeira prova deixe de vez em quando algum sedimento no fundo do copo.

— Como é que você pode dizer uma coisa imunda dessas! — Desde que a conhecera, Vernon nunca tinha visto Gwen explodir de indignação. — Quem o ouve falar, com essa superioridade, é até capaz de acreditar. Se ficou algum sedimento no meu copo, ou em *mim*, lembre-se que é seu. E mesmo que não estivesse em nossos planos, nunca me ocorreria usar uma expressão semelhante. E tem mais: se está me incluindo entre essas moças todas que você diz que vieram do interior e de "famílias modestas que vivem nas grandes cidades", fique sabendo que não me agrada nem um pouco.

O colorido do rosto ficou mais intenso, e os olhos faiscavam de raiva.

— Ôpa! — fez ele. — Que fera!

— E continue a falar desse jeito pra ver do que sou capaz.

— Fui tão mau assim?

— Insuportável.

— Então desculpe.

Diminuiu a marcha e parou numa sinaleira. A luz vermelha espalhava mil reflexos pelo chão coberto de neve. Aguardaram em silêncio até a cor piscar, num efeito de cartão de Natal, e mudar para verde. Quando se puseram de novo a rodar, Vernon disse com cautela:

— Não incluí porque você é uma exceção: uma moça experiente que se descuidou. Você mesma reconhece. Acho que a culpa foi mútua.

— Está bem. — A raiva ia passando. — Mas trate de não me confundir. Eu sou eu, e mais ninguém.

Observaram um silêncio de vários minutos.

— Acho que podia ter esse nome — interrompeu Gwen sonhadoramente.

— Esse nome quem?

— Estava me lembrando do que disse há pouco — a propósito do pequeno Vernon Demerest dentro de mim. Se for menino, podia se chamar Vernon Demerest II, à maneira americana.

Não gostava muito do próprio nome.

— Acho que não vou querer que o meu filho... — começou.

Mas resolveu calar. O terreno era perigoso.

— Conforme eu ia dizendo, Gwen, as empresas aéreas estão acostumadas com essas coisas. Já ouviu falar no Programa de Três Pontos para Gestantes?

— Já — respondeu secamente.

Era natural que soubesse do programa. Quase todas as comissárias conheciam as facilidades que as companhias ofereciam se ficassem grávidas, sob a condição de aceitarem determinadas condições. Os

funcionários da Trans-América designavam usualmente o plano pelas iniciais — "P-3-P-G". As outras empresas recorriam a nomes diversos, alterando ligeiramente os detalhes. O princípio, porém, era o mesmo.

— Conheço várias que utilizaram o "P-3-P-G" — disse Gwen. — Jamais pensei que faria o mesmo.

— E elas tampouco, calculo eu. — E acrescentou: — Mas não se preocupe. Ninguém faz alarde, tudo corre no maior sigilo. Como é que estamos de tempo?

Gwen levantou o relógio de pulso contra a luz do mostrador.

— É cedo ainda.

Desviou o Mercedes cuidadosamente para uma faixa central, expondo a tração à superfície úmida e nevada, e passou adiante de um caminhão de serviços públicos, carregado. Diversos homens, provavelmente uma turma de socorro, estavam pendurados nos guarda-lamas. Tinham um aspecto cansado, encharcados e tristes. Demerest ficou pensando qual seria a reação deles se soubessem que estaria com Gwen dentro de algumas horas, gozando das delícias tépidas do sol napolitano.

— Não sei — disse Gwen, — sinceramente não sei se terei ânimo.

Como Demerest, sabia os motivos que levavam as companhias a traçar programas para as gestantes. Nenhuma gostava de ficar com falta de comissárias. O treinamento custava muito caro: uma aeromoça de categoria representa um grande investimento. Aliás, o tipo exato — bonita, elegante e inteligente — não é fácil de encontrar.

Os programas funcionavam de maneira prática e simples. Quando uma comissária ficava grávida, sem intenção de casar, podia, evidentemente, reassumir o cargo depois do parto. A companhia, via de regra, exultava com a sua volta. Portanto o regulamento prescrevia uma licença oficial, sem prejuízo para o seu tempo de serviço. Quanto ao conforto pessoal, mantinham departamentos

especiais que, entre outras vantagens, ofereciam assistência médica e hospitalar, na própria residência ou em algum local distante, de acordo com a sua preferência. Proporcionavam, também, benefícios psicológicos, deixando à sua disposição tudo de que precisasse, tratando dos seus interesses e até mesmo efetuando empréstimos monetários. Mais tarde, após dar à luz, se a comissária se mostrasse acanhada em regressar à base anterior, era transferida discretamente para uma nova, à sua livre escolha.

Em troca de tudo isso, a empresa aérea exigia três garantias — daí o nome de "programa-de-três-pontos-para-as gestantes".

O primeiro consistia em manter o departamento de pessoal constantemente informado sobre o seu paradeiro durante todo o período de gestação.

De acordo com o segundo, a moça devia concordar que o filho, ao nascer, fosse imediatamente adotado. Não ficava conhecendo os pais adotivos, e desse modo, desistia de vê-lo para o resto da vida. A empresa aérea, contudo, garantia um excelente serviço de adoção, cuidando para que o nascituro fosse entregue a uma boa família.

Terceiro: no início do programa a comissária ficava obrigada a informar o nome do pai da criança. Após essa formalidade, um representante do departamento de pessoal — perito em situações semelhantes — entrava logo em contato com o indivíduo indicado, com o objetivo de conseguir assistência econômica à mãe. Esse funcionário procurava obter um compromisso, por escrito, para o financiamento das despesas médicas e hospitalares e — se possível — uma parte ou o total dos salários perdidos pela comissária. As companhias de aviação preferiam tratar essas questões dentro da maior delicadeza e discrição. Em caso de necessidade, porém, sabiam ser enérgicos, fazendo pressão sobre os renitentes.

Isso era praticamente desnecessário nos casos em que o pai fosse um membro de tripulação — um comandante, piloto ou copiloto. Bastava uma suave persuasão, somada ao interesse do responsável em manter o maior sigilo. Quanto à discrição, contava com o apoio



da companhia. Os pagamentos de manutenção provisória podiam ser feitos através de qualquer meio. Caso preferisse, procediam descontos regulares na sua folha de salário. Com o mesmo tato, para evitar perguntas embaraçosas em casa, essas deduções surgiam sob a denominação de "diversos".

Todas as importâncias recolhidas com esse expediente eram pagas, integralmente, à gestante. A empresa não cobrava nada pelos serviços prestados.

— A questão mais importante do programa — sublinhou Demerest — é que a moça não fica desamparada, podendo recorrer a qualquer tipo de auxílio.

Teve o máximo cuidado em evitar qualquer referência, por enquanto, ao aborto. Tratava-se de um aspecto completamente distinto, pois nenhuma empresa pretendia — ou podia —, comprometer-se diretamente em medidas abortivas. Costumavam distribuir instruções extra-oficiais às comissárias que procuravam ajuda — através de supervisoras que sabiam, por experiência alheia, como efetuar esse gênero de providências. Tinham por finalidade assegurar à moça resolvida a abortar uma operação efetuada sob condições de segurança médica, evitando, a qualquer preço, os charlatães perigosos e desonestos a quem recorrem às vezes em desespero de causa.

Gwen observava o companheiro com curiosidade.

— Diga-me uma coisa. Como é que você está tão bem informado sobre este assunto?

— Já disse, sou membro do sindicato...

— Isso faz parte do seu cargo de piloto. Não tem a menor relação com aeromoças — pelo menos no sentido que estamos tratando.

— Talvez não diretamente.

— Vernon, você já passou por isso... engravidou uma comissária... não foi?

— Passei — confessou, relutante.

— Deve ser uma coisa fácil pra você, meter comissárias na cama — essas mocinhas crédulas do interior que mencionou. Ou será que a maioria procede de "famílias modestas das grandes cidades"? — A voz era amarga. — Quantas ao todo? Vinte? Dez? Dê uma idéia em números redondos.

— Uma — suspirou. — Apenas uma.

Naturalmente tivera uma sorte inacreditável. Podia ter sido muito mais, porém respondera a verdade. B e m ... não totalmente. Houve também aquela outra ocasião, além do aborto involuntário, esse, porém, não contava.

Fora do carro, o trânsito se adensava à proporção que se aproximavam do aeroporto, a menos de quinhentos metros de distância. As luzes brilhantes do imenso edifício, apesar de empalidecidas pela neve, enchiam o céu.

— A outra moça que ficou grávida — disse Gwen. — Não é que eu queira saber o nome...

— Eu não diria.

— Ela usou esse tal programa de três pontos?

— Usou.

— E você, ajudou-a?

— Já disse que sim — respondeu impaciente. — Que espécie de sujeito você julga que sou? Claro que ajudei. E se faz questão de saber, a companhia descontou no meu cheque de pagamento. Foi assim que descobri o sistema.

Gwen sorriu.

— "Diversos"?

— É.

— Sua mulher ficou sabendo?

Hesitou antes de responder. — Não.

— Que foi feito da criança?

— Adotaram.

— Como era?

— Ora, uma criança.

— Sabe perfeitamente a que me refiro. Era menino ou menina?

— Menina, acho eu.

— Você acha?

— Não, eu sei. Era menina.

O interrogatório provocou-lhe um certo mal-estar. Reavivava lembranças que preferia esquecer.

Permaneceram calados enquanto desviava o Mercedes para entrar na ampla e imponente ala principal. Ao alto, majestosos e banhados de luz, estavam os arcos parabólicos futuristas — projeto consagrado em um certame mundial — simbolizando, afirmavam, o sublime sonho da aviação. A seguir vinha um impressionante e complexo sistema de circulação, com pistas, trevos, variantes e túneis, destinado a manter o tráfego incessante de veículos sempre a uma grande velocidade, embora nessa noite os efeitos dos três dias de nevasca dificultassem o escoamento. Montículos acumulados por todos os cantos obstruíam o caminho utilizado normalmente. Limpa-neves e caminhões de lixo, esforçando-se para manter abertas as outras áreas, aumentavam a confusão.

Depois de breves paradas, Demerest tomou a estrada de serviço que conduzia ao hangar principal da Trans-América, onde ia estacionar o carro e tomar um ônibus especial para funcionários até o prédio principal. Gwen agitou-se no assento.

— Vernon.

— Sim?

— Obrigada pela sua sinceridade. — Levantou o braço, tocando na

mão mais próxima, que segurava o volante. — Já me sinto melhor. Tenho a impressão de que foi muita coisa junta. E quero mesmo ir com você para Nápoles.

Concordou com a cabeça e sorriu. Depois largou a direção e estreitou fortemente a mão de Gwen.

— Vamos nos divertir feito loucos. Prometo que nunca mais havemos de esquecer.

Decidiu fazer o máximo para cumprir a promessa. A sua parte não seria difícil. A atração que sentia por Gwen, o prazer da sua companhia, a comunhão de idéias eram os mais fortes que já conhecera em sua vida. Se não fosse casado... Não era a primeira vez que cogitava de separar-se de Sarah para casar com ela. Repeliu, porém, o pensamento. Sabia de um número demasiado grande de colegas que experimentaram o mesmo tipo de revolta — pilotos que trocavam esposas de vários anos por mulheres mais jovens. O desfecho habitual trazia-lhes o peso da desilusão e da pensão a pagar.

Todavia, num determinado momento da excursão, fosse em Roma ou em Nápoles, precisava discutir seriamente o assunto outra vez com Gwen. O que tinham falado até agora não correspondia exatamente aos seus planos. E o problema do aborto nem sequer fora ventilado.

Nesse ínterim — a idéia de Roma trouxe-lhe essa lembrança — havia a questão mais imediata do comando que ia assumir no vôo número dois da Trans-América.

A CHAVE PERTENCIA ao quarto 224 do Hotel O'Haggan. Na penumbra do vestiário, contíguo à sala de radar do controle de trânsito aéreo, Keith Bakersfeld percebeu que há vários minutos contemplava absorto aquela chave e a respectiva chapa plástica de identificação. Ou seriam apenas alguns segundos? Era possível. Ultimamente a passagem do tempo, como tudo mais, parecia-lhe vaga e imperceptível. Em casa, Natalie costumava encontrá-lo parado, muito quieto, olhando o vazio. E quando perguntava, assustada, *Que está fazendo aí?*, despertava para a realidade, readquirindo movimentos e raciocínio conscientes.

Supunha que então, como agora, o cérebro gasto e cansado simplesmente desligava. Perdido em algum canto do complexo mecanismo intelectual — vasos sangüíneos, células nervosas, pensamentos e emoções acumulados — devia haver um minúsculo interruptor, uma mola de autodefesa, semelhante a um comutador térmico de motor elétrico, que entra em funcionamento quando a máquina fica quente demais, evitando queimá-la. No entanto, a diferença entre um motor e o cérebro humano é que o motor, se for necessário, fica parado.

O cérebro não.

Os refletores do lado de fora, diante da torre de controle, continuavam a refletir, pela única janela do vestiário uma claridade suficiente para Keith poder enxergar. Não que precisasse de luz. Sentado em um dos bancos de madeira, ao lado dos sanduíches preparados por Natalie (nos quais nem tocara), contentava-se em segurar a chave do hotel e pensar no paradoxo do cérebro humano.

Um cérebro capaz de produzir fantasias alucinantes, conceber poesia e painéis de radar, criar a Capela Sistina e um Concorde supersônico. E contudo — por causa da memória e da consciência —

podendo também constranger e atormentar, sem descanso. A tal ponto que só a morte extinguiria a opressão.

A morte... trazendo o esquecimento e a paz. O repouso definitivo.

Foi esse motivo que levou Keith Bakersfeld à resolução de suicidar-se nessa noite.

Precisava voltar logo à sala de radar. Faltava completar várias horas do seu turno. E firmara um pacto consigo mesmo como iria até o fim do seu serviço no controle de trânsito aéreo. Não sabia muito bem porque, mas parecia-lhe a coisa mais acertada. Sempre se mostrara cômico de seus deveres. Talvez fosse uma característica de família: tanto Keith quanto Mel possuíam esse traço em comum.

De qualquer maneira, ao encerrar o trabalho — concluía a obrigação final — ficaria livre para ir ao hotel O'Haggan, onde se registrara como hóspede no fim da tarde. Uma vez lá, sem perda de tempo, tomaria os quarenta comprimidos de nembutal — 0,39 gramas ao todo — guardados no bolso, dentro de uma caixinha. Tinham sido desviados aos poucos, durante os últimos meses. Receitados contra a insônia, separava cuidadosamente a metade de cada quantidade fornecida pelo farmacêutico de Natalie, e depois escondia. Poucos dias atrás, indo a uma biblioteca pública, verificou num livro de consulta sobre toxicologia clínica se a dose era suficiente para matar.

O turno de serviço terminava à meia-noite. Logo após, os comprimidos trariam o sono rápido e final.

Consultou o relógio, erguendo o mostrador à claridade que vinha do exterior. Quase nove horas. Devia voltar à sala de radar? Não. Ficaria ali mais alguns minutos. Quando saísse, queria estar calmo, com os nervos prontos para enfrentar qualquer eventualidade durante a última fase do serviço.

Keith Bakersfeld apalpou outra vez a chave do hotel O'Haggan. Quarto 224.

A coincidência numérica era estranha. Dizer que o seu quarto para

essa noite, distribuído ao acaso, continha um "24". Há quem acredite nessas coisas em numerologia, o sentido oculto dos algarismos. Keith se recusava; porém caso acreditasse, esses dois últimos números, precedidos de um "2", significavam 24 pela segunda vez.

A primeira representava uma data, ocorrida há ano e meio. Os olhos de Keith se entristeceram, como já acontecera tantas vezes ao se lembrar. Aquele dia ficou gravado — com auto-recriminação e angústia — na sua memória. Constituía a fonte de tortura de seu espírito, da sua total desolação. E era por esse motivo que pretendia terminar com a vida nessa noite.

Uma manhã de verão. Quinta-feira, vinte e quatro de junho.

Fazia um dia digno de poetas, namorados e fotografias coloridas. A espécie de tempo que a gente guarda na lembrança, para abrir como um álbum de recordações, e rememorar, anos mais tarde, os melhores momentos de cada época e lugar. Em Leesburg, Virgínia, pouco distante da histórica Harper's Ferry, a manhã nasceu radiosa — TEVI, de acordo com os boletins meteorológicos, que é a abreviatura utilizada na aviação para designar "teto e visibilidade ilimitados". As condições permaneceram estáveis, com exceção de uns tufoes esparsos de cúmulus, brancos como algodão, espalhados durante a tarde. O sol estava quente, mas sem exagero. Uma brisa suave, proveniente das montanhas Blue Ridge, trazia um perfume de madressilvas.

Indo de carro para o trabalho, naquela manhã, no Centro Washington de Controle de Trânsito Aéreo em Leesburg, Keith Bakersfeld enxergou floradas de rosas silvestres. Lembrou-se de um verso de Keats que tinha aprendido no ginásio — "*Pois o verão transbordava...*" Parecia-lhe apropriado para aquele dia.

Como de costume, cruzou a fronteira de Virgínia — pois vinha de Adamstown, Maryland, onde habitava com Natalie e os dois filhos, uma agradável casa alugada. A capota do Volkswagen conversível estava abaixada. Viajava sem pressa, aproveitando a tepidez do ar e

do sol. Ao avistar os prédios baixos e modernos do Centro de Controle, sentia-se menos tenso do que habitualmente. Mais tarde perguntou-se se não havia sido essa a causa dos acontecimentos subseqüentes.

Mesmo no interior das paredes espessas e sem janelas das Operações Asa — onde a luz do dia jamais penetrava — Keith teve a impressão de que a glória do verão que sacudia o ar lá fora encontrara uma maneira de se infiltrar no recinto. Sobre os setenta e poucos operadores que trabalhavam em mangas de camisa, pairava uma espécie de leveza, em contraste com a seriedade provocada pela pressão de quase todos os dias do ano. Um dos motivos talvez fosse o tráfego, menos intenso que de costume, devido à excepcional clareza do tempo. Diversos vôos não-comerciais — particulares, militares, e até alguns pertencentes a linhas aéreas — operavam em RW — isto é, em conformidade com as "regras visuais de vôo", ou método de ver-e-ser-visto, segundo o qual os pilotos se encarregam de observar o próprio percurso no espaço, sem necessidade de recorrer aos controladores do Trânsito Aéreo.

O Centro Washington em Leesburg era um ponto de controle importante. De sua principal sala de operações, acompanhava e orientava o tráfego aéreo em seis estados do litoral oriental. Ao todo, essa área abrangia mais de cento e sessenta mil quilômetros quadrados. Dentro desse perímetro, toda a aeronave que registrasse o seu vôo antes de sair de um aeroporto ficava sob o controle e observação de Leesburg. E assim permanecia até completar a viagem ou ultrapassar a área. Os aviões cujo vôo tivesse começado fora dessa área e passasse por ela, eram transferidos pelos outros centros de orientação, dos quais havia vinte disseminados pelo território continental dos Estados Unidos. O de Leesburg figurava entre os mais sobrecarregados do país. Incluía a extremidade meridional do "corredor do nordeste", cuja concentração diária de tráfego aéreo é a maior do mundo.

Por estranho que pareça, Leesburg fica distante de qualquer



aeroporto, e está situada a sessenta e cinco quilômetros de Washington, D.O, origem do nome do Centro. O conjunto de prédios que o compõem está localizado no interior de Virgínia — uma aglomeração de construções baixas e modernas, dotada de um parque de estacionamento — e vê-se limitado por três lados de colinas de terras agrícolas. Existe nas proximidades um pequeno riacho chamado Bull Run — cuja fama foi gravada para sempre em duas batalhas da Guerra Civil. Keith Bakersfeld chegou a ir lá certa vez, depois do trabalho, refletindo sobre o contraste estranho e diametralmente oposto que separa o passado e o presente de Leesburg.

Naquela manhã, apesar de conscientes da beleza do verão que fazia lá fora, tudo transcorria normalmente na principal sala de controle, espaçosa e semelhante a uma catedral. O recinto inteiro — mais amplo do que um campo de futebol — estava, como sempre, fracamente iluminado, a fim de permitir uma visão adequada dos inúmeros painéis de radar, dispostos em camadas e fileiras sob cobertas suspensas. A primeira coisa que chamava a atenção do visitante era o volume de ruído na sala. Do lado que recebia os dados de vôo (com grandes tabelas de computadores, aparelhos eletrônicos de toda espécie, teletipos automáticos), vinha um zumbido constante e a trepidação de máquinas. Perto dali, em dezenas de posições ocupadas pelos operadores, produzia-se um sussurro incessante, com as vozes mais diversas a ocupar os transmissores, numa multidão de frequências. A combinação do equipamento mecânico com o diálogo resultava num barulho contínuo, que impregnava tudo e no entanto ficava amortecido pela acústica e pelas paredes e tetos que absolviam os sons.

Acima do local de trabalhos de controle encontrava-se uma ponte de observação, atravessando-a de lado a lado, onde convidados esporádicos eram conduzidos para apreciar os serviços no piso inferior. Os controladores quase nunca erguiam os olhos para essa ponte, estando treinados para ignorar tudo que desviasse a concentração. E como esse posto de observação constituía um raro privilégio de uma minoria selecionada, os funcionários e as visitas

raramente se encontravam. Desse modo a sua tarefa não só se desenrolava num clima de alta tensão como também era monástica — detalhe acentuado pela ausência total de mulheres.

Num vestiário contíguo à sala de radar, Keith despiu o paletó e voltou ao local do trabalho com uma camisa branca limpa, considerada o uniforme dos operadores. Ninguém sabia porque usavam essas camisas brancas no serviço. Não havia regulamento que estipulasse isso, e no entanto a maioria observava essa regra. À medida que passava pelos outros, a caminho da sua posição, alguns colegas o saudaram com um "bom dia" cordial, coisa também insólita. Normalmente, a sensação imediata de tensão ao penetrar na parte de controle criara o costume de cumprimentar com um aceno apressado ou com um breve "Oi!" — e às vezes nem isso.

O setor em que Keith trabalhava habitualmente abrangia um segmento da região Pittsburgh-Baltimore. Era controlado por uma turma de três. Keith ficava encarregado do radar, mantendo contato com os aviões e expedindo instruções pelo rádio. Dois assistentes se ocupavam com os dados do vôo e as comunicações com os aeroportos. Um supervisor coordenava as atividades do trio. Nesse dia, a equipe estava acrescida de um futuro operador, a quem Keith dera explicações, com intervalos, durante as últimas semanas.

Outros componentes da turma entraram ao mesmo tempo, assumindo posições atrás dos funcionários que iam revezar, e dispendo de alguns minutos para assimilar a "situação". Por toda a imensa sala de controle, em outros postos, sucedia o mesmo.

Parado no setor que lhe competia, atrás do operador cujo turno já ia terminar, Keith sentia o estímulo de sua argúcia mental e o aceleração consciente da rapidez de raciocínio. Durante as oito horas seguintes, com exceção de duas breves interrupções, o cérebro observaria o mesmo ritmo de funcionamento.

O movimento de trânsito estava normal para aquela hora, levando em consideração o bom tempo reinante. Na superfície escura do painel, cerca de quinze pontinhos verdes luminosos — os "alvos",

como chamavam os controladores — indicavam aviões no ar. A Allegheny tinha um Convair 440 a 2.500 metros de altura, entrando em Pittsburgh. Atrás vinham, em altitudes diversas, um DC-8 da National, um 727 da American Airlines, dois particulares — um jato Lear e um Fairchild F-27 — além de um Electra, também da National. Keith percebeu que inúmeros vôos novos iam entrar no mostrador a qualquer momento, tanto de outros setores como em resultado de partidas do Aeroporto da Amizade, em Baltimore. Na direção oposta, aproximando-se desta cidade, havia um DC-9 da Delta, prestes a passar para o controle local. Seguiam-se uma aeronave da TWA, um Martin das Aerovias Piedmont, outro avião particular, dois da United e um da Mohawk. Observou que guardavam distâncias satisfatórias de nível de altitude, com exceção dos dois da United rumo a Baltimore, que estavam perto demais. O controlador que ainda permanecia no posto, como se adivinhasse o pensamento de Keith, retardou o segundo, orientando-o para uma rota diversiva.

— Entendi a situação — disse Keith calmamente.

O outro acenou com a cabeça e cedeu o lugar.

Perry Yount, o supervisor, colocou os seu fones na posição, curvando-se por cima da cabeça de Keith, a fim de avaliar pessoalmente as condições de trânsito. Era um negro alto e magro, pouco mais moço do que Bakersfeld. Dotado de memória privilegiada podia guardar uma multidão de pormenores sobre os vôos, repetindo depois, no todo ou em parte, com uma exatidão de computador eletrônico. Era tranquilizador contar com a sua presença nas horas de perigo.

Keith já aceitara uma série de novos aviões e transferira outros, quando o supervisor bateu no seu ombro.

— Keith, estou acompanhando duas posições neste turno — esta e a seguinte. Um funcionário faltou. Não se importa de ficar só por enquanto?

— Não — concordou.

Transmitiu uma modificação de rota a um 727 da Eastern, e depois apontou para o novo candidato, George Wallace, que viera sentar-se a seu lado.

— Tenho George pra ficar de olho em mim. — Positivo.

Perry Yount retirou os fones da cabeça e dirigiu-se para o consolo seguinte. O mesmo tipo de situação costumava repetir-se freqüentemente, sem o menor problema. Perry e Keith trabalhavam juntos há vários anos e tinham confiança mútua.

— George — preveniu Keith ao novato — comece a assimilar as posições.

George Wallace acenou com a cabeça e chegou mais perto do painel. Teria uns vinte e cinco anos de idade e possuía quase dois de experiência. Antes servira como recruta na Força Aérea. Demonstrava possuir espírito ágil e alerta, além da capacidade de manter a calma nos momentos de tensão. Com mais uma semana, passaria a efetivo, embora a essa altura já estivesse inteiramente preparado para qualquer finalidade prática.

De propósito, Keith permitiu que a distância entre um BAC-400 da American Airlines e um 727 da National se reduzisse mais do que devia: estava pronto a transmitir instruções rápidas se a aproximação ficasse perigosa. George Wallace notou imediatamente e preveniu-o. Keith então corrigiu.

Essa espécie de exercício elementar constituía a única forma garantida de aquilatar a capacidade de um novo operador. Do mesmo modo, quando o novato ocupava o posto diante do painel, e encontrava dificuldades, precisava receber uma oportunidade de demonstrar o desembaraço, resolvendo sozinho a situação. Nesses momentos, o instrutor era obrigado a não intervir, ficando com as mãos crispadas, a transpirar. Alguém definiu a situação como a mesma coisa que "agarrar-se a um muro pelas unhas". E a decisão mais crucial ocorria no momento de intervir ou assumir o controle: não se podia precipitar nem esperar demais. Se o veterano fosse obrigado a retirá-lo do assento, a confiança do candidato corria o

risco de ficar abalada para sempre, perdendo-se um bom controlador no futuro. Por outro lado, se o instrutor deixasse de assumir o comando na hora exata, o resultado provável seria uma horrível colisão no espaço.

Os riscos que acarretava, além da tensão mental suplementar, eram de tal ordem que muitos operadores se recusavam a aceitá-los. Alegavam que a tarefa de ensinar o serviço não lhes proporcionava reconhecimento oficial, além de não alterar o salário. Ademais, se acontecesse algum incidente, o instrutor arcava com toda a responsabilidade. Porque suportar tanto esforço e obrigação a troco de nada?.

Keith, entretanto, demonstrara aptidão e paciência para orientar o treinamento. E embora também sofresse e transpirasse em determinadas ocasiões, fazia aquilo porque julgava ser o seu dever. Naquele momento, sentia um orgulho pessoal com os progressos de George Wallace.

— Se eu fosse você — disse Wallace calmamente — desviava o 284 da United para a direita, até obter separação de altitude com o da Mohawk.

Keith concordou com a cabeça e baixou o botão do microfone.

— Vôo 284, United, aqui Centro Washington. Vire à direita, rumo zero seis zero.

A resposta não tardou.

— Controle de Washington, aqui 284 United. Positivo — zero seis zero.

A quilômetros de distância, lá no alto, à brilhante luz do sol, enquanto os passageiros cochilavam ou liam, o possante jato reluzente passava por um desvio habilmente controlado. No painel do radar, o minúsculo pontinho verde que representava o 284 da United, começou a se deslocar numa nova direção.

Abaixo do setor de controle, numa sala reservada a fileiras de gravadores funcionando sem interrupção, o diálogo entre a terra e o

espaço ficava registrado — para ser ouvido mais tarde, em caso de dúvida. Cada conversa, a partir das respectivas posições na sala de controle, era gravada e arquivada. Procedia-se a audição esporádica de certas fitas, analisadas pelos supervisores. Se encontravam algum equívoco, comunicavam ao operador. Só que ninguém sabia qual ficaria exposto à análise. Encimando uma porta da sala de gravação, havia um lembrete de humorismo negro: "O inimigo está escutando."

A manhã prosseguiu.

De vez em quando, Perry Yount aparecia. Continuava a fiscalizar as duas posições e permanecia o tempo suficiente para avaliar a situação atual do trânsito. Parecia contente com as operações, e demorava-se menos atrás de Keith do que na outra, onde, pelo jeito, ocorriam inúmeros problemas. Na metade da manhã, o volume de tráfego aéreo diminuiu um pouco. Só voltaria a se intensificar perto do meio-dia. Logo depois das dez e meia, Keith Bakersfeld e George Wallace trocaram de lugar. O novato agora ocupava o painel, e Keith observava ao lado. Não havia necessidade de interferir. O jovem Wallace demonstrava competência e atenção. Na medida permitida pelas circunstâncias, Keith se descontraíu.

Faltavam dez para as onze quando sentiu vontade de ir ao banheiro. Há vários meses vinha sofrendo de constipação intestinal. Desconfiou que se tratava de novo acesso.

Fez um sinal para Perry Yount e comunicou-lhe. O supervisor concordou.

— George está se saindo bem?

— Como um veterano.

Falou bem alto para que George escutasse.

— Eu fico cuidando — disse Perry. — Pode ir, Keith. — Obrigado.

Assinou o livro de ocorrências do setor e anotou a hora da interrupção. Perry rabiscou uma inicial na linha seguinte, aceitando a responsabilidade pelo controle de Wallace. Quando Keith voltasse,

dentro de alguns minutos, repetiriam a mesma formalidade.

Ao sair da sala, o supervisor analisava o painel, com a mão pousada levemente no ombro de George Wallace.

O toalete para onde Keith se dirigiu ficava situado num plano mais alto. Uma janela opaca de vidro deixava entrar um pouco de claridade. Depois de terminar e refrescar-se na pia, decidiu abrir a vidraça. Estava curioso para ver se o tempo continuava esplêndido.

Nos fundos do prédio, para onde a janela comunicava, avistou — além da área de serviço — os prados verdes, as árvores e as flores silvestres. Fazia mais calor agora. Por toda parte espalhava-se o zumbido sonolento dos insetos.

Entregou-se à contemplação, relutando em abandonar aquela claridade revigorante para voltar à escuridão da sala de controle. Ultimamente passava por sensações parecidas, em várias ocasiões — talvez demasiado freqüentes. E pensou, com sinceridade, que não era a penumbra que lhe incomodava, mas a tensão mental. Houve época em que a sobrecarga nervosa do trabalho, por inexorável que fosse, nunca o intimidava. Agora a situação mudara, e tinha momentos em que se via, conscientemente, forçado a enfrentá-la.

Enquanto Keith Bakersfeld se debruçava à janela, a sonhar, um jato 727 da Northwest Orient, fazendo a rota Mineapolis—Sr. Paul, aproximava-se de Washington, D.C. No seu interior, uma comissária curvou-se sobre um passageiro idoso, de rosto lívido. O homem não podia falar. Pensou que fosse ataque cardíaco. Correu à cabine de vôo para prevenir o comandante. Segundos depois, obedecendo às instruções de seu superior, o piloto solicitava ao centro de controle espaço livre prioritário para pousar no Aeroporto Nacional de Washington.

Keith às vezes punha-se a imaginar — como agora — quanto tempo ainda poderia continuar violentando o cérebro, ocasionalmente exausto. Operava o radar há quinze anos.

Estava com trinta e oito de idade.

O problema mais deprimente é que nesse tipo de serviço fica-se geralmente gasto e caduco aos quarenta e cinco ou cinqüenta anos, sendo preciso esperar outros dez ou quinze para receber aposentadoria. Para vários operadores, essa derradeira fase constituía um castigo pesado demais para suportar até o fim.

Keith sabia, a exemplo da maioria, que os esforços despendidos pelo sistema nervoso no controle de trânsito aéreo eram conhecidos de longa data. Os arquivos oficiais dos médicos da aeronáutica estavam repletos de provas. Casos clínicos, atribuídos diretamente ao trabalho de observação, inclusive hipertensão, ataques cardíacos, úlceras estomacais, taquicardia, esgotamentos nervosos de origem psíquica, sem falar numa quantidade de enfermidades secundárias. Especialistas eminentes e imparciais, através de pesquisas autorizadas, confirmavam as mesmas opiniões. Segundo as palavras de um deles: "Um operador de radar é capaz de passar horas de inquietação e insônia buscando explicação para o milagre de evitar uma quantidade fabulosa de colisões simultâneas. Hoje conseguiu impedir um desastre. Amanhã, porém, terá a mesma sorte? Após certo tempo, é fatal que alguma coisa — física, mental, geralmente ambas — fique despedaçada no seu íntimo."

Ciente dessas pesquisas, entre outras mais, a Agência Federal de Aviação incitou o Congresso a promulgar a aposentadoria dos controladores de trânsito aéreo aos cinqüenta anos de idade, ou após vinte de serviço. De acordo com os médicos, o prazo seria equivalente ao dobro de tempo na maioria dos empregos. A AFA advertiu aos legisladores: a segurança pública está em jogo. Os operadores que ultrapassam vinte anos de serviço transformam-se num risco potencial. Keith recordava-se perfeitamente da atitude dos congressistas. Ignoraram a advertência e recusaram-se a agir.

Subseqüentemente, uma comissão presidencial também opinou de modo desfavorável quanto à aposentadoria antecipada dos operadores, e a AFA — na época um departamento subordinado diretamente à presidência — fora aconselhada a desistir da luta. E a questão terminara por aí mesmo, pelo menos oficialmente. Em



caráter reservado, porém os responsáveis pela administração da AFA em Washington — conforme Keith e outros sabiam — continuavam com a mesma convicção. Previam que o problema seria ventilado novamente, embora para que tal sucedesse fosse preciso que um desastre aéreo, ou uma série de catástrofes, causada por funcionários exaustos, inflamasse a imprensa, provocando o clamor público.

Os pensamentos de Keith voltaram para o campo. Fazia um dia verdadeiramente glorioso. Os prados estavam convidativos, embora vistos da janela de um banheiro. Sentia vontade de sair lá fora e dormir ao sol. No entanto não podia, que remédio. Achou melhor regressar à sala de radar. Era o que ia fazer — dali a pouco.

O 727 da Northwest Orient já começava a descer, obtida a permissão do Centro Washington de Controle de Rotas. Em outras altitudes inferiores, os vôos estavam sendo desviados às pressas, ou recebiam ordens para circular a uma distância segura. Um espaço oblíquo, através do qual o avião da Northwest continuaria a descida, ia ser aberto no meio do tráfego crescente àquela hora. O controle de aproximação no Aeroporto Nacional da capital já fora prevenido. Não tardaria em assumir a orientação do jato. Nesse momento, a responsabilidade desse vôo, bem como de outras aeronaves, recaía sobre a turma do setor vizinho a Keith — o setor suplementar que estava sendo supervisionado por Perry Yount, o jovem negro.

Situações semelhantes ocorriam diversas vezes por dia. Com tempo ruim, chegavam a ser permanentes. Às vezes as emergências coincidiam, e os operadores as numeravam — primeira, segunda, terceira.

Nessa agora, como sempre, Perry Yount — reticente, calmo e capaz — reagia com habilidade experiente-. Trabalhando em equipe na turma do setor, coordenava as medidas de emergência — friamente, com voz normal. Pelo tom que falava, qualquer espectador que o estivesse ouvindo seria capaz de jurar como a situação era de rotina. As outras aeronaves não podiam escutar as transmissões para o vôo da Northwest, pois recebera ordens para usar uma frequência

autônoma.

Tudo corria bem. O avião da Northwest permanecia na rota, descendo sempre. Dentro de mais alguns minutos, a situação de emergência teria terminado.

No meio dessa tensão, Perry Yount encontrava tempo para fiscalizar a posição contígua — que normalmente gozaria de sua inteira atenção — a fim de verificar o que George Wallace fazia. Apesar de não deparar com nenhum motivo de crítica, Perry sabia que ficaria mais tranqüilo quando Keith Bakersfeld reassumisse o posto. Relanceou um olhar em direção à porta de entrada. Por enquanto, nem sinal de Keith.

Keith — sempre debruçado à janela aberta, a contemplar o panorama dos campos de Virgínia — continuava a pensar em Natalie. Soltou um suspiro. Nos últimos tempos, tinha havido desentendimentos entre ambos, causados pelo serviço. Existiam pontos de vista que a esposa era incapaz de compreender ou fingia não ver. Natalie vivia preocupada com a saúde do marido. Queria que abandonasse o controle de trânsito aéreo. Desistir do emprego, procurando outra ocupação com o resto da juventude e saúde que ainda possuía. Agora compreendia o erro que havia cometido ao confiar-lhe as suas dúvidas, descrevendo o que testemunhara: operadores prematuramente envelhecidos e doentes por causa do trabalho. Ela ficara alarmada, com razão talvez. Mas teria escrúpulos em pedir demissão, abdicando todos aqueles anos de treinamento e experiência — e Natalie, como qualquer mulher, não podia entender.

Sobrevoando Martinsburg, pequena localidade de West Virgínia — a cerca de quarenta e cinco quilômetros a noroeste do Centro Washington — um Beech Bonanza particular, de quatro lugares, a dois mil metros de altitude, saía da rota V 166 para entrar na V 44. O minúsculo avião, identificável a olho nu pela cauda de borboleta, desenvolvia uma velocidade normal, com destino a Baltimore. Levava a bordo a família Redfern, composta de Irving Redfern, um consultor engenheiro-econômico, sua esposa Merry, e os dois filhos

— Jeremy, de dez anos, e Valerie que tinha nove.

Irving Redfern era um homem prudente, íntegro. Nesse dia, devido às condições favoráveis do tempo, podia ter voado sem o auxílio dos centros de controle. Contudo, achou mais aconselhável utilizar os serviços de orientação e a partir do momento em que partira do aeroporto de sua cidade — Charleston, capital de West Virgínia — conservara-se sempre dentro das rotas, em contato constante com o controle de trânsito aéreo. Pouco antes, o Centro Washington o orientara num novo curso, na rota V 44. Era onde se encontrava, e a bússola magnética, que oscilara ligeiramente, estava agora quase firme.

A viagem a Baltimore prendia-se, em parte, a negócios. Porém incluía, também, uma parte de recreação, culminando com uma ida ao teatro na mesma noite. Enquanto o pai se concentrava no vôo, as crianças se ocupavam em combinar com Merry o que iam pedir de almoço no Aeroporto da Amizade.

O operador de radar que expedira as últimas instruções a Irving Redfern tinha sido George Wallace, o candidato em vias de ser efetivado para o posto de controlador, e que continuava substituindo Keith Bakersfeld. George identificara corretamente o avião dos Redfern no painel, onde surgira como um pontinho verde brilhante, embora menor e mais lento do que o resto do tráfego naquele momento, principalmente os jatos comerciais. Não havia outro vôo nas proximidades do Beech Bonanza, que parecia dispor de muito espaço aéreo em sua volta. Perry Yount, o supervisor do setor, havia regressado à posição vizinha. Ajudava a esclarecer a confusão que se formou após a transferência do 727 da Northwest Orient, há pouco em apuros, para o controle de aproximação do Aeroporto Nacional de Washington. De vez em quando Perry olhava para George, perguntando: — "Tudo em ordem?" George fazia que sim, embora começasse a transpirar levemente. O acúmulo habitual de tráfego à hora do meio-dia começava a se manifestar mais cedo.

O que ele, juntamente com Perry Yount e Irving Redfern, ignorava é que um T-33, da Guarda Aérea Nacional — um jato instrutor, no

momento descrevendo círculos ociosos — estava voando a poucos quilômetros de distância da rota V 44. O T-33 pertencia ao Aeroporto de Martin, nas proximidades de Baltimore, e estava sendo pilotado por um vendedor de automóveis chamado Hank Neel.

O Tenente Neel, cumprindo o regulamento do serviço militar obrigatório, executava um solo de proficiência. Como havia recebido recomendações expressas para não se afastar do perímetro autorizado, a noroeste de Baltimore, nenhuma informação fora expedida aos centros de controle. Dessa maneira, o Centro Washington ignorava por completo a presença do T-33 no espaço. Isso não teria importância se, por coincidência, Neel não se entediasse com a incumbência e fosse um piloto mais prudente. Olhando despreocupadamente para fora, enquanto mantinha o jato de provas a descrever círculos ociosos, percebeu que se afastara na direção do sul durante as manobras, embora realmente estivesse muito mais longe do que supunha. Estava tão fora do perímetro previsto que há vários minutos ingressara na zona de controle de radar de George Wallace, figurando agora no painel em Leesburg como um pontinho verde, ligeiramente maior do que o Beech Bonanza da família Redfern. Um operador mais experiente tê-lo-ia reconhecido imediatamente. George, porém, sempre ocupado com o resto do trânsito, ainda não tinha observado o novo sinal desconhecido.

O Tenente Neel, a uma altitude de 5.000 metros, resolveu concluir o exercício de vôo com uma série de acrobacias — duas piruetas verticais, concluídas com duas voltas lentas e completas em torno do seu eixo longitudinal, mantendo a posição horizontal — voltando depois à base. Desviou o T-33 num plano inclinado e descreveu um novo círculo, ao mesmo tempo em que tomava a precaução habitual de observar se não havia outros aviões por cima e por baixo. Estava agora mais perto do que nunca da rota V 44.

O que Natalie não compreendia, na opinião de Keith Bakersfeld, é que não podia abandonar impulsivamente o emprego, mesmo se quisesse. Sobretudo tendo a família para sustentar, com filhos por

educar. E ainda mais quando o cargo e a habilidade adquirida com muito esforço, não o prepararam para outra atividade. Em certos departamentos do funcionalismo público, é possível demitir-se e utilizar a capacidade em outros ramos. Os operadores de trânsito aéreo não. O seu trabalho não possui equivalente na indústria privada. Ninguém precisa deles.

Encurralado dessa maneira — Keith reconhecia que era a única forma de definir a sua situação — consistia mais uma desilusão na longa série que pavimentava a sua vida. Outra era o dinheiro. Quando se é jovem, entusiasta, com vontade de tomar parte integrante na aviação, o salário público pago a um controlador de trânsito aéreo parece justo e até ótimo. Só mais tarde percebe-se a desproporção — em relação às terríveis responsabilidades do cargo. Os dois especialistas de quem se requer mais habilidade na aviação moderna, são os pilotos e os operadores de radar. No entanto, os primeiros recebem trinta mil dólares por ano, ao passo que um controlador veterano não ultrapassa dez mil. Ninguém pensa que os aviadores devam ganhar menos. Porém mesmo eles, reconhecidamente egoístas em assuntos de seu interesse, acham que os operadores de trânsito aéreo precisam receber melhor salário.

Ao contrário da maioria das ocupações, o controlador não conta com promoções. Os postos de supervisor são poucos. Apenas uma minoria afortunada consegue obtê-los.

E no entanto... a menos que se fosse temerário ou negligente — coisa que os operadores, pela própria natureza do trabalho, não podem ser — não havia saída. Portanto nem se cogitava de pedir demissão, segundo Keith. Precisava ter uma nova conversa com Natalie. Já era hora de aceitar a situação, por pior que fosse. Passara o momento de pensar em mudar. A essa altura, não possuía a menor intenção de recomeçar tudo de novo — e com dificuldades.

Agora tinha de voltar. Consultando o relógio, percebeu, com remorso, que fazia quase um quarto de hora que se ausentara da sala de radar. Boa parte gastara sonhando de olhos abertos — coisa

que raramente lhe acontecia, e era, sem dúvida, efeito soporífero provocado pelo dia de verão. Fechou a janela do banheiro. Chegando ao corredor, desceu apressadamente os degraus, rumo à sala dos painéis.

Nos altos céus de Frederick County, Maryland, o Tenente Neel nivelou o T-33 da Guarda Nacional e diminuiu o equilíbrio dianteiro. Tinha completado a prova um tanto negligentemente e não via nenhum outro avião. Agora, começando a primeira pirueta vertical, que seria coroada por um giro lento horizontal, colocou o jato de instrução na posição de mergulho abrupto.

Ao entrar na sala, Keith Bakersfeld percebeu logo a aceleração das operações. O murmúrio de vozes estava mais forte do que na hora em que saíra. Os outros controladores pareciam preocupados demais para erguer os olhos — como acontecera no início da manhã — ao passar por eles a caminho do seu posto. Keith rabiscou sua assinatura no livro de ocorrências e anotou a hora. Depois colocou-se por trás de George Wallace, para assimilar a situação, enquanto acostumava-se à penumbra do recinto, em forte contraste com a ofuscante luz externa. George murmurou "Oi!", ecoado por Keith, e continuou a transmitir as instruções. Dentro em pouco, quando tivesse assimilado tudo, revezaria o novato, ocupando o assento. Ficou pensando que havia sido uma boa idéia, embora involuntária, deixá-lo alguns minutos sozinho. Aumentaria a sua segurança. Perry Yount, sentado na posição vizinha, notou a volta de Keith.

Analisou o painel com os pontinhos móveis de luz — os "alvos" aeronáuticos identificados por George — e depois observou os pequenos marcadores. Um pontinho verde, sem nenhuma marca, despertou a sua atenção.

— Que avião é esse perto do Beech Bonanza 403? — perguntou bruscamente.

O Tenente Neel completou a primeira acrobacia. Subiu de novo a uma altitude de cinco mil metros, sempre sobrevoando Frederick County, mas um pouco mais ao sul. Nivelou o jato T-33, abaixou a

fuselagem e mergulhou para executar a segunda.

— Quê outro avião... ?

Os olhos de George Wallace acompanharam os de Keith no painel de radar. Suspendeu a respiração. E então, uma voz estrangulada, exclamou: — Meu Deus!

Com um movimento rápido, Keith arrancou os fones da cabeça de George e empurrou-o com o ombro para o lado. Ligou um interruptor de frequência e abaixou um botão de transmissão.

— Beech Bonanza NC-403, aqui Centro Washington. Há um avião não identificado à sua esquerda. Gire imediatamente para a direita — *já!*

O T-33 da Guarda Nacional estava no fim do mergulho. O Tenente Neel puxou para trás a coluna do controle e começou, com o impulso máximo, a subir verticalmente. Logo acima, cruzando sempre a rota V 44 encontrava-se o diminuto Beech Bonanza, conduzindo a bordo Irving Redfern e sua família.

Na sala do radar... com a respiração opressa... em silêncio ... rezando... observavam os pontinhos verdes brilhantes aproximando-se.

O rádio estalou com uma descarga de estática.

— Centro Washington, aqui Beech...

A transmissão foi interrompida repentinamente.

Irving Redfern era um consultor engenheiro-econômico. Podia ser um piloto amador competente, mas estava longe de ter a perícia de um aviador comercial.

Um comandante de linha aérea, ao receber a mensagem do Centro Washington, teria desviado instantaneamente o avião à direita, ao máximo. Perceberia logo o tom urgente da voz de Keith, e agido, sem perder tempo em nivelar, acusar o recebimento ou — até mais tarde — contestar. Teria ignorado qualquer conseqüência insignificante, concentrando-se na urgência de escapar ao perigo

imediatamente, implícito de modo inconfundível na mensagem do centro de controle. No setor de passageiros, podia transbordar o café escaldante, jogar as refeições por todos os cantos, até mesmo resultar em ferimentos sem gravidade. Depois, haveria reclamações, pedidos de desculpas, denúncias, talvez a abertura de inquérito pela Junta de Aeronáutica Civil. Mas — com um pouco de sorte — teriam sobrevivido. Uma ação rápida garantiria isso. Inclusive no caso da família Redfern.

Os pilotos comerciais são dotados, por meio de treinamento e prática, de reflexos ágeis, seguros. Irving Redfern não. Era um homem meticuloso, intelectual, acostumado a pensar antes de agir, e a seguir procedimentos exatos. Sua primeira idéia foi acusar o recebimento da mensagem do Centro Washington. E com isso perdeu dois ou três segundos — todo o tempo de que dispunha. O T-33 da Guarda Nacional, arremetendo do fundo de sua acrobacia, atingiu o Beech Bonanza de Redfern no lado esquerdo, arrancando a asa do avião com um zumbido de metal. Fatalmente avariado também, o jato continuou a ascensão por um breve instante, enquanto se desintegrava na parte dianteira. Sem imaginar o que estava acontecendo — vislumbrara o outro por uma fração de segundo — o Tenente Neel foi projetado no espaço, aguardando a abertura do paraquedas. Muito mais abaixo, descontrolado e girando loucamente, o Beech Bonanza, com a família Redfern a bordo, precipitava-se ao solo.

As mãos de Keith tremiam quando tentou novamente.

— Beech Bonanza NC-403, aqui Centro Washington. Está recebendo?

Ao seu lado, os lábios de George Wallace moviam-se silenciosamente. O rosto perdera a cor.

Enquanto observavam aterrorizados, os pontos do radar convergiram, com um breve clarão e depois desapareceram.

Perry Yount, percebendo que havia algo errado, aproximou-se.

— Quê houve?



A boca de Keith estava ressequida.

— Acho que aconteceu uma colisão no ar.

Foi então que veio o som de pesadelo. Todos os presentes puderam ouvir, embora preferissem ensurdecer, porque nunca mais conseguiram apagar aquela lembrança.

No assento de piloto do Beech Bonanza condenado, que rodopiava como um fuso, Irving Redfern — talvez sem querer, talvez num derradeiro ato de desespero — comprimiu o botão de transmissão do seu microfone, deixando-o em uso. O rádio ainda funcionava.

No Centro Washington, a transmissão foi acompanhada num altofalante ligado por Keith ao dar início às instruções de emergência. Ouviu-se primeiro uma descarga, e depois, em seguida, uma sucessão de gritos frenéticos, estridentes, de arrepiar. Todas as cabeças na sala de controle se viraram. As fisionomias ficaram pálidas. George Wallace soluçava histericamente. Os supervisores das outras seções acudiram correndo.

De repente, entre os gritos, destacou-se uma única voz

— aterrorizada, aflita, suplicante. No começo as palavras eram incompreensíveis. Somente mais tarde, quando a gravação da última transmissão foi tocada e repetida várias vezes, conseguiu-se entender o sentido. A voz pertencia a Valerie Redfern, de nove anos de idade.

— ...Mamãe! Papai! ... Façam alguma coisa! Eu não quero morrer... Oh, meu querido Jesus, eu tenho sido boa... Pelo amor de Deus, não quero...

A transmissão, felizmente, terminava nesse ponto.

O Beech Bonanza caiu em chamas perto do vilarejo de Lisboa, Maryland. Os restos dos quatro cadáveres ficaram irreconhecíveis. Foram enterrados num só túmulo.

O Tenente Neel pousou, são e salvo, de paraquedas, a oito quilômetros do local.

Os três operadores envolvidos na tragédia — George Wallace, Keith Bakersfeld e Perry Yount — receberam dispensa imediata durante as investigações.

Mais tarde Wallace, devido à sua inexperiência, foi isento do aspecto técnico da culpa por não ser operador efetivo quando ocorreu o acidente. Viu-se, no entanto, despedido do serviço governamental e proibido, para sempre, de exercer qualquer cargo relacionado com o controle de trânsito aéreo.

Perry Yount, o jovem supervisor negro, foi imputado com a responsabilidade total. A junta de inquérito — que consumiu dias e semanas a fio para ouvir as gravações em fita, examina as provas e criticar as resoluções que o próprio Yount fora obrigado a tomar em poucos segundos de incrível tensão — decidiu que devia ter perdido menos tempo com a emergência provocada pelo 727 da Northwest Orient e se preocupado em fiscalizar George Wallace mais de perto durante a ausência de Keith Bakersfeld. O fato de estar efetuando um serviço duplo — que, se fosse menos compreensivo, podia ter recusado — foi considerado irrelevante. Yount recebeu uma reprimenda oficial e sofreu rebaixamento na hierarquia de serviço.

Inocentaram Keith Bakersfeld por completo. A junta de inquérito esforçou-se ao máximo para demonstrar que pedira revezamento provisório do trabalho, motivado por uma necessidade razoável, e cumprindo pontualmente o regulamento ao assinar o livro de ocorrências. Além disso, logo após regressar, percebeu a possibilidade de uma colisão no espaço e tentou evitá-la. Por seu raciocínio rápido e ação imediata — a despeito do malogro dos esforços — recebeu o elogio de todos os membros.

A questão de sua demora em voltar à sala de controle esteve ausente das deliberações iniciais. Perto do fim da investigação — percebendo o rumo que as coisas estavam tomando em relação a Perry Yount — Keith tentou ventilá-la pessoalmente, aceitando a maior parcela da culpa. Receberam a sua auto-incriminação com a maior boa-vontade, porém era evidente que a junta considerou o gesto cavalheiresco — e nada mais. O seu depoimento, quando ficou

patente aonde queria chegar, foi interrompido sumariamente. E a tentativa de intervenção nem ficou registrada no relatório definitivo do julgamento.

Um inquérito autônomo, efetuado pela Guarda Nacional da Aeronáutica, provou que o Tenente Neel era culpado de negligência acessória ao desrespeitar a recomendação para permanecer dentro do perímetro da Base Aérea de Middletown, permitindo que o T-33 se aproximasse da rota V 44. Contudo, por falta de provas concludentes quanto à sua posição verdadeira, nenhuma queixa foi apresentada. O tenente continuou a vender automóveis e a voar nos fins-de-semana.

Ao se cientificar da decisão da junta, o supervisor Perry Yount sofreu um colapso nervoso. Recolhido a um hospital, ficou entregue aos cuidados psiquiátricos. Tudo indicava o seu pronto restabelecimento quando recebeu pelo correio, de mãos anônimas, um boletim impresso por um grupo da direita californiana que combatia — entre outras coisas — os direitos civis dos negros. Reproduzia uma versão maldosa e deturpada da tragédia dos Redfern. Descrevia Yount como um ignorante, incompetente e presumido, indiferente às responsabilidades e sem o menor remorso pela morte da família inteira. O boletim propunha que o incidente servisse de advertência aos "liberais sentimentalóides", que ajudam os negros a assumir posições de confiança, para as quais não se encontram preparados mentalmente. Sugeria que se procedesse a uma "faxina completa" em relação a outras pessoas de cor empregadas no controle de trânsito aéreo, "antes que se repetissem fatos idênticos".

Em qualquer outra ocasião, um sujeito da inteligência de Perry Yount tê-lo-ia encarado como uma invectiva de gente doida, como realmente era. Nas suas circunstâncias, porém, a leitura provocou uma recaída, e podia ter ficado indefinidamente sob tratamento se uma junta de revisão governamental não se recusasse a pagar as contas do hospital, sob a alegação de que a sua enfermidade mental não havia, sido causada diretamente pelo emprego público. Yount

recebeu alta, mas nunca mais voltou ao controle de trânsito aéreo. Segundo a última referência que Keith Bakersfeld tivera, trabalhava atualmente, sempre embriagado, num bar da zona portuária de Baltimore.

George Wallace desapareceu de circulação. Corriam boatos de que o ex-candidato a operador de radar tinha-se alistado novamente, desta vez na infantaria, vivendo em encrencas com a polícia militar. De acordo com o que contavam, Wallace provocava lutas constantes e brigas violentas com a única e desesperada finalidade de receber uma punição física. Mas não havia confirmação desses boatos.

Quanto a Keith Bakersfeld, durante certo tempo voltou, aparentemente, à vida normal. Com o encerramento do inquérito, terminou a suspensão provisória. Tanto as suas aptidões como o seu gabarito de funcionário público ficaram inalterados. Voltou a trabalhar em Leesburg. Os colegas, conscientes de que podiam ter sofrido a mesma experiência, mostraram-se cordiais e solidários. A princípio, desincumbia-se do serviço satisfatoriamente.

Após a tentativa frustrada de levantar o problema perante a junta de inquérito, não confiou a ninguém — nem mesmo à Natalie — o fato de ter ficado vadiando no banheiro no dia fatal. Esse segredo contudo raramente abandonava o primeiro plano de suas preocupações.

Em casa, a esposa mostrava-se compreensiva e apaixonada. Percebeu que passara por um choque traumático e necessitava de tempo para se recuperar. Tentou corresponder aos seus estados de espírito: conversava ou demonstrava-se animada se era assim que ele se sentia. Ou permanecia calada, quando Keith não revelava disposição para falar. E explicou aos meninos, Brian e Theo, em palestras serenas e íntimas, o motivo porque também deveriam ter respeito com o pai.

De maneira um tanto confusa, Keith compreendeu e admirou Natalie pelo que estava querendo fazer. O seu método provavelmente teria êxito, com exceção de um detalhe — um

operador de radar precisa dormir. Keith dormia muito pouco e passava noites inteiras acordado.

Quando o sono vinha, via-se perseguido por um pesadelo insistente, no qual a cena na sala de controle do Centro Washington, imediatamente anterior à colisão no espaço, era revivida... os pontinhos luminosos que se fundiam no painel... a derradeira mensagem angustiada de Keith... os gritos, a voz da pequena Valerie Redfern...

Às vezes havia variações. Ao tentar se aproximar do radar, arrebatando os fones de rádio da cabeça de George Wallace, para transmitir o aviso de perigo, os seus membros resistiam, movendo-se com lentidão exasperadora, como se estivesse boiando com dificuldade. O cérebro advertia frenético: se pudesse caminhar mais depressa, a tragédia seria evitada. E apesar do esforço e luta do corpo, sempre chegava tarde demais. Em outras ocasiões, se conseguia colocar os fones, perdia a voz. Bastava articular as palavras, um aviso era suficiente, e a situação estava salva. O cérebro disparava, os pulmões e a laringe se dilatavam, mas o som não vinha.

Porém, mesmo com variações, o desfecho persistia o mesmo — com a última transmissão recebida do Beech Bonanza, escutada tantas vezes durante o inquérito, na fita gravada. Depois, enquanto Natalie dormia ao seu lado, ficava acordado, a pensar, a lembrar, sonhando com o impossível: modificar o passado. E mais tarde ainda, resistia ao sono, lutando para permanecer desperto, sem padecer outra vez a tortura do pesadelo.

Era então, na solidão da noite, que a consciência o assaltava, com a recordação dos minutos roubados, perdidos, no banheiro do centro de orientação. Momentos cruciais em que podia ter voltado às suas obrigações, como era seu dever, em vez de se entregar ao ócio e às divagações. Keith sabia — ao contrário dos demais — que a verdadeira responsabilidade pela tragédia dos Redfern cabia a ele, e não a Perry Yount. Perry tinha sido uma vítima das circunstâncias, um sacrifício técnico. Era seu amigo, confiava no espírito

conscienzioso de Keith, sabendo que voltaria à sala de radar com a maior rapidez. Keith, no entanto, embora ciente de que o amigo estava sobrecarregado, com um duplo acréscimo de tensão, demorou o dobro de tempo necessário, deixando-o em falta. E no fim, Perry Yount foi acusado e condenado em seu lugar.

Perry em troca de Keith — um bode expiatório.

Mas se tinha sido gravemente prejudicado, ao menos continuava vivo. A família Redfern morrera. Só porque se deixara ficar ociosamente, perdendo tempo ao sol, abandonando, por tempo longo demais, um novato com responsabilidades que eram suas, e para as quais possuía maiores aptidões. Não restava dúvida de que se tivesse voltado logo perceberia a intromissão do T-33 antes que se aproximasse do avião dos Redfern. A prova é que o vira *imediatamente* ao chegar — tarde demais para ser útil.

Dando voltas e mais voltas... todas as noites, todas as noites... como preso às rodas de um moinho... o espírito de Keith persistia em se torturar, roído de remorsos e recriminações. Eventualmente, de puro cansaço, pegava no sono. Mas para sonhar e acordar outra vez.

Durante o dia, como à noite, a recordação dos Redfern o perseguia. Vivia assombrado pela idéia de Irving Redfern, a esposa, os filhos, embora nunca os tivesse visto. A presença de seus próprios filhos, Brian e Theo — ali na sua frente, gozando saúde — parecia uma acusação em carne e osso. O simples fato de estar vivo, respirar, o acusava.

Aos poucos, o efeito das noites de insônia, o tumulto mental, influiu no trabalho. As suas reações ficaram lentas, as decisões hesitantes. Em algumas oportunidades, sob tensão, Keith "perdia a situação" e precisavam socorrê-lo. Com o tempo, notou que era observado constantemente. Os superiores sabiam, por experiência, o que podia acontecer e já contavam com esses sintomas de cansaço mental.

Seguiram-se conversas cordiais, despidas de formalismo, que se realizavam nos gabinetes dos escalões superiores. De nada adiantaram. Posteriormente, por sugestão de Washington, e com o

seu consentimento, foi transferido da costa do Atlântico para o centro-oeste — para trabalhar na torre de controle do Aeroporto Internacional Lincoln. Acreditavam que uma mudança de local seria benéfica. A burocracia, com um toque de humanidade, não ignorava que Mel, o irmão mais velho, exercia o cargo de administrador geral nesse aeroporto. Talvez a sua influência fosse propícia. Embora adorasse Maryland, Natalie fez a transição sem uma queixa.

A idéia não surtiu efeito.

Persistia o complexo de culpa de Keith. E os pesadelos também, que aumentaram e assumiram novas características, embora girando sempre em torno da mesma obsessão. Só dormia sob a ação de barbitúricos receitados por um farmacêutico amigo de Mel.

O irmão compreendia, em parte, seus problemas, mas não todos. Keith guardava exclusivamente para si o segredo da sua demora no banheiro em Leesburg. Mais tarde, ao perceber que a situação piorava, Mel insistiu num tratamento psiquiátrico, recusado por Keith. O seu raciocínio foi simples. Porque recorrer a panacéias ou processos ritualísticos para descobrir a origem da sensação de culpa se essa culpa era real e nada, no céu e na terra, nem o auxílio psicanalítico, poderia jamais alterá-la?

O seu desânimo cresceu cada vez mais, ao ponto de impacientar a fibra de Natalie, que se rebelava com a prostração do marido. Embora soubesse da sua dificuldade em dormir, ignorava os pesadelos. Um dia, já com raiva, perguntou: — "Será que vamos cumprir penitência o resto da vida? Nunca mais nos divertir e rir como antes? Se você pretende continuar desse jeito, trate logo de compreender uma coisa — tenho outros planos e não vou deixar Brian e Theo crescerem numa atmosfera lúgubre".

Como Keith ficasse calado, insistiu: — "Estou cansada de repetir: a nossa vida, o nosso casamento, os meninos são mais importantes do que o seu trabalho. Se você não suporta mais esse tipo de serviço — o que é muito natural, sendo tão exaustivo — então desista logo, consiga outro. Já sei o que vai dizer: o salário será menor e perderá

o direito à aposentadoria. Mas isso não é tudo, dá-se um jeito. Estou pronta a enfrentar o pior, Keith Bakersfeld. Talvez me queixe um pouco, mas não há de ser muito. Qualquer coisa será preferível à vida que estamos levando." Chegou quase às lágrimas, porém conseguiu terminar: — "Estou prevenindo você que há limite para tudo. Se continuar assim, serei obrigada a ir embora."

Abriu-se a porta do vestiário escuro. Acenderam a luz. Keith encontrou-se outra vez na torre de controle do Aeroporto Internacional Lincoln, piscando sob o clarão da lâmpada no teto.

Outro operador de radar, chegado o momento de folga, tinha entrado. Keith jogou fora os sanduíches intatos, fechou o armário e dirigiu-se novamente à sala de controle. O colega o olhou com curiosidade, mas não trocaram palavra.

Keith perguntava-se se a crise relacionada com o KC-135 da Força Aérea, cujo rádio não funcionava, já estaria terminada. Era provável que sim, e o avião já tivesse pousado com os tripulantes. Fazia votos que isso acontecesse. Torcia para que algo de bom, ao menos alguém, triunfasse essa noite.

Ao entrar, tocou na chave do Hotel o'Haggan no bolso, para se certificar, mais uma vez, se continuava ali. Iria precisar dela muito em breve.



FAZIA QUASE uma hora que Tânia Livingston deixara Mel Bakersfeld no saguão central do edifício. Até agora, apesar dos incidentes ocorridos no intervalo, lembrava o modo de suas mãos se tocarem no elevador, o tom com que dissera: — "Será uma desculpa para rever você."

Tânia esperava que Mel também lembrasse e — embora soubesse que ele tinha de ir ao centro da cidade — encontrasse tempo para procurá-la.

A "desculpa" a que se referira — como se tivesse necessidade disso. — era a sua curiosidade na mensagem recebida por Tânia enquanto estavam na cafeteria. "Trata-se de um clandestino no vôo 80", o inspetor da empresa havia dito. "Estão chamando a senhora" e "pelo que soube, esse é uma *avis-rara*."

O inspetor tinha razão.

Tânia encontrava-se novamente na salinha reservada, localizada atrás dos balcões de embarque da Trans-América, onde no início da noite acalmara Patsy Smith, a nervosa vendedora de passagens. Porém agora, em vez de Patsy, enfrentava a velhinha de São Diego.

— Não é a primeira vez que a senhora faz o mesmo — disse-lhe. — Acertei?

— Acertou sim, meu bem. Já fiz diversas vezes.

A velhinha estava confortavelmente sentada, com a maior calma, as mãos cruzadas de maneira graciosa sobre o colo e um lençinho rendado entre os dedos. Vestida discretamente de preto, com uma blusa à moda antiga, fechada no pescoço, parecia uma bisavó a caminho da igreja. Muito pelo contrário, fora apanhada em flagrante, viajando sem passagem, entre Los Angeles e Nova Iorque.

Tânia recordava-se de ter lido que a prática de viajar clandestinamente data da antigüidade, sete séculos antes de Cristo, nos barcos fenícios que singravam o Mediterrâneo oriental. Naquele tempo, quem fosse descoberto era punido com morte terrível — os adultos estripados, e as crianças queimadas vivas sobre as pedras de sacrifícios.

Com o correr dos tempos, as penalidades diminuíram. Os clandestinos, porém, não.

Tânia tinha curiosidade de saber se alguém, fora do círculo limitado de funcionários de linhas aéreas, imaginava o surto epidêmico de passageiros sem-bilhetes trazido pelos aviões a jato ao acelerar-se o ritmo de embarque da aviação comercial. Provavelmente ninguém. As companhias se esforçavam para abafar o assunto, por medo que a divulgação dos fatos aumentasse ainda mais o número de clandestinos. Isso não impedia que muita gente percebesse a facilidade do sistema, inclusive a velhinha de São Diego.

Chamava-se Mrs. Ada Quonsett. Tânia comprovara pela sua carteira de previdência social, e era provável que conseguisse chegar a Nova Iorque sem problemas se não tivesse cometido um erro: dizer a verdade ao passageiro que viajava ao seu lado. O homem revelou tudo à comissária, que, por sua vez, correu a comunicar ao comandante. Informados pelo rádio, uma vendedora de passagens e um polícia ficaram à espera, para retirar a velhinha no Lincoln. Trouxeram-na à presença de Tânia, cujo cargo de relações públicas previa a possibilidade delidar com os clandestinos que a empresa tinha a sorte de descobrir.

Alisou a saia justa e elegante do uniforme com o gesto que já se tornara uma característica.

— Muito bem — disse. — Acho melhor que me conte tudo.

As mãos da velhinha se descruzaram e o lençinho de rendas mudou ligeiramente de posição.

— Bem. A senhora sabe, eu sou viúva e tenho uma filha casada que mora em Nova Iorque. Às vezes, sinto-me só e com vontade de

visitá-la. Então vou a Los Angeles e embarco num avião.

— Assim no mais? Sem bilhete?

Mrs. Quonsett demonstrou o maior assombro.

— Mas, meu bem, não posso nem pensar em comprar uma passagem. Vivo apenas da previdência social e com a pequena pensão que o falecido me deixou. No máximo, dá para pagar o trajeto de ônibus de São Diego a Los Angeles. — O ônibus, ao menos, a senhora paga?

— Ah, claro. O pessoal da empresa é muito rigoroso. Uma vez experimentei pagar só o percurso até à primeira parada, e depois não sair. Mas eles fiscalizam em cada cidade, e o motorista descobriu. Mostraram-se muito desagradáveis. Nem se compara com as companhias aéreas.

— O que não entendo — disse Tânia — é porque a senhora não utiliza o aeroporto de São Diego.

— Sabe como é, meu bem: lá eles me conhecem.

— Quer dizer, já a surpreenderam em San Diego?

A velhinha inclinou a cabeça.

— Já.

— A senhora costuma viajar clandestinamente em outras empresas além da nossa?

— Oh, sim. Mas prefiro a Trans-América.

Tânia fazia um esforço danado para ficar séria, embora fosse difícil com uma conversa que mais parecia uma discussão para ir à mercearia da esquina. Conseguiu, no entanto, manter o rosto impassível.

— Porque a senhora gosta da Trans-América, Mrs. Quonsett?

— Olhe, eles são tão camaradas em Nova Iorque. Depois de passar umas duas semanas com minha filha, chega a hora de voltar para casa. Então vou ao escritório de vocês e conto tudo.

— Conta tudo? Que foi para lá de clandestina?

— Isso mesmo, meu bem. Eles me perguntam a data e o número do vôo — sempre anoto para não esquecer. Depois procuram numas listas.

— A lista de vôo — disse Tânia.

Não sabia o que pensar: estaria sonhando ou aquilo era a realidade?

— Sim, meu bem, acho que o nome é esse mesmo.

— Continue, por favor.

A velhinha pareceu surpresa.

— É só. Feito isso, mandam-me para casa. Em geral no mesmo dia, num dos seus aviões.

— E termina aí? Não dizem mais nada?

Mrs. Quonsett sorriu meigamente, como se estivesse num chá da paróquia.

— Bem, às vezes recebo um pito. Dizem que não devo ser travessa, essas coisas não se fazem. Mas francamente c muito pouco, não acha?

— É — concordou Tânia. — De fato é muito pouco.

O assombroso, conforme a própria Tânia sabia, é que era a pura expressão da verdade. Todas as companhias não ignoravam que acontecia freqüentemente. Bastava o clandestino entrar no avião — empregando uma variedade de expedientes — e ficar sentado, tranqüilo, à espera da partida. Se permanecesse longe do compartimento de primeira classe, onde os passageiros são identificados com facilidade, e o vôo não estivesse lotado, a possibilidade de ser descoberto tornava-se muito remota. Verdade que as comissárias fazem a contagem de cabeças e o resultado pode diferir da lista do agente de embarque. A essa altura uma suspeita de clandestino a bordo seria provável, mas o agente teria de optar por duas alternativas: ou deixar o avião partir, registrando na lista a diferença, ou procedendo uma fiscalização das passagens de todos

os ocupantes.

Se optasse pela última, perderiam no mínimo, meia hora. Enquanto isso, a despesa com a retenção de jato avaliado em seis milhões de dólares aumentaria barbaramente. O horário, tanto dessa partida como das subseqüentes, ficaria transtornado. Os passageiros que pretendiam tomar conexões ou tinham entrevistas marcadas, perderiam a paciência, indignados. O comandante, cioso de sua folha de pontualidade, sentiria vontade de estrangular o agente. Este, por sua vez, terminava por decidir que tudo era produto de equívoco. Ademais, a menos que pudesse apresentar uma boa desculpa pelo atraso, recebia uma severa crítica do Administrador de Transportes do Setor. No fim das contas, mesmo que achassem o clandestino, o prejuízo econômico e moral da linha aérea ultrapassava, por larga margem, o custo de uma passagem individual de cortesia.

Por isso a empresa resolvia fazer a única coisa sensata — fechava as portas e mandava o avião decolar.

Em geral a questão terminava aí. Uma vez no ar, as comissárias ficavam muito ocupadas para perder tempo com revisão das passagens, e ninguém com certeza gostaria de ficar exposto à demora e amolação de passar por uma ao término da viagem. Dessa maneira o clandestino descia de bordo, sem ser alvo de perguntas ou obstáculos.

O mesmo se aplicava ao que a velhinha terminava de contar a Tânia a respeito do regresso. Na opinião das companhias, deviam fazer tudo para evitar a repetição do incidente, assumindo a culpa pelo fracasso das medidas preventivas. Baseado no mesmo ponto de vista, aceitavam a responsabilidade de assegurar o retorno dos clandestinos ao ponto de origem e — como não dispunham de outro meio de transporte — os contraventores regressavam nos assentos costumeiros, recebendo o tratamento normal, inclusive as refeições a bordo.

— A senhora também é simpática — disse Mrs. Quonsett. — Eu

sempre reconheço quando uma pessoa é boa. Só que é muito mais moça do que a maioria — quero dizer, dos funcionários que falam comigo.

— Quer dizer, dos que lidam com trapaceiros e clandestinos.

— Justamente.

A velhinha nem se perturbou. Avaliou Tânia com o olhar.

— A senhora deve ter uns vinte e oito anos.

— Trinta e sete — interrompeu secamente.

— É, a senhora tem uma aparência madura, porém jovem. Talvez porque seja casada.

— Pare com isso — ordenou Tânia. — Não vai lhe servir pra nada.

— Mas é casada, não? — Fui. Não sou mais.

— Lástima. Podia ter filhos lindos. Com os cabelos ruivos como os seus.

Ruivos, talvez, porém não levemente grisalhos — pensou Tânia — como os fios que encontrara de novo naquela manhã. Quanto à questão dos filhos, podia esclarecer que de fato possuía um. A essa hora estava em casa, no seu apartamento, dormindo, talvez. Em vez disso, redobrou a severidade com Mrs. Ada Quonsett.

— O que a senhora fez é desonesto. Constitui fraude, uma contravenção legal. Suponho que saiba que pode ser processada.

Pela primeira vez, uma centelha de triunfo iluminou-lhe o rosto inocente.

— Mas não serei, não é mesmo? Nunca processam a gente.

Não havia vantagem em continuar, pensou Tânia. Sabia perfeitamente — e pelo jeito Mrs. Quonsett também — que as companhias de aviação jamais processam os clandestinos, na teoria de que a publicidade é contraproducente.

Todavia, era uma oportunidade para obter esclarecimentos úteis

para o futuro com algumas perguntas suplementares.

— Mrs. Quonsett — começou, — uma vez que a senhora viajou tantas vezes de graça pela Trans-América, bem que podia nos ajudar um pouco.

— No que eu puder, com o maior prazer.

— Queria que me informasse como faz para entrar a bordo.

A velhinha sorriu.

— Ora, meu bem, há várias formas. Tento sempre variar o máximo possível.

— Conte, por favor.

— Olhe, na maioria das vezes, procuro chegar ao aeroporto com bastante antecedência para obter o passe.

— Não é difícil?

— O quê, obter um passe? Oh, não. É muito fácil. As companhias estão usando os invólucros das passagens como passes. Assim, chego a um balcão, digo que perdi o meu, e pergunto se não podiam ter a gentileza de fornecer outro. Escolho um balcão de grande movimento, com uma porção de gente esperando. Nunca negam.

Claro, pensou Tânia. Um pedido normal, que ocorre a cada instante. Com a exceção de que, ao contrário de Mrs. Quonsett, quase sempre têm um motivo justificado para solicitar um novo.

— Mas se está em branco — lembrou. — Não serve como passe.

— Eu preencho — no toailete. Sempre carrego passes antigos na bolsa, sei o que devo escrever. E nunca esqueço de trazer um grande lápis preto na bolsa.

Largando o lenço de renda no colo, Mr. Quonsett abriu a bolsa de contas negras.

— Viu?

— Estou vendo — disse Tânia. Estendeu a mão e retirou o lápis

creiom. — Posso ficar com ele?

Mrs. Quonsett fez uma cara levemente ofendida.

— Olhe, é meu mesmo. Se quiser, pode ficar. Sempre consigo outro.

— Continue — insistiu Tânia. — A senhora então obtém o passe. O que acontece depois?

— Dirijo-me ao local de partida.

— O portão de embarque?

— Isso mesmo. Aguardo o momento em que o moço que verifica as passagens fica ocupado — o que sempre ocorre quando se amontoam em torno dele. Então passo adiante e entro no avião.

— Vamos supor que alguém tente detê-la?

— Se tenho um passe, ninguém tenta.

— Nem as comissárias?

— Elas são moças, meu bem. Em geral estão conversando umas com as outras, ou interessadas nos homens. Só controlam o número do vôo, e cuidado para não errar.

— Mas a senhora disse que não é sempre que recorre ao passe.

Mrs. Quonsett enrubesceu.

— Nesse caso, sinto muito, mas vejo-me obrigada a pregar uma mentirinha. Às vezes invento que vou a bordo para me despedir de minha filha. A maioria das empresas permite, a senhora sabe. Ou então, se o avião está chegando de outra cidade, digo que estou voltando ao meu assento, e que esqueci a passagem lá dentro. Ou dou o pretexto de que o meu filho acaba de subir a bordo, mas deixou cair a carteira e quero entregar-lhe pessoalmente. Trago uma na bolsa. É o melhor truque de todos.

— Sim — concordou Tânia — imagino. Parece que a senhora pensou em cada detalhe.

Possuía agora material suficiente, para redigir um boletim a ser



distribuído a todos os agentes e comissárias de embarque. No entanto duvidava que surtisse muito efeito.

— O falecido me ensinou a ser exata. Era professor — de geometria. Dizia sempre que é preciso estudar cada ângulo.

Tânia olhou atentamente para Mrs. Quonsett. Será que estava fazendo papel de boba? O rosto da velhinha de São Diego continuou imperturbável.

— Há só um detalhe importante que esqueci de mencionar.

Um telefone tocou no outro lado da sala. Tânia levantou-se para ir atender.

— A velhota ainda está com você?

Era o Administrador de Transportes do Setor. O ATS responsabilizava-se por todas as etapas das operações da Trans-América no Lincoln. Em geral um chefe calmo e afável, nessa noite parecia irritado. Evidentemente, três dias e noites de atrasos de vôos, a selecionar novas rotas para passageiros descontentes, além das intermináveis alfinetadas da matriz da companhia na costa do Atlântico, começavam a produzir frutos.

— Sim — confirmou Tânia.

— Alguma revelação útil?

— Bastante. Vou lhe mandar um relatório.

— Quando mandar, veja se utilize umas letras maiúsculas para eu poder entender. — Prontamente, chefe.

Ressaltou bem o "chefe". Houve um silêncio momentâneo na extremidade da linha. Depois o A T S resmungou.

— Desculpe, Tânia! Acho que estou desferrando em você o que recebo de Nova Iorque. Igual ao grumete de navio que se vinga com um pontapé no gato de bordo. Só que você não é gato. Precisa de alguma coisa?

— Queria um bilhete de ida para Los Angeles, hoje, em nome de

Mrs. Ada Quonsett.

— É a velhota?

— A própria.

O ATS se mostrou mal-humorado.

— Por conta da companhia, no mínimo.

— Receio que sim.

— O que dá raiva é ter de lhe dar prioridade quando há tanto passageiro decente, que pagou a passagem, esperando horas na fila. Mas acho que você tem razão. É preferível ver-se livre logo.

— Concordo plenamente.

— Vou autorizar a requisição. Mande apanhar no balcão de passagens. Mas não se esqueça de avisar Los Angeles em seguida, para ficarem com a polícia do aeroporto preparada para escoltar a velha bruxa para fora do local.

— Ela podia ser "A mãe" de Whistler — preveniu Tânia baixinho.

— Então ele que pague a passagem dela — resmungou o ATS.

Tânia sorriu e desligou. Voltou para junto de Mrs.

Quonsett.

— A senhora disse que havia um detalhe importante — a respeito de entrar nos aviões — que se esquecera de mencionar.

A velhinha hesitou. A sua boca se apertara visivelmente à referência, durante o telefonema, de um vôo de regresso a Los Angeles.

— A senhora contou quase tudo — incitou Tânia. — É melhor ir até ao fim. Se é que falta alguma coisa.

— Claro que falta. — Mrs. Quonsett fez um aceno rígido e grave com a cabeça. — Ia dizer que é preferível evitar os aviões muito grandes — quero dizer, os importantes, que percorrem o país de ponta à ponta, sem escalas. Quase sempre viajam lotados, e os passageiros recebem assentos numerados, mesmo na classe turista. Assim fica

mais difícil, embora uma vez eu tomasse um desses quando vi que estava quase vazio.

— Quer dizer que prefere um vôo com escalas. E não a descobrem nos aeroportos intermediários?

— Finjo que durmo. Em geral não me acordam.

— Com a exceção de hoje.

Mrs. Quonsett franziu os lábios com uma expressão de censura.

— Culpa daquele homem sentado ao meu lado. Um malvado. Confiei nele e foi delatar à comissária. É o que se lucra em confiar nos outros.

— Mrs. Quonsett — disse Tânia. — Acho que a senhora escutou. Vamos mandá-la de volta para Los Angeles. Houve uma pequena faísca nos olhos cinzentos da anciã.

— Sim, meu bem. Receava que isso fosse acontecer. Só que gostaria de tomar uma xícara de chá. Portanto, se a senhora pode me dispensar, dizendo a hora em que devo voltar...

— Oh, não! — Tânia sacudiu energicamente a cabeça. — A senhora não vai sozinha a parte alguma. Pode tomar o seu chá, porém acompanhada de um agente. Vou chamar um. Ficará em sua companhia até à hora do embarque para Los Angeles. Se largar a senhora nesse edifício sei exatamente o que vai fazer. Num abrir e fechar de olhos estará a bordo de um avião para Nova Iorque.

Pelo relâmpago hostil nos olhos de Mrs. Quonsett, Tânia percebeu que adivinhara a sua intenção.

Dez minutos depois, todas as providências estavam tomadas. Foi feita a reserva de um lugar no vôo 103 para Los Angeles, cuja partida ocorreria dentro de hora e meia. Não faria escalas. Mrs. Quonsett não ia encontrar oportunidade para descer no caminho e tentar regressar. O ATS de Los Angeles fora prevenido pelo teletipo. Um memorando seria distribuído à tripulação do avião.

A velhinha de São Diego passou aos cuidados de um agente da

Trans-América — um novato, recém-admitido, com idade para ser seu neto.

Tânia deu instruções rigorosas a Peter Coakley — o agente.

— Você fará companhia a Mrs. Quonsett até à hora do embarque. Ela quer tomar chá. Leve-a ao café e diga para lhe servirem. Se quiser também comer alguma coisa, pode, embora haja jantar a bordo. Mas permaneça a seu lado em qualquer circunstância. Se ela precisar do toalete, espere na porta. Do contrário, não a perca de vista. Na hora do vôo, conduza-a ao portão de embarque, entre no avião junto com ela e entregue-a à comissária-chefe. Deixe bem claro que não devem permitir, sob hipótese alguma, que desça outra vez. Ela é cheia de truques e pretextos plausíveis. Tenha cuidado, portanto.

Antes de saírem, a velhinha agarrou o braço do jovem agente.

— Espero que não se importe, meu rapaz. Hoje em dia uma pessoa idosa como eu precisa de amparo. E você faz lembrar tanto o meu querido genro. Ele também era bonitão, apesar de muito mais velho, é lógico, do que você. A sua empresa sabe escolher gente simpática.

— Lançou um olhar de censura a Tânia. — Pelo menos a maioria é.

— Lembre-se do que lhe disse — recomendou Tânia a Peter Coakley.

— Ela tem um arsenal de macetes.

— Pouco gentil de sua parte — disse Mrs. Quonsett asperamente. — Tenho certeza de que esse moço é capaz de uma opinião própria.

O agente sorria, encabulado.

Na soleira da porta, Mrs. Quonsett se virou. Dirigiu-se a Tânia.

— Apesar do seu comportamento, meu bem, quero que fique sabendo que não lhe guardo rancor.

Minutos mais tarde, saindo da salinha que servira para as duas entrevistas dessa noite, Tânia dirigiu-se ao escritório da diretoria da Trans-América na sobreloja principal. Reparou que faltavam quinze para as nove. Na sua escrivaninha, no grande escritório localizado

na parte externa, ficou pensando se voltariam a ouvir falar em Mrs. Ada Quonsett. Francamente duvidava. Na máquina desprovida de maiúsculas começou a redigir um memorando ao ATS.

pra: ats

d: tânia liv'stn asto.: mãe d whistler

Parou, tentando imaginar onde estaria Mel Bakersfeld. Será que viria?

MEL BAKERSFELD simplesmente não podia ir ao centro da cidade. Não havia alternativa.

Encontrava-se em seu gabinete, no conjunto administrativo da sobreloja. Os dedos tamborilavam pensativamente a escrivaninha, de onde acabava de telefonar, para obter os mais recentes comunicados sobre as condições de operação do aeroporto.

A pista número trinta continuava bloqueada pelo jato atolado da Aéreo-Mexicana. Em consequência disso, a situação geral de disponibilidade para as partidas, além dos atrasos de trânsito — tanto em terra como no ar — piorava cada vez mais. Era provável que se visse forçado, em breve, a declarar a interdição total do aeroporto.

Nesse meio tempo, os aviões continuavam sobrevoando outro ninho de marimbondos: o bairro de Meadowood. Tanto a mesa telefônica como a de controle de trânsito estavam, sofrendo uma saraivada de reclamações dos moradores — pelo menos os que permaneciam em seus lares. Boa parcela, segundo Mel foi informado, encontrava-se reunida numa assembléia de protesto, comunicada no início da noite. E agora espalhava-se um boato — passado adiante pelo chefe da torre há poucos minutos — que planejavam uma espécie de manifestação pública, ainda hoje, no próprio recinto do Lincoln.

Só lhe faltava encontrar pela frente um punhado de manifestantes — pensou, mal-humorado.

Uma boa notícia: a emergência de terceira categoria, provocada pelo KC-135 da Força Aérea, acabava de ser declarada finda, e o avião tinha pousado em segurança. Mas o fim de uma não implicava na garantia de que não sobreviesse outra. Mel não esquecia o mal-estar indefinido, a premonição de perigo que sentira uma hora antes, em

pleno campo. A sensação, imprecisa e injustificada, continuava a inquietá-lo. Independente disso, porém, uma infinidade de circunstâncias exigiam a sua permanência no aeroporto.

Cindy, — à sua espera para a festa de caridade — ia naturalmente levantar um barulho danado. Mas de qualquer forma já estava furiosa com o atraso. Era melhor preparar-se, desde logo, para enfrentar a ira final quando não comparecesse. Achou preferível antecipar o primeiro ataque da esposa. A tira de papel com o número do telefone onde podia encontrá-la estava em seu bolso. Apanhou-a e discou.

Como na vez anterior, Cindy levou vários minutos para vir atender e, surpreendentemente, sem a violência que manifestara durante a primeira conversa. Apenas uma frieza gélida. Escutou calada a explicação de Mel — o motivo porque era essencial a sua permanência no aeroporto. Diante da ausência de discussão, para a qual não estava preparado, começou a tartamudear, inventando pretextos que a ele mesmo soavam pouco convincentes. Interrompeu-se abruptamente. Houve uma pausa antes de ouvir a voz de Cindy.

— Terminou? — perguntou friamente. — Sim.

Ela parecia dirigir-se a alguém repugnante e remoto.

— Não me admiro, pois não esperava que viesse. Quando você disse que vinha, achei que estava mentindo, como de costume.

— Não só não mentia — replicou indignado — como tampouco tenho o costume. Já lhe disse no começo da noite, não sei quantas vezes, que eu...

— Pensei que você tivesse terminado.

Mel parou. Afinal, para quê?

— Continue — admitiu, exausto.

— Como eu ia dizendo quando você me interrompeu — como de costume, também...

— Cindy, pelo amor de Deus!

— ... ao saber que era mentira, tive oportunidade para pensar. — Fez uma pausa. — Você diz que tem de permanecer no aeroporto.

— Não é sobre isso que estamos conversando? — Por quanto tempo ainda?

— Até à meia-noite. Talvez até amanhã cedo.

— Então vou até aí. Espere por mim.

— Ouça, Cindy. Não adianta. Nem a hora nem o local são propícios.

— Então faremos de conta. E para o que eu tenho a lhe dizer, qualquer local serve.

— Cindy, por favor, seja sensata. Concordo que temos coisas a esclarecer, porém não...

Mel interrompeu a frase, percebendo que estava falando sozinho. Cindy desligara.

Colocou o fone no gancho e ficou sentado, a pensar, no gabinete silencioso. Depois, sem saber porquê, apanhou-o novamente e pela segunda vez na mesma noite discou o número de sua casa. Antes fora Roberta quem atendera. Dessa vez quem respondeu foi Mrs. Sebastiani, a ama-sêca que sempre contratavam quando saíam.

— Telefonei só para saber notícias — disse. — Tudo em ordem? As meninas já estão na cama?

— Só Roberta, Mr. Bakersfeld. Libby vai se deitar agora.

— Posso falar com ela?

— Bem... só um instantinho, se prometer não demorar. — Prometo.

Mel percebeu que Mrs. Sebastiani, como sempre, estava com o seu ar autoritário. Durante o exercício do cargo exigia obediência, não só das crianças, mas das famílias inteiras. Às vezes ficava a imaginar se os Sebastianis — o marido era um ratinho, que às vezes dava o ar de sua graça — experimentara algum dia problemas de conflito conjugal. Desconfiava que não. Mrs. Sebastiani jamais permitiria.



Escutou os passinhos de Libby correndo ao telefone.

— Paizinho — foi logo perguntando — o sangue fica sempre girando dentro da gente, sem parar?

As suas perguntas versavam geralmente sobre os assuntos mais surpreendentes. Abria problemas novos como se fossem embrulhos de árvore de Natal.

— Sempre não, meu bem. Nada é eterno. Só enquanto a gente vive. O teu gira há sete anos, desde que o teu coraçõzinho começou a bater.

— Eu sei onde está o meu coração — anunciou Libby. — No joelho.

Esteve a ponto de explicar que o coração não fica localizado no joelho, esclarecendo tudo acerca de pulsos, artérias e veias, mas mudou de idéia. Havia tempo de sobra para isso. O importante era Libby sentir que tinha um — seja onde fosse. Possuía um instinto infalível para tudo que é fundamental. Às vezes ficava com a impressão de que estendia as mãozinhas para o céu e colhia estrelas de sabedoria.

— Boa-noite, paizinho.

— Boa-noite, meu amor.

Mel continuava sem saber porque telefonara, mas sentiu-se melhor por tê-lo feito.

Quanto à Cindy, quando decidia fazer alguma coisa, em geral nada a demovia do intento. Era perfeitamente provável que surgisse no aeroporto mais tarde. E talvez tivesse razão. Havia questões importantes a resolver, principalmente se a crosta oca de um casamento devia continuar por causa das crianças ou não. Ali, ao menos, gozavam de inteira liberdade, longe do alcance de Roberta e Libby. Ambas haviam presenciado um número inacabável de discussões.

Mel não tinha, de momento, nada específico a fazer, exceto permanecer disponível. Saiu do gabinete e parou na balaustrada da

sobreloja da diretoria, contemplando o movimento incessante lá embaixo, saguão central.

Não tardaria muito para que as galerias do aeroporto sofressem mudanças drásticas. Teriam de fazer logo alguma coisa para modificar a ineficiência atual do sistema de locomoção de passageiros para bordo dos aviões. Caminhar um a um, simplesmente, para entrar e sair, era muito incômodo e demorado. Cada ano que passa, aumenta o preço em milhões de dólares de uma unidade aérea. Ao mesmo tempo, o custo para deixá-los ficar ociosamente no solo cresce sempre mais. Os desenhistas de novos modelos, os planejadores das linhas aéreas, esforçam-se para conseguir maior número de horas de vôo, que produzem dividendos, e o menor número de horas de inação, cujo resultado é nulo.

Já se traçam planos para "casulos-humanos" — baseados nos iglus da American Airlines, atualmente em uso para o embarque de frete aéreo. A maioria das outras empresas possuem as suas próprias variações do sistema.

Esses iglus de frete consistem em compartimentos independentes, cujas dimensões se adaptam com exatidão à fuselagem de um jato. Cada um é primeiro acondicionado com carga dos mais variados tamanhos e volumes, levando apenas alguns minutos para ser erguido ao nível da fuselagem e depositado no interior. Ao contrário dos aviões comuns de passageiros, a parte interna de um cargueiro é habitualmente oca. Hoje em dia, quando uma aeronave exclusivamente de transporte chega ao armazém de frete do aeroporto, os iglus que já se encontram a bordo são descarregados e substituídos por novos. Com um mínimo de tempo e trabalho, é inteiramente esvaziada e carregada de novo, com rapidez, ficando logo pronta para a decolagem.

Os "casulos humanos" representavam uma adaptação do mesmo princípio, e Mel vira desenhos do tipo em experiências. Compreendiam pequenos vagões confortáveis, dotados de poltronas, onde os passageiros embarcavam no posto de apresentação do aeroporto. Esses casulos seriam então despachados por linhas

condutoras — semelhantes ao sistema atual de transporte de bagagens — para as posições na rampa. Enquanto os ocupantes permanecessem sentados, os casulos deslizariam para bordo do avião chegado há poucos minutos, mas que já descarregou outros casulos contendo passageiros entrantes.

Depois de postos a bordo, nos respectivos lugares, as suas janelas coincidiriam com as da fuselagem do avião. Teriam portas móveis nas extremidades, a fim de permitir a passagem de comissárias e dos próprios viajantes entre um e outro compartimento. Casulos de cozinha, repletos de víveres frescos e novas aeromoças, seriam inseridos independentemente.

Um refinamento do sistema prevê a eventual utilização de casulos para o transporte ao centro da cidade, ou a possibilidade de transferir os passageiros para as conexões sem jamais abandonar seus assentos.

Outra concepção semelhante é a "sala de espera aérea", já em aperfeiçoamento em Los Angeles. Cada sala, com capacidade para quarenta passageiros, será parte ônibus, parte helicóptero. Nas rotas locais viajará pelas ruas suburbanas ou centrais com força própria, e depois, ao chegar ao heliporto, transformar-se-á num casulo debaixo de um helicóptero de grandes proporções — sendo a unidade inteira conduzida ou retirada de um aeroporto.

Mel sabia que tudo isso havia de se converter em realidade. E se não acontecesse exatamente dessa maneira, seria parecida, e em muito breve. Para os que trabalham nos meios aeronáuticos, é fascinante acompanhar a velocidade com que os sonhos mais fantásticos tornam-se possíveis.

Subitamente, uma voz, vinda do saguão, interrompeu os seus devaneios:

— Ei, Bakersfeld! Você aí em cima!

Mel procurou, com o olhar, localizar a proveniência da voz. Ficava ainda mais difícil pelo fato de que cinquenta pessoas, mais ou menos, curiosas para ver quem estava sendo chamado, ergueram

simultaneamente a cabeça. Identificou quem o chamava. Era Egan Jeffers, um negro alto e magro, vestido com calça marrom clara e camisa de manga curta. Gesticulava o braço escuro e vigoroso com urgência.

— Venha cá para baixo, Bakersfeld. Está ouvindo?

Você tem um problema pra resolver!

Mel sorriu. Jeffers, que detinha a concessão de engraxatarias no edifício, era uma personagem do aeroporto. Com aquele jeito de rir, aberto e desafiante, nas feições grosseiras, era capaz de proferir os maiores atrevimentos sem ofender ninguém.

— Estou ouvindo, Egan Jeffers. Porque você não sobe até aqui?

Os dentes se mostraram ainda mais.

— Deixe de besteira, Bakersfeld! Sou um concessionário não se esqueça.

— Se eu esquecer, você vai querer que eu leia o Ato dos Direitos Civis.

— É você quem diz, Bakersfeld. Agora traga esse rabo cá pra baixo.

— E você cuide com o que fala no meu aeroporto.

Ainda se divertindo, Mel virou as costas à balaustrada da sobreloja e dirigiu-se ao elevador dos funcionários. No saguão central, Egan Jeffers o esperava.

Controlava quatro engraxatarias no prédio. Em matéria de concessão, não significava grande coisa, pois o estacionamento de veículos, o restaurante e as bancas de jornais e revistas produziam rendimento astronômico em comparação.

Egan Jeffers, no entanto, que começara a vida como engraxate de calçada, comportava-se com a exuberância de quem cobrisse os prejuízos do aeroporto.

— Temos um contrato, o aeroporto e eu. Confere?

— Confere.

— Lá no meio de toda aquela conversa fiada está escrito que tenho o direito *ex-clu-si-vo* de engraxar sapatos em todas as dependências. *Ex-clu-si-vo*. Confere?

— Confere.

— Então é como eu digo, meu chapa, você tem um problema a resolver. Venha comigo, Bakersfeld.

Atravessaram o saguão na direção de uma escada rolante, que ligava com o piso inferior. Jeffers desceu por ela de dois em dois em largas passadas. Abanava jovialmente para diversas pessoas por quem passavam. Mel seguia, menos atleticamente, poupando o pé mais fraco.

Ao pé da escada, perto de uma série de postos de aluguel de carros, ocupados por Hertz, Avis e National, Egan Jeffers apontou com o dedo.

— Olhe ali, Bakersfeld! Espie só! Tirando o pão da minha boca, e dos rapazes que trabalham pra mim.

Mel examinou a causa da reclamação. No balcão da Avis havia um cartaz bem à vista, com os dizeres:

**E N G R A X E E N Q U A N T O E S P E R A**

Cortesia da firma

E isso é só o começo!

E embaixo, ao nível do chão, havia um engraxador rotativo, elétrico, colocado numa posição que permitia a qualquer pessoa parada diante do balcão a fazer o que o anúncio sugeria.

O divertimento de Mel ficou reduzido pela metade. Parte do seu raciocínio aceitava a queixa de Egan Jeffers. Meio na troça, ou não, Jeffers estava dentro do seu direito. O contrato especificava que mais ninguém podia engraxar sapatos no aeroporto, da mesma forma que o próprio Jeffers não podia locar carros ou vender jornais. Cada concessionário recebia o mesmo tipo de proteção em troca da porção substancial de seus lucros que o aeroporto

arrecadava para si.

Enquanto Egan Jeffers o observava, Mel encaminhou-se para o posto de aluguel de carros. Consultou a lista de telefones de urgência que trazia sempre no bolso — um livrinho contendo os números particulares dos funcionários de categoria do aeroporto. O do gerente da Avis figurava na relação. A moça do balcão sorriu automaticamente ao vê-lo aproximar-se.

— Quer me emprestar o telefone? — pediu Mel.

— Senhor, não é público... — protestou.

— Sou o administrador do aeroporto.

Mel estendeu o braço, apanhou o telefone e discou o número. Não ser reconhecido pelos próprios empregados constituía uma experiência freqüente. O seu trabalho mantinha-o praticamente nos bastidores, longe dos setores públicos, e os que trabalhavam ali raramente o viam.

Ouvindo o sinal de chamada, lamentou que os outros problemas não pudessem ser resolvidos tão rápida e simplesmente como aquele.

O telefone despertou umas doze vezes, depois teve de aguardar vários minutos ainda, até escutar a voz do gerente da Avis na linha.

— Aqui é Ken Kingsley.

— Eu podia querer um carro — disse Mel. — Onde é que você andava?

— Brincando com os trens do garoto. Assim esqueço os automóveis — e as pessoas que me telefonam por causa disso.

— Deve ser ótimo ter um filho — comentou Mel. — Eu só tenho meninas. O pequeno se interessa por máquinas?

— É um gênio de oito anos. Quando você precisar de ajuda para dirigir o seu aeroporto de brinquedo, é só avisar.

— Sem a menor sombra de dúvida, Ken. — Mel piscou para Egan

Jeffers. — Estou com um problema agora mesmo que ele pode me ajudar. Quem sabe não está precisando de uma máquina de engraxar sapatos em casa? Sei onde existe uma de sobra. E você também.

Houve um silêncio, e em seguida o gerente da Avis soltou um suspiro.

— Porque será que vocês são uns camaradas sempre prontos a atrapalhar uma promoçãozinha honesta?

— Em geral porque somos maus e ordinários. Mas a gente pode dar um jeito. Lembra-se daquela cláusula contratual? "Qualquer alteração no espaço destinado a cartazes necessita a aprovação prévia da administração do aeroporto". Depois tem outra que se refere à invasão dos direitos de outros concessionários.

— Morei — disse Kingsley. — Egan Jeffers deu a bronca.

— Digamos que não ficou doido de alegria.

— Okay, entrego as fichas. Vou dizer ao meu pessoal pra tirar fora aquela porcaria. Está com muita pressa?

— Muita não — disse Mel. — Em meia hora mais ou menos fica bem.

— Seu sacana.

Ao desligar, porém, ouvia a risada do encarregado da Avis.

Egan Jeffers aprovou com a cabeça, sempre com os dentes à mostra. Mel pensou: sou o comediante amável do aeroporto, deixo todo mundo contente. Gostaria de poder realizar a mesma façanha com os próprios problemas.

— Essa jogada você ganhou cem por cento, Bakersfeld — disse Jeffers. — Continue com a bola para que não se repita.

Com o mesmo passo profissional, e sempre sorrindo, dirigiu-se para a escada rolante.

Mel foi atrás, mais devagar. Ao chegar ao saguão, nos balcões da

Trans-América, uma verdadeira multidão se comprimia diante de duas posições marcadas:

Embarque especial

Vôo número dois — O *Caravela de Ouro*

Roma sem escalas

Nas proximidades, Tânia Livingston conversava animadamente com um grupo de passageiros. Fez sinal para Mel e em poucos instantes reuniu-se a ele.

— A demora é breve, isso aqui está um hospício. Pensei que você tivesse ido à cidade.

— Mudei, de idéia — informou. — Por falar nisso, pensei que estava na hora de você largar o serviço.

— O ATS me pediu pra ficar. Estamos fazendo o possível para o *Caravela de Ouro* partir no horário. Dizem que é por causa de prestígio, mas desconfio que o verdadeiro motivo é que o Comandante Demerest não gosta de esperar.

— Você está se deixando levar pela prevenção — sorriu Mel. — Embora eu também não esteja livre desse mal.

Tânia indicou uma plataforma erguida no saguão, cercada por um balcão circular, a poucos passos do local onde estavam.

— Lá está a causa da grande desavença com o seu cunhado, o motivo da raiva do comandante Demerest contra você. Não é?

Tânia apontara para o posto de venda de seguros de vida no aeroporto. Uma dúzia de pessoas, aproximadamente, estava aglomerada em torno do balcão circular, a maioria assinando os formulários das apólices de vôo. Na parte interna, duas bonitas moças — sendo que uma era loura e sensacional, com seios enormes — ocupavam-se em preencher os detalhes.

— Sim — concordou Mel — foi o ponto crucial do problema — pelo menos até recentemente. Vernon e a Associação de Pilotos Comerciais acham que devemos suprimir os postos de seguro, bem



como as máquinas automáticas de venda de apólices. Eu discordo. Travamos uma batalha na presença da Junta de Diretores. O que ele não gostou, e continua não gostando, é que saí vitorioso.

— Eu soube. — Tânia olhou para Mel de modo penetrante. — Há quem discorde de você. Dessa vez achamos que o comandante Demerest está com a razão.

Mel sacudiu a cabeça.

— Então seremos forçados a discordar. Já discuti uma infinidade de vezes. Os argumentos de Vernon são simplesmente inaceitáveis.

Já eram inaceitáveis — na opinião de Mel — naquele dia, há um mês, no Lincoln, quando Demerest comparecera perante a assembléia da diretoria. Solicitara a audiência, em nome da Associação de Pilotos Comerciais, que empreendia uma campanha para terminar com a venda de seguros em todos os aeroportos.

Mel recordava-se perfeitamente dos pormenores da sessão.

Foi uma assembléia rotineira da Junta, numa manhã de quarta-feira, na sala de reuniões do aeroporto. Os cinco diretores estavam presentes — Mrs. Ackerman, uma morena atraente e casada que os boatos designavam como amante do prefeito da cidade (daí o motivo de sua nomeação), e os seus quatro colegas masculinos — um professor universitário, que exercia a presidência, dois comerciantes locais, e um funcionário do sindicato aposentado.

A sala, revestida de painéis de mogno, ficava situada no edifício principal, na sobreloja da diretoria. Numa extremidade, sobre uma plataforma, os membros sentavam em cadeiras de encosto de couro, por trás de uma bela mesa em forma de elipse. Num plano inferior, havia outra, menos rebuscada. Era ocupada por Mel Bakersfeld, ladeado pelos chefes de departamento. Ao seu lado estava uma terceira mesa, reservada à imprensa, e ao fundo localizava-se uma parte destinada ao público, pois as reuniões eram sempre franqueadas aos interessados. Essa última seção raramente tinha gente.

Nesse dia, o único intruso, era o Comandante Vernon Demerest, elegantemente trajado com o uniforme da Trans-América, com as quatro divisas douradas a brilhar sob as luzes do teto. Ficou sentado, à espera, no setor reservado ao público, com livros e papéis espalhados em cima de duas cadeiras a seu lado. Por cortesia, a Junta decidiu ouvi-lo antes de tratar dos assuntos de rotina.

Pôs-se em pé e dirigiu-se à administração com a habitual segurança, só consultando as anotações esporadicamente. Explicou que vinha como representante da Associação de Pilotos Comerciais, da qual era o presidente do conselho local. Frisou, no entanto, que assumia total responsabilidade pelas opiniões que ia expor, compartilhadas pela maioria dos comandantes de todas as linhas aéreas.

Os diretores reclinaram-se nas poltronas para escutá-lo.

A venda de seguros nos aeroportos, começou Demerest, constituía uma relíquia obsoleta e ridícula dos primeiros tempos da aviação. A mera presença de postos e máquinas automáticas de apólices, com o destaque que recebiam nos saguões, representava um insulto à aviação comercial, portadora de antecedentes de segurança muito mais sólidos, em proporção ao número de quilômetros percorridos, do que qualquer outra forma de transporte.

Numa estação ferroviária ou de ônibus, ao subir a bordo de um transatlântico ou ao retirar o carro próprio de uma garagem de estacionamento, o viajante por acaso deparava com medidas de proteção especial, contra o risco de morte ou mutilação, assestadas ao seu nariz com imposições sutis de venda? Evidentemente não!

Então porque sucedia isso com a aviação?

Demerest encarregou-se de responder a própria pergunta. Declarou que o motivo podia ser encontrado nas companhias de seguros, que sabiam reconhecer logo uma mina de ouro, "sem se preocupar com as conseqüências".

A aviação comercial é suficientemente nova para que muita gente encare a viagem como um risco, apesar do fato provável que um indivíduo se encontre rodeado de maior segurança num jato em

pleno espaço do que no próprio lar. Essa desconfiança inerente do vôo fica ampliada pelas ocasiões extremamente raras em que ocorrem acidentes aéreos. O impacto trágico obscurece a verdade: acontece muito mais mortes e ferimentos em outros meios de transporte aparentemente inofensivos.

Segundo lembrou, essa verdade era atestada pelas próprias companhias de seguros. Os pilotos, expostos ao risco com maior freqüência do que os passageiros, compram apólices comuns a preços de tabela e, quando aderem aos planos especiais em grupo, pagam taxas inferiores à população em geral.

A despeito disso, certas companhias de seguros, instigadas pela cupidez da administração dos aeroportos, continuavam a prosperar às custas do temor e credulidade dos passageiros.

Ouvindo tudo à mesa dos funcionários, Mel reconheceu mentalmente que o cunhado estava fazendo uma apresentação lúcida do problema, embora, a referência à "cupidez da administração dos aeroportos" fosse desastrosa. O reparo produziu expressões de desgosto em vários membros da Junta, inclusive Mrs. Ackerman.

Vernon Demerest não deu mostras de perceber.

— E agora, minha senhora e meus senhores, chegamos ao ponto mais importante e vital da questão.

O verdadeiro perigo, declarou então, consistia em prometer a todo passageiro e tripulante, de maneira mais irresponsável, através de vendas banais, efetuadas nos balcões ou nas máquinas automáticas do aeroporto... "vastas somas, fortunas, em troca de dólares insignificantes, correspondentes à taxa do seguro".

— Esse sistema — se é possível usar tal termo para um dano causado ao público... coisa que a maioria dos pilotos recusa-se a fazer — oferece um convite aberto, dourado, aos maníacos e criminosos para a prática de sabotagem e homicídios em massa. Os objetivos não podem ser mais simples: indenização pessoal ou para os possíveis beneficiários. — Comandante!

Mrs. Ackerman estava curvada para a frente. Pelo seu tom de voz e a expressão, que tinha no rosto, Mel percebeu que custava a se refazer da observação acerca da "cupidez da administração dos aeroportos".

— Comandante, estamos ouvindo uma série de opiniões pessoais. Existem fatos que corroborem as suas afirmações? — Certamente, minha senhora. Fatos em profusão.

Vernon Demerest preparara o seu caso minuciosamente.

Por meio de mapas e gráficos, demonstrou que os desastres reconhecidamente provocados por bombas ou outros atos de violência atingiam uma média de um e meio por cento ao ano. Os motivos variavam, mas o motivo sistemático e predominante era a vantagem financeira proporcionada pelo seguro de vôo. Do mesmo modo, havia outras tentativas suplementares de explosões, frustradas ou impedidas, além de desastres em que ocorrera suspeita de sabotagem, mas sem ficar provada.

Citou exemplos clássicos: os das Aerovias Canadian Pacific, em 1949 e 1965; da Western, em 1957; da National em 1960, e uma suspeita de sabotagem em 1959; dois da Mexican, em 1952 e 1953; da Venezuelan, 1960; da Continental, 1962; da Pacific, 1964; e da United, em 1950, 1955, e uma suspeita de sabotagem em 1965. Em nove desses treze acidentes, todos os passageiros e membros da tripulação pereceram.

Naturalmente, era óbvio que na hipótese de comprovação de sabotagem, os seguros efetuados pelas pessoas diretamente envolvidas ficavam automaticamente anulados.

Em suma: a sabotagem não compensa, e as criaturas normais e bem informadas, sabem disso perfeitamente. Também não ignoram que mesmo após um desastre aéreo sem sobreviventes, localizados os destroços, é sempre possível descobrir se foi causado por explosão e, via de regra, quais os meios empregados.

Demerest, porém, lembrou que não são as pessoas normais que colocam as bombas ou cometem atos selvagens de violência, mas os anormais, os psicopatas, os criminalmente loucos, os homicidas em

massa, privados de consciência. Esse tipo de criatura raramente é bem informada, e na hipótese de sê-lo, a mentalidade psicótica encontra um jeito de só captar o que lhe interessa, distorcendo os fatos para adaptá-los às suas conveniências.

Mrs. Ackerman fez nova interrupção. Dessa vez a sua hostilidade contra Demerest era indisfarçável.

— Estou certa de que nenhum de nós, nem mesmo o senhor, comandante, está em condições de discutir o que se passa no espírito dos psicopatas.

— Não estava discutindo — replicou Demerest impaciente. — De qualquer forma, o problema não é esse.

— Desculpe-me, mas o senhor *estava*. E acontece que, na minha opinião, o problema é esse.

Demerest avermelhou. Estava acostumado a dar ordens e não ser contrariado. O seu temperamento, sempre pronto a explodir, manifestou-se.

— A senhora é sempre burra assim ou está brincando? O Presidente da Junta bateu energicamente com o martelo. Mel Bakersfeld teve de se controlar para não soltar uma gargalhada.

Bem, pensou Mel, o melhor é acabar logo com isso. Vernon devia se limitar a pilotar, o que fazia com perfeição, e desistir da diplomacia, onde acabava de fracassar. As possibilidades da Junta do aeroporto fazer qualquer coisa no sentido proposto pelo Comandante Demerest não podiam, no momento, ser mais remotas — a menos que Mel o ajudasse a sair do embaraço. Imaginou por um instante que seria a solução. Demerest devia ter notado que ultrapassara os limites. No entanto, ainda havia tempo para transformar o que acabara de acontecer numa simples pilhéria, da qual todos iriam rir, inclusive Mildred Ackerman. Mel tinha talento para essas coisas, aparando as arestas, ao mesmo tempo que salvava as aparências para ambos antagonistas. Sabia também que gozava da predileção de Millie Ackerman. Entendiam-se muito bem, e ela sempre acatava religiosamente tudo o que ele dizia.

Porém decidiu: fosse tudo para o inferno. Duvidava que o cunhado sequer pensasse em proceder da mesma forma se os papéis estivessem invertidos. Vernon que encontrasse sozinho a saída do impasse. De toda maneira, Mel ia falar dentro de poucos minutos.

— Comandante Demerest — observou friamente o Presidente da Junta — a sua última observação, além de inoportuna, é inteiramente gratuita. Queira fazer o favor de se retratar.

A fisionomia de Vernon continuava afogueada. Hesitou momentaneamente, depois concordou com a cabeça.

— Muito bem, retrato-me. — Olhou para Mrs. Ackerman. — A senhora queira me desculpar. Talvez possa compreender que esse assunto tem um interesse todo especial, não só para mim como para todos os tripulantes comerciais.

Diante de um fato que me parece tão óbvio...

Deixou a frase suspensa no ar.

Mrs. Ackerman tinha um olhar feroz. O pedido de desculpas, da maneira que fora feito, segundo a opinião de Mel, não podia ser mais imprudente. Agora, mesmo que quisesse, era tarde demais para salvar a situação.

Um dos outros diretores perguntou:

— Comandante, o senhor poderia nos explicar exatamente o que pretende?

Demerest deu um passo à frente. A voz ficou contundente.

— Venho apelar para que sejam abolidas as máquinas de seguro automáticas e a venda de apólices nos balcões no recinto deste aeroporto, além da promessa formal de que jamais renovarão a concessão de espaço destinado à mesma finalidade.

— A abolição integral das vendas de seguro?

— Sim — dentro do aeroporto. Devo adiantar, minha senhora e meus senhores, que a nossa Associação está insistindo junto aos outros aeroportos a proceder da mesma forma. Também pedimos ao

Congresso para tomar medidas que tornem ilegais as transações efetuadas sob essas condições.

— E de que adianta fazer isso nos Estados Unidos, se as viagens aéreas são internacionais?

Demerest sorriu levemente.

— A nossa campanha assume caráter mundial.

— De que maneira?

— Contamos com o apoio ativo de grupos de pilotos em quarenta e oito países. Quase todos acreditam que se a América do Norte, seja os Estados Unidos ou o Canadá, estabelecesse o exemplo, os outros adotariam o sistema.

— Parece-me que o senhor é muito otimista — observou, com ceticismo, o mesmo diretor.

— Não há dúvida — interrompeu o presidente da mesa — de que o público tem direito de comprar a apólice de seguro se assim preferir.

Demerest concordou com a cabeça.

— Certamente. Ninguém disse o contrário.

— Sim, o senhor disse.

Era Mrs. Ackerman de novo.

Os músculos em torno dos lábios de Demerest se apertaram.

— Minha senhora, qualquer pessoa pode fazer o seguro que bem entende. Precisam apenas ter a previsão elementar de tomar as providências antecipadamente — por intermédio de um corretor ou até mesmo de uma agência de turismo. — Relanceou o olhar por toda a diretoria. — Hoje em dia muita gente traz uma apólice coletiva contra acidentes quando vai empreender uma viagem. Fazem todos os percursos que querem e ficam assegurados permanentemente. Há uma porção de maneiras de fazer isso. Por exemplo: as principais empresas de cartões de crédito — Diners, American Express, Carte Blanche — todas oferecem seguro de

viagem permanente aos seus associados. É renovado e cobrado automaticamente cada ano.

Demerest lembrou que a maior parte dos homens de negócios que viajam possui pelo menos um dos cartões de crédito mencionados. Por conseguinte, a supressão do seguro feito nos aeroportos não lhes traria nenhuma dificuldade ou transtorno.

— E para essas apólices coletivas, as taxas são mínimas. Sei o que estou falando porque possuo uma.

Fez uma pausa e depois prosseguiu.

— O fator mais importante em todos esses seguros é que passam pelos canais competentes. Os pedidos são encaminhados a funcionários experientes. Transcorre um ou mais dias entre a entrega do formulário e a emissão da apólice. Por causa disso, a oportunidade de identificar o psicótico, o maníaco, o desequilibrado, e averiguar as suas intenções, é muito maior. Outra coisa a lembrar — um louco ou neurótico obedece a impulsos. No caso do seguro de vôo, o seu impulso é favorecido pelas apólices rápidas, que dispensam perguntas, fáceis de serem adquiridas nas máquinas automáticas e balcões dos aeroportos.

— Acho que todos já entenderam aonde o senhor quer chegar — atalhou severamente o presidente. — Está começando a se repetir, comandante.

Mrs. Ackerman aprovou com a cabeça.

— Concordo. Quanto a mim, gostaria de saber a opinião de Mr. Bakersfeld.

Os olhos dos membros da Junta pousaram em Mel.

— Sim, tenho algumas observações a fazer — admitiu. — Porém, prefiro esperar até que o Comandante Demerest complete a sua exposição.

— Já completou — afirmou Mildred Ackerman. — Acabamos de decidir.



Um dos membros riu, e o presidente bateu com o martelo.

— Sim, acho que é isso mesmo... Tenha a bondade, Mr. Bakersfeld.

Enquanto Mel se erguia, Vernon Demerest voltava furioso ao seu lugar.

— Quero declarar desde já — iniciou Mel — que tenho uma opinião diametralmente oposta a tudo que Vernon acaba de dizer. Acho que se pode chamar de uma discórdia de família.

Os diretores sorriram, cientes dos laços de parentesco que o uniam a Demerest. Mel percebeu logo que a tensão do ambiente diminuía sensivelmente. Estava habituado a essas reuniões e sabia que a naturalidade é sempre a melhor arma. Vernon podia ter notado o mesmo — se tivesse tomado a precaução de averiguar.

— Existem vários pontos que requerem a nossa atenção — prosseguiu. — Em primeiro lugar, é inegável que muita gente sofre um pavor inato de aviões. Estou convencido de que esse receio há de perdurar, a despeito de todos os progressos que se venha a alcançar e por mais aperfeiçoados que se tornem os nossos dispositivos de segurança. A propósito, devo lembrar que o único ponto em que concordo plenamente com Vernon é que os nossos antecedentes de segurança são realmente excelentes.

Continuou: — Devido a esse temor inerente, muitos passageiros sentem-se reconfortados, tranqüilos, com a compra do seguro. Precisam dele. Também querem encontrá-lo ao seu alcance, nos aeroportos, fato comprovado pelo enorme volume de vendas nas máquinas automáticas e balcões especiais. Tornara-se uma questão de liberdade que os passageiros pudessem dispor do direito e da oportunidade de escolha. No tocante à obtenção antecipada da apólice, era evidente que a maioria não pensava nisso. Aliás, acrescentou, se fosse adquirida dessa maneira, boa parte do rendimento dos aeroportos — inclusive do Lincoln — desapareceria. Ao se referir aos lucros, Mel sorriu. Os membros da Junta também.

Era, de fato, o ponto crucial do problema. Os rendimentos provenientes dos concessionários de seguros consistiam uma fonte

importante demais para ser desprezada. No Aeroporto Internacional de Lincoln, recolhia-se meio milhão de dólares anuais em comissões das vendas de apólices, embora poucos segurados imaginassem que essas comissões representassem a quarta parte da taxa paga. E no entanto constituía, por ordem de importância, apenas a quarta concessão de vulto, vindo após o estacionamento de carros, restaurantes e aluguel de automóveis, que produziam maior percentagem de lucro. Em outros aeroportos, o rendimento dos seguros era semelhante ou até mais volumoso. Mel refletiu que ficava muito bem para Vernon Demerest falar na "cupidez da administração dos aeroportos", porém aquela espécie de dinheiro também possuía eloquência.

Mel resolveu não fazer referência a esse detalhe. A sua breve alusão aos rendimentos era mais que suficiente. Os membros da Junta, a par da situação financeira da organização, entenderiam.

Consultou as anotações. Constavam de informações fornecidas na véspera pelas companhias de seguro que efetuavam transações no Lincoln. Mel não havia solicitado aquelas informações. Tampouco revelara, salvo aos funcionários de seu próprio gabinete, que o presente debate estava iminente. Não sabia como, tinham descoberto. Era extraordinário como descobriam sempre — passando imediatamente a lutar pela defesa de seus interesses.

Não pensaria em recorrer a esses dados se entrassem em conflito com a sua opinião conscienciosa. Felizmente coincidiam.

— Agora — disse — quanto à sabotagem — concreta ou imaginária.

Percebeu que os membros da diretoria o escutavam com a mais intensa concentração.

— Vernon falou muito a esse respeito, porém, devo confessar que, após escutá-lo atentamente, quase todos os seus argumentos me parecem exagerados. Na realidade, as ocorrências comprovadas de catástrofes aéreas causadas por bombas que visavam a cobrança de seguro têm sido extremamente raras.

Na parte reservada ao público, o Comandante Demerest levantou-se

de um salto.

— Santo Deus! Vão ser precisos quantos acidentes para convencer vocês?

O presidente bateu com força no martelo.

— Comandante... por favor!

Mel aguardou até que Demerest se acalmasse e depois prosseguiu calmamente.

— Uma vez que a pergunta foi colocada, a resposta é: nenhum. Acho mais interessante indagar: os mesmos desastres não teriam acontecido mesmo que fosse impossível adquirir o seguro no aeroporto?

Observou uma pausa, para dar tempo à compreensão, antes de continuar.

— Claro, pode ser argüido que se o seguro no aeroporto fosse impossível, os desastres de que estamos falando jamais ocorressem. Por outras palavras, foram crimes impulsivos, causados pela facilidade de aquisição de apólices antes do vôo. Da mesma forma, pode-se contestar que no caso dos crimes terem sido planejados com antecipação, talvez não tivessem ocorrido se o seguro de viagem fosse mais difícil de ser obtido. Creio que são esses os argumentos de Vernon — e da A. P. C.

Mel olhou rapidamente o cunhado, cuja única reação foi uma carranca.

— A fraqueza manifesta de todos esses argumentos — sustentou — é não passarem de meras suposições. Parece-me igualmente provável que uma pessoa que planeja um crime semelhante não se intimidaria com a falta de seguro no recinto do aeroporto. Seria fácil conseguir a apólice em qualquer outro local, coisa — segundo o próprio Vernon — muito simples de fazer.

Expresso por outras palavras, disse Mel, o seguro de vôo parecia constituir uma reflexão posterior dos candidatos a sabotadores, e

não a causa primordial do crime. Os verdadeiros motivos, quando ocorria uma catástrofe aérea, baseavam-se nas velhas debilidades humanas: triângulos amorosos, cupidez, falências e suicídios.

Enquanto existissem seres humanos, afirmou Mel, tornava-se impossível eliminar esses motivos. Portanto, aqueles que se ocupam da segurança dos vôos e da prevenção contra atos de sabotagem, deveriam tratar, em vez de abolir a prática do seguro na hora da partida, de reforçar outras precauções, tanto em terra como no ar. Uma dessas medidas é o controle mais enérgico da venda de dinamite — o principal instrumento utilizado pelos sabotadores aéreos. Outra proposta consistia no aperfeiçoamento de detectores de explosivos na bagagem. Um desses aparelhos, informou à atenta Junta de diretores, já se encontrava em uso, em caráter de experiência.

Uma terceira sugestão — apresentada pelas companhias de seguros — resumia-se em abrir a bagagem dos passageiros *antes* do vôo, a exemplo do que sucede atualmente com a inspeção alfandegária. Mel terminou afirmando, porém, que essa última idéia oferecia dificuldades óbvias.

Reivindicou uma observação mais estrita das leis em vigor sobre a proibição do porte de armas nas aeronaves comerciais. E os projetos de aviões deviam ser analisados em relação aos atos de sabotagem, com a finalidade de proporcionar maior resistência às explosões internas. A esse respeito, fora feita uma sugestão — também proposta pelas companhias de seguro — para a construção de compartimentos de bagagem de paredes mais espessas e pesadas do que as atuais, mesmo à custa de um aumento de peso e da diminuição de rendimentos da linha aérea.

A A. F. A. , segundo Mel, tinha efetuado um levantamento dos seguros vendidos nos aeroportos e opusera-se, posteriormente, a qualquer restrição nas vendas. Mel observou que o cunhado estava tinindo de raiva. Ambos sabiam que o "levantamento" da A. F. A. era uma questão melindrosa com os pilotos das empresas comerciais. Organizado pelo funcionário de uma companhia de seguros —

também securitário da aviação — a sua imparcialidade apresentava um elevado índice de suspeita.

Havia muitos outros pontos nas anotações fornecidas, sobre os quais Mel não se estendeu. Decidiu que já falara que chegasse. Aliás, certos argumentos propostos pareciam-lhe menos convincentes. Tinha mesmo sérias dúvidas, agora que mencionara, quanto à sugestão referente ao compartimento de bagagens, apresentada há poucos instantes. Para quem ficaria o peso suplementar, perguntava-se: para os passageiros, para as empresas, ou simplesmente para as companhias de apólices de vôo? Os outros argumentos, porém, de acordo com a sua opinião, possuíam envergadura suficiente.

— Por isso — finalizou — o que temos de decidir é se pretendemos, baseados exclusivamente em suposições, privar o público de um serviço exigido por ele mesmo.

Enquanto Mel tornava a sentar, Mildred Ackerman declarou pomposamente:

— Creio que não.

E fulminou Vernon Demerest com o olhar triunfante.

Os outros membros da diretoria concordaram com um mínimo de formalidades. Depois suspenderam a sessão, adiando os outros assuntos para a tarde.

No corredor do lado de fora, Mel encontrou Demerest à sua espera.

— Oi, Vernon! — apressou-se a dizer, num esforço conciliatório, sem lhe dar tempo de falar. — Espero que não esteja zangado. Mesmo os amigos e parentes são obrigados a divergir de vez em quando.

Claro está que os "amigos" era um exagero. Mel Bakersfeld e Vernon Demerest jamais se toleraram, apesar do casamento do comandante com Sarah Bakersfeld. E ambos sabiam disso. Ultimamente, para piorar a situação, a antipatia se convertera em franco antagonismo.

— Pois fique sabendo que estou — disse Demerest.

O auge da cólera havia passado, porém os olhos continuavam duros. Os diretores, saindo da sala de reuniões, contemplavam os dois com curiosidade. Iam todos almoçar. Mel os acompanharia dentro de poucos minutos.

— Para gente como você — disse Demerest com desprezo — que vive grudada na terra, presa a escrivatinhas, com mentalidade de pingüim, essas coisas são fáceis. Mas se andasse no espaço como eu, teria um ponto de vista diferente.

— Nem sempre pilotei escrivatinhas — replicou Mel bruscamente.

— Ah, pelo amor de Deus! Não me venha com essas lamúrias de herói veterano. O que interessa é que você vive a zero metros de altitude. Prova está a sua maneira de pensar. Do contrário, trataria a questão dos seguros como todo piloto que se respeita.

— Que se respeita ou que se adora?

Se Vernon queria um duelo de insultos, Mel decidiu não se curvar perante o adversário. Agora não havia ninguém escutando.

— O mal de todo aviador é que de tanto pensar que é um semideus, um capitão das nuvens, termina por se convencer de que o seu cérebro é qualquer coisa de maravilhoso. Pois olhe, com exceção de um número limitado de especializações, não é nada disso. Às vezes me ocorre que o resto do organismo fica zozinho de tanto permanecer naquele ar rarefeito enquanto o piloto automático faz o trabalho todo. Por isso, quando alguém surge com uma opinião honesta que, por desgraça, vai de encontro à sua, comportam-se como crianças mimadas.

— Tudo o que está dizendo não tem a menor importância — replicou Demerest — só que se há alguém pueril é você mesmo. E o que é pior, desonesto.

— Escute uma coisa, Vernon...

— Uma opinião honesta, não é? — bufou Demerest com desgosto. — Opinião honesta uma ova! Aí dentro você usou uma folha preparada

por uma companhia de seguros. Estava lendo-a! Pude ver do meu lugar, e reconheci logo, porque também tenho uma cópia. — Bateu na pilha de livros e documentos que carregava. — Nem sequer teve a decência, ou se deu ao trabalho, de preparar as suas próprias alegações.

Mel avermelhou. O cunhado o apanhara em flagrante. *Devia* ter preparado o seu arrazoado, ou ao menos adaptado as informações da companhia de seguro, mandando datilografá-las novamente. Verdade que durante vários dias que antecederam a assembléia tinha estado mais ocupado do que de costume. Porém isso não constituía desculpa.

— Algum dia você há de se arrepender — prometeu Vernon Demerest. — E então, se eu estiver por perto, vou lembrá-lo do que aconteceu hoje. Até essa data, só pretendo falar com você o estritamente necessário.

Sem esperar resposta, o cunhado virou as costas e se afastou.

Recordando-se agora, ao lado de Tânia, no saguão central do edifício, Mel se perguntava — como já fizera tantas vezes — se não poderia ter resolvido o conflito com Vernon de maneira mais aceitável. Sentia uma impressão incômoda de remorso. Podia divergir de opinião — mesmo agora não encontrava motivo para modificar o seu ponto de vista. Mas isso não impedia de mostrar-se afável, evitando a falta de tato que era parte integrante da personalidade de Vernon Demerest, porém não sua.

Nunca mais se enfrentaram depois daquele dia. O momento em que avistou o cunhado na cafeteria nessa noite tinha sido o primeiro encontro desde a reunião da diretoria. Não possuía muita afinidade com Sarah, sua irmã mais velha, e as famílias raramente se visitavam. No entanto, mais cedo ou mais tarde, os dois seriam colocados frente à frente e se não fosse para resolver as diferenças, ao menos para disfarçá-las. Na opinião de Mel, a julgar pelo relatório da comissão de repressão à neve, redigido em linguagem tão violenta — indiscutivelmente inspirado pelo antagonismo de

Vernon — quanto antes isso acontecesse, melhor.

— Se eu tivesse previsto — disse Tânia — que você ia se perder em divagações tão longínquas, jamais teria mencionado a questão dos seguros.

Embora as recordações que desfilaram pela sua memória tivessem roubado apenas alguns segundos, Mel ficou mais uma vez perplexo com a perspicácia de Tânia com tudo que se relacionava consigo. Não conhecia ninguém que possuísse a mesma facilidade para adivinhar os seus pensamentos. Era uma prova da aproximação instintiva entre os dois.

Estava consciente de que ela observava as suas reações, com um olhar meigo e compreensivo. Mas além da sua delicadeza, havia a força e a sensualidade feminina. O instinto lhe dizia que era capaz de se transformar em flama. Sentiu uma vontade súbita de estreitar ainda mais aquela aproximação.

— Não me perdi tão longe assim — respondeu. — Fiquei mais perto. Neste instante preciso muito de você. — Quando os seus olhares se cruzaram, acrescentou: — De todas as maneiras.

A franqueza de Tânia era característica.

— Eu também preciso de você. — Sorriu ligeiramente. — Há muito tempo sinto essa necessidade.

O impulso de Mel foi sugerir que partissem logo à procura de algum recanto tranqüilo... talvez o apartamento de Tânia... e ao diabo as conseqüências! Mas se conformou com o que já sabia: não podia ir. Pelo menos por enquanto.

— Nos encontramos mais tarde — prometeu-lhe. — Hoje ainda. Não tenho certeza da hora, mas prometo. Não vá para casa sem me esperar.

Queria estender os braços, abraçá-la, apertar o corpo contra o seu, mas estavam rodeados de gente.

Ela colocou a mão levemente em seu braço, tocando-o com as



pontas dos dedos. A sensação do contato era eletrizante.

— Espero sim — disse. — O tempo que for preciso.

Um momento depois, afastava-se, sendo instantaneamente tragada pela multidão de passageiros que se acotovelava em torno dos balcões da Trans-América.

A hora antes, Cindy Bakersfeld estava incerta sobre a atitude DESPEITO DA violência com que tratara o marido meia a tomar. Gostaria de encontrar uma pessoa que pudesse aconselhá-la. Deveria ou não ir ao aeroporto nessa noite?

Sentindo-se solitária no meio da balbúrdia do coquetel do Fundo de Auxílio dos Amigos das Crianças de Archidona, hesitava em tomar um dos dois cursos de ação que se abriam à sua frente. Durante a maior parte da noite, até esse momento, passara de grupo em grupo, conversando animadamente, encontrando as pessoas que conhecia ou queria tornar-se amiga. Porém, devido a algum motivo inexplicável, hoje i— mais do que nunca — Cindy se sentia consciente do fato de estar desacompanhada. Os últimos minutos tinham sido perdidos em meditação, preocupada, sozinha, em pé.

Refletiu novamente: não se sentia com coragem para enfrentar o jantar sem o marido. E faltava pouco para começar. Havia duas alternativas: ou voltava para casa, ou saía ao encontro de Mel para brigar.

No telefone, insistira em ir ao aeroporto para enfrentá-lo. Mas se fosse, compreendia agora, o resultado seria uma explicação definitiva entre ambos — com toda a certeza, irreversível e final. O bom-senso lhe dizia que cedo ou tarde o ajuste de contas era inevitável. Portanto, preferia resolver a situação de uma vez. E havia outras questões relacionadas, reclamando solução. Contudo, quinze anos de matrimônio não podiam ser postos de lado frivolamente, como um impermeável plástico. Por maiores que fossem as deficiências e discórdias — e Cindy sabia de uma infinidade — depois de tanto tempo de vida em comum, existem laços afetivos e físicos que são dolorosos de romper.

Mesmo agora, acreditava que havia esperanças, se ambos se

esforçassem como deviam. A questão, porém, era: queriam realmente? Quanto a ela, tinha certeza que sim — caso Mel cedesse a certas condições, a que se recusara no passado. Duvidava muito que a transformação fosse tão marcante quanto sonhava. No entanto, sem essas mudanças, continuar a viver juntos resultava intolerável, pelo menos nas circunstâncias atuais. Nos últimos tempos não havia sequer o consolo do sexo que em outras ocasiões resolvia certas disputas. Alguma coisa nesse sentido estava errada, embora Cindy não soubesse o motivo. Mel ainda a excitava sexualmente. Nesse momento, só em pensar nele desse modo, bastava para agitar os sentidos: ficara consciente do próprio corpo. Quando surgia a oportunidade, porém, qualquer coisa provocada pela distância mental os inibia. O resultado — pelo menos no seu caso — era frustração, raiva, e depois um apetite sexual tão violento que precisava ser saciado. Fosse por quem fosse.

Permanecia sozinha, em pé, no luxuoso Salão La Salle do Hotel Lago Michigan, local escolhido para a recepção à imprensa. As conversas barulhentas ao seu redor giravam quase só a respeito do temporal e das dificuldades para se chegar ao coquetel. Ao menos, ao contrário de Mel, haviam conseguido comparecer. De vez em quando ouvia alguma referência à Archidona, lembrando-se de que ainda não descobrira a qual das duas — se no Equador ou na Espanha... *vá pro inferno, Mel Bakersfeld! Tá bem, não sou tão sabida como você* — destinava-se a sua caridade.

Alguém esbarrou no seu braço e uma voz amável perguntou:

— Está sem bebida, Mrs. Bakersfeld? Quer que lhe apanhe uma?

Cindy se virou. Tratava-se de um jornalista chamado Derek Eden, a quem conhecia superficialmente. Publicava uma coluna regular no *Sun-Times*. Como muitos de sua profissão, possuía maneiras desembaraçadas, atrevidas, e um ar de leve dissipação. Lembrava-se de que ambos se mostraram mutuamente interessados em ocasiões anteriores.

— Aceito — respondeu. — Uísque com soda, mas pouca. E pode usar

o meu primeiro nome. Acho que sabe qual é.

— Claro: Cindy.

Os olhos do jornalista revelavam admiração e uma franca avaliação. Ora, pensou Cindy, porque não? Sabia que hoje estava com ótima aparência. Tivera o máximo cuidado para se vestir bem e usar a maquilagem adequada.

— Volto em seguida — prometeu Derek Eden. — Agora que a encontrei, não desapareça.

Dirigiu-se ao bar.

Enquanto esperava, observando o Salão La Salle atulhado de gente, Cindy surpreendeu o olhar de uma mulher idosa de chapéu florido. Sorriu-lhe imediatamente com a maior cordialidade. A outra respondeu com um aceno de cabeça, mas logo desviou a vista. Era uma colunista social. Estava com o fotógrafo a seu lado. Juntos combinavam os retratos que constariam provavelmente do diagrama de página inteira da edição do dia seguinte. A mulher do chapéu florido reunira vários grupos de promotores da festa, acompanhados dos convidados, e enquanto tomavam as posições para as fotografias, sorriam obsequiosos, esforçando-se para assumir um ar displicente, porém lisonjeados pela escolha. Cindy não ignorava o motivo de se ver preterida: sozinha não representava um nome importante, o que não aconteceria se o marido estivesse presente. O nome de Mel era cotado na vida da cidade. O irritante, contudo, é que não ligava a menor confiança para o destaque social.

Do outro lado do salão, a objetiva do fotógrafo soltava um clarão. A mulher do chapéu florido anotava nomes. Cindy sentia vontade de chorar. Para *quase todas as ocasiões beneficentes...* oferecia-se, esforçava-se ao máximo, servia nas comissões mais insignificantes, desempenhava funções subalternas que outras senhoras, mais preeminentes na escala social, rejeitavam. E agora, ver-se abandonada dessa forma... *Pro inferno com você outra vez. Mel Bakersfeld! Diabo de neve filha da puta! E foda-se com aquele aeroporto exigente, fedido, destruidor de lares!*

Derek Eden estava de volta com dois drinques, um para Cindy e outro para ele. Abrindo caminho através do salão, percebeu que ela o observava. Sorriu. Parecia muito confiante de si mesmo. Se Cindy conhecia bem os homens, provavelmente calculava quais eram as probabilidades de ir para a cama com ela nessa mesma noite. Imaginava que os jornalistas sabiam tudo a respeito de esposas abandonadas e solitárias.

Resolveu também fazer os seus cálculos a propósito de Derek Eden. Deve ter trinta e poucos anos, pensou. Idade suficiente para possuir experiência e o bastante jovem para aprender novidades e ficar excitado, que era o que Cindy gostava. Pelo aspecto, devia ter bom corpo. Seria atencioso, provavelmente terno, sabendo tanto oferecer como receber. E estava desimpedido. Mesmo antes de ir buscar as bebidas, fizera questão de frisar. A comunicação não tardaria a se estabelecer entre duas criaturas razoavelmente sensíveis e empolgadas pela mesma idéia.

Poucos minutos antes, pesava as alternativas de voltar para casa ou ir ao aeroporto. Agora, segundo tudo indicava, surgia-lhe uma terceira.

— Pronto, cá está.

Derek Eden entregou-lhe o copo. Ela deu uma olhada no drink. Havia muito uísque; sem dúvida pedira ao *barman* para pôr bastante. Francamente! — como os homens são óbvios...

— Obrigada.

Bebeu um pouco, contemplando-o através do vidro.

Derek Eden ergueu a sua bebida e sorriu.

— Que barulhada aqui dentro, hem?

Para quem escrevia, Cindy pensou, aquele tipo de conversa era deplorável. Imaginou que esperava uma resposta — um *sim* — que seria seguido com qualquer coisa no estilo — *Porque não vamos para um lugar mais calmo?* Tornava-se fácil adivinhar o diálogo subsequente.

Adiando a resposta, Cindy sorveu outro gole de uísque.

Estava considerando. Naturalmente, se Lionel se encontrasse na cidade, não perderia tempo com esse sujeito. Lionel, porém, sua tábua de salvação em outras circunstâncias, (queria que se divorciasse de Mel para casar com ele...), havia ido para Cincinatti — ou seria Colombo? — fazendo as coisas que os arquitetos geralmente fazem numa viagem de negócios, e só voltaria dentro de dez dias, talvez mais.

Mel ignorava tudo acerca do seu caso com Lionel, pelo menos especificamente, embora Cindy achasse que desconfiava da existência de um amante, escondido em alguma parte.

Ao mesmo tempo, insinuava-se uma noção paralela: Mel parecia não ligar. Fornecia-lhe um pretexto para se concentrar no aeroporto, com a exclusão total da esposa. Aquele maldito aeroporto, mil vezes pior do que uma concubina para a paz conjugal.

Nem sempre fora assim.

De início, quando Mel recebeu dispensa da marinha, Cindy orgulhava-se de suas ambições. Mais tarde, à medida que subia rapidamente os primeiros degraus administrativos da aviação, ficava feliz com as suas promoções e novos postos. À proporção que o seu prestígio aumentava, o de Cindy também se expandia — sobretudo nos meios sociais. Naquela época atendiam a compromissos para festas quase todas as noites. Cindy aceitava, em nome de ambos, convites para coquetéis, jantares íntimos, estréias de espetáculos, noitadas beneficentes... e se dois coincidissem na mesma noite, sabia escolher o mais importante, recusando o segundo. Esse tipo de atividade social, travando relações com gente de destaque, era importante para a carreira de um rapaz ambicioso. O próprio Mel sabia disso. Acompanhava-a em todos os planos, sem se queixar.

Só agora Cindy compreendia que a diferença se resumia em objetivos totalmente diversos. Mel encarava a sociedade como um meio para atingir uma finalidade profissional: o seu trabalho era o essencial, a vida social um instrumento do qual eventualmente se

desfaria. Ela por sua vez, considerava a profissão do marido como um trampolim para uma preeminência sempre mais ampla e importante. Olhando para o passado, ocorria-lhe às vezes que uma melhor compreensão dos pontos de vista divergentes, no início, conduziria a um acordo durável. Infelizmente, a oportunidade tinha sido perdida. A discórdia começou com a eleição de Mel — já administrador geral do Aeroporto Internacional Lincoln — para presidente do Conselho de Administradores de Aeroportos.

Ao saber que a atividade e influência do marido agora estendia-se à capital do país, exultou de contentamento. Os convites subseqüentes para a Casa Branca, a relação com o Presidente Kennedy, induziram-na a crer que iam ingressar imediatamente na sociedade de Washington. Em sonhos cor-de-rosa, passeava — e era fotografada — em companhia de Jackie, Ethel ou Joan, em Hyannis-Port e nos próprios gramados da mansão presidencial.

Nada disso aconteceu. Mel e Cindy não se envolveram absolutamente com os círculos sociais da capital, embora pudessem tê-lo feito com a maior facilidade. Em vez disso, começaram — por insistência de Mel — a recusar determinados convites. Alegava que a sua reputação profissional atingira um tal nível que não precisava mais preocupar-se com a "aceitação" da sociedade, objetivo pelo qual, aliás, jamais sentira atração.

Quando percebeu o que estava acontecendo, Cindy explodiu, e travaram uma briga de primeira, que constituiu outro equívoco. Nem sempre Mel insistia num ponto de vista, mas a raiva de Cindy tinha o dom de provocar-lhe uma resistência quase obstinada. A discussão perdurou durante uma semana, com Cindy a mostrar cada vez mais as garras, piorando a situação. Um de seus piores defeitos — bem o sabia — era a sua mania de se comportar como uma gata. Na metade das ocasiões não agia de propósito. Porém, às vezes, diante da indiferença de Mel, o seu temperamento feroso levava a melhor — como nessa noite, ao telefone.

Depois daquela semana de brigas, que realmente nunca terminou, as alterações passaram a ser mais freqüentes. Desistiram também

de fingir na presença dos filhos, o que, de qualquer forma, já era inútil. Uma vez — para o vexame de ambos — Roberta declarou que daquela data em diante, terminada a aula, iria para a casa de uma amiga antes de voltar, "porque quando estou aqui, não posso fazer os meus deveres com essa gritaria toda".

Com o tempo, estipularam um compromisso. Certas noites, Mel acompanhava a esposa a festas, sobre as quais dera o seu prévio consentimento. Do contrário, permanecia mais tempo no aeroporto, voltando ao lar muito raramente. Ficando sozinha com maior frequência, Cindy concentrava-se no que Mel escarnecia como "caridades insignificantes" e "aspirações sociais bobocas".

Bem, pensava Cindy, talvez às vezes realmente parecessem bobocas para ele. Porém não lhe sobrava mais nada, além do que gostava, de fato, de lutar por uma posição social — que, no fim das contas, era no que se resumia. Um homem pode se dar ao luxo de criticar, pois dispõe de inúmeras atividades para ocupar o tempo. No caso de Mel, havia a sua carreira, o aeroporto, as responsabilidades. E ela, o que devia fazer? Encerrar-se em casa o dia inteiro, a limpar os móveis?

Cindy não alimentava ilusões a respeito do seu grau de inteligência. Nunca demonstrou a menor disposição intelectual e sabia que, sob vários aspectos, jamais conseguiria comparar-se mentalmente com Mel. Porém isso não constituía novidade. Durante os primeiros anos de casados, ele costumava divertir-se com as suas ocasionais manifestações de burrice moderada. Atualmente, no entanto, quando fazia troça dela — uma disposição constante nos últimos tempos — parecia esquecido desse fato. Cindy também mostrava-se realista em relação à sua carreira de atriz: não tinha condições para atingir o estrelato, ou coisa semelhante. Reconhecia que antigamente insinuava que isso teria sido possível se o casamento não lhe impedisse a atividade teatral. Entretanto representava apenas um processo de auto-defesa, uma necessidade de lembrar aos outros — inclusive Mel — que também era uma criatura humana, além de esposa do administrador do aeroporto. No íntimo, reconhecia a verdade — como artista profissional certamente jamais



ganharia um papel importante.

Contudo, participar da vida social — segundo os moldes da sociedade local — era algo que podia manobrar. Dava-lhe uma sensação de afirmação e superioridade. E apesar da zombaria de Mel, que lhe negava qualquer progresso nesse sentido, conseguira realmente subir, e ser aceita por pessoas socialmente eminentes, que nunca teria conhecido de outro modo. Tal como se imiscuir num acontecimento como o dessa noite... só que a companhia do marido hoje era indispensável e Mel — como sempre, trocando-a por aquele maldito aeroporto — deixara-a em falta.

Mel, que já conseguira tanto em matéria de afirmação e prestígio, jamais compreendera a sua necessidade de conquistar uma espécie de individualidade própria. Duvidava que algum dia viesse a compreendê-la.

De qualquer forma, Cindy perseverou. Também formulava projetos para o futuro, que acarretariam uma monstruosa batalha conjugai se continuasse casada com Mel. A sua ambição era apresentar as filhas, primeiro Roberta e mais tarde Libby, como debutantes no Cotilhão do Passavant, ápice cintilante da temporada social de Illinois. Na qualidade de mãe das meninas, fortaleceria a sua posição na sociedade local.

Certa vez mencionou o projeto casualmente ao marido, que reagiu indignado: — "Por cima do meu cadáver!" As debutantes, juntamente com as mães tolas e afetadas, declarara, pertenciam ao passado, a uma outra época já enterrada. Os bailes de apresentação das adolescentes, — que, graças a Deus, diminuían cada vez mais — representavam uma perpetuação anacrônica de uma estrutura de esnobismo e classe que aos poucos a nação ia felizmente eliminando. Embora, a julgar por pessoas de mentalidade semelhante à de Cindy, não com a rapidez devida. Disse ainda que queria que as filhas crescessem com noção de igualdade, em vez da presunção equívoca de seres socialmente superiores. E assim por diante.

E coisa insólita: Mel, cujas declarações de princípios primavam geralmente pela brevidade e concisão, continuara ainda por muito tempo.

Lionel, por sua vez, achou a idéia esplêndida.

Tratava-se de Lionel Urquhart. Atualmente pairava **sobre** a vida de Cindy como um ponto de interrogação.

Por ironia, o responsável pelo conhecimento dos dois tinha sido o próprio Mel. Fora ele quem os apresentara durante um banquete cívico, ao qual Lionel compareceu em virtude de alguma obra arquitetônica que fizera para a cidade, e Mel por causa do aeroporto. Ambos conheciam-se superficialmente há anos.

Mais tarde, Lionel telefonou para Cindy, e encontraram-se algumas vezes para almoços e jantares, depois com maior freqüência até culminar no máximo de intimidade que possa existir entre um homem e uma mulher.

Ao contrário da maioria das pessoas que transformam a prática do sexo extraconjugal num hábito, Lionel levou a experiência extremamente a sério. Separado da esposa há vários anos, morava sozinho, mas nunca se divorciara. Agora queria obter uma situação legal definitiva, da mesma forma que exigia o mesmo de Cindy, a fim de poderem casar-se. A essa altura já sabia que o matrimônio de Cindy estava abalado.

Lionel não tivera filhos com a esposa — fato que, segundo confessou à Cindy, muito o entristecia. Declarou que ainda havia tempo para gerar uma criança, se casassem logo. Por outro lado, encantava-lhe a idéia de proporcionar um lar para Roberta e Libby, e não pouparia esforços para substituir o pai da melhor maneira possível.

Cindy adiou a decisão por vários motivos. Sobretudo porque confiava que as relações com o marido melhorassem, tornando o casal ainda mais unido do que antes. Não podia afirmar com segurança que estivesse apaixonada por Mel. Cindy descobriu que o amor é um sentimento sobre o qual fica-se mais cético à medida que o tempo passa. Mas ao menos tinha-se acostumado ao marido. Vivia

ao seu lado, como Roberta e Libby. E, sendo mulher, temia qualquer convulsão séria em sua vida.

Inicialmente, também, acreditou que o divórcio, seguido de um novo casamento, resultaria prejudicial sob o ponto de vista social. Quanto a isso, porém, mudou de opinião. Muita gente se divorciava sem cair socialmente em desgraça, nem mesmo provisória. E viam-se esposas com os velhos maridos numa semana surgirem com novos na próxima. Às vezes tinha a impressão de que não se divorciar, pelo menos uma vez, era considerado retrógrado.

Talvez o casamento com Lionel melhorasse a sua condição social. Mostrava-se mais acessível a festas e recepções do que Mel. Os Urquharts, ademais, formavam uma família tradicional, respeitada na cidade. A velha mãe ainda presidia, no melhor estilo matriarcal, uma mansão decadente perto do Hotel Drake, onde um mordomo arcaico introduzia os visitantes e uma empregada reumática servia o chá das cinco numa bandeja de prata. Lionel convidou-a um dia a um desses rituais, e mais tarde comentou que causara ótima impressão à mãe. Não tinha dúvidas de que poderia persuadi-la a atuar como madrinha de Roberta e Libby quando chegasse o momento de debutarem na sociedade.

Naquela ocasião — por causa das divergências em casa terem atingido um ponto insuportável — quase tomou o passo decisivo, comprometendo-se com Lionel. Havia, porém, um detalhe. Sexualmente, era uma nulidade.

Esforçava-se muito, e conseguia, de quando em quando, surpreendê-la. Mas na maioria das vezes em que faziam amor, comportava-se como um relógio no fim da corda. Uma noite, após uma tentativa frustrada no seu apartamento, espinhosa para ambos, comentou tristemente: — "Você precisava ter-me conhecido aos dezoito anos. Era um touro." Infelizmente há muito passara dos dezoito. Agora estava com quarenta e oito.

Cindy previa que o sexo limitado que agora desfrutavam como amantes, se esfumaria por completo ao passarem a viver juntos.

Lionel, lógico, procuraria sanar a falta de todos os modos — era gentil, generoso, solícito. Mas bastaria? Cindy encontrava-se longe de um declínio sexual. Sempre fora extremamente carnal, e ultimamente o seu desejo e apetite sexuais pareciam ter aumentado. Mas se Lionel não brilhava nesse setor, sua situação atual com Mel era praticamente a mesma. Portanto, qual a diferença? Em conjunto Lionel tinha mais a lhe oferecer.

A melhor solução seria casar com ele e ir para a cama com outros nas horas vagas. Isso podia ser difícil, sobretudo para uma recém-casada, mas com prudência encontraria um jeito. Conhecia muita gente — tanto homens como mulheres de projeção — que faziam o mesmo em busca de uma saciedade corporal, preservando os lares. Afinal de contas, conseguira enganar Mel. Talvez desconfiasse, porém Cindy se determinara a não fornecer provas definitivas, de Lionel ou de outro qualquer.

Muito bem. E quanto a essa noite? Devia ir ao aeroporto para um acerto definitivo com o marido, como decidira antes? Ou arriscava uma aventura com esse jornalista, que estava em pé, ao seu lado, aguardando uma resposta.

Ocorreu-lhe conciliar as duas alternativas. Sorriu para Derek Eden.

— Desculpe-me. O que foi que você disse?

— Que há muito barulho.

— De fato, há.

— Pensei que podíamos esquecer o jantar e ir para um lugar mais calmo.

Cindy por pouco soltava uma gargalhada. Em vez disso, acenou afirmativamente com a cabeça.

— Boa idéia.

Olhou em torno para os outros convidados e patrocinadores da recepção do Fundo de Auxílio das Crianças de Archidona para homenagear a imprensa. Os fotógrafos tinham parado de tirar

fotografias. A sua permanência ali perdera todo o sentido. Podia esgueirar-se tranquilamente e sair sem dar na vista.

— Cindy — perguntou Derek Eden — você está de carro?

— Não, e você?

Por causa do tempo, Cindy viera de táxi.

— Estou.

— Ótimo. Não devemos sair juntos. Fique esperando lá fora que eu sairei pela porta principal dentro de um quarto de hora.

— Em vinte minutos é melhor. Tenho de dar uns telefonemas.

— Combinado.

— Você tem alguma preferência? Quero dizer, sobre o local.

— Deixo inteiramente por sua conta.

Hesitou e depois sugeriu:

— Quem sabe não prefere jantar antes?

Achou graça: o "antes" significava uma mensagem — para se certificar se havia entendido a sua intenção.

— Não — respondeu. — Não há tempo. Tenho de ir a outro lugar depois.

Percebeu que os seus olhos a avaliavam de cima a baixo, voltando a fixar-se no rosto. Sentiu que prendia a respiração, e teve a impressão de que estava maravilhado com a própria sorte.

— Você é sensacional — disse. — Só hei de acreditar que sou um felizardo quando você sair por aquela porta.

E com essa, virou as costas e retirou-se discretamente do Salão La Salle. Quinze minutos mais tarde, sem que ninguém percebesse Cindy fez o mesmo.

Buscou o casaco e, ao sair do Hotel Lago Michigan, apertou-o contra o corpo. Lá fora continuava nevando, e um vento gélido, uivante,

varria os espaços abertos à beira do lago e da perimetral. O clima a lembrou do aeroporto. Minutos antes tomara uma firme resolução: ainda passaria hoje por lá, mais tarde. Mas era cedo: menos de nove e meia. Havia tempo de sobra — para tudo.

Um porteiro desertou do abrigo da entrada e tocou na aba do boné.

— A senhora quer um táxi?

— Não, obrigada.

No mesmo instante os faróis de um carro no parque de estacionamento aproximaram-se. Vinha patinando na neve derretida, e dirigiu-se à porta onde Cindy esperava. Era um Chevrolet, modelo antigo. Podia distinguir Derek Eden no volante.

O porteiro segurou a porta do carro para ela entrar.

Quando foi fechada com um baque, Derek Eden disse:

— Desculpe, mas aqui dentro está gelado. Tive de telefonar ao jornal e depois tomar outras providências. Cheguei pouco antes de você.

Cindy tremia de frio e cobriu-se ainda mais com o casaco.

— Espero que a gente vá para um lugar quente.

Derek Eden estendeu o braço e tocou em sua mão. Como estivesse reclinada sobre o joelho, também segurou-o. Sentiu o contato de seus dedos ágeis. Depois voltou a pousá-los no volante.

— É quente, sim — disse baixinho. — Prometo.

QUARENTA E CINCO minutos antes da hora marcada — dez da noite — para a partida, o vôo número dois da Trans-América Airlines (o *Caravela de Ouro*, sob o comando de Vernon Demerest) encontrava-se na fase final de preparação para a viagem de oito mil quilômetros, sem escalas, para Roma.

As providências de ordem geral estavam sendo realizadas há vários meses. Outras, mais imediatas, desenvolviam-se durante as últimas vinte e quatro horas.

Um vôo de linha aérea, em qualquer aeroporto importante, assemelha-se, efetivamente, a um rio que desemboca no mar. Antes de chegar à orla marítima, é alimentado por afluentes, cujas fontes situam-se muito longe, no tempo e na distância, tendo cada um o próprio curso aumentado por outros, maiores ou menores. Por fim, perto da foz, o rio se transforma na soma de todos que deságuam nele. Traduzido em termos de aviação, ao desembocar no oceano, o rio é como um avião no momento de decolar.

O vôo número dois seria efetuado por um jato intercontinental, um Boeing 707-320B, cujo número de registro era N-731-TA. Acionado por quatro motores a jato com turbo ventiladores, modelo Pratt & Whitney, desenvolvia uma velocidade de novecentos e setenta quilômetros por hora. O seu limite de alcance, com o peso máximo, atingia nove mil e seiscentos quilômetros, ou seja a distância em linha reta entre a Islândia e Hong-Kong. Transportava cento e noventa e nove passageiros, com capacidade para cerca de noventa e cinco mil litros de combustível — quantidade suficiente para encher uma piscina de grandes proporções. O seu custo para a Trans-América Airlines estava orçado em seis milhões e meio de dólares.

Na antevéspera o N-731-TA voara de Düsseldorf, na Alemanha. A uma distância de duas horas do aeroporto internacional de Lincoln,

um dos motores esquentou em demasia. Por precaução, o comandante ordenou que fosse desligado. Nenhum dos passageiros notou que estavam operando com apenas três (em caso de emergência, podia voar com apenas um). Nem tampouco chegou fora de horário.

A manutenção da companhia, no entanto, fora advertida pelo transmissor. Como resultado, uma equipe de mecânicos estava à sua espera. Transportaram o aeroplano para um hangar assim que os passageiros e a carga foram desembarcados. Enquanto conduziam-no ao hangar, os técnicos especialistas ocuparam-se em descobrir a origem do defeito, localizado prontamente.

Um tubo pneumático — um cano de aço inoxidável em torno do motor danificado — havia rachado e se rompido durante o vôo. A providência imediata previa a remoção do motor, substituído por outro. O conserto era relativamente simples. Mais complicado era o fato de que durante os vários minutos que precederam o desligamento, um ar extremamente quente devia ter escapado, penetrando na nacela. Esse calor podia ter avariado cento e oito pares de fios do sistema de eletricidade de bordo.

Um exame minucioso desses fios revelou que ao passo que alguns ficaram aquecidos, nenhum sofrera dano aparente. Se uma condição semelhante ocorresse com um automóvel, ônibus ou caminhão, o veículo voltaria a ser usado sem a menor hesitação. As companhias aéreas, porém, não assumiam tais riscos. Decidiram trocar todos os cento e oito pares.

O trabalho de substituição exigia extrema perícia, além de ser rigoroso e cansativo, pois apenas dois operários podiam trabalhar simultaneamente no espaço exíguo da nacela do motor. Além disso, cada par de fios tinha de ser identificado, para ser depois ligado laboriosamente aos pinos dos canhões. Um esforço contínuo, dia e noite, foi planejado, com grupos de eletricitas em revezamentos sucessivos.

Esse trabalho todo ia custar milhares de dólares em horas extras e



rendimento perdido para a Trans-América, enquanto o grande jato permanecia inutilmente no solo. Os prejuízos, porém, eram aceitos sem discussão, pois todas as empresas aéreas estão dispostas a sofrê-los em troca dos mais elevados padrões de segurança.

O Boeing 707 — N-731-TA — que precisava completar o percurso à costa do Pacífico e regressar, antes de iniciar o vôo a Roma, foi retirado de serviço. Avisaram o departamento de operações, procedendo-se uma célere alteração de horários para preencher a lacuna. Cancelaram uma conexão, e passageiros, às dúzias, foram transferidos para companhias rivais. Não havia avião para substituí-lo. Quando se tratava de jatos de vários milhões de dólares, não possuíam sobressalentes.

O departamento de operações, entretanto, insistiu para que a manutenção aprontasse o 707 para a viagem a Roma, que a essa altura dispunha de uma antecedência de trinta e seis horas sobre o tempo de partida. Um vice-presidente do mesmo setor telefonou pessoalmente de Nova Iorque para o chefe de manutenção local, recebendo a seguinte resposta: — "Se pudermos aprontá-lo, o faremos". Um excelente chefe de turma e uma ótima equipe de mecânicos e eletricitas já tinham começado os trabalhos, cientes da importância de terminar o serviço rapidamente. Um segundo grupo, para revezar o primeiro durante a noite, estava sendo convocado. Ambos fariam horas extras até completar o conserto.

Contrário à crença geral, os mecânicos tomam um interesse especial pelos vôos operacionais dos jatos que consertam. Após uma vistoria complexa, ou uma emergência como a dessa noite, acompanham o trajeto, a fim de verificar a sua resistência. Constitui uma fonte de satisfação quando o avião, como geralmente sucede, funciona em condições. Meses mais tarde, comentam entre si, enquanto observam uma manobra terrestre da mesma aeronave. — "Ali vai o velho 842. Lembram aquela ocasião? Como nos fez suar... Acho que ficou curado".

Durante o dia e meio de crise que se seguiu à descoberta do defeito no N-731-TA, o trabalho, lento por natureza, decorreu com a maior

rapidez possível.

Por fim, três horas antes da partida, o último dos cento e poucos pares de fios foi ligado novamente. Levou outra hora para substituir as capotas do motor e para uma experiência no solo. Depois, para que fosse aceito para o serviço, precisava passar por um teste de vôo. A essa altura, chamados urgentes do setor de operações perguntavam: O N-731-TA estava em condições de assumir o vôo número dois ou não? Se não estivesse, a manutenção, pelo amor de Deus, fizesse o favor de avisar, para que, na eventualidade de atraso, o Departamento de Vendas pudesse notificar os passageiros antes de saírem de casa.

Com os dedos cruzados, e batendo na madeira, o chefe de manutenção respondeu que, a não ser que surgissem complicações no vôo experimental, o avião ficaria pronto a tempo.

E ficou — mas só por um triz. O chefe dos pilotos da companhia, disponível justamente para essa finalidade, comandou o teste, zunindo em meio ao temporal até alcançar as altitudes mais límpidas do espaço. Ao regressar, comunicou: — "Garanto como vocês aqui embaixo ignoram, mas a lua continua lá em cima." E assegurou que o N-731-TA encontrava-se em perfeitas condições. Os aviadores que trabalhavam na administração adoravam esse tipo de incumbência: ajudava-os a completar as indispensáveis horas de vôo, sem se afastar das escrivatinhas.

Sobrava tão pouco tempo quando o chefe de pilotos pousou, que conduziu o avião diretamente ao portão quarenta e sete do edifício principal, local de embarque do *Caravela de Ouro*.

Desse modo a manutenção cumpriu a promessa — como sucedia geralmente. Mas nem todas as dificuldades estavam vencidas.

Ao estacionar no portão, um enxame de trabalhadores pôs-se imediatamente a entrar e sair como duendes apressados.

Os víveres constituíam uma das cargas principais de bordo. Setenta e cinco minutos antes da decolagem, o controle de partidas telefonou aos fornecedores da cozinha de vôo, com a encomenda

das refeições para a viagem, de acordo com o número de passageiros. Nessa noite, a cabine de primeira classe dispunha de apenas dois lugares vazios. Na classe turista, esperava-se uma capacidade de três quartos da lotação integral. Como de costume, a primeira dava direito a seis refeições extras, enquanto a outra possuía um número correspondente ao total de ocupantes. Em decorrência disso, os assentos mais caros ganhavam repetição, privilégio recusado aos demais.

Apesar da contagem exata, um passageiro inesperado sempre recebia o seu quinhão. Pratos de reserva — inclusive em conformidade à dieta israelita — ficavam em despensas localizadas nas proximidades dos portões de embarque. Quando o retardatário subia a bordo no instante de fecharem as portas, a sua bandeja de alimentos era remetida imediatamente.

Estoques de bebidas alcoólicas, sob a exigência de um recibo assinado pela comissária, também subiam a bordo. Para os passageiros de primeira classe, eram grátis. Os outros pagavam um dólar cada drinque (ou seu equivalente em moeda estrangeira), a menos que recorressem a um stratagem: as comissárias quase nunca têm troco, e nesse caso recebem instruções para não cobrar a bebida aos viajantes. Certas pessoas que utilizam regularmente a classe econômica, passam anos bebendo de graça mediante a simples apresentação de uma nota de cinquenta ou vinte dólares, insistindo que não têm dinheiro miúdo.

Juntamente com a comida e a bebida, outros suprimentos são examinados e reabastecidos: centenas de artigos, desde fraldas de crianças, cobertores, travesseiros, sacos de papel para enjôo, Bíblias, e até acessórios como "Bandeja-serviço de bebidas — 8 furos — 5 unidades". Todos são sacrificados. Ao final do vôo, as companhias nunca se preocupam em conferir os inventários. O que faltar é substituído sem discussão, motivo pelo qual os passageiros que descem do avião com qualquer objeto portátil raramente são detidos.

Incluídos no abastecimento de bordo estão as revistas e os jornais.

Estes últimos sempre são encontrados — com uma exceção. O fornecimento da Trans-América tinha ordens expressas para não distribuir periódicos cuja primeira página apresentasse catástrofes aéreas. A maior parte das linhas aéreas segue o mesmo preceito.

Nessa noite, no vôo número dois, havia uma quantidade enorme de jornais. Quase todas as notícias giravam em torno do mau tempo — as conseqüências da nevasca que há três dias assolava por completo o centro-oeste do país.

Enquanto os passageiros apresentavam os bilhetes, a bagagem era colocada a bordo. Quando a mala de um viajante desaparecia sob o balcão de embarque, passava por uma série de correias móveis até chegar a um depósito situado no porão, apelidado de "boca do leão" pelos bagageiros. Recebera esse nome porque (segundo confessavam quando bêbados) era preciso ter muita coragem ou ingenuidade para confiar uma valise importante a um antro semelhante. Certas malas — como os próprios donos desconsolados testemunhavam — eram tragadas pela "boca", nunca mais sendo encontradas.

No seu interior, um funcionário de serviço acompanhava a chegada de cada uma. De acordo com a etiqueta de destinação, acionava a alavanca de um painel e, logo após, um braço automático estendia e apanhava a mala, colocando-a ao lado das outras que seguiriam no mesmo vôo. A partir daí, uma turma de vários homens as transferia para os respectivos aviões.

O sistema era excelente — quando funcionava. Infelizmente, isso não acontecia freqüentemente.

O manuseio de bagagem — fato admitido sigilosamente pelas próprias empresas — constitui a parte menos eficiente das viagens aéreas. Numa era em que o engenho humano é capaz de colocar uma cápsula descomunal na estratosfera, uma simples valise de passageiro não tem garantias de chegar a Pine Bluff, Arkansas, ou Minneapolis-St. Paul ao mesmo tempo que o proprietário. Uma quantidade assombrosa de bagagem — pelo menos uma em cada

cem malas — ou segue destino errado, se extravia, ou é perdida por completo. As administrações responsabilizam, pesadamente, as inúmeras oportunidades existentes para as falhas humanas nesse setor. Especialistas em eficiência examinam periodicamente os sistemas de carregamento, aperfeiçoando-os constantemente. No entanto até agora não surgiu sequer uma solução infalível, ou que se aproxime desse ideal. O resultado é que todas as empresas aéreas recorrem, em cada aeroporto, a grupos especiais, encarregados exclusivamente de localizar as malas extraviadas. E nunca ficam inativos.

Um viajante experiente e cauto esforça-se ao máximo para verificar se as etiquetas colocadas pelos agentes ou carregadores, ao receberem as valises, indicam a destinação certa. Muitas vezes tal não acontece. Com surpreendente frequência, outras são coladas apressadamente, sendo trocadas no momento em que se registra o equívoco. Mesmo assim, quando somem de vista, fica-se com a sensação de participar de uma loteria, rezando para que algum dia, em determinado lugar, se encontre novamente a própria bagagem.

Nessa noite, no aeroporto internacional de Lincoln — embora ignorado por todos — já tinha acontecido um engano desse tipo com o Caravela de Ouro. Duas malas, que deviam seguir para Roma, estavam sendo colocadas, nesse momento, a bordo de um avião que se destinava a Milwaukee.

O frete agora ia sendo embarcado em rápida seqüência. O mesmo ocorria com a correspondência. Nessa noite havia cerca de cinco toneladas, dispostas em sacos de nylon colorido, alguns para cidades italianas — Milão, Palermo, Cidade do Vaticano, Pisa, Nápoles, Roma. Outros seriam expedidos posteriormente para localidades ainda mais distantes, cujos nomes lembravam páginas de Marco Polo... Zanzibar, Cartum, Mombassa, Jerusalém, Atenas, Rodes, Calcutá...

O peso excedente do correio aéreo representava uma bonificação para a Trans-América. Um vôo da BOAC, escalado para partir com pequena antecedência, acabava de anunciar um atraso de três horas.

O supervisor postal da rampa, que mantinha um controle cerrado das tabelas de horário, ordenou prontamente a transferência dos sacos coloridos para o avião seguinte. A companhia inglesa ia ficar descontente, pois o transporte de correspondência é muito lucrativo, e a competição nesse setor nunca esmorece. Todas as empresas mantêm representantes uniformizados nos postos de correio dos aeroportos, com a incumbência de observar o escoamento da mala aérea, garantindo-lhes um "quinhão justo" — ou maior — do volume em circulação. Os supervisores às vezes inclinam-se a favoritismos entre esses representantes, proporcionando-lhes vantagens. Nos casos de atraso, porém, as amizades ficam esquecidas. Nesses momentos há uma regra soberana: a correspondência segue pela rota mais rápida.

No interior do prédio, num andar inferior, e a algumas centenas de metros de distância do jato designado como vôo número dois, estava situado o Centro de Controle (do Aeroporto Internacional Lincoln) da Trans-América. Consistia em uma aglomeração apressada, confusa e barulhenta, de pessoas, escrivainhas, telefones, teletipos, telautógrafos, circuitos fechados de televisão e quadros de informações. Os funcionários eram os responsáveis pela direção dos preparativos da viagem do *Caravela de Ouro*, bem como todos os outros vôos da companhia. Em ocasiões como hoje, com horários caóticos causados pelo temporal, reinava uma atmosfera de pandemônio, semelhante a uma cena de redação de jornal de um velho filme de Hollywood.

Num canto da sala havia sido instalada a Mesa de Controle de Carga — cuja tampa ficava invisível, coberta por um mar de papéis — presidida por um jovem barbudo, que atendia pelo nome incrível de Fred Phirmphoot. Nas horas vagas, dedicava-se a pintar quadros abstratos. Recentemente resolvera derramar tinta sobre uma tela, e depois passar por cima com um triciclo infantil. Tinha fama de se entregar — nos fins-de-semana — a experiências com ácido lisérgico, além de sofrer de excesso de odor corporal. Esse último inconveniente oferecia uma constante contrariedade aos colegas de trabalho — o centro de carga, nessa noite, estava quente e abafado,

apesar do frio penetrante que fazia lá fora — e mais de uma vez recomendaram-lhe para tomar banho mais seguido.

No entanto, por absurdo que pareça, Phirmphoot possuía uma inteligência aguda para números, e os seus superiores juravam que era um dos melhores controladores de carga que existiam. Nesse momento encarregava-se de supervisionar carregamento do vôo número dois.

Tinha o costume de explicar aos seus amigos *beatniks* que um avião é como "um pássaro que oscila e vacila, irmão. Se o cara está por fora, o negócio pode ficar bruto. Mas comigo, boneco, não há perigo".

O truque consistia em distribuir o peso em partes iguais, de maneira que o ponto de apoio e o centro de gravidade ficassem em lugares predeterminados. Por conseguinte, o avião ganhava equilíbrio, permanecendo estável no ar. O serviço de Fred Phirmphoot resumia-se em calcular a quantidade e lugar da carga a bordo do vôo número dois (como dos demais, aliás). Nenhum saco de correspondência, nenhum pacote de frete era colocado no interior sem a sua aprovação.

Ao mesmo tempo, preocupava-se em encher o depósito ao máximo. — "Chicago — Roma, irmão" — estava pronto a declarar — "é papa muito fina. Não se paga com alfinetes".

Lidava com gráficos, boletins, tabelas, máquina de somar, recados de última hora, transmissores portáteis, três telefones — e um instinto fantástico.

O supervisor da rampa acabava de pedir, pelo transmissor, autorização para carregar mais cento e cinquenta quilos de correspondência no compartimento dianteiro.

— "Mensagem recebida", acusou Fred Phirmphoot. Remexeu nos papéis, conferiu a lista de passageiros que aumentara durante as últimas duas horas. As companhias de aviação permitem um peso médio para os viajantes — oitenta e cinco quilos no inverno, oitenta no verão. Essa média sempre aprovou, com uma única exceção: uma

seleção de jogadores de *rugby*. A sua corpulência arruinava todos os cálculos, e a essa altura os despachantes de carga acrescentavam as próprias estimativas, que variavam de acordo com o conhecimento que possuíam do time. Quadros de beisebol e hóquei não constituíam problema. Os integrantes preenchiam os requisitos médios. A lista de hoje apresentava passageiros normais para o vôo número dois.

— Tá positivo pro correio, boneco — respondeu Fred Phirmphoot no transmissor portátil. — Só que eu quero aquele esquife na retaguarda. Pelo jeito da nota da balança, o defunto era um bocado gordo. Outra coisa, tem um dínamo da Westinghouse num engradado. Coloque ele no meio do depósito. O resto da carga pode ficar ao redor.

Os seus problemas acabavam de sofrer acréscimo com um pedido da tripulação do vôo. Queriam uma tonelada suplementar de combustível para as manobras em terra, além da reserva normal que sempre recebiam para esse fim. Nessa noite, todos os aviões estavam sujeitos à longa espera no meio do campo, com os motores ligados, antes da decolagem. Um jato, em operações no solo, consome os reservatórios como um elefante sedento, e os comandantes Demerest e Harris não queriam desperdiçar quantidades valiosas de que poderiam necessitar a caminho de Roma. Ao mesmo tempo, Fred Phirmphoot tinha de calcular uma forma de evitar que todo aquele combustível extra (a essa altura sendo bombeado para os tanques das asas do N-731-TA) se queimasse antes da hora da partida. Por esse motivo, uma parte poderia aumentar o peso integral do avião. O problema consistia em saber a quantidade exata.

Existem limites de segurança para o peso bruto de uma decolagem. O objetivo de cada vôo, porém, é transportar o maior volume possível, para obter o rendimento máximo. As unhas encardidas de Fred Phirmphoot bailavam na máquina de somar, efetuando cálculos rápidos. Ponderou o resultado obtido, cofiando a barba, com o cheiro do corpo mais ativo do que nunca.



A decisão sobre o combustível suplementar fora uma das muitas que ocupara o Comandante Vernon Demerest durante os últimos trinta minutos. Seria mais correto dizer: primeiro o Capitão Anson Harris tomava uma deliberação, e depois — na qualidade de observador, assumindo a responsabilidade definitiva — Demerest a aprovava. Estava adorando a função passiva que desempenhava nessa noite — com um colega a fazer quase todo o serviço, e sem renunciar à menor fração de autoridade. Até o presente momento não havia nenhuma falta a assinalar nas decisões de Harris, o que não era surpreendente, uma vez que a sua experiência como piloto e antigüidade no serviço quase se equiparavam às de Demerest.

Mostrara-se seco e hostil quando se encontraram pela segunda vez na sala reservada aos tripulantes no hangar da Trans-América. Demerest percebeu divertido que Anson Harris vestia uma camisa de acordo com o regulamento, embora um pouco justa, obrigando-o a afrouxar o colarinho a toda hora. Conseguira trocar de camisa com um amável piloto que não tardou em contar, deliciado, a história ao seu comandante.

Após os primeiros instantes, contudo, Harris ficou à vontade. Profissional até a raiz de suas sobrancelhas, espessas e grisalhas, sabia que nenhuma tripulação funciona com eficiência se há hostilidade na carlinga de bordo.

Ambos inspecionaram as caixas de correspondência, encontrando o volume rotineiro, composto de boletins da empresa, que deviam ser lidos antes do vôo. O restante — memorandos do chefe de pilotos, departamento médico, seção de pesquisas, escritório de cartografia, etc. — levariam junto para examinar mais tarde.

Enquanto Anson Harris intercalava algumas correções nos seus manuais de vôo — pois Demerest anunciara a sua intenção de examiná-los — Vernon estudava a Escala de Tripulantes.

Era organizada mensalmente. Mostrava as datas em que os comandantes, bem como os pilotos e copilotos, iriam voar, e as rotas respectivas. Havia um quadro semelhante destinado às comissárias

na sala de tripulação que lhes ficava reservada no fim do corredor.

Cada piloto pedia, todos os meses, a rota que queria fazer, os veteranos gozando de prioridade na escolha. Demerest sempre conseguia o seu pedido. O mesmo acontecia com Gwen Meighen, cuja antigüidade entre as aeromoças correspondia à sua. Esse sistema permitia os planos antecipados de pernoite conjunto para os comandantes e comissárias, como os que Demerest e Gwen haviam projetado para aquela viagem.

Anson Harris concluiu apressadamente as correções de seus manuais de vôo.

Vernon Demerest sorriu:

— Acho que estão em ordem, Anson. Mudei de idéia, não vou examiná-los.

A única reação de Harris foi uma contração nos lábios.

O copiloto, um rapaz de duas divisas chamado Cy Jordan, reunira-se a eles. Jordan era engenheiro de bordo, além de piloto qualificado. Magro e anguloso, possuía um rosto ossudo e triste, com um aspecto de fome permanente. As comissárias o cumulavam de comida, sem que se registrasse a menor diferença.

O piloto, que geralmente desempenhava as funções de auxiliar de Demerest, recebera ordens expressas para ficar em casa, apesar de ter direito, segundo o contrato do sindicato, ao pagamento integral pela viagem de ida e volta. Na sua ausência, Demerest se incumbiria de algumas de suas tarefas, ficando Jordan com o resto. Anson Harris faria a maior parte do vôo.

— Muito bem — anunciou Demerest. — Vamos andando.

O ônibus da tripulação, coberto de neve, com as vidraças embaciadas, estava à espera na porta do hangar. As cinco comissárias do *Caravela de Ouro* já se encontravam no interior, e saudaram os comandantes e o copiloto com um "boa noite" unísono. Uma rajada de vento, recheada de neve, assinalou a sua entrada. O motorista apressou-se a fechar a porta.

— Olá, meninas! — abanou Vernon alegremente, piscando para Gwen.

Mais convencional, Anson Harris retribuiu com um "boa noite".

O vento soprava sobre o ônibus, enquanto o chofer procurava cautelosamente o caminho em torno do perímetro já limpo, ladeado por montes de neve. Espalharam-se os rumores em torno da experiência sofrida pelo caminhão de víveres da United na primeira parte da noite, e todos os motoristas mostravam prudência. À proporção que se aproximavam do destino, as brilhantes luzes do edifício principal transformavam-se em faróis nas trevas. Ao longe, no meio do campo, uma corrente contínua de aviões partia e pousava.

O ônibus parou e os tripulantes se espalharam por todos os cantos, em busca do abrigo mais próximo. Encontravam-se agora na ala do andar inferior, do edifício principal, reservada à Trans-América. Os portões de embarque de passageiros — inclusive o de número quarenta e sete, onde o vôo número dois estava sendo preparado — ficavam na parte superior.

As comissárias completaram os preparativos, enquanto os três pilotos dirigiam-se ao gabinete de despachos internacionais da companhia.

Como sempre, o despachante tinha aprontado uma pasta com todas as informações de que iam precisar. Abriu-a sobre o balcão do gabinete e começaram a lê-las com toda a atenção. Na parte interna, meia dúzia de funcionários reuniam dados mundiais sobre rotas aéreas, condições de atmosfera e aeroportos que seriam indispensáveis aos demais vôos internacionais da Trans-América nessa mesma noite. Havia um departamento semelhante, destinado aos vôos nacionais, na outra extremidade do corredor.

Foi nessa ocasião que Anson Harris bateu com o cabo do cachimbo num relatório preliminar de carga e solicitou a tonelada suplementar de combustível para as manobras no campo. Lançou um olhar ao copiloto, que conferia os gráficos de consumo, e a

Demerest. Ambos concordaram com um aceno de cabeça e o despachante rabiscou uma ordem a ser transmitida ao depósito de combustível na rampa.

O previsor de tempo veio se reunir aos quatro. Era um rapaz pálido, de aspecto professoral, com óculos sem aro, cujo aspecto indicava que raramente se aventura a enfrentar a vida ao ar livre.

— O que indicam os computadores para hoje, John? — perguntou Demerest. — Espero que às perspectivas sejam melhores do que as atuais.

Com o correr do tempo, os boletins meteorológicos das linhas aéreas e os planos de vôo são cada vez mais previstos por computadores. Tanto a Trans-América como as demais empresas ainda mantinham um elemento humano, encarregado de transmitir os dados aos tripulantes, porém previa-se a sua breve eliminação.

O rapaz sacudiu a cabeça enquanto espalhava diversos gráficos meteorológicos em cima do balcão.

— Receio que a situação não melhore antes de alcançarem a metade do Atlântico. Estamos contando com melhorias locais para as próximas horas, mas como vocês viajam para o leste, continuarão com as mesmas condições que deixarem aqui. O temporal se estende além de Newfoundland.

— Utilizou a ponta do lápis para traçar o amplo raio de alcance da nevasca. — Por falar nisso, na sua rota, tanto o aeroporto metropolitano de Detroit como o de Toronto se encontram interditados.

O despachante leu uma mensagem de telex que um funcionário veio lhe trazer.

— Incluam também Ottawa! — exclamou. — Acaba de fechar.

— Depois da metade do Atlântico — continuou — a situação está em ordem. Há indícios de perturbações esparsas pela Europa meridional, como podem ver. Mas na sua altitude de vôo não causarão transtornos. Roma está límpida e ensolarada, devendo

permanecer assim por vários dias.

O Comandante Demerest debruçou-se sobre o mapa do sul da Europa.

— E Nápoles?

O rapaz fez uma expressão intrigada.

— O vôo não vai até lá.

— Sei disso, porém me interessa.

— Está sob o mesmo sistema de alta pressão de Roma. O tempo vai permanecer estável.

Demerest sorriu.

O jovem meteorologista começou uma dissertação a respeito de temperaturas, e zonas de pressão altas e baixas, e ventos nas alturas. Para a parte da viagem que passava por cima do Canadá, recomendou um curso mais setentrional do que o habitual, a fim de evitar as fortes ventanias que seriam encontradas ao sul. Os pilotos escutaram com atenção. Seja por computador ou por cálculo humano, a escolha da melhor rota e altitude assemelhava-se a um jogo de xadrez, no qual o intelecto podia triunfar sobre a natureza. Todos possuíam conhecimentos dessas questões. O mesmo acontecia com os meteorologistas da companhia, mais familiarizados com as necessidades particulares de cada vôo do que os seus colegas que trabalham para o Departamento Meteorológico do governo.

— Assim que o peso do combustível permitir — recomendou o previsor — mantenham a altitude em onze mil metros.

O copiloto conferiu os seus gráficos. Antes do N-731TA subir tão alto, precisavam queimar boa parte da pesada carga inicial.

Passaram-se alguns momentos antes de anunciar:

— Poderemos atingir essa altitude perto de Detroit.

Anson Harris assentiu. Sua caneta esferográfica dourada corria à

medida que completava o plano de vôo que precisava apresentar dentro de poucos minutos ao controle de trânsito aéreo. O C. T. C. lhe diria então se havia disponibilidade das altitudes contempladas, e, caso contrário, quais as que poderia usar. Vernon Demerest, que normalmente estaria preparando o seu próprio plano de vôo, examinou rapidamente o formulário concluído por Harris e depois acrescentou a sua assinatura.

Todos os preparativos para o vôo número dois, pelo visto, transcorriam em perfeita ordem. Apesar do temporal, o *Caravela de Ouro* partiria no horário marcado.

Gwen Meighen recebeu-os a bordo.

— Já sabem? — perguntou.

— O quê? — quis saber Anson Harris.

— Vamos atrasar uma hora. O agente do portão acaba de receber a ordem.

— Droga! — exclamou Vernon Demerest. — Porcaria!

— Segundo consta — informou Gwen — uma porção de passageiros se encontra a caminho, mas foram retidos — parece por culpa da neve. Alguns telefonaram, e o Controle de Partidas decidiu conceder-lhes mais tempo.

— O embarque também sofreu adiamento? — perguntou Harris.

— Também, comandante. O vôo ainda não foi anunciado. Vai demorar meia hora, no mínimo. Harris encolheu os ombros.

— Bem, paciência. É melhor não se preocupar.

Dirigiu-se à cabine de comando.

— Posso trazer café para todos — ofereceu Gwen.

— Vou tomar o meu lá no edifício — anunciou Vernon Demerest. Fez um sinal a Gwen. — Quer vir junto? Ela hesitou.

— Bem que gostaria.

— Vá, então — disse Harris. — Uma das moças pode trazer o meu. Há tempo de sobra.

Uns dois minutos depois, Gwen caminhava ao lado de Demerest, batendo os saltos altos para acompanhar as suas passadas através da ala de partida da Trans-América. Dirigiram-se ao saguão central.

Demerest ia pensando: uma hora de atraso não constituía um mau negócio, afinal. Até aquele momento, com o problema fundamental do vôo absorvendo o seu raciocínio, não pensou mais sobre a gravidez de Gwen. Durante um café e um cigarro, porém, surgiria a oportunidade de continuar a discussão anterior. Agora, o assunto que ainda não conseguira abordar — o aborto — talvez pudesse ser ventilado.

D. O. GUERRERO acendeu nervosamente outro cigarro no toco do anterior. Tremia a olhos vistos, apesar dos esforços que fazia para controlar a agitação das mãos. Estava inquieto, tenso, ansioso. Como antes, ao montar a bomba de dinamite, sentia grossas gotas de suor deslizando pelo rosto e por baixo da camisa.

O motivo de sua inquietação era a espera — o tempo de espera até a partida do vôo. Passava impiedoso, como a areia de uma ampulheta, cujos grãos — em demasia — já tivessem escorrido.

Guerrero encontrava-se dentro do ônibus, a caminho do aeroporto. Meia hora antes, o transporte havia entrado na Rodovia Kennedy, cuja distância até ao Lincoln era, normalmente, percorrida em quinze minutos. A estrada, porém, como quase todas as outras do estado, ficara impedida pelo temporal, atulhada de tráfego. Tinha momentos em que a fila avançava, e outros em que simplesmente se arrastava a caro custo.

Antes de partirem do centro da cidade, os passageiros do coletivo — mais ou menos doze, e todos destinados ao *Caravela de Ouro* — receberam a informação de que o avião ia decolar com uma hora de atraso. Mesmo assim, naquela marcha lenta parecia que ia levar mais duas, talvez três, para chegar ao aeroporto.

Outros viajantes também estavam preocupados.

Como D. O. Guerrero, tinham se apresentado à agência rodoviária da Trans-América, com muita antecedência. Agora, no entanto, em vista do crescente atraso, começavam a se inquietar em voz alta se o avião iria esperar indefinidamente por eles.

O motorista não se mostrava animador. Em resposta a suas perguntas, declarou que nos casos em que um ônibus da companhia sofria algum impedimento, o vôo ficava retido até a sua chegada.



Porém em condições realmente péssimas, como as dessa noite, tudo podia acontecer. A empresa era capaz de imaginar que a demora se prolongaria por muitas horas — coisa bastante provável — e determinar a partida imediata. Além disso, acrescentou, a julgar pelo número reduzido de pessoas no coletivo, maioria dos passageiros já se encontrava no aeroporto. Sucede freqüente nas viagens internacionais, explicou. Os parentes trazem as pessoas de sua família de automóvel.

A discussão prosseguia em todas as direções, embora D.

O. Guerrero, com o corpo alto e magro encurvado sobre o assento, se conservasse alheio. Quase todos os outros passageiros tinham aspecto de turistas, com a exceção de uma gárrula família italiana — marido, mulher e vários filhos — que conversava animadamente em seu próprio idioma.

— Pessoal, se eu fosse vocês, não me preocupava — havia anunciado o motorista pouco antes. — Parece que o trânsito está melhorando. A gente é capaz de chegar a tempo.

Até agora, no entanto, o ônibus permanecia no mesmo lugar.

D. O. Guerrero, sentado três bancos atrás do chofer, não tinha vizinho de assento. Segurava a maleta fundamental firme no colo. Inclinou-se para a frente, como já fizera inúmeras vezes, esforçando-se por enxergar alguma coisa nas trevas que rodeavam o ônibus. Só conseguiu enxergar, através das curvas gêmeas abertas pelos enormes limpadores de para-brisa, o que lhe pareceu uma fila infinita de faróis de veículos, vislumbrados no meio da neve. Apesar do suor, os lábios pálidos e finos estavam ressequidos. Umedeceu-os com a língua.

Para ele, "chegar a tempo" ao aeroporto e entrar a bordo do *Caravela de Ouro* simplesmente não interessava. Precisava de uns dez ou quinze minutos suplementares, no mínimo, para fazer a apólice de seguro. Maldizia-se por não ter saído mais cedo, comprando o formulário com bastante antecedência. Segundo o seu plano primitivo, a transação efetuada no último instante, pelo fato

de evitar o risco de uma averiguação, constituía uma ótima idéia. Mas não previra o tipo de noite que ia encontrar pela frente — embora pudesse ter adivinhado, naquela época do ano. Tratava-se de uma dessas coisas — o esquecimento de um fator vital, variável — que sempre perseguiram D. O. Guerrero em todos os negócios, fazendo fracassar, um após outro, esquemas grandiosos. Entendia agora que o defeito de todos os planos que elaborava consistia em se convencer de que tudo ia ocorrer de acordo com os seus desejos. Em consequência disso, nunca deixava margem para imprevistos. E chegou à amarga conclusão de que jamais fora capaz de retirar algum proveito das experiências passadas.

Pensou então que, ao chegar ao aeroporto — na presunção de que o vôo ainda não tivesse partido — se apresentaria logo aos balcões da Trans-América. Depois insistiria em fazer o seguro antes da decolagem. Só que implicava na única coisa que procurava evitar desesperadamente: despertar a atenção geral. Como já havia feito — por culpa da omissão mais imbecil que lhe podia ter acontecido.

Esquecera-se de trazer qualquer mala além da pequena maleta estreita onde transportava a bomba de dinamite.

Ao apresentar-se na agência do centro da cidade, o encarregado das passagens perguntou:

— A sua bagagem é essa?

E apontou para uma enorme pilha de malas que pertencia a um homem que estava mais atrás na fila.

— Não.

D. O. Guerrero hesitou e depois ergueu a pequena maleta de mão.

— Eu... hum... só tenho esta.

O agente arqueou as sobrancelhas.

— Não leva malas para Roma? O senhor certamente acredita em viajar com o mínimo. Indicou a maleta.

— Quer registrá-la?

— Não, obrigado.

Naquele momento só queria receber a passagem de volta e afastar-se daquele balcão, indo sentar num banco discreto do ônibus da companhia. O agente, no entanto, lançou-lhe um segundo olhar de curiosidade e a partir daquela hora Guerrero adquiriu a certeza de que se lembraria de sua fisionomia. Tinha ficado marcada indelevelmente na sua memória — apenas por ter se esquecido de trazer uma simples valise, coisa tão fácil de fazer. É evidente que o motivo do lapso era instintivo. Ele sabia — detalhe que os outros ignoravam — que o vôo número dois jamais chegaria ao destino. Portanto não havia necessidade de bagagem. Porém *devia* ter trazido, ao menos para dissimular. Agora, quando ocorresse o inevitável inquérito sobre o desaparecimento do avião o fato de um passageiro — D. O. Guerrero — viajar sem malas, seria lembrado e comentado. Reforçaria todas as suspeitas que os investigadores poderiam ter, a essa altura, a seu respeito.

Mas se não houvesse destroços, lembrou-se, de que provas disporiam?

Nenhuma! A companhia de seguros ver-se-ia obrigada a pagar.

Será que aquele ônibus não chegava mais ao aeroporto?

As crianças da família italiana começaram a correr ruidosamente pelo corredor. Poucos assentos atrás, a mãe ainda tagarelava com o marido. Tinha um nenê no colo, chorando copiosamente. Nenhum dos dois parecia se importar com o berreiro.

Guerrero estava com os nervos tensos, a ponto de estourar. Queria pegar a criança e estrangular — e gritar para os outros calarem a boca.

Será que não imaginavam? ... Esses idiotas não percebiam que aquilo não era hora para tagarelices estúpidas? ... Logo agora, quando todo o futuro — pelo menos o de sua família... o êxito do plano preparado com tanto esforço... tudo, simplesmente *tudo*, dependia de chegarem ao aeroporto com suficiente antecedência.

Uma das crianças que corriam — um menino de cinco ou seis anos, com rosto bonito, inteligente — tropeçou no corredor e caiu sobre o assento vazio ao seu lado. Ao recuperar o equilíbrio, a sua mãozinha resvalou, batendo na maleta que continuava no colo de Guerrero. Escorregou, mas conseguiu apanhá-la antes de cair no chão. Voltou-se então para o garoto, com o rosto desfigurado por uma expressão feroz, a mão levantada para agredir.

O menino o contemplava com os olhos esbugalhados.

— *Scusi* — desculpou-se com a voz embargada.

Guerrero controlou-se com dificuldade. Os outros podiam estar observando. Era só descuidar-se e chamaria novamente a atenção de todos. Buscando certas palavras que aprendera com os italianos que costumavam trabalhar consigo nos projetos de construção, gaguejou desajeitadamente:

— È troppo rumorosa.

— Sí.

O menino acenou com a cabeça, muito sério, mas permaneceu no mesmo lugar.

— Está bem — disse Guerrero. — Acabou. Dê o fora! *Se ne vada!*

— Sí — repetiu o garoto.

Tinha os olhos fixos nele, e por um instante Guerrero se lembrou de que essa criança, além de outras, também viajaria no mesmo avião. Ora, não fazia diferença. Era inútil qualquer sentimentalismo, nada poderia alterar as suas intenções. Aliás, quando acontecesse, quando puxasse o barbante da maleta e o avião explodisse nos ares, tudo terminaria tão depressa que ninguém — sobretudo as crianças — teria tempo de sentir.

O menino virou as costas e voltou ao fundo do ônibus, para perto da mãe.

Finalmente! — começavam a avançar mais rápido... a ganhar velocidade! Na frente, através do para-brisa, D. O. Guerrero podia

ver que o trânsito desafogara, os faróis dos carros se moviam mais depressa. Talvez pudessem... quem sabe... chegar a tempo de comprar a apólice de seguro sem chamar atenção. Mas ia ser apertado. Rezava para que o balcão não estivesse atulhado.

Reparou que os italianinhos tinham voltado aos seus lugares, e congratulou-se consigo mesmo por não despertar a curiosidade geral momentos antes. Se batesse no garoto — e não o fizera por um triz — teria provocado a maior confusão. Ao menos evitara isso. Continuava a lamentar o incidente com a falta de bagagem na agência, embora, pensando bem, não lhe parecesse tão irreparável assim.

Ou será que fora?

Uma nova inquietação o atormentava.

Vamos supor que o agente das passagens, surpreso com a ausência de bagagem, voltasse a se lembrar dele, após a partida do ônibus. Guerrero sabia que demonstrara nervosismo na ocasião. E se tivesse notado, era bem capaz de ficar desconfiado. Terminaria falando com alguém, com um supervisor talvez, que podia telefonar ao aeroporto. Naquele mesmo instante, a polícia estaria à sua espera no ponto de chegada, para interrogá-lo, abrir e inspecionar a pequena maleta e encontrar a terrível prova no interior. Pela primeira vez imaginava o que aconteceria se fosse descoberto. Significava a prisão, o confinamento. Depois pensou: antes de permitir que isso ocorresse... caso fosse abordado e o desmascaramento lhe parecesse iminente... havia de puxar o laço do barbante do lado de fora da maleta, explodindo tudo que estivesse nas proximidades. Estendeu a mão. Por baixo da alça da fechadura, tocou no lacinho. Era tranquilizador... Agora podia pensar, por um instante, em outras coisas.

Perguntou-se se Inez já tinha encontrado o bilhete. Tinha, sim.

Inez Guerrero chegou exausta ao esquálido apartamento da rua 51. Descalçou os sapatos, que lhe machucavam os pés e tirou o casaco. O lenço do bolso estava encharcado de neve derretida. Sentiu que ia

apanhar um resfriado. O cansaço lhe doía pelo corpo todo. Seu trabalho de garçom hoje fora pior do que nunca, com fregueses mesquinhos e gorjetas insignificantes. Aliás, ainda não se acostumara com o emprego, o que contribuía ainda mais para o resultado.

Dois anos atrás, quando os Guerreros viviam confortavelmente numa casa adequada nos subúrbios, Inez, que nunca fora bonita, tinha aparência agradável, bem conservada. A partir de então, o tempo e as circunstâncias marcaram-lhe rapidamente a fisionomia. Se antes aparentava menos idade do que possuía, hoje parecia muito mais velha do que realmente era. Nessa noite, se morasse em casa própria, procuraria o consolo de um banho quente, que sempre a descontraía em momentos difíceis — elemento permanente na sua vida conjugal. Embora houvesse uma espécie de banheiro no fundo do corredor, compartilhado por três apartamentos, não possuía calefação, era ventoso, a velha pintura das paredes descascava, e o aquecedor a gás precisava ser aplacado com moedas de 25 cents. Só em pensar já perdia a vontade. Resolveu permanecer um pouco sentada na sala paupérrima, antes de dormir. Não tinha a menor idéia do paradeiro do marido. Levou algum tempo até reparar no bilhete em cima da mesa.

Vou passar alguns dias [ora da cidade. Espero mandar boas notícias dentro em breve. Você vai se admirar.

A respeito do marido, poucas coisas podiam causar-lhe surpresa. Sempre se mostrara imprevisível e, mais recentemente, irracional. Boas notícias certamente constituiriam motivo de admiração, mas não conseguia se convencer de que haveria alguma. Assistira a um número demasiado de projetos ambiciosos vacilarem e desmoronarem para ainda acreditar na possibilidade de um novo êxito.

A primeira parte do bilhete, porém, a intrigava. Onde teria ido passar aqueles "alguns dias"? Outro mistério: com que dinheiro? Na antevéspera haviam reunido os últimos recursos que possuíam no mundo. Total: vinte e seis dólares e troco miúdo. Fora isso, só

dispunham de um único objeto digno de penhor. Pertencia a Inez — o anel de sua mãe. E até então resistira à tentação de separar-se dele. Talvez em breve fosse obrigada.

Daquele total, Inez tomou dezoito dólares para comprar comida e amortizar o aluguel. Notou o desespero que se estampou no rosto de D. O. ao embolsar o resto.

Resolveu parar com imaginações e ir para a cama. Achava-se exausta demais para se inquietar com a situação dos filhos, embora não recebesse notícias da irmã em Cleveland — com quem estavam — há mais de uma semana. Apagou a única lâmpada da sala e entrou no quarto mal mobiliado.

Demorou a encontrar a camisola de dormir. Parte do conteúdo da frágil cômoda parecia fora de lugar. Terminou achando o que procurava dentro de uma gaveta, entre três camisas do marido. Eram as únicas que tinha; portanto, para onde tivesse ido, não levava uma troca de roupa. Debaixo de uma delas, uma folha dobrada de papel amarelo chamou-lhe a atenção. Apanhou e abriu.

Tratava-se da segunda via de um formulário impresso, preenchido à máquina. Ao perceber o que significava, caiu sentada, sem poder acreditar, sobre a cama. Para certificar-se de que não havia equívoco, releu o texto.

Estipulava um prazo para o pagamento de um contrato entre a Trans-América Airlines e D. O. "Buerrero" — reparou que o nome estava errado. "Buerrero" recebia uma passagem de ida e volta para Roma, na classe turista. Pagava uma entrada de quarenta e sete dólares, e comprometia-se a liquidar o saldo de quatrocentos e vinte e sete dólares, com juros, em vinte e quatro prestações mensais.

Era incompreensível.

Contemplava atônita o formulário amarelo. No cérebro, as perguntas se sucediam a galope.

Porque D. O. precisava daquela passagem? E logo para Roma! Com que dinheiro? Não encontraria meios de pagar as prestações.

Verdade que aquela parte, ao menos, dava para entender. Acostumado a assumir compromissos sem cumpri-los, ao contrário da esposa, jamais se inquietava com dívidas. Porém, mesmo descartando esse pormenor, onde fora buscar os quarenta e sete dólares da entrada? O formulário acusava o recebimento: foram pagos, portanto. E no entanto, duas noites antes, D. O. havia dito que o único dinheiro que possuía era a sua contribuição para o total reunido. E com todos os seus defeitos, nunca mentira à esposa.

Então de onde provinham aqueles quarenta e sete dólares?

De repente lembrou-se do anel. Era de ouro, com um brilhante incrustado em platina. Até duas semanas atrás, mais ou menos, Inez não se separava dele. Recentemente, porém, com as mãos inchadas, tirara-o do dedo, guardando-o numa caixinha, dentro de uma das gavetas do quarto. Remexeu-as pela segunda vez. A caixinha estava no lugar — vazia. Para obter o dinheiro, D. O. evidentemente havia empenhado o anel.

A sua primeira reação foi de pesar. Para ela, o anel representava muito. Constituía o derradeiro e frágil elo que a prendia ao passado, à família dissolvida, à mãe morta, cuja memória reverenciava. Sob um aspecto mais realista, embora não possuísse grande valor, sempre era um último recurso.

Enquanto existiu, sabia que, na pior das hipóteses, proporcionaria alguns dias de sustento. Agora estava perdido, roubando essa derradeira segurança.

Mas mesmo sabendo a origem da soma que servira de entrada para a passagem aérea, não respondia a pergunta mais importante: qual o motivo dessa viagem? Dessa viagem a Roma?!

Sempre sentada na cama, Inez pôs-se a pensar com a máxima concentração. Chegou a esquecer o cansaço.

Não era uma criatura de inteligência fora do comum. Do contrário, provavelmente não teria suportado aquele casamento com D. O. Guerrero durante quase vinte anos. E hoje seria algo mais do que uma garçonete de café com um salário miserável. Isso, no entanto,



não a impedia de possuir um raciocínio que, através de um processo lento e cauteloso, governado pelo instinto, podia ocasionalmente chegar a conclusões acertadas. Sobretudo a respeito do marido.

Nas circunstâncias atuais, o instinto, ainda mais do que a razão, advertia-lhe que D. O. Guerrero encontrava-se em situação perigosa — pior do que as anteriores. Possuía dois argumentos para essa certeza: a sua conduta desatinada nos últimos tempos e a distância da viagem programada. Na situação em que viviam, somente um empreendimento monumental, desesperado, provocaria uma ida a Roma. Foi à sala e voltou com o bilhete, para ler outra vez. Durante anos tinha deixado muitos recados. Inez pressentiu que esse trazia um significado misterioso nas entrelinhas.

O seu raciocínio só chegava até aí. Porém não lhe abandonava a sensação, a convicção, crescente a cada minuto, de que havia de ter alguma coisa, forçosamente, que pudesse fazer.

Não lhe ocorreu desistir por completo, abandonar o esposo à própria sorte, provocada por alguma nova loucura empreendida. Era, em essência, uma alma simples, com natureza nada complexa. Dezoito anos atrás havia aceito D. O. Guerrero "para o melhor e para o pior". Q fato de ter encontrado um maior número de desgraças não modificava, na sua opinião, a responsabilidade conjugai.

Continuou a elaborar pensamentos medidos, controlados. A primeira providência a tomar seria averiguar se D. O. já havia embarcado. Caso contrário, ainda estava em tempo de impedi-lo. Não possuía meios para descobrir há quanto tempo saíra de casa, nem quando escrevera o bilhete. Olhou outra vez para o contrato amarelo. Nada constava a respeito do dia ou hora da partida. Podia telefonar à companhia — Trans-América. Com a maior rapidez, começou a vestir as roupas que despira minutos antes.

Os sapatos continuavam machucando os pés e o casaco ainda estava encharcado e incômodo. Desceu a escada estreita e pisou na neve que cobria as tábuas nuas do sórdido vestíbulo soprada por baixo da porta de entrada. Na rua, encontrou-a mais espessa do que antes.

Um vento frio e gélido açoitou-a ao abandonar o abrigo do prédio, jogando flocos em seu rosto.

O edifício não dispunha de telefone, e embora pudesse usar a cabine pública da lanchonete no andar térreo, queria evitar qualquer encontro com o proprietário, que era o dono do seu apartamento. Ameaçava despejá-los no dia seguinte se não pagassem os aluguéis atrasados. Inez nem queria pensar no problema. Se D. O. não voltasse durante a noite, teria de enfrentar o homem sozinha.

Preferia pagar o telefonema no *drugstore*, a um quarteirão e meio de distância. Caminhando com cuidado pelas calçadas cobertas de neve, dirigiu-se para lá. Faltava um quarto para as dez.

O telefone estava sendo usado por duas adolescentes. Esperou quase dez minutos para que o desocupassem. Depois, quando discou o número da Trans-América, uma gravação informou-lhe que todas as linhas da seção de reservas encontravam-se ocupadas, fizesse o favor de esperar. O disco repetiu a mensagem várias vezes até que uma enérgica voz feminina apresentou-se como Miss Young, declarando-se às suas ordens.

— Por obséquio — pediu Inez — desejava uma informação sobre os vôos para Roma.

Como se tivesse apertado um botão, Miss Young respondeu que a Trans-América mantinha viagens diretas entre Chicago e Roma às terças e sextas. Via Nova Iorque, tinha conexões diárias. Queria fazer uma reserva imediata?

— Não — respondeu. — Não é para mim. É para o meu marido. A senhorita disse que tem um vôo às sextas-feiras... hoje?

— Sim, senhora. É o nosso vôo número dois, o *Caravela de Ouro*. Parte às dez da noite, só que hoje sofreu um atraso de uma hora, devido ao mau tempo.

Podia enxergar o relógio do *drugstore*. Agora passavam quase cinco minutos das dez.

— Quer dizer que ainda não partiu? — perguntou logo. — Não,

senhora. Ainda não.

— Por favor... — Como lhe acontecia quase sempre, encontrava as palavras com dificuldade. — Por favor, é muito importante que eu saiba se o meu marido viaja nesse avião.

O nome dele é D. O. Guerrero e...

— Sinto muito. O regulamento não permite esse tipo de informação.

A resposta de Miss Young foi cortês, mas firme.

— Acho que a senhorita não entendeu. Estou perguntando sobre o meu marido. É a esposa dele quem está falando.

— Compreendi perfeitamente, Mrs. Guerrero, mas sinto muito. É norma da companhia.

Miss Young, como outras funcionárias da mesma categoria, estava a par do regulamento e compreendia o motivo. Muitos homens de negócios levam as secretárias ou amantes nas suas viagens aéreas, como se fossem suas esposas, beneficiando-se com os descontos concedidos às famílias. No passado, algumas esposas legítimas, desconfiadas e resolvidas a averiguar, tinham causado inconveniências para os clientes das empresas aéreas — masculinos, bem entendido. Mais tarde estes reclamaram ferozmente contra a quebra de sigilo. Como resultado, as companhias de aviação decidiram não revelar mais os nomes dos passageiros.

— Mas não haverá uma maneira... — começou Inez.

— Realmente não há.

— Oh, meu Deus.

— Pelo que entendi — disse Miss Young — a senhora não tem certeza se o seu marido viaja nesse vôo?

— Sim, justamente.

— Então a única coisa a fazer, Mrs. Guerrero, é ir ao aeroporto. É provável que os passageiros ainda não tenham embarcado. Portanto, se o seu esposo estiver lá, poderá falar com ele. Mesmo que esteja a

bordo do avião, talvez os funcionários do portão de embarque ajudem a senhora. Mas terá de apressar-se.

— Isso mesmo — afirmou. — Se é a única solução, acho melhor tentar.

Não tinha idéia de como iria ao aeroporto — que ficava a mais de trinta quilômetros de distância — em menos de uma hora, com aquele temporal.

— Espere um momento.

A voz de Miss Young parecia hesitante, mais humana como se um pouco da angústia de Inez tivesse se infiltrado pelo telefone.

— Eu realmente não devia fazer isso, Mrs. Guerrero, mas aceita uma sugestão?

— Oh, sim.

— No aeroporto, quando chegar ao portão de embarque, não diga que *acha* que o seu marido está a bordo. Diga que *está* e precisa falar com ele. Se não estiver, logo ficará sabendo. E se estiver, vai ser muito fácil para o agente lhe informar o que a senhora quer saber.

— Obrigada — agradeceu Inez. — Muito obrigada.

— Minha senhora, o prazer foi todo nosso. — Miss Young reassumira o tom maquinal. — Boa noite, a Trans-América agradece o seu chamado.

Colocando o fone no lugar, Inez se lembrou de uma coisa que observara ao entrar: havia um táxi estacionado do lado de fora. O chofer, com um boné de pala amarela, conversava na sorveteria do *drugstore* com um outro homem.

A corrida ia custar caro, mas se quisesse chegar ao aeroporto antes das onze não tinha alternativa.

Dirigiu-se ao balcão e bateu no braço do motorista. — Por favor.

O sujeito virou de frente.

— O que é que manda?

Tinha um rosto mau, flácido e precisava barbear-se.

— Queria saber quanto custa para ir de táxi ao aeroporto.

O chofer examinou-a com olhos apertados, calculistas.

— Daqui, talvez uns nove ou dez dólares pelo taxímetro.

Inez virou as costas. Era muito caro — mais do dobro do pouco dinheiro que lhe restava. E nem ao menos tinha certeza de que D. O. estaria no avião.

— Êi! Espere!

O sujeito emborcou a Coca-Cola que estava bebendo e correu atrás de Inez. Alcançou-a na porta.

— Quanto tem de tutu?

— Não é isso — sacudiu a cabeça. — É que... é mais do que posso pagar.

O chofer resmungou.

— Vocês têm a mania de pensar que a gente trabalha a troco de banana. É uma boa puxada até lá.

— Sim, eu sei.

— E porque quer ir? Era melhor pegar um ônibus.

— É muito importante. Preciso chegar lá... tenho de chegar... antes das onze.

— Olhe — propôs o motorista — tá com sorte: a noite é da pechincha. Faço um preço redondo: sete. — Bem...

Inez ainda hesitava. Era praticamente a quantia que pretendia oferecer ao proprietário do apartamento no dia seguinte, numa tentativa de apaziguá-lo com relação aos aluguéis em atraso. Só ia receber o salário novamente no fim da próxima semana.

— Melhor oferta não vai aparecer — garantiu o motorista,

impaciente. — Aceita ou não?

— Aceito — respondeu. — Aceito, sim.

— Muito bem, então vamos.

Enquanto Inez entrava sem a sua ajuda no carro, o chofer sorria ao passar um espanador na neve que cobria o para-brisa e as janelas. Ao ser abordado no *drugstore*, já tinha encerrado o dia e, como morava perto do aeroporto, o percurso representava perda de dinheiro. Agora tinha uma passageira. Por outro lado, mentia ao dizer que o taxímetro marcaria nove e dez dólares a verdade é que a corrida saía por menos de sete. Mas o estratagema induziu a coitada a pensar que estava fazendo um bom negócio. Assim podia levantar a bandeirola e embolsar tranqüilamente o preço da viagem. O procedimento era ilegal, porém sabia que nenhum polícia ia perceber a contravenção numa noite tão horrível.

— Desse modo, — pensou o chofer cheio de si, — com uma só tacada ao mesmo tempo tapeio essa coroa burra e o filho da puta do patrão.

Quando o carro se pôs em movimento, Inez perguntou ansiosamente:

— Tem certeza que pode chegar lá antes das onze?

O motorista rosou por cima do ombro:

— Foi o que prometi, não foi? Então deixe o resto por minha conta.

A verdade, porém, é que não sabia se seria possível. As estradas estavam ruins, e o tráfego avançava com lentidão. Talvez conseguisse, mas a parada ia ser dura.

Trinta e cinco minutos mais tarde, o táxi que levava Inez arrastava-se irritantemente pela Rodovia Kennedy, obstruída pela neve e com um engarrafamento de trânsito incessante. Sentada tensa no assento de trás, com os dedos inquietos, perguntava-se quanto tempo ainda levaria para chegar.

Nesse mesmo instante, o ônibus que transportava os passageiros do

vôo número dois, entrava na rampa de partida do aeroporto internacional Lincoln. Depois de se desvencilhar do pior trecho da estrada, continuara a desenvolver boa velocidade. Agora, o relógio da torre do edifício marcava um quarto para as onze.

Ao frear diante do portão, D. O. Guerrero foi o primeiro a saltar.

TRAGA TAMBÉM esse sistema portátil de alto-falantes — ordenou Elliott Freemantle. — Talvez nos faça falta.

A assembléia do bairro de Meadowood, no salão paroquial da Igreja Batista, fervia de entusiasmo provocado habilmente pelo advogado. Agora preparava-se para ir ao Lincoln.

— Não me venham com essa asneira de que é muito tarde ou não querem ir — exortara ele, poucos minutos antes, à assistência de seiscentas pessoas.

Em pé diante do público, mais confiante e impecável do que nunca em seu elegante terno azul e os reluzentes sapatos de crocodilo, não tinha um único fio de cabelo bem aparado fora de lugar. Irradiava segurança. A platéia agora solidarizava-se entusiasticamente com ele, e quanto mais enérgica a linguagem que usava, maior a vibração demonstrada.

— E nada de pretextos ridículos — continuou — para não ir. Não quero saber de babás, sogras que ficaram sozinhas, ou picadinhos a queimar no fogão. Isso simplesmente não interessa. Nem a mim, nem tampouco — nesse momento — a vocês. Se o carro atolar na neve, deixem-no e peguem a primeira carona. A questão é a seguinte: eu vou agora ao aeroporto, como representante de vocês, para causar escândalo.

Fez uma pausa enquanto um novo avião trovejava por cima de suas cabeças.

— Santo Deus! Já está em tempo de alguém causar escândalo.

O último reparo provocou aplausos e risos generalizados.

— Preciso do amparo de vocês, e conto com a presença de todos. Agora respondam a uma pergunta franca e direta: Vocês virão?



A sala retumbou com um "Sim!" vigoroso. As pessoas se puseram em pé, aos brados.

— Ótimo — aclamou Freemantle, emudecendo a platéia. — Vamos esclarecer uns pequenos detalhes antes da partida.

Já lhes havia dito, lembrou, que os trâmites legais deveriam constituir a base de qualquer ação para obter vitória contra o ruído ensurdecedor dos aviões do aeroporto a sobrevoar o bairro de Meadowood. Esses trâmites, porém, não podiam ser de índole discreta, nem realizar-se numa obscura sala vazia de tribunal. Em vez disso, precisavam dos refletores da atenção pública e da simpatia geral.

— Como conseguir essa atenção e simpatia?

O advogado fez outra pausa e passou a responder a própria pergunta.

— Fazendo com que a nossa opinião seja divulgada de tal maneira que se torne um permanente fator de notícias. Aí então, e somente assim, os meios de divulgação em massa — imprensa, rádio e televisão — poderão destacar a nossa posição, da forma que necessitamos.

A imprensa era uma amiga em quem podiam confiar, afirmou.

— Não pedimos que endosse o nosso ponto de vista, mas apenas relate os fatos imparcialmente, coisa que — na minha experiência — sempre faz. Os nossos amigos jornalistas, em todo caso, ficam mais inspirados quando um movimento arma uma situação dramática. Dessa maneira escrevem melhor.

Os três repórteres na mesa da imprensa sorriram enquanto Freemantle acrescentava:

— Vamos ver se hoje podemos propiciar-lhes um bom espetáculo.

À medida que pronunciava o discurso, Elliott Freemantle observava sagazmente o andamento dos formulários legais, que circulavam pelo salão e o instituíam representante legal de cada um dos

proprietários. Muitos — pelo menos **uma** centena, calculava — tinham sido assinados e entregues. Observou maridos e mulheres, de esferográfica em punho curvados sobre os documentos e assinando conjuntamente, comprometendo-se a pagar cem dólares por família. O advogado fez alguns cálculos eufóricos: cem arras assinadas significavam um total de dez mil dólares. Nada mau como emolumentos em troca — até agora — de uma noite de trabalho, sem esquecer que os honorários integrais alcançariam cifra muito maior.

Enquanto os formulários eram preenchidos, decidiu prosseguir falando mais alguns minutos.

No tocante ao que ia acontecer no aeroporto, instruiu os ouvintes para deixarem tudo a seu encargo. Esperava provocar uma confrontação com os administradores. De qualquer maneira, queria encenar uma demonstração — no recinto do edifício principal — que jamais seria esquecida.

— Só peço para que todos fiquem unidos, e levantem a voz apenas quando eu pedir.

Recomendou, com a máxima ênfase, que não fizessem desordens. Ninguém teria a satisfação de dizer no dia seguinte que a delegação que reclamava silêncio para o bairro de Meadowood houvesse infringido qualquer dispositivo legal.

— Lógico — sorriu Freemantle sugestivamente — que talvez estorvemos a circulação, causando alguns inconvenientes. Soube que o aeroporto está hoje com um movimento intenso. Mas isso é coisa que não se pode evitar.

Registraram-se novas risadas. Percebeu que estavam prontos para ir.

Outra aeronave retumbou sobre o telhado. Esperou que o som arrefecesse.

— Muito bem! A caminho!

O causídico ergueu as mãos como um Moisés da era espacial e

misturando citações, exclamou:

— "Pois tenho promessas a cumprir, com muito rumor antes de dormir".

As gargalhadas transformaram-se em novos aplausos e todos dirigiram-se às portas de saída.

Foi nesse instante que reparou no sistema portátil de alto-falantes, emprestado pela Igreja Batista, e pediu para que fosse levado junto. Floyd Zanetta, o presidente da assembléia — virtualmente esquecido depois de eclipsado por Elliott Freemantle — correu a cumprir as ordens.

Enquanto isso, Freemantle enchia a pasta com as arras assinadas. Uma rápida contagem provou que o cálculo anterior era inferior à realidade: havia mais de cento e sessenta formulários, ou seja, mais de dezesseis mil dólares de emolumentos a serem cobrados. Além desses, muitas pessoas que se adiantaram para cumprimentá-lo durante os últimos minutos, asseguraram-lhe que enviariam os seus pelo correio, acompanhados do respectivo cheque, na manhã seguinte. Freemantle ficou exultante.

Não tinha plano nenhum para a manifestação no aeroporto, do mesmo modo que chegara à reunião sem a mínima idéia sobre o que ia dizer. Elliott Freemantle detestava idéias rígidas. Preferia improvisar, dar impulso às situações, depois encaminhá-las num ou noutro sentido, segundo as vantagens oferecidas. Os seus métodos de improvisação já tinham triunfado nessa noite. Nada impedia que triunfassem novamente.

O essencial era deixar os moradores de Meadowood convencidos de que contavam com um líder dinâmico, que os conduziria aos resultados esperados. Além disso, precisava manter essa impressão até completar o quarto pagamento trimestral, conforme estipulavam as arras. Depois, quando estivesse com o dinheiro depositado no banco, podiam pensar o que quisessem.

Portanto tornava-se necessário alimentar o interesse — de acordo com seus cálculos — durante uns dez ou onze meses. Seria fácil.

Dar-lhes-ia todo o dinamismo que pedissem. Teria de convocar outras assembléias e demonstrações semelhantes, constituíam notícia. Os trâmites nos tribunais muitas vezes passam despercebidos. Apesar do que havia dito minutos antes a respeito desses trâmites — a base que representavam — as audiências na justiça estavam fadadas a ser pouco espetaculares e ainda menos lucrativas. Evidentemente faria o impossível para intercalar uma boa dose histriônica. Só que sobravam poucos juízes atualmente que não estivessem fartos de suas táticas para atrair a atenção, cerceando-as com o maior vigor.

Contudo nenhum problema grave escurecia o horizonte, desde que se lembrasse — como sempre fazia nesses casos — que o fator mais importante era o conforto e bem-estar de Elliott Freemantle.

Avistou um dos jornalistas — Tomlinson, do *Tribune* — utilizando um telefone público no corredor. Outro repórter esperava a sua vez. Esplêndido! Isso queria dizer que as redações localizadas no centro de Chicago estavam sendo prevenidas e dariam cobertura aos acontecimentos que provocasse no aeroporto. Contava também, se os preparativos antecipados chegassem a bom termo, com a presença de equipes de televisão.

A multidão diminuía. Estava na hora de ir!

**PRÓXIMO** À entrada, iluminada pelos refletores do aeroporto, o farol vermelho giratório, na capota do carro de patrulha rodoviária foi apagado. O automóvel, que precedia Joe Patroni desde o local do acidente com o trator-reboque diminuiu a marcha, e o patrulheiro que vinha na direção encostou-o no fio da calçada, fazendo sinal para que o chefe de manutenção da TWA passasse à frente. Patroni acelerou. Ao desviar o Buick Wildcat num movimento lateral, abanou o charuto à guisa de saudação e tocou a buzina duas vezes. Embora completasse a última etapa da viagem com rapidez, gastara mais de três horas ao todo para cobrir uma distância — de sua casa ao aeroporto — feita normalmente em quarenta minutos. Esperava agora recuperar parte do tempo perdido.

Lutando contra a neve e a superfície escorregadia do caminho, atalhou velozmente pela quantidade enorme de veículos que se dirigiam ao edifício principal e entrou por uma estrada lateral que conduzia ao setor de hangares do aeroporto. Ao avistar um cartaz — "Manutenção da TWA" — virou o Buick à direita. A algumas centenas de metros, o hangar procurado destacava-se enorme e imponente. As portas principais estavam abertas. Guiou diretamente naquela direção.

No interior encontrou a sua espera um carro-socorro, equipado com transmissor e motorista. Ia levar Patroni ao campo — no local onde continuava atolado o jato da Aéreo Mexicana, bloqueando a pista número trinta. Descendo do automóvel, o chefe de manutenção deteve-se apenas o tempo suficiente para reacender o charuto — ignorando os avisos que proibiam fumar — e logo içou a sua figura corpulenta para a cabine do carro-socorro.

— Muito bem, filhinho — disse ao chofer — bota esse ponteiro pra andar.

O caminhão saiu em disparada. Patroni pediu orientação à torre pelo rádio. Assim que se afastaram da zona iluminada dos hangares, o motorista manteve-se próximo às luzes das vias de acesso, o único guia — naquela escuridão pintada de branco — que indicava onde as superfícies pavimentadas começavam e terminavam. Seguindo as instruções da torre, pararam rapidamente à beira de uma pista, enquanto um DC-9 da Delta Airlines pousava num redemoinho de neve e passava adiante com uma trovoadas de propulsão a jato ao reverso. O controlador de terra orientou a passagem pela pista, e depois perguntou.

— É Joe Patroni?

— É.

Houve um intervalo enquanto o operador atendia outro tráfego.

— Controle de terra chamando Patroni. Tem um recado do gabinete do administrador. Está recebendo?

— Aqui Patroni. Prossiga.

— Eis a mensagem: Joe, aposto uma caixa de charutos contra duas entradas para o baile como você não consegue desatolar aquele avião da pista número trinta ainda hoje. E gostaria que você ganhasse. Assinado: Mel Bakersfeld. Fim da mensagem.

Joe Patroni deu uma risada enquanto apertava o botão de transmissão.

— Patroni chamando controle de terra. Diga-lhe que aceito a aposta.

Desligando o microfone, instou com o motorista:

— Pé no fundo, filhinho. Agora tenho um estímulo.

Quando o caminhão parou no cruzamento interdito da pista número trinta, o chefe de turma de manutenção da Aéreo-Mexicana, Ingram — com quem Mel Bakersfeld conversara anteriormente — aproximou-se. Continuava apertado no capote, protegendo o rosto da melhor forma possível contra a neve e o vento cortante.

Joe Patroni mordeu fora a ponta de um novo charuto, embora dessa

vez sem acendê-lo, e desceu do carro. Ao sair do hangar tinha trocado as galochas por botas grossas forradas de lã. Apesar de possuírem cano alto, a neve era tão espessa que as cobria.

Patroni cobriu-se também com o próprio capote e saudou Ingram com um aceno de cabeça. Os dois conheciam-se ligeiramente.

— Muito bem — gritou Patroni. Precisava berrar para que a voz não fosse levada pelo vento. — Qual é o galho?

Enquanto Ingram descrevia a situação, as asas e a fuselagem do Boeing 707 atolado pairavam sobre as suas cabeças como um fantasmagórico e imenso albatroz. Debaixo do gigantesco bojo do jato um farol vermelho continuava a piscar ritmadamente, e a coleção de caminhões e veículos, inclusive um ônibus de serviço e o ensurdecedor carro-gerador permanecia aglomerada na via de acesso paralela ao avião. O chefe de turma de manutenção da Aéreo-Mexicana traçou um sumário do que já tinham feito: a remoção dos passageiros e a primeira tentativa frustrada para movimentar a aeronave com os próprios motores. Depois, informou a Joe Patroni, haviam retirado o máximo de peso possível — frete, correio, bagagem, com quase todo o combustível succionado pelos carros-tanques. Finalmente, empreenderam um segundo esforço para tirar o avião do lugar. Também resultara em malogro.

Mascando o charuto em vez de fumá-lo — uma das suas raras concessões às medidas contra incêndio, uma vez que o cheiro de querosene era forte, Patroni aproximou-se da aeronave. Ingram acompanhou-o, ficando logo rodeados por vários membros das turmas de salvamento, que emergiam do ônibus de tripulantes. Enquanto Joe examinava a situação, um deles acendeu um conjunto de refletores portáteis, dispostos em semicírculo diante do nariz do avião. Na claridade, o principal trem de pouso mostrava-se parcialmente encoberto, enterrado numa camada de lama por baixo da neve. O atoladouro estava localizado numa área em geral coberta de grama, a curta distância da pista número trinta, ao lado de um cruzamento de vias de acesso. O piloto da Aéreo Mexicana extraviara-se no meio das trevas e do redemoinho de neve. Por pura

falta de sorte, aquela parte ficara tão alagada que três dias de nevasca, e temperatura abaixo de zero não tinham sido suficientes para endurecê-la. Como resultado, as duas tentativas para remover o avião com os próprios motores conseguiram apenas atolá-lo ainda mais. Agora as nacelas dos quatro jatos, sob as asas, achavam-se perigosamente perto do nível do chão.

Ignorando o redemoinho branco que lembrava uma cena de "Scott no Antártico", Patroni ponderava, calculando as possibilidades de êxito.

Decidiu que ainda valia a pena tentar um recurso, retirando o avião com os próprios motores. Se desse certo, seria o modo mais rápido. Do contrário, teriam de utilizar gigantescos sacos de borracha — onze ao todo, feitos de *nylon* — colocados sob as asas e a fuselagem, e enchidos por bombas pneumáticas. Colocados nos devidos lugares, as rodas seriam erguidas por macacos resistentes, propiciando uma superfície sólida por baixo. Mas o processo ia ser demorado, difícil e exaustivo. Joe Patroni esperava evitá-lo.

— Precisamos de uma escavação bem funda e larga — anunciou — na frente do trem de pouso. Quero dois valos de um metro e oitenta de largura até a posição das rodas. Avançando, a partir das rodas, primeiro nivelam-se os valos para depois ir subindo aos poucos. — Virou-se para Ingram: — Vão ter de escavar pra burro.

— Nem há dúvida — concordou o chefe de turma.

— Terminada essa parte, ligam-se os motores e dá-se o impulso máximo a todos os quatro. — Apontou para o avião abandonado. — Deve bastar pra botá-lo pra frente. Quando se mover e subir o declive dos valos, a gente desvia ele pra este lado.

Batendo no chão com as grossas botas calçadas no caminhão, traçou um caminho elíptico na neve, a partir do solo amolecido até à superfície pavimentada da via de acesso.

— Outra coisa: vamos colocar o maior número possível de vigas grandes diante das rodas. Vocês têm alguma aí?



— Temos — confirmou Ingram. — Num dos caminhões.

— Então tragam pra cá e mandem o motorista apanhar a máxima quantidade que puder lá pelo aeroporto. Diga pra ele pedir em todas as companhias, e na própria manutenção.

O grupo que se encontrava em torno de Patroni e Ingram chamou os outros, que desceram atropeladamente do ônibus de serviço. Dois homens retiraram a lona coberta de neve de cima de um caminhão carregado de pás e ferramentas, que foram distribuídas entre as silhuetas que se moviam como sombras longe do semicírculo de refletores. O vendava! de neve às vezes dificultava a visão. Aguardavam ordens para começar.

Uma escada de bordo, assestada contra a porta da carlinga do 707, foi colocada no lugar. Patroni apontou para ela.

— Os aviadores ainda estão lá dentro?

— Estão — resmungou Ingram. — O chato do comandante e o piloto. Patroni olhou para ele bruscamente.

— Deram trabalho?

— Trabalho propriamente, não — respondeu azedo. — É que se recusam a fazer o que a gente pede. Quando cheguei aqui, pedi para ligarem todos os motores, tal como você acaba de explicar. Se tivessem obedecido ao pé da letra, acho que o avião teria saído. Mas são uns frouxos, e atolou ainda mais fundo. O comandante sabe perfeitamente que deu uma mancada dos diabos. E agora está louco de medo de que o avião caia de ponta cabeça. Joe Patroni sorriu.

— No lugar dele, eu sentiria o mesmo.

De tanto mascar, o charuto estava em frangalhos. Jogou-o na neve e procurou outro nos bolsos do capote.

— Depois eu falo com ele. O interfone foi instalado? — Foi.

— Chame a cabine de vôo, então. Diga aos dois que estamos trabalhando, e não demora vou até lá. — Certo.

Ao se aproximar do avião, Ingram chamou os vinte e poucos homens que estavam por perto.

— Muito bem, pessoal. Vamos começar!

Joe Patroni pegou também uma pá e em poucos minutos todos reviravam lama, terra e neve.

Depois de usar o interfone da fuselagem para falar com os pilotos na carlinga, Ingram — auxiliado por um mecânico — começou a apalpar o lodo gelado, com as mãos dormentes de frio, para colocar a primeira viga diante das rodas do avião.

De vez em quando, o campo de vôo, açoitado pela neve e com limites de visibilidade variáveis, deixava ver as luzes das chegadas e partidas. O vento trazia o barulho queixoso dos jatos até aos trabalhadores. Bem ao lado, porém, a pista número trinta permanecia silenciosa e deserta.

Joe Patroni calculava: ia demorar uma hora, no mínimo, para completar as escavações e ligar os motores do imenso Boeing 707 numa tentativa para removê-lo do atoladouro. Nesse meio tempo, os homens que agora abriam o valo duplo, teriam de ser revezados para se aquecerem no ônibus de serviço, estacionado na via de acesso.

Eram dez e meia. Se a sorte ajudasse, pensou, estaria de volta a casa, na cama — com Marie — logo depois da meia-noite.

Para atalhar a perspectiva, e também para esquentar o corpo, começou a escavar com mais entusiasmo.

NO "PILOTO DAS NUVENS", o Comandante Vernon Demerest pediu chá para Gwen e café preto para ele. O café — segundo diziam — ajudava a permanecer alerta. Beberia provavelmente umas dez xícaras antes de chegarem a Roma. Apesar de ser Harris quem pilotava a maior parte do percurso, Demerest não tinha intenção de descansar mentalmente. Quase nunca o fazia durante o vôo. Sabia muito bem, como a maioria dos pilotos veteranos, que os aviadores que morrem de velhice na cama são os que estão sempre preparados para enfrentar qualquer imprevisto.

— Até parece que perdemos a língua — comentou Gwen com aquela suavidade inglesa. — Mal se pronunciou uma palavra desde que chegamos ao aeroporto.

Fazia poucos minutos que tinham saído do local de partida, após o aviso da hora de atraso. Conseguiram a custo um reservado perto da parede dos fundos. Gwen examinava o rosto no espelho do estojo de compacto, ajeitando o cabelo sedoso sob o elegante boné de comissária. Os olhos negros e expressivos contemplaram rapidamente a fisionomia de Vernon Demerest.

— Não falei — explicou — porque estava pensando.

Só isso.

Gwen umedeceu os lábios, sem passar batom. As companhias possuem normas rígidas que proíbem às aeromoças a maquiagem em público. De qualquer modo, usava muito pouca. A tez possuía o frescor rosado e alvo que é privilégio inato das inglesas.

— Pensando em quê? Na sua experiência traumática — a novidade de que seremos pais? — Sorriu com malícia e depois participou, num tom declamado: — O Comandante Vernon Waldo Demerest e Miss Gwendolyn Aline Meighen comunicam a próxima chegada de

seu primogênito, um ... o quê? ... Ainda não sabemos, não é? Temos de esperar sete meses. Bem, paciência, passa depressa.

Ele conservou-se calado enquanto o chá e o café eram colocados sobre a mesa. Mas logo protestou:

— Pelo amor de Deus, Gwen, um pouco mais de seriedade!

— Porquê? Não me sinto nada séria. E afinal de contas, quem devia estar preocupada era eu.

Quis protestar novamente. Gwen, porém, tomou-lhe a mão por baixo da mesa. Tinha uma expressão de pesar.

— Desculpe. Suponho que deva ser realmente um choque — para ambos.

Era a deixa que Demerest esperava.

— Não é necessário que seja um choque — disse cuidadosamente. — Além do mais, só se fica pai quando a gente quer.

— Olhe — disse Gwen com naturalidade — estava mesmo me perguntando quando você ia tocar no assunto. — Fechou o estojo com um estalo e guardou-o. — Esteve por um fio no carro, não foi? Depois desistiu.

— Desisti do quê?

— Ora, Vernon, francamente! Pra quê fingir? Ambos sabemos muito bem sobre o que estamos falando. Você quer que eu aborte. Não pensou em outra coisa desde o momento em que eu disse que estava grávida. Vamos, confesse. — Sim — confirmou, relutante.

Continuava achando a franqueza de Gwen desconcertante.

— O que é que há? Julga que é a primeira vez que ouço falar em aborto?

Demerest olhou por cima do ombro, verificando se alguém escutava a conversa. O barulho do café, o murmúrio de vozes por todos os cantos abafava tudo.

— Ignorava qual seria a sua reação. — Eu também ignoro.

Agora era Gwen quem estava séria. Contemplou as mãos. Os longos dedos esguios, que Vernon tanto admirava, retorciam-se em cima da mesa.

— Pensei muito. E ainda não sei.

Sentiu-se reanimado. Pelo menos não fazia cena, com recusas melodramáticas.

Tentou convencê-la com a voz da razão.

— É realmente a única coisa sensata a fazer. Pode ser, sob certos aspectos, uma idéia desagradável. Mas pelo menos é rápida. E quando feita como se deve, com assistência médica, não há o menor perigo, não se precisa ter medo de complicações.

— Eu sei — disse Gwen. — É tudo tão monstruosamente banal. Basta tirar, num passe de mágica. — Olhou-o bem nos olhos. — Certo?

— Certo.

Sorveu o café. Talvez resultasse mais fácil do que imaginara.

— Vernon — disse baixinho. — Você já pensou que dentro de mim há um ser humano, vivo — neste instante? Fizemos amor. É nosso, seu e meu — uma parte de nós mesmos.

Os olhos revelavam uma inquietação como jamais vira.

E analisavam a sua reação, procurando uma resposta.

— Isso é falso — disse enfático, com dureza deliberada na voz. — Um feto não é uma criatura humana. Nem tampouco está vivo, pelo menos por enquanto. Talvez mais tarde, mas agora não. Não possui vida, não respira, não sente nada. Um aborto — especialmente no início — não é uma supressão criminosa.

Gwen reagiu com o mesmo ardor demonstrado no apartamento.

— Quer dizer que mais tarde talvez não seja um negócio muito limpo? Se esperássemos para abortar depois, quando a criança estiver perfeitamente formada, com todos os dedinhos no lugar,

seria menos ético? E então seria matar, coisa que não é agora? É isso, Vernon? Demerest sacudiu a cabeça.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Porém dá no mesmo.

— Se desse, não teria dito. De qualquer modo, é torcer as minhas palavras.

— Estou apenas sendo feminina — suspirou Gwen.

— Não existe ninguém com mais direito do que você.

Vernon sorriu. Percorreu-lhe o corpo com o olhar. A idéia de Nápoles, com Gwen... dentro de algumas horas... ainda o excitava.

— Eu te amo, Vernon. De verdade.

Ele tomou-lhe a mão outra vez por baixo da mesa.

— Eu sei. E é por isso que tudo fica mais difícil.

— O fato — disse Gwen lentamente, pensando em voz alta — é que nunca concebi um filho. E antes disso acontecer, a gente sempre se pergunta se é possível. Quando descobre que sim, como no meu caso, ocorre uma sensação de privilégio... que só uma mulher pode explicar... uma sensação imensa, maravilhosa. De repente, numa situação como a de nós dois, percebe que é preciso acabar com tudo, desperdiçar o que foi concedido. — Os olhos se turvaram. — Você compreende, Vernon? Compreende mesmo?

— Sim — respondeu suavemente — acho que compreendo.

— A diferença entre nós é que você já teve um filho.

Sacudiu a cabeça.

— Nunca tive filhos. Sarah e eu...

— Não no casamento. Mas *houve* uma criança. Você me contou. Uma menina: aquela do programa P-3-P-G — Gwen esboçou um sorriso — a que foi adotada. E agora, aconteça o que acontecer, sempre existe alguém, num lugar qualquer, que é a sua continuação. Permaneceu calado.

— Nunca pensa nela? — perguntou Gwen. — Jamais se pergunta onde anda, que aspecto tem? Não havia motivo para mentir.

— Penso, sim. Às vezes.

— E não dispõe de meios para encontrá-la?

Sacudiu a cabeça. Perguntou uma vez, mas informaram-lhe que após a adoção as fichas são destruídas. Nunca mais poderia descobrir. Nunca.

Gwen tomou o chá. Com o canto da vista examinou o café cheio de gente. Vernon notou que ela já havia recobrado a compostura. Os vestígios das lágrimas tinham desaparecido.

— Nossa — disse Gwen com um sorriso — quanto incômodo estou lhe causando.

A sua resposta foi sincera.

— Não são os meus incômodos que me preocupam. Só quero o que for melhor para você.

— Bem, acho que no fim escolherei a solução mais sensata. Farei o aborto. Entretanto preciso de tempo para pensar, desabafar.

— Quando estiver disposta, me avise. Mas não podemos esperar demais.

— É, suponho que não.

— Escute, Gwen — garantiu-lhe. — A história toda é muito rápida. Prometo-lhe que não há risco nenhum.

E contou o plano sobre a Suécia. Estava pronto a pagar todas as despesas médicas. E a companhia se encarregaria do transporte.

Ela concordou:

— Vou resolver em definitivo logo que voltarmos da viagem.

Vernon apanhou a conta e levantaram-se para ir embora. Aproximava-se a hora em que Gwen precisava receber os passageiros a bordo do vôo número dois.

Ao deixarem o *Piloto das Nuvens*, disse:

— Acho que tive muita sorte em encontrar um homem como você. Um outro simplesmente virava as costas e me abandonava.

— Eu não vou abandonar você.

Mas iria, sim. Agora tinha certeza. Depois de Nápoles e do aborto, poria um ponto final, rompendo a ligação — do modo mais cavalheiresco possível. Porém, de qualquer maneira, completa e definitivamente. Não seria difícil. Talvez precisasse enfrentar um momento desagradável quando Gwen descobrisse a sua intenção. Contudo não era o tipo de pessoa que cria problemas. Já havia demonstrado isso. Em qualquer hipótese, saberia controlar a situação, que aliás não apresentava novidade. Vernon Demerest saíra-se com êxito em outros apuros do mesmo gênero.

Verdade que dessa vez o caso era diferente. Nenhuma mulher causara-lhe antes a mesma impressão. Ou despertara atração tão profunda. Ninguém mais — pelo menos na lembrança — oferecia uma companhia tão perfeita. O simples fato de estar ao seu lado era agradável. O rompimento não lhe ia ser fácil. E, sabia, mais tarde, sentiria a tentação de mudar de idéia.

Porém havia de se manter firme. Durante toda a sua vida, tomada uma decisão, Vernon Demerest sempre permanecia inabalável até o fim. Obrigava-se a um sistema de auto-disciplina.

Além disso, o instinto prevenia-lhe que devia romper logo, do contrário chegaria a um ponto em que — até com auto-disciplina — jamais se libertaria de Gwen. Bastava isso acontecer, criando o hábito da convivência, para provocar uma espécie de catástrofe — conjugal, econômica, afetiva — que estava determinado a evitar. Há dez ou quinze anos, talvez recuasse. Agora não.

Tocou-lhe o braço.

— Vá na frente. Daqui a um minuto estarei lá.

À sua frente, por uma abertura momentânea na massa de pessoas aglomeradas no saguão central, tinha avistado Mel Bakersfeld. Não



se importava, absolutamente, de ser encontrado em companhia de Gwen. Mas de qualquer modo, não via motivo para apregoar a relação aos parentes.

O cunhado conversava seriamente com o Tenente Ned Ordway, um negro eficiente e simpático que chefiava o destacamento policial do aeroporto. Talvez estivesse absorto demais para reparar no marido da irmã. Para Demerest, o fato não possuía a menor importância, pois embora não procurasse evitar o encontro, tampouco mostrava-se inclinado a falar com Mel.

Gwen desapareceu no meio da multidão. A última visão que guardou dela foi um par de pernas lindas, com meias de *nylon*, cujos tornozelos não podiam ser mais atraentes e bem feitos. *Ô Sole Mio...* não demore!

Maldição! Mel Bakersfeld o tinha visto.

— Estava à sua procura — dizia o Tenente Ordway poucos minutos antes para Mel. — Soube que vamos receber visita — algumas centenas.

O chefe de polícia do aeroporto estava uniformizado.

Possuía alta estatura, magnífica, semelhante a um imperador africano. Para um corpo tão imponente, entretanto, a voz era surpreendentemente macia.

— Visita é o que não falta — replicou Mel, olhando a multidão aglomerada pelos saguões. Estava a caminho de seu gabinete na sobreloja da diretoria. — E não são centenas: são milhares.

— Não me refiro aos passageiros — disse Ordway. — Esses de que estou falando vão trazer novos problemas.

Contou o que sabia a respeito da assembléia de protesto contra o barulho dos aviões em Meadowood. Agora, interrompida a reunião, a maioria dos participantes vinha para o aeroporto. O Tenente Ordway fora informado, não só da manifestação como da seqüência programada, por uma equipe noticiosa de televisão, que viera pedir licença para instalar as câmaras no recinto do edifício principal.

Depois de conversar com o pessoal da tevê, Ordway telefonou para um amigo que trabalhava na redação do Tribune no centro da cidade, e soube dos pontos essenciais de um artigo escrito por um jornalista presente à reunião e que transmitira o texto pelo telefone.

— Que inferno! — resmungou Mel. — Não tinham outra noite para escolher? Como se não bastassem os problemas que já temos.

— Acho que a idéia é essa. Assim chamam mais atenção ainda. Pensei em lhe avisar logo, pois com certeza vão querer vê-lo e talvez alguém da A. F. A.

— A A. F. A. some do mapa ao surgir uma coisa dessas — comentou Mel mal-humorado. — Só aparecem quando recebem aviso de que passou o perigo.

— E o senhor? — sorriu o polícia. — Ainda não começou a cavar o túnel?

— Não. Diga-lhes que receberei uma delegação de meia dúzia, embora numa noite como hoje não tenha tempo a perder. O problema deles é insolúvel.

— O senhor sabe, naturalmente, — informou Ordway — que se não provocarem distúrbios ou danificarem alguma coisa não posso impedi-los legalmente de entrar.

— Sei, sim. Mas não pretendo discursar para multidões. O melhor mesmo é não procurar encrenca. Se começarem aos empurrões, cuide para só usar de força em derradeira instância. Lembre-se que a imprensa vai estar presente, e não quero fabricar nenhum mártir.

— Já preveni os rapazes. Sabem que é pra levar a coisa na brincadeira, sem recorrer à luta-livre.

— Muito bem!

Confiava em Ned Ordway. O policiamento do aeroporto Lincoln Internacional era efetuado por um destacamento autônomo da força policial de Chicago, e o tenente representava o melhor tipo de oficial de carreira. Exercia o cargo há um ano, e sem dúvida não tardaria a

ser designado para uma posição mais importante em outro setor. Mel ia sentir saudades suas.

— À parte essa história de Meadowood — perguntou — como vai o resto?

A força comandada por Ordway — cerca de cem policiais — como quase todo mundo no aeroporto fazia horas extras desde o início da nevasca.

— A rotina de sempre. Há um número de embriagados maior do que de costume, e umas duas brigas. Mas é de esperar, com esses atrasos de vôo e os bares cheios de gente.

— Não critique os bares — sorriu Mel. — O aeroporto recebe comissão em cada bebida. E precisamos desse rendimento.

— Pelo jeito, as linhas aéreas também. É o que a gente deduz pelos passageiros que têm de ajudar a entrar a bordo.

Dou sempre broncas por causa disso.

— É o café?

— Acertou. No momento em que um passageiro chega bêbado no balcão de embarque, chamam alguém das relações públicas para que encha o bucho do sujeito com café. Não sabem que é pior, pois o ébrio fica bem acordado. Em geral é quando somos obrigados a interferir.

— Pra vocês é fácil.

Mel sabia que os subordinados de Ordway eram hábeis em lidar com os bêbados do aeroporto. Raramente permaneciam presos, a não ser que se mostrassem turbulentos. Na maioria comerciantes e homens de negócios de outras localidades, às vezes cansados após uma semana de concorrência extenuante, ao voltar para casa exageravam a dose. Se a tripulação se recusava a admiti-los a bordo — os comandantes, que davam a última palavra nessas questões, tinham fama de ser irredutíveis — eram levados à casa de detenção, e detidos até passar o efeito do álcool. Mais tarde, recebiam

permissão para partir — geralmente envergonhados.

— Ah, tem outra coisa — lembrou o chefe de polícia. — O pessoal do parque de estacionamento achou uma porção de carros abandonados. Com o tempo que está fazendo, é difícil afirmar com certeza. Vamos verificar no primeiro momento disponível.

Mel fez uma careta. Automóveis imprestáveis, jogados nos locais de estacionamento, são uma praga constante em todos os aeroportos das grandes cidades. Hoje em dia, livrar-se de um calhambeque inutilizável é espantosamente difícil. Os negociantes de sucata e ferro-velho vivem com os terrenos atulhados ao máximo e recusam-se a aceitar mais — a não ser que os proprietários paguem. Ficam então colocados diante de um dilema: ou pagam para dar sumiço no carro, alugam um depósito ou encontram um lugar para abandoná-lo sem perigo de recebê-lo de volta. Os aeroportos oferecem uma solução óbvia para a última alternativa.

Os automóveis velhos são levados aos parques de estacionamento de um aeroporto, onde o proprietário remove as placas de licença e demais sinais de identificação, com a maior tranqüilidade. Evidentemente, é impossível destruir o número de fábrica do motor. Mas jamais vale a pena perder tempo e paciência em localizá-lo. A administração prefere fazer o que o ex-proprietário não quis — pagar a remoção do carro como lixo, o mais depressa possível, para desocupar um espaço rendoso. Nos meses recentes, o Lincoln apresentava uma conta fantástica dessas despesas.

No meio da multidão incessante do saguão, Mel avistou o Comandante Vernon Demerest.

— Descontando isso — anunciou Ordway jovialmente — estamos em plena forma para receber os visitantes de Meadowood. Quando chegarem eu aviso.

E com um cumprimento cordial, o polícia se afastou.

Vernon Demerest — envergando o uniforme de vôo com a habitual arrogância — veio ao encontro do cunhado. Mel sentiu um ímpeto de irritação ao lembrar-se do relatório desfavorável da comissão de

repressão à neve, sobre o qual ouvira falar, sem ter lido ainda.

Demerest não deu mostras de que pretendia parar, até que Mel chamou:

— Boa-noite, Vernon.

— Oi.

O tom não podia ser mais indiferente.

— Soube que você agora é uma autoridade em matéria de limpeza da neve.

— Não é preciso ser autoridade — replicou Vernon Demerest rudemente — pra perceber um serviço mal feito.

Mel esforçou-se para manter o tom moderado.

— Você tem uma idéia da neve que caiu até agora?

— Provavelmente melhor que a sua. Parte da minha função consiste em analisar os boletins do tempo.

— Então deve saber que tivemos trinta centímetros no aeroporto durante as últimas vinte e quatro horas. Sem falar na que já havia caído antes.

— Pois então limpem — disse, encolhendo os ombros.

— É o que estamos fazendo.

Com uma incompetência danada

— O máximo registrado até hoje — insistiu Mel — foi trinta e seis, na mesma parte do ano. Mas era uma inundação e tudo ficou interditado. Desta vez andou perto, mas não chegou a tanto. Lutamos para continuar funcionando, e conseguimos. Não existe sequer um aeroporto, em lugar nenhum, que tivesse enfrentado melhor a situação. Colocamos todo o equipamento de limpeza da neve a trabalhar dia e noite.

— Talvez o equipamento seja insuficiente.

— Santo Deus, Vernon! Quem é que pode ter máquinas suficientes

para um temporal como o que estamos tendo há três dias? Claro que é insuficiente, mas só uma pessoa destituída de qualquer senso econômico compra equipamento para combater a neve em ocasiões excepcionais — e esporádicas. Adquire-se uma quantidade razoável, e num caso de emergência usa-se tudo que se tem, tirando o máximo proveito. E é isso o que os rapazes estão fazendo. Ninguém faria melhor!

— Muito bem — replicou Demerest. — Você tem a sua opinião, eu tenho a minha. E na minha opinião você está fazendo um serviço incompetente. Foi o que declarei no meu relatório.

— Julgava que fosse o relatório de uma comissão. A não ser que tenha excluído os outros para a punhalada ser mais direta.

— A maneira da comissão funcionar não lhe interessa. O que vale é o relatório. Amanhã você vai receber uma cópia.

— Muito obrigado.

Não lhe passou despercebido o fato de não desmentir que o ataque era pessoal.

— Seja o que for que escreveu — prosseguiu — não altera coisa nenhuma. Mas se faz questão de saber, terá um valor negativo. Amanhã perderei um tempo precioso para explicar como você é capaz de ser ignorante em certos assuntos.

Falava com o maior ardor, sem se preocupar em dissimular a raiva. Pela primeira vez, Demerest sorriu.

— Não precisa ficar nervoso. É uma pena que o valor seja negativo e tenha de perder o seu tempo precioso. Vou tentar me lembrar disso amanhã, quando estiver gozando sol italiano.

E afastou-se com o mesmo sorriso.

Deu meia dúzia de passos e a expressão se converteu em carranca.

O motivo da sua contrariedade era o posto de venda de seguro no saguão central, que nessa noite, evidentemente, apresentava enorme movimento. Servia para lembrar-lhe que a vitória sobre o

cunhado não passava de uma ninharia, uma mera alfinetada. Dentro de uma semana o relatório desfavorável à limpeza da neve seria esquecido, enquanto o balcão de apólices permanecia no mesmo lugar. Desse modo, o verdadeiro triunfo pertencia a Mel Bakersfeld, aquele adulator presunçoso, que arrasara os seus argumentos perante a Junta de Diretoria cobrindo-o de ridículo.

Duas moças — uma das quais loura, com seios descomunais — preenchiam rapidamente as apólices dos requerentes, havendo umas seis pessoas aguardando vez. Quase todos traziam o dinheiro na mão — representando um lucro imediato às companhias de seguros, para o ressentimento de Demerest. E as máquinas automáticas, sem dúvida, deviam estar registrando um movimento idêntico nos mais variados pontos do aeroporto.

Ficou imaginando se havia passageiros do *Caravela de Ouro* na fila. Sentiu-se tentado a perguntar. Se encontrasse algum, não resistiria a um pouco de proselitismo por conta própria. Mas achou prudente desistir. Vernon Demerest já cedera ao mesmo impulso anteriormente. Aconselhara as pessoas perto do balcão a não fazer seguro de vôo no aeroporto, explicando os motivos. Mais tarde houve reclamações, e a administração da Trans-América teve de chamá-lo à ordem. Apesar das empresas tampouco aprovarem o sistema, ficavam sujeitas a pressões divergentes que as obrigavam a manter-se neutras. Uma dessas pressões provinha do próprio aeroporto: necessitando da renda proporcionada pela venda de apólices, alegava que a supressão do manancial talvez forçasse um aumento da taxa de pouso, para cobrir o prejuízo. Por outro lado, as linhas aéreas não tinham o menor interesse em hostilizar os passageiros, que podiam não gostar de restrições ao direito de fazer o seguro por um meio ao qual já estavam habituados. Por conseguinte, os pilotos tomaram a iniciativa sozinhos — recebendo os ataques correspondentes.

Absorto em seus pensamentos, o Comandante Demerest deteve-se por alguns segundos a observar a atividade do posto. Acompanhou a chegada de um homem de aspecto nervoso — muito alto e

encurvado, de bigodinho amarelado. Entrou na fila com uma pequena maleta e parecia inquieto por causa da hora. Consultava o relógio do saguão a cada momento, comparando com o seu. Não havia dúvida que estava contrariado com a inevitável espera.

Demerest sacudiu a cabeça: o sujeito era um desses incorrigíveis retardatários. Faria melhor em desistir do seguro e encaminhar-se para o seu vôo.

Então lembrou-se: já devia estar de volta à carlinga do *Caravela de Ouro*. Apressou o passo em direção à galeria de embarque da Trans-América. A qualquer instante soaria a primeira chamada. Pronto — ei-la.

— Atenção, senhores passageiros da Trans-América.

Vôo número dois, Caravela de Ouro, com destino a Roma. Embarque...

O Comandante Demerest tinha-se demorado no prédio mais do que pretendia. Enquanto acelerava o passo, repetiam a convocação para a partida, nítida e audível sobre o burburinho da multidão.



— ...VÔO NÚMERO DOIS. Caravela de Ouro, com destino a Roma. Preparem-se para o embarque. Os senhores passageiros, portadores de reservas confirmadas...

Um anúncio de partida em um aeroporto apresenta os mais diversos significados para os que o escutam. Para uns, constitui uma convocação rotineira, o prefixo de outra viagem cacete, motivada por negócios e que nunca fariam, se dispusessem de liberdade de escolha. Para outros, significa o começo da aventura. E há também os que se aproximam do fim da jornada — e já se sentem perto de casa. Pode simbolizar a tristeza de uma despedida, ou o seu contraponto: a perspectiva radiante de um encontro. Tem gente que se limita a ouvir os avisos destinados a outras pessoas. São os amigos ou parentes dos viajantes: os nomes dos destinos possuem o sabor mágico das cidades distantes que jamais serão vistas. Existe quem sinta medo ao soar o sinal de partida. Poucos, porém, manifestam indiferença. Constitui um início do processo de embarque. O avião está pronto. Chegou a hora de subir a bordo, não há tempo para demoras. Só em casos excepcionais espera-se por retardatários. Em breve estará enfrentando um meio estranho ao ser humano: o espaço. E sendo estranho, sempre houve, e sempre haverá, um elemento de aventura e fascínio.

No entanto, nada mais prosaico do que o mecanismo dos avisos de vôo. Origina-se num aparelho, sob vários aspectos semelhante a uma eletrola comercial, com a exceção de que, para funcionar, as fichas são substituídas por chaves, colocadas numa caixa receptora do Controle de Informações de Vôo — uma torre de observação em miniatura (cada empresa possui o seu próprio C. I. V. ou equivalente) — localizado por cima da galeria de embarque. Uma funcionária aperta os botões numa seqüência predeterminada. E a partir daí, o mecanismo opera sozinho.

Quase todos os avisos — as exceções ficam reservadas para situações especiais — encontram-se gravados em fita. Apesar de aparentemente formados por uma gravação única, são de fato compostos por três diferentes. A primeira contém o nome da empresa e o número do vôo. A segunda descreve a fase, isto é, trata-se de uma advertência preliminar, um aviso para subir a bordo, ou o derradeiro sinal. A terceira especifica a galeria e o portão de embarque. Como as três se sucedem ininterruptas, parecem — e a idéia é justamente essa — contínuas ao ouvido humano.

As pessoas que detestam a crescente automatização da humanidade exultam diante do mau funcionamento dos avisos de partida. Pode acontecer que uma das três fases fique emperrada, e os passageiros de meia dúzia de vôos diferentes dirijam-se, por engano, ao mesmo portão. A confusão resultante, envolvendo cerca de mil viajantes atrapalhados e impacientes, constitui um pesadelo para os agentes de embarque.

Nessa noite, para o vôo número dois, o mecanismo funcionou bem.

— ...os senhores passageiros, portadores de reservas confirmadas, queiram, por favor, dirigir-se ao portão quarenta e sete da galeria azul D.

Milhares de pessoas escutaram a chamada para o vôo número dois. Algumas já estavam preocupadas. Outras, porém, iam também ficar, antes de raiar o dia.

Mais de cento e cinqüenta passageiros ouviram o aviso. Os que se tinham apresentado, mas ainda estavam distantes do portão mencionado, apressaram-se naquela direção. Os recém-chegados limpavam a neve do vestuário no caminho.

Gwen Meighen, a comissária-chefe, encarregava-se de auxiliar o embarque de várias famílias com crianças pequenas quando o aviso ecoou pela escada de bordo. Recorreu ao interfone para avisar o Comandante Anson Harris e preparou-se para a afluência de passageiros que ia irromper nos próximos minutos. Vernon Demerest foi o primeiro a entrar. Adiantando-se rapidamente,

fechou a porta da cabine de comando atrás de si.

Anson Harris, com a assistência do copiloto Cy Jordan, procedia à inspeção preliminar de vôo. — Pronto — anunciou Demerest.

Ocupou o assento da direita, correspondente ao piloto, e apanhou a lista de controle. Jordan voltou ao seu lugar de costume, atrás dos dois.

Mel Bakersfeld, ainda no saguão central, ouviu o aviso e lembrou-se que o *Caravela de Ouro* era o avião de Vernon Demerest. Sentia-se penalizado. A recente oportunidade para terminar, ou ao menos atenuar, a manifesta hostilidade com o cunhado, tinha sido frustrada. Agora as suas relações pessoais realizavam a façanha, quase inconcebível, de ficarem piores. Perguntava-se se a culpa não seria sua. Boa parte, sem dúvida. Vernon possuía o dom de provocar-lhe os instintos mais agressivos. Porém no fundo estava certo de que a maior parcela de culpa cabia ao cunhado. Vernon considerava-se um indivíduo superior e zangava-se quando os outros não partilhavam da mesma opinião. A maioria dos aviadores que Mel conhecia — sobretudo os comandantes — sofriam da mesma mania de grandeza.

Mel tremia de raiva ao lembrar que Vernon, na reunião com a diretoria do aeroporto, referira-se a ele como "essa gente que vive grudada na terra, presa a escrivatinhas, com mentalidade de pingüim". Como se pilotar um avião requeresse uma qualidade especial, superior a outras ocupações!

Em todo caso, gostaria de voltar a ser, por algumas horas, o aviador de antigamente, podendo, a exemplo de Vernon, estar a caminho de Roma. Lembrava-se do que ele tinha dito sobre "gozar o sol italiano" no dia seguinte. Bem que aquilo lhe fazia falta. Esquecer, ao menos por curto prazo, os problemas burocráticos da aviação. Nessa noite, os amargos grilhões da terra pareciam-lhe mais pesados do que nunca.

O tenente de polícia Ned Ordway, após separar-se de Mel Bakersfeld poucos minutos atrás, escutou a chamada do vôo número dois pela

porta aberta de um pequeno gabinete de segurança nas proximidades do saguão central. Recebia naquele momento, pelo telefone, um relatório do sargento de serviço na sede do policiamento do aeroporto. Um carro da patrulha rodoviária comunicara que uma enorme quantidade de automóveis particulares, atulhados de gente, estava chegando aos parques de estacionamento, cujo espaço era pequeno para contê-los. As investigações revelavam que a maioria dos ocupantes pertencia ao barro de Meadowood — membros da manifestação contra o barulho dos aviões, e da qual o Tenente Ordway já havia sido informado. O sargento aproveitou para informar que, de acordo com as instruções, os reforços policiais achavam-se a caminho.

A cem passos de distância do Tenente Ordway, no setor reservado à espera de passageiros, Mrs. Ada Quonsett, a velhinha de São Diego, interrompeu a conversa com o jovem Peter Coakley da Trans-América, a fim de prestarem atenção à chamada para o vôo número dois.

Estavam sentados, lado a lado, num dos vários bancos forrados de couro preto. Mrs. Quonsett elogiava os predicados do falecido marido com os mesmos termos que a rainha Vitória, na certa, empregava para se referir ao príncipe consorte. "Era uma pessoa tão amável, tão inteligente, tão bonita. Quando surgiu na minha vida, já éramos maduros. Mas acho que na juventude devia ter sido muito parecido com o senhor".

Peter Coakley sorriu encabulado. Isso acontecia freqüentemente durante a última hora e meia. Desde o momento em que deixaram Tânia Livingston, com a recomendação de permanecer de olho na velhinha clandestina até a partida do avião que iria levá-la de volta a Los Angeles, a conversa se resumira num monólogo de Mrs. Quonsett, no qual era constante e favoravelmente comparado ao finado Herbert Quonsett. O assunto começava a cansá-lo. Não percebia que a intenção da astuta Ada Quonsett era precisamente essa.

Bocejou disfarçadamente. Quando assumira as funções de vendedor

de bilhetes da Trans-América, nunca imaginara aquele tipo de serviço. Sentia-se um perfeito idiota, sentado ali, de uniforme, bancando a ama-sêca de uma velhota gárrula e inofensiva, com idade para ser sua bisavó. Confiava que faltasse pouco para acabar com aquilo. Mas por azar, o vôo para Los Angeles, como quase todos, atrasou por causa do temporal. Senão Mrs. Quonsett já estaria longe há mais de uma hora. Quase rezava para ouvir a chamada. Enquanto isso, houve uma pausa curta mas bem-vinda no aviso contínuo do *Caravela de Ouro*.

O jovem Peter Coakley mal lembrava a advertência de Tânia: — "Lembre-se... ela tem um arsenal de macetes..."

— Imagine só! — comentou Mrs. Quonsett. — Uma viagem a Roma! Como um aeroporto é interessante, não acha? Especialmente para uma pessoa jovem e inteligente como o senhor. Roma era um lugar onde o meu querido e falecido esposo, sempre quis me levar. — Torceu as mãos, apertando o lencinho transparente de renda. Suspirou. — Porém foi impossível.

Enquanto falava, o cérebro de Ada Quonsett funcionava com a precisão dos melhores relógios suíços. Tinha de encontrar uma maneira de passar a perna nesse garoto com uniforme de gente grande. Embora estivesse morto de tédio, isso não bastava: continuava ali. Precisava criar uma situação em que o tédio se transformasse em descuido. Mas não podia esperar.

Mrs. Quonsett não desistia do seu objetivo: viajar clandestinamente para Nova Iorque. Prestava a maior atenção às chamadas. Cinco vôos, de empresas diferentes, já haviam sido convocados para aquele destino. Nenhum, no entanto, no momento propício, que lhe oferecesse uma oportunidade razoável de escapar à vigilância do jovem guardião. E agora não dispunha de meios para saber se ainda partiria outro antes do vôo da Trans-América para Los Angeles — no qual devia, mas não queria, embarcar.

Tudo, pensava Mrs. Quonsett, menos voltar, hoje para Los Angeles. Tudo! até mesmo... uma idéia repentina lhe ocorreu... subir a bordo

daquele avião para Roma.

Hesitou. Porque não? Uma porção de histórias a respeito de Herbert eram inventadas. Mas *verdade* que certa vez admiraram juntos uma coleção de postais de Roma...

Mesmo se não conseguisse sair do aeroporto, pelo menos poria o pé na Itália. Teria o que contar a Blanche, depois em Nova Iorque. Sem falar no gostinho de jogar areia nos olhos daquela sirigaita ruiva, a funcionária de relações públicas... Contudo daria certo? Como era mesmo o número do portão de embarque que acabavam de anunciar? Espere... portão quarenta e sete, na galeria azul D? Claro, tinha certeza.

Podia acontecer, lógico, que o vôo estivesse lotado, sem lugar para clandestinos ou coisa parecida. No entanto, quem não arrisca... Ainda por cima, era provável que exigissem passaporte para entrar a bordo. Precisava ver como se sairia dessa. Se ao menos fizessem uma chamada para Nova Iorque...

O principal era não ficar sentada ali como um dois de paus, mas se *mexer*.

Mrs. Quonsett agitou as mãos frágeis e enrugadas.

— Ai, meu Deus! — exclamou. — Ai de mim!

Os dedos da mão direita oscilaram, pairando à altura do fecho da blusa antiga, de gola alta. Cobriu a boca com o lenço de rendas e emitiu um leve gemido.

Uma expressão de alarme estampou-se na fisionomia do jovem vendedor de passagens.

— O que foi, Mrs. Quonsett? Que aconteceu?

Os olhos da velhinha se fecharam, mas logo se abriram de novo. Respirou várias vezes com dificuldade.

— Oh, sinto muito. Receio que não esteja passando muito bem.

— Quer que vá chamar alguém? — perguntou Peter Coakley inquieto. — Um médico?

— Não se incomode por minha causa.

— Absolutamente, não é incômodo nenhum...

— Não — protestou Mrs. Quonsett, sacudindo debilmente a cabeça.

— Acho que vou ao toalete. Isso passa logo.

O rapaz parecia hesitante. Não queria que a velhota morresse ali, embora pelo seu aspecto era o mínimo que podia acontecer.

— Tem certeza? — perguntou apreensivo.

— Tenho, sim. Absoluta.

Mrs. Quonsett decidiu que não devia atrair atenção na parte principal do edifício. Havia gente demais pelas proximidades que podia estar observando.

— Por favor, ajude-me... obrigada... agora, quer me dar o seu braço... Parece-me que o toalete fica naquele canto.

No caminho, soltou mais uns dois gemidos, baixinho, que provocaram olhares inquietos em Peter Coakley.

— Não é o primeiro ataque que tenho — tranqüilizou-o.

— Estou certa de que não é nada grave.

Em frente à porta do toalete, soltou o braço do rapaz.

— O senhor foi muito amável com esta pobre velhinha. Hoje em dia os moços... Ai, meu Deus!... — Tinha de tomar cuidado: agora basta, do contrário ele vai desconfiar. — Quer me esperar aqui? Promete que não vai embora?

— Oh, prometo, sim.

— Obrigada.

Abriu a porta e entrou.

Havia vinte ou trinta mulheres lá dentro. Mrs. Quonsett pensou: puxa, o aeroporto hoje está movimentado, até os banheiros. Agora necessitava de uma aliada. Examinou todas atentamente antes de se decidir por uma moça, com aparência de secretária, vestida com um

costume bege. Não parecia afobada. Encaminhou-se na sua direção.

— Desculpe-me. Não estou me sentindo muito bem.

Será que poderia me prestar um favor?

A velhinha de São Diego agitava as mãos, abrindo e fechando os olhos, tal como fizera com Peter Coakley. A moça ficou logo inquieta.

— Mas claro que posso. Quer que a leve...

— Não... por favor. — Mrs. Quonsett encostou-se a uma pia, como se estivesse prestes a cair. — Só queria que transmitisse um recado. Tem um rapaz aí na porta, com o uniforme de uma linha aérea — a Trans-América. Chama-se Mr. Coakley. Faça o favor de lhe dizer... sim, diga-lhe que é melhor chamar um médico.

— Digo, sim. Não precisa de nada até eu voltar?

Mrs. Quonsett sacudiu a cabeça.

— Não, obrigada. Mas vai voltar, não? Com a resposta? — Evidentemente.

Não demorou nem um minuto.

— Foi chamar logo o médico. Agora acho que a senhora devia descansar. Porque não...

Mrs. Quonsett endireitou o corpo imediatamente.

— Quer dizer que ele já foi? — Na mesma hora.

Precisava livrar-se dessa mulher. Fechou e abriu os olhos outra vez.

— Sei que é pedir muito... já se mostrou tão gentil... mas é que a minha filha está me esperando na porta de entrada, perto da United Airlines.

— Quer que vá buscá-la? E a traga aqui?

Mrs. Quonsett tocou os lábios com o lençinho de rendas.

— Ficaria extremamente grata. Mas acho que estou abusando.



— Tenho a certeza de que a senhora faria o mesmo se eu estivesse no seu lugar. Como é que ela é?

— Está vestida com um casacão cor de malva e um chapeuzinho branco, com flores amarelas. Tem um cachorrinho, um *poodle* francês.

A moça com aspecto de secretária sorriu.

— Então é fácil. Não demoro.

— Como a senhorita é amável.

Ada Quonsett aguardou apenas uns dois segundos depois que a outra saiu. Só esperava que a pobre aliada inconsciente, para o seu próprio bem, não perdesse muito tempo à procura de uma personagem fictícia, vestida de casacão cor de malva, e acompanhada por um *poodle* francês imaginário.

Sorrindo sozinha, a velhinha de São Diego abandonou o toalete, com passo lépido. Sem ser abordada por ninguém misturou-se com a multidão.

Ia pensando: e agora, como fazer para achar o caminho da galeria azul D, e o portão de embarque quarenta e sete?

Para Tânia Livingston, a chamada para o vôo número dois assemelhava-se a uma mudança no resultado de quatro partidas simultâneas de futebol. Naquele instante, nada menos de quatro vôos da empresa encontravam-se em diversas fases de embarque. Na qualidade de relações públicas, mantinha contato com todos. Além disso, acabava de ter uma entrevista irritante com um passageiro recém-chegado de Kansas City.

Numa linguagem rápida e agressiva, o sujeito reclamou que a mala de couro da esposa, ao ser entregue na seção de bagagens, aparecera com um rasgão lateral, dano resultante de manuseio negligente. Tânia não acreditava nas suas afirmações — o rasgão parecia antigo — mas, de acordo com o costume mantido não só pela Trans-América como por todas as outras companhias, ofereceu-se logo para indenizá-lo em dinheiro. O problema foi chegar a um acordo

sobre o montante. Tânia quis pagar trinta e cinco dólares, valor superior ao da mala. O passageiro insistia em quarenta e cinco. Finalmente acertaram em quarenta. O reclamante, porém, ignorava que estava autorizada a um limite de sessenta dólares para poupar dissabores à empresa. Mesmo em casos duvidosos, custava menos indenizar na hora do que iniciar uma longa pendência. Teoricamente, os vendedores de bilhetes deviam registrar todos os estragos na bagagem entregue. Mas raramente obedeciam. Como resultado, os viajantes familiarizados com o sistema, às vezes substituíam, dessa maneira, as malas velhas.

Embora o dinheiro não fosse seu, Tânia sempre relutava em pagar quando, na sua opinião, a companhia estava sendo lesada.

Agora dedicava a atenção em reunir os passageiros extraviados do vôo número dois. Havia vários retardatários. Felizmente, o ônibus que trouxera um contingente do centro da cidade tinha chegado há poucos momentos e a maioria já se encontrava a caminho da galeria D, portão quarenta e sete. Dentro de dois minutos, no máximo, se surgissem novos problemas de última hora com o embarque resolveu que iria pessoalmente ao portão quarenta e sete.

Quando D. O. Guerrero ouviu a chamada para o vôo número dois, estava na fila do balcão de apólices de seguro.

Era ele quem o Comandante Vernon Demerest havia visto chegar, afobado e nervoso, trazendo a mala que continha a bomba de dinamite.

Viera ao posto diretamente do ônibus, e agora ocupava o quinto lugar na fila. Os dois primeiros estavam sendo atendidos com lentidão enlouquecedora por um par de funcionárias. Uma delas, uma loura de seios imensos, ressaltados pelo decote generoso da blusa, entretinha-se numa conversa interminável com uma mulher de meia-idade. Pelo jeito, sugeria uma apólice mais vultosa do que a solicitada. A mulher, no entanto, não se decidia. Levaria, no mínimo, uns vinte minutos até chegar a vez de Guerrero. E a essa altura, o *Caravela de Ouro* na certa já teria partido. E *precisava*

fazer o seguro. *Tinha* de entrar no avião.

O aviso disse que o embarque seria no portão quarenta e sete. Guerrero já devia estar lá nesse momento. Sentiu-se trêmulo. As mãos que seguravam a mala estavam úmidas de suor. Pela vigésima vez, consultou o relógio de pulso, comparando-o com o do saguão. Passavam seis minutos da chamada para o embarque. O último aviso... com as portas do avião se fechando... poderia vir a qualquer instante. Precisava fazer *alguma coisa*.

Abriu caminho à força até a beira do balcão. Pouco lhe importava chamar atenção ou melindrar os demais.

— Êi, meu chapa! — protestou um homem. — Respeite a fila.

Guerrero não deu confiança. Dirigiu-se à loura opulenta.

— Por favor... o meu vôo já foi chamado — é o que vai para Roma. Tenho de fazer o seguro. Não posso esperar.

O mesmo homem interrompeu:

— Então não faça. Outra vez chegue mais cedo.

Guerrero ficou tentado a responder: *Não haverá outra vez*. Dirigiu-se novamente à loura:

— Por favor!

Para seu assombro, a moça abriu um vasto sorriso. Esperava receber uma recusa.

— Foi Roma que o senhor disse?

— Sim, sim. O vôo já foi chamado.

— Eu sei. — Sorriu novamente. — É o vôo número dois da Trans-América. Tem o nome de *Caravela de Ouro*.

A despeito do nervosismo, percebeu que tinha um sotaque europeu muito sensual. Húngara, provavelmente.

Fez um esforço para falar com naturalidade.

— Isso mesmo.

A moça sorriu para os outros que esperavam na fila.

— Este senhor de fato não dispõe de muito tempo. Estou certa de que não me levarão a mal se atendê-lo antes.

Tantas coisas haviam saído erradas nessa noite que mal podia crer no que ouvia. Houve uns murmúrios de descontentamento, porém até o homem que protestara ficou calado.

A moça apresentou-lhe um formulário. Virou-se com um sorriso para a mulher a quem estivera atendendo.

— É coisa rápida.

E voltou a ocupar-se, sempre sorrindo, de D. O. Guerrero.

Foi então que reparou, pela primeira vez, no poder daquele sorriso. Era por isso que os outros não haviam reclamado. Quando olhou diretamente para ele — e Guerrero dificilmente se deixava impressionar pelos encantos femininos — amoleceu todo. Além disso, possuía os maiores peitos que tinha visto em sua vida.

— O meu nome é Bunnie — disse com aquele sotaque europeu. — Qual é o seu?

E preparou a caneta esferográfica.

Como vendedora de apólices de seguro no aeroporto, Bunnie Vorobioff era um sucesso sem precedentes. Viera para os Estados Unidos, não da Hungria como Guerrero tinha imaginado, mas de Glauchau, na região meridional da Alemanha Oriental, através do muro de Berlim. Bunnie (na época Gretchen Vorobioff) era a filha rústica e sem busto de um obscuro funcionário comunista, sendo também militante do partido. Uma noite cruzou o muro com dois amigos. Os rapazes foram surpreendidos pelos refletores e mortos a bala. Os cadáveres ficaram pendurados no arame farpado durante vinte e quatro horas, à vista do público. Bunnie escapou ilesa. Tinha uma capacidade toda especial para sobreviver às piores situações.

Depois, entrando como imigrante nos Estados Unidos aos vinte e um anos de idade, abraçou os atrativos da livre iniciativa americana

com o entusiasmo de uma convertida religiosa. Trabalhou com afinco como enfermeira-assistente de um hospital, pois possuía alguma experiência, e nas horas vagas como garçom. Conseguiu encontrar tempo para aprender inglês num curso Berlitz e ir para a cama — de vez em quando para dormir, mas freqüentemente na companhia de internos do hospital. Retribuíam os seus favores com injeções de silicone nos seios. Tudo começou por brincadeira e terminou na maior algazarra: transformaram a experiência em prova de grupo, para ver o tamanho que o busto poderia alcançar. Felizmente, antes que ficassem ainda mais gigantescos, aproveitou a sensação de liberdade recém-adquirida para mudar de emprego, em busca de melhor salário. Foi mais ou menos nessa época que alguém a levou para Washington, D. C, onde visitou a Casa Branca, o Capitólio e o Clube Playboy. Depois desse último, Gretchen americanizou-se por completo e adotou o nome de Bunnie.

Agora, decorridos quase vinte meses, Bunnie Vorobioff assimilara totalmente a nova nacionalidade. Frequentava as aulas de dança de Arthur Murray, era membro do Cruz Azul, do Clube de Discos Colúmbia, tinha conta corrente com Carson Pirie Scott, assinava o *Reader's Digest* e o *Guia de TV*, comprava todos os fascículos da *Enciclopédia Mundial* usava peruca e guiava um Volkswagen, era filatelista e não dispensava a pílula.

Bunnie adorava também qualquer tipo de competição, sobretudo quando havia promessa de um prêmio tangível. Dentro dessa linha, um dos motivos de entusiasmo pelo seu trabalho atual era o fato de a companhia de seguro realizar concursos periódicos de vendas entre os funcionários, com recompensas em mercadorias. Uma dessas provas achava-se em pleno andamento e terminaria nessa noite.

Por isso mostrou-se tão amável ao saber que D. O. Guerreiro ia embarcar para Roma. Naquele instante precisava de quarenta pontos para atingir o seu objetivo na competição que se encerraria dentro de poucas horas — uma escova dentifrícia elétrica. Já desesperava de obter o total necessário antes da meia-noite. Quase

todas as apólices vendidas haviam sido para vôos nacionais, e essas, além de contar menos pontos, proporcionavam prêmios insignificantes. No entanto, se conseguisse vender um seguro de limite máximo para uma viagem transatlântica, marcaria vinte e cinco pontos, tornando-se fácil completar o restante. O problema consistia em descobrir qual o montante escolhido por esse passageiro com destino a Roma. Se fosse inferior à quantia máxima, como fazer para convencê-lo do contrário?

Para Bunnie a solução era geralmente fácil. Bastava usar o sorriso mais sensual, coisa que aprendera a manobrar com a rapidez de um forno de aquecimento instantâneo, inclinando os seios bem próximos ao rosto do cliente, para deixá-lo tonto, e depois apregoar os benefícios suplementares que podiam advir em troca de um pequeno acréscimo na taxa de pagamento. O estratagema funcionava quase sempre e constituía um dos segredos do seu êxito como vendedora de apólices.

Ao completar o nome de D. O. Guerrero, perguntou:

— Qual é o tipo de seguro que o senhor deseja?

Guerrero engoliu em seco.

— De vida — setenta e cinco mil dólares.

Agora que dissera, sentira a boca ressequida. Estava morto de medo que as palavras tivessem causado um impacto nas outras pessoas da fila. Os olhares perfuravam-lhe as costas. O corpo inteiro tremia: tinha certeza de que chamara a atenção. Para dissimular, acendeu um cigarro. A mão, porém, sacudia tanto que quase não conseguiu aproximar o fósforo. Felizmente, a moça, com a caneta suspensa sobre a linha "total do seguro", não parecia impressionada.

— São dois dólares e cinqüenta — anunciou.

— Como? ... Ah, sim.

Guerrero acendeu finalmente o cigarro e jogou o fósforo no chão. Rebuscou no bolso, à procura da pequena soma que ainda possuía.

— Mas é uma apólice pequenina.

Bunnie Vorobioff seguia com a caneta no ar, sem preencher a linha correspondente. E então debruçou-se no balcão, trazendo o busto bem perto do infeliz. Podia ver a fascinação que se espelhou nos olhos dele. Todos os homens sucumbiam. E alguns, conforme pressentia às vezes, quase estendiam a mão para tocá-los. Mas não era o caso daquele ali.

— Pequena? — gaguejou Guerrero atônito. — Pensei que... fosse a máxima.

Até Bunnie notou o seu nervosismo. Atribuiu ao vôo iminente. Desfechou-lhe um sorriso enlouquecedor por cima do balcão.

— Oh, não. O senhor pode fazer um seguro de trezentos mil dólares. É o que faz a maioria. Custa apenas dez dólares. De fato não é muito, quando se pensa na proteção recebida, não acha?

O sorriso era deslumbrante: a resposta significava uma diferença de quase vinte pontos. Podia ganhar ou perder a escova elétrica.

— A senhorita disse... dez dólares?

— Isso mesmo — em troca de trezentos mil.

D. O. Guerrero pensou: e *eu que não sabia*. Tinha imaginado, o tempo todo, que setenta e cinco mil era o limite máximo de seguro que podia ser adquirido num aeroporto para um vôo transatlântico. Obtivera a informação num formulário em branco que apanhara há uns dois meses. Agora lembrava-se — era um formulário de máquina automática. Não lhe ocorrera que as apólices nos balcões podiam ser maiores.

Trezentos mil dólares!

— Sim — pediu ansiosamente. — Por favor... sim.

Bunnie estava radiante.

— O total máximo, Mr. Guerrero?

Já ia responder afirmativamente com um aceno da cabeça, quando

aconteceu-lhe a ironia suprema. Provavelmente não trazia dez dólares consigo.

— Senhorita... espere! — disse a Bunnie.

Começou a revirar os bolsos, retirando todo o dinheiro que encontrava.

As pessoas na fila davam mostras de impaciência. O homem que protestava contra Guerrero desde o início, reclamou:

— A senhorita disse que seria coisa rápida!

Guerrero conseguiu reunir quatro dólares e setenta centavos.

Na ante-véspera, quando tinha juntado os últimos recursos, com Inez ficara com oito dólares, além do troco miúdo. Depois de empenhar o anel e pagar o depósito da passagem na Trans-América, sobrou muito pouco. Não tinha certeza do total, mas com as refeições, o metrô, o ônibus para o aeroporto... Sabia que precisava de dois dólares e meio para o seguro. Guardara separado, com o maior cuidado. E não se preocupou mais com o resto, certo de que não necessitaria de dinheiro depois de subir a bordo.

— Se não tiver consigo — disse Bunnie Vorobioff — serve cheque mesmo.

— Deixei o talão em casa.

Era mentira: estava com ele no bolso. Se passasse um cheque, porém, seria devolvido por falta de fundos, anulando a apólice.

— O senhor não tem dinheiro italiano, Mr. Guerrero? — insistiu Bunnie. — Pago a lira ao câmbio oficial.

— Não tenho, não — murmurou, amaldiçoando-se logo pela confissão.

Na agência da cidade apresentara-se sem bagagens para uma viagem a Roma. Agora, desvairadamente, demonstrava na presença de testemunhas que não possuía dinheiro algum, *americano ou italiano*. Quem toma um avião para a Europa, sem malas e sem vintém, a não ser uma pessoa que sabe que o vôo jamais chegará ao



destino?

Depois lembrou-se... que só no seu cérebro... os dois incidentes — no centro da cidade e agora ali — tinham conexão. Só se lembrariam de ligar os fatos mais tarde. Então não teria importância.

E raciocinou, como vinha fazendo toda a noite: as suspeitas não bastavam. O fundamental seria a ausência de destroços, a falta de provas.

Para seu assombro, a despeito da última gafe, sentiu-se mais confiante.

Juntou alguns níqueis à pilha de troco em cima do balcão. Nisso, por milagre, descobriu num bolso interno uma nota de cinco dólares.

Incapaz de refrear o contentamento, exclamou:

— Pronto! Consegui!

Ainda sobrava um dólar e uns trocados.

No entanto, agora a própria Bunnie Vorobioff mostrava-se hesitante, em vez de preencher logo a apólice de trezentos mil que o homem esperava.

Ficou observando a sua fisionomia enquanto remexia os bolsos.

Já era esquisito que esse sujeito viajasse para a Europa sem dinheiro, mas, no fim das contas, o problema era dele. Podia ter motivos. O que a deixou realmente preocupada foram os seus olhos. Possuíam um brilho frenético, desesperado. Bunnie conhecia os sintomas, já vira aquela expressão no passado. Ela mesma — embora parecesse um sonho — estivera bem perto de experimentar a mesma angústia.

A companhia de seguros para a qual trabalhava mantinha uma norma inflexível: quando um cliente manifestasse um nervosismo irracional, fora do comum, ou estivesse embriagado, deviam comunicar à empresa em que ia viajar. Para Bunnie, a questão se resumia no seguinte: seria essa a ocasião de invocar a regra?

Não tinha certeza.

A instrução da companhia muitas vezes era discutida pelas vendedoras de apólices. Algumas se queixavam, outras simplesmente não faziam caso, alegando que eram pagas para vender seguros e não para trabalhar de graça como psicólogas amadoras. E finalmente havia quem lembrasse que muita gente que faz seguro de vida em aeroporto é nervosa por natureza. Como era possível, sem treinamento especial, averiguar onde terminavam os nervos e começavam os sintomas de loucura? A própria Bunnie jamais denunciara um passageiro inquieto. Mas conhecia uma colega que, por engano, comunicou um fato semelhante à administração de uma linha aérea, e resultou que o homem era o vice-presidente de uma empresa de aviação, excitado com a notícia de que a esposa ia ter um bebê. O problema já havia causado uma série de dissabores.

Contudo, Bunnie ainda hesitava. Dissimulou a indecisão conferindo o dinheiro em cima do balcão. Ficou imaginando se Marj, a outra funcionária que trabalhava ao seu lado, notara alguma anormalidade. Aparentemente não: preenchia um formulário, obtendo pontos para a contagem da competição.

Finalmente, o passado de Bunnie Vorobioff influenciou a sua resolução. Os anos de formação... a Europa ocupada, a fuga para o ocidente, o muro de Berlim... ensinaram-lhe a sobreviver, condicionando-a a uma noção inteiramente diversa: refrear a curiosidade, sem nunca fazer perguntas desnecessárias. A curiosidade leva sempre ao compromisso. E envolver-se com os problemas alheios deve ser evitado por pessoas que já têm bastante com que se preocupar.

Sem maiores dúvidas, Bunnie Vorobioff, ao mesmo tempo que resolvia a questão do prêmio da escova dentifrícia elétrica, preencheu a apólice de seguro de vôo, no valor de trezentos mil dólares, sobre a vida de D. O. Guerrero.

Guerrero depositou-a no correio do aeroporto, endereçada à sua

esposa, Inez, no trajeto para o portão quarenta e sete e o vôo número dois.

O INSPETOR DE alfândega Harry Standish não escutou a chamada para a partida iminente do *Caravela de Ouro*, porém sabia que tinha sido feita. Os avisos de vôo não eram transmitidos para a sala de inspeção de bagagens, uma vez que estava reservada exclusivamente aos passageiros internacionais. Standish obteve a informação da própria Trans-América, pelo telefone. Foi cientificado de que o avião começava a proceder o embarque no portão quarenta e sete, devendo decolar no seu novo horário, às onze horas.

Standish controlava o relógio e iria ao portão em referência dentro de poucos minutos. Porém não em caráter oficial. Queria despedir-se de sua sobrinha Judy — filha de uma irmã — que partia para um ano de estudos na Europa. Prometera à mãe, que morava em Denver, que acompanharia a menina a bordo do avião. Passara alguns instantes em sua companhia — uma garota agradável, calma, de dezoito anos — no início da noite, no edifício principal e dissera-lhe que iria aparecer para a despedida final antes do avião levantar vôo.

Enquanto isso, procurava esclarecer um problema desagradável antes de encerrar um dia excepcionalmente cansativo.

Tinha à sua frente uma mulher arrogante e angulosa, com diversas malas abertas sobre a mesa de inspeção alfandegária.

— A senhora está segura de que não quer modificar a sua história?

— Calculo que isso seja sugestão para que eu minta. Acontece, porém, que as minhas declarações foram verdadeiras. Francamente! Vocês são uma gente tão intrometida e incrédula que até dá pra pensar que vivemos sob um regime totalitário.

Harry Standish, como todo fiscal de alfândega treinado para receber toda a sorte de insultos, ignorou o último comentário e respondeu

cortesmente.

— Não sugeri coisa nenhuma, minha senhora. Perguntei apenas se não desejava alterar as suas declarações a respeito desses artigos — os vestidos, os suéteres, e o casaco de peles.

A mulher, cujo passaporte americano especificava tratar-se de Mrs. Harriet Du Barry Mossman, residente em Evanston, e recém-chegada de uma viagem de trinta dias pela Inglaterra, França e Dinamarca, retrucou asperamente— Não desejo, não. E tem mais: quando o meu marido, que é advogado, souber desse interrogatório...

— Perfeitamente, minha senhora — disse Harry Standish. — Nesse caso, quem sabe se prefere assinar este formulário? Se quiser, posso explicar-lhe do que se trata.

Os vestidos, suéteres e o casaco de peles estavam espalhados em cima das malas. Mrs. Mossman manteve o casaco — um abrigo de zibelina — sobre os ombros até poucos minutos antes, quando o inspetor Standish chegou ao posto de inspeção número onze. Pedira-lhe, então, para tirá-lo, pois queria examinar melhor. Viera convocado por uma luz vermelha no painel de parede perto do centro da grande sala da alfândega. As lâmpadas — uma para cada posto — indicavam que o fiscal de serviço enfrentava algum problema, solicitando o auxílio de um superior.

Nesse momento, o rapaz que atendera Mrs. Mossman estava ao lado do Inspetor Standish. Quase todos os passageiros chegados pelo DC-8 da Scandinavian Airlines, procedente de Copenhague, já tinham ido embora. Somente essa mulher americana, bem vestida, criou uma situação embaraçosa ao insistir que comprara apenas alguns perfumes, bijuterias e sapatos na Europa. O valor total declarado era de noventa dólares — dez menos do que a lei previa para a isenção de impostos. O jovem fiscal ficara desconfiado.

— Porque é que eu devo assinar? — perguntou Mrs.

Harriet Du Barry Mossman.

Standish consultou o relógio na parede: faltava um quarto para as onze. Ainda havia tempo de encerrar a questão e alcançar o vôo número dois antes da partida.

— Para tornar as coisas mais fáceis para a senhora. Só pedimos que confirme as suas declarações por escrito. A senhora afirma que os vestidos foram adquiridos...

— Quantas vezes preciso repetir? Em Chicago e em Nova Iorque, antes de embarcar para a Europa. Com os suéteres aconteceu o mesmo. O abrigo foi um presente — comprado nos Estados Unidos. Recebi-o há seis meses.

Harry Standish gostaria de saber porque insistiram. Tinha certeza que as declarações eram falsas.

Para começo de conversa, os seis vestidos — todos de qualidade superior — estavam sem etiqueta. Ninguém faz uma coisa dessas sem malícia: as mulheres orgulham-se da procedência de seus trajes. E o que era mais: o acabamento possuía um caráter francês inconfundível. O mesmo acontecia com o corte do abrigo de peles — apesar de ostentar o rótulo de Saks, na Quinta Avenida, serzido às pressas no forro. Pessoas como Mrs. Mossman não compreendem que um fiscal de alfândega experiente nem precisa ver as etiquetas para saber a origem da indumentária. O molde, a costura — até mesmo a maneira de colocar um fecho *éclair* — constituem uma caligrafia conhecida, facilmente identificável.

A mesma afirmação valia para os três dispendiosos suéteres. Também não tinham etiquetas, e provinham certamente da Escócia, com típica padronagem inglesa, que não se encontra nos Estados Unidos. Quando uma loja americana encomenda esse tipo, as fábricas escocesas produzem cores mais berrantes, de acordo com a predileção do mercado local. Tudo isso, entre outras coisas, faz parte do treinamento de um inspetor de alfândega.

— Se eu assino, o que é que acontece? — perguntou Mrs. Mossman.

— A senhora fica livre.

— E posso levar os meus pertences? Todos eles?

— Pode.

— E se me recuso a assinar?

— Então somos obrigados a detê-la para averiguações.

Houve um breve momento de hesitação.

— Muito bem. O senhor preencha o formulário. Eu assino.

— Não: quem preenche é a *senhora*. Olhe aqui: primeiro descreva os artigos, especificando ao lado o local onde foram adquiridos. Declare, por obséquio, o nome da loja. E também a pessoa de quem recebeu o abrigo de peles de presente...

Pensava: tenho apenas de sair daqui a um minuto — faltavam dez para as onze. Não queria chegar depois que as portas do avião já estivessem fechadas. Mas antes estava com um palpito...

Esperou que Mrs. Mossman completasse o formulário e assinasse.

No dia seguinte, um investigador começaria a verificar a autenticidade das declarações. Os vestidos e os suéteres seriam requisitados e levados às lojas onde pretendia tê-los comprado. O abrigo de zibelina ia ser mostrado na Saks da Quinta Avenida, que certamente não reconheceria como seu... Mrs. Mossman não sabia, mas podia preparar-se para uma série de aborrecimentos, inclusive o pagamento de uma elevada taxa alfandegária, acrescida de multa rigorosa.

— A senhora não tem mais nada a declarar? — perguntou Standish.

— Claro que não! — replicou indignada.

— Tem certeza?

O Departamento de Alfândega costuma oferecer aos viajantes o máximo de oportunidade para prestarem declarações voluntárias. As pessoas só caem na armadilha por insistência própria.

Sem se dignar a responder, Mrs. Mossman inclinou a cabeça com ar de desdém.

— Nesse caso, minha senhora — disse o inspetor — tenha a bondade de abrir a sua bolsa.

Pela primeira vez a arrogância parecia abalada por uma certa insegurança.

— Mas as bolsas nunca são revistadas. Já passei pela alfândega diversas vezes...

— De modo geral, não. Porém temos o direito.

Pedir para examinar o conteúdo de uma bolsa feminina constituía uma raridade. Como as algibeiras de um homem, era considerada como algo íntimo, quase nunca inspecionada. No entanto, quando uma pessoa mostrava-se difícil, os fiscais reagem à altura.

Mrs. Harriet Du Barry Mossman, com relutância, abriu o fecho da bolsa.

Harry Standish examinou um batom e um estojo compacto dourado. Ao passar o dedo pelo pó de arroz, encontrou um anel de rubi e brilhantes. Soprou a camada que o envolvia. Havia também um tubo de loção para mãos, usada pela metade. Desenroscando a tampa, percebeu que o fundo estava aberto. Apertou o tubo perto do orifício e apalpou uma coisa dura no interior. Gostaria de saber quando é que os contrabandistas iriam surgir com um truque original. Aquele era velho! Conhecia quase todos.

Mrs. Mossman estava com uma palidez indisfarçável.

Não sobrou rastro da arrogância.

— A senhora desculpe — disse Standish — mas tenho de me ausentar um instante. Não demoro. De qualquer forma, vamos levar algum tempo com o seu caso.

Instruiu o jovem fiscal a seu lado.

— Examine o resto com o máximo cuidado. Verifique o forro da bolsa e das malas, as costuras e bainhas de todas as roupas. Faça uma lista. Você sabe como tem de fazer. Já ia saindo quando Mrs. Mossman o chamou.



— Inspetor!

Deteve-se.

— Sim, minha senhora.

— A respeito do abrigo e dos vestidos... talvez eu tenha me equivocado... Estou um pouco confusa. Realmente foram comprados. E ainda tem outros artigos...

Standish sacudiu a cabeça. Nunca compreendiam que existe um limite para tudo. Sendo ultrapassado a cooperação chega tarde demais. Notou que o rapaz havia encontrado algo.

— Por favor!... Eu lhe suplico... o meu marido...

Enquanto se afastava, percebeu que o rosto da mulher tinha ficado pálido e tenso.

Com passo ágil, atalhou o caminho, passando por baixo da parte reservada ao público no edifício principal, até chegar à galeria D e ao portão quarenta e sete. Durante o percurso, ia pensando na tolice de Mrs. Harriet Du Barry Mossman e gente da mesma laia. Se fosse franca sobre o casaco e os vestidos, declarando-os imediatamente, a taxa seria pequena, sobretudo para uma pessoa abastada. O jovem fiscal, mesmo que notasse os suéteres, provavelmente não faria caso. E a bolsa certamente não teria sido examinada. Os inspetores de alfândega sabem que a maioria dos passageiros regressa com um pouco de contrabando, e em geral mostram-se tolerantes. E a pedido dos viajantes, colocam os artigos mais caros dentro do limite de isenção, e cobrando imposto apenas pelos mais baratos, cujas taxas são sensivelmente menores.

Os casos de flagrante, cujas conseqüências podiam terminar em processo, eram invariavelmente causados por pessoas gananciosas, como Mrs. Mossman, que tentam passar sem pagar nada. O número de ocorrências semelhantes no mesmo dia terminou por deprimir Harry Standish.

Sentiu alívio ao ver que as portas do *Caravela de Ouro* ainda estavam abertas. Alguns retardatários procediam a identificação. O

seu uniforme de oficial da alfândega constituía um passe para todos os recantos do aeroporto, e o agente de embarque, muito ocupado, nem levantou os olhos à sua passagem. Standish reparou que o funcionário estava sendo auxiliado por uma ruiva, encarregada das relações públicas da empresa, cujo nome era Mrs. Livingston.

O inspetor entrou pelo passadiço na classe turista. Encontrou uma comissária na porta dos fundos do avião. Sorriu para ela.

— É coisa rápida. Não vão embora comigo a bordo, hem?

Judy estava numa poltrona do corredor, num conjunto de três assentos. Entretinha uma criança de colo, filha de um jovem casal que ocupava as outras duas poltronas laterais. Como toda a classe econômica dos aviões, essa já parecia apinhada de gente, com os lugares sufocantemente próximos. Nas poucas viagens que Standish fizera, sempre sentira um pouco de claustrofobia. Nessa noite, os passageiros de um monótono trajeto de dez horas não lhe despertavam a menor inveja.

— Tio Harry! — exclamou a sobrinha. — Pensei que não vinha mais.

Devolveu a criança à mãe.

— Vim só pra desejar boa viagem! — explicou. — Espero que aproveite bem o ano e quando regressar não traga contrabando.

Ela riu.

— Prometo. Até à volta, tio Harry.

A sobrinha ergueu o rosto para ser beijada, o que fez carinhosamente. Sentia-se satisfeito com Judy. Tinha certeza de que jamais se transformaria numa Mrs. Mossman.

Ao descer de bordo, com um aceno cordial à comissária, deteve-se um instante no portão de embarque, observando. Os últimos momentos que precedem um vôo, sobretudo rumo a lugares remotos, sempre o fascinavam, como acontece com tanta gente. A chamada final... *"A Trans-América Airlines comunica a partida imediata do seu vôo número dois, o Caravela de Ouro..."* estava

sendo anunciada pelo alto-falante.

A aglomeração em torno do portão ficou reduzida a duas pessoas. A funcionária ruiva, Mrs. Livingston, recolhia os seus papéis enquanto o agente de recepção atendia um retardatário — um homem alto e louro, chapéu, vestido com um sobretudo de pelo de camelo. Logo em seguida, entrava pelo passadiço da classe turista. Mrs. Livingston então afastou-se do local, tomando a direção da parte principal do edifício.

Enquanto observava, o inspetor Standish sentiu uma impressão, quase subconsciente, de que havia ainda outra pessoa por perto, diante de uma janela que ficava atrás do portão de embarque. Agora estava de frente: era uma velha. Parecia frágil, pequena e recatada. Trajava-se discretamente, toda de preto, no estilo antigo, e carregava uma bolsa negra, feita de contas. Dava a impressão de precisar de auxílio. Ficou intrigado. O que estaria fazendo ali, altas horas da noite, uma criatura tão idosa e aparentemente sozinha.

Caminhando com surpreendente vitalidade, a velha encaminhou-se ao agente da Trans-América, que atendia outro retardatário do vôo número dois. Standish apenas pôde ouvir, indistintamente, o que ela disse. As palavras eram entrecortadas pelo barulho dos motores do avião, recém-ligados.

— Desculpe... meu filho acaba de entrar a bordo... um louro, sem chapéu, de sobretudo de pelo de camelo... esqueceu a carteira... com todo o dinheiro.

Standish viu uma carteira de homem nas mãos da velha. O agente ergueu os olhos, com expressão de impaciência. Parecia exausto, como geralmente ficam nos últimos minutos de partida. Estendeu a mão para apanhar a carteira, porém, ao observar a anciã, mudou de idéia, falando rapidamente qualquer coisa. Apontou para o passadiço da classe turista. — "Pergunte à comissária" — foi tudo que Standish conseguiu entender. A velhinha sorriu, sacudiu a cabeça e dirigiu-se à entrada. Um momento mais tarde, tinha sumido de vista.

A cena durou apenas alguns segundos — talvez menos de um minuto. E agora surgia mais um retardatário — um sujeito alto e magro, de ombros curvados, cobrindo rapidamente os últimos passos que o separavam do portão quarenta e sete. Tinha um aspecto descarnado e um bigodinho amarelado. Carregava uma pequena maleta.

Standish quase se virou para ir embora. Qualquer coisa, porém, no jeito do indivíduo despertou-lhe a atenção: o modo como segurava a maleta — sob o braço, defensivamente. Já vira muita gente, inúmeras vezes, fazer o mesmo ao passar pela alfândega. Constituíam um sinal inequívoco de que traziam algo escondido. Se esse sujeito estivesse chegando de um vôo internacional, Standish exigiria que abrisse para revistar o conteúdo. Só que ia *partir* dos Estados Unidos.

A rigor, Harry Standish nada tinha a ver com isso.

No entanto, qualquer coisa... instinto, sexto sentido, desenvolvido na prática alfandegária, somado a um interesse particular pelo fato de Judy estar a bordo... prendia o inspetor naquele lugar, com os olhos fixos na pequena maleta sobraçada pelo sujeito alto.

A sensação de confiança que voltou a D. O. Guerrero no balcão de seguros perdurava. À medida que se aproximava do portão quarenta e sete, percebendo que havia tempo para tomar o avião, convenceu-se de que ultrapassara as piores dificuldades. De agora em diante, assegurava a si mesmo, tudo correria de acordo com suas previsões. Por conseguinte, não podia encontrar problemas no portão de embarque. A essa altura, cumpria chamar a atenção para a pequena discrepância entre o nome "Buerrero" na passagem e o "Guerrero" do passaporte. Com um rápido olhar ao documento de identidade, o agente corrigiu o engano e pediu desculpas.

— O senhor não repare. As nossas máquinas de reserva às vezes registram equívocos.

Agora, notou Guerrero com satisfação, tinha sido registrado com exatidão. Mais tarde, quando o *Caravela de Ouro* fosse considerado

perdido, não ia haver dúvidas a respeito. — Boa viagem para o senhor.

O agente devolveu o invólucro da passagem e apontou na direção do passadiço da classe turista.

Ao entrar no avião, sempre empunhando a maleta com o máximo cuidado, os motores de estibordo já estavam roncando.

O lugar numerado — do lado da janela, num grupo de três assentos — fora-lhe designado na agência do centro da cidade. Uma comissária conduziu-o ao número indicado. Outro passageiro, já instalado na poltrona do corredor, ergueu-se um pouco para facilitar-lhe o ingresso. Entre ambos havia um assento vazio.

D. O. Guerrero equilibrou cuidadosamente a maleta nos joelhos enquanto afivelava o cinto. Estava localizado na metade da classe turista, do lado esquerdo. Por todos os cantos, os passageiros terminavam de se instalar, dispondo da bagagem de mão e dos abrigos. Um punhado de pessoas atrapalhava o trânsito no corredor. Uma das aeromoças, movendo os lábios silenciosamente, e com ar de quem se impacientava com aquele rebuliço, efetuava a contagem dos ocupantes.

Recuperando a calma pela primeira vez desde que abandonara o apartamento da zona sul, reclinou-se no assento e cerrou os olhos. As mãos, mais firmes do que durante o resto do tempo, seguravam energicamente a maleta. Sem abrir os olhos, os dedos procuraram a alça até encontrar o laço de barbante fatal. O contato foi reconfortante. Sentado exatamente daquela maneira, dentro de quatro horas, mais ou menos, puxaria o fio, acionando a corrente elétrica que detonava a carga maciça de dinamite no interior da maleta. Quando chegasse o momento, gostaria de saber de quantos segundos de consciência iria dispor. E pensou: talvez um instante... apenas a parcela infinitesimal de um segundo... para saborear o triunfo. E depois, felizmente, mais nada...

Agora que se encontrava a bordo e disposto a tudo, sentia vontade de que o avião decolasse logo. Mas quando voltou a abrir os olhos, a

mesma comissária prosseguia com a contagem.

Havia duas aeromoças, de momento, na classe turista. A velhinha de São Diego, Mrs. Ada Quonsett, observava-as, a curtos intervalos, pela fresta da porta do toailete onde se escondera.

A contagem que precedia a partida, e que estava sendo efetuada, era um acontecimento com o qual Mrs. Quonsett se familiarizara. Também sabia que a ocasião oferece o maior risco para quem se encontra ilegalmente no avião. Mas se um passageiro clandestino conseguisse passar incólume por essa verificação, tinha probabilidades de só ficar desmascarado muito mais tarde — se chegasse a sê-lo.

Por felicidade, a comissária ocupada com a contagem não era a mesma que Mrs. Quonsett encontrara ao entrar a bordo.

Tinha sofrido minutos de aflição lá fora, enquanto observava atentamente a sirigaita ruiva encarregada dos passageiros. Morrera de medo ao deparar com aquela bisca no portão quarenta e sete. Ainda bem que tinha ido embora pouco antes de se encerrar a recepção dos retardatários. Fora fácil passar pelo agente.

Depois, Mrs. Quonsett repetiu a história da carteira para a comissária da porta de entrada. A moça, tentando responder a todas as solicitações das pessoas que impediam a circulação, negou-se a aceitar a incumbência quando soube que havia "um monte de dinheiro" dentro — reação esperada pela velhota. Disse-lhe que se andasse depressa, podia entregá-la pessoalmente ao filho.

O louro alto que, na maior inocência, servia de "filho" para Mrs. Quonsett, ocupava uma poltrona na parte da frente da cabine. A velhinha avançou em sua direção, mas por poucos segundos. Cuidava, disfarçadamente, um momento de distração da mesma comissária. Não teve de esperar muito.

Mrs. Quonsett deixou os seus planos ao sabor do acaso.

Havia perto um assento vazio. Podia ocupá-lo. No entanto, um movimento repentino de vários passageiros ao mesmo tempo abriu

um caminho livre para um dos toaletes de bordo. Poucos instantes depois, pela porta entreaberta, viu a aeromoça passar para a primeira classe, enquanto uma colega começava a contagem, a partir das poltronas da frente.

Quando chegou ao fim do avião, Mrs. Quonsett saiu do toailete e passou rapidamente pela comissária murmurando: — Com licença.

Ouviu a moça estalar a língua com impaciência. E pressentiu que havia sido incluída na contagem — mais nada.

Pouco mais à frente, no lado esquerdo, viu um lugar vago entre duas poltronas. Com sua experiência de clandestina aérea, a velhinha de São Diego aprendeu a procurar esses assentos. A maioria dos passageiros não gosta deles e por isso são os últimos a ser ocupados. E se a lotação está com menos da metade, em geral ficam desocupados.

Depois de sentar, conservou a cabeça baixa, a fim de chamar a menor atenção possível. Não se iludia com a idéia de passar despercebida indefinidamente. Em Roma teria de enfrentar as formalidades de Imigração e Alfândega e não poderia sair tranqüilamente do aeroporto, como estava acostumada a fazer em Nova Iorque, ao descer de seus vôos ilícitos. Com sorte, porém, gozaria a emoção de chegar à Itália, sem falar na agradável viagem de volta. Enquanto isso, nesse avião, a comida devia ser boa, assistiria a um filme e, mais adiante, talvez tivesse oportunidade de travar uma animada palestra com os seus dois vizinhos de assento.

Ada Quonsett dedicou-se a observá-los. Notara que ambos eram homens. Mas de momento preferia não virar a cabeça para a direita, pois se o fizesse as comissárias, ocupadas agora em percorrer o corredor numa nova contagem, iam enxergar-lhe o rosto. Olhou, então, dissimuladamente, o passageiro à esquerda. Podia analisá-lo à vontade porque reclinara a cabeça, de olhos fechados. Era um indivíduo magro, de feições esqueléticas, muito pálido, e com o pescoço ossudo. Dava a impressão de precisar de uma suculenta refeição. E tinha um bigodinho amarelado.

"Reparou que trazia uma pequena maleta no colo. E, apesar do fato de manter os olhos fechados, segurava-a com firmeza.

As comissárias encerraram a contagem. Surgiu uma terceira, vinda do compartimento de primeira classe. Puseram-se a discutir às pressas.

O homem à esquerda abriu os olhos. Continuava a prender a maleta com força. A velhinha de São Diego — curiosa por natureza — ficou a se perguntar o que poderia conter.

Voltando à sala de inspeção da alfândega — dessa vez seguindo o trajeto reservado aos passageiros — Harry Standish ainda pensava no homem da maleta. Não podia tê-lo interpelado: fora do recinto alfandegário, um fiscal não tem direito de interrogar ninguém, a menos que haja indícios de que esteja fugindo à vistoria. E era óbvio que o indivíduo do portão de embarque não se enquadrava nesta categoria. Podia, naturalmente, telegrafar a sua descrição ao aeroporto de Roma, prevenindo sobre a possibilidade de ser contrabandista. Mas Standish duvidava que fizesse isso. Há pouca cooperação entre os departamentos internacionais 'de alfândega, cuja rivalidade profissional é intensa. Até mesmo com os do Canadá, tão próximos, acontece o mesmo. Já registraram-se incidentes em que os Estados Unidos receberam informações de contrabando de brilhantes para o país vizinho, sem jamais — por questão de princípios — comunicar às autoridades canadenses. Preferiam, em vez, enviar funcionários para observar a chegada de suspeitos e acompanhar-lhes o rastro, só efetuando a prisão se cruzassem a fronteira americana. Alegava-se que a alfândega que apreendesse aquele tipo de contrabando guardaria todo o produto para si. E os departamentos alfandegários não gostam de dividir a presa.

Não — decidiu o Inspetor Standish —, não iria telegrafar a Roma. Limitar-se-ia a comunicar as suas suspeitas à Trans-América, entregando-lhe a decisão.

Avistou Mrs. Livingston, a agente de relações públicas que encontrara no portão de embarque, à sua frente. Conversava com



um piloto e um grupo de passageiros. Harry Standish esperou que fossem embora.

— Olá, Mr. Standish — saudou Tânia. — Espero que no seu departamento tudo corra mais calmo do que por aqui.

— Pelo contrário — afirmou, lembrando-se de Mrs. Harriet Du Barry Mossman, que certamente continuava detida na sala de inspeção.

Como Tânia esperava que prosseguisse com o comentário, hesitou. Às vezes perguntava-se se não exagerava a sua vocação de detetive, demasiado consciente da perspicácia de seus instintos. No entanto, acertava quase sempre.

— Estive observando o embarque do vôo número dois. Uma coisa me deixou preocupado.

Descreveu o sujeito alto e descarnado, e a maneira suspeita de segurar a maleta.

—Acha que era contrabando?

O inspetor sorriu.

— Se em vez de embarcar ele estivesse chegando do estrangeiro, eu descobriria. A única coisa que posso lhe afirmar, Mrs. Livingston, é que está levando algo que não quer que ninguém saiba.

— Não sei o que posso fazer — comentou Tânia, pensativa.

Mesmo que o homem fosse, realmente, contrabandista, não estava convencida de que a companhia poderia interferir.

— Provavelmente não há nada a fazer. Mas como vocês sempre cooperam conosco, achei que devia transmitir a informação.

— Obrigada, Mr. Standish. Vou comunicar ao nosso A. T. S. Talvez ele queira notificar o comandante.

Quando o inspetor se afastou, Tânia consultou o relógio suspenso do saguão: marcava um minuto para as onze. Ao se dirigir para a administração da Trans-América na sobreloja da diretoria, ia pensando: era tarde demais, para apanhar o *Caravela de Ouro* no

portão de embarque. Se o avião ainda não tivesse partido, certamente o faria dentro dos próximos instantes. Gostaria de saber se o administrador de transportes do setor estava em seu gabinete. Se o A. T. S. julgasse a informação importante, podia avisar o Comandante Demerest pelo rádio, enquanto o vôo número dois estivesse no solo, efetuando as manobras para alcançar a pista de decolagem. Apressou o passo.

O A. T. S. não estava, porém encontrou Peter Coakley.

— O que é que você está fazendo aqui? — perguntou imediatamente.

O rapaz, vítima do embuste da velhinha de São Diego, narrou envergonhado o que acontecera.

Peter Coakley já tinha recebido uma repreensão. O médico, chamado ao toailete de mulheres para atender o recado ridículo, mostrou-se eloqüente em sua fúria. O jovem Coakley evidentemente esperava que acontecesse o mesmo com Mrs. Livingston. E não ficou decepcionado.

Tânia explodiu.

— Ora vá para o inferno! Eu não lhe preveni que ela era cheia de macetes?

— Sim, Mrs. Livingston, a senhora avisou. Mas acho que e u ...

— Pouco me importa o que você acha! Telefone já, para todos os nossos portões. Avise para que fiquem de olho numa velha vestida de preto, com cara de santa — você sabe a descrição. Ela vai tentar embarcar para Nova Iorque, mas talvez siga por outra rota. Quando a localizarem, que o agente a detenha e nos chame. Não devem deixá-la passar, sob nenhum pretexto. Enquanto você faz isso, eu telefono para as outras companhias.

— Sim, senhora.

Havia diversos aparelhos no escritório. Peter Coakley apanhou um e Tânia outro.

Ela conhecia de cor os números da TWA, American, United e

Northwest no aeroporto. Todas as quatro mantinham vôos diretos para Nova Iorque. Falando primeiro com a funcionária que ocupava o seu cargo na TWA — Jenny Henline — escutou o que Peter Coakley dizia:

— Sim, bem velha... de preto... quem vê não acredita ...

Um duelo de inteligência, compreendeu Tânia, estava declarado entre ela e a engenhosa e velhaca Ada Quonsett.

Gostaria de saber, no fim, quem ia vencer.

Esqueceu, momentaneamente, a conversa com o inspetor Standish e a intenção de localizar o A. T. S.

A bordo do Caravela de Ouro, o Comandante Vernon Demerest estava colérico.

— Que diabo de demora!

Os motores três e quatro, do lado estibordo da aeronave N-731-TA, roncavam. Todo o avião ressonava com o zumbido suave, mas poderoso, do jato.

Já tinham recebido o aviso de desembarço do supervisor da rampa pelo interfone, há vários minutos, para dar partida ao três e ao quatro. Porém continuavam aguardando licença para ligar o primeiro e o segundo, situados do lado oposto, e normalmente só postos a funcionar depois que todas as portas estivessem fechadas. Uma luz vermelha no painel de controle havia-se apagado poucos minutos antes, indicando que a porta de retaguarda da fuselagem fora fechada completamente. Logo após, o passadiço correspondente era retirado. No entanto, uma outra luz vermelha continuava a brilhar, acesa, mostrando que a outra, localizada na parte da frente, permanecia aberta. Um olhar para trás, pelos vidros da carlinga, confirmou que o passadiço dianteiro ainda estava no mesmo lugar.

Girando no assento do lado direito, o Comandante Demerest ordenou ao copiloto Jordan:

— Abra a porta.

Cy Jordan encontrava-se sentado por trás dos outros dois pilotos, diante de um complexo painel de instrumentos e controle de motores. Ergueu-se um pouco e espichando o corpo alto e magro, soltou a porta da cabine de vôo, que se abriu pelo lado de fora. Pelo vão, podiam avistar, na primeira classe de passageiros, meia dúzia de pessoas com o uniforme da companhia, entre os quais Gwen Meighen.

— Gwen! — chamou Demerest.

Quando se aproximou, perguntou:

— Que diabo está acontecendo?

Parecia preocupada.

— A contagem da classe turista não confere. Já fizemos duas vezes e não combina com a lista e as passagens.

— O supervisor da rampa está aí?

— Sim. Está conferindo a nossa contagem. — Quero falar com ele.

Nessa fase de vôo de qualquer avião comercial, sempre há um problema de hierarquia. Oficialmente, o piloto já assumiu o comando, mas não pode ligar os motores nem começar as manobras sem a prévia autorização do supervisor da rampa. Ambos perseguem o mesmo objetivo — efetuar a partida dentro do horário. Contudo, às vezes a divergência de tarefas provoca conflitos.

Pouco depois o supervisor uniformizado, com uma única divisa prateada correspondente ao seu posto, chegava à cabine.

— Escute aqui, velho — disse Demerest. — Sei que você está com problemas. Mas nós também. Quanto tempo vamos ficar esperando ainda?

— Acabo de pedir uma conferência nas passagens, comandante. A classe turista está com um passageiro a mais.

— Perfeitamente — disse Demerest. — Agora vou lhe dizer uma coisa. Cada segundo passado aqui queima o combustível do número três e do número quatro — *que você autorizou a ligar...* líquido

precioso, necessário para o nosso vôo. De maneira que, a menos que este avião parta imediatamente, mando parar tudo para buscar mais tanques de depósito. Tem outra coisa que também precisa saber: o CTS acaba de avisar que estão com uma brecha momentânea. Se principiarmos logo as manobras, poderemos decolar rapidamente. Daqui a dez minutos a situação pode mudar. Agora a decisão é sua. Qual vai ser?

Dividido em duas responsabilidades, o supervisor da rampa hesitou. Sabia que o comandante tinha razão a respeito do combustível queimado. No entanto, se parassem os motores para encher os tanques, implicaria em outra meia hora de atraso além dos sessenta minutos já sofridos. Por outro lado, tratava-se de um importante vôo internacional, onde não podia ocorrer divergência entre a contagem de ocupantes e o recolhimento de passagens. Se houvesse, realmente, uma pessoa a bordo sem autorização para viajar, e fosse descoberta e retirada do avião, o supervisor da rampa encontraria, mais tarde, a plena aprovação dos superiores quanto à sua decisão de reter a partida. Mas se a diferença não passasse de um possível erro de escrita, o A. T. S. era capaz de queimá-lo vivo.

Decidiu da maneira mais óbvia. Chamando pela porta da cabine, ordenou:

— Cancelem a conferência das passagens. O avião vai partir agora.

Quando a porta se fechou, Anson Harris, com um sorriso, falava pelo interfone com um funcionário lá embaixo no solo.

— Pronto para ligar o número dois?

— Tá, pode ligar — foi a pronta resposta.

A porta dianteira da fuselagem foi fechada completamente. No interior da carlinga, o indicador vermelho piscou e apagou.

O motor número dois detonou e manteve-se com o mesmo rugido.

— Pronto para o número um?

— Pronto.

O passadiço dianteiro, como um cordão umbilical cortado, ia sendo arrastado de volta para o edifício principal.

Vernon Demerest chamou o controle de terra pelo rádio para obter permissão para as manobras.

O motor número um detonou e manteve-se em funcionamento.

No assento esquerdo, o Comandante Harris, encarregado de decolar o avião, mantinha os pés nos freios do leme de direção.

Continuava a nevar abundantemente.

— Controle de terra chamando vôo número dois da Trans-América. Pode iniciar as manobras...

O ritmo dos motores aumentou.

Demerest pensava: Roma... e Nápoles... aqui vamos nós!

Eram onze horas.

Na galeria D, uma figura, correndo e tropeçando, chegava ao portão quarenta e sete.

Mesmo que encontrasse fôlego para falar, qualquer pergunta tornava-se desnecessária.

As rampas de embarque estavam fechadas. Os cartazes portáteis, com avisos de partida do *Caravela de Ouro*, iam sendo retirados. Uma aeronave, em manobras, abandonava o portão.

Desesperada, sem saber o que fazer, Inez Guerrero observou as luzes do avião se afastarem.

# TERCEIRA PARTE

23.00 - 01.30

COMO ACONTECIA sempre durante o início de um vôo, a comissária-chefe Gwen Meighen experimentou uma sensação de alívio quando a porta dianteira se fechou e, momentos após, o avião começou a andar.

Uma aeronave estacionada diante de um portão de embarque assemelha-se a um parente sujeito aos caprichos e sustento da própria família, sem gozar de liberdade. A sua identidade transforma-se num fenômeno de dependência. As fontes de suprimento o embaraçam. E pessoas estranhas, que nunca integrarão o seu continente, entram e saem sem cessar.

Contudo, de portas cerradas, preparando-se para a decolagem, transforma-se novamente numa entidade. Os membros da tripulação são os primeiros a perceber a mudança. Voltam a conviver num ambiente autônomo, com o qual estão familiarizados, e onde funcionam com a perícia e independência que constituem a essência de seu treinamento. Ninguém os estorva, nada se atravessa em seu caminho, exceto a rotina a que já se acostumaram e conhecem a fundo. Os utensílios e equipamento são o que há de melhor. Os recursos e limitações são do conhecimento geral. A confiança em si mesmo não os abandona. A camaradagem no ar — intangível, porém real para todos que a desfrutam — é posta em ação outra vez.

Até os passageiros — pelo menos os mais sensíveis — percebem uma modificação mental, que aumenta à proporção que o avião ganha altura. Lá do alto, contemplando o mundo cá embaixo, as preocupações da vida cotidiana parecem insignificantes. Outros, ainda mais sagazes, encaram a nova perspectiva como uma libertação da mesquinhez terrena.

Gwen Meighen, ocupada com os ritos que antecedem a partida, não



tinha tempo para divagações semelhantes. Enquanto as quatro aeromoças desempenhavam funções de rotina por todos os cantos do avião, Gwen utilizava o alto-falante para dar as boas-vindas aos passageiros. Com aquela suave voz inglesa, fez o que pôde para aplicar um cunho de sinceridade ao parágrafo meloso e hipócrita do manual de bordo, que a empresa insistia que fosse lido em todos os vôos. — Em nome do Comandante Demerest e da nossa tripulação... expressamos o desejo sincero de que a viagem transcorra agradável e tranqüila... dentro de breves instantes iniciaremos, com o máximo prazer, o nosso serviço de bordo... se houver qualquer coisa ao nosso alcance para tornar o vôo mais agradável...

Às vezes gostaria de saber se as linhas aéreas "faziam uma idéia do profundo aborrecimento que esses avisos, no começo e no fim de cada viagem, causavam aos passageiros. Mais essenciais eram as explicações sobre as saídas de emergência, máscaras de oxigênio e disposições contra o enjôo. Com a ajuda e demonstração das outras comissárias, completou-as rapidamente.

Ainda estavam em manobras. Nessa noite, pareciam-lhe mais lentas que de costume, demorando em chegar à pista de decolagem. O motivo, sem dúvida, prendia-se ao acúmulo de tráfego e ao temporal. Podia escutar, do lado de fora, as batidas esporádicas da neve jogada pelo vento contra as janelas e a fuselagem.

Faltava mais um aviso — o menos simpático aos tripulantes, porém obrigatório antes de levantar vôo nos aeroportos de Chicago, Nova Iorque, Boston, Cleveland, São Francisco e outros que possuam zonas residenciais nas imediações.

— Logo após a decolagem, os senhores passageiros perceberão um decréscimo acentuado no ruído dos motores, causado por uma redução de [orça. Trata-se de um [ato perfeitamente normal e constitui uma cortesia às famílias que moram perto do aeroporto, diretamente abaixo da rota de vôo. A segunda informação era falsa. A redução de força não constituía nenhum fato normal, e muito menos aconselhável. Na realidade representava uma concessão — considerada por muitos como um mero gesto de promoção — com

sério perigo para a segurança do avião e seus ocupantes. Os pilotos combatiam intransigentemente o decréscimo de força para atenuar o barulho. Grande número, correndo o risco de arruinar a carreira, recusava-se a cumpri-la.

Gwen tinha ouvido Vernon Demerest parodiar, na intimidade, o aviso que acabava de dar...

— Senhoras e senhores, no momento mais crucial de nossa decolagem, quando necessitamos do máximo de força e temos mil outras coisas a fazer na cabine de vôo, efetuamos uma diminuição drástica em nossos motores, descrevendo uma íngreme ascensão com grande peso de carga e velocidade mínima. Trata-se de uma manobra de incomparável imbecilidade, e pela qual um candidato a piloto seria expulso de uma escola de treinamento. Entretanto, são ordens que cumprimos a pedido dos proprietários da linha aérea e da Administração Federal de Aviação, por culpa de algumas pessoas que construíram suas moradias muito depois de o aeroporto entrar em funcionamento e insistem para que passemos na ponta dos pés. Pouco se importam com a segurança do vôo ou com os riscos oferecidos às vidas a bordo. Portanto, pessoal, segure-se bem! Boa sorte para todos e rezem por um milagre!

Gwen sorriu à lembrança. Simpatizava com muitas qualidades de Vernon. Era um homem que vivia intensamente e tinha a coragem de assumir suas opiniões. Quando se interessava por alguma coisa, ia ao âmago do assunto. Até os seus defeitos — a maneira rude, a vaidade — eram viris e interessantes. Sabia ser carinhoso, também — sempre revelava durante o ato sexual, apesar de reagir prontamente à paixão, como Gwen bem o sabia. De todos os homens que conhecia, não havia nenhum a quem daria um filho com maior prazer do que Vernon Demerest. A idéia causou-lhe uma suave amargura.

Tornando a colocar o microfone no nicho da cabine dianteira, percebeu que a manobra diminuía de velocidade. Deviam estar próximos do ponto de decolagem. Seriam os últimos minutos de que ia dispor — durante várias horas — para se entregar aos seus

pensamentos. Depois da partida, não sobraria tempo para outra coisa além do trabalho. Tinha de supervisionar quatro comissárias, e atender o serviço da primeira classe. Uma boa quantidade de vôos internacionais preferia usar homens para esse trabalho. A Trans-América, no entanto, estimulava as funcionárias mais antigas de reconhecida capacidade, como Gwen, a exercer o cargo.

O jato agora estava imóvel. De uma janela, avistou as luzes de um avião que ia decolar antes, seguido por uma fila de vários outros. O que ocupava o primeiro lugar dirigia-se para a pista. O *Caravela de Ouro* seria o próximo. Gwen abaixou um assento dobradiço e afivelou o cinto de segurança. As demais comissárias já ocupavam os respectivos lugares.

Tornou a pensar: uma suave amargura, e sempre a mesma dúvida. O filho de Vernon. O *seu* filho. Devia abortar? ... Sim ou não? Ser ou não ser... *Estavam em cima da pista...* Devia abortar?... *O ritmo dos motores aumentava. Já estavam correndo, velozmente. Dentro de poucos segundos, no máximo, levantariam vôo...* Sim ou não? Permitir a vida ou condenar à morte? Como decidir, entre o amor e a realidade, a consciência e a prudência?

No fim das contas, o aviso de Gwen Meighen sobre a redução de força resultou inútil.

Na cabine de comando, enquanto procedia às manobras, Harris disse mal-humorado para Demerest:

— Hoje não pretendo obedecer as disposições para o decréscimo de ruído.

Vernon Demerest, terminando de passar a limpo as complicadas instruções de rota recebidas pelo transmissor — uma tarefa normalmente executada pelo piloto ausente —, concordou com um aceno de cabeça.

— Tem toda razão! Eu faria o mesmo.

A maioria dos aviadores encerraria o assunto sem maiores comentários. Demerest, contudo, como era seu feitio, puxou o diário

de bordo para o colo e registrou, na coluna "Observações": " D. D. R. não cumpridas. Motivo: mau tempo, segurança."

Posteriormente aquela anotação ia provocar dissabores, mas constituía o tipo de problema que Demerest gostava de enfrentar.

Apagaram as luzes da cabine. Todas as providências para a partida estavam tomadas.

Tiveram sorte com a brecha momentânea no trânsito.

Permitiu-lhes atingir rapidamente o ponto de decolagem, no início da pista vinte e cinco, sem o prolongado hiato de inatividade que representava um martírio para quase todos os vôos nessa noite. No entanto, para os que vinham atrás, recomeçava o acúmulo e atraso correspondente. Seguindo o *Caravela de Ouro* havia uma fila, cada vez maior, de aviões à espera. E outra procissão encontrava-se em manobras, a partir dos portões de embarque. Pelo rádio, o controle de terra do C. T. A. distribuía um jorro de instruções rápidas aos vôos da United, Eastern, American, Air France, Flying Tiger, Lufthansa, Braniff, Continental, Lake Central, Delta, TWA, Ozark, Air Canadá, Alitalia e Pan-Am, cuja variedade de destinos assemelhava-se a um índice geográfico mundial.

As reservas suplementares de combustível do jato da Trans-América, requisitadas por Anson Harris para permitir maior tempo de espera no chão, resultaram, afinal, desnecessárias. Porém, apesar do peso dos tanques repletos, permaneciam dentro dos limites de segurança de decolagem, exatamente como o copiloto Jordan acabava de calcular, espalhando os seus gráficos mais uma vez. Faria freqüentemente o mesmo durante a noite e a manhã seguinte, até o fim da viagem.

Os transmissores de Demerest e Harris passaram para a freqüência do controle de pistas.

Na número vinte e cinco, logo à sua frente, um VC-10 inglês, da BOAC, recebeu ordem de partida. A princípio avançou lento e pesado, logo ganhando velocidade. As cores da empresa — azul, branca e dourada — cintilaram fugazmente no reflexo das luzes dos

outros aviões e sumiram num redemoinho de neve e descarga preta dos motores. A voz do controlador de partidas fez-se ouvir imediatamente:

— Vôo dois da Trans-América, ocupe a posição na pista vinte e cinco, e aguarde. Tráfego pousando na pista dezessete, à esquerda.

A pista em questão cortava a vinte e cinco pelo meio.

Era perigoso utilizá-las simultaneamente. Os operadores da torre, no entanto, tornaram-se peritos em espaçar os aviões

— aterrando ou partindo — sem perda de tempo, e nunca aconteceu que dois chegassem ao cruzamento no mesmo instante. Os aviadores, desagradavelmente cômicos do risco de colisão, quando escutavam pelo rádio que ambas estavam em uso, obedeciam ao pé da letra as instruções dos controladores.

Anson Harris, com rapidez e habilidade, conduziu o aparelho para a pista indicada.

Demerest, tentando enxergar no meio da nevasca, avistou as luzes de um vôo, prestes a tocar no pavimento da dezessete. Acionou o botão do microfone.

— Aqui Trans-América dois, recebido. Em posição e aguardando. Trânsito pousando, à vista.

Antes mesmo que o avião passasse pelo cruzamento, a voz do operador voltou a ser ouvida:

— Trans-América dois, decolagem livre. Sebo nas canelas!

As últimas três palavras não constavam de nenhum manual de controle de trânsito aéreo. Para os operadores e pilotos, porém, possuíam o mesmo sentido: *Mexam-se logo, que diabo! Há outro vôo para aterrar logo após!* Um novo conjunto de luzes — perigosamente próximo do campo de pouso — já se aproximava da pista dezessete.

Anson Harris não esperou. Com a mão espalmada empurrou os quatro principais aceleradores ao máximo alcance. — Equilibrem os

manetes — ordenou.

Manteve o pedal dos freios provisoriamente, enquanto Demerest estabelecia o equilíbrio de distribuição de pressão para os quatro motores. O som passou de um zumbido contínuo a uma trovada ensurdecadora. Harris, então, soltou o pedal e o N-731-TA arremessou-se pela pista afora. Vernon Demerest comunicou à torre:

— Trans-América dois, correndo.

Passou a aplicar pressão sobre o controle do leme, enquanto Harris manobrava a bequilha com a mão esquerda, mantendo a direita nos aceleradores.

A velocidade crescia. Demerest pediu: — Oitenta nós.

Harris acenou com a cabeça, soltou o volante da bequilha e pegou no manche de direção... As luzes da faixa passaram céleres num redemoinho de neve. Num crescendo, a força dos enormes jatos avolumou-se. A cento e trinta nós, conforme cálculo anterior, Demerest gritou: — "V-um". Significava que tinham atingido a "velocidade decisiva", onde a decolagem podia ser abortada e o avião imobilizado. A partir dali não era mais possível interrompê-la... Agora V-um ficava para trás... Sempre aumentando a velocidade, ultrapassaram o cruzamento das pistas, vislumbrando à direita as luzes do avião que descia. Em questão de segundos, passaria pelo lugar que acabavam de deixar. Um novo risco — habilmente calculado — tinha dado certo. Só os pessimistas aceitavam a hipótese de um erro fatal... Ao alcançarem cento e cinquenta nós, Harris começou a rotação das turbinas, afrouxando para trás a coluna de controle. A bequilha ergueu-se da superfície da pista. Estavam em posição de decolagem, prontos para levantar do chão. Um instante após, sempre aumentando a velocidade, subiam nos ares.

— Recolher o trem de pouso — pediu Harris serenamente.

Demerest estendeu o braço, levantando uma alavanca no painel central de instrumentos. O som de recolhimento das rodas de

aterragem ressoou por todo o avião, parando logo com um baque surdo ao se fecharem as portas do poço.

Ganhavam altura rapidamente — ultrapassando os primeiros cem metros. Dentro de um momento, seriam tragados pela noite e pelas nuvens.

— "Flaps" a vinte graus.

Sempre executando as funções de piloto, Demerest moveu submisso o seletor de controle de apoio de "flaps", passando de trinta a vinte graus. Houve uma breve sensação de queda enquanto os "flaps" das asas — que proporcionam um auxílio suplementar à decolagem — eram parcialmente erguidos.

— Estabilizar os "flaps".

Agora estavam completamente nivelados com as asas.

Demerest percebeu — para registro posterior — no relatório — que a execução da partida de Anson Harris fora impecável nos mínimos detalhes. Não era de admirar. A despeito da provocação anterior, sabia perfeitamente que Harris possuía enorme competência, sendo um piloto tão cuidadoso quanto ele. Por esse motivo, previa com antecedência que o vôo para Roma ia-lhe ser muito cômodo.

Fazia poucos segundos que tinham deixado o solo. Subindo cada vez mais, ultrapassaram os limites da pista, as luzes lá embaixo diminuindo de intensidade entre as nuvens e a neve que caía. Anson Harris não olhou mais para fora, orientando-se exclusivamente pelos instrumentos.

O copiloto Cy Jordan inclinou-se para a frente do seu assento de engenheiro de bordo, estabilizando os manetes em vôo de cruzeiro.

No meio das nuvens houve muito vácuo. Os passageiros, durante a primeira fase da viagem, especialmente os ocupantes da parte traseira do avião, sofreram com as quedas de pressão. Demerest apagou as luzes do aviso que proibia fumar. "Afivalem os cintos de segurança" continuaria aceso até o *Caravela de Ouro* atingir uma atmosfera mais estável. Depois, um dos dois comandantes, faria

uma comunicação às pessoas a bordo. Por enquanto era cedo. Naquele momento, o que importava era o vôo.

Demerest comunicou ao controle de partida:

— Girando a bombordo, 180 graus. Passando de quatrocentos metros.

Viu Anson Harris sorrir quando disse "girando a bombordo" em vez de "girando à esquerda". Também estava certo, mas não era oficial. Constituía uma das expressões típicas de Demerest. Muitos aviadores veteranos as usavam — numa tímida rebelião contra o oficialismo do C. T. A., ao qual toda a classe aeronáutica, hoje em dia, é forçada a se curvar. Os operadores costumam identificar os pilotos individualmente por essas expressões pessoais.

Um instante mais tarde, o jato recebia permissão para subir a 7.500 metros. Demerest acusou recebimento enquanto Anson Harris prosseguia a ascensão. Dentro de poucos minutos, alcançariam uma atmosfera calma e transparente, deixando para trás as nuvens da tempestade, e contemplando as estrelas na imensidão.

A expressão "girando a bombordo" *tinha* sido reconhecida em terra — por Keith Bakersfeld.

Voltara ao posto de radar há mais de uma hora, depois do intervalo no vestiário dos operadores, a sós, recordando o passado e reiterando a intenção suicida.

A partir de então, a sua mão procurara instintivamente, a cada momento, a chave que trazia no bolso e dava acesso ao quarto tomado sigilosamente no Hotel O'Haggan. Quanto ao mais, concentrava-se no painel do radar. Agora estava ocupado em acompanhar as chegadas do leste e o constante volume de trânsito exigia intensa concentração.

O vôo número dois não obedecia diretamente à sua orientação. Mas como o operador de partidas encontrava-se a poucos passos de distância a um breve intervalo de suas próprias transmissões, Keith ouviu a expressão e identificou a voz do cunhado. Foi a primeira vez



que soube que Vernon Demerest estava voando essa noite. Isso não era de estranhar. Keith e Vernon quase nunca se viam. Como Mel, tampouco lograra intimidade com o marido de Sarah, embora jamais se registrassem atritos do gênero que frustrava as relações entre o cunhado e o irmão.

Logo após a decolagem do *Caravela de Ouro*, Wayne Tevis, o supervisor de radar, impeliu a cadeira móvel para o lado de Keith.

— Cinco minutos de descanso, garotão — anunciou Tevis com o seu sotaque nasal texano. — Eu revezo você. O mano mais velho está aí.

Enquanto retirava os fones e se virava, Keith avistou o vulto de Mel na penumbra. Lembrou-se da sua esperança anterior de que o irmão não surgisse ali nessa noite. Receava aquele encontro: a emoção poderia ser insuportável. Agora sentia-se contente com sua vinda. Sempre haviam sido bons amigos e era justo que se despedissem, embora Mel só fosse descobrir o significado na manhã seguinte.

— Ôi — fez Mel. — Ia passando por aqui. Como vão as coisas?

Keith deu de ombros.

— Acho que bem.

— Quer café?

Mel trazia num saco de papel dois cafés de um dos restaurantes do aeroporto, por onde passara no caminho. Ofereceu um dos copinhos a Keith, ficando com o outro. — Obrigado.

Sentia-se grato pelo café e também pelo intervalo. Longe do radar, embora por curto espaço de tempo, percebia que a tensão mental se acentuara novamente durante a última hora. Observou, como se fosse outra pessoa, que a mão que segurava o café não estava muito firme.

Mel olhou o movimento em torno. Teve o cuidado de não pousar a vista diretamente no irmão, cujo aspecto — a fisionomia emaciada e tensa, com sombras negras sob os olhos — o tinha espantado. A aparência de Keith piorara muito durante os últimos meses. E hoje

dava a impressão de um desespero maior do que nunca.

Sempre com a mesma idéia, acenou na direção da multiplicidade de equipamento.

— Gostaria de saber como o velho ia encarar tudo isso. O "velho" era — tinha sido — o pai, Wally (Wild Blue) Bakersfeld, pioneiro da aviação, especialista em acrobacias, pulverizador de plantações, transportador de correio noturno, e paraquedista — essa última atividade quando se encontrava em apuros financeiros. "Wild Blue", contemporâneo de Lindbergh, amigo íntimo de Orville Wright, voou até o fim da vida, que terminou abruptamente durante as filmagens de uma seqüência de proezas aéreas em Hollywood — um desastre que devia ser simulado e acabou sendo autêntico. Aconteceu durante a adolescência de Mel e Keith, mas a essa altura o pai já inculcara nos filhos o gosto pela aeronáutica como meio de vida, que persistiu até a idade adulta. Mel às vezes achava que o velho prestara um péssimo serviço ao caçula.

Keith sacudiu a cabeça sem responder ao comentário do irmão. Não tinha importância, pois era retórico e só servia para ganhar tempo antes de abordar o assunto que o preocupava. Decidiu fazê-lo sem rodeios.

Conservando a voz baixa, disse:

— Keith, você não está passando bem. O seu aspecto não pode ser pior. Eu sei e você também sabe. Pra que fingir então? Se quiser, posso ajudá-lo. Porque não conversamos — seja lá sobre o que for? Sempre fomos francos um com o outro.

— De fato — reconheceu. — Sempre fomos. Bebeu o café, evitando o olhar de Mel.

A referência ao pai, embora casual, comovera-o de uma forma inesperada. Lembrava-se bem de "Wild Blue": no tocante a dinheiro, tinha sido um péssimo pai — a família Bakersfeld vivia em permanente estado de pobreza. Mas era muito alegre com os filhos, sobretudo quando a conversa girava sobre aviação. E os garotos não pediam outra. Entretanto, com o correr do tempo, não foi ele quem

representou a imagem paterna aos olhos de Keith, e sim Mel. O irmão possuía a sensatez e o equilíbrio que faziam falta ao velho.

E isso, pelo que se lembrava, desde a mais tenra infância. Era sempre ele quem cuidava do caçula, apesar de nunca demonstrá-lo. Nunca se mostrou excessivamente protetor, como costumam fazer os primogênitos, roubando a dignidade do menor. Mel tinha o dom, já naquela época, de fazer coisas pelos outros, transmitindo ao mesmo tempo uma sensação de segurança.

Sempre compartilhava tudo com Keith, solícito e atencioso nos mínimos detalhes. Por exemplo, refletiu: o café que se lembrara de lhe trazer. Mas logo controlou-se: não devia ficar sentimental por causa de um copo de café durante o último encontro. Dessa vez, a solidão, a angústia e o sentimento de culpa estavam fora do alcance da solicitude fraterna. Mesmo Mel seria incapaz de ressuscitar a pequena Valerie Redfern e os seus pais.

O irmão fez um sinal com a cabeça e saíram para o corredor.

— Escute, velhão — disse Mel. — Você precisa de umas férias bem longas. Talvez nem devesse voltar.

Keith sorriu pela primeira vez.

— Você andou conversando com Natalie.

— O que ela diz é muito sensato.

Por piores que fossem os problemas do irmão, tivera uma sorte danada em encontrar uma mulher como aquela. Lembrou-se da própria esposa, que a essas horas devia estar a caminho do aeroporto. Talvez fosse desleal comparar o próprio casamento, de maneira desfavorável, com outro qualquer. Às vezes, porém, era difícil resistir. Gostaria de saber se Keith percebia a sorte que tivera — pelo menos numa questão tão importante.

— Há outro detalhe também — continuou. — Jamais mencionei antes esse assunto, mas acho que chegou a hora.

Não creio que você me tenha confessado tudo que aconteceu em

Leesburg — naquele dia do acidente. Quem sabe nunca revelou a ninguém, pois eu li o seu depoimento na íntegra. Existe algum pormenor que calou?

Keith hesitou apenas um instante.

— Sim.

— Eu bem imaginava.

Mel escolhia as palavras com cuidado. Pressentia que se passava entre os dois um momento da maior importância.

— Mas também julguei que me teria contado, se a sua intenção fosse essa. Como não falou nada, deduzi que não queria que me intromettesse em sua vida. No entanto, quando se estima uma pessoa — um irmão, digamos — é melhor se intrometer, mesmo à força. É o que estou fazendo agora. — E acrescentou baixinho: — Está-me ouvindo?

— Estou, sim.

E pensou: lógico, podia acabar com aquela conversa. Talvez fosse preferível encerrar logo o assunto. Não tinha mais sentido. Era só achar um pretexto e voltar ao radar. O irmão pensaria que seria continuada mais tarde, ignorando que jamais tornariam a ver-se.

— Aquele dia em Leesburg — insistiu, — a parte que você nunca contou, está de certo modo relacionado com o seu estado de espírito atual, a sua maneira de agir. Não está?

Keith sacudiu a cabeça.

— Mel, por favor! Não fale mais nisso.

— Então acertei. *Existe* uma relação. Não é isso?

De que valia negar o óbvio?

— Sim — concordou.

— Porque não me diz qual é? Você precisa desabafar com alguém. Cedo ou tarde. — A voz era suplicante, premente. — Não pode viver com esse segredo eternamente fechado no íntimo. Quem melhor do

que eu? Sei compreender.

Não pode viver com esse segredo... Quem melhor do que eu?

A voz do irmão, o seu próprio vulto, parecia vir da outra extremidade de um enorme túnel. Lá também estavam todos os demais — Natalie, Brian, Theo, Perry Yount e os seus amigos — com os quais perdera a comunicação há muito tempo. E agora, entre todos, apenas Mel tentava alcançá-lo, lutando para cobrir a distância que os separava... Porém era intransponível e a separação — depois dos meses infinitos em que se entregara à própria culpa — demasiado longa.

E contudo...

Como se ouvisse a voz de um estranho, Keith conseguiu articular:

— Você quer dizer: aqui? Agora?

— Porque não? — incitou Mel.

Realmente, porque não? Sentiu uma agitação profunda, uma necessidade de desabafar, mesmo que resultasse em nada, sem alterar a situação... Ou será que podia alterar? Não era nisso que consistia a confissão: uma catarse, o exorcismo dos pecados através do arrependimento e da contrição? Claro que a diferença residia no fato de que a confissão religiosa traz o perdão e a penitência, e para Keith essa expiação era impossível — para sempre. Ao menos... sempre acreditou. Agora perguntava-se o que Mel poderia dizer-lhe.

Em algum canto de seu cérebro, uma porta fechada começava a se abrir.

— Creio que não há motivo — começou lentamente — para continuar escondendo. Não vai levar muito tempo.

Mel conservou-se calado. O instinto lhe prevenia, a menor palavra errada podia abalar a resolução do irmão, interrompendo a confiança que parecia disposto a iniciar e pela qual esperava há tanto tempo, com a maior ansiedade. Refletiu: se pudesse, finalmente, descobrir o que o atormentava, juntos talvez

solucionassem o problema. A julgar pelo aspecto de Keith nessa noite, tinha de agir rápido.

— Você leu o depoimento — disse, numa voz monocórdica. — Não foi isso que você disse? Então conhece quase tudo que aconteceu naquele dia.

Mel confirmou com a cabeça.

— Mas não sabe, como ninguém mais além de mim, o que não ficou revelado no inquérito, e o que tenho pensado sempre, sem cessar...

Hesitava. Parecia impossibilitado de continuar.

— Pelo amor de Deus! Por você mesmo, por Natalie, por mim — continue!

Foi a vez de Keith acenar com a cabeça. — É o que vou fazer.

Começou a descrever a manhã em Leesburg, há um ano e meio. A situação de trânsito aéreo no momento em que fora ao banheiro. O supervisor Perry Yount. O novato que deixara no seu lugar. Dentro de um instante, pensou Keith, ia confessar como se entregara à preguiça. Como falhara aos colegas por indiferença e negligência. Como voltara tarde demais para o seu posto. Como o acidente, a tríplice tragédia da morte da família Redfern, fora culpa exclusivamente sua.

E como os inocentes tinham recebido punição por sua causa. Agora que, finalmente, descarregava aquele peso de tantos meses, sentia um alívio maravilhoso. As palavras, como uma catarata há muito represada, jorravam torrencialmente. Mel escutava.

De repente abriu-se uma porta no fundo do corredor e a voz do chefe da torre de observação chamou: — Mr. Bakersfeld!

O funcionário aproximou-se com passos ruidosos.

— O Tenente Ordway está procurando o senhor. E o controle de repressão à neve também. Pediram-lhe que telefonasse. — Cumprimentou Keith com um aceno: — Ôi,

Keith!

Mel sentiu vontade de gritar, que calasse a boca, fosse embora, para ficar mais alguns minutos na companhia do irmão. Porém sabia que era inútil. Assim que souou a voz do chefe da torre, Keith cortou o meio da frase, como se um interruptor desligasse a corrente.

E afinal não chegou ao ponto de revelar a origem do remorso. Ao responder maquinalmente o cumprimento, ficou pensando: porque começara? O que é que esperava ganhar? Nada, coisíssima alguma. Jamais conseguiria esquecer. Nenhuma confissão teria o poder de apagar a lembrança. Agarrara-se momentaneamente a uma equívoca e débil esperança, sonhando com o impossível. E havia resultado, fatalmente, numa desilusão. Talvez a interrupção tivesse chegado mesmo no momento oportuno.

Keith percebeu outra vez que um manto de solidão, semelhante a uma espessa cortina invisível, o cercava. No interior, devorado pelos próprios pensamentos, havia uma câmara de torturas íntimas onde ninguém, nem mesmo um irmão, conseguia penetrar.

Só havia uma saída para aquela prisão onde aguardava, aguardava... E era o caminho que já tinha escolhido.

— Acho que estão precisando de você lá dentro, Keith.

A repreensão não podia ser mais delicada. Tivera anteriormente um intervalo de repouso. Outro provocaria uma sobrecarga inevitável para os colegas. Também servia de lembrete, provavelmente involuntário, de que a autoridade administrativa de Mel não se estendia àquela parte do aeroporto.

Keith respondeu com um murmúrio ininteligível e um aceno distraído. Com uma sensação de impotência, o irmão acompanhou com os olhos o seu regresso à sala de radar. O que escutara bastava para convencê-lo de que era desesperadamente importante ouvir até o fim. Gostaria de saber quando surgiria uma nova oportunidade. Minutos antes conseguira romper a reserva e o segredo de Keith. A ocasião propícia se repetiria? Angustiado, duvidava.

Nessa noite, com certeza, não ouviria o resto das confidências do irmão.

— Desculpe, Mr. Bakersfeld. — Como se lesse tardiamente o pensamento de Mel, o chefe da torre abriu as mãos. — O senhor sempre se esforça para atender todas as situações. Não é fácil.

— Eu sei.

Sentiu vontade de soltar um suspiro, porém conteve-se.

Quando acontece uma coisa dessas, é preferível esperar que a ocasião se repita. No meio tempo, havia outros problemas a resolver.

— Por favor — pediu. — Como eram mesmo os recados?

O chefe da torre tornou a explicar.

Em vez de telefonar ao centro de repressão à neve, desceu um pavimento e entrou na sala respectiva. Danny Farrow continuava dirigindo as atividades na mesa de comando.

Havia uma questão de prioridade entre empresas rivais quanto ao local de estacionamento dos aviões, logo solucionada por Mel. Em seguida informou-se sobre a situação da pista impedida. Continuava no mesmo, porém Joe Patroni agora tinha assumido a chefia dos trabalhos de remoção do 707 atolado da Aéreo-Mexicana, que constituía a causa da interdição. Alguns minutos antes, comunicara pelo rádio que esperava efetuar nova tentativa dentro da próxima hora.

Ciente da sua reputação de habilidade excepcional, Mel achou que não lucraria nada se pedisse um relatório mais pormenorizado.

Então lembrou-se do recado para telefonar ao Tenente Ordway. Calculando que ainda estivesse no prédio, mandou que o chamassem pelo alto-falante e poucos instantes após, Ordway ocupava a linha. Pensou que se tratasse da delegação dos moradores de Meadowood, porém o assunto era diferente.

Como Mel logo abordou a questão, Ned Ordway explicou:

— O pessoal de Meadowood já começou a chegar, mas até agora não houve problemas e nem pediram para vê-lo. Se surgir novidade eu



informo.

O motivo principal prendia-se a uma mulher que fora recolhida por um dos guardas. Estava em lágrimas, e perambulava sem destino pelo edifício do aeroporto.

— Não conseguimos entender o que ela queria. Mas como não havia feito nada de mal, era impossível levá-la para a delegacia. Não convinha aumentar a sua inquietação.

— E o que foi que você fez?

— Há muita agitação por toda parte, por isso decidi colocá-la na sala de espera do seu gabinete. Achei melhor preveni-lo para que não se admirasse ao encontrá-la. — Não tem importância. Está sozinha?

— Um dos rapazes estava com ela, mas talvez não esteja mais. Tenho certeza, porém, que é inofensiva. Daqui a pouco vou mandar ver como ela vai.

— Irei para lá dentro de poucos minutos — informou Mel. — Verei o que posso fazer.

Perguntava-se se alcançaria maior êxito com uma desconhecida do que com o irmão. Duvidava que fosse pior. A lembrança de Keith, à beira do desespero, ainda o perturbava profundamente.

Refletindo melhor, perguntou:

— Conseguiu saber o nome da mulher?

— Sim, ao menos isso. É um nome meio espanhol. Espere um instante. Eu tenho aqui escrito.

Houve uma pausa e depois o Tenente Ordway falou novamente:

— O nome dela é Guerrero. Mrs. Inez Guerrero.

— Quer dizer que Mrs. Quonsett encontra-se a bordo do *Caravela de Ouro*? — perguntou Tânia Livingston, sem poder acreditar.

— Receio que não haja dúvida, Mrs. Livingston. Havia uma velhinha, que corresponde exatamente à descrição.

O agente de recepção que fiscalizara o embarque do vôo número dois estava no escritório do A. T. S., em companhia de Tânia e do jovem Peter Coakley, que continuava mortificado por se ter deixado ludibriar pela velhinha de São Diego.

O agente viera ao A. T. S. em resposta à convocação telefônica de Coakley a todas as posições de embarque da Trans-América, prevenindo a respeito da ardilosa Mrs.

Quonsett.

— Não me ocorreu a menor suspeita — explicou. — Permitimos vários visitantes a bordo hoje à noite. Todos saíram. Além do mais — acrescentou defensivamente — passei o tempo todo sob uma tensão enorme. Estamos com falta de pessoal, e descontando a hora em que me ajudou, trabalhei por dois. A senhora bem sabe.

— Sei, sim — concordou Tânia.

Não tinha nenhuma intenção de culpar ninguém. Se havia alguém responsável, era ela mesma.

—i Foi logo depois que a senhora saiu, Mrs. Livingston. A velhinha disse qualquer coisa a respeito de um filho, se não me engano, que tinha esquecido a carteira. Chegou a mostrá-la. Falou que estava cheia de dinheiro. Por isso não quis entregá-la.

— Ela já contava com isso. É um dos seus truques favoritos.

— Como não sabia de nada, deixei que entrasse a bordo. A partir daquele momento até há poucos minutos, quando recebi o telefonema, nem pensei mais no caso.

— Ela engana qualquer um — afirmou Peter Coakley, com um olhar de esguelha para Tânia. — Pelo menos a mim ela enganou.

O agente sacudiu a cabeça.

— Se não tivesse visto com meus próprios olhos, seria capaz de duvidar. Por incrível que pareça, ela está a bordo.

Descreveu a discrepância entre a contagem dos ocupantes da classe turista e o número de passageiros. E a decisão do supervisor de rampa

em deixar o avião partir para não aumentar o atraso.

— É certo que o vôo número dois já decolou? — perguntou Tânia rapidamente.

— É, sim. Verifiquei antes de vir para cá. Mesmo que estivesse em terra, duvido que voltassem do campo, ainda mais numa noite dessas. — Sim, tem razão.

Não havia tampouco a menor possibilidade — Tânia sabia — de que alterasse a rota e pousasse de novo, só por causa de Ada Quonsett. O tempo e o dinheiro perdidos com, o desembarque de uma clandestina representavam milhares de dólares — muito mais do que levar a velha até Roma e trazê-la de volta.

— Existe alguma escala de reabastecimento?

Tânia não ignorava que às vezes os vôos europeus efetuavam escalas imprevistas para apanhar combustível em Montreal ou Newfoundland. Nesse caso, haveria oportunidade de retirar Mrs. Quonsett de bordo, roubando-lhe a satisfação de completar a viagem à Itália.

— Já me informei no departamento de operações — respondeu o agente. — O plano de vôo prevê uma rota única, sem escalas.

— Velha desgraçada! — exclamou Tânia.

Com que então Ada Quonsett viajava de graça até a Itália, ida e volta, ganhando na certa uma noite de hospedagem no intervalo, e com todas as refeições pagas pela linha aérea. Ficou com raiva. Tinha subestimado a determinação da velhinha em não regressar à Costa do Pacífico. Errara ao supor que só estava interessada em Nova Iorque.

Há menos de quinze minutos, ocupava-se em pensar no duelo de astúcia travado entre ambas. Não havia dúvida que Mrs. Quonsett tinha alcançado a vitória.

Com uma crueldade que lhe era estranha, gostaria que a empresa abrisse uma exceção para processar a velhinha de São Diego. Porém

sabia perfeitamente que não o fariam.

O jovem Peter Coakley abriu a boca para falar.

— Ora, cale-se! — retrucou logo.

Poucos minutos após a saída de Coakley e do agente de recepção, o administrador de transportes do setor chegou ao escritório. Bert Weatherby, o A. T. S., era um funcionário diligente, dinâmico, com quase cinqüenta anos, que tivera de lutar para vencer, e cujo primeiro emprego fora como carregador de bagagens na rampa. Normalmente atencioso, e dotado de senso de humor, achava-se exausto e irascível após três dias de constante tensão. Escutou com impaciência o relatório de Tânia, assumindo plena responsabilidade, e referindo-se a Peter Coakley apenas incidentalmente.

O A. T. S. passou a mão pelo cabelo grisalho e ralo.

— Gosto de verificar se ainda sobram alguns fios. São coisas desse gênero que fazem cair o resto. — Pensou um pouco e depois resmungou: — Foi você quem nos meteu nessa enrascada. Agora trate de resolver a confusão. Chame a estação de rádio da companhia. Peça-lhes para se comunicarem com o comandante do vôo número dois, informando-o do sucedido. Ignoro o que ele possa fazer. Se fosse eu, jogava aquela bruxa de nove mil metros de altitude. Mas quem resolve é ele. A propósito, qual é o comandante?

— Demerest.

— Tinha de ser — rosnou o A. T. S. — No mínimo vai pensar que é uma grande piada e que a administração bancou a palerma. De qualquer forma, avise que a velhota precisa ficar detida a bordo antes da chegada e sem permissão para sair desacompanhada. Se as autoridades italianas quiserem prendê-la, tanto melhor. Depois envie um telegrama ao encarregado da nossa agência em Roma. Quando o avião descer, o problema é dele. Só espero que disponha de auxiliares mais competentes do que os meus.

— Sim, senhor — disse Tânia.

Começou então a contar-lhe a outra questão a respeito do vôo

número dois — o sujeito de aspecto suspeito que carregava uma maleta e que o inspetor de alfândega Standish tinha visto entrar no avião. Antes que pudesse terminar, o A. T. S. interrompeu-a.

— Ah, esqueça-se! O que é que a alfândega quer que a gente faça — o trabalho dela? Enquanto a companhia não estiver envolvida, pouco me importa o que o camarada está transportando. Se os fiscais locais estão curiosos para saber o que há dentro da maleta, não têm outra coisa a fazer senão perguntar à alfândega italiana. A nós não. Prefiro ir para o inferno a interrogar — e talvez ofender — um passageiro que pagou pelo seu bilhete, com perguntas que não são da nossa conta.

Tânia hesitou. Havia qualquer coisa no caso do sujeito da maleta — mesmo sem tê-lo visto — que a inquietava. Sabia de exemplos em que... A idéia, naturalmente, era absurda...

— Estive pensando — disse. — Talvez não se tratasse de contrabando.

— Esqueça-se, já disse! — retrucou o A. T. S.

Tânia saiu. Voltando à sua mesa, começou a redigir o telegrama para o Comandante Demerest a respeito de Mrs. Ada Quonsett.

CINDY BAKERSFELD recostou-se no assento traseiro do táxi que a conduzia do centro de Chicago ao aeroporto e cerrou os olhos. Não percebia, nem se importava com o fato de que a neve continuava a cair e o táxi movia-se lentamente no engarrafamento de trânsito. Não tinha pressa. Sentia-se tomada por uma onda de prazer e satisfação física. Será que era aquilo que chamavam de euforia? Cindy gostaria de saber.

O motivo era Derek Eden.

Derek Eden, que tinha estado no coquetel do Fundo de Auxílio de Archidona — Cindy ainda não sabia *qual* Archidona — e trouxera-lhe uma dose tripla de uísque. Mas não havia bebido. Depois fizera-lhe uma proposta nos termos mais convencionais. Derek Eden, que até hoje significa apenas um jornalista de modesta reputação, com uma coluna sem importância no *Sun-Times*. Derek Eden com aquelas feições dissolutas, aquele ar negligente e aquelas roupas amassadas e ordinárias. Derek Eden e o seu Chevrolet velho, imundo, tanto por fora como por dentro. Derek Eden, que surpreendera Cindy num momento indefeso, quando necessitava de homem, fosse quem fosse, sem nenhuma exigência. Derek Eden — que resultara no mais esplêndido e excitante de todos os amantes.

Nunca, jamais, conhecera alguém semelhante. Oh, meu Deus — pensou —, se há uma perfeição sensual, física, foi a que conheci essa noite. Mais precisamente: agora que conhecia Derek Eden... o querido Derek... queria repetir outra vez — freqüentemente. Para sua felicidade, não havia dúvida de que ele sentira o mesmo tipo de atração.

Sempre reclinada no encosto do táxi, recapitulou mentalmente as duas últimas horas.

Do Hotel Lago Michigan tinham-se dirigido, naquele Chevrolet horrível, a um mais discreto, perto do Mercado. O porteiro recebeu o carro com desprezo — Derek Eden pareceu não perceber — e encontraram o gerente do plantão noturno à espera, no saguão. Cindy logo viu que um dos telefonemas dados pelo acompanhante fora para aquele número. Dispensadas as formalidades de registro, o gerente conduziu-os pessoalmente a um quarto no décimo primeiro andar. Entregou-lhes a chave e despediu-se com um "boa noite" apressado.

O quarto era passável. Simples e antigo, com marcas de cigarro na mobília, porém limpo. Tinha cama de casal. À cabeceira, sobre uma mesinha, havia uma garrafa intacta de uísque, soda, água mineral e gelo. A bandeja de bebida continha um cartão: "com os cumprimentos da gerência." Derek Eden examinou-o e depois guardou no bolso.

Quando Cindy perguntou, mais tarde, esclareceu:

— Tem hotéis que obsequiam a imprensa. Nesse caso, não fazemos promessas. O jornal não permite. Às vezes, porém, ocorre a um repórter ou redator utilizar o nome do hotel, num artigo que lhe seja favorável. Ou, se a história representa uma publicidade adversa — como uma morte, por exemplo, coisa que detestam — não se faz a menor referência. É como eu digo: é impossível fazer promessas. Resolve-se pela melhor maneira.

Beberam um drinque, enquanto conversavam. Depois repetiram a dose e ele começou a beijá-la. Logo após, Cindy ficou sensível à maciez de suas mãos. Passava-as pelos seus cabelos sem parar, de um modo que o corpo inteiro correspondia. Então os dedos começaram a explorá-lo — vagarosamente. Ah, tão vagarosamente... e foi aí que compreendeu que aquilo ia ser o início de qualquer coisa muito especial.

Enquanto a despia, com uma fineza que lhe faltava anteriormente, murmurou:

— Devagar, Cindy — nada de pressa.

Porém dentro em pouco, quando deitaram na cama, com a inebriante sensação de calidez prometida no carro, sentiu uma vertigem e suplicou:

— Sim, sim! ... Oh, por favor! Não posso esperar!

Ele, no entanto, insistiu com doçura:

— Pode, sim. Espere mais.

E Cindy obedeceu, entregando-se inteiramente, deliciada, ao seu controle. Derek a conduzia, como uma criança levada pela mão, até a beira, recuando logo um pouco, sem consumir, deixando-a com a sensação de flutuar no ar. Depois aproximavam-se, para em breve retroceder de novo. E assim por diante, sempre e sempre, com uma sensação quase insuportável de felicidade. Finalmente, nenhum dos dois pôde se conter. Houve um crescendo simultâneo, semelhante a um cântico celestial de mil suaves sinfonias. Se Cindy pudesse escolher o momento para a sua morte, seria esse. Porque jamais sucederia êxtase igual.

Mais tarde decidiu que uma das qualidades que mais apreciava em Derek Eden era a total incapacidade para a hipocrisia. Dez minutos após o momento supremo, quando começava a recuperar a respiração normal e o coração já batia com regularidade, Derek Eden apoiou-se num cotovelo e acendeu dois cigarros.

— Foi fantástico, Cindy — sorriu. •— Precisamos repetir o encontro, com maior freqüência.

Cindy compreendeu que aquilo significava duas constatações: a experiência fora exclusivamente física, uma aventura sensual, e não deviam fingir que passasse disso. E, por outro lado, juntos atingiam um raro nirvana: a absoluta compatibilidade sexual. Agora, ao seu alcance, quando quisessem, dispunham de um paraíso de volúpias íntimas a ser aperfeiçoado e explorado cada vez mais.

Para Cindy, os limites da relação eram convenientes.

Duvidava que possuíssem outras afinidades. E Derek Eden não era certamente um troféu que pudesse exhibir nos círculos sociais.



Mesmo sem pensar no assunto, sabia que só teria o que perder se fosse vista em público na sua companhia. Aliás, ele já tinha insinuado a própria estabilidade conjugal, embora desconfiasse que sob o ponto de vista sexual a situação devia ser insatisfatória. Como a sua era semelhante, tinha o máximo de compreensão.

Sim, Derek Eden era uma criatura preciosa — mas não para se envolver no plano sentimental. Pretendia tratá-lo com carinho, sem mostrar-se exigente, e não permitindo a renovação demasiado freqüente das relações sexuais. Uma ocasião como a dessa noite podia ter efeitos duradouros, e Cindy sentia-se capaz de revivê-la com a simples lembrança.

Resolveu negacear no futuro, fazer com que a desejasse com a mesma intensidade do desejo que tinha por ele. Dessa forma, a ligação perduraria por muitos anos.

De um modo estranho, a descoberta de Derek proporcionava-lhe uma sensação de liberdade inteiramente nova.

Agora que dispunha de uma compensação sexual satisfatória e, por assim dizer, num compartimento separado, podia examinar com maior isenção a escolha entre Mel e Lionel Urquhart.

O casamento com Mel, de certa maneira, estava encerrado. Eram dois estranhos, de corpo e alma. A menor discórdia produzia discussões violentas. Atualmente, a única preocupação do marido era aquele maldito aeroporto. Cada dia parecia afastá-los ainda mais.

Lionel, bom partido sob todos os aspectos, com exceção da cama, exigia o divórcio imediato e mútuo para poder estar com Cindy.

Mel detestava as suas ambições sociais. E não se limitava a uma atitude indiferente: fazia o possível para atrapalhar. Por sua vez, Lionel era aceito pela alta sociedade de Chicago, achava natural que Cindy quisesse freqüentar os melhores círculos e não poupava nenhum recurso — e possuía um número considerável — para que lograsse esse objetivo.

Até agora, a alternativa se complicara pela recordação dos quinze anos de vida em comum com o marido. Tinham desfrutado momentos felizes, espirituais e físicos, e confiava, vagamente, que o passado — inclusive a plenitude sexual — podia ser reavivado. Sentia-se obrigada a confessar que a esperança era ilusória.

Lionel, como parceiro de cópula, poucos atrativos oferecia. O mesmo — pelo menos no caso de Cindy — sucedia com Mel.

Porém, se a questão corporal fosse eliminada — hipótese tornada possível pela aparição de Derek Eden, como um ganhão oculto em estrebaria — as vantagens inclinavam-se decididamente a favor de Lionel.

Cindy abriu os olhos dentro do táxi e meditou.

Não queria tomar nenhuma resolução definitiva antes de falar com Mel. Além do mais, tinha horror a decisões. Adia-as sempre, até ser obrigada a enfrentá-las. Depois, havia vários imponderáveis a considerar. Em primeiro lugar, as filhas; e as boas lembranças dos anos passados em companhia de Mel, que não haviam sido tão ruins assim. Quando se gostou imensamente de alguém, sempre resta alguma coisa. Entretanto sentia-se satisfeita por ir, finalmente, falar com o marido.

Pela primeira vez, desde que saíra da cidade, Cindy curvou-se para a frente, esquadrinhando as trevas para ver se conseguia descobrir onde estavam. Não era possível. Pelas janelas embaciadas enxergou a neve e vários outros carros, todos avançando penosamente. Imaginou que deviam ter alcançado a rodovia Kennedy, mas não podia precisar.

Notou que o motorista a observava pelo espelho da direção. Não tinha a menor idéia do tipo de homem que ele era. Ao tomar o táxi na frente do hotel, não prestara atenção. Despedira-se de Derek antes de chegarem à rua, pois haviam decidido observar a máxima discrição sem perda de tempo. De qualquer modo, agora todos os rostos e corpos pareciam confundir-se com o dele.

— O Portage Park é logo ali adiante, minha senhora — informou o

chofer. — Já estamos perto do aeroporto. Falta pouco.

— Obrigada.

— Há muito trânsito indo na mesma direção. Imagine como esse pessoal dos aviões deve ter problemas, com o temporal e tudo mais.

Ora, que inferno. Que lhe importava? — pensou Cindy. Será que ninguém pensava ou falava noutra coisa além daquela porcaria de aeroporto? Porém ficou calada.

Diante da entrada do edifício principal, Cindy pagou o táxi e correu a se refugiar da neve úmida que assomava por baixo das coberturas e redemoinhava pelas calçadas. Atravessou a multidão do saguão central, contornando um grupo bastante numeroso, disposto a uma espécie de demonstração, pois várias pessoas ajudavam a instalar um sistema portátil de alto-falantes. Um tenente negro da polícia, que havia encontrado diversas vezes em companhia de Mel, falava com dois ou três homens da provável manifestação. Pelo jeito, deviam ser os líderes. O guarda sacudia energicamente a cabeça. Sem sentir muita curiosidade — não conseguia interessar-se por nada que acontecia nesse lugar — passou adiante, dirigindo-se aos escritórios da administração, situados na sobreloja.

Todas as salas estavam iluminadas, embora a maioria se encontrasse deserta, sem o costumeiro ruído das máquinas de escrever ou o sussurro das conversas do expediente diurno. Não conseguiu reprimir o pensamento de que pelo menos alguns funcionários eram suficientemente sensatos para voltar para casa à noite.

A única pessoa que encontrou — uma mulher já madura, pobrementemente vestida — achava-se na sala de espera do gabinete do marido. Sentada num sofá, com o olhar perdido no espaço, nem percebeu a chegada de Cindy. Tinha os olhos vermelhos de tanto chorar. A julgar pelo aspecto das roupas e dos sapatos, encharcados, estivera lá fora, na tempestade.

Sentiu-se um pouco curiosa, mas entrou no gabinete. Não encontrou ninguém. Resolveu sentar-se numa poltrona e esperar.

Passados alguns instantes, fechou os olhos e voltou a pensar em Derek Eden.

Cerca de dez minutos mais tarde, Mel chegou apressadamente. Cindy reparou que mancava mais do que de costume.

— Oh! — Parecia surpreso ao vê-la. Foi fechar a porta. — Sinceramente, não pensei que você viesse.

— Pelo visto é o que você preferia.

Mel sacudiu a cabeça.

— Continuo achando que não se vai lucrar nada com isso. Pelo menos no sentido que você quer dar.

Olhou atentamente para a esposa, perguntando-se qual seria a sua verdadeira intenção em vir até ali nessa noite. Há anos descobrira que os motivos de Cindy eram, em geral, complicados e muitas vezes inteiramente diversos do que aparentavam. No entanto tinha de confessar que estava com aspecto esplêndido: positivamente maravilhosa, com uma espécie de radiância. Pena que não pudesse mais considerá-la por aquele prisma.

— Gostaria de saber que sentido é esse — disse ela. Deu de ombros:

— A minha impressão é que você está à procura de briga. E acho que temos que chegar em casa sem precisar ter aqui.

— Pelo jeito vamos ter de procurar aqui mesmo, uma vez que você praticamente não aparece mais lá em casa.

— Isso não aconteceria se o ambiente fosse mais acolhedor.

Tinham começado a conversar há poucos segundos e Cindy percebeu que já estavam se atacando mutuamente. Parecia atualmente impossível manterem um diálogo sem discussões.

De qualquer forma, não resistiu.

— Ah, é? Pois não me consta que seja a desculpa que você sempre encontra para não voltar para casa. Invento que a sua presença é indispensável ao aeroporto — se necessário, vinte e quatro horas por

dia. E sempre diz que está acontecendo uma porção de coisas graves.

— E hoje é verdade — interrompeu.

— E as outras vezes?

— Se você se refere às ocasiões em que preferi ficar aqui a voltar para casa, a resposta é não.

— Até que um dia você se mostra sincero.

— Mesmo quando vou para casa, você insiste em me arrastar para alguma festa estúpida de colarinho duro, como a de hoje.

— Então nunca teve a intenção de ir! — exclamou indignada.

— Tive, sim. E disse a você. Mas...

— Mas, coisa nenhuma! — Cindy podia sentir o pavio curto do seu temperamento pegando fogo. — Já contava com algum impedimento, como sempre acontece. Assim se safava com um alibi e se convenciam da sua inocência, coisa que não posso fazer, porque acho você um mentiroso e fingido.

— Cuidado, Cindy.

— Cuidado uma ova!

Os olhos de ambos faiscavam.

Mel gostaria de saber o que tinha acontecido com eles, como haviam chegado a esse ponto. Brigavam como crianças desaforadas. Tratavam-se com mesquinhez. Trocavam os escárnios mais venenosos. E em todas as ocasiões, não se comportava melhor do que ela. Quando altercavam, qualquer coisa sucedia e os degradava. Perguntava-se se ocorreria o mesmo com os outros, se tudo se arruinava depois de muitos anos de convivência. Seria porque conheciam bem demais as fraquezas mútuas, e atingiam o alvo com dolorosa facilidade? Certa vez ouvira dizer que um casamento infeliz traz à tona os piores defeitos. Quanto a ele e Cindy, a verdade não podia ser mais exata.

Tentou empregar sensatez.

— Não me considero mentiroso, nem fingido. Mas talvez tenha razão quanto a contar com um impedimento, suficientemente grave para me afastar dessas coisas sociais, que sabe como detesto. Só que não encarei sob esse aspecto.

Como Cindy permanecesse calada, prosseguiu.

— Acredite ou não, o fato é que pretendia mesmo encontrar-me com você hoje à noite na cidade — pelo menos creio que sim. Talvez, como você diz, no fundo eu quisesse outra coisa. Francamente não sei. Em todo caso, sei que não provoquei o temporal. E desde que começou, sucedeu uma série de coisas — verdadeiras, desta vez — que me prenderam aqui. — Fez um sinal na direção da sala de espera:

— Uma é essa mulher sentada aí fora. Prometi ao Tenente Ordway falar com ela. Parece que está com um problema muito sério.

— A sua esposa também está — disse Cindy. — Essa mulher pode esperar.

— Muito bem — concordou.

— Chegamos ao fim — disse Cindy. — Você e eu. Não é mesmo?

Esperou antes de responder. Não queria precipitar-se. Contudo percebeu que agora que o assunto tinha sido abordado, seria uma tolice esconder a verdade. — Sim — respondeu afinal. — Receio que sim.

A reação de Cindy foi violenta.

— Se ao menos você mudasse! E encarasse a vida como eu. Mas sempre fiz e deixei de fazer o que *você* queria. Nunca, sequer uma vez, tentou compreender o *meu* ponto de vista...

— Sair seis vezes por semana a rigor, e de fraque no domingo?

— Ora, e por que não?

Ardente e voluntariosa, Cindy o enfrentava. Mel sempre sentira admiração pelos seus momentos de vibração, até quando se voltava contra ele. Como agora...

— Acho que posso dizer a mesma coisa — afirmou. — A respeito de mudar e tudo mais. O problema é que as pessoas não se modificam — pelo menos intrinsecamente. Adaptam-se. E é isso — duas criaturas que procuram adaptar-se mutuamente — que consiste o casamento.

— Mas não pode ser unilateral.

— Quanto a isso — protestou Mel —, por mais que você ache o contrário, não é o nosso caso. Eu me esforcei para me adaptar. E creio que você também. Ignoro quem fez o maior esforço. É óbvio que julgo que foi eu, e você pense de outra forma. O que importa é que os resultados não corresponderam às expectativas.

— Acho que tem razão — concordou Cindy lentamente. — Pelo menos quanto à última parte. A minha opinião é exatamente a mesma. — Parou um instante e depois prosseguiu: — Tenho a impressão de que o divórcio é a melhor solução.

— Preferia que tivesse certeza. É uma decisão bastante séria.

Até nisso, pensou Mel, Cindy tergiversava, esperando que a ajudasse a tomar uma resolução. Se o assunto não fosse tão grave, seria capaz de sorrir.

— Mas eu tenho — afirmou Cindy. E depois repetiu, com mais convicção: — Tenho, sim.

— Então me parece a melhor solução — comentou Mel tranqüilamente.

Cindy hesitou um segundo.

— Tem certeza, também?

— Sim — respondeu. — Tenho.

A falta de discussão, a rapidez das respostas, pareciam incomodá-la.

— Então a decisão está tomada? — perguntou. — Está.

Continuavam frente a frente, mas a raiva desaparecera.

— Ah, que droga! — Mel moveu-se como se fosse dar um passo em

sua direção. — Sinto muito, Cindy.

— Eu também. — Cindy permaneceu no mesmo lugar. A sua voz estava mais firme. — Mas é o mais sensato, não acha?

Concordou com a cabeça.

— Sim. Creio que é.

O pior passara. E ambos sabiam. Faltava apenas acertar os detalhes.

Cindy já começava a fazer planos.

— Naturalmente ficarei com a tutela de Roberta e Libby. Mas você poderá visitá-las quando quiser. Jamais farei objeção.

— Não esperava que fosse de outra maneira.

Sim, pensou, era lógico que as meninas ficassem com a mãe. Sentiria falta de ambas, sobretudo de Libby. Por numerosos que fossem, os encontros em lugares combinados não poderiam substituir a convivência cotidiana sob o mesmo teto. Lembrou-se das conversas telefônicas que tivera com a filha caçula poucas horas antes: o que era que ela havia pedido na primeira vez? *Um mapa de fevereiro*. Bem, agora tinha conseguido um. E apresentava alguns desvios imprevistos.

— Também tenho de arrumar um advogado — disse Cindy. — Depois eu lhe informo o nome.

Concordou com a cabeça. Gostaria de saber se todos os casamentos costumavam terminar de maneira tão prosaica, depois de tomada a decisão. Talvez fosse a forma mais civilizada de combinar os planos. De qualquer jeito, Cindy parecia ter recuperado a calma com admirável facilidade. Voltando a ocupar a mesma poltrona, examinou o rosto no espelhinho do estojo compacto, enquanto retocava a maquilagem. Mel teve até a impressão de que estava com o pensamento noutra lugar. Nos cantos dos lábios havia a sombra de um sorriso. E pensou com estranheza que, numa situação em que as mulheres em geral mostram-se mais emotivas do que os homens, Cindy não revelava o menor abalo enquanto ele tinha de se



controlar para não chorar.

Percebeu sons — vozes e passos — na sala de espera. Bateram à porta.

— Entre — falou.

Era o Tenente Ordway. Fechou a porta ao entrar no gabinete. Quando deparou com Cindy, exclamou:

— Oh, perdão, Mrs. Bakersfeld.

Cindy ergueu a cabeça, desviou os olhos e não respondeu. Ordway, sentindo-se importuno, deteve-se hesitante.

— Quem sabe é melhor que volte depois?

— De que se trata, Ned? — perguntou Mel.

— É a manifestação contra os aviões. Aquela gente de Meadowood. Tem umas duzentas pessoas no saguão central. E estão chegando outros. Queriam todos falar com o senhor, mas convenci-os a mandar uma delegação, tal como o senhor sugeriu. Seleccionaram meia dúzia e há uns três jornalistas. Disse que também podiam vir.

— Indicou a sala com a cabeça: — Estão aí fora.

Mel sabia que teria de recebê-los. Jamais sentira menos vontade de falar com alguém.

— Cindy — implorou — é coisa rápida. Quer esperar? — Como ela não respondesse, insistiu: — Por favor! Parecia ignorar a presença de ambos.

— Escute — interveio Ordway. — Se o momento não é propício, posso dizer a essa gente que terão de voltar outro dia.

Mel sacudiu a cabeça. Comprometera-se a recebê-los, a sugestão partira dele mesmo.

— É melhor mandar que entrem. — Quando o polícia virou as costas. Mel chamou: — Ah, esqueci de falar com aquela mulher... como é mesmo o nome dela?

— Guerrero — explicou Ordway. — Mas não é mais preciso. Quando

cheguei, estava com ar de quem ia embora.

Poucos momentos após, meia dúzia de moradores de Meadowood — quatro homens e duas mulheres — começaram a entrar. O trio da imprensa veio atrás. Um deles pertencia ao *Tribune*: era um rapaz vivo, chamado Tomlinson, que fazia geralmente a cobertura do aeroporto e dos assuntos aeronáuticos do jornal. Mel o conhecia bem e respeitava a fidelidade e justeza dos seus artigos. A sua coluna também era publicada ocasionalmente nas revistas nacionais. Os outros dois ele conhecia menos: um jovem que trabalhava para o *Sun-Times* e uma mulher, já bastante idosa, que escrevia para um semanário local.

Pela porta entreaberta, podia ver o Tenente Ordway conversando com a mulher na sala de espera. Mrs. Guerrero, de pé, abotoava o casaco.

Cindy continuou no mesmo lugar.

— Boa noite.

Mel se apresentou e depois convidou-os a sentar nos sofás e poltronas do gabinete.

— Tenham a bondade.

— Perfeitamente, obrigado — disse um dos homens da delegação.

Vestia-se com aprumo, tinha uma cabeleira grisalha, penteada à perfeição, e pelo jeito liderava o movimento.

— Devo adiantar-lhe que não viemos aqui em busca de conforto. Temos um punhado de coisas simples e francas a dizer e esperamos o mesmo tipo de respostas, e não uma série de ambigüidades.

— Procurarei corresponder. A sua graça, por obséquio. — O meu nome é Elliott Freemantle. Sou advogado. Represento essas pessoas, bem como todas as outras que estão no saguão.

— Perfeitamente, Mr. Freemantle — replicou Mel. — Em que lhe posso ser útil?

A porta da sala de espera continuava aberta. A mulher tinha ido

embora. Ned Ordway entrou e fechou-a.

O VÔO NÚMERO dois da Trans-América encontrava-se a uma distância de vinte minutos do aeroporto internacional Lincoln e prosseguia na sua ascensão, que iria culminar numa altitude de onze mil metros nas proximidades de Detroit, dentro de dez minutos. O avião já seguia a rota que lhe estava destinada, traçando um imenso círculo em direção a Roma. Há algum tempo atravessava uma atmosfera serena, tendo deixado para trás as nuvens da tormenta e os distúrbios correspondentes. Uma lua crescente brilhava no espaço como um lampião torto. Em torno, as estréias cintilavam, intensas e nítidas.

No interior da cabine de vôo, a tensão inicial havia passado. O Comandante Harris comunicara aos passageiros, pelo alto-falante, o progresso do vôo. Os três aviadores se preparavam para a rotina da longa viagem.

Debaixo da mesa do copiloto, atrás dos Comandantes Harris e Demerest, uma campainha soou alto. No mesmo instante, um painel de transmissores, situado acima dos manetes, piscou uma luz amarela. Tanto o toque da campainha como a lâmpada indicavam um chamado através do sistema de rádio independente, pelo qual pode-se entrar em contato com cada avião separadamente, como por telefone particular. Todas as aeronaves, tanto da Trans-América como das outras principais empresas, possuíam o seu próprio código de chamadas, transmitido e recebido automaticamente. Os sinais que acabavam de aparecer no jato N-731-TA não podiam ser captados nem ouvidos por outros transportes aéreos.

Anson Harris mudou a frequência do transmissor — antes ligado para o controle de rotas aéreas — e acusou o recebimento.

— Aqui Trans-América, vôo dois.

— Vôo dois, aqui é o operador da companhia em Cleveland. Tenho uma mensagem do A. T. S. do Lincoln para o comandante. Avise quando estiver pronto para copiar.

Harris percebeu que Vernon Demerest também mudava de frequência. Agora empurrava um bloco na sua direção e acenava com a cabeça.

— Estamos prontos, Cleveland — avisou Harris.

Pode ditar.

Tratava-se da mensagem redigida por Tânia Livingston sobre Mrs. Ada Quonsett, a clandestina do vôo número dois. À proporção que era recebida, com a descrição da velhinha de São Diego, os dois comandantes começaram a sorrir. Terminava pedindo confirmação de sua presença a bordo.

— Vamos averiguar e informaremos — comunicou Harris.

No final da transmissão, ligou novamente os controles do rádio na frequência das rotas aéreas.

Demerest e Jordan, que tinham escutado a mensagem pelo altofalante ao lado de seus assentos, riam às gargalhadas

— Não acredito! — disse o copiloto.

— Pois eu sim. — Demerest sacudia-se de riso. — Todos esses palermas lá no chão, ludibriados por uma velhinha!

Apertou o botão de chamada para o telefone da cabine dianteira.

— Êi! — fez, quando uma das comissárias atendeu. — Diga a Gwen para vir aqui no "escritório".

Ainda continuava a rir quando a porta se abriu e Gwen Meighen entrou na cabine.

Demerest leu-lhe a mensagem com a descrição de Mrs.

Quonsett.

— Você a viu?

Gwen negou com a cabeça.

— Praticamente ainda não estive na classe turista.

— Então vá até lá — pediu Demerest — e verifique se a velha está no avião. Não deve ser difícil encontrá-la.

— E nesse caso, que devo fazer?

— Nada. Apenas volte e comunique.

Gwen demorou pouco. Quando regressou, ria como eles.

Demerest virou-se no assento.

— Encontrou?

— Sim — confirmou Gwen, — na poltrona quatorze-B.

Corresponde exatamente à mensagem, só que mais ainda.

— Que idade pode ter? — perguntou Jordan.

— No mínimo setenta e cinco, provavelmente quase oitenta. Parece um personagem de Dickens.

— Arsênico e Alfazema, isso sim — comentou Anson Harris por cima do ombro.

— Ela viaja realmente como clandestina, comandante? Harris encolheu os ombros.

— É o que o pessoal do aeroporto está dizendo. E acho que explica a razão do erro na contagem.

— É fácil tirar a limpo — ofereceu-se Gwen. — Basta eu voltar e pedir para ver o canhoto da sua passagem.

— Não — disse Vernon Demerest. — Não vamos fazer isso.

Tanto quanto era possível enxergar na penumbra da cabine, olharam-no com estranheza. Quase imediatamente, Harris voltou a atenção aos instrumentos de vôo e Jordan ocupou-se outra vez com os gráficos de combustível.

— Espere — disse Demerest para Gwen.

Enquanto ela aguardava. Vernon verificou a situação do vôo através do rádio.

— Tudo que nos pediram para fazer — disse ao terminar a transmissão — foi verificar se a velha estava a bordo. Muito bem, ela está. E é isso que comunicarei à estação da companhia. Tenho a impressão de que já têm alguém esperando por ela em Roma. Mesmo que quiséssemos, não poderíamos fazer nada. Porém se a velhota conseguiu chegar até aqui, e não podemos voltar ao aeroporto, pra que amargar as oito horas que ainda tem pela frente? Portanto, vamos deixá-la em paz. O que se pode tentar, antes de chegar em Roma, é avisá-la de que foi descoberta. Assim o choque será menor. Mas, por enquanto, é melhor que aproveite a viagem. Sirvam o jantar à vovó e que se divirta com o filme.

— Sabe de uma coisa? — disse Gwen, observando-o pensativamente.  
— Tem horas que simpatizo com o senhor.

Quando Gwen abandonou a cabine, Demerest, rindo, mudava de novo a frequência e relatava pessoalmente o ocorrido à estação de Cleveland.

Anson Harris, de cachimbo aceso, regulou o piloto-automático e ergueu os olhos.

— Nunca imaginei que você tivesse fraco por velhas — troçou.

Demerest sorriu.

— Prefiro mais moças.

— É o que dizem.

O aviso sobre a clandestina e a sua resposta o tinham deixado com ótima disposição. Mais descontraído do que no início do vôo, explicou:

— As oportunidades variam. Não demora, você e eu teremos de nos contentar com as mais velhas.

— Eu já me contento. — Harris puxou uma baforada do cachimbo. — Há bastante tempo.

Ambos mantinham apenas um fone na orelha. Podiam conversar normalmente, sem deixar de escutar os chamados que surgissem. O volume de ruído na cabine de comando — persistente, mas não alto demais — era suficiente para Jordan não ouvir o que diziam.

— Aposto como você sempre andou na linha — disse Demerest. — Com sua mulher, quero dizer. Sem fazer sujeira. Já vi você lendo livros durante os pernoites.

Dessa vez foi Harris quem sorriu.

— Às vezes vou ao cinema. — Qual é o motivo?

— Minha mulher foi comissária — na época dos DC-4. Foi quando nos conhecemos. Sabia de tudo: como o pessoal dorme junto, como as moças ficam grávidas, os abortos, toda essa ladainha. Mais tarde, promovida a supervisora, ficou conhecendo ainda mais a fundo. Pra encurtar o caso: depois de casados prometi-lhe uma coisa — pode imaginar. E sempre manteve a palavra.

— Suponho que a filharada deve ter ajudado.

— Talvez.

Harris regulou novamente o piloto automático. Durante a palestra, o olhar de ambos, um pouco pelo treinamento, outro tanto por hábito, percorria a série de instrumentos iluminados à sua frente, além dos laterais superiores. Qualquer marcação incorreta mostrava imediatamente se alguma coisa funcionava mal no avião. Tudo corria bem.

— Quantos filhos têm? — perguntou Demerest — Seis?

— Sete — respondeu com um sorriso. — Queríamos quatro. O resto foi surpresa. Mas no fim deu certo.

— As surpresas — não pensaram em tomar providência antes de nascerem?

Harris virou-se bruscamente para ele.

— Aborto?



Demerest cedera a um impulso. Agora não sabia por que fizera aquela pergunta. Evidentemente continuava pensando no assunto por sugestão das duas conversas que tivera com Gwen. Porém não costumava perder tempo com raciocínios tão simples e coerentes como o aborto dela. De qualquer modo, estava curioso para ver a reação de Harris.

— Sim — confirmou. — Isso mesmo.

— Nunca — respondeu o outro, secamente. Depois acrescentou, com menos brusquidão: — Trata-se de um assunto sobre o qual sou intransigente.

— Por motivos religiosos?

Harris sacudiu negativamente a cabeça.

— Sou ateu.

— De que espécie, então?

— Tem certeza de que está interessado?

— A noite é uma criança — respondeu Demerest. — Por que não?

Escutaram pelo rádio um diálogo entre o controle de rotas aéreas e um vôo da TWA, rumo a Paris, que decolara logo depois do *Caravela de Ouro*. O jato da outra empresa estava a dezesseis quilômetros de distância, e a milhares de metros abaixo. Ganhavam altitude simultaneamente.

Quase todos pilotos atentos, ao ouvir as transmissões de outros aviões, mantêm na memória um quadro parcial do trânsito vizinho. Demerest e Harris acrescentaram esse aos que já sabiam. Ao terminarem as comunicações, Demerest incitou:

— Vamos, conte.

Harris verificou a rota e a altitude e depois começou a encher o cachimbo.

— Sempre me interessei por História. Primeiro no ginásio, e nunca mais parei. Talvez aconteça o mesmo com você.

— Não — afirmou Demerest. — Nunca estudei mais do que era preciso.

— Pois olhe, quando se analisa a fundo — a História, quero dizer — uma coisa chama logo a atenção. Cada novo progresso humano acontece por uma única e simples razão: a exaltação da dignidade do indivíduo. Toda vez que a civilização iniciou uma era que fosse um pouco melhor, mais esclarecida do que a precedente, foi porque a humanidade ficou menos egoísta, mostrando maior respeito e interesse pelo próximo. Quando desaparece esse altruísmo, verifica-se um retrocesso flagrante. Até uma História universal resumida — experimente para ver — constata o fato.

— A sua palavra me basta.

— Não se trata disso. Há exemplos de sobra. Abolimos a escravatura em nome da dignidade humana. Suspendeu-se o enforcamento de menores por motivo idêntico. Mais ou menos na mesma época foi inventado o habeas-corpus, e agora a justiça é feita para todos, ou caminha nessa direção. Nos tempos de hoje, quase todas as pessoas de raciocínio e bom senso opõem-se à pena capital, não tanto em prol dos condenados, mas pelo que representa a perda de uma vida — seja qual for — para a sociedade, à qual todos nós pertencemos.

Interrompeu o que estava dizendo para se inclinar, retido pelo cinto de segurança. Na escuridão da cabine contemplava a noite que os rodeava. À luz do luar, via o torvelinho de nuvens negras acumuladas a seus pés. Com uma previsão de teto coberto ininterrupto, em todo o percurso da rota até à metade do Atlântico, não vislumbrariam nenhuma luminosidade no chão. A milhares de metros acima, um outro avião, voando na direção oposta, piscou e sumiu.

O copiloto Jordan, curvou-se em seu assento e regulou o conjunto de manetes para compensar a altitude cada vez maior.

Demerest esperou que terminasse e então protestou contra a última afirmação de Harris.

— Há muita diferença entre pena capital e aborto.

— Nem tanto — contestou Harris, — pensando bem. Tudo se relaciona com a dignidade da vida humana. E com o aperfeiçoamento da civilização, passada ou futura. O que estranho são as pessoas que invocam a supressão da pena de morte e advogam, ao mesmo tempo, o aborto legalizado. Não percebem a anomalia de valorizar a existência do homem por um lado, enquanto a renegam por outro.

Demerest lembrou-se do que havia dito à Gwen nessa mesma noite. E repetiu:

— A criança antes de nascer não possui vida — pelo menos de uma forma humana. É um feto, não chega a ser uma pessoa.

— Gostaria que me respondesse uma pergunta — disse Harris. — Você já viu uma criança abortada? Depois, quero dizer.

— Não.

— Pois eu já. Conheço um médico que me mostrou uma. Estava guardada num pote de vidro, em formol. Esse meu amigo o escondia num armário. Não sei como havia conseguido. Porém disse-me que se a criança tivesse nascido — em vez de ser abortada — seria um menino normal. Era um feto, concordo com o que você disse. Só que era também uma criatura humana. Tinha tudo, todos os membros definidos: um rostinho bonito, mãos, pés, dedos, até um pequeno pênis. Não calcula a sensação de vergonha que me deu. Perguntei-me que diabo de mundo é esse? Onde é que andavam todas as pessoas decentes e sensíveis quando o garotinho indefeso estava sendo assassinado? Porque a verdade é essa, muito embora, na maioria dos casos, tenha-se medo de empregar o termo.

— Ora bolas! Não quis dizer que deve ser eliminada quando a situação chegou a esse ponto.

— Quer saber de uma coisa? Oito semanas de gravidez bastam para formar as características humanas. No terceiro mês, o feto já se parece com uma criança. Então, qual é o limite?

— Você errou de profissão — resmungou Demerest. — Devia ser

advogado.

De qualquer maneira, começou a pensar: em que estado de adiantamento estaria a gestação de Gwen? E calculou: se concebera em São Francisco, como tinha dito, teria umas oito ou nove semanas. Portanto, se as declarações de Harris fossem verdadeiras, estava quase formada.

Chegou a hora de fazer um novo relatório ao controle de rotas aéreas. Vernon encarregou-se da tarefa. Encontravam-se a dez mil e quinhentos metros de altitude, próximos da máxima a ser atingida. Dentro de poucos instantes cruzariam a fronteira canadense, sobrevoando a parte meridional de Ontário. Detroit e Windsor, as duas cidades vizinhas, separadas pela linha divisória entre os dois países, costumavam oferecer um brilhante mostruário de luzes, visível a quilômetros de distância. Nessa noite só havia trevas, encobrendo-as num determinado ponto a estibordo. Demerest lembrava-se de que o aeroporto metropolitano de Detroit tinha sido interditado pouco antes de decolarem. Ambas as cidades, a essa altura, sofriam o impacto da tempestade, que se deslocava para a costa do Atlântico.

Nas cabines de passageiros, Demerest sabia que Gwen Meighen e as outras aeromoças serviam uma segunda rodada de bebidas. E na primeira classe, uma entrada quente, em porcelana Rosenthal exclusiva.

— Eu lhe avisei que era intransigente no assunto — disse Anson Harris. — Não é preciso ter religião para acreditar em valores éticos.

— Ou em idéias birutas — resmungou Demerest. — De qualquer modo, quem pensa como você acaba perdendo. A tendência é facilitar o aborto. E com o tempo, até praticar abertamente, sob a proteção legal.

— Quando isso acontecer — afirmou o outro — será o mesmo que recuar um passo, na direção dos fornos de Auschwitz.

— Bobagem!

Demerest ergueu os olhos do diário de bordo, onde registrava a posição do vôo, recém-transmitida. A sua irritação, nunca longe da superfície, começava a se manifestar.

— Existe uma carrada de excelentes argumentos a favor do aborto legal. Os filhos involuntários, cujos pais são pobres e não podem oferecer-lhes nenhuma oportunidade na vida. E os casos especiais — estupros, incestos, saúde materna.

— Casos especiais sempre houve. É o mesmo que dizer: "Muito bem, vamos abrir uma exceção: se conseguir apresentar um bom motivo, você pode matar" — Harris sacudiu a cabeça, discordando. — Depois você falou em filhos involuntários. Ora, para isso já há o controle de natalidade. Hoje em dia todo mundo conta com esse recurso em todos os níveis econômicos. E se falha, e uma vida humana começa a se formar, surge uma nova criatura, sem que tenhamos o direito moral de condená-la à morte. Quanto ao que lhe está reservado nesse mundo, é um risco que assumimos no escuro. Porém depois de ganhar existência, bem ou mal, fica-se com ela. Por pior que seja, poucos se lembram de terminar com a vida. Não é com abortos que se resolve o problema da pobreza, mas com o aperfeiçoamento da sociedade. Harris refletiu alguns instantes e depois prosseguiu.

— Quanto à questão econômica, é um argumento que se pode aplicar praticamente a tudo. Economicamente, torna-se lógico matar os retardados mentais e os mongolóides por ocasião do nascimento, praticar a eutanásia nos doentes incuráveis, e exterminar com os velhos inúteis, como fazem na África, abandonando-os na selva para as hienas comerem. No entanto, por causa do valor que se atribui à vida e dignidade humanas, não obedecemos a esse raciocínio. O que pretendo dizer, Vernon, é que, na medida em que desejamos o progresso, estamos obrigados a valorizá-las um bocadinho mais.

Os altímetros — diante de cada avião — marcavam o limite da altitude: onze mil metros. Anson Harris regulou o avião no nível de vôo, enquanto Jordan inclinava-se novamente para frente, retificando os manetes.

— O diabo é que você tem teia de aranha no crânio — comentou Demerest causticamente.

Percebia que errara ao provocar a discussão. Estava irritado. Para terminar o assunto, apertou a campainha das comissárias.

— Vamos pedir uns *hors d'oeuvres* antes que a primeira classe devore tudo.

Harris concordou com a cabeça.

— Boa idéia.

Uns dois minutos depois, Gwen Meighen, em resposta ao pedido telefônico, trazia três pratos de *hors d'oeuvres* com um cheiro delicioso, e café. Na Trans-América, como em quase todas as linhas aéreas, os comandantes dispõem de prioridade no serviço.

— Obrigado, Gwen — agradeceu Vernon.

Depois, enquanto ela se curvava para servir Anson Harris, os seus olhos obtiveram a confirmação do que já imaginava. A sua cintura continuava esbelta como sempre. Não havia nenhum indício. E nem tampouco haveria, a despeito do que estivesse acontecendo lá por dentro. Harris que se danasse com os seus argumentos de mulher velha! Lógico que Gwen ia abortar — assim que regressassem.

A cerca de sessenta passos à retaguarda da cabine de comando, na classe turista, Mrs. Ada Quonsett travava animada palestra com o passageiro da direita. O sujeito, um amável tocadour de oboé, meio maduro, fazia parte da Sinfônica de Chicago.

— Que coisa maravilhosa a gente ser músico! É tão criativo. Meu falecido esposo adorava a música clássica. Tocava um pouco de violino. Não profissionalmente, claro.

Mrs. Quonsett sentia-se esplendidamente reconfortada com o xerez *Dry Sack* que o seu amigo oboísta insistira para que aceitasse. Agora perguntava se não queria tomar outra dose.

— Bem, é extremamente gentil de sua parte — sorriu encantada. — Talvez não devesse aceitar. Mas acho que não resisto.

O vizinho da esquerda — o indivíduo de bigodinho amarelo e pescoço ossudo — mostrara-se menos expansivo. Um chato, em suma. As inúmeras tentativas de Mrs. Quonsett para entabular conversa haviam sido acusadas com monossílabas apenas audíveis, enquanto permanecia imóvel, com uma expressão indecifrável, e sempre segurando a maleta no colo.

Houve um momento, quando todos faziam o pedido das bebidas, em que acreditou que ele iria distender-se. Porém enganou-se. Aceitou o uísque de comissária, pagou com uma porção de troco miúdo que ainda teve de contar, e depois emborcou-o de um gole só. O cálice de xerez abrandou Mrs. Quonsett de imediato e limitou-se a pensar: pobre diabo, talvez esteja com problemas, é melhor não importuná-lo.

Reparou, entretanto, que subitamente tinha ficado interessado no aviso do comandante — logo após a partida, — fornecendo a velocidade, rota, duração de vôo e todas aquelas coisas que raramente perdia tempo em escutar. O homem do pescoço magro, porém, rabiscou umas anotações no dorso de um envelope e depois abriu em cima da maleta um desses mapas *Localize você mesmo a posição do vôo*, fornecidos pelas linhas aéreas. Agora analisava-o, fazendo marcas a lápis, e olhando de vez em quando para o relógio. Tudo parecia um pouco tolo e infantil para Mrs. Quonsett. Estava absolutamente certa de que havia um navegante lá na frente, encarregado de registrar todos esses detalhes.

Resolveu voltar a atenção para o oboísta, que estava explicando como só recentemente, ao assistir à execução de uma sinfonia de Bruckner numa poltrona da platéia, foi que se deu conta de uma passagem em que a sua parte da orquestra fazia "pum-tidi-pum-pum", enquanto os violoncelos tocavam uma frase assim — "ah-didli-ah-dah". Para ilustrar melhor imitou os dois exemplos com a boca, afinadamente.

— É mesmo? Não diga! Que coisa mais interessante. Jamais me ocorreria — exclamou Mrs. Quonsett. — O meu falecido ia gostar tanto de conhecer o senhor. Só que, é natural, a diferença de idades

seria muito grande.

Atacava agora o segundo cálice de xerez, divertindo-se imensamente. Pensava na sorte que tivera ao escolher aquele vôo. O avião era uma maravilha, a tripulação, então, nem se fala. As comissárias não podiam ser mais corteses e solícitas. E os passageiros eram uma verdadeira delícia. Com exceção daquele sujeito à sua esquerda, o que realmente não fazia diferença. Dentro em pouco serviriam o jantar e depois, conforme estava previsto, ia passar um filme com Michael Caine, um dos seus atores prediletos. Levava a vida que pedira a Deus.

Mrs. Quonsett cometia um equívoco ao imaginar que havia um navegante lá na frente, na cabine de comando. Não havia. A exemplo da maior parte das companhias importantes, a Trans-América não transportava mais esse tipo de tripulante, mesmo nos vôos transatlânticos. Por causa da quantidade enorme de sistemas de radar e transmissores empregados na moderna aviação a jato, os pilotos — auxiliados pela constante vigilância do controle de rotas aéreas — encarregam-se da pouca navegação que ainda é imprescindível.

Contudo, se houvesse um navegante veterano a bordo do *Caravela de Ouro*, a posição marcada pela aeronave seria extremamente parecida com a que Guerrero conseguira traçar com cálculos aproximativos. Tinha previsto há vários minutos que se estavam aproximando de Detroit — o que era certo. Como o comandante anunciara que a rota subsequente passava por Montreal, Fredericton, New Brunswick, Cape Ruy e finalmente St. John's e Newfoundland, dispunha de todos os dados necessários. O comandante auxiliara ainda mais ao indicar não só a velocidade aérea como a terrestre, tornando os seus cálculos posteriores muito justos.

Segundo a sua estimativa, sobrevoariam a costa leste de Newfoundland dentro de duas horas e meia. Todavia, era provável que houvesse um novo aviso a respeito da posição, possibilitando qualquer revisão que se fizesse indispensável. De acordo com o seu



plano, D. O. Guerrero aguardaria então mais uma hora, para ter certeza de que o avião se encontrava de fato sobre o Oceano Atlântico, antes de puxar o barbante da maleta e explodir a dinamite no interior.

Agora que se aproximava o momento culminante, queria que viesse o mais rápido possível. Talvez não respeitasse o tempo de espera integral. Após Newfoundland, não havia motivo para perder tempo.

A dose de uísque o descontraíra. Embora quase toda a tensão desaparecesse ao entrar a bordo, voltou a manifestar-se pouco depois da partida, sobretudo quando aquela irritante gata velha do assento vizinho tentara puxar conversa. D. O. Guerrero não sentia a menor disposição para conversar.

Para dizer a verdade, dispensava qualquer comunicação com o resto da humanidade durante os seus últimos instantes de vida. Queria apenas sonhar com os trezentos mil dólares. Jamais possuía quantia semelhante em toda a sua existência. E ficaria tudo para Inez e os dois filhos, dentro de mais alguns dias, provavelmente.

Uma outra dose de uísque lhe faria bem, mas não tinha mais dinheiro. Com o seguro imprevisto que fizera, quase não teve como pagar a primeira. O melhor era se conformar.

Fechou os olhos novamente. E pôs-se a imaginar o assombro de Inez e dos garotos ao receber a notícia de que estavam ricos. Sentiriam reconhecimento pelo que se preparava para fazer, ainda que ignorassem todo o alcance da história —, o seu sacrifício, a imolação da própria vida pela família. Mas talvez adivinhassem. Nesse caso, esperava que se mostrassem agradecidos, embora tivesse suas dúvidas, sabendo por experiências anteriores que as pessoas são capazes de reações surpreendentemente hostis às ações cometidas em sua defesa.

Havia porém um estranho pormenor: em todos os pensamentos sobre Inez e os filhos, não conseguia enxergar-lhes os rostos. Num certo sentido, parecia estar recordando pessoas que conhecera ligeiramente.

Preferiu dedicar-se a evocar cifrões de dólares, seguidos do algarismo três e infinitas repetições de zeros. Depois de algum tempo, na certa pegou no sono, pois quando tornou a abrir os olhos, uma consulta rápida ao relógio revelou que haviam passado vinte minutos. Uma comissária estava inclinada na altura do corredor. A moça — uma bonita morena, de sotaque inglês — perguntou:

— O senhor está pronto para o jantar? Se quiser, posso guardar a sua maleta.

QUASE À PRIMEIRA vista, Mel Bakersfeld sentiu antipatia instintiva pelo advogado Elliott Freemantle, chefe da delegação de moradores de Meadowood. Agora, decorridos mais ou menos dez minutos da sua presença no gabinete, a antipatia estava degenerando em franca aversão.

Parecia que o causídico se esforçava por ser desagradável de todas as maneiras possíveis. Mesmo antes do início da discussão, tinha havido aquela observação hostil de não querer "uma série de ambigüidades", que Mel contornou com indulgência, embora a ressentisse. A partir de então, cada réplica do administrador do aeroporto foi acolhida com idêntica grosseria e má vontade. Pressentia que Freemantle o provocava deliberadamente, na esperança de que perdesse a paciência e fizesse alguma declaração intempestiva, registrada pelos jornalistas. Se a estratégia era essa, Mel não possuía a menor intenção de favorecê-la. Continuou, com certa dificuldade, mantendo a fleuma.

Freemantle protestava contra a "indiferença empedernida da administração deste aeroporto à saúde e ao bem-estar dos seus constituintes, as boas famílias dos moradores de Meadowood".

Mel respondeu serenamente que o aeroporto e as linhas aéreas que o utilizavam não eram empedernidos nem indiferentes. "Pelo contrário, reconhecemos a existência de um legítimo problema causado pelo barulho, e não poupamos esforços para solucioná-lo".

— Então, meu senhor, têm sido insignificantes e nulos! Quais foram as providências? — E declarou: — Pelo que nos consta, a mim e aos meus constituintes, não se viu — ou ouviu — mais do que promessas destituídas de qualquer sentido. É perfeitamente óbvio — sendo esse o motivo pelo qual pretendemos recorrer aos meios judiciais — que ninguém liga a menor confiança às reclamações.

A acusação era falsa, contestou Mel. Obedeciam a um programa para evitar as decolagens na pista vinte e cinco — que sobrevoavam diretamente o bairro — sempre que pudessem usar outras. Desse modo, aquela ficava reservada, quase exclusivamente, para as aterragens, criando um mínimo de ruído para Meadowood, mesmo ao custo de uma diminuição de eficiência no funcionamento do aeroporto. Além disso, os pilotos de todas as empresas tinham instruções para usar métodos de redução de volume de força logo após a partida em todas as pistas, inclusive desviando-se imediatamente das moradias no momento de abandonar o chão. O controle de trânsito aéreo cooperava em todos os sentidos.

— O que o senhor precisa compreender, Mrs. Freemantle — acrescentou — é que esta nossa entrevista não representa, absolutamente, a primeira que realizamos com os residentes locais. Já discutimos muitas vezes problemas recíprocos.

— Talvez — retrucou o advogado — nas ocasiões anteriores a linguagem não tenha sido tão clara.

— Certo ou errado, o senhor sem dúvida está sanando a diferença.

— E pretendemos sanar em larga escala — para compensar o tempo perdido, os esforços improdutivos e a má-fé. Sendo que essa última não é culpa dos meus constituintes.

Mel preferiu não responder. Não via nenhum proveito — para ambas as partes — nesse tipo de arenga. Exceto, talvez, publicidade para Elliott Freemantle. Observou que os lápis dos repórteres voavam. O advogado parecia saber perfeitamente o que constitui material estimulante para a imprensa.

Mel resolveu que devia encerrar a entrevista com a maior brevidade possível. Sentia-se demasiado consciente da presença de Cindy, ainda sentada no mesmo lugar, embora a essa altura manifestamente entediada, como sempre ficava quando surgia algum assunto referente ao aeroporto. Desta vez, no entanto. Mel sentia-se solidário com ela. Comparado com a seriedade do que estavam discutindo, o problema de Meadowood parecia uma

impertinência.

No seu espírito, a cada instante, assomava a preocupação por Keith. Gostaria de saber o que estaria acontecendo com o irmão no controle de trânsito aéreo. Perguntava-se se não devia ter insistido para que abandonasse o serviço pelo resto da noite, terminando aquela discussão que — até ser interrompida pelo chefe da torre — encaminhava-se para uma solução. Mesmo agora, talvez, não fosse tarde demais... Mas sempre havia Cindy, que certamente tinha o direito de prioridade em relação a Keith. E ainda por cima esse advogado irritante, a discursar indefinidamente...

— Já que mencionou o que chama de "métodos de redução de volume de força" — indagou Elliott Freemantle com sarcasmo — poderia informar-me o que aconteceu hoje com eles?

Mel suspirou.

— Há três dias que enfrentamos uma nevasca. — O seu olhar estendeu-se aos outros membros da delegação. — Não é novidade para nenhum dos presentes. E tivemos de recorrer a situações de emergência.

Explicou o motivo da interdição da pista trinta, a exigência provisória de efetuar as decolagens na vinte e cinco, com os inevitáveis efeitos sobre Meadowood.

— Está tudo muito bem — declarou um dos outros homens, um sujeito calvo, de queixo quadrado, que Mel conhecia de reuniões anteriores sobre o mesmo assunto. — Todos nós sabemos da tempestade, Mr. Bakersfeld. Porém quando se mora sob a rota dos aviões, não é consolo saber as causas, com ou sem temporal. A propósito, o meu nome é Floyd Zanetta e presidi a assembléia...

Elliott Freemantle interrompeu com diplomacia.

— Com sua licença, existe outro ponto antes de prosseguirmos.

Era óbvio que o advogado não pretendia largar por um minuto sequer o controle da delegação. Dirigiu-se a Mel, com os olhos acompanhando a reação dos jornalistas.

— Não é apenas barulho que invade os lares e os ouvidos de Meadowood, embora isso já fosse suficiente — estragando os nervos, prejudicando a saúde, privando as crianças do sono necessário. Há também, a invasão física...

Dessa vez foi Mel quem interrompeu.

— O senhor está sugerindo, seriamente, que a alternativa para o que acontece hoje à noite é o fechamento do aeroporto?

— Não estou apenas sugerindo. Talvez sejamos forçados a isso. Há pouco falei em invasão física. E é o que pretendo provar nos tribunais, em nome de meus constituintes. E temos de vencer!

Os outros membros da delegação, inclusive Floyd Zanetta, concordavam com acenos de cabeça.

Enquanto aguardava o efeito produzido pelas suas últimas palavras, Elliott Freemantle refletia. Tinha quase ultrapassado dos limites. Estava decepcionado com a falta de irritação do administrador, pois fizera o possível para provocar-lhe a raiva. Empregara a mesma técnica que funcionara com pleno êxito em inúmeras ocasiões anteriores. Era uma excelente estratégia, pois em geral, quando as pessoas perdem a paciência, a repercussão na imprensa é desfavorável. Esse aspecto constituía o único que lhe interessava. Bakersfeld, entretanto, se não disfarçava a contrariedade, mostrava-se esperto demais para cair na armadilha. Não tem importância — pensou — de qualquer jeito, triunfei. Também observou que os jornalistas registravam diligentemente tudo o que dizia. As suas palavras, privadas do tom de sarcasmo e insolência com que eram pronunciadas, causariam ótima impressão quando impressas. Melhor até do que o seu discurso na assembléia de Meadowood.

Percebia, lógico, que toda a manobra se resumia em um exercício de semântica. Sabia que a manifestação seria improfícua. Ainda que o administrador do aeroporto se convencesse do seu ponto de vista — o que era extremamente improvável — pouco ou nada podia fazer. Tratava-se de um fato consumado e nada alteraria aquela realidade: o aeroporto permaneceria no mesmo local. Não, a importância da

sua presença ali, nesta noite, prendia-se em parte à notoriedade que o movimento ia proporcionar-lhe, e sobretudo à possibilidade de persuadir a população de Meadowood de que contava com um resolutos defensor de seus interesses. E assim aquelas arras (acompanhadas de cheques) continuariam a jorrar para os escritórios de Freemantle & Sye.

Lástima que os demais manifestantes, que aguardavam o resultado no andar térreo, não o tivessem escutado naquela sala, atacando Bakersfeld com os piores insultos. Mas seria tudo publicado nos jornais da manhã seguinte. Por outro lado, dispunha também de outro trunfo para não encerrar as atividades programadas para o aeroporto com aquela simples entrevista. Já tinha prometido uma declaração às equipes de televisão (à espera no saguão por impossibilidade de transporte do equipamento para a sobreloja), quando terminasse a reunião com o administrador. A sua esperança era encontrar as câmeras de tevê instaladas. E a despeito da proibição daquele tenente negro da polícia, Freemantle esperava transformar, com astúcia, a sua aparição diante do vídeo na manifestação programada.

A sua afirmação anterior referia-se à ação legal — que, de acordo com a promessa feita aos moradores de Meadowood, constituiria o objetivo principal da sua atividade na defesa de seus interesses. — "Só entendo de leis", disse. "Leis e mais nada". Era falso, evidentemente. Mas a sua tática consistia em recuar e se adaptar a todas as situações.

— Sejam quais forem os meios legais a que pretendem apelar — lembrou Mel Bakersfeld, — correrão por sua própria conta e risco. De qualquer modo, permitam-me lembrar-lhes que os tribunais reconheceram os direitos operacionais do aeroporto, apesar das zonas residenciais adjacentes, por constituírem uma conveniência e imperativo de interesse público.

As sobrelhas de Freemantle arquearam-se.

— Não sabia que o senhor também era advogado.

— Não sou. E estou certo de que essa circunstância não lhe passou despercebida.

— Bem, por um momento cheguei a duvidar — sorriu Freemantle, com malícia. — Porque eu sou, compreende? E tenho experiência nessas questões. Além disso, asseguro-lhe que existem precedentes legais a favor de meus constituintes. Como na assembléia do salão paroquial, enumerou a lista impressionante de casos — *Estados Unidos contra Causby*, Griggs contra o município de Allegheny, Thornburg contra o Porto de Porüand, Martin contra o Porto de Seattle.

Mel achou graça, porém não demonstrou. Estava familiarizado com esses exemplos. Conhecia também outros, que tinham produzido soluções drasticamente contrárias, e dos quais Elliott Freemantle não estava ciente ou, por esperteza, evitara mencionar. Mel desconfiava que a última hipótese era a mais provável. No entanto, não pretendia entrar naquele terreno. O lugar apropriado para debates legais, se a situação chegasse a tal ponto, seria o tribunal.

Contudo, não via motivo para deixar o advogado — com o qual antipatizava agora ainda mais intensamente — fazer o que bem entendesse. Dirigindo-se de modo geral à delegação. Mel explicou as suas razões para evitar as discussões de caráter legal.

— Já que estamos aqui — acrescentou — gostaria de aproveitar a oportunidade para esclarecer certos pormenores a respeito do barulho causado pelos aeroportos.

Cindy bocejava.

— Duvido que seja necessário — reagiu Freemantle instantaneamente. — Quanto a nós, a próxima providência a tomar...

— Francamente! — Pela primeira vez Mel abandonava a fleuma e atacava incisivamente. — Será possível que depois de escutar pacientemente o que me vieram comunicar, o senhor e a sua comitiva não estão preparados para retribuir a mesma cortesia?

Zanetta, o mesmo que falara antes, olhou para os demais.



— De fato, acho que...

— Deixe Mr. Freemantle responder — atalhou Mel bruscamente.

— Realmente não vejo necessidade — sorriu o advogado suavemente — para se erguer a voz ou mostrar grosseria.

— Nesse caso, porque foi que o senhor se comportou exatamente desse modo desde que entrou nesta sala?

— Não me consta...

— Pois a mim, sim.

— Será que não são os seus nervos, Mr. Bakersfeld?

— Não — sorriu Mel. — Sinto desapontá-lo, mas não são.

Percebeu que o momento era propício. Tinha apanhado o advogado de surpresa.

— O senhor falou muito, Mr. Freemantle — prosseguiu — e nem sempre de maneira cortês. Há algumas coisas, entretanto, que também gostaria de ressaltar. Por outro lado, estou certo de que a imprensa interessa-se por ambos os lados do problema, mesmo que seja a única.

— Ah, mas nós estamos interessados, nem resta dúvida. Acontece, porém, que já ouvimos todas essas desculpas esfarrapadas.

Como sempre, Elliott Freemantle recuperava rapidamente o terreno perdido. Admitia a si mesmo, contudo, que se deixara embalar pela maneira fleumática inicial de Bakersfeld, de modo que o vigoroso contra-ataque o apanhara desprevenido. Compreendeu que o administrador geral do aeroporto era mais astuto do que parecia.

— Não disse nada a propósito de desculpas — sublinhou Mel. — Sugeri apenas uma revisão, de modo geral, da situação dos aeroportos com relação ao barulho.

Freemantle encolheu os ombros. Não lhe interessava absolutamente abrir um novo ângulo que pudesse servir de tópico para os jornais, e, dessa maneira, desviar a atenção de sua pessoa.

Naquele instante, porém, não dispunha de recursos para impedi-lo.

— Senhoras e senhores — principiou Mel. — Quando entraram hoje aqui, falou-se que havia coisas simples e francas a serem ditas. Mr. Freemantle já teve oportunidade de se exprimir nesse sentido. Agora chega a minha vez de usar a mesma sinceridade.

Sentiu que concentrava a atenção integral das duas mulheres e dos quatro homens da delegação. E também da imprensa. A própria Cindy observava-o disfarçadamente. Continuou a falar, sereno.

— Todos os presentes sabem, ou deviam saber, as providências que tomamos no aeroporto internacional Lincoln, no sentido de tornar a vida mais fácil, mais suportável, do ponto de vista do barulho dos aviões, para os que moram nas proximidades. Já mencionamos algumas. Mas há outras, como, por exemplo, o uso de zonas remotas do aeroporto para as experiências com os motores, e isso apenas em determinados horários.

Elliott Freemantle, inquieto, interrompeu.

— Mas o senhor mesmo confessou que esses tais sistemas nem sempre funcionam.

— Não confessei coisíssima nenhuma. Em geral funcionam perfeitamente — na medida do possível. Disse apenas que hoje à noite não se podia observar a mesma regra devido a circunstâncias excepcionais. E, francamente, se eu fosse piloto, duvido que ao decolar com um tempo desses diminuísse a força dos jatos logo após a partida, e ainda por cima subisse descrevendo uma curva. Por outro lado, a mesma situação está fadada a se repetir, de vez em quando.

— Quase sempre!

— Não, senhor! E deixe-me terminar, por favor! — Sem uma pausa, continuou: — O fato é que todos os aeroportos — tanto este como os demais — fazem o possível para atenuar o ruído. Talvez não seja agradável ouvir a verdade, e muitos colegas meus se recusam a admitir a evidência: já se fez praticamente de tudo. É simplesmente

impossível deixar de causar barulho com um gigantesco mecanismo de cento e cinqüenta toneladas — em lugar algum. Por isso torna-se inevitável um abalo infernal para um punhado de pessoas que vive na vizinhança, cada vez que um enorme avião a jato chega — ou parte.

Registraram-se vários sorrisos entre os presentes, com a exceção de Elliott Freemantle, que permaneceu de cara fechada.

— Por conseguinte — acrescentou Mel — uma vez que é evidente que os aeroportos são necessários, alguém, nalgum lugar, tem de sofrer com o barulho. Ou então mudar-se para outros bairros.

Foi a vez de Mel ver os jornalistas com os lápis voando para acompanharem as declarações.

— Verdade — continuou — que os fabricantes de aviões estão trabalhando para encontrar uma solução, com novos silenciadores. Porém — para usar de franqueza mais uma vez — poucas pessoas na indústria aeronáutica levam essas pesquisas a sério, pois certamente representam um esforço insignificante, comparado, por exemplo, com o desenvolvimento de um tipo inédito de aeronave. Serão, no máximo, paliativos. Se não me acreditam, permitam-me lembrar-lhes que, embora os caminhões existam há muito mais tempo que os aviões, ainda não apareceu nenhum inventor de um abafador realmente eficaz. Outra coisa que devem ter em mente é que, ao passo que um determinado tipo de motor consegue diminuir, um pouco o barulho — relativamente — surgem logo outros, mais potentes, que embora dotados de supressores, serão ainda mais ruidosos do que o anterior. Como disse aos senhores — acrescentou — o meu intuito é ser completamente franco.

— Não há a menor dúvida — murmurou acabrunhada uma das mulheres da comissão.

— Isso nos leva à questão do futuro — disse Mel. — Existem novos modelos: um grupo de jatos na linha do Boeing 747, inclusive aviões descomunais como o Lockheed 500, prestes a entrar em uso. Logo a seguir, os transportes supersônicos, como o Concorde e similares. O

Lockheed 500, e os do seu tipo, serão subsônicos, isto é, funcionarão com uma velocidade inferior à do som, produzindo o mesmo barulho dos atuais, só que um pouco mais forte. Os supersônicos farão um ruído fortíssimo, *além* de um estrondo sônico ao ultrapassarem a barreira do som, e que vai resultar num problema mais grave do que todos que tivemos de enfrentar até hoje. Talvez tenham ouvido ou lido — como eu — referências otimistas sobre esses estrondos: ocorreriam à grande altura, longe das cidades e dos aeroportos, o efeito em terra sendo menor. Não acreditem! Vão surgir problemas para todo mundo: para as pessoas com casas, como os senhores, e para gente como eu, que dirige os aeroportos. E para as companhias de aviação, que investirão bilhões de dólares em equipamentos que terão de utilizar continuamente para não irem à falência. Creiam-me, vai chegar o dia em que vamos sentir saudade do simples barulho que é o objeto da nossa conversa atual.

— E é isso que tem a dizer aos meus constituintes? — indagou Elliott Freemantle sarcástico. — Para correrem logo para um hospício, antes que o senhor e os seus aviões descomunais os enlouqueçam?

— Não — replicou Mel com firmeza, — não é isso que estou dizendo. Digo apenas francamente — da maneira que me pediu — que não disponho de respostas simples. E nem tampouco posso fazer promessas que o aeroporto não poderá cumprir. Digo também que, na minha opinião, o ruído, em vez de diminuir, vai aumentar mais ainda. Contudo, gostaria de lembrar-lhes que o problema não constitui novidade. Existe desde que os trens começaram a funcionar, e os caminhões, ônibus e automóveis os seguiram. Ocorreu o mesmo quando as rodovias foram abertas no meio de zonas residenciais. E quando os aeroportos foram inaugurados e se expandiram. Destinam-se ao benefício público — ou pelo menos acreditamos — e no entanto todas produzem barulho que, a despeito de todos os esforços, continua havendo. O fato é que os caminhões, trens, rodovias, aviões, etc. são uma realidade. Fazem parte do nosso sistema de vida. E a menos que o sistema mude, o ruído que

produzem terá de ser agüentado.

— Em outras palavras, os meus constituintes- devem abandonar qualquer esperança de serenidade, sono tranqüilo, intimidade e sossego até o fim de seus dias?

— Não — respondeu Mel. — Acho que chegará um momento em que terão de se mudar. Não falo em caráter oficial, evidentemente. Porém, estou convencido de que este aeroporto e outros semelhantes serão obrigados a gastar bilhões na compra de zonas residenciais em seus arredores. Boa parte desses terrenos pode ser transformada em centros industriais, para os quais o barulho não estorva. E é claro que pagarão uma indenização razoável aos proprietários de moradias que se virem forçados a deixá-las.

Elliott Freemantle levantou-se e fez um sinal para que os outros fizessem o mesmo.

— Essa última observação — informou a Mel — é a primeira coisa sensata que escuto essa noite. No entanto, a indenização pode começar antes do que imagina, e num volume muito maior.

Despediu-se com um cumprimento frio.

— Em breve receberá notícias nossas. Nos encontraremos no tribunal.

E saiu, acompanhado pelos outros.

Mel ainda escutou o comentário de uma das delegadas.

— O senhor esteve sensacional, Mr. Freemantle. Vou contar a todos.

— Oh, obrigado. Muito... As vozes ficaram inaudíveis.

Mel levantou-se para ir fechar a porta.

— Você desculpe a interrupção — disse a Cindy.

Agora que estavam de novo a sós, não sabia muito bem o que se tinham a dizer. Nada, parecia-lhe.

— É natural — comentou Cindy friamente. — Você devia ter casado com um aeroporto.

Na soleira da porta, Mel reparou que um dos jornalistas havia voltado à sala de espera. Era Tomlinson do Tribune.

— Mr. Bakersfeld, podia falar com o senhor um instante?

— Sobre o quê? — perguntou aborrecido.

— Tive a impressão de que o senhor não morre de amores por Mr. Freemantle.

— Minha opinião vai ser citada?

— Não, senhor.

— Então acertou.

— Achei que isso lhe interessaria — disse o repórter.

"Isso" era um dos formulários de arras que o advogado tinha distribuído na assembléia de Meadowood.

Enquanto lia, perguntou:

— Onde foi que encontrou?

O rapaz explicou.

— Quantas pessoas compareceram? — Contei umas seiscentas, mais ou menos.

— E quantos formulários foram assinados?

— Não tenho certeza, Mr. Bakersfeld. Creio que uns cento e cinqüenta foram assinados e entregues. E houve muita gente que prometeu mandar pelo correio.

Mel pensou sombriamente: agora entendia o motivo da encenação teatral de Elliott Freemantle e a quem se destinava o seu desempenho.

— Imagino que esteja fazendo os mesmos cálculos que fiz — disse Tomlinson. Mel confirmou:

— Dá uma bela soma.

— Sem dúvida alguma. Me contentaria com uma parcela.

— Quem sabe nos dedicamos ao trabalho errado. Você também fez a cobertura da assembléia no bairro? — Fiz.

— Ninguém se lembrou que o total dos honorários será uns quinze mil dólares, no mínimo?

Tomlinson sacudiu a cabeça.

— Ou não se lembraram ou simplesmente não ligam. Freemantle, aliás, sabe conquistar uma platéia. É hipnótico, pode-se dizer. Todos ficaram encantados. Parecia o próprio Billy Graham.

Mel devolveu-lhe o formulário impresso.

— Vai mencionar o fato em seu artigo?

— Vou sim, mas não se admire se a redação suprimir. São muito precavidos em questões legais. Ademais, pensando bem, acho que não há nada de mal.

— Não há, não — concordou Mel. — Pode não estar conforme a ética profissional, e imagino que a ordem dos advogados não irá gostar. Ilegal, porém, não é. O que essa gente devia ter feito, naturalmente, era reunir-se e nomear um representante legal. Mas quando as pessoas são crédulas e querem enriquecer os outros, o problema é delas. Tomlinson sorriu.

— Tenho permissão para citar o que acaba de dizer?

— Você mesmo disse que o jornal não publica. Aliás, a promessa foi que isso ficaria entre nós, lembra-se?

— Tem razão.

Se adiantasse alguma coisa, pensou Mel, faria declarações enérgicas, arriscando-se a vê-las publicadas ou não. Porém sabia que seria inútil. E não ignorava que por todo o país advogados ávidos como Elliott Freemantle corriam em busca de assinaturas dos cidadãos, para depois importunar os aeroportos, as linhas aéreas e até em certos casos os pilotos.

Mel não se incomodava de ser importunado. Como o próprio recurso legal, tratava-se de um privilégio ao alcance de todos. Só que

na maioria dos casos, os proprietários das residências estavam sendo ludibriados com falsas esperanças e o exemplo de precedentes legais, cuja lista era impressionante, porém unilateral, como os exemplos citados por Elliott Freemantle nessa noite. Em consequência disso, uma chuva de ações — custosas e demoradas — seriam encaminhadas aos tribunais, quase todas fadadas ao insucesso e beneficiando exclusivamente os advogados.

Mel ficou com pena de não ter sabido mais cedo o que Tomlinson viera lhe contar. Porque então, a fim de prevenir os moradores de Meadowood contra a chicana de que iam ser vítimas, teria acumulado de advertências as suas declarações. Agora era tarde demais.

— Mr. Bakersfeld — continuou o repórter do *Tribune* — existem outras coisas que gostaria de lhe perguntar — a respeito do aeroporto em geral. Se dispõe de alguns minutos...

— Terei o máximo prazer, mas noutra ocasião. — Mel ergueu as mãos num gesto impotente. — De momento estou às voltas com quinze problemas ao mesmo tempo.

O rapaz acenou com a cabeça.

— Compreendo. Em todo o caso, vou ficar mais um pouco por aqui. Soube que o grupo de Freemantle está preparando qualquer coisa lá embaixo. Assim, se surgir outra oportunidade mais tarde...

— Farei o possível — prometeu Mel, embora não tivesse a menor intenção de receber mais ninguém.

Respeitava a curiosidade de Tomlinson em investigar os fundamentos do artigo que devia escrever. Mas de qualquer forma era-lhe impossível suportar mais delegações e jornalistas durante o resto da noite.

Quanto ao que Freemantle e os moradores de Meadowood pudessem estar "preparando lá embaixo", deixaria essa preocupação ao encargo do Tenente Ordway e seus guardas.



QUANDO M E L virou-se de frente, após fechar a porca enquanto o repórter ia embora, Cindy estava em pé, enfiando as luvas.

— Quinze problemas ao mesmo tempo — observou causticamente. — Acredito. Sejam quais forem os outros quatorze, tenho certeza de que receberão prioridade.

— Apenas uma maneira de dizer — protestou Mel. — Você sabe perfeitamente. Já pedi desculpas. Não pensei que isso fosse acontecer — pelo menos, não ao mesmo tempo.

— Mas você adora essa confusão, hem? Não pode viver de outra maneira. Prefere-a a mim, à nossa casa, às meninas, e uma vida social decente.

— Ah! — exclamou Mel. — Já estava demorando. — Interrompeu-se. — Ora, bolas! Pra que brigar de novo? Resolvemos tudo, não? Por que motivo recomeçar as discussões?

— É — concordou Cindy. Dominou-se de repente. — Acho que tem razão.

Formou-se um silêncio embaraçoso. Mel foi o primeiro a rompê-lo.

— Escute, o divórcio é um negócio muito sério para nós dois. Para Roberta e Libby também. Se estiver em dúvida...

— Mas já não esclarecemos tudo isso?

— Sei, porém, se você quiser, podemos recomeçar outras cinquenta vezes.

— Não quero. — Sacudiu decisivamente a cabeça. — Não tenho dúvida alguma. Nem você tampouco. Ou tem? — Não — admitiu Mel. — Receio que não.

Cindy ia dizer qualquer coisa, mas calou-se. Pretendia revelar-lhe as

suas intenções a respeito de Lionel Urquhart, porém mudou de idéia. Mel teria tempo de sobra para descobrir por sua conta, depois. Quanto a Derek Eden, que ocupara o seu pensamento durante a maior parte do tempo em que a comissão estivera no gabinete, nem Mel *nem* Lionel ficariam sabendo de sua existência.

Ouviu-se uma batida — leve, mas nítida — na porta.

— Oh, meu Deus! — resmungou. — Será que não se pode conversar em paz?

— Quem é? — perguntou Mel irritado.

— Sou eu — disse Tânia Livingston abrindo. — Mel, preciso de um conselho... — Ao deparar com Cindy, parou abruptamente. — Perdão. Pensei que estava sozinho.

— Ele já vai ficar — disse a outra. — Agora mesmo.

— Oh, não, por favor! — Tânia enrubescou. — Posso voltar mais tarde, Mrs. Bakersfeld. Não quero interromper.

Os olhos de Cindy examinaram Tânia, ainda de uniforme da Trans-América.

— É provável que a interrupção seja oportuna — disse. — Afinal, fazem uns bons três minutos que os últimos saíram. E isso é mais do que costumamos dispor juntos. — Virou-se para Mel. — Não é mesmo?

Assentiu com a cabeça, sem responder.

— Diga-me uma coisa — disse Cindy, dirigindo-se à Tânia. — Estou curiosa por saber como descobriu quem sou. Tânia perdeu, momentaneamente, a postura habitual.

Ao recuperá-la, teve um pequeno sorriso.

— Creio que adivinhei.

Cindy arqueou ás sobrancelhas.

— Será que terei de fazer o mesmo? — perguntou, olhando para Mel.

— Não — disse ele.

E fez as apresentações.

Percebeu que Cindy analisava Tânia Livingston. Não tinha a menor dúvida de que a esposa já chegara a alguma conclusão a respeito de ambos. Há muito aprendera a respeitar o seu instinto infalível sobre as relações entre homens e mulheres. Além do mais, tinha certeza de que se traíra durante a apresentação. Os casais estão muito habituados com as nuances das respectivas vozes para que passasse despercebido. Não se surpreenderia se Cindy tivesse adivinhado o encontro marcado para mais tarde. Embora, pensando bem, seria levar a imaginação um pouco longe demais.

Em todo o caso, fosse o que fosse que Cindy sabia ou imaginava, achou que não tinha a menor importância. No fim das contas, a idéia do divórcio partira dela. Como podia reclamar se Mel se interessasse por outra? E no caso de Tânia, ele mesmo não possuía muita certeza do grau de seu interesse. Todavia, lembrou-se que essa era uma forma lógica de raciocínio. E as mulheres — inclusive Cindy e provavelmente Tânia — raramente mostram-se lógicas.

A última dedução triunfou.

— Que sorte a sua — disse-lhe a esposa com doçura fingida — que não são apenas comissões de gente velha e cacete que o procuram por causa de problemas. — Olhou para Tânia. — Se não me engano, a senhora disse que estava com um, não foi?

Tânia retribuiu o olhar na mesma moeda.

— Disse que precisava de um conselho.

— Ah, não diga! Que espécie de conselho? Profissional, íntimo? ... Ou quem sabe já esqueceu?

— Cindy — atalhou Mel energicamente. — Agora chega! Não há motivo para...

— Para quê? E chega por quê?

Havia um tom de deboche na voz. Teve a impressão de que se

divertia de maneira diabólica.

— Não é você mesmo quem sempre diz que nunca me interesse por seus problemas? E agora que ardo de impaciência para saber qual é o problema de sua amiga... isto é, se de fato existe.

— É sobre o vôo número dois — disse Tânia com firmeza. E explicou: — É o nosso avião de Roma, Mrs. Bakersfeld. Partiu há meia hora.

— O que foi que houve? — quis saber Mel.

— Para falar franco — hesitou — não tenho muita certeza.

Vamos — insistiu Cindy. — Pense um pouco.

— Ah, cale a boca — retrucou Mel. E dirigindo-se à Tânia: — De que se trata?

Tânia deu um olhar à Cindy, e depois contou a conversa que tivera com o Inspetor de Alfândega Standish. Descreveu o homem que segurava a maleta de forma suspeita, e que o inspetor desconfiara de contrabando.

— Ele tomou o vôo número dois? — Tomou.

— Então mesmo que estivesse levando contrabando, seria para a Itália. O pessoal da alfândega dos Estados Unidos não se impressiona com isso. Acha que os outros países devem tratar dos seus próprios interesses.

— Eu sei. Foi o que o nosso A. T. S. disse.

Narrou o diálogo com o administrador de transportes do setor, encerrando com a recomendação impaciente, mas enérgica. — "Esqueça-se!"

Mel parecia intrigado.

— Então não vejo por quê...

— Como lhe disse, não tenho certeza, e talvez seja bobagem. Mas como a idéia não me largava, comecei umas sindicâncias.

— Sobre o quê?

Os dois esqueceram Cindy.

— O Inspetor Standish disse-me que o homem da maleta foi praticamente o último a entrar no avião. E deve ter sido, pois eu estava no portão de embarque e não vi a velha... — Retificou o que ia dizer. — Essa parte não interessa. Como ia dizendo, procurei há pouco o agente de recepção do vôo e conferimos a lista de passageiros com as passagens. Ele não se lembrava do sujeito da maleta, mas reduzimos a escolha a cinco nomes. — E depois?

— Por puro palpite, chamei os balcões de embarque para ver se alguém se lembrava de algum pormenor sobre esses cinco. Nos do aeroporto ninguém se lembrava. Na cidade, porém, um dos agentes reparou no sujeito da maleta. E agora sei o seu nome. A descrição combina... tudo.

— Continuo sem ver nada de extraordinário. Ele tinha de se apresentar nalgum lugar. Assim, se apresentou na cidade.

— O motivo porque o agente se lembrava dele — explicou Tânia — é que viajava sem bagagem, só com a maleta. E além disso, segundo o mesmo funcionário, estava incrivelmente nervoso.

— Há muita gente nervosa... — De repente Mel franziu o cenho. — Sem bagagem? Para uma viagem a Roma?!

— Justamente. Só com a maleta que carregava na mão, a mesma que chamou a atenção do inspetor Standish. O agente da cidade disse que era uma espécie de pasta.

— Mas ninguém embarca numa viagem dessas sem bagagem. É inacreditável.

— Foi o que pensei. — Tânia hesitou outra vez. — É incompreensível, a menos que... — A menos quê?

— A menos que a gente saiba que o avião não chegará ao destino. Nesse caso, é evidente que não se levam malas.

— Tânia — disse Mel em voz baixa — aonde você quer chegar?

— Não sei ao certo — respondeu incômoda. •— Por isso vim procurá-lo. Quanto mais penso, me parece tolice e melodrama, mas...

— Continue, vamos.

— Pois bem. Admitamos que esse camarada não seja contrabandista. Não, pelo menos, no sentido que todos imaginamos. E que o motivo da falta de bagagem, do seu nervosismo, e de segurar a maleta do jeito que chamou a atenção do Inspetor Standish... em vez de ser uma espécie de contrabando que carrega no interior dela... fosse uma bomba.

Olharam-se demoradamente. O espírito de Mel fazia cálculos, pesava as possibilidades. A hipótese levantada por Tânia também parecia-lhe ridícula e remota. Entretanto... no passado, esporadicamente, sucederam coisas parecidas. O problema se resumia em saber se essa hipótese correspondia à realidade. Quanto mais refletia, mais se dava conta de que o episódio do homem da maleta podia ser perfeitamente inocente. E no mínimo era. Em tal caso, quem criasse um rebuliço pensando o contrário terminaria bancando o palhaço. E é humano não querer que os outros riam da gente. "Porém, quando está em jogo a segurança de um avião e dos passageiros, vale a pena fazer papel de idiota. Por outro lado, precisava surgir um motivo mais forte do que uma mera possibilidade ou palpite antes de empreender as providências drásticas para impedir que se consumasse a tragédia. Mel perguntava-se se não havia uma maneira de encontrar a corroboração das suspeitas de Tânia.

De momento nada lhe ocorria.

Mas em todo o caso lembrou-se de que podia ao menos tentar. Era uma simples conjectura. Bastava telefonar. Talvez fosse conseqüência do seu encontro com Vernon Demerest, trazendo à memória a discórdia de ambos perante a Junta de Diretores do aeroporto. E então pensou naquela probabilidade.

Pela segunda vez em poucas horas, Mel consultou a lista de telefones urgentes que sempre trazia no bolso. Depois, usando um

aparelho interno na escrivaninha, discou para o posto de venda de apólices no saguão central. Atendeu uma funcionária que trabalhava naquele cargo há muito tempo e Mel a conhecia bem.

— Marj — perguntou, depois de dizer quem era, — você preencheu muitos formulários de seguro hoje para o vôo número dois da Trans-América?

— Mais do que de costume, Mr. Bakersfeld. Mas aconteceu o mesmo com todos os aviões. Quando o tempo está assim, é natural. Para o vôo número dois tive uns doze. E sei que Bunnie — a minha outra colega — também fez vários.

— O que eu queria lhe pedir — explicou Mel — era que me lesse todos os nomes e a importância das apólices. — Sentiu que a moça ficara indecisa. — Se for necessário, telefonarei ao gerente do seu setor para que autorize. Mas você sabe que ele não nega, e creia-me, é um caso importante.

Se você me der logo, economizo tempo.

— Muito bem, Mr. Bakersfeld. Nesse caso não tenho dúvidas. Mas vai demorar alguns minutos para encontrar todas.

— Eu espero.

Mel escutou o barulho do fone ao ser colocado sobre o balcão, e as desculpas que a moça ofereceu a alguém para justificar a interrupção. Houve uma farfalhada de papéis e em seguida a voz de outra funcionária perguntando: — "Alguma coisa errada?"

Tapando o bocal do telefone. Mel indagou de Tânia:

— Como é mesmo o nome do homem da maleta?

Ela verificou numa tira de papel.

— Guerrero. Mas também pode ser Buerrero. Estava escrito dos dois modos. — Notou que Mel ficara surpreso. — As iniciais são D. O.

A sua mão continuava em concha no fone. O espírito se concentrava. Recordava-se que o Tenente Ordway tinha dito que a mulher conduzida ao seu gabinete meia hora atrás chamava-se

Guerrero. E a polícia do aeroporto a encontrara perambulando pelo edifício. Ned Ordway havia dito que se mostrava angustiada e em lágrimas. A polícia não entendia o que a atormentava. Mel ia interrogá-la, mas nunca pôde fazê-lo. E a vira pela última vez ao se levantar para ir embora, no momento em que a comissão de Meadowood chegava ao seu gabinete. Claro, podia ser que não houvesse a menor relação...

Pelo telefone continuava ouvindo vozes no balcão do posto de seguros e, no fundo, o murmúrio do saguão central.

— Tânia — disse calmamente — há cerca de vinte minutos havia uma mulher aí na sala de espera — já madura, pobremente vestida. Estava encharcada e com ar desgarrado. Creio que se retirou quando outras pessoas entraram. Mas talvez esteja por perto. Se encontrá-la pelos corredores, traga-a para cá. Seja como for, não a deixe ir embora.

Tânia olhou-o perplexa.

— O nome dela é Mrs. Guerrero — explicou.

Enquanto Tânia ia procurá-la, a moça do posto de apólices voltou a ocupar a linha.

— Estou com todas aqui, Mr. Bakersfeld. Quer que eu leia os nomes?

— Sim, Marj. Pode começar.

Escutou atentamente. À menção de um nome perto do fim, sentiu uma súbita tensão. Pela primeira vez revelava urgência na voz.

— Essa última. Foi você quem atendeu?

— Não, foi Bunnie. Vou passar o telefone pra ela.

Ouviu as explicações da outra funcionária e fez duas ou três perguntas. O diálogo foi rápido. Cortou a ligação. Quando Tânia voltou, já discava outro número.

Embora estivesse com o olhar cheio de interrogações, que Mel ignorou provisoriamente, declarou logo:



— Não encontrei viva alma na sobreloja. Lá embaixo há um milhão de criaturas, é o mesmo que procurar agulha num palheiro. Quem sabe chamamos pelos alto-falantes?

— Pode-se tentar, mas acho inútil.

Pelo que tinha ouvido, Mrs. Guerrero não entendia nada do que lhe perguntavam. Portanto era pouco provável que fosse atender ao chamado de um alto-falante. E a essas horas já podia ter ido embora, estando a meio caminho da cidade. Recriminava-se por não ter falado com ela, conforme pretendia. Mas outros assuntos interferiram: a comissão de moradores de Meadowood. A inquietação por causa do irmão, Keith: lembrou-se da sua intenção de voltar à torre de controle... bem, agora teria de esperar... E finalmente Cindy. Com um sobressalto de culpa por não ter percebido antes, notou que não estava mais na sala.

Apanhou o microfone de alto-falante em cima da escrivaninha e empurrou-o na direção de Tânia.

O número que discara, pertencente à delegacia de polícia do aeroporto, atendeu.

— Preciso falar com o Tenente Ordway — anunciou com firmeza. — Ele ainda está no prédio?

— Está, sim senhor.

O sargento de plantão conhecia a voz de Mel.

— Procurem-no com a maior rapidez possível. Eu espero. A propósito, qual é o primeiro nome de uma mulher chamada Guerrero, que um de vocês prendeu hoje à noite? Creio que sei, mas queria uma confirmação.

— Aguarde um instante, vou procurar. — Momentos após, informava: — É Inez. Inez Guerrero. E já chamamos o tenente pelo seu transmissor de bolso.

Mel sabia que Ned Ordway, como muitos outros funcionários do aeroporto, andava com um pequeno receptor portátil, que acusava

um sinalzinho a um chamado com urgência. Nesse momento, em algum ponto do prédio, o tenente apressava-se a procurar um telefone.

Explicou rapidamente a Tânia o que devia fazer. Depois comprimiu o botão para ligar o microfone do alto-falante que cancelava todos os outros nos corredores do aeroporto. Pelas portas abertas, que comunicavam com a sala de espera e a sobreloja, ouviu-se um aviso de partida de vôo da American parar abruptamente na metade da frase. Somente em duas ocasiões anteriores, durante os oito anos que Mel exercia o cargo de administrador geral, aquele microfone tinha sido usado. A primeira vez — gravada para sempre na memória de Mel — foi para comunicar o falecimento do Presidente Kennedy. A segunda ocorreu um ano depois, quando uma criança perdida entrou aos prantos no seu gabinete. Em geral recorria-se a sistemas normais para tratar de menores extraviados. Mas naquela ocasião Mel localizou pessoalmente os pais desesperados.

Fez sinal para Tânia começar o aviso, sem se esquecer de que não sabia ao certo o que queria de Inez Guerrero, ou mesmo — com absoluta segurança — se havia algo de grave naquela história. No entanto, um pressentimento lhe dizia que sim. Algo de sério estava acontecendo. E quando a gente enfrenta um quebra-cabeças desse tipo, a coisa mais inteligente e imediata a fazer é reunir todas as peças de que se dispõe, na esperança de encontrar uma forma, com o auxílio alheio, de completar um quadro que faça sentido.

— Atenção, por favor — dizia Tânia com aquela voz clara e sincera, audível em todos os cantos do edifício principal. — Mrs. Inez Guerrero, ou Buerrero, queira ter a gentileza de comparecer imediatamente ao gabinete do administrador geral na sobreloja do saguão central. Peça a um funcionário do aeroporto ou de qualquer linha aérea para acompanhá-la. Repito...

Mel ouviu um estalo na outra extremidade da linha. Era o Tenente Ordway.

— Precisamos localizar essa mulher — disse-lhe Mel. — Aquela que

esteve aqui — Guerrero. Estamos dando um aviso...

— Eu sei — replicou Ordway. — Estou ouvindo.

— É extremamente urgente. Depois lhe explico. Por ora, dou-lhe a minha palavra...

— Aceito. Quando foi a última vez que a viu?

— Na porta do meu gabinete. Em sua companhia.

— Justo. Mais alguma coisa?

— Queria prevenir-lhe que o caso pode ser muito grave. Sugiro que largue todos os outros problemas. Use todos os guardas. E mesmo que não a encontre, venha logo para cá. — Combinado.

Ouviu-se outro estalo. O tenente tinha desligado.

Tânia encerrara o aviso. Lá fora. Mel escutou o início de uma nova comunicação.

— Atenção, Mr. Lester Mainwaring. Queria ter a bondade de dirigir-se com os membros de sua comitiva para a entrada do saguão central.

"Lester Mainwaring" era o nome de código do aeroporto para "polícia". Normalmente, um anúncio desses implicava na apresentação imediata ao local designado. "Os membros de sua comitiva" significava todos os guardas de serviço no edifício principal. A maioria dos aeroportos usava do mesmo expediente para alertar o seu policiamento sem conhecimento do público.

Ordway não perdeu tempo. Sem dúvida instruiria os seus subordinados no momento em que comparecessem à convocação, fornecendo-lhes os dados sobre Inez Guerrero.

— Chame o A. T. S. da companhia — pediu a Tânia. — Peça-lhe para vir aqui imediatamente. Diga-lhe que é importante. — E acrescentou, mais para si mesmo: — Vamos começar reunindo todos aqui.

Tânia fez o telefonema e depois comunicou:

— Já está a caminho.

A voz traía o seu nervosismo.

Mel levantou-se e foi fechar a porta de entrada.

— Você ainda não me explicou — disse Tânia — o que descobriu.

Mel escolheu as palavras com prudência.

— O homem que você falou, Guerrero, o que viajou sem bagagem, só com uma maleta, e que na sua opinião tomou o vôo número dois com uma bomba, fez uma apólice de seguro, antes da partida, no valor de trezentos mil dólares. A beneficiária é Inez Guerrero. Pagou a taxa com os últimos trocados que trazia no bolso.

— Santo Deus! — O rosto de Tânia ficou lívido. E depois murmurou:

— Ó céus... não!

CERTAS OCASIÕES — como essa noite — Joe Patroni sentia-se grato por trabalhar no setor de manutenção em vez do departamento de vendas.

A idéia lhe ocorreu enquanto assistia à frenética atividade para escavar, por baixo e dos lados, o jato atolado da Aéreo-Mexicana, que continuava a bloquear a pista número trinta.

Na sua opinião, os contingentes de vendas das linhas aéreas — em cuja categoria incluía todo o pessoal dos escritórios e respectivos diretores — eram compostos por criaturas de borracha, vaidosas, que conspiravam umas contra as outras como crianças rabugentas. Por sua vez, Patroni estava convencido de que aqueles que trabalhavam nas divisões de engenharia e manutenção comportavam-se como adultos. Nesses setores (Joe sempre provava), mesmo a serviço de companhias rivais, todos trabalhavam juntos e harmoniosamente, compartilhando conhecimentos, experiência, e até segredos, em prol do bem comum.

Como revelava intimamente aos amigos, exemplo dessa partilha extra-oficial consistia o fundo comum de informação que os funcionários da manutenção recebiam regularmente por meio de conferências realizadas pelas linhas aéreas.

Os seus patrões, como a maioria das grandes companhias, mantinham consultas telefônicas diárias — conhecidas pelo nome de "sumários" — durante os quais todas as sedes regionais, bases e postos disseminados ficavam interligados por um circuito interno, que abrangia todo o país. Conduzidos por um vice-presidente da matriz, os sumários se traduziam, realmente, em críticas e troca de informações sobre o sistema de operações da empresa durante as últimas vinte e quatro horas. Os funcionários graduados, em todos os escalões, discutiam livre e francamente entre si. Os

departamentos de operações e vendas também efetuavam "sumários" cotidianos. E o mesmo ocorria com a manutenção. Esta última, na opinião de Patroni, era decididamente a mais importante.

Durante as reuniões, nas quais tomava parte cinco vezes por semana, os postos apresentavam os relatórios, um por um. Quando registravam-se atrasos — por questões técnicas — no dia anterior, os funcionários de serviço aceitavam a responsabilidade. Ninguém perdia tempo em inventar desculpas. Como Patroni mesmo definia: — "Se você fez um erro admita." Por mínimos que fossem, apontavam-se os acidentes ou falhas no equipamento. O objetivo era reunir dados e evitar repetição de ocorrências. Na reunião da próxima segunda-feira, Patroni iria relatar a experiência dessa noite com o 707 da Aéreo-Mexicana, e o seu êxito ou fracasso, conforme o desfecho. As discussões diárias observavam a máxima seriedade, sobretudo porque os rapazes da manutenção eram sujeitos duros, que sabiam ser impossível ludibriar os colegas.

Após cada conferência oficial — em geral sem o conhecimento da administração superior — tinham início as informais. Patroni e os demais trocavam telefonemas com amigos íntimos dos departamentos congêneres das empresas rivais. Comparavam as anotações das respectivas reuniões, passando adiante todo tipo de conhecimento que julgassem valioso. Era muito difícil reterem algum segredo.

Nos assuntos mais urgentes — especialmente os relacionados com aspectos de segurança — recorria-se ao mesmo sistema de intercâmbio, mas sem observar o intervalo de um dia de espera. Se a Delta, por exemplo, apresentasse uma falha numa lâmina de rotor, durante o voo de um DC-9, os departamentos de manutenção da Eastern, TWA, Continental, e outras que usassem o mesmo tipo de avião, ficavam cientes em questão de horas. A informação servia para evitar falhas semelhantes em tipos diferentes de aeronaves. Posteriormente, enviavam-se fotografias do motor desmontado, acompanhadas de um relatório técnico. Se quisessem, os chefes de turma e os próprios mecânicos das outras companhias podiam

ampliar os seus conhecimentos fazendo uma visita para examinar a parte que registrara a falha, e qualquer dano no motor.

Os que trabalhavam, como Patroni, nesse meio de intercâmbio de informações, gostavam de sublinhar que os departamentos de vendas, ou a administração, se tivessem ocasião de consultar as empresas competidoras, raramente teriam necessidade de visitar as respectivas sedes, podendo encontrar-se em território neutro. Os funcionários da manutenção, pelo contrário, pisavam em território rival com a segurança de uma maçonaria universal. Em outras ocasiões, quando um departamento desse tipo encontrava-se em dificuldades, os competidores auxiliavam na medida do possível.

Essa última forma de assistência havia sido enviada, hoje, a Joe Patroni.

Durante a hora e meia de trabalho na mais recente tentativa de remover o jato encalhado da pista número trinta, a equipe de auxílio fora quase duplicada. Patroni começara com o pequeno grupo de funcionários da Aéreo-Mexicana, completado por alguns próprios subalternos da TWA. Agora, cavando firme com eles, havia gente da Braniff, Pan-Am, American e Eastern.

À proporção que surgiam os vários recém-chegados, em toda espécie de veículos, ficou evidente que a notícia do problema que afligia Patroni espalhara-se depressa pela máquina de boatos do aeroporto, e sem esperar nenhum convite, outros departamentos de manutenção puseram mãos à obra. Joe Patroni sentia-se reconfortado com tanta solidariedade.

Apesar dessa ajuda suplementar, já ultrapassara há muito o seu cálculo inicial de que seria necessário uma hora de trabalhos preparatórios. As escavações do valo duplo, assoalhados por grossos toros de madeira, diante do trem de pouso principal do avião, prosseguiam inabaláveis. Um pouco lentamente, talvez, devido à necessidade de todos procurarem refúgio, de vez em quando, para se aquecer. O abrigo e o calor, por assim dizer, eram encontrados no interior de dois ônibus de serviço. Quando os homens entravam,

batiam as mãos e beliscavam o rosto, dormente do vento cortante e gélido que varria o campo coberto de neve. Tanto esses como os demais veículos — inclusive caminhões, equipamento para a limpeza da neve, um carro-tanque, diversos carros de serviço, e um barulhento carro-gerador, quase todos com os faróis giratórios em ação — continuavam aglomerados na via de acesso vizinha. A cena inteira, banhada por uma clareira de holofotes, criava um oásis branco com a claridade refletida pela neve, no meio da escuridão que rodeava tudo.

Os dois valos, cada um com quase dois metros de largura, estendiam-se diante das grandes rodas do jato, num declive que conduzia ao terreno mais sólido, para onde Patroni esperava poder removê-lo com a própria força dos motores. Bem no fundo, por baixo da neve, onde o avião ficara atolado, havia muita lama, agora misturada com a neve, porém menos viscosa à medida que o valo subia o declive. Um terceiro, mais raso e mais estreito do que os outros dois, foi escavado para permitir a passagem da bequilha. Ao atingir o terreno mais sólido, a pista número trinta ficaria desinterditada, pois uma das asas atualmente a cobria. O avião podia então ser manobrado com relativa facilidade para a superfície pavimentada da via de acesso vizinha.

Agora que os trabalhos preparatórios estavam quase concluídos, o êxito da próxima providência dependia exclusivamente dos pilotos. Ambos continuavam aguardando na cabine de comando do Boeing 707, acima das atuais atividades. Competia-lhes decidir a quantidade de força a usar sem risco de empinar o nariz do avião no momento de impeli-lo para frente.

Depois que chegou, Joe Patroni passou a maior parte do tempo a manobrar com uma pá em companhia dos homens que faziam as escavações. Não suportava ficar parado. Às vezes, também, aproveitava a oportunidade para manter-se em forma. Mesmo agora, decorridos mais de vinte anos desde que abandonara o ringue de boxe amador, tinha melhor corpo do que muito homem jovem. Os grupos terrestres da empresa gostavam de ver aquela figura



arrogante e atarracada trabalhando ao seu lado. Dirigia e exortava o serviço ... *"Força, filhinho, senão vão pensar que somos os covões e você é o cadáver..."* *"Do jeito que vocês correm para aquele ônibus, até dá pra pensar que tem mulher escondida lá dentro..."* "Se continuar se apoiando nessa pá, Jack, vai se transformar em gelo feito a mulher de Lot..." "Pessoal, vamos remover este avião antes que fique obsoleto".

Até esse ponto, Joe Patroni não falara com o comandante e o piloto. Deixou a incumbência para Ingram, o chefe de turma da Aéreo-Mexicana, que orientava os trabalhos antes de sua chegada. Ingram havia usado o interfone para comunicar à cabine de comando o que se estava passando. Agora, endireitando as costas e tocando nele com a pá, o chefe da manutenção avisou:

— Mais cinco minutos e estaremos prontos. Quando puder, desvie os homens e os caminhões. — Apontou para o avião enterrado na neve. — No momento de sair, vai ser o mesmo que rolha de garrafa de champanha.

Ingram, encolhido no capote, tiritando de frio, concordou com a cabeça.

— Enquanto você se encarrega disso — anunciou Patroni — vou lá em cima falar com esses fulanos.

A antiquada escada de bordo que tinha sido trazida do edifício principal várias horas antes para desembarcar os passageiros retidos, continuava no mesmo lugar, perto do nariz do avião. Joe Patroni subiu pelos degraus cobertos de neve, e penetrou na cabine de primeira classe. Dirigiu-se à carlinga de vôo com um suspiro de alívio, enquanto acendia o indefectível charuto.

Em contraste com o frio e a ventania nevada do exterior, a cabine de comando estava tépida e calma. Um dos transmissores ligava com uma estação comercial que tocava música suave. Quando Patroni entrou, o piloto da Aéreo Mexicana, em mangas de camisa, desligou o receptor.

— Pode deixar ligado. — O atarracado chefe da manutenção sacudiu-

se como um cachorrão para retirar a neve das roupas. — Não faz mal nenhum gostar de manter a calma. Afinal, ninguém esperava que vocês fossem descer para ajudar a escavar.

Somente o piloto e o comandante permaneciam a bordo. Patroni lembrou-se que lhe tinham dito que o engenheiro de vôo voltara ao prédio em companhia das comissárias e passageiros.

O comandante, um sujeito volumoso e moreno, parecido com Anthony Quinn, girou no assento esquerdo.

— Cada qual com seu trabalho. Cuidem do seu — disse friamente, num inglês exato.

— Justamente — admitiu Patroni. — O diabo é que o nosso fica atrapalhado e aumentado. Pelos outros.

— Se está se referindo ao que aconteceu aqui — contestou o comandante, — *Madre de Dios!* — não pense que meti este avião na lama de propósito.

— Não, isso não.

Jogou fora o charuto, estropiado de tanto mascar, pôs outro na boca e acendeu-o.

— Mas já que está atolado, preciso ter certeza de que vai sair — da próxima vez que tentarmos. Do contrário, a situação ficará ainda pior. Pra todos nós, inclusive vocês. — Acenou para o lugar do comandante. — Quer que eu sente aí e puxe ele pra fora?

O mexicano avermelhou. Poucas pessoas, em qualquer empresa, tomavam tanta liberdade com os comandantes graduados como Joe Patroni.

— Não, agradeço — replicou friamente.

Podia recorrer a uma linguagem mais desagradável, mas naquele momento sofria o maior constrangimento por estar metido em semelhante transe. Desconfiava que amanhã, na cidade do México, teria de enfrentar um encontro desastroso e humilhante com o chefe de pilotos da empresa. No íntimo vociferava: *Jesucristo y por*

*el amor de Dios!*

— Lá fora há uma porção de camaradas regelados se arrebrandando pra valer — insistiu Patroni. — Tirar o avião agora não vai ser sopa. Sei por experiência. Seria melhor que me deixasse tentar.

O comandante da Aéreo-Mexicana empertigou-se.

— Conheço a sua fama, Mr. Patroni, e sei que é capaz de nos tirar desse buraco, coisa que ninguém conseguiu. Por isso não tenho dúvidas de que possui licença para manobrar com os aviões. Permita-me, porém, lembrar-lhe que está na presença de dois homens autorizados para *pilotá-los*. Somos pagos para isso. E portanto permaneceremos nos controles.

— Como queira. — Joe Patroni deu de ombros, e indicou a coluna de controle com o charuto. — Só tem uma coisa.

Quando eu der o sinal, empurrem esses manetes até o fundo. Até o fundo, entenderam? Sem se apavorarem.

E abandonou a cabine, ignorando o olhar de indignação dos dois aviadores.

Lá fora a escavação tinha sido concluída. Alguns funcionários voltavam a procurar agasalho nos ônibus de serviço. Todos os veículos — com exceção do carro-gerador, indispensável para ligar os motores — estavam sendo removidos a uma certa distância do avião.

Joe Patroni fechou a porta da cabine e desceu a escada. O chefe de turma, mais encolhido do que nunca no seu capote, informou:

— Tudo pronto.

Lembrando-se do charuto aceso, Patroni puxou várias baforadas e depois largou-o na chave. Fez um sinal para os jatos silenciosos.

— Tá bom. Vamos ligar todos os quatro.

Vários homens haviam descido do ônibus. Um quarteto apoiou os ombros contra a escada ao lado do avião e empurrou-a para longe. Outros dois responderam ao grito de Ingram contra o vento:

— Prontos para ligar os motores!

Um dos últimos colocou-se diante do jato, perto do carro gerador. Usava os fones, ligados à fuselagem. O outro, com sinaleiras luminosas, ocupou uma posição mais dianteira para ser visto pelos pilotos na carlinga.

Joe Patroni, com amortecedores emprestados para proteger a cabeça, reuniu-se ao mecânico que usava os fones. Os restantes terminavam de descer dos ônibus de abrigo, dispostos a assistir ao que ia acontecer.

Na cabine de comando, os aviadores completaram os preparativos.

No chão, embaixo, o mecânico dos fones deu início ao ritual para acionar os jatos.

— Podem ligar.

Uma pausa. A voz do comandante.

— Prontos para ligar, e pressionar a tubulação.

Do ventilador do carro-gerador, uma corrente de ar comprimido atingiu o arranque automático da turbina do motor número três. As pás do compressor giraram, cada vez mais rápido, até soltarem um apito. A uma velocidade de quinze por cento, o piloto colocou o querosene de aviação. Ao entrar em carburação, soltou uma nuvem de fumaça e o motor ligou com forte estampido.

— Liguem o quatro.

O motor número quatro repetiu o processo do anterior.

Os geradores de ambos ficaram carregados.

A voz do comandante.

— Mudando para os geradores. Desliguem o de terra.

Por cima do carro-gerador, desceram os fios elétricos.

— Desligado. Podem começar com o dois.

Foi ligado o motor número dois. Agora já eram três.

Um barulho ensurdecedor. A neve voava para trás.

O número um soltou um estampido e ligou.

— Desliguem o ar.

— Desligado.

A mangueira espiral de ar foi recolhida. Ingram conduziu o carro-gerador para longe.

Os refletores colocados à dianteira foram removidos para um lado.

Patroni tomou os fones do mecânico perto da frente da fuselagem. O chefe da manutenção da TWA ocupava agora o posto de comunicação com os pilotos.

— Aqui, Patroni. Quando vocês estiverem prontos aí em cima, podem puxar o bicho.

Diante do nariz do avião, o mecânico com as sinaleiras luminosas erguidas, preparado para servir de guia ao longo de uma trilha elíptica após os valos, também se desviou na direção de Joe Patroni. Estava disposto a correr, caso o 707 saísse da lama mais depressa do que se esperava.

Patroni agachou-se perto da bequilha. Se o avião se mexesse com demasiada rapidez, ocupava uma posição vulnerável. Levantou a mão perto da tomada do interfone, pronto para desligá-lo. Não tirava os olhos do trem de pouso, cuidando do menor indício de movimento dianteiro.

A voz do comandante. — Vou levantar.

O ritmo dos jatos aumentou. Com rugido semelhante a uma trovoada contínua, a aeronave estremeceu, e o chão ecoou o tremor. As rodas, porém, não se moveram.

Patroni colocou as mãos em concha no bocal do interfone. — Mais força! Manetes até o fundo!

O barulho dos motores aumentou ligeiramente. As rodas se erguiam sensivelmente, mas não conseguiram avançar. — Até o fundo,

merda!

Durante vários segundos, o ritmo permaneceu igual. De repente decresceu. A voz do comandante voltou ao interfone. Dessa vez tinha um tom sarcástico.

— Patroni, por *favor*, se empurro os manetes até o fundo, este avião vai enfiar o nariz no chão. Em vez de um 707 encalhado vamos ficar com um estragado.

O chefe da manutenção estudou as rodas do trem de pouso, que tinham voltado ao mesmo lugar, e o terreno em torno.

— Ele sai fora, estou dizendo! Tudo o que é preciso é peito para usar toda a força.

— Cuide do seu! — retrucou o comandante. — Vou desligar os motores.

Patroni berrou no interfone:

— Não desligue coisa nenhuma, deixe como estão! Vou até aí!

Adiantando-se por baixo da carlinga, fez sinais urgentes para recolocarem a escada no lugar anterior. No entanto, ao ser arrastada de volta, os quatro motores diminuíram e silenciaram.

Quando entrou na cabine, os dois pilotos desafivelavam os cintos dos assentos.

— Vocês se apavoraram! — acusou-os.

A reação do comandante foi surpreendentemente inócua.

— *Es posible*. Talvez seja a única coisa inteligente que fiz esta noite. O seu departamento de manutenção aceita este avião? — perguntou formalmente.

— Tá bom — concordou Patroni. — Ficamos com ele. O piloto consultou o relógio de pulso e registrou no diário.

— Quando vocês o desembarçarem, seja de que modo for — declarou o comandante da Aéreo-Mexicana — a sua companhia certamente entrará em contato com a minha. Até lá, buenas noches.

Enquanto saíam, abotoando os grossos sobretudos até o pescoço, Joe Patroni efetuou uma rápida vistoria nos instrumentos e painéis de controle. Após uns dois minutos, seguiu os dois escada abaixo.

Ingram, o chefe de turma da Aéreo-Mexicana, estava à sua espera ao pé dos degraus. Acenou na direção dos aviadores, que se apressavam para alcançar um dos ônibus de serviço.

— Fizeram a mesma coisa comigo. Não empregaram toda a força. — Indicou o trem de pouso do avião com pesar. — Foi por isso que atolou ainda mais. E agora ficou pior.

Era precisamente o que Patroni temia.

Enquanto Ingram segurava uma lanterna acesa, abaixou-se sob a fuselagem para examinar as rodas. Tinham voltado a mergulhar profundamente no lodo e na lama, uns trinta centímetros além do que já estavam. Patroni pegou a lanterna e iluminou as asas por baixo. As nacelas dos quatro motores encontravam-se perigosamente próximas do chão.

— Agora só mesmo com um guindaste pendurado do céu — comentou Ingram.

O chefe da manutenção ponderou a situação e depois sacudiu a cabeça.

— Resta apenas uma possibilidade. Vamos escavar um pouco mais, trazendo os valos até o lugar onde estão as rodas. E depois ligaremos os motores de novo. Só que desta vez quem vai pilotar sou eu.

O vento e a neve uivavam ao redor deles.

Tremendo de frio, Ingram admitiu pessimista:

— Você é quem manda. Mas não gostaria de estar na sua pele.

— Se não consigo tirar ele do lugar, ao menos poderei explodir a carcaça em frangalhos — prometeu Joe com um sorriso.

Ingram dirigiu-se ao único ônibus de serviço que permanecia no local. O outro já fora embora, levando os pilotos da Aéreo-Mexicana

de volta ao prédio. O chefe de turma ia chamar os subalternos.

Patroni efetuava seus cálculos. Tinham mais uma hora de trabalho pela frente antes que pudessem tentar novamente a remoção do avião. Portanto a pista número trinta continuaria interditada, no mínimo, durante um tempo equivalente.

Encaminhou-se ao transmissor do carro-socorro para comunicar ao controle de trânsito aéreo.



INEZ GUERRERO desconhecia a teoria segundo a qual o espírito sobrecarregado e exausto encontra a sua válvula de segurança num estado passivo semi-inconsciente. Apesar disso, acabava de pô-la em prática. Nesse momento preciso, transformara-se num caso mental de mortificação ambulante.

Os incidentes dessa noite, agindo sobre ela pessoalmente, somados à inquietação e cansaço acumulados semanas a fio, provaram ser uma frustração final arrasadora. O seu cérebro — como um circuito com carga em excesso — não resistiu. A condição de alienamento era provisória, não permanente. No entanto, enquanto perdurava, Inez Guerrero tinha-se esquecido do motivo que a trouxera a um lugar que não sabia muito bem qual fosse.

O motorista mesquinho e grosseiro que a conduziu ao aeroporto não a ajudara. Ao combinarem o preço da corrida no centro da cidade, estabeleceu que seriam sete dólares. Descendo do táxi, Inez pagou com uma nota de dez — praticamente o único dinheiro que tinha — e esperou o troco. Sob o pretexto de que não possuía quantia menor, tendo que ir buscar em outro local, foi embora. Inez aguardou. Passados dez minutos inquietos, e percebendo que o relógio do edifício marcava quase onze horas — o horário da partida do vôo número dois — só então ocorreu-lhe que o sujeito não tinha intenção de voltar. Não havia reparado no número da placa, nem da licença do chofer — riscos que o motorista assumira. E mesmo que houvesse, Inez Guerrero não era pessoa de apresentar queixa às autoridades — outra presunção correta do mesmo tipo.

Apesar da lentidão inicial do percurso, poderia ter chegado a tempo de alcançar o *Caravela de Ouro* antes da partida, se não fossem os minutos perdidos à espera do troco. Deste modo, quando se aproximou do portão de embarque, o avião já se afastava em

manobras.

Mesmo assim, para descobrir se D. O. encontrava-se de fato a bordo, teve a presença de espírito de recorrer ao estratagema sugerido por Miss Young, a funcionária que atendeu o seu telefonema para a agência da Trans-América. Um agente uniformizado estava saindo do portão. Inez abordou-o. Seguindo os conselhos de Miss Young, evitou formular uma pergunta direta, limitando-se a dizer:

— O meu marido está naquele avião que acaba de partir.

Explicou que chegara atrasada para a despedida, mas queria assegurar-se de que ele se encontrava em segurança a bordo. Desdobrou a via amarela do contrato de pagamento a prazo encontrada entre as camisas do marido, em casa, e mostrou-a ao agente. O rapaz apenas olhou de relance e dispôs-se logo a procurar o nome entre os papéis que trazia na mão.

Inez tinha uma vaga esperança de que se equivocara ao presumir que D. O. estava partindo naquele avião. A simples idéia de uma viagem a Roma parecia-lhe fantástica. Então o agente confirmou, dizendo que sim, havia um D. O. Guerrero entre os passageiros do vôo número dois, porém que o desculpasse, pois tudo encontrava-se numa verdadeira confusão devido ao temporal, e precisava ir andando...

Quando se afastou e ela compreendeu que apesar da multidão que se comprimia ao seu redor pelos corredores, estava irremediavelmente só — rompeu em pranto.

A princípio as lágrimas rolaram devagar. Depois, ao se lembrar do que acontecera, transformaram-se numa torrente de soluços violentos que a estremeciam de alto a baixo. Chorava o passado e o presente. A casa perdida. Os filhos que não possuía mais recursos para sustentar. D. O., com todos os seus defeitos como marido, e a despeito do fracasso para garantir o sustento da família, ainda representava uma tábua de salvação. Agora, porém, desertara. Lamentava tudo que podia ter sido e não chegara a se realizar: o fato de estar sem dinheiro, só podendo voltar para aquelas peças

miseráveis e infestadas de baratas no centro da cidade, e das quais seria despejada no dia seguinte, pois nada sobrava — depois da corrida de táxi e do roubo do chofer — da importância pateticamente irrisória com que contava acalmar o proprietário... Talvez lhe faltasse até o suficiente para pagar a passagem de regresso. E chorava porque os sapatos lhe machucavam os pés, e por ter as roupas encharcadas e velhas. E de pura exaustão, além de estar resfriada, com uma febre que sentia aumentar a cada instante. Chorava de autopiedade, e de pena de todas as criaturas desesperadas desse mundo.

Foi então que, a fim de evitar os olhares curiosos de estranhos, pôs-se a caminhar sem rumo pelos corredores, sem conseguir dominar as lágrimas. Mais ou menos a essa hora, também, encontrou uma maneira defensiva de interromper o raciocínio, provocando um torpor de defesa. Se não conseguia exterminar a tristeza, pelo menos convertia a sua origem numa amnésia misericordiosamente temporária.

Não demorou muito, foi encontrada por um guarda do aeroporto. Com uma sensibilidade que em geral não constitui uma virtude policial, manteve-a num recanto extremamente discreto enquanto telefonava aos superiores, pedindo instruções. O Tenente Ordway, por acaso, estava nas imediações e tratou pessoalmente do caso. Percebeu logo que Inez Guerrero, com toda a incoerência e angústia, era inofensiva. Deu ordens para que fosse conduzida ao gabinete do administrador geral do aeroporto — o único lugar que lhe pareceu aconselhável, pois além de calmo, não intimidava como a sede policial.

Inez obedeceu docilmente, entrando no elevador e seguindo-o pela sobreloja, sem compreender muito bem aonde estava sendo levada. Mas não se preocupava. Depois sentou-se tranqüilamente na poltrona que lhe ofereceram. Se o espírito estava ausente, o corpo sentia-se grato pelo descanso. Percebeu a entrada e saída de inúmeras pessoas, ouvindo algumas vozes. No entanto não conseguiu focalizar nada com clareza. O esforço parecia-lhe

excessivo.

Pouco a pouco, a sua resistência — outra palavra para definir a fibra de espírito humano, que todos possuem, por mais derrotados ou modestos que sejam — devolveu-lhe a noção, embora vaga, de que precisava prosseguir, a exemplo da própria vida, que nunca fica parada, apesar de todas as derrotas, e por mais desolada ou oca que possa parecer.

Ergueu-se, ainda incerta sobre o seu paradeiro, e decidiu-se a abandonar o local.

Coincidiu com a entrada da comissão de moradores de Meadowood, escoltada pelo Tenente Ordway, na sala de espera do gabinete de Mel Bakersfeld, onde Inez se encontrava. A delegação passou para a sala seguinte. Ned Ordway virou-se para falar com ela, enquanto Mel observava-os por um segundo antes de fechar a porta.

Em meio àquele caos de insegurança, Inez reconheceu vagamente a figura enorme do negro, tenente da polícia, que lhe parecia haver encontrado antes, recentemente, quando mostrara-se amável, como agora, orientando-a com palavras calmas, que não chegavam a ser perguntas. E pelo jeito compreendeu, sem que ela pronunciasse uma palavra, que teria de voltar à cidade e talvez não tivesse dinheiro suficiente para a passagem. Começou a remexer na bolsa, com a intenção de contar quanto tinha, mas o guarda a impediu. De costas para a outra sala, meteu-lhe três notas de um dólar na mão, e acompanhou-a até lá fora, mostrando o caminho que teria de tomar para encontrar o ponto de ônibus. Acrescentou que a importância era suficiente, sobrando para outra condução que precisasse usar para chegar ao seu destino.

Depois afastou-se, regressando na mesma direção por onde haviam vindo. Inez seguiu as indicações, descendo alguns lances de escada. Pouco antes de alcançar a saída, avistou um quadro familiar — um balcão de cachorro-quente. Nesse instante percebeu como estava faminta e com sede, além de todo o resto. Buscou dentro da bolsa e encontrou trinta e cinco centavos. Comprou um cachorro-quente e

um copinho de papel com café. De certo modo, essas duas coisas banais a reconfortaram. Perto dali, encontrou uma cadeira. Levou-a junto e foi sentar num canto. Perdeu a noção do tempo. Com o copo vazio e não tendo mais nada para comer, voltou a mergulhar naquele agradável estado de torpor inconsciente. Havia algo de consolador naquela gente toda a andar de um lado para outro, nos ruídos e nos avisos dos alto-falantes. Por duas vezes julgou ter escutado o próprio nome. Porém só podia ser obra da imaginação, pois quem iria chamá-la se ninguém sabia de sua presença ali?

Compreendeu remotamente que dentro em pouco teria de ir embora. O esforço para se animar a levantar e sair não seria pequeno. Decidiu esperar alguns instantes e ficar por enquanto, sentada tranqüilamente onde estava.

COM UMA única exceção, as pessoas convocadas ao gabinete do administrador geral do aeroporto chegaram depressa. As chamadas recebidas — algumas efetuadas por Mel, outras por Tânia Livingston — frisavam a urgência e a necessidade imperiosa de largar tudo que estivessem fazendo.

O A. T. S. da Trans-América — Bert Weatherby, chefe de Tânia — foi o primeiro a aparecer.

O Tenente Ordway, após iniciar a busca para localizar Inez Guerrero, cujo motivo ignorava, entrou a seguir. Fizera uma pausa na fiscalização que exercia no saguão central, onde um número respeitável de moradores de Meadowood escutava o advogado Freemantle expor o caso diante das câmeras de televisão.

Weatherby, ao entrar pela porta da sala de espera, perguntou bruscamente:

— Mel, que história é essa?

— Ainda não há nada certo, Bert, e não dispomos de muitas evidências. Mas existe possibilidade de que haja uma bomba a bordo do vôo número dois.

O A. T. S. olhou para Tânia de modo penetrante, mas não perdeu tempo com perguntas sobre o motivo de sua presença ali. Voltou a encarar Mel.

— Conte o que sabe.

Dirigindo-se tanto a ele como a Ned Ordway, Mel resumiu todos os fatos e conjeturas: a observação feita pelo Inspetor de Alfândega Standish a respeito do passageiro que segurava uma maleta de um jeito que a sua experiência do assunto acreditava ser suspeito; a identificação, feita por Tânia, desse sujeito como um certo D. O.

Guerrero ou talvez Buerrero; a revelação do agente da cidade de que esse Guerrero se apresentara sem bagagem, só com a maleta já mencionada; a compra de uma apólice de seguro, feita pelo mesmo, no valor de trezentos mil dólares, paga aparentemente com o último dinheiro que possuía, o que induzia a crer que iniciava uma viagem de oito mil quilômetros não só sem malas como também sem recursos; e, finalmente — talvez por coincidência, talvez não — o fato de que a única beneficiária do seguro, Mrs. Inez Guerrero, fora encontrada perambulando pelos corredores do aeroporto, presa de enorme angústia.

Enquanto falava, entrou o Inspetor Standish, ainda em uniforme, seguido por Bunnie Vorobioff. Bunnie chegou indecisa, olhando curiosamente para todos aqueles desconhecidos, num ambiente em que nunca estivera antes. À proporção que crescia a gravidade do que Mel dizia, empalideceu e ficou com ar assustado.

A única pessoa que faltou foi o agente do portão de embarque número quarenta e sete, por ocasião da partida do *Caravela de Ouro*. Tânia, informada por um supervisor poucos minutos antes, soube que o rapaz terminara o serviço e já se encontrava a caminho de casa. Deu instruções para deixarem uma mensagem, para que lhe telefonasse assim que chegasse. Duvidava que se lucrasse grande coisa com o seu regresso ao aeroporto até o fim da noite. Lembrava-se, também, que ele não tinha visto Guerrero subir a bordo. Porém talvez quisessem falar-lhe pelo telefone.

— Chamei todas as pessoas envolvidas no caso — disse Mel ao A. T. S. — para que você ou mais alguém possa interrogá-las. Na minha opinião, o que precisamos decidir — e a decisão é sobretudo sua — é se há motivo suficiente para prevenir o comandante do vôo número dois.

Mel lembrou-se, então, de um pormenor que afastara provisoriamente de suas considerações: o avião estava sendo comandado pelo cunhado, Vernon Demerest. Sabia que mais tarde teria de refletir melhor sobre certas implicações. Mas por enquanto era cedo.

— Deixe-me ver. — O A. T. S. tinha uma aparência intensa. Virou-se para Tânia. — Independente de qualquer decisão, chame o Departamento de Operações. Descubra se Royce Kettering ainda está na base. Se estiver, mande-o vir imediatamente para cá.

O Comandante Kettering era o chefe dos pilotos da Trans-América no Aeroporto Internacional Lincoln. Fora ele quem no início da noite havia dirigido o vôo experimental da aeronave N-731-TA, antes de partir — como vôo número dois, o *Caravela de Ouro* — para Roma.

— Sim, chefe — disse Tânia.

Enquanto usava um telefone, outro tocou. Mel atendeu.

Era o chefe da torre de controle.

— Tenho o relatório sobre o vôo número dois da Trans-América que o senhor pediu.

Um dos chamados feitos por Mel poucos instantes atrás tinha sido para solicitar informações sobre a hora da partida e o progresso do vôo.

— Pode dizer.

— Decolou às 23.12, hora local.

Os olhos de Mel buscaram o relógio da parede. Agora passavam quase dez da meia-noite. O avião estava viajando há quase uma hora.

— O Centro de Chicago — prosseguiu o chefe da torre — passou o controle ao de Cleveland às 00.27, hora leste. Cleveland entregou a Toronto às 01.03, hora leste. Ou seja, há sete minutos. Toronto informa que a posição atual do avião é próxima a Londres, Ontário. Se quiser, tenho outras informações: sobre a rota, altitude e velocidade.

— Não, é suficiente — disse Mel. — Obrigado.

— Ah, outra coisa, Mr. Bakersfeld.



O chefe da torre resumiu o comunicado mais recente de Joe Patroni a propósito da pista número trinta: continuaria interditada por outra hora no mínimo. Mel escutou com impaciência. De momento, havia assuntos mais importantes a atender.

Ao desligar, repetiu ao A. T. S. o que acabava de saber sobre a posição do vôo.

Tânia abandonou o seu telefone.

— Operações encontrou o Comandante Kettering — informou. — Já vem para cá.

— A tal mulher, a esposa do passageiro — lembrou o A. T. S. — Como é o nome dela?

— Inez Guerrero — respondeu Ned Ordway.

— Onde é que ela está?

— Ninguém sabe.

O policial explicou que os guardas estavam efetuando uma busca pelo aeroporto, embora acreditasse que a mulher tivesse ido embora. Acrescentou que a delegacia central de polícia fora advertida em sua sede na cidade, e todos os coletivos provenientes do aeroporto iam ser examinados ao chegarem ao centro.

— Quando ela esteve aqui — explicou Mel — não sonhávamos ...

— Fomos todos uns lesmas — resmungou Bert Weatherby, lançando um olhar para Tânia e o Inspetor Standish, que até então mantinha-se calado.

Tânia sabia que o A. T. S. estava-se referindo, arrependido, à sua própria recomendação: — Esqueça-se, já disse!

— Temos de comunicar alguma coisa ao comandante do vôo — disse-lhe. — Acho que ele também tem o direito de conhecer as nossas suposições, ainda que por enquanto não passem disso.

— Não seria melhor enviar uma descrição de Guerrero? — sugeriu Tânia. — O Comandante Demerest pode querer identificá-lo sem

que perceba.

— Nesse caso — lembrou Mel — a solução é fácil. Entre os presentes há pessoas que viram o homem.

— Muito bem — admitiu o A. T. S. — mãos à obra. Tânia, chame o nosso chefe de operadores de rádio. Avise-o que irá receber uma mensagem importante dentro de poucos minutos, e para instalar um circuito fechado para o vôo número dois. Quero que o assunto permaneça em sigilo, sem interferências alheias. Pelo menos por enquanto.

Tânia voltou ao telefone.

— A senhorita é Miss Vorobioff? — perguntou Mel a Bunnie.

Enquanto confirmava, muito nervosa, todos os olhares concentraram-se em Bunnie. Automaticamente, os homens fixaram-se em seus seios volumosos. O A. T. S. quase assobiou, contendo-se a tempo.

— Você sabe de quem estamos falando? — perguntou Mel.

— Eu... não tenho muita certeza.

— É um sujeito chamado D. O. Guerrero. Você lhe vendeu uma apólice de seguro hoje à noite, não se lembra?

— Sim — respondeu, confirmando com a cabeça.

— Ao preencher o formulário, olhou bem pra ele?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não muito.

Falava em voz baixa. Umedeceu os lábios.

Mel pareceu surpreso.

— No telefone pareceu-me que...

— Havia muita gente — defendeu-se Bunnie.

— Mas você disse que se lembrava dele. — Foi outro.

— E esse Guerrero você não se lembra?

— Não.

Mel estava atônito.

— Com licença, Mr. Bakersfeld.

Ned Ordway adiantou-se. Aproximou o rosto ao da moça.

— Está com medo de se comprometer, não é isso?

O tom mostrava-se áspero, uma voz de polícia, sem nenhum vestígio da delicadeza empregada antes com Inez Guerrero.

Bunnie vacilou, mas não respondeu.

— Vamos, não é isso? — insistiu. — Responda.

— Não sei.

— Sabe, sim! Está com medo de auxiliar alguém e se meter numa enrascada. Conheço o seu tipo.

Ordway proferia as palavras com desprezo. Mel não conhecia esse lado selvagem e brutal do tenente.

— Agora escute, boneca. Se é de encrenca que você tem medo, cuide para não se meter numa. O jeito de se ver livre de aborrecimentos — *quando a gente pode* — é respondendo às perguntas. *E responder logo!* O tempo urge.

Bunnie tremia. Tinha aprendido a temer os interrogatórios da polícia na sinistra escola da Europa Oriental. Jamais conseguiu esquecer a experiência. Ordway reconhecia os sintomas.

— Miss Vorobioff — insistiu Mel. — Existem quase duzentas pessoas a bordo do avião que nos preocupa. Talvez enfrentem um grave perigo. Agora vou lhe perguntar novamente. Olhou bem para esse tal Guerrero?

Bunnie acenou vagarosamente.

— Sim.

Descreva-o, por favor.

Obedeceu, primeiro hesitante, mas logo adquirindo firmeza.

À medida que os outros escutavam, surgia uma imagem de D. O. Guerrero: magro e encurvado; as feições pálidas e descarnadas, o queixo saliente; o pescoço comprido e fino; os lábios apertados; um bigodinho amarelado; mãos nervosas, de dedos inquietos. Bunnie demonstrou que podia ser uma observadora sagaz.

Bert Weatherby, agora sentado à escrivaninha de Mel, anotou a descrição, incorporando-a ao rascunho da mensagem que ia enviar ao *Caravela de Ouro*.

Quando Bunnie chegou à parte em que D. O. Guerrero mal conseguiu reunir dinheiro suficiente — sem possuir moeda italiana; a sua tensão nervosa, revirando os bolsos à procura de níqueis e vinténs; a euforia ao encontrar uma nota de cinco dólares no sobretudo, fizeram o A. T. S. erguer a vista, num misto de náusea e horror.

— *Santo Deus!* E você *ainda* vendeu a apólice. Será que todos ficaram *loucos*?

— Eu achei... — começou ela.

— *Você achou!* Mas não fez *nada*, fez?

Com o rosto lívido e exaurido, Bunnie Vorobioff sacudiu a cabeça.

— Bert, estamos perdendo tempo — lembrou Mel.

— Eu sei, eu sei! De qualquer modo... — Apertou com força o lápis que usava. Murmurou: — Não é só *ela*, nem tampouco os empregadores. Somos *nós* — as companhias de aviação. A culpa também é nossa. Concordamos com a opinião dos pilotos a respeito da venda de seguros nos aeroportos, mas não temos coragem de confessar. E deixamos o pior para eles...

— Harry — perguntou Mel energicamente ao Inspetor de Alfândega Standish, — não há algum pormenor que você queira acrescentar à descrição de Guerrero?

— Não — disse Standish. — Não fiquei tão perto dele quanto esta moça. Ela teve tempo de observar coisas que não percebi. Só notei o modo como segurava a maleta, como já disse. Porém, se contém realmente o que vocês estão pensando, é melhor que ninguém tente arrancá-la de suas mãos.

— E o que é que você sugere?

O oficial da alfândega sacudiu a cabeça.

Não entendo do assunto, é difícil dizer. Mas acho que terão de recorrer a algum ardil. Se for mesmo uma bomba, deve estar no interior da maleta, o que significa que há um gatilho em alguma parte, com toda a probabilidade de ser um detonador fácil de acionar. Pelo jeito ele não se separa da maleta. Se alguém tentar a separação, é capaz de imaginar que foi descoberto, e como não tem nada a perder... — Standish concluiu, sinistro: — Um dedo no gatilho pode ficar muito inquieto.

— Não devemos esquecer — lembrou Mel — que continuamos sem saber se o homem é um simples excêntrico, com apenas um pijama na maleta.

— Se quer saber a minha opinião — replicou o inspetor de alfândega, — acho impossível. Gostaria que fosse como diz, pois tenho uma sobrinha a bordo do avião.

Fazia as conjeturas mais tristes: se acontecesse uma desgraça, como, em nome de Deus, iria comunicar a notícia à irmã em Denver? Lembrava-se da última vez que vira Judy: aquele amor de garota, a brincar com a criancinha do assento vizinho. Tinha-a beijado. *Até à volta, tio Harry!* Agora arrependia-se desesperadamente por não ter agido de maneira mais decisiva, mais responsável, com o suspeito.

Pois bem, pensou. Talvez fosse tarde demais. Mas decisivo, ao menos, ainda podia ser.

— Tem uma coisa que gostaria de acrescentar.

Todos os olhares convergiram para ele.

— Acho que não há tempo para falsas modéstias: sou bom julgador de pessoas, sobretudo à primeira vista, e em geral reconheço quem não presta. Trata-se de um instinto, e não saberia explicar como funciona. Pode ser resultado da experiência de serviço: acontece o mesmo com outros colegas meus. Avistei o sujeito há poucas horas, e o achei "suspeito". Usei o termo porque pensava em contrabando, conseqüência lógica do meu cargo. Porém agora, depois do que se sabe — por pouco que seja — gostaria de empregar um mais forte. Esse Guerrero é perigoso. — Virou-se para o A. T. S. da Trans-América: — Mr. Weatherby: comunique essa palavra à tripulação do vôo.

— É o que vou fazer, inspetor.

O A. T. S. ergueu os olhos do rascunho. O sentido do que Standish quis dizer já estava implícito na mensagem que ia ser transmitida a bordo.

Tânia, sempre no telefone, falava com o chefe de operadores da companhia em Nova Iorque, através de uma conexão.

— Sim, a mensagem vai ser longa. Chame alguém para o ditado, por favor.

Bateram categoricamente à porta. Um homem alto, de rosto sulcado e envelhecido, com os olhos muito claros, entrou no gabinete. Vestia um sobretudo grosso e um terno de lã azul, que parecia um uniforme, mas não era. Cumprimentou Mel com a cabeça. Porém, antes que pudessem abrir a boca, o A. T. S. interveio:

— Royce, obrigado por ter vindo logo. Acho que estamos com um sério problema.

Entregou-lhe o bloco onde escrevera o rascunho.

O Comandante Kettering, chefe dos pilotos da Trans-América no aeroporto, leu a mensagem atentamente. Sua única reação foi apertar os lábios à medida que a vista percorria a folha. A exemplo de vários outros — o A. T. S. inclusive — a sua presença no Lincoln numa hora tão tardia constituía fato incomum. Fora, porém, retido

por exigências da tempestade que se prolongava há três dias, exigindo uma série de decisões imediatas nas operações.

O segundo telefone tocou, interrompendo o silêncio momentâneo. Mel atendeu, fazendo um sinal para Ned Ordway que imediatamente apanhou o receptor.

O Comandante Kettering terminou a leitura.

— Concorda com o texto? — perguntou Weatherby. — Estamos com o chefe de operadores na linha, aguardando para transmitir em circuito fechado.

Kettering acenou afirmativamente.

— Sim. Mas convém acrescentar: "Sugerimos regresso ou aterragem, a critério do comandante." E o chefe de operadores precisa dar-lhes o último boletim meteorológico.

— Claro.

O A. T. S. escreveu a lápis a frase sugerida e entregou o bloco a Tânia. Ela começou a ditar a mensagem.

O Comandante Kettering olhou para os presentes.

— É só isso que sabemos?

— É — respondeu Mel. — por enquanto é.

— Talvez agora se consigam outras informações — avisou o Tenente Ordway, voltando do telefone. — Localizamos a esposa de Guerrero.

A mensagem passada pelo A. T. S. do Aeroporto Internacional Lincoln estava endereçada: COMANDANTE, VÔO DOIS TRANS-AMÉRICA, e dizia:

**E X I S T E POSSIBILIDADE SUJEITA A CONFIRMAÇÃO Q U E  
PASSAGEIRO TURISTA D. O. GUERRERO A BORDO AVIÃO  
TENHA DISPOSITIVO EXPLOSIVO EM SEU PODER. VIAJA SEM  
MALAS E A P A R E N T E M E N T E SEM DINHEIRO E FÊZ  
SEGURO V U L T O S O ANTES DO E M B A R Q U E . FOI  
OBSERVADO COMPORTAM E N T O SUSPEITO COM MALETA**

## TIPO DOCUMENTOS QUE CARREGA COMO BAGAGEM DE MÃO. SUA DESCRIÇÃO É A SEGUINTE ...

Como o A. T. S. havia previsto, demoraram vários minutos para estabelecer uma ligação, através do rádio da companhia, com o vôo número dois. Depois da mensagem anterior, a respeito da clandestina Mrs. Ada Quonsett, o avião fora transferido do setor de comunicações de Cleveland para o de Nova Iorque. E agora todas as transmissões da empresa precisavam passar antes por esse último antes de chegar a bordo do *Caravela de Ouro*.

O texto ditado por Tânia, estava sendo datilografado por uma funcionária em Nova Iorque. A seu lado, um operador da Trans-América leu as primeiras linhas e pegou num telefone direto para falar com um rádio-telegrafista da ARINC — uma rede particular de comunicações mantida em forma de cooperativa pelas principais linhas aéreas.

O rádio-telegrafista — numa outra parte da cidade — estabeleceu um segundo circuito com as transmissões da Trans-América e depois perfurou num teclado transmissor o código de quatro letras, AGFG, reservado especificamente ao jato N-731-TA. Mais uma vez, como uma chamada telefônica qualquer, o sinal de alerta ia ser recebido exclusivamente pelo vôo número dois.

Poucos instantes após, a voz do Comandante Vernon Demerest, atendendo nos céus de Ontário, Canadá, era audível em Nova Iorque.

— Aqui Trans-América, Vôo dois, respondendo chamada direta.

— Trans-América Dois, aqui rádio de Nova Iorque. Temos mensagem importante. Avise quando estiver pronto para o ditado.

Uma breve pausa e a voz de Demerest voltou.

— Muito bem, Nova Iorque. Pode mandar.

— COMANDANTE, VÔO DOIS — começou o operador. — **E X I S T E**  
**POSSIBILIDADE SUJEITA A CONFIRMAÇÃO...**



Inez ainda estava sentada tranqüilamente no seu canto, próximo ao balcão de lanches, quando sentiu o ombro sacudido.

— Inez Guerrero! É a senhora?

Ergueu a vista. Demorou vários segundos para concentrar as idéias, que continuavam vagas e flutuantes. Percebeu um polícia à sua frente.

O homem sacudiu-a novamente e repetiu a pergunta.

Inez conseguiu acenar com a cabeça. Notou que não era o mesmo de antes. Este era branco, menos amável do que o primeiro. E falava asperamente.

— Vamos com este corpo, moça!

O guarda apertou-lhe o ombro de um modo bruto, puxando-a energicamente da cadeira.

— Tá me ouvindo? Agora vamos! Estão gritando pela senhora lá em cima. Botaram todos os guardas desse troço à sua procura.

Dez minutos mais tarde, no gabinete de Mel, Inez era alvo de todas as atenções. Ocupava uma cadeira no meio da sala, para onde tinha sido conduzida ao chegar. O Tenente Ordway estava à sua frente. O policial que a escoltara já fora embora.

Os outros que se encontravam lá antes — Mel, Tânia, o Inspetor Standish, Bunnie Vorobioff, o A. T. S. da Trans-América, e o Comandante Kettering, espalhavam-se pelo gabinete. Todos haviam permanecido a pedido de Mel.

— Mrs. Guerrero — perguntou Ned, — porque o seu marido viaja para Roma?

Inez respondeu ao seu olhar com uma expressão desolada e continuou em silêncio. A voz do tenente ficou mais forte, embora sempre delicada.

— Mrs. Guerrero, por favor, escute o que eu lhe digo. Preciso perguntar-lhe uma série de coisas importantes. É a respeito de seu marido. A senhora tem de nos ajudar. Está entendendo?

— Eu... não muito bem.

— Não é necessário que a senhora entenda muito bem. Há tempo para isso. Quero apenas que responda às perguntas. Por favor.

— Tenente, não percamos tempo — interveio inquieto o A. T. S. — O avião afasta-se a quase mil quilômetros por hora. Se não há outro remédio, use a força.

— Deixe por minha conta, Mr. Weatherby — replicou Ordway com veemência. — Se todo o mundo começa a gritar, vai-se perder ainda mais tempo e com piores resultados. O A. T. S. continuou impaciente, mas ficou calado.

— Inez — disse Ordway. — ... posso chamá-la assim?

Sacudiu afirmativamente a cabeça.

— Inez, posso fazer-lhe as perguntas?

— Sim... o que eu souber, respondo.

— Porque é que o seu marido foi para Roma?

Tinha de esforçar-se para falar. O que saía era pouco mais que um murmúrio.

— Não sei.

— Têm algum amigo ou parentes lá?

— Não... Em Milão mora um primo afastado. Mas nunca vimos ele.

O seu esposo se corresponde com esse primo?

— Não.

— Sabe de algum motivo que o levasse a visitá-lo — repentinamente?

— Não, nenhum.

Tânia interrompeu:

— De qualquer modo, tenente, se alguém quer ir a Milão não usa o vôo de Roma. Toma o da Alitália, que é direto e custa menos — e

também sai hoje à noite.

Ordway concordou com um aceno.

— Podemos descartar o primo, portanto. — Dirigiu-se de novo a Inez: — O seu marido tem negócios na Itália?

Sacudiu negativamente a cabeça.

— Qual é a atividade dele?

— Ele é... era... construtor.

— Que espécie de construtor?

Aos poucos, mas com firmeza, Inez recobrava noção da realidade.

— De edifícios, casas, projetos.

— Disse que "era". Porque não é mais?

— Não teve... sorte.

— Monetariamente?

— Sim, mas... porque pergunta?

— Acredite em mim, Inez, por favor — rogou Ordway. — Tenho bons motivos. E dizem respeito à segurança de seu marido, além de outras pessoas. Aceita a minha palavra?

Ela ergueu o rosto e fitou-o nos olhos.

— Está bem.

— O seu esposo atravessa atualmente algum aperto econômico?

Houve uma hesitação momentânea.

— Sim.

— Grave?

Inez confirmou lentamente com a cabeça.

— Está falido? Tem dívidas?

Novo murmúrio.

— Tem.

— Então como conseguiu o dinheiro da passagem para Roma?

— Acho que...

Ia começar a explicar sobre o anel que D. O. tinha empenhado, mas lembrou-se do contrato de crediário com a Trans-América. Retirou da bolsa a folha amarela, toda amassada, e entregou-a a Ordway, que a examinou rapidamente.

O A. T. S. aproximou-se também para ver.

— Foi emitida com o nome de "Buerrero" — disse Weatherby. — Mas a assinatura é quase ilegível.

— Buerrero é o nome que constava antes na lista de passageiros — lembrou Tânia.

Ned Ordway sacudiu a cabeça.

— Agora não tem importância, mas é um truque conhecido quando alguém tem péssimas referências em crediários. Trocam a inicial para os antecedentes não aparecerem num levantamento — principalmente feito às pressas. Depois, se alguém percebe o erro, pode-se lançar a culpa em quem preencheu a inscrição.

Ordway virou-se bruscamente para Inez. Continuava com a via amarela na mão.

— Por que concordou com isso se sabia que o seu marido estava praticando uma fraude?

— Eu ignorava — protestou.

— Então como é que tem este papel em seu poder?

Entremeado de hesitações, contou como havia encontrado aquilo no início da noite, e a sua corrida ao aeroporto para impedir que Guerrero partisse.

— Quer dizer que descobriu somente hoje à noite que ele ia embarcar?

— Sim, senhor.

— Não tinha a menor idéia de que pretendia viajar?

Inez sacudiu a cabeça.

— E agora, não lhe ocorre nenhum motivo?

Ficou perplexa. — Não.

— Nunca se comportou de maneira esquisita? Ela hesitou.

— Então — insistiu Ordway, — como é?

— Às vezes, ultimamente...

— *Fez coisas estranhas?*

Um sussurro.

— Fez.

— Violentas?

Relutante, confirmou.

— Hoje ele carregava uma maleta — disse Ordway calmamente. — Dessas para transportar documentos. Parecia ter um cuidado especial com ela. Tem alguma idéia do que poderia conter?

— Não, nenhuma.

— Inez, você disse que o seu marido era construtor — construtor de prédios. Costumava lidar com explosivos?

A pergunta, formulada sem preâmbulos e de forma tão natural, passou quase despercebida. Ao compreenderem, porém, a sua importância, uma corrente elétrica cruzou a sala.

— Oh, sim — afirmou. — Frequentemente.

Ordway observou uma pausa antes de continuar.

— E ele conhece bem o assunto?

— Creio que sim. Gostava muito de lidar com dinamite. Mas...

Interrompeu-se abruptamente.

— Mas, o que, Inez?

De repente havia um nervosismo inédito em sua voz.

— Mas... sempre foi muito cuidadoso. — O seu olhar perambulou pela sala. — Por favor... de que se trata?

— Você tem uma idéia — disse Ordway baixinho, — não tem, Inez?

Como não respondesse, perguntou num tom quase displicente:

— Onde é que vocês moram?

Forneceu o endereço do apartamento da zona sul e o tenente anotou.

— Foi lá que o seu marido passou a tarde e o início da noite?

Completamente apavorada, acenou afirmativamente.

Ordway voltou-se para Tânia. Sem erguer a voz, pediu:

— Por favor, ligue com a sede da delegacia no centro da cidade, para esta extensão — rabiscou o número num bloco. — Peça-lhes para esperar.

Tânia dirigiu-se rapidamente à escrivaninha de Mel.

— Ele guardava explosivos no apartamento? — perguntou a Inez. Como hesitasse, empregou uma violência inesperada: — Você até agora disse a verdade. Não comece a mentir! Guardava?

— Sim.

— Que espécie de explosivos?

— Um pouco de dinamite... cartuchos... Eram sobras.

— Do seu trabalho como construtor?

— É.

— Alguma vez fez alguma referência? Explicou por que os guardara?

Inez sacudiu a cabeça.

— Dizia apenas que... sabendo lidar... não eram perigosos.

— Onde é que estavam?

— Numa gaveta.

— Em que lugar?

— No quarto.

Uma expressão súbita de assombro passou-lhe pelo rosto. Ordway percebeu imediatamente.

— Você se lembrou de alguma coisa! O que é?

— Nada!

Havia pânico nos olhos e na voz.

— Lembrou, sim!

Ned Ordway curvou-se para a frente, muito próximo, de jeito agressivo. Pela segunda vez abandonava a sua delicadeza naquele gabinete. Transformou-se no policial duro e impiedoso que precisa de uma informação e não poupa nenhuma crueldade para obtê-la.

— Não tente ocultar ou mentir! — gritou. — É inútil. Diga-me o que foi.

Inez choramingava.

— Pare com isso! Conte!

— Hoje à noite... não havia pensado antes... as coisas...

— A dinamite e os cartuchos?

— Sim.

— Não perca tempo! Diga logo!

Inez murmurou:

— Tinham desaparecido!

— A sua chamada, tenente — disse Tânia calmamente. — Estão esperando.

Todos estavam calados.

Ordway demonstrou que ouvira, mantendo os olhos presos em Inez.

— Sabia que há algumas horas, antes da partida do avião, o seu marido fez um seguro muito alto — altíssimo, de fato — nomeando-a como beneficiária?

— Não, senhor. Juro como não sabia de nada...

— Acredito — disse Ordway.

Ponderou um pouco. Quando falou de novo, a sua voz rangia asperamente.

— Inez Guerrero, ouça bem o que lhe vou dizer. Temos razão para crer que o seu marido carrega consigo esses explosivos. Achamos que os levou para o vôo de Roma. A única explicação plausível para tê-los a bordo é que pretende destruir o avião, morrendo junto com todo mundo. Agora" só tenho mais uma pergunta a lhe fazer. Antes de responder, pense bem, e lembre-se de toda essa gente — pessoas inocentes, inclusive crianças — que também corre perigo. Será que ele... em troca do dinheiro do seguro... por você... faria o que eu acabo de dizer?

O rosto de Inez Guerrero estava banhado em lágrimas. Parecia à beira de um colapso. Mas encontrou forças para confirmar lentamente.

— Sim. — Tinha a voz embargada. — Acho que faria Ned Ordway virou as costas, apanhou o telefone das mãos de Tânia e começou a falar depressa e baixinho. Dava informações, intercaladas com inúmeros pedidos.

Durante uma pausa, voltou-se para Inez Guerrero.

— O apartamento vai ser revistado. Se for necessário, conseguiremos um mandado. Seria mais fácil com a sua autorização. Está de acordo?

Inez concordou apaticamente.

— Tudo em ordem — disse Ordway ao telefone, — ela autoriza.

E após uns dois minutos a mais, desligou.



- Se houver provas, encontraremos — participou ao A. T. S. e Mel.
- Fora disso, de momento, não se pode fazer grande coisa.
- Não se pode, mesmo — afirmou Weatherby sombriamente. — Só rezar.

Com a fisionomia lívida e abatida, começou a redigir outra mensagem ao *Caravela de Ouro*.

OS 'HORS D'OEUVRES" quentes, pedidos pelo Comandante Vernon Demerest, tinham sido servidos. A apetitosa variedade, trazida por uma das comissárias da primeira classe, desaparecia rapidamente. Demerest soltou um suspiro de prazer ao morder um naco de pastelzinho de lagosta com cogumelo, guarnecido com queijo parmesão.

Como de costume, as aeromoças prosseguiam a campanha para engordar o esquelético Cy Jordan. Às escondidas, passavam-lhe *hors d'oeuvres* extras, num prato separado, pelas costas dos dois comandantes. Agora, enquanto Jordan lidava com válvulas de suprimento de combustível, tinha a boca cheia de fígado de galinha enrolado em *bacon*.

Dentro em breve, os três aviadores, distendendo-se sucessivamente na cabine em penumbra, receberiam a mesma saborosa entrada e sobremesa que a linha aérea fornecia aos passageiros de primeira classe. As únicas coisas do cardápio a que a tripulação não possuía acesso eram o vinho de mesa e o champanha.

A Trans-América, como a maioria das empresas de aviação, não poupava esforços para proporcionar uma excelente cozinha a bordo. Havia quem alegasse que seria preferível que — mesmo as internacionais — se preocupassem exclusivamente com o transporte, estabelecendo um padrão médio de serviço, dispensando frivolidades e reduzindo a qualidade das refeições a um simples lanche. Outros, no entanto, fartos precisamente do nível de penúria a que ficaram rebaixados os processos de viagem modernos, acolhiam com prazer o toque de requinte e elegância suprido pelos aviões. Era muito raro receberem queixas da comida. A maior parte dos passageiros — em classe de luxo ou econômica — saudava a sua aparição como um divertimento e consumia tudo com enorme

apetite.

Vernon Demerest, procurando com a língua as últimas partículas suculentas da lagosta, estava ocupado com o mesmo tipo de raciocínio. Nesse instante a campainha de comunicações diretas ressoou fortemente dentro da cabine e o painel de transmissões acendeu o sinal luminoso.

Anson Harris arqueou as sobrancelhas. Qualquer chamada por aquele meio constituía um fato fora do normal. Duas, em menos de uma hora, era simplesmente excepcional.

— Precisamos conseguir um número fora da lista — sugeriu Cy Jordan no assento de trás.

Demerest estendeu a mão para mudar os transmissores. — Eu atendo.

Após a identificação mútua entre o vôo número dois e o rádio da companhia em Nova Iorque, Vernon Demerest começou a escrever num bloco à luz de uma lâmpada encoberta. A mensagem vinha do A. T. S. do Aeroporto Internacional Lincoln e começava: "Existe possibilidade sujeita à confirmação ... " À proporção que recebia o texto, as suas feições ficavam tensas naquela tênue claridade. No final acusou o recebimento rapidamente e desligou sem comentários.

Passou o bloco a Anson Harris, que leu, inclinando-se para uma lâmpada a seu lado. Harris soltou um pequeno assobio e entregou-a a Cy Jordan por cima do ombro.

A mensagem direta terminava com a frase: "Sugerimos regresso ou aterragem, a critério do comandante."

Como ambos sabiam, havia uma questão hierárquica a ser decidida. Embora Anson Harris estivesse pilotando essa noite na capacidade de comandante, enquanto Demerest executava as funções de piloto, este último — como fiscal do vôo — possuía a autoridade para se sobrepor, caso optasse por essa alternativa.

Agora, em resposta ao olhar interrogativo de Harris, Demerest

perguntou bruscamente:

— Você está na direção. Que estamos esperando?

Harris pensou um instante e depois disse:

— Vamos voltar, mas descrevendo uma curva muito lenta e ampla. Desse modo os passageiros não perceberão. Depois pediremos para Gwen Meighen localizar esse camarada que está preocupando o pessoal. Porque uma coisa é certa: se um de nós aparecer na cabine, vamos levantar a lebre. — Deu de ombros. — A partir daí, acho que teremos de resolver por nossa conta e risco.

— Está bem — concordou Demerest. — Você se encarrega do retorno. Deixe a situação do camarada que eu resolvo.

Calcou o botão de chamada das comissárias, tocando três vezes. Era o sinal convencionado para Gwen.

Numa frequência que vinha usando antes, Anson Harris chamou o controle de rotas aéreas.

— Aqui Trans-América Dois — anunciou laconicamente. — Surgiu um problema. Solicitamos rota para voltar a Lincoln, e vector de radar desde a nossa posição atual até o ponto de partida.

O raciocínio rápido de Harris já havia desistido de pousar em outro aeroporto mais próximo. Ottawa, Toronto e Detroit, conforme tinham sido informados no início, encontravam-se interditados devido à tempestade. Além disso, para se ocupar com o sujeito problemático da classe turista, a tripulação precisava de tempo. O regresso ao Lincoln proporcionaria a oportunidade necessária.

Estava certo de que Demerest chegara à mesma conclusão.

Do centro de rotas aéreas de Toronto, a mais de nove quilômetros de distância, lá embaixo, respondeu a voz de um operador:

— Trans-América Dois, recebido. — Uma curta pausa, e depois: — Pode começar agora uma curva à esquerda a duzentos e setenta graus. Aguarde aviso para a mudança de altitude.

— Recebido, Toronto. Vamos começar a curva. Preferíamos fazê-la

bem aberta e gradativa.

— Trans-América Dois: curva ampla aprovada.

O diálogo foi proferido num tom contido, como em geral acontece. Tanto no ar como em terra, havia um tácito reconhecimento mútuo de que se lucra mais com calma e pouco com dramatismo e nervos. Pela própria índole do pedido, o controlador em Toronto percebeu imediatamente a existência de uma emergência — real ou iminente. Nenhum transporte a jato, cruzando àquela altitude, muda repentinamente de curso sem um motivo imperioso. O operador, porém, sabia que teria de aguardar a declaração oficial do comandante, comunicando a causa. Até lá, não lhe era permitido desperdiçar o tempo da tripulação — certamente ocupada com algum contratempo urgente — com perguntas inoportunas.

Qualquer auxílio solicitado, entretanto, seria prestado sem discussões, com a maior presteza possível.

Agora mesmo, em terra, as rodas do sistema de controle começavam a girar. No Centro de Rotas Aéreas de Toronto, situado num belo prédio moderno, construído a cerca de uns vinte quilômetros fora da periferia da cidade, o operador que recebeu a transmissão do *Caravela de Ouro* havia chamado um supervisor. Este entrou em contato com outros setores, abrindo caminho para o vôo número dois, além de altitudes imediatamente inferiores — por precaução. O Centro de Cleveland, que antes transferira o jato para o de Toronto e nesse instante o recebia de volta, também ficou prevenido. O de Chicago, que seria o percurso seguinte, estava sendo notificado.

Na cabine de comando do avião, chegou uma nova mensagem do controle de rotas aéreas.

— Comecem a descer até ao nível dois oito zero. Nível atual: três três zero.

Anson Harris acusou o recebimento:

— Centro de Toronto, aqui Trans-América Dois. Começamos a descida.

Seguindo as instruções de Harris, o copiloto comunicava pelo rádio ao chefe das transmissões da companhia, a decisão do regresso.

A porta da cabine se abriu e Gwen Meighen entrou.

— Olhem — foi logo dizendo, — se é para pedir mais *hors d'oeuvres*, sinto muito, mas não pode ser. Caso não tenham notado, temos alguns passageiros a bordo.

— Depois eu me ocuparei dessa insubordinação — disse Demerest.  
— Por enquanto — imitou o sotaque inglês de Gwen — precisamos resolver um pequeno problema.

À primeira vista, a atmosfera da cabine continuava a mesma até o recebimento da mensagem do A. T. S. de Lincoln. Contudo, sutilmente, a descontração que pairava anteriormente no ambiente não mais existia. A despeito de sua estudada compostura, os três tripulantes adotaram uma atitude profissional e atenta, aguçando os sentidos ao máximo, e procurando atingir uma perfeita coordenação de movimentos. É para conseguir momentos desse calibre, de uma maneira receptiva e rápida, que os anos de treinamento e experiência pavimentam a longa estrada que conduz aos postos de comando. O ato de pilotar um avião não constitui nenhuma façanha de envergadura. Os elevados salários pagos aos aviadores comerciais recompensam mais as suas reservas de expedientes, habilidade de vôo e recursos de aviação em geral. Demerest, Harris e — num grau menor — Cy Jordan, convocavam agora essas reservas. A situação a bordo do *Caravela de Ouro* ainda não era crucial. Com um pouco de sorte, talvez não chegasse a tanto. Mas se surgisse alguma crise, estavam preparados.

— Quero que você me localize um passageiro — disse Demerest. — Ele não pode desconfiar que está sendo procurado. A descrição é essa aqui. É melhor que leia tudo.

Entregou-lhe o bloco com a mensagem. Ela aproximou-se, levantando-o à luz da lâmpada ao lado de Vernon.

A uma pequena oscilação do vôo, sua mão roçou no ombro dele. Demerest sentiu a proximidade e o perfume levemente familiar.

Olhando **de** lado, podia ver o perfil de Gwen na penumbra. Tinha uma expressão séria enquanto lia. Porém não registrava assombro nenhum. Lembrou-se de como admirara, no início da noite, a sua força de caráter, que não implicava na menor diminuição de sua feminilidade. Pelo espaço rápido e fugaz de um segundo, recordou as duas vezes em que ela tinha dito que o amava. Em ambas ocasiões se perguntara: sentira realmente amor alguma vez em sua vida? Quando se mantém um rígido controle das emoções, é difícil saber. Contudo, nesse momento, o instinto lhe segredava que a emoção que Gwen lhe provocava era a coisa mais parecida que jamais experimentaria.

Ela leu a mensagem pela segunda vez, mais devagar.

Demerest foi tomado por uma súbita raiva diante da nova circunstância que conspirava para transtornar-lhes os planos para Nápoles. Mas refreou-a logo. A situação só permitia uma atitude de frio profissionalismo. Aliás, o incidente ia provocar um mero adiamento, talvez umas vinte e quatro horas após a chegada a Lincoln. A viagem, porém, seria realizada. Não lhe ocorreu que a ameaça da bomba pudesse demorar a ser suprimida ou oferecesse maior resistência do que outras ocorrências anormais a bordo.

A seu lado, Anson Harris mantinha o avião na sua curva suave, com um mínimo de inclinação. A manobra transcorria perfeitamente, executada com precisão, tal como demonstravam os ponteiros dos instrumentos de direção. Era o antepassado de todos os instrumentos de vôo da aviação, ainda em uso nos jatos modernos, tal como nos tempos do *Espírito de St. Louis* de Lindbergh e modelos anteriores.

O ponteiro estava inclinado, com a bolinha bem no centro. Porém só a bússola e o giroscópio traíam a extensão da curva: o *Caravela de Ouro* aproximava-se de cento e oitenta graus de curso. Harris tinha declarado que os passageiros não iriam perceber a mudança na rota. Era verdade — a menos que alguém resolvesse espiar lá fora, pela janela, e fosse conhecedor da posição das estrelas e da lua em relação às rotas leste e oeste. Então notaria. Mas era um risco

inevitável. Felizmente, com a terra encoberta pelas nuvens, tornava-se impossível enxergar e identificar as cidades. Agora Harris também diminuía a altitude, abaixando ligeiramente o nariz do avião, com os manetes puxados ao mínimo, de maneira a evitar que o som dos motores alterasse muito durante o vôo. Harris concentrava-se, pilotando com a precisão de um manual, e ignorando a presença de Gwen e Demerest.

Gwen devolveu o bloco.

— Quero que você volte — instruiu Vernon — e localize esse sujeito. Verifique onde está a maleta e se encontra uma oportunidade de apanhá-la. Você compreende, nenhum de nós pode ir lá — ao menos por enquanto — senão ele se assusta.

— Compreendo perfeitamente — disse ela. — Mas não há necessidade de procurá-lo.

— Por quê?

— Já sei onde ele está sentado — respondeu tranqüilamente. Na poltrona quatorze-A.

Vernon Demerest olhou-a fixamente.

— Acho que não preciso ressaltar a gravidade do caso.

Se tiver qualquer dúvida, volte para se certificar.

— Não tenho dúvida nenhuma.

E então explicou. Há questão de meia hora, depois de servir o jantar na primeira classe, dirigira-se à parte traseira do avião, para ajudar as colegas. Um dos passageiros — sentado ao lado de uma janela à esquerda — estava cochilando. Quando Gwen falou com ele, despertou imediatamente. Como mantinha uma maleta no colo, sugeriu guardá-la consigo ou colocá-la no chão, para instalar a bandeja. O homem se recusou. Continuou com ela no mesmo lugar, e o seu jeito de segurá-la, como se estivesse algo importante, chamou-lhe a atenção. Mais tarde, em vez de permitir que abaixasse a mesinha portátil do espaldar do assento fronteiro, usou-a, sempre



no colo, para apoiar a travessa do jantar. Habituada às excentricidades dos passageiros, não pensou mais no caso, mas recordava-se perfeitamente do tipo. A descrição da mensagem assentava-lhe como uma luva.

— Outro motivo para me lembrar é que está sentado ao lado da velha clandestina.

— Numa poltrona de janela, você disse?

— Sim.

— Isso torna mais difícil aproximar-se para tirar a maleta.

Demerest recordava-se de um trecho da mensagem do A. T. S. : SE AS SUPOSIÇÕES ESTIVEREM CERTAS, É PROVÁVEL QUE O GATILHO DOS EXPLOSIVOS

ENCONTRE-SE NA PARTE EXTERNA DA MALETA. NUM LUGAR DE FÁCIL ALCANCE. POR ISSO

USE MEXTR E M A CAUTELA AO TENTAR TÔM Á LA A FORÇA. Gwen também pensava na mesma advertência.

Pela primeira vez, uma sensação, não de medo mas dúvida, invadia o seu raciocínio. O medo podia surgir mais tarde. Mas por enquanto não. Seria *possível* que a ameaça provocada por essa bomba pudesse constituir uma realidade?

Vernon Demerest costumava pensar e discutir esse tipo de situação freqüentemente. Porém jamais lhe ocorrera hipótese semelhante.

Anson Harris completou a curva com a mesma suavidade com que a iniciara. Agora regressavam pela mesma rota.

A campainha das chamadas diretas tocou outra vez. Demerest fez sinal para Cy Jordan, que mudou de rádio e atendeu, começando a copiar a mensagem.

Anson Harris falou outra vez com o Centro de Rotas Aéreas de Toronto.

— Será que não existe uma possibilidade — perguntou Vernon para

Gwen — de remover os outros dois passageiros do lado de Guerrero? Assim ele ficaria sozinho, isolado naquele conjunto de três assentos. E um de nós talvez pudesse chegar por trás, curvar-se e apanhar a maleta.

— Ele desconfiaria — afirmou Gwen peremptoriamente. — Tenho certeza. Está muito nervoso. No momento em que tirássemos os outros dali, sob qualquer pretexto, ia achar estranho e passaria a ficar atento.

O copiloto entregou a mensagem direta que copiara. Vinha do A. T. S. do Lincoln. Usando a mesma lâmpada. Gwen e Demerest leram juntos o texto.

NOVA INFORMAÇÃO INDICA QUE A POSSIBILIDADE ANTERIOR DO PASSAGEIRO GUERRERO POSSUIR DISPOSITIVO EXPLOSIVO

ESTÁ PRATICAMENTE CONFIRMADA REPETIMOS PRATICAMENTE CONFIRMADA CONSTA QUE É DESEQUILIBRADO MENTAL,

EM SITUAÇÃO DE ESPERANÇA. REPETIMOS ADVERTÊNCIA PARA APROXIMAR-SE COM EXTREMA CAUTELA. BOA SORTE.

— Gostei da última frase — disse Cy Jordan. — Sujeito simpático, desejar uma coisa dessas.

— Cale essa boca! — disse Demerest bruscamente.

Durante vários segundos só se ouviram os sons rotineiros na cabine.

— Se houvesse um meio... — começou Demerest devagar — para convencê-lo a entregar a maleta. Bastava um instante nas nossas mãos, e pronto... agindo rápido, dois segundos seriam suficientes.

— Não quis nem largá-la no chão... — lembrou

— Eu sei! Eu sei! Só estava pensando em voz alta. — Calou-se um instante. — Vamos recapitular. Há dois passageiros entre Guerrero e o corredor. Um deles...

— Um deles é um homem, sentado na ponta. No centro está a velha, Mrs. Quonsett. Depois vem Guerrero.

— Então a velhinha está ao seu lado — perto da maleta.

— Sim, mas e daí? Mesmo se lhe contássemos, não vejo como...

— Você chegou a dizer alguma coisa a ela? — perguntou Demerest subitamente. — Por acaso sabe que foi descoberta?

— Não. O senhor pediu para não dizer.

— Só queria ter certeza.

Ficaram quietos novamente. Demerest concentrava-se, pensando, verificando as possibilidades.

— Tenho uma idéia — disse afinal, circunspecto. — Pode não dar certo, mas de momento é a única. Agora ouçam, vou explicar exatamente como devemos proceder.

Na classe turista do vôo número dois, quase todos os passageiros tinham acabado de jantar. As comissárias recolhiam as bandejas rapidamente. O serviço de refeições transcorreu com maior brevidade do que de costume. Um dos motivos prendia-se ao adiamento da partida: algumas pessoas comeram no próprio aeroporto e agora, devido à hora tardia, limitavam-se a recusar ou apenas beliscar o que era servido.

No conjunto de três poltronas onde Mrs. Ada Quonsett continuava a conversar animadamente com o seu novo amigo, o oboísta, uma das aeromoças da classe turista — uma lourinha trêfega — perguntou:

— Posso levar as bandejas?

— Pode sim, senhorita — respondeu o músico.

Mrs. Quonsett sorriu afetuosamente.

— Obrigada, queridinha. Pode levar a minha. Estava ótimo.

O sujeito inflexível à esquerda entregou a sua sem comentário.

Foi então que a velhinha de São Diego reparou na outra comissária,

parada no corredor.

Mrs. Quonsett já havia observado a moça várias vezes. Parecia encarregada de controlar o serviço. Morena, de cabelos muito negros, possuía um rosto bonito, bem delineado, e uns olhos intensamente escuros que naquele momento encaravam, fixos e calmos, a própria Ada Quonsett.

— Desculpe, minha senhora. Podia mostrar-me a sua passagem?

— Minha passagem? Naturalmente.

Fingiu surpresa, porém adivinhou logo a intenção do pedido. Evidentemente desconfiavam ou tinham descoberto a sua condição de clandestina. Mas não costumava desistir facilmente. E já pensava no que ia dizer. O problema era saber até que ponto essa moça suspeitava?

Abriu a bolsa e fez de conta que procurava no meio dos papéis.

— Estava aqui, meu bem. Devo ter metido em algum canto. — Ergueu o rosto com uma expressão inocente. Isto é, a não ser que o rapaz do portão ficasse com ela quando entrei a bordo do avião. Talvez tivesse guardado, sem eu perceber.

— Não — disse Gwen Meighen — ele não faria isso. Se é uma passagem de ida e volta, a senhora teria o talão de retorno. E sendo só de ida, ficaria com o canhoto e o invólucro de embarque.

— Olhe, de fato parece estranho...

Mrs. Quonsett continuou a remexer o conteúdo da bolsa.

— Quer que eu procure? — perguntou Gwen friamente.

Desde o início do diálogo, não demonstrava nenhum indício da costumeira cordialidade.

— Se a passagem estiver aí dentro — acrescentou, — eu encontro. Se não estiver, irá poupar o nosso tempo.

— Absolutamente — protestou Mrs. Quonsett indignada. Mas logo mudou de tom: — Compreendo que você está agindo com a melhor

das intenções, meu bem, mas acontece que guardo papéis confidenciais aqui dentro. Sendo inglesa, na certa respeita a intimidade alheia. Você é inglesa, não?

— Não vem ao caso. Neste momento o que interessa é a sua passagem. Isto é, se a senhora tiver uma.

Gwen falava alto e a sua voz podia ser ouvida a vários metros. Outros passageiros já viravam as cabeças naquela direção.

Ah, mas eu tenho uma passagem. O problema é encontrar onde botei. — Sorriu cativante. — Quanto ao fato de ser inglesa, tive certeza no momento em que começou a falar. A maioria das pessoas do seu país — inclusive você, meu bem — tornam o som do nosso idioma uma delícia. É uma verdadeira lástima que pouquíssimos americanos sigam o exemplo. O meu falecido esposo sempre dizia...

— Não estou interessada no que ele dizia. Onde está a passagem?

Para Gwen não era fácil comportar-se de modo tão rude e desagradável. Numa situação normal, teria usado de firmeza com a velhinha, porém dentro dos limites da boa educação. Por outro lado, sentia relutância em bancar a prepotente com uma pessoa que tinha mais do dobro de sua idade. Mas Vernon, antes de sair da cabine de comando, fora explícito em suas instruções.

Mrs. Quonsett pareceu um pouco chocada.

— Sou muito paciente, mocinha. Porém, assim que encontrar a passagem, não tenha dúvida que ouvirá a minha opinião sobre a sua atitude...

— É mesmo, Mrs. Quonsett?

Gwen notou o sobressalto causado pelo uso do nome. Pela primeira vez a velhinha revelava esmorecimento por trás da máscara imperturbável.

— A senhora chama-se Ada Quonsett, não é? — insistiu.

A anciã tocou a ponta dos lábios com um lençinho de rendas e soltou um suspiro.

— Já que você sabe, acho inútil negar.

— De fato, pois estamos informados a seu respeito. A senhora possui uma ficha respeitável, Mrs. Quonsett.

Agora, mais do que nunca, uma série de passageiros acompanhava a conversa. Alguns chegavam ao extremo de levantar de seus lugares para seguir mais de perto. Mostravam-se solidários com a velhinha, desaprovando a conduta de Gwen. O oboísta, que palestrava com Mrs. Quonsett antes de Gwen aparecer, remexia-se incômodo no assento.

— Se houver alguma dúvida, quem sabe posso ajudar...

— Não há dúvida nenhuma — respondeu Gwen. — Essa senhora viaja em sua companhia?

— Não.

— Então o senhor não precisa se preocupar.

Até essa altura, Gwen evitou olhar diretamente para o lado da janela, onde Guerrero estava sentado. Ele também não olhou na sua direção, embora estivesse certa, pela inclinação da cabeça, que escutava atentamente tudo que se dizia. Com a mesma discrição, notou que a mala permanecia segura no colo. Só de imaginar o que continha, sentiu um medo repentino, gélido. Começou a tremer, com a premonição de qualquer coisa de horrível. Quis correr, voltar à cabine de comando e pedir a Vernon para tratar pessoalmente do problema. Porém controlou-se, e o momento de fraqueza passou.

— Eu disse e repito que estamos informados a seu respeito — assegurou a Mrs. Quonsett. — A senhora foi apanhada em flagrante como clandestina muitas horas antes da nossa partida, num dos vôos da mesma companhia, procedente de Los Angeles. Permaneceu sob custódia e conseguiu escapar. Depois, com mentiras, entrou a bordo deste avião.

— Já que sabe ou acha que sabe tanta coisa assim — retrucou vivamente a velhinha de São Diego — não vale a pena discutir.

Muito bem, decidiu. Agora era inútil preocupar-se. Afinal de contas, esperava ser descoberta. E felizmente tivera tempo de saborear a aventura e um ótimo jantar. Aliás, que importância tinha? Como a própria sirigaita ruiva do aeroporto Lincoln admitia, as linhas aéreas jamais processam os passageiros clandestinos.

Entretanto estava curiosa para saber o que ia acontecer.

— O avião vai voltar.

— A senhora não é tão importante assim. Quando chegarmos à Itália, será entregue às autoridades.

Vernon Demerest preveniu-a para fazer crer que o vôo continuava a caminho de Roma e jamais admitir que tivessem mudado de rota, estando em pleno retorno. Convenceu-a também a mostrar-se enérgica com a velha, embora isso a desagradasse. Mas era necessário para causar um efeito sobre Guerrero, antes de dar o próximo passo, previsto por Demerest.

Embora Guerrero de nada soubesse — e se tudo decorresse bem, só perceberia quando fosse tarde demais — a representação da cena destinava-se exclusivamente a ele.

— A senhora queira me acompanhar — pediu Gwen a Mrs. Quonsett. — O comandante recebeu um aviso por sua causa e precisa fazer um relatório. Antes, porém, ele quer falar com a senhora. Quer deixá-la passar, por favor? — pediu ao oboísta.

Pela primeira vez a velha parecia nervosa.

— O comandante quer falar comigo? — Quer. E não gosta de esperar.

Hesitante, Mrs. Quonsett soltou a fivela do cinto de segurança. Enquanto o vizinho, com cara de tristeza, levantava-se para permitir a passagem, ganhou o corredor com um passo incerto. Tomando-lhe a mão, Gwen conduziu-a para a frente, consciente dos olhares hostis que lhe eram dirigidos de todos os lados.

Resistiu ao impulso de virar-se para ver se o homem da maleta

também a observava.

— Sou o Comandante Demerest — apresentou-se Vernon. — Entre, por favor, o mais próximo possível. Gwen, feche a porta. Vamos ver se dá lugar para todos. — Sorriu para Mrs. Quonsett. — Lamento muito, mas os projetos dos aviões não prevêem espaço na cabine de comando para receber visitas.

A velha de São Diego espremeu os olhos para vê-lo melhor. Depois da profusa iluminação do setor de passageiros, de onde acabava de sair, não se habituava à penumbra da carlinga. Apenas discernia sombras e vultos, sentados e cercados por dezenas de mostradores de luz vermelha. A voz, no entanto, não podia ser mais cordial. O efeito e o tom eram muito diferentes do que se preparara para enfrentar.

Cy Jordan levantou os braços de um assento vazio por trás de Anson Harris. Gwen acomodou — docemente, em contraste com a sua conduta de minutos antes — a velha na poltrona.

Ainda não havia turbulência na atmosfera, facilitando os movimentos. Embora o avião perdesse altitude, continuavam muito acima da tempestade, e mesmo com uma velocidade de quase mil quilômetros horários, o equilíbrio era perfeito, como se estivessem navegando num mar calmo, sem ondas.

— Mrs. Quonsett — começou Vernon Demerest, — rogo-lhe que esqueça tudo o que acaba de acontecer com a senhora. Não foi esse o motivo pelo qual chamei a senhora. — Virou-se para Gwen: — Foi muito estúpida com ela?

— Receio que sim.

— Miss Meighen executava as minhas ordens. Disse-lhe para proceder exatamente assim. Sabíamos que uma determinada pessoa estava assistindo e escutando. Precisava ter um ar autêntico, fornecendo uma justificação plausível para trazê-la à minha presença.

Ada Quonsett começava a enxergar melhor a grande silhueta escura



que lhe falava do assento direito de comando. Parecia-lhe que tinha uma fisionomia bondosa, apesar da falta de claridade. Só que, naturalmente, não possuía a menor noção do que estava dizendo. Olhou em torno. Era tudo muito interessante. Nunca estivera numa cabine de vôo. Havia menos espaço do que imaginara — e tudo apertado. Também fazia calor. Os três homens que agora distinguia melhor, não usavam paletó. Precisava contar esse pormenor à filha — quando conseguisse chegar a Nova Iorque.

— Vovó — perguntou o que se tinha apresentado como comandante, — a senhora se assusta com facilidade?

A pergunta pareceu-lhe esquisita, e refletiu antes de dar a resposta.

— Acho que não. Posso ficar nervosa, mas menos do que antigamente. Quando a gente fica velha, já passou por quase tudo.

Os olhos do comandante demoraram-se no seu rosto.

— Decidi revelar-lhe um segredo, pois o seu auxílio é indispensável. Não dispomos de muito tempo, por isso serei breve. Creio que deve ter reparado no homem que está sentado ao seu lado, lá na cabine — ao lado da janela.

— O magricela, de bigodinho?

— Sim — disse Gwen. — Ele mesmo. Mrs. Quonsett assentiu.

— Ele é esquisito. Não fala com ninguém, e leva uma maleta da qual não se separa por nada. Acho que está preocupado com alguma coisa.

— Nós também estamos — disse Vernon Demerest tranqüilamente. — Temos razão para acreditar que há uma bomba dentro da maleta. E queremos arrancá-la das mãos dele. É para isso que preciso de sua ajuda.

Um dos aspectos surpreendentes da sua presença ali, no meio dos pilotos, segundo Ada Quonsett, era o silêncio que reinava no ambiente. Na pausa que se seguiu ao que acabava de ouvir, escutou perfeitamente uma mensagem transmitida por um alto-falante,

perto do lugar onde estava sentada.

— Trans-América Dois, aqui Centro de Toronto. Sua posição atual é a vinte e quatro quilômetros do farol de Kleinburg. Informe o nível de vôo e suas intenções.

O homem no outro assento dianteiro, à esquerda, cujo rosto ainda não conseguia ver, respondeu.

— Toronto, aqui Trans-América Dois. Abandonando nível dois nove zero. Solicitamos descida lenta contínua até novo aviso. As intenções de voltar ao Lincoln continuam inalteradas.

— Recebido, Trans-América. Estamos abrindo o tráfego à frente de vocês. Pode prosseguir a descida.

Um terceiro avião, numa mesinha à direita, diante de uma grande quantidade de mostradores, curvou-se para o lado do que atendeu o aviso.

— Calculo a chegada dentro de uma hora e dezessete minutos. Isso se contarmos com os ventos previstos. Mas se a frente se deslocou mais rápido do que se esperava, talvez demore menos.

— *Estamos regressando, não é?*

Mrs. Quonsett mal continha o entusiasmo na voz.

Demerest confirmou.

— Mas é só a senhora quem sabe, além de nós. Por enquanto é preciso guardar sigilo. Sobretudo com Guerrero — é assim que se chama o homem da maleta — que não pode saber de maneira alguma.

Ada Quonsett pensava sofregamente: seria possível que tudo aquilo estivesse realmente lhe acontecendo? Era incrivelmente emocionante, parecia coisa de televisão. Talvez até assustasse um bocadinho, mas resolveu não perder tempo com idéias lúgubres. O principal é que estava ali, tomando parte nos acontecimentos, privando com o comandante, sendo incluída em segredos. Já imaginava a cara da filha quando lhe contasse mais tarde.

— Então, a senhora vai nos ajudar?

— Mas claro! Pelo que entendi, o senhor quer que eu tente me apoderar da maleta...

— Não! — Vernon Demerest girou ainda mais o assento, inclinándose no encosto para emprestar mais força ao que diria. — Não deve tentar nem sequer chegar perto.

— Já que não quer — concordou humildemente Mrs.

Quonsett, — muito bem.

— Não quero de maneira alguma. E lembre-se, é importante que ele nem sonhe que sabemos o que tem dentro. Agora, tal como procedi com Miss Meighen instantes atrás, vou explicar-lhe exatamente como deve agir ao regressar ao seu lugar. Por favor, escute com toda a atenção.

Ao concluir, a velhinha de São Diego permitiu-se um pequeno sorriso fugaz.

— Oh, sim. Acho que é possível.

Já abandonava a poltrona, e Gwen preparava-se para abrir a porta da cabine para saírem, quando Demerest perguntou:

— Aquele avião de Los Angeles, que a senhora tomou como clandestina — disseram que a senhora queria ir até Nova Iorque. Por quê?

Explicou que às vezes sentia-se muito só na Califórnia, e sentia saudades da filha casada.

— Vovó — prometeu Vernon Demerest — se formos bem sucedidos, dou-lhe a minha palavra como me encarregarei pessoalmente do seu caso, conseguindo-lhe uma passagem de ida e volta para Nova Iorque em primeira classe.

Mrs. Quonsett ficou tão comovida que quase chorou.

— Oh, obrigada! Muito obrigada!

Para variar, não sabia o que dizer. Que homem admirável, que

perfeito cavalheiro!

A autêntica emoção que a possuía ao sair da cabine de comando ajudou Mrs. Quonsett a atravessar o compartimento de primeira classe e depois avançar pela turista. Com Gwen Meighen a lhe apertar o braço com firmeza e a levá-la por diante, a velha enxugava os olhos com o lençinho de rendas, num desempenho lacrimoso e verossímil de profunda mágoa. Lembrou-se, quase exultando no meio do pranto, que era o seu segundo triunfo histriônico na mesma noite. O anterior, fora obtido ao se fingir de doente para o jovem agente de passagens. Peter Coakley, no recinto do aeroporto. Se estivera convincente naquela hora, porque não agora?

O fingimento foi tão real que um dos passageiros não se conteve e interpelou Gwen indignado.

— Moça, seja lá o que ela fez, pra que tanta grosseria?

Sentindo que estava ao alcance do ouvido de Guerrero, respondeu rispidamente:

— Por favor, meu senhor, não se intrometa.

Quando passaram para a classe econômica, Gwen fechou a cortina que separava as duas seções de passageiros. Isso fazia parte do plano de Vernon. Voltando o olhar para o trajeto percorrido, até à ponta do avião, podia enxergar a porta da cabine de comando entreaberta. Sabia que, por trás, Demerest aguardava, à espreita. Logo que visse a cortina corrida, viria rapidamente ocultar-se ali, observando por uma fresta que teve o cuidado de deixar no meio. Depois, no momento oportuno, se precipitaria pelo corredor.

Ao pensar no que iria suceder dentro dos próximos minutos — fosse qual fosse o desfecho — foi tomada outra vez por um pavor gélido, uma espécie de premonição. Mas dominou-se novamente. Lembrando-se das suas responsabilidades perante a tripulação e os passageiros — ignorantes do drama que se desenrolava a bordo — escoltou Mrs. Quonsett pelo resto da distância que as separavam do seu assento.

Guererro ergueu os olhos rapidamente, desviando-os em seguida. Gwen viu a pequena maleta na mesma posição: no colo, segura pelas mãos. O ocupante da poltrona do corredor — o oboísta — levantou-se à sua aproximação. Com uma expressão compassiva, colocou-se de lado para deixar a anciã passar. Discretamente. Gwen postou-se em sua frente, impedindo-o de voltar a ocupar o seu lugar. Ficaria vazio até que ela se desviasse do caminho. Os seus olhos perceberam uma leve oscilação na cortina do corredor. Vernon estava pronto para agir.

— Pelo amor de Deus!

Ainda parada em pé, Mrs. Quonsett voltou-se suplicante, em pranto, para Gwen.

— Eu lhe rogo — peça ao comandante para reconsiderar. Não quero ser entregue à polícia italiana...

— Devia ter pensado nisso antes — replicou Gwen impiedosa. — Ademais, não me compete dar ordens ao comandante.

— Mas é só pedir! Ele há de concordar.

D. O. Guerrero voltou a cabeça, observou a cena e tornou a desviar os olhos.

Gwen tomou a velha pelo braço.

— Faça o que lhe mando. Sente no seu lugar!

A voz de Ada Quonsett converteu-se num gemido.

— Só estou pedindo para ser levada de volta. Entreguem-me lá, não a um país estrangeiro!

Atrás de Gwen, o oboísta protestava.

— A senhorita podia ter mais compaixão!

— Por favor, não se meta! — replicou instantaneamente. — Esta mulher não tem nada a fazer a bordo. É uma passageira clandestina.

— Pouco me importa — disse o músico indignado. — É uma senhora de idade.

Ignorando a intervenção, Gwen deu um empurrão em Mrs. Quonsett que a fez cambalear.

— Não ouviu? Sente-se e cale a boca.

Ada Quonsett caiu sentada no seu lugar.

— Você me machucou! — gritava. — Você me machucou!

Vários passageiros estavam em pé, numa chuva de protestos.

D. O. Guerrero não desviava o olhar da janela. As mãos continuavam prendendo a maleta.

Mrs. Quonsett começou uma nova série de lamúrias.

— A senhora está histérica — disse Gwen friamente.

Odiando o que ia fazer, curvou-se e bateu no rosto da anciã com violência. A bofetada ecoou por toda a cabine. Os passageiros ficaram boquiabertos. As outras duas comissárias mal disfarçavam o assombro. O oboísta prendeu Gwen pela mão, porém ela se desvencilhou logo.

O que se passou a seguir aconteceu com tamanha rapidez que até as pessoas mais próximas não poderiam reconstituir a ordem da seqüência de incidentes.

Mrs. Quonsett, sentada na poltrona, virou-se para D. O. Guerrero à sua esquerda.

— Moço, por favor, faça alguma coisa! Ajude-me! — suplicou.

Com a fisionomia rígida, ele não fez caso.

Aparentemente dominada pela aflição e medo, jogou-se em cima dele, passando-lhe os braços histericamente em torno do pescoço.

— Pelo amor de Deus!

Guerrero fez o que pôde para se livrar, torcendo o corpo para o lado, inutilmente. Em vez de soltá-lo, Ada Quonsett segurava-se com mais força ainda.

— Oh, ajude-me!

Com o rosto vermelho, quase asfixiado, D. O. Guerrero ergueu ambas as mãos para arrancá-la de cima de si. Como se suplicasse, Ada Quonsett afrouxou o aperto e prendeu-as entre as suas.

No mesmo instante, Gwen Meighen curvou-se para o assento da janela. Estendeu o braço e num movimento único — quase sem pressa — apanhou a maleta com firmeza e tirou-a do colo de Guerrero. No espaço de um relâmpago, estava livre no corredor, protegida pela barreira formada por Ada Quonsett.

A cortina que separava a primeira classe da econômica abriu-se bruscamente. Demerest, alto e magnífico no seu uniforme, veio correndo.

Com uma expressão de alívio no rosto, estendeu a mão para se apossar da maleta.

— Boa jogada, Gwen. Deixe que eu fico com ela.

Com um pouco de sorte, a ocorrência — com exceção do tratamento a ser dispensado a Guerrero — teria acabado aí. Mas tal não aconteceu por culpa exclusiva de Marcus Rathbone.

Até aquele momento, Rathbone não passava de um viajante desconhecido, anônimo, ocupante da poltrona quatorze-D, do lado oposto do corredor. Embora ninguém reparasse nele, era um sujeito pretensioso, arrogante, extremamente cômico de si mesmo.

No vilarejo de Iowa, onde vivia de um comércio insignificante, todos os vizinhos o consideravam "do contra". Marcus Rathbone opunha-se ferozmente a tudo que faziam ou propunham. Suas objeções, grandes ou pequenas, ficaram lendárias. Abrangiam a seleção de livros para a biblioteca local, um projeto para um sistema de antenas de utilidade pública, o problema de castigar o filho na escola, e as cores para pintar um prédio administrativo. Pouco antes de partir na atual viagem, organizou a derrota de uma lista de assinaturas para embelezar a rua principal da cidade. Apesar de se mostrar rigorosamente "do contra", nunca apresentou uma sugestão construtiva.

Outra peculiaridade sua: Marcus Rathbone desprezava as mulheres, a começar pela própria esposa. Nenhuma objeção sua contava com a solidariedade conjugal. Conseqüentemente, a humilhação de Mrs. Quonsett, momentos antes, deixara-o numa indiferença olímpica. O que não aconteceu quando Gwen Meighen apossou-se da maleta de D. O.

Guerrero.

Para Rathbone, aquilo representava uma afronta do oficialato uniformizado — e uma mulher, ainda por cima! — infringindo os direitos de um simples passageiro. Podia ter acontecido com ele. Indignado, ergueu-se do assento, e colocou-se entre Gwen e Vernon Demerest.

No mesmo instante, D. O. Guerrero, afogueado e balbuciando palavras incoerentes, esgueirou-se do seu lugar e das garras de Mrs. Quonsett. Quando chegou ao corredor, o comerciante de Iowa arrancou a maleta das mãos de Gwen e com um gesto cortês, entregou-a a ele. Feito um animal feroz, com os olhos esgazeados, Guerrero agarrou-a.

Demerest arremessou-se para a frente, mas era tarde demais. Tentou alcançar Guerrero, porém com a estreiteza do corredor e as pessoas que estavam na frente — Gwen, Rathbone, o oboísta — não conseguiu. D. O. Guerrero passou por trás e dirigiu-se aos fundos do avião. Outros passageiros levantavam-se dos assentos.

— Detenham aquele homem! Ele tem uma bomba! — gritou Demerest desesperado.

A advertência produziu uma série de exclamações. Todos abandonavam os seus lugares, bloqueando ainda mais o corredor. Somente Gwen Meighen, esgueirando-se, empurrando e abrindo caminho à força, encontrou modo de permanecer perto.

No fundo da cabine — ainda como uma fera, mas desta vez encurralado — Guerrero voltou-se. Tudo que restava entre ele e a cauda do jato eram os três toaletes da classe turista. Luzes indicavam que dois estavam desocupados. De costas para as portas,



segurava a maleta em sua frente, com uma mão na alça e a outra no laço de barbante, agora visível. Com a voz tensa, misto de sussurro e ronco, preveniu:

— Fiquem onde estão! Não se aproximem!

Por cima da cabeça dos demais, Vernon Demerest gritou outra vez:

— Guerrero, ouça-me! Está me ouvindo? Escute!

Houve um segundo de silêncio. Ninguém se mexeu. Só se ouvia o firme assobio dos motores a jato do avião. Guerrero piscava os olhos, sempre a enfrentar os outros, com a atenção errante e desconfiada.

— Sabemos quem você é — gritou Demerest — e o que pretende fazer. Sabemos sobre o seguro e a bomba, e em terra também sabem. O que significa que a apólice não tem valor. Compreendeu? O seguro é inválido, cancelado, nulo. Se detonar essa bomba vai-se matar por nada. Ninguém lucrará com isso — e a sua família muito menos. Pelo contrário, vai sair perdendo, porque todos ficarão contra ela.

Levarão a culpa e serão perseguidos. Escute bem! Reflita.

Uma mulher gritou. Mas Guerrero hesitava.

— Guerrero, peça a todos que sentem — insistia Vernon Demerest.  
— Depois, se quiser, podemos conversar. Estou pronto a responder suas perguntas. Prometo-lhe que ninguém chegará perto antes de você ficar pronto.

Demerest calculava: se conseguisse reter a sua atenção durante bastante tempo, o corredor talvez ficasse vazio. Depois tentaria persuadi-lo a entregar a maleta. Caso recusasse, ainda restava a possibilidade de atirar-se na sua direção, apoderando-se dela antes que tivesse tempo de detonar a dinamite. Era um risco tremendo, mas não havia alternativa.

Os passageiros voltavam a sentar-se, presos do maior nervosismo.

— Agora que já lhe disse que sabemos de tudo. Guerrero, e não terá

a menor vantagem com o seu plano, peço-lhe que me entregue essa maleta.

Demerest esforçava-se para manter um tom razoável, compreendendo a importância de prosseguir falando.

— Se fizer o que estou pedindo, dou-lhe minha palavra de honra como ninguém fará mal a você dentro deste avião.

Os olhos de Guerrero eram o próprio espelho do pavor. Umedeceu os lábios finos com a língua. Gwen Meighen estava praticamente a seu lado.

— Gwen — pediu Demerest baixinho —, tenha calma. Procure um assento.

Se tivesse de saltar, não queria ninguém no caminho.

Atrás de Guerrero, a porta do toalete ocupado abriu-se.

Um rapaz de óculos de lentes grossas, com cara de coruja, saiu. Parou, espremendo os olhos miopemente. Evidentemente não tinha ouvido nada do que se passava.

Um passageiro berrou:

— Segure esse camarada da maleta! Ele tem uma bomba!

Ao ouvir o primeiro estalido da porta às suas costas,

Guerrero se virara. Agora, empurrando o rapaz para o lado, investiu porta adentro.

Quando ele se mexeu, Gwen Meighen fez o mesmo, sempre conservando-se a seu lado. Vernon Demerest, a vários passos de distância, lutava desesperadamente para abrir caminho pelo corredor entulhado de gente.

A porta do toalete já ia fechando, mas Gwen enfiou um pé na abertura e empurrou. Se Guerrero não conseguia fechá-la, tampouco permitia que cedesse. Desesperada de dor, sentiu que ele apoiava o peso do corpo do outro lado.

No cérebro de Guerrero, os últimos minutos estavam

completamente embaralhados. Incapaz de compreender com clareza o que acontecia, não entendeu tudo que Demerest tinha dito. Só percebia uma coisa. Como tantos outros projetos mirabolantes, este também fracassara. A certa altura — como sucedia com todas as suas tentativas — incidira em erro. A sua própria vida era um desastre. E amargurado, compreendeu que a morte ia ser outro.

As costas apoiavam-se à parte interna da porta. Sentia a pressão que faziam contra ela, e sabia que a qualquer momento ia ficar tão forte que não poderia mais mantê-la fechada. Manuseando a maleta desesperadamente, procurou o barbante sob a alça que libertaria o pedacinho de plástico, agindo sobre o prendedor de roupa e detonando a dinamite no interior. Ao encontrá-lo, puxou, perguntando-se se a bomba que havia preparado também apresentaria algum defeito.

No seu derradeiro segundo de vida e compreensão, D. O. Guerrero descobriu que era perfeita.

A EXPLOSÃO A BORDO do Caravela de Ouro, vôo número dois da Trans-América, foi instantânea, monstruosa e arrasadora. No espaço restrito do avião, percutiu com o fragor de uma centena de ribombos de trovoadas, um lençol de chamas, e um estouro semelhante a um malho gigantesco. D. O. Guerrero morreu logo. O seu corpo, perto do núcleo da detonação, desintegrou-se por completo. Um momento, ele existia. No seguinte, restavam apenas frangalhos ensangüentados.

A fuselagem do jato rebentou.

Gwen Meighen, como Guerrero, vizinha do mecanismo explosivo, recebeu o impacto no rosto e no peito.

Um segundo após a carga de dinamite romper o revestimento externo, a cabine se descomprimiu. Com um segundo estrondo e o ímpeto de um tufão, o ar contido no interior — mantido até então numa pressão normal — devastou de ponta a ponta a fuselagem rompida até dissolver-se lá fora, na elevada altitude próxima ao vácuo. Através das cabines de passageiros, uma nuvem preta de fumaça, engolindo tudo, surgiu da retaguarda, arrastando junto, feito restos tragados por um sorvedouro, objetos soltos, leves ou pesados — papéis, bandejas de comida, garrafas de bebida, cafeteiras, bagagem de mão, roupas, pertences dos passageiros — rodopiando como se fossem impelidos na direção de um aspirador de dimensões ciclópicas. As cortinas se despedaçaram. As portas internas da cabine de comando, depósito e toaletes, arrancadas das fechaduras e dobradiças, foram arrastadas para o fundo com tudo mais.

Diversos passageiros foram atingidos. Outros, com os cintos desafivelados, agarravam-se ao que podiam para escapar ao vento e à sucção que os puxava inexoravelmente para a cauda.

Por todo o avião, compartimentos de emergência ao alto de cada assento abriram-se automaticamente. Máscaras amarelas caíram repentinamente, ligadas por um tubinho plástico a um reservatório central de oxigênio.

De repente a sucção diminuiu. O interior estava repleto de nevoeiro e de um frio medonho, de rachar. O barulho dos motores e da ventania era ensurdecedor.

Vernon Demerest, ainda no corredor da classe turista, onde se tinha agarrado instintivamente a um encosto de assento, berrou:

— Ponham o oxigênio! — colocando logo uma máscara.

Por experiência e treinamento, compreendia o que a maioria não atinava: o ar dentro da cabine estava agora tão rarefeito como na atmosfera, sendo insuficiente para mantê-los vivos. Dispunham de apenas quinze segundos de consciência integral senão recorressem imediatamente ao oxigênio do sistema de emergência.

Sem esse recurso, poderia ocorrer uma privação de discernimento num terço desse prazo.

Dentro de dez segundos, um estado de euforia os levaria a se desinteressar pelo oxigênio. E cairiam desfalecidos, indiferentes.

Muita gente que percebia os riscos da descompressão há muito aconselhava as empresas aéreas a efetuarem avisos mais pormenorizados a respeito do equipamento de oxigênio antes da partida. Insistiam que os passageiros deviam receber essas instruções: No momento em que a máscara de oxigênio surgir à sua [rente, apanhe-a, cubra o rosto com ela, e deixe as perguntas para depois. Se houver uma verdadeira descompressão, cada segundo é vital. No caso de alarme falso, há sempre tempo de sobra para removê-la, pois é inofensiva.

Os pilotos, durante os testes de descompressão, recebiam uma demonstração sucinta do efeito da falta de oxigênio a grande altura. Num tanque apropriado, com o rosto coberto por uma máscara de oxigênio, começavam a escrever as suas assinaturas e num

determinado ponto do exercício, descobriam a cabeça. A caligrafia degenerava em um rabisco ou trivialidade. Antes de ficarem inconscientes, tornavam a colocar as máscaras.

Esses pilotos custavam a crer no que viam escrito na página.

A administração das linhas aéreas, no entanto, segundo a teoria de que os avisos pormenorizados são capazes de despertar alarme entre os passageiros, persistia no uso de explicações inócuas. Aeromoças sorridentes, com ar entediado ou irônico, faziam as demonstrações às pressas, enquanto uma voz invisível — apressando-se a terminar antes da decolagem — repetia frases como um papagaio: Se por *uma casualidade improvável... e... Seguindo um preceito governamental, cumpre-nos informar aos senhores passageiros*. Ninguém jamais mencionava a palavra urgência, se por acaso surgisse a necessidade de usar o equipamento.

Como resultado, os viajantes encaravam o aparelhamento de oxigênio com a mesma indiferença manifestada pelas companhias de aviação e pelos tripulantes. As caixas situadas acima de suas cabeças e as demonstrações monótonas, invariáveis, eram (na sua opinião) um exagero inventado por uma cambada de funcionários públicos maníacos por regulamentos. (Bocejo!) Evidentemente, a história toda não passava de uma charada, à instância do mesmo tipo de gente que cobra imposto de renda e veta a ajuda de custo. Então pra que ligar?

Às vezes, durante um vôo regular, os compartimentos das máscaras abriam-se por acidente, deixando-as cair diante dos passageiros. Quando isso acontecia, a maioria arregalava os olhos de curiosidade, mas sem a menor tentativa para usá-las. Foi justamente — embora a emergência fosse verdadeira — o que ocorreu a bordo do *Caravela de Ouro*.

Demerest percebeu a reação e num ímpeto de raiva lembrou-se das críticas que, a exemplo de outros pilotos, costumava fazer aos avisos displicentes. Porém não havia tempo para nova advertência, nem mesmo para pensar em Gwen, que podia estar morta ou agonizante

a poucos metros de distância.

Uma única coisa importava: voltar à cabine de comando de qualquer maneira, para ajudar a salvar o avião.

Respirando o oxigênio profundamente, traçou o seu plano para avançar pelo corredor.

Acima de cada conjunto de assentos na classe turista havia quatro máscaras — uma para cada ocupante, além de outra suplementar para quem se encontrasse em pé no corredor. Foi uma dessas últimas que Demerest apanhou e estava usando.

Para chegar à frente do avião, porém, precisava tirá-la e substituir por uma portátil que lhe permitisse maior locomoção.

Sabia da existência de dois cilindros portáteis de oxigênio acondicionados pouco mais à frente numa prateleira superior perto da parede divisória da primeira classe. Se pudesse chegar até eles, bastava-lhe um para o resto da distância que o separava do seu objetivo.

Avançou passo a passo, trocando de máscara a cada assento. Tudo ia bem quando de repente avistou todas as máscaras de um conjunto sendo usadas por três ocupantes. A quarta era mantida no rosto de uma criança de colo por uma adolescente, enquanto a mãe segurava o bebê. A garota, ao mesmo tempo, encarregava-se de mostrar aos passageiros vizinhos como deviam fazer. Demerest desviou-se para o lado oposto, encontrou outra máscara de reserva, e respirando bem fundo abandonou a que usava, estendendo o braço para apanhá-la. Conseguiu, repetindo logo o mesmo processo de absorção do oxigênio. Faltava-lhe percorrer ainda mais da metade da classe turista.

Ao dar o passo seguinte, sentiu que o avião se inclinava completamente para a direita, começando a cair.

Demerest se segurou. Sabia que, no momento, não podia fazer mais nada. O que iria acontecer agora dependia de duas coisas: o grau de avarias provocadas pela explosão, e a perícia de Anson Harris,

sozinho diante dos controles de vôo.

Na cabine de comando, os incidentes dos últimos segundos ocorreram com menor possibilidade de previsão do que na classe turista. Após a saída de Gwen Meighen e Mrs. Quonsett, seguida pela de Vernon Demerest, os dois tripulantes restantes — Anson Harris e o copiloto Cy Jordan — ignoravam o que estava acontecendo às suas costas, até que a carga de dinamite abalou o avião, logo acompanhada pela descompressão explosiva.

Tal como nos compartimentos de passageiros, a carlinga ficou coberta por uma nuvem preta e espessa de pó, sugada quase imediatamente pela abertura deixada pela porta, arrancada dos gonzos e da fechadura e arrastada para o fundo. Tudo o que existia de solto no interior, foi arrebatado e varrido, juntando-se ao redemoinho cheio de destroços.

Debaixo da mesa de engenheiro de vôo, uma buzina de advertência começou a tocar intermitentemente. Sobre os dois assentos dianteiros, acenderam-se brilhantes luzes amarelas. Como a buzina, indicavam um nível de pressão perigosamente baixo.

Um tênue nevoeiro — de um frio mortal — substituiu a nuvem de pó. Anson Harris sentiu uma dor lancinante nos tímpanos.

Antes, porém, reagira instantaneamente — efeito do treinamento e experiência de vários anos.

No longo caminho ascendente para atingir o comando em uma linha aérea, os aviadores passam horas árduas nas salas de aula e nos modelos, estudando e praticando situações hipotéticas, normais e de emergência. O objetivo é incutir reações rápidas e corretas para qualquer eventualidade.

Os modelos ficam localizados nos aeroportos importantes e todas as companhias principais os possuem.

Visto do exterior, assemelham-se à carlinga de um avião, com o resto da fuselagem decepada. Por dentro, incluem tudo que existe numa cabine de vôo real.



Depois de entrar, os pilotos permanecem encerrados horas a fio, imitando as condições exatas de uma viagem a longa distância. O efeito, quando a porta fica fechada, é incrível: possui até movimento e ruído, reproduzindo a sensação física de voar no espaço. Todas as outras condições simulam a mesma realidade. Uma tela colocada diante das janelas dianteiras faz surgir aeroportos e pistas, aproximando-se ou recuando, para imitar a decolagem e aterragem. A única diferença entre um modelo de cabine de comando e a autêntica é que a primeira nunca levanta do chão.

Os aviadores conversam com uma sala de controle próxima, tal como fariam no ar pelo rádio. Dentro dessa sala operadores experientes copiam os mesmos processos de controle de trânsito aéreo e demais condições de vôo. Podem também, sem aviso prévio, inventar situações adversas. Essas variam desde o enguiço múltiplo de motores até incêndio, temporais, problemas de eletricidade e combustível, descompressão explosiva, mau funcionamento dos instrumentos, e toda espécie de aborrecimentos. Até uma queda pode ser reproduzida. Às vezes os modelos são usados no sentido contrário para averiguar as causas de um desastre.

Um operador é capaz de inventar, esporadicamente, uma série de emergências simultâneas, forçando os aviadores a surgirem mais tarde exaustos e encharcados de suor. Quase todos suportam essas experiências. As raras exceções ficam registradas, sendo reexaminadas, e posteriormente observadas com toda a atenção. As provas continuam, diversas vezes por ano, acompanhando cada fase da carreira de um piloto até a aposentadoria.

Em conseqüência disso, ao se criar uma emergência autêntica, os comandantes das empresas comerciais sabem exatamente o que fazer, sem hesitar nem perder um tempo precioso. É um dos vários fatores que tornam as viagens das linhas aéreas regulares o meio de transporte mais garantido em toda a história da humanidade. E foi o que serviu para condicionar Anson Harris a uma ação imediata, orientada para o salvamento do *Caravela de Ouro*.

O exercício para a descompressão explosiva apresenta um preceito

fundamental: a tripulação tem a obrigação de cuidar de si mesma em primeiro lugar. Vernon Demerest observou-a. Anson Harris e Cy Jordan também.

Precisavam recorrer ao oxigênio imediatamente — mesmo em detrimento dos passageiros. Depois, de posse das plenas faculdades mentais, ficavam aptos a assumir decisões.

Atrás de cada assento de piloto havia uma máscara de oxigênio fácil de manobrar — semelhante à do aparador da bola no beisebol. Tal como tinha praticado um número incontável de vezes, Harris arrancou os fones do rádio da cabeça e apanhou a que estava presa ao seu encosto. Deu um puxão, e o grampo que a prendia se abriu, colocando-a em posição. Além da conexão com o reservatório de oxigênio do avião, continha também um microfone. Para poder escutar agora que retirara os fones, Harris mudou um seletor, ligando um alto-falante situado no teto.

Às suas costas, Cy Jordan, com movimentos igualmente rápidos, fez o mesmo!

Obedecendo a outro reflexo imediato, Anson Harris encarregou-se dos passageiros. Os sistemas de oxigênio nas cabines funcionavam automaticamente em caso de declínio de pressão. Porém, como precaução — se porventura falhassem — acima da cabeça dos pilotos havia uma chave geral. Assegurava o desprendimento concreto das máscaras em cada assento, fazendo chegar o oxigênio a todas. Harris ligou a chave.

Deixou cair a mão direita em cima dos manetes, empurrando todos os quatro. O avião diminuiu a marcha.

Precisava reduzir ainda mais.

À esquerda dos manetes havia um freio de velocidade. Harris puxou-o inteiramente contra o corpo. Ao longo da superfície superior das duas asas, os aleirões se ergueram, provocando resistência ao avanço e uma maior redução.

Cy Jordan desligou a buzina de advertência.

Até então, todas as providências tinham sido maquinais. Agora soava o momento da decisão.

Era essencial procurar uma altitude mais segura para o avião. Dos seus atuais oito mil e quatrocentos metros, precisava descer uns cinco mil e quinhentos até encontrar um ar mais denso que permitisse a sobrevivência e a respiração aos passageiros e tripulantes sem que fosse preciso recorrer mais ao oxigênio.

Harris enfrentava duas alternativas: descer aos poucos ou mergulhar a toda velocidade?

Até um ou dois anos atrás, os pilotos tinham instruções para mergulhar imediatamente em caso de descompressão explosiva. Contudo, o resultado trágico foi que pelo menos um avião se esfacelou quando podia ter sido salvo com uma descida lenta. Atualmente os aviadores recebem uma recomendação: *Verifiquem antes as avarias na estrutura. Se forem graves, o mergulho pode piorá-las. Nesse caso, desçam devagar.*

Essa orientação, entretanto, também oferece riscos. Para Anson Harris, revelaram-se instantaneamente.

O *Caravela de Ouro*, sem dúvida, sofrera avarias na estrutura. A descompressão repentina o provava. E a explosão que ocorrera pouco antes — embora com menos de um minuto de diferença — talvez tivesse piorado a situação. Em outras circunstâncias, Harris mandaria Cy Jordan verificar a extensão dos danos perto da cauda. Porém, como Demerest não se encontrava na cabine, a presença do copiloto lhe era indispensável.

No entanto, por mais graves que fossem as avarias na estrutura, existia outro fator, ainda mais premente. A temperatura da atmosfera fora do avião era de cinquenta graus centígrados abaixo de zero. A julgar pelo frio quase paralisante que Harris sentia, o ar interno devia ser aproximadamente o mesmo. Com um clima dessa intensidade, a falta de agasalhos adequados causaria a morte em questão de minutos.

Portanto, qual o menor risco: morrer congelado ou mergulhar

rapidamente?

Tomando uma decisão cujas conseqüências provariam se estava certo ou errado. Harris falou com Cy Jordan pelo interfone:

— Avise o controle de trânsito aéreo! Vamos mergulhar!

Ao mesmo tempo, virou o avião do lado direito, e baixou o trem de pouso. Virar o jato antes do mergulho produziria dois efeitos: os passageiros ou comissárias que estivessem com os cintos desafivelados, ou em pé, seriam mantidos em seus lugares pela força centrífuga. Ao passo que uma queda súbita os arremessaria contra o teto da cabine. Por outro lado, a manobra afastava o vôo número dois da rota aérea que vinha usando e — esperançosamente — do outro trânsito embaixo.

Baixar o trem de pouso reduzia ainda mais a velocidade, tornando a queda mais vertiginosa.

Pelo alto-falante superior, Harris pôde ouvir a voz de Cy Jordan efetuando um aviso de perigo:

— Atenção. Aqui Trans-América Dois. Descompressão explosiva. Vamos mergulhar, mergulhar.

Harris empurrou o controle de profundores bem para a frente.

— Peça três mil! — gritou por cima do ombro.

— Solicitamos três mil metros — acrescentou Jordan.

Harris afixou em setenta e sete a chave de emissão de alarme do radar. Agora o SOS seria visto, como um duplo sinal luminoso, em todos os painéis monitores em terra, confirmando simultaneamente a situação de perigo e a sua identidade.

Desciam velozmente, o altímetro em retrocesso como um relógio de mola alucinada... Passavam os sete mil e oitocentos metros... sete mil e duzentos... seis mil e novecentos... Os indicadores mostravam uma média de dois mil e quatrocentos metros por minuto... O Centro de Rotas Aéreas de Toronto ocupou o alto-falante:

— Todas altitudes abaixo de vocês, desimpedidas. Comuniquem

suas intenções quando puderem. Ficamos aguardando ...

Harris abrandou a inclinação, mergulhando de bico... Não havia tempo para pensar no frio. Se conseguissem baixar com bastante velocidade, talvez sobrevivessem — se o avião agüentasse... O controle de direção e os profundores já davam sinal de avarias: o movimento do leme estava duro e o estabilizador, firme, não reagia... Seis mil e trezentos metros... seis... cinco e setecentos... Pela maneira dos controles reagirem, a explosão tinha causado danos na cauda. Só descobririam a extensão ao tentar voltar à posição horizontal, dentro de mais ou menos um minuto. Seria o momento culminante de tensão. Se acontecesse algo grave, continuariam o mergulho vertical... Harris sentia enorme falta de auxílio do assento à sua direita. Mas era tarde demais para Cy Jordan mudar de posição. O copiloto, aliás, não podia abandonar o seu posto — fechando entradas de ar, ligando todo aquecimento possível, observando as avarias no sistema de combustível ou avisos de incêndio... cinco mil e quatrocentos metros... cinco e cem... Quando chegassem a quatro e duzentos, começaria a diminuir o mergulho, na esperança de equilibrar em três mil... Passando os quatro e quinhentos... quatro e duzentos... Começar a atenuar — *já!*

Os controles estavam duros, mas cediam... Harris puxou para trás, com toda a força, o controle do leme. O mergulho foi-se atenuando, mantendo o controle dos planos, o avião se equilibrando... Três mil e seiscentos. Agora descia mais lento... três e trezentos... cinqüenta, vinte... *três mil metros!*

Estavam nivelados! Por enquanto, tudo permanecia intato. O ar normal era respirável e manteria a vida, dispensando o oxigênio extra. A temperatura externa marcava cinco graus centígrados abaixo de zero. Muito frio, portanto, mas sem a intensidade fatal das altitudes superiores.

Do início ao fim, o mergulho levou dois minutos e meio.

Os alto-falantes do teto voltaram a se fazer ouvir:

— Trans-América Dois, aqui o Centro de Toronto.

Conseguiu?

Cy Jordan acusou o recebimento. Anson Harris atalhou:

— Nível de três mil metros, voltando ao ângulo dois sete zero. Estamos com avarias de estrutura causadas pela explosão, extensão ignorada. Solicitamos informações sobre o tempo e condições das pistas — em Toronto, Metropolitano de Detroit, e no Lincoln.

Harris tinha na mente um quadro imediato de aeroportos suficientemente amplos para acomodar o Boeing 707, e com os requisitos de pouso indispensáveis.

Vernon Demerest passou com dificuldade pelos destroços esmagados da porta da cabine e outros escombros do lado de fora. Apressando-se, escorregou para o seu assento do lado direito.

— Você fez falta — disse Harris.

— Pode-se manter o controle?

Harris confirmou.

— Se a cauda não se partir, e a sorte ajudar. — Comunicou o estado emperrado do leme e do estabilizador. — Alguém soltou um foguete lá atrás?

— Coisa parecida. Fez um rombo enorme. Não parei para medir o tamanho.

A sua naturalidade era apenas superficial. Harris continuava a firmar o avião, em busca de uma altitude e curso equivalente.

— O plano foi bom, Vernon — disse com simpatia. — Podia ter dado certo.

— Podia, mas não deu. — Demerest virou-se para o copiloto. — Vá até à classe turista. Verifique as avarias, e comunique pelo interfone. Depois, faça o que puder por aquela gente toda. Precisamos saber quantos estão feridos, e qual a gravidade de cada caso. — Pela primeira vez permitiu-se uma idéia angustiada: — E veja o que aconteceu com Gwen.

Os relatórios sobre os aeroportos, solicitados por Anson Harris, começaram a chegar através do centro de Toronto: o local continuava interditado, com neve profunda e ventania em todas as pistas. O Metropolitano de Detroit oferecia condições idênticas, mas os limpadores iam liberar a número três à esquerda, para caso de aproximação e pouso de emergência. Essa pista estava com doze a quinze centímetros de neve, com gelo por baixo. A visibilidade de Detroit era de cento e oitenta metros, com redemoinhos de flocos. O Internacional Lincoln: todas as pistas limpas e utilizáveis, com exceção da número trinta provisoriamente interrompida, devido a uma obstrução. Possuía visibilidade de mais de um quilômetro e meio. Vento noroeste, a trinta nós, e borrascoso.

— Não pretendo descarregar combustível — preveniu Anson Harris a Demerest.

— Compreendo os motivos — concordou. Na presunção de que pudessem conservar o avião sob controle, qualquer aterragem que efetuassem seria problemática e pesada, devido à enorme quantidade de combustível que em outras circunstâncias os teria levado a Roma. Contudo, na situação atual, descarregar o supérfluo constituía um risco ainda maior. A explosão e as avarias na cauda talvez causassem curto-circuitos ou fricções metálicas, que podiam estar produzindo faíscas. Ao proceder a descarga em pleno vôo, uma única fagulha bastava para transformar o avião num holocausto em chamas. Ambos comandantes raciocinaram: é preferível evitar o perigo de incêndio e aceitar a penitência de uma aterragem difícil.

Todavia, essa decisão implicava no seguinte: descer em Detroit — o aeroporto grande mais próximo — só podia ser tentado em desespero. Por causa do enorme peso, teriam de pousar depressa, utilizando cada metro disponível da pista e o último grama da força de freios. A pista número três à esquerda — a mais extensa do local, e que seria a única escolhida — estava com *gelo sob a neve*, a pior combinação imaginável dentro das presentes circunstâncias.

Havia também um fator desconhecido — independente de qualquer aeroporto. Até que ponto dispunham do controle? Com os

problemas provocados pelo leme e pelo estabilizador, tornava-se impossível avaliar.

O Lincoln oferecia as melhores condições de segurança.

Só que ficava, no mínimo, a uma hora de vôo. A velocidade atual — duzentos e cinqüenta nós — era muito mais lenta do que a desenvolvida nas altitudes mais elevadas, e Anson Harris continuava diminuindo-a na esperança de evitar maiores avarias à estrutura. Infelizmente, até isso acarretava um inconveniente. No seu presente nível baixo de três mil metros, ocorriam quedas de pressão e turbulências consideráveis, provocadas pelo temporal, que agora os envolvia de todos os lados em vez de se conservar à enorme distância anterior.

A questão crucial era saber se poderiam permanecer ainda uma hora nos ares.

A despeito de tudo que acontecera, haviam transcorrido menos de cinco minutos desde a explosão e a descompressão explosiva.

O controle de rotas aéreas voltou a pedir:

— Trans-América Dois, comunique suas intenções.

Vernon Demerest respondeu, solicitando um curso direto para Detroit enquanto verificassem a extensão das avarias. A decisão acerca da aterragem, em Detroit ou qualquer outro local, seria comunicada dentro dos próximos minutos.

— Recebido, Trans-América Dois. Detroit informa que estão removendo os limpa-neves da pista trinta à esquerda. Até nova informação em contrário, permanecerão de prontidão para uma aterragem forçada.

A campanha de comunicações internas despertou e Demerest atendeu. Era Cy Jordan chamando da classe turista, aos brados para se fazer ouvir acima do rugido do vento.

— Comandante, há um buraco enorme aqui atrás, com quase dois metros de largura, depois da porta traseira. Quase tudo em volta dos



toaletes está em frangalhos. Mas pelo que pude ver, o resto ficou mais ou menos no lugar. O apoio da força do leme explodiu. Porém os cabos de controle parecem em ordem.

— E quanto às superfícies? Dá pra ver alguma coisa?

— Pelo jeito o revestimento abaulou o estabilizador. Foi por isso que emperrou. Fora isso, a única coisa que consegui ver lá fora são uns buracos e uns rasgões, creio que provenientes dos destroços arremessados naquela direção. Mas não há nada solto — pelo menos que dê para notar. A maior parte da explosão, na minha opinião saiu para os lados.

D. O. Guerrero não havia previsto esse efeito. Errou e enganou-se nos cálculos desde o início. E terminou deitando a perder a detonação.

O seu maior equívoco consistiu em desconhecer que qualquer explosão seria arrastada para fora, dissipando-se com grande facilidade, no momento em que se rompesse o casco da cabine de pressão do avião. Outro erro foi ignorar a poderosa resistência de um jato moderno. Num transporte de passageiros, os sistemas de estrutura e mecânica duplicam-se mutuamente, de modo que um simples mau funcionamento ou avaria são incapazes de resultar na destruição do conjunto. Uma aeronave pode ser eliminada por uma bomba, porém só se for detonada — de propósito ou por acidente — numa localização vulnerável. Guerrero esqueceu-se desse detalhe.

— Podemos permanecer uma hora nos ares? — perguntou Demerest a Cy Jordan.

— Se se refere ao avião, creio que sim. Quanto aos passageiros não tenho certeza.

— Há quantos feridos?

— Ainda não sei. Verifiquei as avarias da estrutura em primeiro lugar, como havia pedido. Mas pelo jeito a coisa vai mal.

— Fique aí o tempo que for preciso •— ordenou Demerest. — Faça o que puder. — Hesitou, temendo a resposta da próxima pergunta: —

Conseguiu encontrar Gwen?

Ainda não sabia se Gwen tinha ou não tinha sido tragada pelo estouro inicial. Isso já sucedera anteriormente, inclusive com aeromoças que se encontravam desprotegidas perto do núcleo de uma descompressão explosiva. E mesmo que não fosse o caso, ninguém se encontrava mais perto da bomba do que ela.

— Gwen está aqui — respondeu Cy Jordan, — mas creio que num estado desesperador. Conseguimos três médicos. Estão tratando dela e dos outros. Assim que puder, informo.

Vernon Demerest tornou a pôr o interfone no lugar.

Apesar da última troca de palavras, continuava a se privar da indulgência de pensamentos íntimos ou emoções pessoais. Haveria tempo para isso mais tarde. As decisões profissionais, a segurança do avião e da tripulação vinham em primeiro plano. Repetiu a Anson Harris um resumo do relatório do copiloto.

Harris ponderava todos os fatores. Demerest ainda não demonstrara a menor intenção de assumir o comando. Evidentemente aprovava as suas decisões até essa altura. Do contrário teria dito. Agora, pelo visto, ia deixar a resolução do local da aterragem também a seu critério. Mesmo no auge de uma crise comportava-se exatamente como convém a um piloto que fiscaliza um vôo.

— Tentaremos chegar ao Lincoln — disse Harris.

A segurança do avião tinha primazia. Por piores que fossem as condições reinantes na cabine de passageiros, confiavam que a maioria encontrasse uma forma de resistir até à chegada.

Demerest assentiu a sua aprovação e notificou a decisão ao Centro de Toronto. Dentro de poucos minutos, o de Cleveland assumiria o controle. Pediu ao aeroporto Metropolitano de Detroit para continuar de prontidão, para qualquer alteração nos planos, embora fosse pouco provável. O Lincoln devia ser avisado que iam necessitar uma aproximação de emergência total.

— Recebido, Trans-América Dois. Detroit e Chicago estão sendo

avisados.

Seguiu-se uma mudança de curso. Estavam chegando perto da praia ocidental do Lago Huron, que separa os Estados Unidos do Canadá.

Ambos os pilotos sabiam que, em terra, o vôo número dois era agora o alvo das atenções. Os controladores e supervisores nos Centros de rotas aéreas contíguos estariam trabalhando intensamente, coordenando a remoção dos outros aviões, setores sucessivos prevenindo a sua passagem, e abrindo o tráfego. Qualquer pedido que fizessem contava com prioridade.

Ao cruzarem a fronteira, o Centro de Toronto despediu-se, acrescentando no final:

— Boa noite e felicidades para vocês.

O Centro de Cleveland atendeu o chamado logo em seguida.

Olhando para trás, na direção das cabines de passageiros pela brecha aberta no lugar da porta, Demerest podia ver figuras indistintas se movendo. Cy Jordan deixara em penumbra as luzes da primeira classe para evitar o reflexo nos postos de comando. Tudo indicava que as pessoas estavam sendo deslocadas para a parte fronteira do avião. Provavelmente alguém orientava as operações de socorro — no mínimo o próprio copiloto, que não tardaria em fornecer novo relatório a qualquer momento. O frio continuava cortante, mesmo na carlinga. Lá atrás devia ser muito pior. Mais uma vez, num segundo de angústia, Demerest lembrou-se de Gwen. Depois apagou implacavelmente a memória, concentrando-se na próxima decisão a tomar.

Embora houvessem passado poucos minutos da resolução de arriscar outra hora no espaço, o momento de iniciar os planos para a chegada e aterragem no Aeroporto Internacional Lincoln não podia ser adiado. Enquanto Harris encarregava-se de pilotar o avião, Vernon Demerest escolheu os roteiros de aproximação e pistas, abrindo-os sobre os joelhos.

O Lincoln representava a base para os dois comandantes, e

conheciam profundamente o campo de pouso — tanto as pistas como o espaço aéreo das imediações. A segurança e o treinamento, porém, exigiam o complemento e a verificação da memória.

Os mapas confirmaram o que ambos sabiam.

Para a alta velocidade e a sobrecarga com que viajavam, a aterragem que iam executar requeria uma pista de máxima extensão. Por causa do controle de leme duvidoso, precisava também ser muito larga. E era necessário, também, que estivesse colocada diretamente a favor do vento, o qual — segundo o boletim meteorológico de Chicago — soprava borrascoso ao noroeste, a trinta nós. A número trinta preenchia todos os requisitos.

— Precisamos da trinta — disse Demerest.

— O último relatório informou que está interdita temporariamente, devido a uma obstrução — lembrou Harris.

— Eu sei — resmungou Demerest. — Aquela maldita pista está desse jeito há horas e só por causa de um jato mexicano atolado.

Dobrou um dos itinerários de aproximação do Lincoln e prendeu-o ao controle de profundores.

— Obstrução uma ova! — exclamou irritado. — Vamos lhes dar cinqüenta minutos para desatravancá-la.

Enquanto apertava o botão do microfone para prevenir o controle de rotas aéreas, Cy Jordan — pálido e abatido — entrou na cabine de comando.

NO EDIFÍCIO principal do aeroporto Lincoln, o advogado Freemantle estava intrigado.

Estranhava o fato de nenhuma autoridade protestar contra a demonstração imensa e cada vez mais ruidosa dos moradores de Meadowood. Nesse momento monopolizava a maior parte do saguão central.

Anteriormente, ao solicitar permissão ao tenente negro da polícia para realizar um comício de desagravo público, recebera uma recusa categórica. E no entanto, ali estavam, diante de uma multidão de curiosos — e nem rastro de guardas!

Freemantle achou, positivamente, incompreensível.

No entanto a explicação era incrivelmente simples.

Após a entrevista com o administrador geral, a delegação, chefiada por ele, desceu da sobreloja para o saguão. As equipes de televisão, com quem conversara antes de subir, já tinham instalado as câmeras.

Os restantes moradores de Meadowood — um contingente mínimo de quinhentas pessoas, reforçado a cada minuto — estavam reunidos em torno das atividades de filmagem. Um dos funcionários da tevê avisou-lhe:

— Quando o senhor quiser, Mr. Freemantle, está tudo pronto.

Eram duas estações, ambas planejando reportagens independentes para transmitir no dia seguinte. Com a sua astúcia habitual, o advogado já se informara a respeito dos programas a que se destinavam, para se comportar de acordo. Soube que a primeira seria apresentada num de grande audiência, no horário nobre, famoso pela controvérsia, animação e agressividade. Achava-se

preparado para fornecer os três ingredientes.

O entrevistador, um rapaz alinhado, com um corte de cabelo parecido com o de Ronald Reagan, perguntou-lhe:

— Mr. Freemantle, qual é o motivo da sua presença aqui no aeroporto?

— Porque isso é um antro de ladroagem.

— Poderia explicar melhor?

— Certamente. Os proprietários de residências em Meadowood estão sendo vítimas de uma espoliação. Furtaram-lhes a tranqüilidade, o direito à inviolabilidade de domicílio, ao repouso a que fazem jus com o seu trabalho, e ao próprio sono. Roubam-lhes o usufruto das horas de lazer, a sua saúde física e mental, e o bem-estar de seus filhos. Todas essas coisas — garantias fundamentais, asseguradas pela Constituição do país — lhes estão sendo vergonhosamente roubadas, em troca de nenhuma recompensa ou consideração, pela administração deste aeroporto internacional.

O entrevistador abriu a boca e sorriu, exibindo duas carreiras de dentes perfeitos.

— Advogado, isso é linguagem de briga.

— É porque eu e os meus constituintes estamos com vontade de brigar.

— E essa vontade tem alguma relação com qualquer fato ocorrido hoje aqui no aeroporto?

— Precisamente. Acabamos de presenciar a indiferença impassível da administração frente aos problemas que afligem os meus representados.

— E quais são os seus planos?

— Iremos pleitear nos tribunais — se necessário, na Corte Suprema — o fechamento de determinadas pistas de decolagem, até mesmo do próprio aeroporto durante as horas noturnas. Na Europa, onde o povo é mais civilizado nesses assuntos, em Paris, por exemplo,

respeitam um horário. Se não conseguirmos essa reivindicação, exigiremos uma indenização adequada para os moradores cruelmente injustiçados.

— Presumo que a sua atividade no presente momento vise também angariar o apoio público. — Perfeitamente.

— E acredita que a população irá apoiá-los?

— Se não o fizer, fica convidada a passar vinte e quatro horas em Meadowood — com o risco de abalar os tímpanos e a própria sanidade mental.

— Mas, advogado, os aeroportos sem dúvida mantêm programas oficiais de redução de barulho.

— Uma impostura, meu senhor! Uma fraude! Uma mentira pública! O próprio administrador geral acaba de confessar que até medidas insignificantes, como as chamadas "disposições para decréscimo de ruído", não estão sendo observadas.

E assim por diante.

Mais tarde, Elliott Freemantle perguntava-se se não devia ter caracterizado a declaração a respeito dos sistemas de redução de ruídos — como Bakersfeld o tinha feito — com uma referência às condições excepcionais determinadas pelo temporal. Contudo, verdade parcial ou não, o jeito com que falou era mais incisivo, e duvidava que fosse contestado. Em todo caso, apresentou ótimos desempenhos — tanto na primeira como na segunda entrevista. Durante as filmagens, as câmeras deslocaram-se várias vezes para focalizar, em *closeup*, as fisionomias atentas e expressivas dos moradores de Meadowood que os rodeavam. Elliott Freemantle confiava que no dia seguinte, quando assistissem às retransmissões em seus lares e vissem os próprios rostos na tela, se recordassem do responsável por toda a atenção recebida.

O número de residentes que o acompanharam ao aeroporto — como se fosse uma espécie de arauto divino — deixou-o assombrado. O comparecimento à assembléia no salão paroquial mal atingira uns

seiscentos. Com o mau tempo reinante e a hora tardia, pensou dar-se por satisfeito se a metade aparecesse. Mas, não só foi a quase totalidade, como muitos deviam ter telefonado aos amigos e vizinhos para que se reunissem a eles. Recebeu até pedidos para mais exemplares das arras impressas que o designavam como o representante legal. Distribuiu-os com a maior satisfação. Uma revisão mental aritmética convenceu-o de que a primitiva esperança de honorários era capaz de ultrapassar os vinte e cinco mil dólares iniciais.

Após as entrevistas na televisão, Tomlinson — o repórter do *Tribune* — que estivera tomando notas durante a filmagem — perguntou-lhe:

— Qual é o seu próximo passo, Mr. Freemantle? Pretende encenar uma demonstração no local?

Freemantle sacudiu a cabeça.

— Infelizmente a administração deste aeroporto não acredita na liberdade de expressão. Negaram-nos o direito elementar de efetuar um comício. — Apontou para os moradores presentes. — Entretanto, isso não me impede de apresentar um relatório verbal a essas senhoras e cavalheiros.

— Mas não é a mesma coisa que efetuar um comício?

— Não, absolutamente.

De qualquer modo, concedeu o advogado no íntimo, aquilo ia representar uma esplêndida diferença, sobretudo porque pretendia converter o que faria a seguir numa autêntica demonstração pública. O seu objetivo era começar com um discurso agressivo, que a polícia do aeroporto ver-se-ia obrigada a interromper. Não ofereceria a menor resistência, até a uma ordem de prisão. O simples fato de ser detido pelos guardas — se possível em plena fluência oratória — estabeleceria a sua condição de mártir do bairro, ao mesmo tempo que fornecia mais um incidente pitoresco para os jornais do dia seguinte. (Os matutinos, provavelmente, já haviam encerrado a matéria das primeiras notícias a respeito dele e do caso de Meadowood. Os redatores das edições vespertinas ficariam gratos



pelo novo ângulo do assunto.)

Detalhe ainda mais importante: os proprietários de Meadowood se convenceriam duplamente do acerto da sua escolha como líder e conselheiro legal, digno dos honorários arrecadados — cujos primeiros cheques de pagamento contava receber torrencialmente dentro de dois dias.

— Está tudo pronto — avisou Floyd Zanetta.

Enquanto conversava com o jornalista do *Tribune*, vários proprietários instalaram rapidamente o sistema portátil de alto-falantes trazido do salão paroquial. Um deles agora entregava-lhe um microfone manual. Apanhando-o, começou a discursar para a multidão.

— Meus amigos, vimos hoje aqui com as melhores intenções, dispostos a entendimentos. Tentamos contagiar a administração deste aeroporto com a nossa disposição construtiva, crentes de sermos portadores de um problema autêntico e inadiável, digno da mais atenta consideração. Como vosso representante, ensaiei — em termos racionais, mas incisivos — uma explicação desse mesmo problema. Esperava poder trazer-vos, na pior das hipóteses, uma promessa de lenitivo, ou um pouco de solidariedade e compreensão. Lamento comunicar que a delegação não recebeu nada disso. Pelo contrário, fomos acolhidos com manifesta hostilidade, vitupérios, e a garantia irresponsável e cínica de que futuramente o barulho dos aviões por cima e em torno de vossos lares será ainda maior.

Houve uma série de exclamações indignadas. Freemantle ergueu a mão.

— Perguntai aos que me acompanharam. *Eles* vos dirão. — Apontou para os mais próximos. — É ou não é verdade que o administrador informou que o pior ainda estava por vir?

A princípio relutantes, porém logo definindo-se, os integrantes da comissão assentiram.

Depois de deturpar habilmente a franqueza sincera que Mel

Bakersfeld lhes dispensara, prosseguiu.

— Estou vendo outras pessoas, além dos meus amigos e constituintes de Meadowood, que se detiveram, curiosos, para indagar o que está acontecendo. Saudámos o seu interesse. Permitam-me informar-lhes...

E continuou, no seu habitual estilo oratório.

A multidão, antes já numerosa, aumentava cada vez mais. Os viajantes em busca dos portões de embarque, encontravam dificuldade para cruzar o saguão. Os avisos de partida ficaram abafados pelo barulho. Entre os moradores de Meadowood, levantavam-se cartazes rabiscados às pressas:

"Quem recebe prioridade: os aviões ou a população?..." "Abaixo com os jatos em Meadowood!..." "Reclamamos redução de ruído!..." "Nosso bairro também paga impostos ... " "Impugnem o Aeroporto Lincoln!"

A cada nova pausa de Freemantle, aumentavam os bravos e o alarido geral. Um homem grisalho, de paletó de couro, gritou:

— Vamos dar ao aeroporto uma amostra do barulho que fazem.

Essas palavras receberam verdadeira aclamação.

Sem a menor dúvida, o "relatório" de Elliott Freemantle a essa altura já degenerava numa demonstração em larga escala. Esperava, a qualquer instante, a intervenção da polícia.

Ignorava, porém, que enquanto se desenrolava a manifestação diante das câmeras de televisão, a preocupação do aeroporto girava em torno do vôo número dois da Trans-América. Em pouco tempo, cada guarda do prédio concentrava-se em localizar Inez Guerrero. E dessa maneira o comício escapou à atenção das autoridades.

Mesmo depois que Inez foi encontrada, o Tenente Ordway permaneceu ocupado com a reunião de emergência no gabinete de Mel Bakersfeld.

Em conseqüência disso, após quinze minutos, Elliott Freemantle

ficou inquieto Por marcante que fosse aquele protesto improvisado, se não era interrompido oficialmente, de nada adiantava. E perguntava-se *onde, em nome de Deus, andaria a polícia do aeroporto, que não cumpria as suas funções?*

Foi nesse momento que o Tenente Ordway e Mel Bakersfeld desceram juntos da sobreloja da diretoria.

A reunião no gabinete terminara há vários minutos. Após o interrogatório de Inez Guerrero e a irradiação da segunda mensagem de advertência ao *Caravela de Ouro*, não havia nada a lucrar com a permanência de todos os presentes no mesmo lugar. Tânia Livingston, em companhia do A. T. S. e do chefe dos pilotos da empresa, voltou ansiosa aos escritórios da Trans-América, a fim de aguardar as próximas notícias. Os demais — com a exceção de Inez, que ficou detida para averiguações posteriores com os detetives da sede da polícia local — regressaram aos seus postos. Tânia prometeu notificar o Inspetor Standish, inquieto pela sobrinha a bordo do vôo número dois, logo que soubesse de qualquer novidade.

Mel, sem saber onde fazer a sua vigília, abandonou o gabinete com Ned Ordway. Foi este quem avistou primeiro a demonstração de Meadowood.

— Aquele maldito advogado! — exclamou, ao deparar com Elliott Freemantle. — Eu lhe disse que não queria manifestações por aqui. — Apressou-se na direção da multidão aglomerada no saguão. — Vou acabar logo com isso.

A seu lado. Mel recomendou cautela.

— Ele é bem capaz de estar contando com a sua intervenção — para se converter em herói.

Quando chegaram perto. Ordway forçou caminho com os ombros. Freemantle proclamava:

— Apesar das garantias da administração do aeroporto no começo desta noite, o tráfego aéreo — ensurdecador e insuportável como sempre — continuava intenso, apesar do adiantado da hora. Agora

mesmo...

— Vamos acabar com isso — interrompeu Ned Ordway bruscamente.  
— Já lhe disse que é proibido fazer demonstrações no prédio.

— Mas, tenente, asseguro-lhe que não há demonstração nenhuma.  
— Continuava segurando o microfone, de sorte que as suas palavras soavam com a mais absoluta nitidez. — Acontece que me foi concedida uma entrevista televisionada após a reunião com a administração do aeroporto — reunião profundamente insatisfatória, cumpre-me dizer — e que tive de relatar a essas pessoas...

— Vá relatar onde quiser! — Ordway virou-se de frente para os que estavam mais próximos. — Aqui não pode ser!

Houve olhares hostis e murmúrios de indignação no meio da assistência. Quando o policial virou-se novamente para Freemantle, estouraram as objetivas dos fotógrafos. Os refletores de tevê, já desligados, voltaram a brilhar, enquanto as câmeras focalizavam os dois. Até que enfim, pensou o advogado, tudo estava saindo conforme queria.

À margem da aglomeração, Mel Bakersfeld falava com um dos homens da televisão e com Tomlinson, o repórter do *Tribune*. Este consultava as anotações e lia de novo uma determinada passagem. Ao escutá-la o rosto de Mel ardia de raiva.

— Tenente — declarou Elliott Freemantle a Ned Ordway, — sinto o maior respeito pelo senhor e pela sua farda. O que não me impede, porém, de lembrar que também efetuamos uma outra reunião, noutra lugar, nesta noite — em Meadowood — e, devido ao barulho causado pelo aeroporto, ninguém conseguiu se fazer ouvir.

— Não estou para debates. Mr. Freemantle — retrucou Ordway. — Se não acatar as minhas ordens, terei de prendê-lo. Estou lhe pedindo que retire essas pessoas do prédio.

— E se não quisermos ir? — gritou uma voz no meio da multidão.

— Todo o mundo vai ficar aqui mesmo! — sugeriu outra. — Não

podem nos prender.

— Absolutamente! — Elliott Freemantle ergueu a mão de modo hipócrita. — Ouçam-me, por favor! Não queremos desordens, nem insubmissões. Caros amigos e constituintes — este oficial de polícia ordena a nossa desistência e a nossa partida. Respeitaremos a sua ordem. Temos o direito de considerá-la uma grave restrição à liberdade de expressão — a frase foi saudada com aplausos e vaias — mas não permitiremos que seja dito que houve um momento sequer de desrespeito à lei de nossa parte. — E acrescentou com firmeza: — Farei uma declaração à imprensa à saída do prédio.

— Um momento! — A voz de Mel Bakersfeld destacou-se clara sobre a cabeça dos circunstantes. Encaminhou-se para a frente. — Freemantle, estou interessado em saber o que você dirá nessa declaração. Pretende deturpar ainda mais o que lhe disse? Irá fornecer nova dose de citações incompletas da lei, para iludir os ignorantes? Ou apenas inventar, pura e simples, truque antigo no qual você se revelou um mestre?

Mel falava em voz alta, cada palavra chegando com nitidez aos que estavam perto. Produziu-se um zunzum de reações interessadas. As pessoas que já se afastavam ficaram paradas.

Elliott Freemantle reagiu automaticamente.

— O que está dizendo é falso e injurioso! — Mas logo farejando o perigo, deu de ombros. — No entanto, não tomarei conhecimento.

— Por quê? Se fosse, como diz injurioso, ser-lhe-ia fácil tratar do caso. — Mel encarou categórico o advogado. — Ou será que receia que se possa provar o contrário?

— Não receio coisa nenhuma, Mr. Bakersfeld. O fato é que este guarda mandou parar a festa. Portanto, com sua licença...

— Eu disse para *o senhor* parar — lembrou Ned Ordway. — O caso de Mr. Bakersfeld é completamente diverso. Ele tem autoridade sobre o local.

Ordway havia se aproximado de Mel. Os dois juntos barravam o

caminho do advogado.

— Se você fosse um policial de fato — reclamou Freemantle — nos trataria em pé de igualdade.

— Acho que ele tem razão — disse Mel inesperadamente.

Ordway olhou para Bakersfeld com curiosidade.

— Você *deveria* tratar-nos em pé de igualdade. E em vez de encerrar o comício, creio que deve conceder-me o mesmo privilégio de falar com essas pessoas, assim como Mr. Freemantle acaba de fazer. Isto, naturalmente, se você for um policial de verdade.

— Acho que gostaria de sê-lo. — O imenso negro, muito mais alto que os outros dois, sorriu. — Começo a compreender o seu ponto de vista — e o de Mr. Freemantle.

— Como vê, ele consente — observou Mel suavemente para Freemantle. — Agora, já que estamos todos aqui, podemos esclarecer certos detalhes. — Estendeu a mão. — Quer fazer o favor de me alcançar o microfone?

A raiva que sentira há poucos minutos desaparecera quase por completo. Quando ouviu a leitura que o repórter do *Tribune* havia feito, de um resumo das declarações de Elliott Freemantle, tanto perante as câmeras de tevê como depois, reagira violentamente. Tomlinson e o produtor da estação pediram-lhe para fazer comentários ao que tinha sido dito. Ele garantiu que faria. — Ah, não!

O advogado sacudiu a cabeça com firmeza. O perigo que farejara momentos antes, de repente, estava perto e vivo.

Já subestimara, nessa mesma noite, esse tal de Bakersfeld: não possuía a menor intenção de repetir o equívoco. Mantinha agora controle absoluto dos moradores de Meadowood. Tornava-se vital que a situação permanecesse inalterada. A única coisa que lhe interessava no momento era dispersar rapidamente aquela multidão.

— Já for dito mais do que o suficiente — declarou altivamente.

Ignorando Mel, entregou o microfone a um dos proprietários e apontou para o equipamento de alto-falantes.

— Recolham tudo e vamos embora.

— Eu fico com o microfone. — Ned Ordway adiantou-se e tomou-o de suas mãos. — E deixem tudo onde está.

Fez um sinal para os inúmeros guardas que haviam aparecido em torno da aglomeração se aproximarem. Enquanto Freemantle assistia ao desenrolar, impotente, Ordway passou o microfone para Mel.

— Obrigado.

Mel enfrentou a multidão de moradores de Meadowood — onde via diversas expressões de hostilidade — e de outras pessoas que, atravessando o saguão, tinham parado para apreciar. Embora fosse meia-noite e vinte, e sábado de madrugada, o trânsito ininterrupto no recinto do aeroporto não dava mostras de decrescer. Devido a vários vôos em atraso, a tensão ia se prolongar pelo resto da noite, numa fusão com o aumento de intensidade geralmente verificado durante o fim de semana, até que a situação voltasse ao normal. Se um dos objetivos do bairro reclamante era criar transtorno, Mel achou que tinha sido obtido. Aquela turba de mais de mil pessoas ocupava um lugar precioso, obrigando os passageiros que chegavam e partiam a descrever uma enorme curva, como uma maré enchente que encontra um banco de areia inesperado pela frente. A situação, evidentemente, não podia prolongar-se por mais de alguns minutos.

— Serei breve — prometeu Mel.

Falou pelo microfone, dizendo quem era.

— No começo da noite recebi a comissão enviada por vocês. Expliquei certos problemas do aeroporto. Declarei, também, que compreendia e simpatizava com o seu. Esperava que os meus esclarecimentos fossem transmitidos, se não exatamente, ao menos em substância. Em vez disso, percebo que foram deturpados e vocês,

ludibriados.

— É mentira! — explodiu Elliott Freemantle, morto de raiva.

A sua fisionomia estava rubra. Pela primeira vez o cabelo impecavelmente penteado apresentava-se em desalinho.

O Tenente Ordway prendeu o advogado com firmeza pelo braço.

— Agora cale-se! Já teve a sua vez.

Diante de Mel, um microfone de estúdio foi colocado ao lado do anterior. As luzes da tevê iluminaram-se enquanto prosseguia.

— Mr. Freemantle acusa-me de mentiroso. Está empregando expressões violentas hoje. — Consultou uma anotação que tinha na mão. — Parece-me que incluem "furto", "indiferença", e que recebi a delegação com "manifesta hostilidade e vitupérios". E mais: que as medidas para a redução de barulho que tentamos pôr em prática são uma "fraude, uma impostura e uma mentira pública". Muito bem. Vamos ver se *vocês* acham que estou mentindo ou se alguém deturpou as minhas palavras.

Mel compreendeu que fora um erro receber uma comissão mínima. Devia ter falado logo com o grupo todo. Quis obter compreensão sem provocar tumulto. Ambos objetivos haviam falhado.

Agora, pelo menos, ia procurar a conquista do primeiro.

— Vou traçar-lhes um esboço do programa seguido pelo aeroporto quanto à supressão de barulho.

Descreveu, pela segunda vez na mesma noite, as limitações impostas aos pilotos e às companhias para as quais trabalhavam.

— Em ocasiões normais — acrescentou — essas restrições são respeitadas ao pé da letra. Porém, com tempo ruim, como a nevasca que está assolando há três dias, os aviadores precisam receber uma compensação, e a segurança da aeronave recebe primazia.

Quanto às pistas: — Na medida do possível, evitamos as partidas na direção de Meadowood, a partir da número vinte e cinco.



No entanto, explicou, surgia a necessidade esporádica de usá-la quando a número trinta se encontrasse fora de serviço, como era o caso atual.

— Fazemos o máximo por vocês — insistiu — e não permanecemos indiferentes, como foi dito. Mas funcionamos como um aeroporto e não podemos fugir às nossas responsabilidades básicas, sem falar na nossa preocupação pela segurança da aviação.

A audiência ainda apresentava indícios de hostilidade. Só que agora o interesse também era manifesto.

Elliott Freemantle — fulminando Mel com o olhar — percebeu o fenômeno.

— Pelo que soube — continuou — Mr. Freemantle preferiu calar certas observações que proferi perante a comissão sobre a questão do silêncio nos arredores dos aeroportos. Os meus comentários não foram feitos — consultou novamente as anotações — com "irresponsabilidade" e "cinismo", como sugeriu, mas num esforço de franca sinceridade. Tenciono agora usar a mesma franqueza aqui com vocês.

Então, como antes, admitiu que já fora efetuado praticamente o impossível no sentido de reduzir o barulho dos aviões. Surgiram expressões de desalento ao descrever o agravamento da situação quando fossem postos em funcionamento os novos modelos a jato. Sentiu, porém, o reconhecimento pela sua confissão objetiva. Com exceção de alguns reparos isolados, não sofreu interrupções, e as suas palavras ficaram audíveis acima dos ruídos que circulavam pelo recinto.

— Há mais duas coisas que não mencionei à comissão, falha que pretendo sanar agora. — A voz ficou incisiva. — Duvido que lhes sejam agradáveis.

A primeira, informou-lhes, dizia respeito ao próprio bairro.

— Ha doze anos Meadowood não existia. Era apenas um lote de terra abandonada — sem o mínimo valor, até que a expansão do

aeroporto atingiu a sua proximidade e valorizou imensamente os terrenos. Nesse sentido, é um exemplo típico dos milhares de centros residenciais que proliferam como cogumelos ao redor de todos os campos de aviação no mundo inteiro.

— Quando viemos morar aqui — gritou uma mulher — não sabíamos nada sobre barulho de jatos.

— Mas *nós* sim! — Mel designou-a — com o dedo. — A administração, ciente da iminência dos aviões modernos e do enorme ruído que acarretariam, preveniu os interessados, as comissões locais de loteamento, insistindo — não só aqui como em todas as grandes cidades — para que *não construíssem moradias*. Eu ainda não trabalhava aqui na ocasião, mas os nossos arquivos têm comprovantes e fotografias. Este aeroporto colocou cartazes nos terrenos: A ROTA DE CHEGADA E PARTIDA DOS AVIÕES PASSARÁ POR AQUI. Outros fizeram o mesmo. E não houve uma só cidade em que os loteadores e corretores os deixassem à vista. Depois venderam os terrenos e as casas a cidadãos como vocês, silenciando sobre o problema inevitável que ia surgir Com os planos de expansão das pistas — a respeito dos quais tinham sido notificados — e no fim acho que os proprietários das imobiliárias conseguiram lograr todo mundo.

Desta vez ninguém protestou. A platéia era um mar de rostos pensativos. Mel chegou à conclusão de que, enfim, transmitira o que pretendia dizer. Sentiu uma profunda sensação de pena. Essa gente não representava um inimigo que quisesse derrotar. Eram criaturas decentes, com um problema real e urgente. Vizinhos, por quem gostaria de poder fazer mais.

Percebeu a fisionomia zombeteira de Elliott Freemantle.

— Bakersfeld, só calculo como você deve estar se julgando esperto. — O advogado virou-lhe as costas e gritou sobre as cabeças mais próximas, sem benefício do amplificador: — Não acreditem numa única palavra! Não se deixem iludir! Se ficarem ao meu lado, venceremos essa gente do aeroporto, em toda a linha!

— Se por acaso alguns não ouvirem — disse Mel pelo microfone — Mr. Freemantle acaba de aconselhá-los a permanecerem a seu lado. Também tenho algo a dizer a esse respeito.

Todos concentraram-se para escutá-lo.

— Assim como vocês, milhares de pessoas foram induzidas a comprar terrenos ou casas em áreas que não deviam ter sido loteadas, a não ser para o aproveitamento industrial, para o qual o barulho dos aviões não faz diferença. O investimento não foi de todo ruim, pois as propriedades são suas. É quase certo, entretanto, que o seu valor depreciou.

— Absolutamente certo! — exclamou um cidadão desalentado.

— Agora surgiu um novo plano para fazê-los perder mais dinheiro ainda. Por todos os cantos da América do Norte, os advogados correm em busca de moradores próximos aos aeroportos, com a promessa de que "o barulho é uma mina de dinheiro."

Freemantle, com o rosto desfigurado pela cólera, estrilou: — Mais uma palavra e eu processo você!

— Por quê? — revidou Mel. — Já adivinhou o que vou dizer?

Ora, resolveu, talvez apresentasse mesmo uma ação de calúnia contra ele mais tarde, embora duvidasse. Fosse como fosse, sentia pruridos do seu velho arrojo: uma decisão para falar francamente, sem temer as conseqüências. Era uma sensação que há quase dois anos praticamente desconhecia.

— Os residentes dos bairros que mencionei — afirmou — são persuadidos de que os aeroportos podem ser processados, e com êxito. Os proprietários vêm-se alvos de promessas mirabolantes, como se houvesse máquinas impressoras de dinheiro ao pé de cada pista de vôo. Ora, não pretendo com isso dizer que estejamos livres de processo, nem tampouco que não existam ótimos advogados honestos envolvidos nessa espécie de litígio. Quero apenas prevenir que há gente de toda espécie envolvida.

— E como é que se pode notar a diferença?

Quem perguntava era a mesma mulher que interrompera antes, mas desta vez mais moderadamente.

— Sem um programa prévio, torna-se difícil. Em outras palavras, só com o conhecimento das leis afetas aos aeroportos. Caso contrário, ficam mistificados por uma lista unilateral de precedentes legais. — Hesitou um instante e logo acrescentou: — Tive oportunidade de ouvir hoje à noite uma série de decisões específicas da jurisprudência. Se estiverem interessados, posso apresentar o outro aspecto da mesma questão.

— Queremos ouvir a sua versão, moço — disse um dos homens localizados na frente.

Várias pessoas examinavam Elliott Freemantle com curiosidade.

A hesitação de Mel foi motivada pela dedução de que já tinha ido além do que pretendia. Achou, todavia, que uns minutos a mais não fariam diferença.

Avistou Tânia Livingston nas proximidades da multidão.

— Os casos legais que ouvimos hoje, expostos com tanta fluência — começou — são velhos conhecidos das administrações dos aeroportos. O primeiro, creio eu, opôs o governo da nação a um fazendeiro chamado Causby.

Esse exemplo especial — esteio da apresentação do advogado Freemantle à população de Meadowood — constituía, explicou, uma decisão de mais de vinte anos atrás.

— Relacionou-se com um criador de galinhas e os aviões militares. Os vôos em torno da casa repetiam-se com freqüência, e baixavam a vinte metros de altura — limite muito menor do que as aeronaves que sobrevoam Meadowood. As galinhas assustavam-se e algumas morreram.

Depois de anos de pendência, o processo chegou à Corte Suprema.

— O total recebido para compensar os prejuízos — lembrou — não chegou a quatrocentos dólares, valor correspondente às galinhas

mortas. O fazendeiro não encontrou nenhuma mina de ouro, tirando-lhes qualquer possibilidade por falta absoluta de precedente legal.

Mel podia ver Elliott Freemantle, cujo rosto alternava entre a vermelhidão da cólera e a palidez da raiva impotente. Ned Ordway novamente segurava-o pelo braço.

— Existe efetivamente um caso legal — observou — que Mr. Freemantle preferiu não mencionar. Porém é importante — envolvendo também uma decisão da Corte Suprema — e notório. Infelizmente para Mr. Freemantle, não representa um reforço para os seus argumentos. Pelo contrário, vai de encontro a eles.

Explicou, então, que se tratava de *Batten contra Batten*, no qual, em 1963, o Supremo Tribunal determinou que somente uma "invasão física" literal pode constituir objeto de reivindicação. O barulho em si não é suficiente.

— Outra resolução, nas mesmas normas — prosseguiu Mel — foi o caso do *Clube Cívico de Loma Portal contra a American Airlines*, num acórdão de 1964 da Corte Suprema da Califórnia.

Decidia que os proprietários de imóveis não tinham o direito de impugnar o vôo dos aviões nas proximidades do aeroporto. O interesse público na continuidade das viagens aéreas, segundo a deliberação, era soberano e absoluto...

Mel citou ambos os exemplos prontamente, sem consultar nenhuma anotação. A audiência ficou vivamente impressionada. Agora ele sorria.

— Os precedentes legais são como as estatísticas. Quem sabe manipulá-los é capaz de provar o que bem entende. —

E acrescentou: — Não estou exigindo que aceitem cegamente as minhas palavras. Basta recorrer aos arquivos. Está tudo registrado.

Uma mulher localizada perto de Elliott Freemantle queixou-se para ele:

— O senhor não nos contou nada disso. Falou apenas o que lhe convinha.

Parte do antagonismo dirigido inicialmente a Mel ia aos poucos sendo transferido para o advogado.

Freemantle encolheu os ombros. Decidiu que o importante eram as cento e sessenta e tantas arras assinadas que tivera o cuidado de transferir para uma sacola fechada à chave no porta-malas de seu carro. Nenhuma daquelas palavras podia invalidar esse fato.

Poucos instantes após, começou a ter dúvidas.

Mel Bakersfeld estava sendo interrogado por diversas pessoas acerca de formulários de contratos legais que haviam assinado nessa mesma noite. E as suas vozes traduziam profunda incerteza. O comportamento e as declarações do administrador, evidentemente, tinham causado forte impressão. A multidão dividia-se em pequenos grupos, quase todos em animada discussão.

— Recebi algumas perguntas a respeito de um determinado contrato — anunciou Mel. Esperou que se formasse um silêncio maior e acrescentou: — Acho que todos sabem a que me refiro. Cheguei a ver uma cópia.

Elliott Freemantle abriu caminho até ele.

— E daí? Você não é advogado, conforme já ficou esclarecido. Portanto não tem autoridade para opinar sobre o assunto.

Desta vez chegara bem perto do microfone e os alto-falantes reproduziram-lhe as palavras.

— Eu vivo rodeado de contratos! — redargüiu Mel. — Cada arrendatário do aeroporto — desde a linha aérea mais importante ao concessionário de analgésicos — opera mediante um contrato submetido à minha aprovação e negociado pelos meus auxiliares.

Virou-se novamente para a multidão.

— Mr. Freemantle acaba de lembrar, com razão, que não sou advogado. Nesse caso posso dar-lhes o meu conselho de

comerciante. Em certas circunstâncias os documentos assinados hoje poderiam ser válidos. Um contrato é um contrato. Vocês *talvez* fossem condenados a pagar pelo tribunal. Mas, na minha opinião, se providenciarem uma notificação imediata, nada disso acontecerá. Porque, em primeiro lugar: não receberam nenhum resultado, não houve serviços prestados. Em segundo: cada um dos moradores teria de ser processado individualmente. — Sorriu. — Isso, em si, representa uma garantia.

— Outra coisa ainda. — Olhou diretamente para Freemantle. — Não creio que um tribunal encarasse com simpatia honorários legais cujo valor aproximado é quinze mil dólares. E em troca de serviços, quando muito, nebulosos.

— Que devemos fazer então? — perguntou o mesmo homem.

— Se realmente mudaram de idéia, sugiro que ainda hoje, o mais tardar amanhã, escrevam uma carta. Enderecem-na a Mr. Freemantle. E declarem nela a desistência da ação que pretendiam impetrar, especificando os motivos. Não se esqueçam de conservar uma cópia. Repito que, na minha opinião, jamais se ventilará o assunto de novo.

Mel fora mais franco do que pretendia ser, além de excessivamente temerário. Se Elliott Freemantle quisesse, certamente dispunha agora de elementos para lhe causar dissabores. Numa questão de interesse direto do próprio aeroporto — e conseqüentemente seu — colocara-se entre o representante e os representados, lançando dúvida sobre a integridade do advogado. A julgar pelo ódio que lia em seus olhos, nada lhe daria maior satisfação do que prejudicar o administrador ao máximo. Contudo, o instinto lhe dizia que a última coisa em que estava interessado seria um escrutínio público e minucioso dos seus métodos para encontrar constituintes e dos seus hábitos de agir. Um juiz de instrução, sensível à ética legal, podia formular perguntas embaraçosas. E do mesmo modo, posteriormente, a Ordem dos Advogados, sempre ciosa da ética profissional. Quanto mais pensava na hipótese, menos preocupado ficava.

Embora Mel não soubesse, Elliott Freemantle havia chegado a conclusão idêntica.

Por piores defeitos que tivesse, não pecava por falta de senso prático. Há muito tempo reconhecera que a vida está semeada de ardis. Alguns a gente vence, outros perde-se.

Às vezes a perda parece súbita e inconcebível. Um acaso, uma peculiaridade, uma urtiga no meio da grama, podem transformar um êxito iminente numa derrota humilhante. Felizmente para as pessoas do seu tipo, o reverso às vezes prova ser verdadeiro.

Bakersfeld tinha-se revelado uma urtiga — colhida incautamente — que teria feito melhor em evitar. Mesmo após a desavença inicial, que devia ter-lhe servido de advertência, continuara a menosprezar o adversário, permanecendo no aeroporto em vez de aproveitar a vantagem momentânea e ir embora. Outro detalhe descoberto tarde demais: Bakersfeld, além de esperto, apostava na sorte. Só um jogador seria capaz de se atrever a um lance tão arriscado como o que tentara há pouco. E Elliott Freemantle — a essa altura — era a única pessoa presente que sabia que Mel Bakersfeld havia logrado vitória.

Não duvidava que a Ordem dos Advogados julgasse a sua atividade nessa noite de modo desfavorável. Mais precisamente: já tivera um desentendimento anterior com uma comissão de inquérito da associação, e não possuía a menor intenção de provocar outro.

Bakersfeld havia acertado, pensou. Não ia ocorrer nenhuma tentativa de cobrança judicial de dívida com base nas arras assinadas. Os riscos eram grandes demais, e os lucros incertos.

Claro que não pretendia abrir mão de todas as vantagens obtidas. Decidiu escrever no dia seguinte uma carta a todos os moradores de Meadowood cujos formulários estivessem assinados. Faria o máximo para persuadi-los de que deviam continuar mantendo-o como seu representante legal, na base do salário especificado. Duvidava, entretanto, que recebesse muitas respostas. A suspeita que Bakersfeld conseguira implantar com eficácia — maldito



impudente! — produziria frutos. Talvez ainda sobrassem uns pequenos proveitos, de um punhado de gente que se mostraria disposta a prosseguir com a ação. Mais tarde precisava decidir se valia a pena. Porém podia perder as esperanças de apanhar uma boa bolada.

Não tinha importância. Outra oportunidade haveria de surgir. Como sempre.

Ned Ordway e diversos guardas já começavam a dispersar a multidão. O trânsito pelo saguão voltou a normalizar-se. O sistema portátil de alto-falante estava finalmente desmontado e sendo removido.

Mel Bakersfeld reparou que Tânia, a quem já avistara momentos antes, encaminhava-se na sua direção.

Uma das moradoras de Meadowood, que não passara despercebida por Mel em várias oportunidades — veio falar-lhe. Possuía um rosto enérgico e inteligente, emoldurado por longos cabelos castanhos.

— Mr. Bakersfeld — disse tranqüilamente. — Todo mundo falou uma porção de coisas, e chegou-se a uma compreensão melhor do problema. Mas continuo sem saber o que dizer a meus filhos quando choram e perguntam quando é que os aviões vão parar para poderem dormir.

Mel sacudiu penalizado a cabeça. Aquelas poucas palavras sublinhavam a futilidade de tudo que havia acontecido durante a noite. Sabia que não podia responder à sua pergunta. E duvidava que alguém fosse capaz — pelo menos enquanto houvesse residências nas proximidades dos aeroportos.

Ainda perguntava-se o que poderia dizer, quando Tânia entregou-lhe uma folha de papel dobrada. Abrindo-a, leu a mensagem que mostrava sinais de ter sido datilografada às pressas: vôo 2 explodiu no ar. avarias na estrutura e feridos. agora voltando para k. pouso de emergência provável chegada 01.30. cmdt. diz q precisa usar pista 30. torre comunica q continua interdita.

NOS FRANGALHOS ensangüentados em que se transformou a parte posterior da classe turista do *Caravela de Ouro*, o Doutor Milton Compagno, clínico geral, empenhava-se ao máximo de sua perícia profissional para salvar a vida de Gwen Meighen. As probabilidades de ser bem sucedido eram poucas.

Quando ocorreu a explosão inicial, provocada pela dinamite, Gwen — que se encontrava muito perto — foi quem sofreu mais o impacto.

Em outras circunstâncias, teria morte instantânea, como foi o caso de D. O. Guerrero. Duas coisas a salvaram — pelo menos temporariamente.

Interpostos entre Gwen e a bomba havia o corpo do próprio Guerrero e a porta do toailete de bordo. Nenhum oferecia proteção efetiva. Juntos, porém, foram suficientes para atrasar a força fulminante da dinamite pela fração de um segundo.

Nessa fração de tempo, o revestimento do avião se rompeu, e a segunda explosão — a descompressão explosiva — manifestou-se.

A carga inicial ainda atingiu Gwen, arremessando-a para trás, gravemente ferida e sangrando. No entanto, a sua força chocou-se com outra, adversária — o escape de ar pelo rombo aberto na fuselagem, perto da cauda do avião. O efeito foi semelhante à colisão de dois ciclones. Um instante após, a descompressão triunfou, arrastando consigo a explosão inicial pela escuridão da noite, numa altitude elevadíssima.

Apesar da sua violência, não se registraram muitos feridos.

Gwen Meighen, cujo estado era o mais grave de todos ficou caída, inconsciente, no corredor. A seu lado, o rapaz com cara de coruja que ao sair do toailete causou um sobressalto em Guerrero, estava ferido, esvaindo-se em sangue e atordoado, mas em pé e senhor de

seus atos. Cerca de meia dúzia de passageiros mais próximos sofreram cortes e contusões, causados por lascas e fragmentos da bomba. Outros foram atingidos, golpeados ou machucados, devido ao arremesso de objetos impelidos para o fundo do avião. Nenhum deles, contudo, inspirava cuidados.

De início, quando ocorreu a descompressão, todas as pessoas que não se encontravam presas aos seus assentos, viram-se jogadas na direção da brecha aberta na parte posterior, por força da sucção. Gwen Meighen foi quem esteve mais exposta a esse perigo. Porém, como tinha caído de modo que o seu braço — instintiva ou acidentalmente — prendeu-se à base de uma poltrona, não pôde ser arrastada para mais longe. E o seu corpo bloqueou a saída dos outros.

Após o escape inicial de ar, a sucção diminuiu.

Agora um problema mais grave e imediato afetava a todos, feridos ou não: a falta de oxigênio.

Embora as máscaras caíssem prontamente de seus compartimentos, só uma pequena parcela de passageiros apanhou-as, colocando-as em seguida sobre o rosto.

Antes que a demora se tornasse fatal, alguns tiveram presença de espírito. As comissárias, por influência do treinamento, tomaram as máscaras em todos os pontos do avião, gesticulando para que as imitassem. Três médicos, viajando em companhia das esposas como membros de uma excursão de férias fora de temporada, compreendendo a urgência da situação, puseram as suas, explicando rapidamente aos vizinhos mais próximos como deviam fazer. Judy, a atenta sobrinha de dezoito anos do inspetor de alfândega Standish, colocou uma sobre o rosto da criança de colo e outra sobre o seu. Imediatamente fez sinal para os pais do bebê e os que se encontravam no lado oposto do corredor, para usarem o oxigênio. Mrs. Quonsett, a velha clandestina, de tanto assistir às demonstrações de salvamento durante os seus vôos ilícitos, sabia como agir. Apanhou uma máscara para ela, lembrando-se de

socorrer o seu amigo oboísta, a quem puxou para o assento a seu lado, e ofereceu também uma. Ignorando se ia morrer, não ficou muito preocupada. De qualquer maneira, não pretendia perder um segundo do que estava acontecendo, até o derradeiro momento.

Alguém enfiou uma máscara no rapaz ferido ao lado de Gwen. Apesar de vacilante, e aturdido por aquela série de desastres, conseguiu prendê-la ao rosto.

Mesmo assim, apenas a metade dos passageiros recebeu o oxigênio ao cabo de quinze segundos — o limite crucial. A esta altura, os outros começaram a sofrer uma vertigem letárgica. Dentro de mais quinze segundos, a maioria estava inconsciente.

Gwen Meighen não recebeu oxigênio nem socorro imediato. O desfalecimento, provocado pelos ferimentos, aprofundou-se.

Foi então que Anson Harris, na cabine de comando, aceitou o risco de piorar as avarias na estrutura e a possível destruição total do avião, tomando a decisão de mergulhar a toda velocidade, salvando Gwen e os demais da asfixia.

O mergulho começou a oito mil e quatrocentos metros de altitude e terminou, dois minutos e meio mais tarde, a três mil.

Um ser humano pode sobreviver três ou quatro minutos à falta de oxigênio sem prejuízo para o cérebro.

Durante a primeira metade do mergulho — pelo espaço de um minuto e quinze segundos, até chegar a cinco mil e setecentos metros de altitude — o ar continuou rarefeito, precário para garantir a vida. Abaixo desse ponto, quantidades de oxigênio cada vez maiores se fizeram sentir, tornando-o respirável.

A três mil e seiscentos metros, foi possível respirar com regularidade. E ao atingir o limite — com pouco tempo de sobra, mas suficiente — todos os passageiros do *Caravela de Ouro* recobram a consciência perdida. Com exceção de Gwen. Muitos nem perceberam o desfalecimento.

Aos poucos, à medida que o choque inicial ia passando, os viajantes

e o resto das comissárias puseram-se a examinar a situação. A aeromoça que vinha logo abaixo de Gwen em hierarquia — uma loura trêfega de Oak Lawn, Illinois — correu a atender os feridos na retaguarda. Embora empalidecesse, pediu com urgência:

— Por favor, existe algum médico presente?

— Sim, senhorita.

O Dr. Compagno já se havia erguido do assento sem esperar ser chamado. Homem baixo, de traços incisivos, que se movia com impaciência e falava rápido com sotaque de Brooklyn, examinou ansiosamente o interior da cabine, já sentindo os efeitos do frio cortante e do vento que passava ruidoso pela brecha da fuselagem. No local onde antes estavam os toaletes e a cozinha da classe turista, havia apenas uma confusão retorcida de madeira e metal carbonizados e cobertos de sangue. O fundo, até o interior da cauda, ficara aberto, expondo os fios de controle e a montagem da estrutura.

O médico levantou a voz para se fazer ouvir acima do barulho da ventania e dos motores, agora constante e absoluto após a perda de revestimento da cabine.

— É melhor remover o maior número de pessoas para a parte da frente. Mantenham-se todos abrigados ao máximo. Vamos precisar de cobertores para os feridos.

— Vou ver se acho alguns — disse a comissária com ai pessimista.

A maior parte, geralmente depositada nas prateleiras superiores, tinha sido arrastada para fora do avião, junto com outras roupas de passageiros e miudezas, no turbilhão da descompressão.

Os outros dois médicos da pequena comitiva do Dr. Compagno juntaram-se a ele.

— Traga todo o material de primeiros socorros que encontrar — instruiu um deles à outra comissária.

Compagno — ajoelhado ao lado de Gwen — era o único que trazia

uma maleta profissional.

Carregava-a consigo por toda a parte. Constituía uma de suas idiossincrasias. Com a mesma presteza, mostrava-se sempre pronto a tomar conta de uma situação, embora — sendo clínico geral — os outros dois colegas, como internos de hospital, possuíssem grau profissional superior.

Milton Compagno desconhecia horários de trabalho. Trinta e cinco anos atrás, quando jovem, após vencer a batalha para sair do meio pobre de Nova Iorque, afixou a sua tabuleta médica na Pequena Itália de Chicago, perto das avenidas Milwaukee e Grand. A partir de então — como costumava dizer a esposa, em geral com resignação — só parou de praticar a medicina para dormir. Sentia prazer em socorrer o próximo. Agia como se a profissão fosse um prêmio recebido e que perderia se não fosse guardado com carinho. Jamais se recusou a atender um paciente a qualquer hora ou deixou de responder a um chamado. Quando passava de carro pelo local de um acidente, nunca imitava o exemplo de tantos médicos que temem ser processados mais tarde por imperícia: descia e fazia tudo que estava ao seu alcance. Mantinha-se conscienciosamente atualizado. E, no entanto, quanto mais trabalhava, mais vigor sentia. Dava a impressão de consumir todas as horas cotidianas num projeto para mitigar os males do mundo no espaço de uma existência, da qual, infelizmente, pouco restava.

A viagem a Roma — adiada inúmeras vezes — visava conhecer a terra natal de seus pais. Em companhia da esposa, ficaria ausente um mês. Como já estivesse bastante velho, concordou em observar repouso absoluto. Contudo esperava firmemente que em algum trecho do roteiro, na Itália mesmo (pouco lhe importava a exigência de licença legal), pudesse usar os seus préstimos profissionais. Se tal acontecesse, queria estar preparado. Por isso não se surpreendeu ao ser requisitado.

Dirigiu-se logo para o lado de Gwen, pois certamente era quem apresentava um estado mais grave.

— Atendam os outros — aconselhou aos colegas por cima do ombro.

No estreito corredor, virou o corpo de Gwen parcialmente. Inclinando-se, verificou que ainda respirava, porém leve e superficialmente. Chamou a mesma comissária: — Preciso oxigênio aqui no chão.

Enquanto a moça providenciava a máscara e a garrafa portáteis, abriu a boca de Gwen em busca de uma via respiratória desimpedida. Removeu os dentes quebrados, e uma grande quantidade de sangue. Certificou-se de que não impedia a respiração.

— Fique segurando a máscara no lugar — pediu à comissária.

O oxigênio assobiou. Após um ou dois minutos, reapareceu um vestígio de cor na pele de Gwen, até então sinistramente lívida.

Nesse meio tempo, começou a estancar o sangue, que se espalhava pelo rosto e peito. Agindo rapidamente, usou um hemostático para deter uma artéria facial — o pior local da hemorragia externa — e colocou pensos nas outras partes. Já tinha descoberto uma provável fratura na clavícula e no braço esquerdo, que mais tarde precisaria ser encanado. Afligiu-se ao encontrar estilhaços da explosão na vista esquerda da paciente. Quanto à direita, estava menos seguro.

O copiloto Jordan, depois de contornar Gwen e o Doutor Compagno, com grande cautela, encarregou-se das demais comissárias e ficou supervisionando o transporte do maior número possível de passageiros para a primeira classe. Alguns comprimiam-se, dois em cada assento. Outros dirigiam-se para o pequeno bar semicircular, onde havia poltronas disponíveis. Toda a roupa que sobrava foi distribuída entre os que aparentavam maior necessidade, sem se observar a quem pertenciam. Como sempre, nessas ocasiões, as pessoas prontificavam-se a se auxiliar mutuamente, numa demonstração de altruísmo e até mesmo com lampejos de humor. Os outros dois médicos ocupavam-se em pensar os passageiros que tinham sofrido ferimentos, embora nenhum excessivamente grave. O rapaz de óculos, que se encontrava atrás de Gwen no momento da

explosão, teve um talho profundo num braço, mas que podia ser tratado e havia de sarar. Apresentava alguns, menores, no rosto e nos ombros. Por enquanto aplicavam curativo no maior. Recebeu morfina e viu-se cercado de conforto e calor na medida do possível.

Com a altitude atual do avião, e a conseqüente freqüência de quedas de pressão, os cuidados médicos e a remoção de passageiros ficaram mais difíceis. O temporal provocava constantes turbulências, entrecortadas a cada instante por violentas arfagens ou deslocamentos laterais. Diversas pessoas aumentavam os dissabores com o enjôo resultante.

Depois de telefonar um segundo relatório para a cabine de comando, Jordan voltou para o lado de Compagno.

— Doutor, o Comandante Demerest pede para comunicar-lhe que se sente muito grato por tudo que o senhor e os seus colegas têm feito. Quando dispuser de um momento livre, gostaria de falar com o senhor na cabine de comando para saber o que deve transmitir pelo rádio a respeito dos feridos.

— Segure este curativo — ordenou o médico. — Aperte com força, nesse lugar. Agora preciso que me ajude com uma tipoia. Vamos usar uma daquelas capas de couro para revistas, com uma toalha por baixo. Apanhe a maior que achar, e deixe a revista dentro. E logo após:

— Irei assim que puder. Pode dizer ao comandante que julgo que deve fazer um aviso, com a maior urgência, pelo alto-falante. Os passageiros estão se refazendo do choque e vão precisar um pouco de consolo.

— Sim, senhor.

Cy Jordan contemplou a figura ainda inconsciente de Gwen. As suas feições, normalmente tristes e chupadas, ficaram intensificadas pela preocupação.

— Será que ela se salva, doutor?

— Talvez, meu filho. Mas não sei, não. Tudo depende da sua



resistência.

— Sempre me pareceu que tinha resistência de sobra.

— Bonita moça, hem?

Naquela confusão de carne dilacerada, sangue, e cabelos sujos e desgrenhados, era difícil dizer.

— Muito.

Compagno permaneceu calado. Sob qualquer hipótese, a moça estendida no chão nunca mais recuperaria a beleza — a não ser com cirurgia plástica.

— Vou transmitir o seu recado ao comandante — disse o copiloto.

Com uma aparência levemente mais nauseada, dirigiu-se à cabine de comando.

Minutos após, a voz de Vernon Demerest ocupava calmamente o sistema de alto-falantes de bordo.

— Senhoras e senhores, é o Comandante Demerest quem está falando...

Para superar o rugido do vento e dos motores, Cy Jordan aumentou o volume ao máximo. Cada palavra soava com grande clareza.

— Todos sabem que tivemos de enfrentar um grave problema. Não pretendo ocultar a seriedade da situação. Tampouco tentarei distraí-los com piadas, porque aqui na frente, na carlinga de comando não vemos nenhum motivo para riso. E imagino que vocês se sintam da mesma maneira. Acabamos de passar por uma experiência inédita para a tripulação. Espero que nunca se repita. O fato, porém, é que ficou para trás. Agora estamos com o avião sob controle, fizemos meia volta, e contamos pousar no Aeroporto Internacional Lincoln dentro de três quartos de hora, mais ou menos.

Nas duas cabines de passageiros, onde a primeira classe e a turista misturavam-se sem distinções, a remoção e as conversas sofreram uma interrupção. Os olhos, instintivamente, ergueram-se para os alto-falantes no teto, enquanto todos que se encontravam ao alcance

da transmissão esforçavam-se para não perder uma só palavra.

— Sabem, naturalmente, que o avião ficou avariado. O desastre, porém, podia ter sido muito pior.

Na cabine de comando, com o microfone na mão, Vernon Demerest perguntava-se até que ponto devia ser franco. Nos seus vôos regulares emprestava sempre aos avisos o máximo de concisão. Reprovava os comandantes que, vacinados com agulha de eletrola, bombardeavam a sua audiência cativa com comentários de toda a espécie, do princípio ao fim da viagem. Pressentia, contudo, que dessa vez precisava ser mais explícito. Os passageiros tinham direito de saber a verdade sobre a situação.

— Não esconderei — disse ao microfone — que ainda temos alguns problemas pela frente. A nossa chegada vai ser difícil, e não sabemos ainda se as avarias sofridas irão causar transtorno. Estou revelando essas coisas porque a seguir passaremos a transmitir instruções sobre a maneira de sentar e afivelar os cinturões antes da aterragem. Outra informação que necessitam é como sair do avião às pressas, caso seja imprescindível, logo que tocarmos na pista. Se isso acontecer, por favor, comportem-se com calma e rapidez, obedecendo à orientação de qualquer membro da tripulação. Permitam-me assegurar-lhes que em terra já estão tomando todas as providências em nosso auxílio.

Ao recordar-se de que precisavam da pista número trinta, Demerest esperava estar falando a verdade. Também decidiu que era perfeitamente inútil entrar em pormenores a respeito do estabilizador emperrado. De qualquer forma, a maioria não entenderia mesmo. Com um toque de leveza na voz, concluiu:

— Num certo sentido, hoje tiveram a sorte de contar com dois comandantes traquejados, em lugar de um só, como habitualmente ocorre. Acontece que somos dois — o Comandante Harris e eu. Viajamos como velhos pelicanos, com mais anos de vôo do que convém lembrar — exceto em situações como esta, em que toda a experiência acumulada surge na hora agá. Continuaremos a nos

esforçar mutuamente, junto com o copiloto Jordan, que passará parte do seu tempo em sua companhia. Por favor, cooperem conosco. Se o fizerem, prometo-lhes que venceremos os obstáculos juntos — em segurança.

Tornou a colocar o microfone no lugar.

Sem desviar a vista dos instrumentos de vôo, Anson Harris comentou:

- Excelente. Você errou de vocação: devia ser político.
- Ninguém votaria em mim — contestou Demerest com azedume.
- Em geral as pessoas não apreciam franqueza e sinceridade.

Recordava-se amargamente da reunião com a Junta de Diretoria do Aeroporto Lincoln, onde insistira para que fosse cancelada a venda de seguros no local. A sua franqueza na ocasião resultara desastrosa. Gostaria de saber como os membros da Junta — inclusive o cunhado, tão conciliador e presunçoso — iam encarar a compra de apólice de D. O. Guerrero e sua maníaca intenção de destruir o *Caravela de Ouro*. Provavelmente, pensou Demerest, mostrar-se-iam complacentes como sempre. Só que agora, em lugar de dizer *Isso jamais acontecerá*, diriam: *O que ocorreu foi excepcional. Não há possibilidade de se repetir*. Pois bem, na hipótese do jato regressar intato, e independente do que dissessem, apostava o próprio inferno como iniciaria outra imensa campanha contra a venda de seguros no aeroporto. Com uma diferença: desta vez todo mundo ia ficar sabendo. A iminência do desastre atual, fosse qual fosse o desenlace, na certa atrairia a atenção da imprensa. E não pretendia deixar escapar essa oportunidade. Faria declarações rudes aos jornalistas a respeito das apólices de vôo e dos diretores do aeroporto, sem poupar Mel Bakersfeld, seu precioso cunhado. Os velhacos relações-públicas da Trans-América se esforçariam ao máximo, naturalmente, para mantê-lo incomunicável, "nos interesses da companhia". Que experimentassem!

O rádio ligou-se subitamente.

- Trans-América Dois, aqui o Centro de Cleveland. Lincoln informa

que a pista trinta continua provisoriamente interdita. Estão tentando remover o impedimento antes de sua chegada. Do contrário, terão de pousar na vinte e cinco.

Enquanto Demerest acusava o recebimento, o rosto de Harris ficou sombrio. A pista vinte e cinco era seiscentos metros mais curta, além de mais estreita. E no momento sofria o ataque de um vento contrário. Usá-la equivalia a reunir todos os riscos que já haviam atravessado.

A expressão da fisionomia de Demerest espelhava nitidamente a sua reação à mensagem.

Continuavam sacudidos pelo temporal. Harris gastava a maior parte do tempo ocupado em manter o avião dentro de uma firmeza razoável.

Demerest virou-se para o copiloto.

— Cy, vá de novo até os passageiros e assumo o comando. Providencie para que as moças demonstrem os exercícios de aterragem, e certifique-se de que todos entenderam. Depois selecione as pessoas que lhe pareçam de confiança e mostre-lhes onde se encontram as saídas de emergência e como devem usá-las. Se ultrapassarmos a extensão da pista, o que será inevitável se descermos na vinte e cinco, é possível que o avião se espatife em seguida. Se isso suceder, faremos tudo para socorrer os passageiros, mas talvez não dê tempo. — Sim, senhor.

Mais uma vez, Jordan abandonou o seu posto de engenheiro de vôo.

Demerest, ainda inquieto com o estado de Gwen, preferia ir pessoalmente, mas a essa altura nem ele, nem Harris, poderiam afastar-se da cabine de comando.

Quando Cy Jordan saiu, o doutor Compagno chegou. Agora era mais fácil locomover-se na carlinga de vôo, pois o copiloto afastara a porta arrombada para um lado.

Milton Compagno apresentou-se rapidamente a Vernon Demerest.

— Comandante, trouxe o relatório de feridos que pediu.

— Sentimo-nos muito gratos, doutor. Se não fosse o senhor...

Compagno abanou a mão em repúdio ao agradecimento.

— Deixemos isso para depois.

Abriu uma agenda com capa de couro, onde um minúsculo lápis dourado marcava a página. Já tinha, tipicamente, obtido os nomes, registrando os ferimentos e o tratamento adequado.

— A sua comissária, Miss Meighen, é quem está mais gravemente ferida. Sofreu múltiplas dilacerações no rosto e no peito, com considerável perda de sangue. Sem falar no choque emotivo, apresenta uma fratura conjunta no braço esquerdo. Além disso, por obséquio, notifique o encarregado das providências no aeroporto para colocar um cirurgião oftálmico à disposição imediatamente.

Vernon Demerest, mais pálido que de costume, buscava forças para copiar as informações do médico. De repente, com um sobressalto, parou de escrever.

— Um cirurgião oftálmico! Quer dizer... os seus olhos?

— Sim, infelizmente. — Confirmou o Doutor Compagno com gravidade. Mas logo corrigiu: — Pelo menos há estilhaços na vista esquerda, e não disponho de meios para saber se é madeira ou metal. Só um especialista poderá determinar se a retina foi atingida. O olho direito, pelo que pude ver, foi poupado.

— Ó meu Deus!

Sentindo-se mal, Demerest pôs a mão no rosto, O Doutor Compagno sacudiu a cabeça.

— É muito cedo para tirar conclusões. A cirurgia oftálmica moderna é capaz de feitos extraordinários. Mas o fator mais importante é o tempo.

— Transmitiremos tudo que nos disse pelo rádio da companhia — assegurou-lhe Anson Harris. — Terão tempo para se preparar.

— Então é melhor que lhe dê o resto.

Demerest anotou maquinalmente a parte final do relatório médico. Comparados com os ferimentos de Gwen, os dos outros passageiros eram insignificantes.

— Preciso ir agora — disse o Doutor Compagno. — Vou ver se houve alguma modificação.

— Fique mais um pouco — pediu Demerest repentinamente.

O médico parou, com uma expressão de curiosidade.

— Gwen... quero dizer, Miss Meighen ... •— a voz soava forçada e tímida, mesmo para ele. — Ela estava... está... grávida. Faz alguma diferença?

Percebeu que Anson Harris olhara-o de esguelha, literalmente assombrado.

O médico respondeu, um tanto defensivamente:

— Não dispunha de meios para saber. A gravidez não pode estar muito adiantada.

— Não — confirmou Demerest, evitando os olhos do colega — não está.

Minutos atrás tinha resolvido não formular a pergunta.

Porém decidiu que precisava ter certeza.

Milton Compagno pensou um pouco.

— Quanto à sua capacidade de restabelecimento, é lógico que não fará diferença. No tocante à criança, a mãe não ficou privada de oxigênio o tempo suficiente para causar algum dano... como os outros, aliás. Não apresenta ferimentos no abdômen. — Interrompeu-se, e logo prosseguiu, irrequieto: — Portanto não deve ter sofrido nada. Caso Miss Meighen sobreviver — e mediante um pronto tratamento hospitalar, as possibilidades são boas — terá um parto normal.

Demerest assentiu, sem pronunciar uma só palavra. O médico, após

um momento de hesitação, foi embora.

Formou-se um ligeiro silêncio entre os dois comandantes. Anson Harris rompeu-o.

— Vernon, eu gostaria de descansar antes de fazer a aterragem. Quer pilotar um pouco?

Demerest concordou com a cabeça, deslocando as mãos e os pés automaticamente para os controles. Sentia-se grato pela ausência de perguntas ou comentários a respeito de Gwen. Harris podia pensar ou imaginar o que quisesse, porém tinha a decência de guardar as suas reflexões no íntimo.

Apanhou a lista de informações do Doutor Compagno. — Vou transmitir isto.

Trocou os receptores de rádio para chamar o operador da Trans-América.

O ato de pilotar representava um lenitivo físico para Demerest após o choque e a emoção que acabava de receber.

Possivelmente o colega havia considerado o mesmo, quem sabe. De qualquer modo era sensato que a pessoa encarregada de efetuar as manobras de chegada poupasse as energias.

Quanto à aterragem, arriscada como ia ser, Anson Harris sem dúvida pretendia fazê-la. Demerest — baseando-se na atuação apresentada até o presente momento — não viu motivo para objeções.

Concluída a transmissão do relatório pelo rádio, baixou o encosto do assento para trás e estendeu o corpo para descansar.

Ao seu lado, Demerest esforçava-se para se concentrar exclusivamente no vôo. Era impossível. Para um piloto de experiência e habilidade, a absoluta absorção durante o vôo horizontal — mesmo em circunstâncias penosas, como agora — não é costumeira, nem indispensável. Embora tentasse expulsá-los ou adiá-los, os pensamentos com relação a Gwen persistiam.

*Gwen...* cujas possibilidades de sobrevivência eram "relativamente boas" e que nessa noite estivera brilhante, linda e cheia de promessas, agora não iria mais para Nápoles, como haviam planejado... *Gwen*, que uma hora ou duas antes confessara com aquela voz inglesa, tão clara e tão meiga, acontece *que eu gosto de você...* *Gwen*, cujo afeto retribuía, a despeito de si mesmo, porque não admiti-lo?...

Com dor e angústia enxergava-a mentalmente: ferida, inconsciente, e *com o seu filho no ventre* — aquela criança que insistira para que se livrasse como indesejável... Ela respondera com brio: eu *estava mesmo me perguntando quando você ia tocar no assunto...* Depois ficara emocionada. *Um privilégio... uma sensação imensa, maravilhosa. De repente, numa situação como a de nós dois, percebe que é preciso acabar com tudo, desperdiçar o que [oi concedido.*

Eventualmente, porém, com o seu poder de persuasão, concedera: Bem, acho que no fim escolherei a solução mais sensata. Farei o aborto.

E agora não seria possível optar mais por aquela saída.

Gwen iria para uma espécie de hospital onde o aborto só é permitido em caso de opção imediata entre a salvação da mãe ou do nascituro. Pelo que o Doutor Compagno dissera, parecia que essa hipótese estava descartada. E posteriormente seria tarde demais.

Portanto, se Gwen vencesse a crise, o filho nasceria.

Sentia-se aliviado ou arrependido? Demerest não tinha certeza.

Recordava-se, também, de outra coisa que Gwen havia dito. A diferença entre nós é que você já teve um filho... aconteça o que acontecer, sempre existe alguém, num lugar qualquer, que é a sua continuação.

Referia-se à criança que ele nunca conhecera, nem mesmo de nome. A menina, nascida no limbo das providências tomadas pelo plano P-3-P-G da Trans-América, desaparecera logo de vista, para sempre.



Hoje à noite, à força de perguntas, admitira que às vezes pensava nela. Não revelara, porém, que não lhe saía do pensamento, e lembrava-se dela com mais freqüência do que gostaria.

A filha desconhecida estava com onze anos de idade. Sabia a data do aniversário, embora se esforçasse para esquecê-la. Contudo, a cada ano, acontecia o mesmo: sentia vontade de fazer alguma coisa — ao menos enviar um telegrama de felicitações... Imaginava que fosse porque nunca tivera filhos com Sarah (embora fosse o desejo de ambos) e de cujo aniversário pudesse participar... Outras vezes formulava perguntas a si mesmo, sabendo perfeitamente a impossibilidade de respondê-las: Onde estaria a menina. Como seria? Viveria contente? Quando encontrava crianças pelas ruas e as idades correspondiam, especulava se, por acaso... depois censurava-se pela tolice. Ocasionalmente atormentava-o a idéia de que podia estar sendo maltratada, ou precisando de auxílio, para os quais não dispunha de meios de socorro... Agora, à lembrança, as suas mãos instintivamente apertaram o controle de profundores.

Pela primeira vez compreendia: jamais suportaria de novo a mesma incerteza. A sua própria natureza exigia fatos concretos. Poderia, e teria, enfrentado o aborto porque se tratava de algo decisivo, definitivo. Além disso, nada do que Anson Harris havia dito antes sobre o assunto alterava a sua resolução. Claro, talvez tivesse dúvidas, ou até remorsos, depois. Mas ao menos *saberia*.

O alto-falante do rádio, no teto, interrompeu abruptamente o curso dos seus pensamentos.

— Trans-América Dois, aqui o Centro de Cleveland.

Vire à esquerda, ângulo dois zero cinco. Comece a descer, quando estiver pronto, para mil e oitocentos metros. Informe quando sair dos três mil.

A mão de Demerest puxou para trás os quatro manetes para dar início à baixa de altitude. Recompôs o indicador do trajeto de vôo e começou a curva.

— Trans-América Dois entrando em curso dois zero cinco —

comunicava Anson Harris a Cleveland. — Abandonando agora três mil.

O vácuo acentuou-se à medida que desciam, mas a cada novo minuto aproximavam-se do destino e da esperança de salvamento. Ao mesmo tempo chegavam mais perto do ponto limítrofe da rota aérea onde, a qualquer instante, Cleveland os transferiria para o centro de Chicago. A partir desse momento, faltariam trinta minutos para entrar no âmbito do controle do aeroporto Lincoln.

— Vernon, tenho a impressão de que você sabe como lamento que aconteceu com Gwen — disse Harris serenamente. Hesitou. — Nada tenho com a vida de ambos, mas pode contar com a minha amizade para tudo...

— Está tudo em ordem — afirmou Demerest.

Não tinha intenção de entrar em confidências com Anson Harris, que, embora piloto competente, a seus olhos continuava a ter uma mentalidade de solteirona.

Agora se arrependia de ter deixado escapar o segredo mas a emoção o dominara — coisa que raramente lhe acontecia. Preferiu adotar novamente a tradicional expressão irônica, que constituía a sua defesa para disfarçar os sentimentos íntimos.

— Passando os dois mil e quatrocentos metros — comunicou Anson Harris ao controle de rotas aéreas.

Demerest continuou a manter o avião em constante descida, dentro do curso. Os seus olhos seguiam os instrumentos de vôo em seqüência uniforme.

Lembrou-se de uma coisa a respeito da criança — a sua filha — que tinha nascido há onze anos. Semanas a fio antes do nascimento, debatera-se na dúvida se devia confessar a infidelidade à própria Sarah, sugerindo que a adotassem. Finalmente, faltou-lhe coragem. Temia a reação escandalizada da mulher. Receava que jamais aceitasse a menina, cuja presença serviria de permanente recriminação.

Muito tempo depois, quando era tarde demais, compreendeu que tinha sido injusto com Sarah. É bem verdade que ficaria chocada e ferida, tanto antes como agora, se soubesse do seu caso com Gwen. Porém com o tempo, e rapidamente, com o seu hábito de arcar com as conseqüências, se conformaria. Porque, com toda a placidez da esposa, que Demerest encarava como apatia, e apesar das suas atividades burguesas e suburbanas — o clube e a pintura a óleo amadora — possuía um âmago de sólida sensatez. Imaginava que fosse essa a razão da durabilidade do casamento, o motivo porque, mesmo hoje, nem pensava em divórcio.

Sarah teria encontrado uma solução. Iria fazê-lo amargar e sofrer um pouco, talvez longamente. Mas terminaria concordando com a adoção, e a única criatura a quem seria poupada qualquer provação era a menina. Nesse sentido, Sarah havia de se esmerar. Tinha fibra. E pensou: se ao menos...

— A vida está cheia de malditos "se ao menos..." — falou em voz alta.

Nivelou o avião em mil e oitocentos metros, avançando os manetes para manter a velocidade. O assobio do jato levantou de volume.

Harris estava ocupado em mudar as freqüências dos transmissores e — agora que passavam pelo ponto de transferência — informar o centro de Chicago.

— Você disse alguma coisa? — perguntou. Demerest sacudiu a cabeça.

A turbulência da tempestade continuava péssima como sempre, jogando o avião para todos os lados.

— Trans-América Dois, já estamos em contato de radar com vocês — rascou uma nova voz do Centro de Chicago. Harris prosseguiu atendendo às comunicações.

Vernon Demerest ponderava: A respeito de Gwen, era melhor tomar logo uma decisão.

Muito bem, resolveu, ia enfrentar as lágrimas e recriminações de Sarah, e talvez a sua cólera — mas contaria a verdade.

Aceitaria a responsabilidade pela gravidez de Gwen.

Em casa, a histeria resultante poderia durar dias intermináveis, e os efeitos posteriores prolongarem-se por semanas e até meses a fio, causando-lhe um sofrimento enorme.

Passado o pior, porém, encontrariam uma solução harmoniosa. Por estranho que pareça — e supôs que isso provasse a sua confiança em Sarah — não tinha a menor dúvida a esse respeito.

Não possuía a menor idéia do que ambos fariam. Boa parte dependia da atitude de Gwen. A despeito do parecer médico sobre a gravidade dos ferimentos, Demerest estava convicto de que ela conseguiria sobreviver. Era dinâmica e corajosa: mesmo inconsciente, lutaria pela vida e, eventualmente, adaptar-se-ia a qualquer diminuição física que viesse a suportar. Também teria idéias próprias a respeito da criança. Talvez não desistisse tão facilmente e até se recusasse a entregá-la. Não costumava ser joguete de ninguém, nem tampouco receber ordens. Tinha uma personalidade independente.

Como resultado, era provável que ficasse com duas mulheres para enfrentar — além da criança — em vez de uma só. Como sair dessa situação?

Levantaria, por sua vez, um problema: até que ponto Sarah se mostraria cordata?

Céus! — que confusão.

Agora, porém, que assumira a primeira decisão, estava certo de um resultado positivo. Refletiu amargamente: pelo preço que ia pagar, em aflições e mesmo em dinheiro, não podia contar com menos.

O altímetro em regressão mostrava que tinham baixado a mil e quinhentos metros.

A criança nasceria, evidentemente. Já começava a pensar no fato de um modo novo e diferente. Claro que não se deixaria arrastar por sentimentalismo piegas, como certas pessoas — Anson Harris, por exemplo — manifestam pelos recém-nascidos. Mas, afinal de contas, era seu filho. A experiência seria certamente inédita.

Como foi mesmo que Gwen dissera no carro, a caminho do aeroporto, horas antes? ... o pequeno Vernon Demerest dentro de mim. Se for menino, podia se chamar Vernon Demerest II, à maneira americana.

Não era má idéia. Riu sozinho.

Harris lançou-lhe um olhar de soslaio. — De que você está rindo?

— Não estou rindo! — explodiu. — Ora bolas, rindo de *quê?* Que motivos temos para risos?

Harris encolheu os ombros.

— Devo ter-me enganado.

— É a segunda vez que você escuta coisas que não aconteceram. Depois deste vôo de provas, sugiro que faça um exame de ouvidos.

— Não precisa ser grosseiro.

— Ah, não? Não preciso? — Demerest transformou-se numa fera de exatidão. — Talvez essa situação toda precise de alguém que saiba ser grosseiro.

— Nesse caso — revidou Harris — ninguém mais indicado do que você.

— Então se já terminou com as perguntas bestas, comece a pilotar de novo, e deixe essas nulidades em terra por minha conta.

Anson Harris acionou o assento para a frente.

— Se é a sua vontade, por que não? — Concordou com a cabeça. — Eu me encarrego.

Soltando os controles, Demerest apanhou o microfone do radiotransmissor. Sentia-se melhor, revigorado, com a decisão tomada. Agora podia lutar com coisas mais imediatas. Começou a falar entre dentes:

— Centro de Chicago, aqui fala o Comandante Demerest do Trans-América dois. Vocês estão me ouvindo, ou tomaram um soporífero e desistiram?

— Aqui é o Centro de Chicago, comandante. Continuamos ouvindo, e ninguém desistiu.

A voz do operador continha um tom de recriminação.

Demerest fingiu não perceber.

— Então porquê diabo não surgem os resultados? Este avião está em sério perigo. Precisamos de auxílio.

— Um momento, por favor. — Houve uma pausa e depois surgiu uma nova voz. — Aqui fala o supervisor do Centro de Chicago. Comandante, Trans-América Dois, ouvi a última transmissão. Compreenda, por favor, que estamos fazendo o possível. Antes de entrarem no nosso setor, trabalhamos com uma equipe de doze pessoas, para desviar o resto do tráfego. Estão todos a postos ainda. Vocês contam com prioridade absoluta, frequência de rádio desimpedida, e um curso direto para Lincoln.

— Não chega — rosou Demerest. Fez uma pausa, sempre com a mão apoiada no botão do microfone. — Supervisor de Chicago, ouça bem. Nenhum curso direto para Lincoln resolve o nosso problema se termina na pista vinte e cinco, ou qualquer outra além da trinta. E não me venha com essa história de que está interdita. Já sei de tudo isso. Conheço a causa. Agora anote o que vou dizer e faça com que Lincoln também entenda: o nosso avião está sobrecarregado, e a aterragem é questão de segundos. Além disso, sofremos avarias na estrutura, inclusive estabilizador emperrado e controle de leme duvidoso. Se formos conduzidos à pista vinte e cinco, vai haver um jato destruído e muita gente morta em menos de uma hora. Portanto chame Lincoln, seu moço, e aperte os parafusos daquele pessoal. Diga-lhes que os meios empregados não importam — podem até explodir o que está interditando a trinta, se for preciso. Mas temos de usar aquela pista. Entendido?

— Entendido, perfeitamente, Trans-América Dois. — A voz do supervisor continuava serena, mas com um tom mais humano do que antes. — A sua mensagem já está sendo retransmitida para Lincoln.

— Ótimo. — Demerest baixou novamente o botão do rádio. — Agora tenho outra, endereçada a Mel Bakersfeld, administrador geral do aeroporto. Passem-lhe a anterior e depois acrescentem o seguinte: Pessoal — da parte do seu cunhado: Estamos em perigo por sua culpa, seu sacana, que não quis atender o meu pedido sobre os seguros de vôo no aeroporto. Você está em dívida comigo e com todas as demais pessoas a bordo deste avião. Trate de descer do seu poleiro de pingüim e abra aquela pista.

Desta vez a voz do supervisor hesitou.

— Trans-América Dois, anotamos sua mensagem. Comandante, o senhor tem certeza de que devemos empregar esses termos?

— Centro de Chicago — respondeu Demerest com violência, — não se arrisquem a modificar uma só palavra! Estou lhes dando uma ordem: enviem tal como está — rápido, com clareza e sem hesitar.

PELO TRANSMISSOR do controle de terra do seu carro em movimento, Mel Bakersfeld escutava as convocações e distribuição dos veículos de emergência do aeroporto.

— Controle de terra chamando cidade vinte e cinco.

Era o sinal de código do chefe de bombeiros do campo de pouso.

— Aqui cidade vinte e cinco rodando. Prossiga.

— Informação adicional. Emergência de segunda categoria dentro de trinta e cinco minutos aproximadamente. O vôo em causa está avariado e pousará na pista trinta, se desimpedida. Do contrário, usará a vinte e cinco.

Na medida do possível, os controladores evitavam designar, pelo rádio, uma companhia de aviação envolvida em algum acidente, inevitável ou virtual. A expressão "o vôo em causa" era utilizada como pretexto. As empresas mostravam-se muito suscetíveis a esses detalhes, sendo da opinião que quanto menos se pronunciasse os seus nomes naquele contexto, tanto melhor.

Em todo caso, segundo Mel, os acontecimentos dessa noite iam receber ampla divulgação, com uma publicidade de âmbito certamente mundial.

— Cidade vinte e cinco para controle de terra. O piloto pediu espuma para a pista?

— Não. Repetimos: não pediu espuma.

A ausência de espuma implicava que o avião possuía o trem de pouso em condições de funcionamento, e não efetuará uma aterragem de bojo.

Mel sabia que todos os veículos de prontidão — carros-bomba,



caminhões de socorro, ambulâncias — acompanhariam o chefe dos bombeiros, que também dispunha de um canal de transmissões separado, a fim de se comunicar individualmente com cada um deles. À menor advertência, ninguém perdia tempo. Observavam uma norma: mais vale prevenir do que remediar. Os grupos de emergência agora já estariam ocupando posição entre as duas pistas, preparados para se deslocarem para a que fosse necessária. O sistema não admitia improvisações. Cada movimento numa ocorrência semelhante estava previsto num plano padrão do aeroporto.

A um intervalo nas transmissões, Mel acionou o próprio microfone.

— Carro um chamando controle de terra.

— Carro um, prossiga.

— A nova situação de emergência já foi comunicada a Joe Patroni, no avião atolado da pista trinta? — Afirmativo. Estamos em contato pelo rádio.

— Qual foi o seu último relatório?

— Espera remover o jato dentro de vinte minutos.

— Ele tem certeza? — Negativo.

Mel Bakersfeld esperou antes de transmitir novamente.

Atravessava o campo de pouso pela segunda vez na mesma noite, com uma mão no volante e a outra no microfone — dirigindo com a máxima velocidade permitida pela contínua queda de neve e visibilidade restrita. As luzes das vias de acesso e das pistas, únicas diretrizes nas trevas, desfilavam sucessivamente. A seu lado, no assento de direção, estavam Tânia Livingston e Tomlinson, o repórter do *Tribune*.

Minutos antes, quando Tânia entregou-lhe o recado sobre a explosão a bordo do *Caravela de Ouro*, contendo a notícia de que o avião ia tentar o retorno ao Lincoln, Mel livrara-se instantaneamente da multidão de moradores de Meadowood.

Acompanhado por ela, encaminhou-se aos elevadores que conduziam ao porão de garagem, dois pavimentos abaixo, e ao seu carro oficial. O lugar do administrador geral, a essa altura, era a pista número trinta, se fosse necessário assumir o comando das providências. Ao abrir caminho entre a massa popular no saguão central, avistou o repórter do *Tribune* e disse-lhe com brevidade: — "Venha comigo." Queria retribuir-lhe o favor da informação sobre Elliott Freemantle — tanto a respeito do formulário das arras como em relação às mentirosas declarações posteriores do advogado, que Mel conseguiu repudiar. Como Tomlinson hesitasse, Mel foi logo dizendo: — "Não tenho tempo a perder. Estou lhe dando uma oportunidade que vai se arrepender se não aproveitar." Dispensando qualquer pergunta, o jornalista saiu no seu encaixe.

Agora, enquanto o carro avançava, passando na frente dos aviões em manobras toda a vez que podia, Tânia repetiu a essência das notícias sobre o vôo número dois.

— Expliquem-me uma coisa — pediu Tomlinson. — Existe apenas uma pista com a extensão necessária e ocupando a posição requerida?

— Exatamente — confirmou Mel. — Embora fosse indispensável que houvesse duas.

Recordava-se amargamente das sugestões que apresentara, durante três anos consecutivos, para uma nova pista, paralela à trinta. O aeroporto tinha necessidade. O volume do tráfego e a segurança dos aviões clamavam pela execução do seu relatório, sobretudo porque levariam dois anos com a construção. Outras influências, porém, saíram vitoriosas. E por falta de dinheiro, o projeto tombou por terra. Apesar dos seus rogos posteriores, nem a construção fora ainda aprovada.

Com uma boa série de projetos, Mel podia influenciar a Junta de Diretoria a seu bel-prazer. No caso da nova pista proposta, cabalou os membros um por um, obtendo promessas de adesão, que mais tarde não foram mantidas. Teoricamente, os diretores eram

independentes de pressões políticas. Na realidade, deviam a nomeação ao prefeito municipal e, em geral, mantinham afiliações partidárias. Se um esquema levasse o prefeito a adiar uma verba destinada ao aeroporto por causa de outros projetos, orçados no mesmo valor e com maior possibilidade de angariar votos, a pressão era exercida e a verba desviada. No caso da nova pista sugerida, não só foi exercida como logrou torpedeá-la três vezes sucessivas. Por ironia, conforme Mel havia recordado no começo da noite, o triplo pavimento dos parques de estacionamento público — menos vitais, mas mais visíveis — não sofreu entrave nenhum.

Resumidamente, e sem rodeios, como até então tinha-se limitado a fazer em conversas particulares, descreveu a situação, inclusive as influências políticas.

— Gostaria de publicar tudo o que acaba de me dizer. — A voz do jornalista possuía a excitação controlada de um repórter que sabia quando consegue um grande furo. — Posso?

Ia haver o diabo se aquilo fosse reproduzido pela imprensa. Mel bem o sabia. Já imaginava os telefonemas indignados que receberia da prefeitura na segunda-feira pela manhã. Mas alguém precisava falar. O público tinha de conhecer a gravidade da situação.

— Não faça cerimônia — respondeu. — Confesso que estou com vontade de ser citado.

— Já imaginava. — Do lado oposto do banco, olhou com curiosidade para Mel. — Se não se incomoda que eu lhe diga, o senhor esteve em grande forma hoje à noite. Agora mesmo, e também com o advogado e toda aquela gente de Meadowood. Parecia ter voltado aos bons tempos. Há muito que não o ouvia falar dessa maneira.

Mel conservou os olhos na via de acesso à sua frente, esperando a passagem de um DC-8 da Eastern, que virava à esquerda. Porém pensava: será que a sua conduta durante esses dois últimos anos, a ausência de seu velho espírito combativo, havia sido tão óbvia a ponto de os outros também perceberem?

A seu lado, tão próxima que sentia o calor do seu corpo, Tânia disse

em voz baixa:

— Enquanto estamos aqui falando... a respeito de pistas, público, Meadowood e assim por diante... não consigo tirar da idéia todas aquelas pessoas a bordo do vôo número dois. Gostaria de saber o que estão sentindo, se têm medo.

— Claro que sentem medo — disse Mel. — Se tiverem um pouco de imaginação e souberem o que está acontecendo. Eu também teria.

Estava lembrando-se do seu pavor, ao ficar encurralado no avião da marinha que submergia, anos atrás. Como se tivesse sido engatilhado pela memória, surgiu-lhe um acesso de dor no antigo ferimento do pé. Com a agitação da última hora, acostumara-se a ignorá-lo. Contudo, como sempre, por efeito do cansaço, o esforço em demasia, no fim terminava subjugando-o. Apertou os lábios com força, na esperança de que não tardasse a diminuir ou passar.

Estava à espreita de um novo intervalo nas trocas de mensagens de terra. Ao primeiro, comprimiu outra vez o botão do microfone.

— Carro um chamando controle de terra. Receberam algum relatório sobre a premência do vôo em perigo para usar a pista trinta?

— Carro um, sabemos que é muito grande. É Mr. Bakersfeld?

— É, sim.

— Um momento, chefe. Estamos recebendo novas informações.

Com o carro sempre avançando, próximo à pista interdita, Mel esperou. O que ficasse sabendo agora ia determinar o curso de ação drástica que estava contemplando.

— Controle de terra chamando carro um. A mensagem seguinte acaba de ser retransmitida pelo Centro de Chicago: Curso direto para o Lincoln não resolve se termina na pista vinte e cinco. Avião sobrecarregado, aterragem em questão de segundos...

O trio sentado no interior do carro escutou, tenso, a repetição da mensagem de Vernon Demerest. Às palavras, "Se formos

conduzidos à pista vinte e cinco, vai haver um jato destruído e muita gente morta", Mel ouviu Tânia soltar um profundo suspiro, enquanto o seu corpo estremecia.

Preparava-se para acusar o recebimento, quando o controle de terra prosseguiu.

— Carro um — Mr. Bakersfeld, há um adendo à mensagem anterior. É pessoal, da parte de seu cunhado. O senhor dispõe de um telefone?

— Negativo. Leia-o agora, por favor.

— Carro um — percebeu a hesitação do operador: — a linguagem é muito íntima.

O controlador sabia — como Mel — que muitos ouvidos no aeroporto estavam escutando.

— Refere-se à situação atual?

— Afirmativo. — Então leia.

— Perfeitamente. Eis a mensagem: Estamos em perigo por sua culpa, seu sacana, que não quis atender o meu pedido sobre os seguros de vôo no aeroporto...

Mel apertou a boca, mas ouviu até o fim. Depois acusou o recebimento com voz neutra: — Recebido, obrigado.

Tinha certeza de que Vernon sentia o maior prazer em mandar aquele recado, pelo menos no limite permitido pelas circunstâncias a bordo do avião. E ficaria ainda mais satisfeito ao saber a forma como fora transmitido.

O adendo, entretanto, era supérfluo. Mel já havia tomado uma decisão ao ouvir o primeiro comunicado.

O carro agora aproximava-se velozmente da pista trinta. O círculo de refletores e veículos que cercava o jato 707 atolado, de propriedade da Aéreo-Mexicana, começou a ser avistado. Mel notou, com alívio, que o solo estava coberta apenas por uma tênue camada de neve. A despeito do bloqueio de uma parte, o resto tinha se conservado

limpo.

Ligou o rádio na frequência da manutenção do aeroporto.

— Carro um chamando centro de repressão à neve.

— Aqui fala o centro de repressão. — A voz de Danny Farrow revelava cansaço, o que não constituía nenhuma surpresa. — Prossiga.

— Danny — pediu Mel — interrompa a Fila da Conga. Envie os limpa-neves Oshkosh e os aplanadores pesados para a pista trinta. Devem dirigir-se para o local do avião atolado e aguardar instruções. Mande-os partir imediatamente e depois me chame de novo.

— Recebido, providenciarei.

Parecia que Danny queria fazer uma pergunta, mas aparentemente mudou de idéia. Um momento mais tarde, na mesma frequência, os ocupantes do carro ouviram-no expedir ordens ao chefe do comboio da Fila da Conga.

O repórter do *Tribune* curvou-se para a frente.

— Ainda estou tentando juntar os detalhes — disse. — Esse negócio a respeito do seguro de vôo... O seu cunhado é troço na Associação de Pilotos Comerciais, não? — É, sim.

Mel parou o carro na pista, a poucos metros de distância do círculo de luzes em torno do grande jato atolado. Havia movimento por toda a parte: debaixo da fuselagem do avião, e de ambos os lados, onde os mecânicos escavavam febrilmente. A figura atarracada de Joe Patroni dirigia as atividades. Dentro em pouco ia reunir-se a ele, após receber a resposta de Danny Farrow, no controle de repressão, pelo transmissor de rádio.

— Acho que me lembro de qualquer coisa — disse o repórter pensativamente. — Não foi o seu cunhado quem fez um estardalhaço para que fosse cancelada a venda de seguros no aeroporto — tal como a APC queria — e o senhor derrotou a proposta?

— Não fui eu quem recusou. Foi a Junta de Diretoria, embora eu concordasse com a decisão.

— Se a pergunta não for indiscreta, os acontecimentos desta noite alteraram a sua opinião?

— Francamente, o momento não me parece... — protestou Tânia.

— Eu respondo — atalhou Mel. — Ainda não modifiquei a minha opinião, pelo menos por enquanto. Mas estou refletindo sobre o caso.

Segundo pensava, a hora não era propícia para mudar de opinião sobre o seguro de vôo — se chegasse a tanto. Não agora, no auge da emoção e na esteira da tragédia.

Dentro de um ou dois dias, os incidentes surgiriam numa perspectiva melhor. Então tomaria a decisão, se devia ou não insistir com a Junta para revisar a orientação a respeito. Nesse meio tempo, era inútil negar que tudo reforçava os argumentos, não só de Vernon Demerest como da Associação de Pilotos Comerciais.

Supunha possível um compromisso. Um porta-voz da APC certa vez lhe dissera que os aviadores não esperavam a vitória rápida e imediata da campanha contra a venda de apólices nos aeroportos. O êxito levaria anos e "seria obtido como fatias de salsichão — uma de cada vez". A fatia do Lincoln correspondia à proibição de máquinas automáticas nos postos sem supervisão, a exemplo de vários outros. Um estado da federação — Colorado — já as banira através de um Ato Legislativo. Mel sabia de inúmeros que pretendiam fazer o mesmo, embora nada impedisse os aeroportos, enquanto isso, de agir por conta própria.

O sistema automático, na sua opinião, representava o pior aspecto da orientação, embora a enorme apólice adquirida por D. O. Guerrero nessa noite não tivesse sido obtida através dele. Mesmo assim, se continuasse a venda nos balcões — por mais alguns anos, até acostumar o público — seria preciso adotar medidas precatórias...

Apesar de resolvido a não tomar nenhuma decisão irrevogável, parecia-lhe óbvia a conclusão a que seria levado pelo próprio raciocínio.

O rádio, permanentemente ligado na frequência da manutenção, transmitia as chamadas entre os veículos. Agora anunciava:

— Controle de repressão chamando carro um.

— Pode falar, Danny — respondeu Mel.

— Quatro limpa-neves e três aplanadores, com o chefe do comboio, estão a caminho da pista trinta, conforme suas instruções. Quais são as ordens, por favor?

Mel escolheu as palavras com o máximo cuidado, ciente de que em alguma parte do labirinto eletrônico que passava sob a torre de controle estavam sendo gravadas em fita. Mais tarde talvez fosse necessário justificá-las. Também queria certificar-se da impossibilidade de qualquer mal-entendido. Controle de repressão, aqui carro um. Todos os limpa neves e aplanadores, sob a direção do chefe do comboio, deverão aguardar nas proximidades do avião da Aéreo-Mexicana que bloqueia a pista trinta. Os veículos não poderão, repito, não poderão obstruir a saída do jato, que dentro de poucos minutos tentará sair por força própria. Porém, se a tentativa malograr, ficarão de prontidão para empurrá-lo para o lado, a fim de desimpedir a pista. Isso será feito a qualquer custo, e com a maior rapidez possível. A número trinta precisa estar aberta para o tráfego dentro de trinta minutos, aproximadamente, quando o avião e todos os veículos deverão ser retirados. Coordenarei com o controle de trânsito aéreo para decidir a hora exata em que os limpa-neves entrarão em ação, caso for indispensável. Acuse o recebimento e confirme se as instruções foram entendidas.

Dentro do carro, Tomlinson assobiou baixinho. Tânia virou-se para Mel, analisando-lhe a fisionomia.

Registrou-se um silêncio de vários segundos no rádio. Depois reapareceu a voz de Danny Farrow.



— Acho que entendi. Porém é melhor não correr riscos.

Repetiu o sumário da mensagem, e Mel podia imaginá-lo a transpirar, como poucas horas atrás.

— Recebido — acusou Mel. — Porém observe bem: se os limpaneves e aplanadores entrarem em ação, quem dá a ordem sou eu. Mais ninguém.

— Entendido — transmitiu Danny. — E prefiro que seja assim. Suponho que imagine o que um equipamento do nosso calibre pode causar a um 707.

— Sim: tirá-lo do caminho — respondeu Mel com veemência. — De momento, é a única coisa que importa.

Desligou e tornou a colocar o microfone no lugar.

— Tirá-lo do caminho! — exclamou Tomlinson incrédulo. — Um avião de seis milhões de dólares, empurrado para o lado por limpaneves! Deus do céu, vai reduzi-lo a frangalhos! E depois, os proprietários e seguradores farão o mesmo com você.

— Não me surpreenderia — disse Mel. — É lógico que isso depende do ponto de vista. Se os proprietários e seguradores estivessem a bordo do outro jato que se aproxima, soltariam brados de alegria.

— Olhe — concedeu o repórter, — confesso que é preciso muita ousadia para assumir certas decisões.

Tânia estendeu discretamente o braço e tomou a mão de Mel por baixo do assento.

— Também sinto vontade de soltar brados de alegria — pelo que você está fazendo neste momento. Aconteça o que acontecer, jamais esquecerei.

Falava em voz baixa, com a voz carregada de emoção.

Os limpaneves e aplanadores convocados por Mel começaram a surgir, descendo rapidamente pela pista, com os faróis pisca-pisca a girar.

— Talvez não seja preciso. — Mel apertou fortemente a mão de Tânia antes de soltá-la, e depois abriu a porta do carro. — Temos vinte minutos de esperança.

Quando Mel Bakersfeld veio reunir-se a ele, Joe Patroni batia os pés no chão para se esquentar. Apesar das grossas botas forradas de lã e do pesado capote que vestia, o esforço era praticamente inútil. Descontado o breve momento que passara ria carlinga de comando, quando o comandante e o piloto da Aéreo-Mexicana foram embora, conservara-se constantemente no meio da nevasca, desde a sua chegada ao local, há mais de três horas. Além de sentir frio e estar fisicamente extenuado pelas inúmeras diligências efetuadas durante o dia e a noite, o fracasso na remoção do jato atolado, após duas tentativas, deixaram-lhe os nervos prestes a explodir.

E por pouco não acontecia, ao saber da intenção de Mel.

Se fosse qualquer outro, Joe Patroni se poria a esbravejar sem parar. Mas como era seu amigo íntimo, Patroni tirou da boca o charuto que mascava, e olhou para ele com assombro incrédulo.

— Empurrar um avião, em estado perfeito, com limpa neves! Você está bom da cabeça?

— Não — respondeu Mel, — estou com falta de pistas.

Sentia-se um pouco deprimido ao pensar que nenhuma pessoa em comando, além dele, parecia compreender a urgência de desimpedir a número trinta, a qualquer preço. Era óbvio que, se prosseguisse com o plano, encontraria parca solidariedade para defender, mais tarde, a sua atuação. Por outro lado, não tinha dúvidas de que no dia seguinte muita gente de percepção tardia — inclusive a administração da Aéreo-Mexicana — afirmaria que devia ter agido assim e assado, ou que o *Caravela de Ouro* poderia pousar, afinal de contas, na pista vinte e cinco. A decisão, evidentemente, teria de ser tomada sozinho. Mas não alterava a sua convicção do que cumpria fazer.

Ao avistar os limpa-neves e aplanadores reunidos, agora dispostos em fila na pista, à direita do ponto onde estavam, Patroni jogou o

charuto longe. Enquanto tirava outro do bolso, resmungou:

— Vou salvar você dessa loucura. Conserve os seus lindos brinquedinhos à distância. Daqui a quinze minutos, talvez menos, tiro o bicho pra fora.

Mel tinha de gritar para se fazer ouvir acima do vento e do barulho dos veículos que os rodeavam.

— Joe, vamos esclarecer uma coisa. Quando a torre avisar que não há mais tempo, não quero discussões. Há muitas vidas em jogo nesse vôo que vai chegar. Se você estiver com os motores do jato ligados, terá de pará-los. No mesmo instante, todos os homens e o equipamento precisam ser removidos imediatamente. Quero que se certifique antes se todos entenderam as instruções. Os limpa-neves só vão entrar em ação quando eu mandar. À minha ordem, porém, não hesitarão.

Patroni assentiu com ar lúgubre. Apesar da explosão, pareceu a Mel que o chefe da manutenção tinha perdido a segurança insolente que o caracterizava.

Voltou para o carro. Tânia e o repórter, encolhidos nos agasalhos, esperavam-no do lado de fora, assistindo aos trabalhos de escavação em torno do avião. Entraram todos, no automóvel, reconfortados pelo calor do interior.

Mel chamou o controle de terra outra vez pelo rádio, pedindo agora para falar com o chefe da torre de observação. Após rápida pausa, ocupou o alto-falante.

Em poucas palavras, explicou-lhe sua intenção. Porém desejava que informasse, aproximadamente, quanto tempo devia esperar para dar a ordem de ação aos limpa-neves e aplanadores. Após essa intervenção, bastariam alguns minutos para retirar o jato da pista.

— Tudo indica — disse o chefe da torre — que o vôo em causa vai chegar antes da hora prevista. O Centro de Chicago acha que a transferência para o nosso controle de aproximação será dentro de doze minutos. Daí até a aterragem é coisa de oito a dez minutos.

Portanto irá tocar no chão, o mais tardar, à 01.28.

Mel consultou o relógio à luz fraca do painel. Passava um minuto da uma.

— A escolha da pista — adiantou o chefe da torre — terá de ser feita com um mínimo de cinco minutos de antecedência à aterragem. Depois desse prazo, será tarde demais — não poderemos desviá-los.

Pelos seus cálculos, aquilo significava que a decisão final precisava ser tomada em dezessete minutos, talvez menos, dependendo da hora da passagem do controle do Centro de Chicago para o do Lincoln. O tempo era ainda mais escasso do que dissera a Joe Patroni.

Percebeu, também, que começava a transpirar.

Deveria preveni-lo sobre a redução do prazo? Achou desaconselhável. Já estava dirigindo as operações com o mais rápido ritmo possível. Não havia nada a lucrar com novas inquietações.

— Carro um chamando controle de terra — transmitiu Mel. — Preciso de informação constante sobre a condição exata da chegada iminente. Pode-se manter esta frequência aberta?

— Afirmativo — respondeu o chefe da torre. — Já transferimos o trânsito regular para uma outra. Receberá todas as informações.

Mel acusou e desligou.

A seu lado, Tânia quis saber:

— E agora, que fazemos?

— Esperar.

Consultou novamente o relógio.

Passou um minuto. Dois.

Lá fora, os homens trabalhavam, sempre escavando febrilmente perto do nariz e de cada lado do avião atolado. Com um lampejo de faróis, chegou outro caminhão. Saltaram vários operários por trás, apressando-se a juntar-se aos outros. A figura atarracada de Joe

Patroni deslocava-se constantemente, dando ordens e animando-os a prosseguir.

Os limpa-neves e aplanadores conservavam-se no mesmo lugar, aguardando. De certo modo, lembravam aves de rapina.

Tomlinson rompeu o silêncio dentro do automóvel.

— Estive pensando. Não faz muito tempo, quando eu era garoto, só havia campo por aqui. No verão ficava repleto de vacas, trigo e cevada. O aeroporto era coberto de grama. Pequeno, ninguém fazia muita fé no seu desenvolvimento. Se alguém viajava de avião, usava o da cidade.

— A aviação é assim mesmo — disse Tânia.

Sentia um alívio momentâneo em pensar e conversar sobre outro assunto.

— Alguém uma vez me disse — prosseguiu — que trabalhar na aviação torna aparentemente a vida mais longa, porque tudo muda tão depressa, a cada instante.

— Tudo não — discordou o jornalista. — Os aeroportos, por exemplo. Não é fato, Mr. Bakersfeld, que se produzirá um verdadeiro caos dentro de três ou quatro anos?

— Caos é sempre relativo — afirmou Mel. O foco da sua atenção concentrava-se na cena a que assistia pelo para-brisa do carro. — Há muitas formas de enfrentá-lo.

— Não está se esquivando à pergunta?

— Sim — concedeu. — Acho que estou.

Não havia porque se admirar. Naquele momento encontrava-se menos preocupado com o aspecto filosófico do problema do que com a proximidade do que acontecia lá fora. Pressentia, contudo, a necessidade que Tânia experimentava em diminuir a tensão, embora ilusória. A sua percepção do que se passava no íntimo dela fazia parte da comunhão de sentimentos que parecia aumentar dia a dia. Lembrou-se, também, que aguardavam um avião da Trans-

América, com reduzidas possibilidades de pousar em segurança. E Tânia, funcionária da companhia, participara do embarque. A rigor, dos três era ela quem estava mais diretamente interessada.

Esforçou-se por se concentrar no que Tomlinson dizia.

— A bem da verdade — declarou — o progresso aéreo da aviação sempre precede o terrestre. Às vezes pensamos que irá alcançá-lo. Em meados da década de sessenta, quase conseguiu. De modo geral, porém, é impossível. No máximo, a gente se esforça para não ficar muito para trás.

— Que se deve fazer então? — insistiu o repórter. — Que se *pode* fazer?

— Recorrer a uma elasticidade maior de raciocínio, de imaginação, por exemplo. Ficar livre da mentalidade de estação ferroviária.

— Acha que ainda estamos nessa fase?

— Infelizmente — assentiu Mel — e por vários motivos. Os aeroportos primitivos eram imitações de gares de estrada de ferro, pois os arquitetos tinham de se basear em precedentes e o único que existia era esse. Depois, o hábito perdurou. É por isso que hoje em dia há tantos aeroportos "em linha reta", com prédios que se estendem a perder de vista, obrigando os passageiros a caminhar léguas.

— Mas a situação não está mudando? — perguntou Tomlinson.

— Sim, porém devagar e apenas em determinados lugares.

Como sempre, apesar das pressões do momento, começava a se entusiasmar pelo seu tema predileto.

— Alguns aeroportos estão sendo construídos em círculos — como roscas. Com parques de estacionamento na parte interna, em vez de lugares distantes, no exterior do prédio. Os passageiros terão um mínimo de esforço de locomoção, dispondo de elevadores horizontais de grande velocidade. E os aviões serão trazidos até os viajantes, e não o oposto, como acontece atualmente. Isso significa

que os aeroportos, finalmente, começam a ser considerados como algo especial, diferente. Encarados como unidades, e não como elementos separados. As idéias criadoras, mesmo as mais extravagantes, encontram recepção favorável. Los Angeles sugeriu um enorme aeródromo flutuante, ao largo. Chicago, uma linha artificial no Lago Michigan. Ninguém ri desses projetos. A American Airlines dispõe de um plano para um gigantesco elevador hidráulico para empilhar os aviões para a carga e a descarga. Só que as modificações são demoradas, não obedecem à menor coordenação. Constroem-se os aeroportos como colchas de retalho destituídas de imaginação. É a mesma coisa que aconteceria se os assinantes de telefone desenhassem e fabricassem os próprios modelos, e depois fizessem a ligação numa rede de âmbito mundial. O rádio interrompeu-o abruptamente.

— Controle de terra chamando carro um e cidade vinte e cinco. O Centro de Chicago acaba de informar que a transferência do vôo em causa ao nosso controle de aproximação ocorrerá à 01.17.

O relógio de Mel marcava 01.06. A mensagem implicava que o vôo número dois já estava um minuto adiantado em relação a hora prevista pelo chefe da torre. Joe Patroni dispunha agora de menos sessenta segundos de trabalho. Ou seja: apenas onze minutos para a decisão final.

— Carro um, alguma mudança nas condições da pista trinta?

— Negativo. Nenhuma.

Mel perguntou-se se não estava arriscando demais. Sentia-se tentado a ordenar a ação imediata dos limpa-neves e aplanadores, mas controlou-se logo. A responsabilidade era uma faca de dois gumes, sobretudo quando se tratava da destruição quase total de um avião de seis milhões de dólares em pleno campo de pouso. Ainda restava uma esperança de que Joe Patroni efetuasse a façanha, embora a cada segundo a possibilidade diminuísse. Diante do 707 atolado, percebeu que alguns refletores e outros equipamentos estavam sendo removidos. Mas nem sinal de motores ligados, por

enquanto.

— Essas pessoas criadoras — indagou Tomlinson, — a quem se referiu. Quem são elas?

— É difícil enumerar — respondeu Mel, meio distraído.

Observava a cena à sua frente. Os veículos e equipamento restante, em torno do jato da Aéreo-Mexicana, acabavam de ser afastados, e a figura atarracada, coberta de neve, de Joe Patroni, subia agora pela escada, colocada perto do nariz do avião. Ao chegar em cima, parou, virou-se e gesticulou. Pelo jeito, gritava com os que tinham ficado embaixo. Depois abriu a porta dianteira da fuselagem e entrou. Quase imediatamente um outro homem, mais magro, seguia pelo mesmo caminho. Ouviu-se a batida violenta da porta. Outros mecânicos fizeram rolar a escada para longe. Dentro do carro, o repórter tornou a perguntar:

— Mr. Bakersfeld, poderia mencionar alguns nomes — dessas pessoas de maior imaginação quanto aos aeroportos do futuro?

— Sim — disse Tânia, — não poderia?

Na opinião de Mel, aquilo equivalia a ocupar-se com um jogo de baralho enquanto a casa pega fogo. Muito bem, decidiu. Uma vez que Tânia pedia, entrava no jogo.

— Deixe-me ver — disse. — Fox, em Los Angeles. Joseph Foster em Houston, agora com a A. T. A. da América. Alan Boyd, no governo, e Thomas Sullivan, autoridade do porto de Nova Iorque. Nas linhas aéreas: Halaby, da Pan Am. Herb Godfrey, da United. No Canadá, John C. Parkin. Na Europa: Pierre Cot, da Air France. O Conde Castell na Alemanha. Há outros.

— Inclusive Mel Bakersfeld — aparteou Tânia. — Não se esqueça.

Tomlinson, que estava tomando anotações, resmungou: — Já o incluí. Nem era preciso dizer.

Mel sorriu. Não seria preciso, mesmo? perguntava-se.

Até recentemente a expressão era justa. Porém sabia que se afastara



do cenário nacional. E quando isso acontece, quando qualquer motivo esconde uma personalidade do foco das atenções, fica rapidamente esquecida. E mais tarde, mesmo, mesmo à custa dos maiores empenhos, jamais consegue voltar. Não que estivesse ocupando um cargo pouco importante no aeroporto Lincoln, ou desempenhando-o de maneira medíocre. Na qualidade de administrador geral, tinha consciência de estar em plena forma, talvez melhor do que nunca. No entanto a contribuição decisiva que outrora parecia destinado a fazer já não se apresentava tão nítida. Percebeu que, pela segunda vez na mesma noite, lhe ocorria a mesma conclusão. Teria importância? Preocupava-o? Só encontrou, penosamente, no íntimo, uma resposta: sim, preocupava-o!

— Olhem! — exclamou Tânia. — Estão ligando os motores.

O repórter levantou a cabeça. Mel sentiu um entusiasmo desmedido.

Por trás do motor número três do 707 da Aéreo-Mexicana surgiu uma lufada de fumaça branca-acinzentada. Logo se intensificou, transformando-se num remoinho quando o motor detonou e manteve-se ligado. A neve agora soprava para a retaguarda da explosão do jato.

Um segundo tufo de fumaça apareceu na boca do motor número quatro, para em seguida ser varrido longe, acompanhado pela neve.

— Controle de terra chamando carro um e cidade vinte e cinco.

Dentro do automóvel, a voz do transmissor soou tão inesperada que Mel sentiu o sobressalto que sacudiu Tânia a seu lado.

— O Centro de Chicago comunica que a hora da transferência mudou agora para 01.16... dentro de sete minutos, portanto.

O *Caravela de Ouro* voltava mais depressa do que se esperava. Em outras palavras: mais um minuto perdido. E outro tanto roubado ao esforço de Joe Patroni para remover o jato da Aéreo-Mexicana pelos próprios motores. Apenas sete minutos para a decisão de Mel se devia ou não usar de violência, destruindo um avião intato para

abrir uma pista. Levantou outra vez o relógio à luz do painel.

Na terra fofa perto do lado oposto do automóvel, Patroni agora ligava o motor número dois. E em seguida o número um.

— Talvez ainda consigam — disse Mel em voz baixa.

Depois lembrou-se que era a terceira tentativa na mesma noite, e as duas anteriores haviam fracassado.

Parada em frente ao 707 atolado, uma figura solitária empunhando uma sinaleira luminosa foi colocar-se num ponto de onde podia ser vista da cabine de comando. Erguendo-a acima de sua cabeça, indicou que tudo estava pronto. Mel ouvia e sentia o zumbido dos motores a jato, mas percebeu que ainda não haviam recebido a força total.

Apenas seis minutos de sobra. O que é que Patroni estava esperando?

— Acho que não posso mais — disse Tânia, tensa. O jornalista remexeu-se no assento.

— Também estou suando.

*Joe Patroni estava acionando! Era agora!* O rugido dos jatos trovejava e estremecia o chão, abrangendo tudo. Atrás do avião atolado, grandes rajadas de neve sopravam alucinadamente, perdendo-se na escuridão além das luzes da pista.

— Carro um — chamou de repente o rádio — aqui é o controle de terra. Alguma mudança na situação da número trinta?

Pelo seu relógio. Mel calculou que Patroni dispunha de três minutos.

— O avião continua atolado.

Tânia esquadrinhava atenta pelo para-brisa do carro.

— Estão usando todos os motores, mas por enquanto nada.

Movia-se para a frente, contudo. Ao menos isso Mel conseguia perceber, mesmo com toda a neve que soprava. Tânia, porém, tinha

razão. O avião permanecia no mesmo lugar.

Os limpadores e aplanadores, enormes e pesados, desviaram-se da posição anterior, a fim de guardarem uma proximidade maior. Os faróis superiores giravam, piscando, sem cessar.

— Esperem! — pediu Mel pelo rádio. — Esperem! Não encaminhem ainda para a pista vinte e cinco o vôo que vai chegar. De um jeito ou doutro, a situação na trinta pode-se modificar a qualquer segundo.

Mudou a frequência do transmissor para a do controle de repressão à neve, pronto para ordenar a ação dos limpadores.

**DEPOIS DA MEIA-NOITE**, a tensão no controle de trânsito aéreo geralmente diminuía um pouco. Nessa noite tal não sucedeu. Devido ao temporal, as linhas aéreas do Lincoln continuaram a enviar e receber vôos com horas de atraso. Via de regra a impontualidade agravava-se com o permanente congestionamento das pistas e vias de acesso.

Quase todo o primeiro turno de oito horas de controle já terminara o serviço e fora, exausto, para casa. Tinham sido substituídos por recém-chegados. Alguns operadores, com a escassez de pessoal e a enfermidade de alguns funcionários, receberam uma extensão de revezamento que só seria concluída às duas da madrugada. Incluídos neste grupo estavam o chefe da torre de observação, o supervisor do radar, Wayne Tevis, e Keith Bakersfeld.

Após o encontro emocionante com o irmão, interrompido abruptamente há uma hora e meia, Keith procurou aliviar o espírito com uma intensa concentração no painel de radar à sua frente. Se conseguisse mantê-la, o resto do tempo — seu derradeiro encargo — passaria rapidamente. Continuava a controlar as chegadas provenientes da costa atlântica, trabalhando com um jovem assistente sentado à sua esquerda. Wayne Tevis prosseguia na supervisão, percorrendo a sala de controle com o banquinho de rodas, impelido pelas botas texanas, embora com menor dinamismo, pois o seu turno aproximava-se do fim.

De certo modo, Keith lograva concentrar-se. Contudo, por um estranho fenômeno, não totalmente. Podia-se dizer que o seu cérebro funcionava em dois níveis, como um duplex, onde ocupasse simultaneamente ambos os planos. Num deles dirigia o trânsito de chegada do lado leste — no momento sem problemas. No outro, os seus pensamentos eram íntimos e introspectivos. Não se tratava de

uma situação que pudesse durar muito tempo. Porém, a sua percepção talvez se assemelhasse a uma lâmpada quase queimada que, durante os últimos breves minutos, fornece uma claridade deslumbrante.

O lado íntimo de suas reflexões atingia uma serenidade imprevista, que bem podia ser causada pelo encontro com Mel. Tudo parecia resolvido e em ordem. O seu turno estava perto de acabar. Abandonaria o aeroporto. E logo após, toda aquela espera, aquela angústia, receberia o ponto final. Estava convencido de que a sua própria vida já se havia desligado das demais. Não pertencia mais à Natalie ou Mel, ou Brian ou Theo... e vice-versa. Agora pertencia aos mortos — aos Redfern, desaparecidos na catástrofe do " Beech Bonanza. À pequena Valerie... a toda família. *Era isso!* Como é que nunca havia pensado antes nesses termos? Morto, pagaria a dívida que mantinha com eles. Conservando a mesma tranqüilidade, Keith perguntava-se se não enlouquecera. As pessoas que optam pelo suicídio são consideradas desequilibradas. De qualquer maneira, não fazia diferença. Precisava escolher entre a paz e o tormento. E antes da luz matutina, encontraria a paz. Outra vez, com a freqüência das últimas horas, enfiou a mão no bolso, para apalpar a chave do quarto do Hotel o'Haggan.

Enquanto isso, no segundo nível mental, e com vestígios da antiga perícia, dava conta das chegadas do lado leste.

A crise com o vôo número dois da Trans-América foi gradativamente assimilada por Keith.

O controle de trânsito aéreo do Lincoln recebera a comunicação do retorno há quase uma hora, segundos após a divulgação da decisão do Comandante Anson Harris. A notícia chegara pelo telefone preferencial, diretamente do supervisor do Centro de Chicago para o chefe da torre de observação, seguindo uma notificação semelhante entre Cleveland e Toronto. Inicialmente as instruções limitavam-se a informar a administração do aeroporto, por meio do controle de repressão à neve, do pedido para utilizar a pista trinta.

Posteriormente, quando Chicago recebeu o encargo de orientar o *Caravela de Ouro*, foram postas em ação medidas mais específicas.

Wayne Tevis, o supervisor do radar, foi alertado pelo chefe da torre, que se dirigiu pessoalmente à sala de operações para informá-lo sobre a situação do voo número dois, hora de chegada prevista, e a dúvida em torno da pista — vinte e cinco ou trinta — a ser empregada na aterragem.

Ao mesmo tempo, o controle de terra prevenia os serviços de emergência do aeroporto para ficarem de sobreaviso. Não tardou muito para os veículos serem enviados para o meio do campo.

Um operador falou com Joe Patroni por um transmissor telefônico para verificar se fora informado do urgente imperativo da pista trinta, recebendo confirmação.

Estabeleceu-se, então, o contato entre a torre de controle e a carlinga de comando do jato da Aéreo-Mexicana através de uma frequência de reserva. A disposição permitia comunicação recíproca, caso se tornasse necessária, quando Patroni ocupasse a posição de piloto na aeronave.

Na sala de radar, após ouvir as notícias trazidas pelo chefe da torre, a primeira reação de Wayne Tevis foi olhar para Keith. A menos que surgisse uma alteração na distribuição de serviço, seria ele, na qualidade de encarregado do setor leste, quem receberia o controle do *Caravela de Ouro* do Centro de Chicago, orientando a chegada do jato.

— Quem sabe seria preferível trocar Keith por outro operador? — perguntou Tevis em voz baixa ao chefe da torre.

O superior hesitou. Lembrava-se da emergência anterior, na mesma noite, com relação ao KC135 da Força Aérea. Dispensara Keith na ocasião, sob um pretexto, e depois ocorreu-lhe ter agido apressadamente. Quando um homem oscila entre o domínio e a falta de auto-segurança, é extremamente fácil destruir o equilíbrio dos pratos da balança sem a menor intenção. Além disso, continuava com a sensação incômoda de haver interrompido,

importunamente, uma conversa íntima entre Keith e Mel Bakersfeld, no corredor do lado de fora. Podia tê-los deixado a sós mais um pouco, e não o fizera.

Encontrava-se, ademais, exausto, não só devido ao turno exaustivo dessa noite, como pelos outros que o antecederam.

Recordava-se de ter lido em alguma parte, recentemente, que os novos sistemas de trânsito aéreo, a entrar em vigor em meados da década de setenta, diminuirão os encargos dos controladores pela metade, reduzindo assim a fadiga ocupacional e a incidência de colapsos nervosos. O chefe da torre mostrava-se cético. Duvidava que o controle de trânsito aéreo viesse algum dia a ficar menos tenso. Se suavizasse por um lado, intensificaria por outro. Por isso se compadecia daqueles que, como Keith — sempre magros, pálidos e nervosos — transformavam-se em vítimas do sistema. Ainda em voz baixa, Wayne Tevis repetiu:

— Substituo Keith ou não?

O chefe da torre sacudiu a cabeça.

— Vamos com calma — respondeu baixinho. — Conserve-o no posto, e fique por perto.

Foi nesse momento que Keith, observando os dois de cabeças juntas, adivinhou a iminência de algo problemático. Afinal era veterano, familiarizado com indícios de perigo à vista.

O instinto dizia-lhe também que a conversa dos supervisores relacionava-se, em parte, consigo mesmo. Compreendia o motivo. Não alimentou mais dúvida de que seria dispensado dentro de poucos minutos, ou então removido para uma posição menos vital. Descobriu que não se importava absolutamente com o fato.

Por isso ficou surpreso quando Tevis — sem trocar nenhuma posição — começou a prevenir todos os postos a respeito da chegada do *Caravela de Ouro*, em apuros, e da prioridade que reclamava.

Advertiram o controle de partidas: todas as decolagens deviam ser afastadas da rota antecipada do vôo número dois.

Tevis expôs para Keith o problema da pista — a incerteza sobre qual seria utilizada, e a necessidade de adiar a decisão até o último momento.

— Estabeleça o seu próprio plano, nossa amizade — instruiu Tevis com aquele sotaque nasalado de texano. — E depois da transferência, não o perca de vista. Vamos deixar você tomando conta apenas desse avião.

De início, Keith assentiu, concordando, sem se preocupar exageradamente. Começou logo a calcular o padrão de vôo que ia adotar. Esses planos são sempre executados mentalmente. Nunca há tempo suficiente para resolvê-los no papel. E além disso torna-se, em geral, necessário recorrer à improvisação.

Assim que recebesse a transferência do Centro de Chicago, decidiu que encaminharia o jato na direção da pista número trinta, deixando bastante margem para desviá-lo à esquerda — embora sem curvas drásticas naquela baixa altitude — caso fossem forçados a usar, em derradeira instância, a vinte e cinco.

E fez os cálculos: o avião ficaria sob o controle de aproximação uns dez minutos, aproximadamente. Tevis já lhe havia prevenido que somente nos cinco últimos, provavelmente, teriam certeza sobre a pista. Era um risco tremendo, e ia escorrer muito suor, tanto na sala de radar como no *Caravela de Ouro*. Mas talvez fosse possível — talvez. — E repetiu novamente, de memória, a rota de vôo planejada, e a angulação da bússola.

A essa altura, relatórios mais pormenorizados começaram a circular, em caráter extra-oficial, pela torre. Os operadores passavam adiante as informações nos intervalos das transmissões... O avião sofrera uma explosão à grande altitude. Voltava oscilante, com avarias de estrutura e pessoas feridas a bordo... O controle de direção não oferecia segurança. Os pilotos precisavam da pista mais extensa — que talvez não estivesse disponível... E repetia-se a advertência do Comandante Demerest: *...na vinte e cinco, um avião destruído e muita gente morta...* Sem esquecer o recado violento dirigido ao



administrador do aeroporto, que agora encontrava-se na trinta, esforçando-se para desimpedi-la... O tempo disponível era mínimo.

Mesmo entre os operadores, para quem a inquietação não passa de uma trivialidade como o próprio tráfego normal, registrava-se um nervosismo anormal.

O assistente de Keith, sentado ao seu lado, transmitia-lhe as notícias que chegavam aos poucos. A cada novo fragmento, a compreensão e os temores iam aumentando. *Não queria tomar parte naquilo, de maneira nenhuma!* Não continha nada que procurasse ou pudesse provar. Nada que o redimisse, mesmo que manobrasse bem a situação. E se isso não acontecesse, se deitasse tudo a perder, talvez causasse a morte de todos que se encontravam a bordo, *tal como já lhe* tinha acontecido uma vez.

Do outro lado da sala, numa linha direta, Wayne Tevis recebeu um telefonema do chefe da torre, que poucos minutos antes tinha subido ao andar superior, para ficar ao lado do controlador de terra.

Ao desligar, Tevis impeliu a cadeira para junto de Keith.

— O velho acaba de receber mensagem do Centro. O vôo número dois da Trans-América será transferido em três minutos.

O supervisor dirigiu-se ao controle de partidas, para se certificar de que o tráfego de saída estava sendo desviado da rota do avião que se aproximava.

O rapaz colocado ao lado de Keith informou que no campo de pouso ainda tentavam freneticamente remover o jato atolado da pista trinta. Os motores haviam sido ligados, mas não conseguiam tirá-lo do lugar. O irmão de Keith (segundo disse o mesmo rapaz) assumira a direção dos trabalhos, e caso essa tentativa malograsse, mostrava-se disposto a destroçar o avião para abrir a pista. Mas todos perguntavam se ainda daria tempo.

Na opinião de Keith, se Mel achava que sim, provavelmente dava. Sempre demonstrara habilidade para enfrentar qualquer tipo de situação. Keith não — pelo menos com a mesma constância, e

jamais de maneira comparável. Nisso residia a diferença entre eles.

Passaram quase dois minutos.

Ao lado, o rapaz disse calmamente:

— Estão entrando no painel.

No canto do radar, Keith podia ver o duplo sinal luminoso, indicando perigo — não havia dúvida, era o *Caravela de Ouro*.

*Quis sair correndo! Era-lhe impossível assumir o encargo!* Precisava transmitir o posto. Para Wayne Tevis, talvez. Ainda tinha tempo.

Keith desviou a vista da tela, à procura do supervisor.

Avistou-o no controle de partidas, de costas para ele.

Abriu a boca para chamá-lo. Para o seu horror, as palavras não vinham. Tentou de novo... nada.

Compreendeu que se repetia o seu pesadelo. A voz que falhava... Porém não se tratava de sonho, mas da própria realidade! *Ou não?...* Lutando sempre para articular um som, ficou tomado de pânico.

Por cima do painel, acendeu-se uma luz branca, indicando uma chamada do Centro de Chicago. O assistente levantou um telefone de linha direta e disse:

— Pode falar, centro.

Girou um seletor, ligando um alto-falante para que Keith pudesse escutar.

— Lincoln, o Dois da Trans-América encontra-se a cinqüenta quilômetros a sudeste do aeroporto. Ocupa um ângulo de duzentos e cinqüenta graus.

— Recebido, Centro. Já está em contato pelo radar.

Pode transferi-lo para a nossa freqüência.

E tornou a colocar o fone no lugar.

Sabiam que agora o avião estaria recebendo instruções para mudar a frequência do transmissor, provavelmente com votos de boa sorte. Era o que geralmente acontecia quando havia uma situação de perigo: parecia o mínimo que se podia desejar do conforto seguro da terra firme. Nessa sala isolada e aquecida, de sons aveludados, tornava-se difícil de acreditar que nalgum ponto, lá fora, no meio da noite e das trevas, sacudido nos ares pelo vento e pela tempestade, com a sobrevivência em dúvida, um transporte aéreo desmantelado lutava para voltar ao local de partida.

A frequência transmissora das chegadas do lado leste irrompeu no rádio. A voz áspera, inconfundível, de Vernon Demerest fez-se ouvir. Keith não tinha pensado no cunhado até esse momento.

— Controle de aproximação do Lincoln, aqui fala Trans-América Dois, mantendo-se a mil e oitocentos metros, ângulo de duzentos e cinqüenta graus.

O assistente ficou na expectativa. Era a hora de Keith acusar o recebimento, assumir o controle. *Porém não queria!* Wayne Tevis continuava de costas! E a sua voz não saía.

— Controle de aproximação do Lincoln — rascou novamente o transmissor — onde diabo você se meteu? Onde diabo...

Por que Tevis não ficava de frente?

Keith fervia de raiva. Maldito Tevis! Maldito controle de trânsito aéreo! Maldito "Wild Blue" Bakersfeld, o falecido pai, que lançou-os numa vocação que nunca agradou a Keith! Maldito Mel, com aquela irritante competência autossuficiente! Maldito tudo e todos, ali e em toda parte! ...

O assistente olhava-o espantado. A qualquer momento o *Caravela de Ouro* repetiria o chamado. Keith sabia que estava encurralado. Sem saber se a voz lhe obedeceria, ligou o microfone.

— Trans-América Dois — começou — aqui fala o controle de aproximação do Lincoln. Desculpe a demora. Continuamos aguardando o resultado na pista trinta. Saberemos dentro de três a

cinco minutos.

— Recebido, Lincoln — resmungou o comandante. — Mantenha-nos informados.

Keith agora concentrava-se: o plano suplementar do seu cérebro tinha-se fechado. Esqueceu Tevis, o pai, Mel, ele próprio. Tudo ficou excluído. Restava apenas o problema do vôo número dois.

Transmitiu nítida e tranqüilamente.

— Trans-América Dois, vocês estão atualmente a quarenta quilômetros a leste do marcador externo. Comecem a descer quando quiserem... Descrevam uma curva à direita, a duzentos e sessenta graus...

No andar superior, na cabine envidraçada da torre, o controlador de terra informou Mel Bakersfeld que a transferência do Centro de Chicago já fora efetuada.

— Os limpa-neves e aplanadores já receberam ordem para ocupar as posições de remoção do avião da Aéreo-Mexicana — transmitiu Mel em resposta. — Diga a Patroni para desligar todos os motores imediatamente. E que, se puder, desça logo da cabine. Caso contrário, avisem-lhe para se segurar bem. Permaneçam de prontidão para novas instruções quando a pista estiver livre.

Numa segunda frequência, o chefe da torre já transmitia a comunicação para Joe Patroni.

MESMO ANTES do prazo expirar, Joe Patroni sabia que não conseguiria terminar a tempo.

Não ligou os motores do 707 da Aéreo-Mexicana de propósito, adiando até o último momento possível, pois queria que os trabalhos de desobstrução por baixo e em torno do avião se prolongassem ao máximo.

Ao perceber que não podia esperar mais, efetuou uma derradeira inspeção. O resultado deixou-o extremamente apreensivo.

O trem de pouso continuava bastante encoberto por terra, lodo e neve. E os valos, subindo da posição atual das rodas principais à superfície firme da via de acesso vizinha, não eram tão largos e profundos como desejava. Outros quinze minutos resolveriam o problema.

Sentiu que não havia mais tempo.

Subiu com relutância a escada de bordo, para tentar pela segunda vez a remoção do jato atolado, desta vez ocupando pessoalmente os controles.

Gritou para Ingram, o chefe de turma da Aéreo-Mexicana:

— Tire todo mundo daqui! Vamos começar.

Debaixo do avião, os trabalhadores principiaram a se afastar.

A neve prosseguia caindo, mas agora mais fraca do que durante as últimas horas.

Joe Patroni chamou outra vez do meio da escada.

— Preciso de alguém que fique comigo na cabine de comando, mas não convém sobrecarregar o peso. Mande um magrelo que entenda de carlinga.

E entrou pela porta dianteira do avião.

No interior, pelas janelas da cabine, avistava o carro oficial de Mel Bakersfeld — cujo intenso colorido amarelo brilhava na escuridão — estacionado na pista, do lado esquerdo, próximo à fila de limpadores e aplanadores: uma advertência, desnecessária, para lembrá-lo de que dispunha de apenas mais alguns minutos.

Patroni reagiu com incrédulo escândalo quando Mel anunciou o seu plano de empurrar o jato da Aéreo-Mexicana à força, se fosse preciso, para abrir a pista trinta. A reação foi natural, embora não significasse indiferença pela sorte dos que viajavam no *Caravela de Ouro*. Joe Patroni vivia pensando na segurança dos aviões, constituía a essência do seu trabalho cotidiano. A idéia, porém, de reduzir uma aeronave em perfeitas condições a uma pilha de sucata, ou algo parecido, escapava completamente ao seu entendimento. Na sua opinião, cada um daqueles mecanismos — fosse qual fosse — representava dedicação, perícia, habilidade, horas de serviço, e às vezes até amor. Quase tudo era preferível à destruição deliberada. *Quase* tudo.

Pretendia salvar aquele avião.

Atrás dele, a porta da fuselagem se abriu e fechou com estrondo.

Um jovem mecânico, pequeno e magro, entrou na cabine de comando, sacudindo a neve do corpo. Joe Patroni já tinha despido o capote e afivelava o cinturão do assento esquerdo.

— Como é que você se chama, filho?

— Rolando, chefe.

Patroni riu.

— É justamente o que pretendemos fazer com este avião. Talvez você seja um bom agouro.

Enquanto o rapaz também tirava o capote e ocupava o lugar da direita, Patroni olhou pela janela por cima do ombro esquerdo. Do lado de fora, a escada ia sendo arrastada para longe.

O interfone tocou e ele atendeu. Ingram falava lá de baixo.

— Pronto para começar quando você avisar.

Joe virou-se para o mecânico.

— Tudo pronto, filho?

O outro confirmou com a cabeça.

— Ligue o botão do número três — partida de terra.

O mecânico obedeceu. Patroni ordenou pelo interfone:

— Pressionem a tubulação!

O ar pressionado por um carro-gerador assobiou. O chefe da manutenção acionou uma alavanca de partida, deixando em marcha lenta. O rapaz, controlando os instrumentos, anunciou:

— Número três ligado.

O zumbido do motor transformou-se numa trovoadá contínua.

Em suave seqüência, os números quatro, dois e um foram ligados.

Pelo interfone, a voz de Ingram ficou abafada por um fundo de ventania e gemido dos jatos.

— O carro-gerador já foi retirado, como todo o resto, aliás.

— Tá bom — berrou Patroni em resposta. — Agora desligue e caia fora, depressa!

Preveniu o companheiro de cabine:

— Segure-se bem, filho, e agüente firme.

O chefe da manutenção trocou a posição do charuto, aceso minutos antes em contravenção ao regulamento, prendendo-o jovialmente a um canto da boca. Depois, abrindo bem os dedos grossos, empurrou os quatro manetes para a frente.

Com a força aumentada até à metade, cresceu o clamor dos motores.

À sua frente, na neve, avistavam um mecânico do aeroporto agitando a sinaleira luminosa. Patroni sorriu.

— Se conseguirmos sair depressa, espero que ele saiba correr.

Todos os freios foram desligados, os *flaps* ligeiramente abaixados para produzir sustentação. O rapaz retinha o manche de direção. Patroni acionou alternadamente o controle do leme, esperando provocar um impulso dianteiro com a pressão lateral.

Olhando à esquerda, viu o carro de Mel Bakersfeld ainda na mesma posição. Pelo cálculo anterior, sabia que restavam poucos minutos — talvez menos de um.

Agora a força aumentou para três quartos. Pelo tom agudo dos jatos, notou que ultrapassara o volume aplicado pelo comandante da Aéreo-Mexicana na primeira tentativa. As vibrações explicavam a razão. Normalmente, numa composição semelhante, o avião estaria desimpedido, rolando rapidamente pela pista. Como se encontrava preso, sacudia-se fortemente, cada parte superior lutando para avançar, resistindo à trave de ancoragem das rodas do trem de pouso. A propensão para cair em cima do próprio nariz era manifesta. O mecânico olhava assustado para os lados. Patroni percebeu o seu nervosismo.

— Ou sai agora, ou vira ferro velho — resmungou.

Mas não saía. Obstinadamente, como fazia há horas, e a despeito das duas tentativas anteriores, permanecia atolado.

Com a esperança de libertar primeiro as rodas, Patroni diminuiu a força dos motores, e depois tornou a aumentá-la.

Mesmo assim, nenhum resultado.

O charuto, molhado de tanto mascar, se apagara. Aborrecido, jogou-o fora e procurou outro. O bolso interno estava vazio. Tinha sido o último.

Soltou uma praga e voltou a mão direita para os manetes. Empurrando-os mais para o fundo, rosnou:

— Saia de uma vez! Saia logo, seu filho da puta!

— Mr. Patroni! — preveniu o rapaz. — Ele não vai agüentar muito



mais do que isso.

De repente os alto-falantes do transmissor no teto entraram em funcionamento. Era a voz do chefe da torre.

— Joe Patroni, a bordo do Aéreo-Mexicana. Aqui fala o controle de terra. Temos uma mensagem de Mr. Bakersfeld: "Não há mais tempo. Pare todos os motores." Repito — pare todos os motores.

Olhando para fora, Patroni viu que os limpa-neves e planadores começavam a andar. Não se aproximariam enquanto os motores continuassem ligados. Mas lembrava-se da recomendação de Mel: *Quando a torre avisar que não há mais tempo, não quero discussões.*

Pensou consigo mesmo: *Quem está discutindo?* Novamente o rádio, desta vez com urgência:

— Joe Patroni, entendeu? Acuse o recebimento.

— Mr. Patroni! — gritou o mecânico. — Não está ouvindo? Temos de desligar!

— Não estou ouvindo porra nenhuma, filho. Deve ser por causa desse barulho dos diabos.

Como qualquer funcionário de manutenção sabe perfeitamente, sempre se dispõe de um minuto a mais do que pretendem fazer crer esses tipos histéricos dos escritórios.

O pior é que não podia dispensar o charuto numa hora dessas. De repente lembrou-se — horas antes, Mel Bakersfeld havia apostado uma caixa inteira como não seria capaz de desatolar aquele avião nessa noite.

— Também estou apostando nisto — gritou do outro lado da cabine.

— Ou vai ou racha.

Com um movimento único e brusco, empurrou os manetes ao limite máximo.

O barulho e a vibração pareciam maiores do que nunca — agora eram atordoantes. O avião estremecia como se fosse romper-se

todo. Joe Patroni calcou de novo e com força os pedais do leme.

Dentro da carlinga, as luzes de advertência dos motores se acenderam. Mais tarde o mecânico descreveu o efeito como "semelhante a uma máquina de jogo em Las Vegas".

Agora, em voz alarmada, berrou:

— Abra a temperatura do gás a setecentos!

Os alto-falantes continuavam a emitir ordens, inclusive qualquer coisa no sentido de abandonar logo o avião. Imaginou que seria forçado a isso. A mão crispou-se para fechar os manetes.

De repente o avião deslocou-se para a frente. A princípio, devagar. Depois, com surpreendente velocidade, arremessou-se em direção à via de acesso. O mecânico soltou um brado de advertência. Enquanto Patroni puxava para trás os quatro aceleradores, ordenou:

— Levante os *flaps*!

Olhando lá embaixo à sua frente, os dois tinham a impressão de ver figuras indistintas correndo de um lado para outro.

A quinze metros da via de acesso, ainda continuavam em alta velocidade. Se não desviassem prontamente, o avião ia atravessar o pavimento para se chocar contra a neve amontoada no outro lado. Ao sentir que os pneus deslizavam sobre terreno duro, Patroni aplicou com firmeza os freios da esquerda, e abriu de um ímpeto os dois manetes a estibordo. Os freios e os motores reagiram, e o jato virou abruptamente para a esquerda, descrevendo um arco de noventa graus. Na metade da curva, puxou de volta os dois manetes e aplicou todos os freios em conjunto. O 707 da Aéreo-Mexicana rolou para a frente mais um pouco, depois diminuiu a marcha e parou.

Joe Patroni sorria. Havia estacionado a aeronave com perfeição, no centro da via de acesso paralela à pista.

A sessenta metros de distância, a número trinta estava desimpedida. Dentro do automóvel de Mel Bakersfeld, sobre a pista, Tânia

exclamava:

— Ele conseguiu! Conseguiu!

Ao seu lado, Mel já transmitia a notícia ao centro de repressão, ordenando a retirada dos limpa-neves e aplanadores.

Segundos antes, chamara a torre indignado, exigindo pela terceira vez que Joe Patroni desligasse imediatamente os motores. Asseguraram-lhe que as mensagens tinham sido retransmitidas, sem o menor efeito. A sua fúria não se aplacou. Se quisesse, poderia causar graves dissabores ao chefe da manutenção pela insubordinação, recusando-se a sequer acusar recebimento de uma ordem da administração do aeroporto com relação a uma questão de urgência e segurança. Mel, porém, sabia que jamais faria isso. Patroni realizara o seu intento, e nenhuma pessoa sensata podia discutir semelhante triunfo. Por outro lado, era indiscutível que a façanha dessa noite ia acrescentar um novo capítulo à sua lenda. Os limpa-neves e aplanadores já estavam sendo removidos.

Mel mudou de frequência para a torre.

— Carro um chamando controle de terra. O avião que embaraçava a pista trinta foi retirado. Os veículos já estão saindo. Vou averiguar se ficaram entulhos.

Acendeu os faróis do carro sobre a superfície da pista.

Tânia e o repórter ajudaram-no no exame. Quando se registravam incidentes como o dessa noite, as equipes de trabalho às vezes esqueciam ferramentas ou restos — um risco para a chegada e partida dos aviões. A luz revelou apenas uma superfície irregular coberta de neve.

O último carro de limpeza estava fazendo a curva do cruzamento mais próximo. Mel acelerou a marcha e foi atrás. Encontravam-se emocionalmente exaustos das tensões sofridas durante os últimos minutos, e conscientes de que o pior ainda estava por vir.

Ao dobrar à esquerda, atrás dos limpa-neves, Mel transmitiu pelo rádio.

— A pista trinta está livre e desimpedida.

O "CARAVELA DE OURO", vôo número dois da Trans-América, estava a dezesseis quilômetros do aeroporto, entre as nuvens, numa altitude de quatrocentos e cinquenta metros. Anson Harris, após outro breve descanso, reassumira os controles de vôo.

O operador de aproximação do aeroporto internacional Lincoln — cuja voz soava vagamente familiar a Vernon Demerest, embora não se detivesse a refletir sobre o assunto — orientara uma série de cursos, com curvas suaves à proporção que desciam.

Ambos os pilotos reconheciam que tinham recebido posição extremamente favorável, propiciando a decisão final entre as duas pistas sem que fossem obrigados a recorrer a manobras difíceis. A escolha, contudo, teria de ser feita a qualquer momento.

À medida que o momento se aproximava, crescia a tensão dos dois comandantes.

Poucos instantes atrás, o copiloto Cy Jordan voltara à cabine de comando, chamado por Demerest, a fim de preparar uma estimativa do peso bruto de pouso, levando em consideração o combustível gasto e o restante. Agora, depois de completar as providências necessárias à sua função de engenheiro de bordo, reassumira o posto para qualquer emergência na primeira classe.

Anson Harris, auxiliado por Demerest, já procedera todos os preparativos para efetuar a aterragem com o estabilizador emperrado.

Ao terminarem, o Doutor Compagno surgiu rapidamente.

— Achei que o senhor gostaria de saber que Miss Meighen, a comissária, está reagindo bem. Se pudermos levá-la' em seguida para o hospital, é quase certo que superará a crise.

Demerest, encontrando dificuldade para ocultar a súbita emoção, preferiu ficar calado. Coube a Anson Harris agradecer a informação, virando-se um pouco no assento.

— Obrigado, doutor. Faltam apenas alguns minutos.

Nas duas cabines de passageiros, tinham sido concluídas todas as precauções possíveis. Os feridos, com exceção de Gwen Meighen, estavam presos às poltronas. Dos médicos, dois colocaram-se a cada lado de Gwen, prontos para ampará-la quando o avião descesse. Os demais receberam instruções quanto à maneira de se preparar para qualquer baque excepcional provocado pelo peso do avião, cujas conseqüências eram imprevisíveis.

Mrs. Quonsett, a velha clandestina, finalmente assustada, agarrava-se com firmeza à mão do seu amigo oboísta. Começava, aliás, a evidenciar sinais de cansaço pelos esforços de um dia excessivamente agitado.

Pouco antes levantou as energias com um breve recado do Comandante Demerest, transmitido por uma aeromoça. O comandante, segundo informava, sentia-se grato pelo auxílio prestado. E como Mrs. Quonsett cumprira a sua parte no acordo, assim que pousassem também cumpriria a dele, obtendo-lhe uma passagem para Nova Iorque. Que lembrança maravilhosa a daquele homem encantador, pensar numa coisa dessas com mil problemas pela frente! ... Mas agora estava em dúvida: será que sobreviveria para fazer a viagem?

Judy, a sobrinha do Inspetor de Alfândega Standish, segurava outra vez a criança cujos pais ocupavam os assentos ao lado. Não demorou a devolvê-la à mãe, pois, inteiramente despreocupada com a inquietação reinante, pegara no sono. Na cabine de comando, sentado no lugar da direita, Vernon Demerest conferia as informações sobre o peso, entregues pelo copiloto, comparando-as com uma placa no painel de instrumentos onde se estabelecia a proporção relativa à velocidade de vôo.

— Mantenha a velocidade fixa em 150 nós — anunciou tensa.

Era o limite com que deveriam cruzar os confins do campo de pouso, levando em conta o peso e o estabilizador emperrado.

Harris assentiu. Muito sério, estendeu a mão para assinalar o limite no indicador. Demerest fez o mesmo.

Mesmo dispondo da pista mais extensa, o perigo continuava grande.

Com uma marcha de quase trezentos quilômetros horários, desenvolviam uma velocidade diabólica para efetuar a aterragem. Ambos previam que isso implicava numa demora excepcionalmente longa até parar o avião, após pousarem no campo, pois o excesso de peso impedia o retardamento brusco. Desse modo, a carga constituía um risco duplo. Por outro lado, seria um suicídio aproximar-se com rapidez inferior à computada por Demerest. O motor interromperia o funcionamento, mergulhando verticalmente a aeronave descontrolada.

Demerest ia ligar o microfone do rádio, mas antes de transmitir, a voz de Keith Bakersfeld anunciava:

— Trans-América Dois, vire à direita num ângulo de duzentos e oitenta. A pista trinta foi aberta.

— Jesus Cristo! — exclamou Demerest. — Já era tempo!

Ligou o microfone e acusou o recebimento.

Juntos, os dois aviadores examinaram uma relação de preparativos que precediam a aterragem.

Um baque surdo percorreu o avião ao baixar o trem de pouso.

— Vou descer bem rente — disse Harris — para tocar no chão logo no início da pista. Mas ainda vamos precisar de cada palmo de terreno disponível lá por baixo.

Demerest resmungou, concordando. Perscrutava pela janela, num esforço para devassar as nuvens e as trevas, sem conseguir avistar traço das luzes do aeroporto, que não podiam tardar. Concentrava o pensamento, apesar da calma exterior, nas avarias do jato. Todavia ignoravam o grau das falhas manifestadas, que talvez houvessem se

agravado durante o retorno acidentado. Aquele maldito rombo perto da cauda, por exemplo. E agora essa descida pesada, rápida demais... *Céus! — a cauda inteira era capaz de se romper...*

Se tal acontecesse, pensou Demerest, numa velocidade de cento e cinqüenta nós, adeus... *Aquele filho da puta que fez explodir a bomba!* Lástima que estivesse morto! Gostaria de poder deitar-lhe a mão em cima, para arrancar-lhe pessoalmente a existência fétida...

A seu lado, Anson Harris, ao efetuar uma aproximação seguindo o sistema de aterragem por instrumentos, aumentou a rapidez da descida, passando de duzentos e dez a duzentos e quarenta metros por minuto.

Demerest sentia uma vontade desesperada de pilotar pessoalmente. Se em vez de Harris fosse outro qualquer — um comandante mais jovem ou hierarquicamente inferior — não hesitaria em se apoderar do controle. Mas o fato é que não conseguia encontrar-lhe uma falha... Esperava que pousasse segundo o mesmo padrão... Voltou a se preocupar com a cabine de passageiros. *Gwen, estamos quase chegando! Continue vivendo!* A sua convicção de que encontraria uma solução junto com Gwen e Sarah, a respeito da criança, não esmorecia de modo nenhum.

Pelo rádio, a voz de Keith Bakersfeld comunicou:

— Trans-América Dois, o seu curso e descida parecem ótimos. A pista está coberta por leve camada de neve. Vento noroeste, a trinta nós. Vocês serão os próximos a aterrar.

Segundos após, saíam das nuvens, avistando as luzes da pista à sua frente.

— Controle de aproximação do Lincoln — transmitiu Demerest — estamos diante da pista.

— Recebido, vôo dois. — O alívio na voz do operador era evidente. — A torre se encarrega da aterragem. Quando estiverem prontos, mudem para a sua freqüência. Boa sorte. Vernon Demerest apertou duas vezes o botão do microfone — "obrigado" em código de aviador.



— Acenda as luzes de aterragem. *Flap* a cinqüenta graus — ordenou energicamente Anson Harris.

Demerest executou as instruções.

Desciam rapidamente.

— Acho que vou precisar de auxílio para o leme — preveniu Harris.

— Certo.

Demerest colocou o pé nos pedais. Quando a velocidade ficasse reduzida, o leme estaria rígido — devido à destruição do mecanismo de apoio — como um volante de automóvel paralisado, só que ainda pior.

Depois de pousar, os dois pilotos talvez precisassem despender esforços conjuntos para manter o controle direcional.

Desceram zunindo sobre a orla do campo. As luzes da pista enfileiravam-se como fios de pérolas esparramados. De cada lado amontoavam-se barrancos de neve. Mais para longe, as trevas ficavam densas. Harris efetuou a aproximação à menor altura possível. A proximidade do chão revelava a excepcional velocidade. Para ambos, os dois mil e duzentos metros de extensão à sua frente pareciam mais curtos do que nunca.

Harris nivelou o avião, fechando os quatro manetes. O zumbido dos jatos suavizou-se e foi substituído pelo uivo insistente do vento. Ao cruzarem o limite da pista, Vernon Demerest teve a impressão pouco nítida de avistar uma aglomeração de veículos de emergência. Sabia que estavam prontos para acompanhá-los ao longo do percurso. E pensou:

Nem há dúvida que vamos precisar deles! Agüente firme. Gwen!

Ainda flutuavam, com escassa diminuição de rapidez.

Nisso tocaram no chão. Pesadamente. E sempre deslizando em alta velocidade.

Harris, agilmente, acionou os alerões das asas e virou para cima, com violência, as alavancas de impulso contrário. Com um ronco, os

motores mudaram a direção da força, que agindo como freio passou a atuar em sentido inverso à marcha do avião.

Tinham percorrido as três quartas partes da pista, e agora avançavam mais lentamente, porém ainda ligeiro demais.

— Leme da direita! — gritou Harris.

O jato virava para a esquerda. Demerest e Harris, juntando esforços, mantiveram a direção. A extremidade da pista — com neve acumulada e uma caverna de trevas pela frente — aproximava-se rapidamente.

Anson Harris aplicou com força os freios dos pés. O metal se distendia, a borracha rangia. E a escuridão cada vez mais perto. Então começaram a parar... gradativamente... vagorosamente...

O *Caravela de Ouro* deteve-se a um metro do fim da pista.

**PELO RELÓGIO** da sala de radar, Keith Bakersfeld percebeu que faltava ainda meia hora para terminar o turno. Não fazia diferença.

Afastou a cadeira do painel, desligou os fones da cabeça e levantou-se. Olhou em torno, sabendo que era a última vez.

— Êi! — chamou Wayne Tevis. — Que foi que houve?

— Tome — disse-lhe Keith. — Apanhe este troço. Pode servir para outro.

Jogou os fones na direção do supervisor e saiu da sala.

Devia ter feito aquilo anos atrás.

Sentia-se tomado por uma leveza esquisita, uma sensação quase de alívio. Lá fora, no corredor, perguntou-se qual seria o motivo.

Não podia ser pela orientação da chegada do *Caravela de Ouro*. Não alimentava ilusões a esse respeito. Desincumbira-se com competência, mas qualquer operador teria feito o mesmo, e até melhor. E, como já sabia antecipadamente, nada do que acabava de realizar servia para apagar ou contrabalançar o passado.

Tampouco importava-lhe a vitória sobre a paralisia mental ocorrida dez minutos antes. Na ocasião, só pensava em fugir dali. Todos os acontecimentos posteriores não lhe alteraram a decisão.

Talvez — pensou — tivesse ocorrido uma catarse com aquela raiva repentina, ao admitir, de modo como jamais lhe sucedera, nem no seu íntimo mais secreto, o quanto detestava a aviação. Hoje, com quinze anos de atraso, arrependia-se de não ter enfrentado a verdade há mais tempo.

Entrou no vestiário dos operadores, com os seus bancos de madeira e o quadro atulhado de avisos. Abriu o armário e vestiu o terno civil.

Havia alguns objetos pessoais nas prateleiras, porém ignorou-os. Queria apenas o instantâneo colorido de Natalie. Descolou-o cuidadosamente da superfície interna da porta metálica... Natalie de biquíni. Rindo. Aquele rostinho malicioso e petulante, coberto de sardas. O cabelo molhado... Quando olhava o retrato, sentia vontade de chorar. No verso estava preso o recado que adorava:

Menos mal que o nosso quinhão Foi de puro amor e paixão.

Colocou a fotografia no bolso. Quem quisesse que limpasse o resto. Não pretendia guardar nenhuma recordação desse lugar — jamais. Ficou parado.

Compreendeu, então, que havia tomado uma nova decisão, sem querer. Não tinha certeza das conseqüências, da perspectiva que o dia seguinte lhe traria. Não sabia nem mesmo se conseguiria viver com essa realidade inédita. Se não conseguisse, sempre dispunha de uma tábua de salvação. Uma saída. As pílulas que levava no bolso.

Porque hoje não iria mais para o Hotel OHaggan. Voltava para casa.

Só sabia de uma coisa. Já que não abdicava do futuro, precisava livrar-se da aviação. A exemplo de outros, que descobriram o mesmo ao abandonar o controle de trânsito aéreo, essa resolução seria a mais difícil de manter.

E mesmo que pudesse superar o dilema — *aceite isso desde já*, disse para si mesmo — surgiriam momentos em que se recordaria do passado. Lembranças do aeroporto internacional Lincoln. De Leesburg. Do que lhe acontecera em ambos lugares. Pode-se fugir de tudo, mas uma consciência íntegra jamais consegue fugir das recordações. As recordações da família Redfern que tinha morrido... da pequena Valerie Redfern... nunca se apagariam.

No entanto a memória podia adaptar-se — não é mesmo? — ao tempo, às circunstâncias, à realidade viva do momento presente. Os Redfern estavam mortos. A Bíblia rezava: *Os mortos pertencem aos mortos*. O passado pertencia ao passado.

Keith gostaria de saber... se de agora em diante... poderia lembrar-se

dos Redfern com pesar, porém esforçando-se ao máximo para se preocupar com os vivos — com Natalie, e os seus próprios filhos.

Não tinha certeza se seria possível. Nem se possuía a força moral ou física. Há muito tempo não tinha certeza de coisa nenhuma. Porém podia tentar.

Desceu pelo elevador da torre.

Do lado de fora, a caminho do estacionamento reservado aos carros dos funcionários da A. F. A., deteve-se de repente. Obedecendo a um impulso irresistível, e sabendo que talvez se arrependeria mais tarde, tirou as pílulas do bolso e jogou-as na neve.

**DE SEU CARRO**, estacionado na via de acesso vizinha à pista trinta, Mel Bakersfeld viu que os pilotos do *Caravela de Ouro* não perdiam tempo ao dirigi-lo ao edifício do aeroporto. As luzes do avião, agora ultrapassando a metade do campo de pouso, continuavam visíveis, movendo-se rapidamente. Pelo rádio, ligado com o controle de terra, Mel acompanhava as instruções expedidas a outros vôos para se deterem nos cruzamentos e permitirem a passagem do jato avariado. Os feridos ainda estavam a bordo, pois a ordem era para seguir diretamente para o portão quarenta e sete, onde aguardavam os socorros médicos, as ambulâncias e os funcionários da empresa.

As luzes diminuíram e misturaram-se com a constelação luminosa do prédio.

Os veículos de emergência, que afinal resultaram desnecessários, afastavam-se da área das pistas.

Tânia e Tomlinson, o repórter do *Tribune*, regressaram ao edifício principal em companhia de Joe Patroni, que entregou a outro a incumbência de conduzir o 707 da Aéreo Mexicana para os hangares.

Tânia queria estar presente ao desembarque dos passageiros do vôo número dois no portão quarenta e sete. Era quase certo que precisavam de seu auxílio.

Antes de separar-se de Mel, perguntou-lhe com naturalidade:

— Você ainda vai lá em casa?

— Se acha que não é muito tarde — respondeu, — gostaria.

Ficou observando enquanto Tânia retirava um fio de cabelo vermelho do rosto. Olhou-o com aqueles olhos francos e claros, e sorriu.

— Não é tarde, não.

Combinaram encontro na entrada do prédio dentro de três quartos de hora.

Tomlinson pretendia entrevistar Joe Patroni, e depois a tripulação do jato da Trans-América. Tanto o pessoal de bordo como o chefe de manutenção seriam convertidos em heróis em questão de poucas horas. A história dramática do perigo e da sobrevivência certamente iria ofuscar os pronunciamentos de Mel em torno do assunto mais mundano dos problemas e deficiências do aeroporto.

Não totalmente, talvez. Tomlinson, a quem confiara suas opiniões, era um jornalista ponderado, inteligente, e bem podia resolver vincular o aspecto dramático da reportagem com um ponto de vista igualmente sério e mais permanente. Estavam removendo o Boeing 707 da Aéreo-Mexicana. Mel achou que não apresentava avarias, mas sem dúvida seria lavado e inspecionado minuciosamente antes de reiniciar o vôo interrompido, rumo a Acapulco.

A coleção de veículos de serviço que permanecera a seu lado durante as intermináveis horas de espera seguia atrás.

Não havia motivo para ele continuar no local. Iria embora também — mas dali a pouco. Pela segunda vez na mesma noite, achava estimulante a solidão do meio do campo, por causa de sua afinidade com os elementos fundamentais da aviação.

Horas antes, naquele mesmo lugar, tivera o pressentimento de que a série de contratempos ia encontrar um desfecho trágico. E de certo modo não se enganou. Aconteceu o desastre, se bem que a sorte impediu que se concretizasse. O importante é que o aeroporto não tinha a menor culpa da quase catástrofe.

Sabia, porém, que a exclusão de culpa não impedia a existência de condições precárias de funcionamento. Há anos previa e reclamava, em vão, a necessidade de reformas e ampliações, a fim de evitar a consumação de calamidades fatais. A verdade é que o Lincoln estava obsoleto.

E isso apesar da excelente administração, da estrutura cintilante de vidro e cromo, da densidade de tráfego aéreo, da quantidade recorde de passageiros, do manancial de frete, das suas esperanças de rendimento cada vez maior, e da orgulhosa divisa — "A Encruzilhada Aérea do Mundo".

O aeroporto era arcaico porque — como aconteceu com freqüência nas sete rápidas décadas da aviação moderna — o progresso no espaço ultrapassou todas as expectativas. Mais uma vez, as previsões técnicas perdiam para os sonhos dos visionários.

A situação local refletia a mundial.

Nas grandes cidades de todos os países repete-se o mesmo. Fala-se muito no desenvolvimento aeronáutico, nas suas exigências, na expansão vindoura (que irá trazer o custo mais baixo de transporte na história da humanidade, tanto para os passageiros como para a carga), na oportunidade que oferece às nações para um melhor conhecimento mútuo, na paz, e nas vantagens que proporciona à livre expansão do comércio. No entanto, pouco — em relação à importância do problema — se tem feito em terra.

Ora, se uma voz que clama no deserto nada consegue, é possível que várias, falando com convicção e conhecimento de causa, terminem sendo ouvidas. Aquelas últimas horas — não sabia muito bem como nem por que — fortaleciam a sua resolução de continuar a se exprimir da mesma maneira vibrante dessa noite, e que há tanto tempo não lhe acontecia.

No dia seguinte — que já era hoje, porém mais tarde — começaria por convocar, para segunda-feira de manhã, uma reunião especial, de emergência, da Junta de Diretoria do Aeroporto, com a finalidade de apresentar uma proposta, para solução imediata, de construção de uma nova pista, paralela à número trinta.

A experiência sofrida pelo *Caravela de Ouro* reforçava, de maneira incomparável, os argumentos que há séculos vinha insistindo nesse sentido. Desta vez, contudo, lutaria até o fim pela sua idéia — com palavras francas, rudes, prevenindo a inevitabilidade de catástrofes



se a segurança dos passageiros recebesse apenas lenitivos retóricos, enquanto as necessidades vitais das operações permanecessem ignoradas ou esquecidas. Não pretendia poupar esforços para colocar a imprensa e a opinião pública ao seu lado — exercendo a espécie de pressão que é a única atendida pelos políticos metropolitanos que controlam as verbas.

Depois das pistas novas, passaria a atacar outros projetos, por enquanto apenas objeto de conversas e sonhos: um conjunto inteiramente remodelado, abrangendo um edifício principal e pistas adicionais; um escoamento em terra mais imaginoso para os viajantes e o frete; e campos menores, satélites, para os aviões de decolagem vertical e curta que em breve estarão em uso.

O Aeroporto Internacional Lincoln precisava enfrentar a realidade: ou entrava na era do jato ou virava peça de museu. Se quisesse fugir à segunda alternativa, tinha de pôr mãos à obra.

Não constituía indulgência ou luxo para a população. Independente, gerava riqueza e oferecia alto padrão de empregos.

Não esperava vencer todas as batalhas em prol do progresso em terra que preconizava. Seria impossível. Mas um punhado de vitórias recompensaria largamente o esforço, e o que conseguisse realizar e declarar no âmbito local, — devido à sua projeção como administrador geral — era capaz de despertar a atenção nacional, e até mesmo ultrapassar fronteiras.

Que beleza, se lograsse esse objetivo! Lembrou-se da citação do poeta inglês John Donne: *Ninguém é uma ilha fechada em si mesma: cada homem representa o fragmento de um todo, uma parte do conjunto*. Nenhum aeroporto tampouco é uma ilha. Os que se intitulam Internacionais deviam aplicar o mesmo tipo de raciocínio para justificar o seu nome. Se Mel contasse com a cooperação de outros, talvez juntos encontrassem a solução.

Muita gente que há anos não ouvia falar em Mel Bakersfeld receberia notícias suas brevemente.

O trabalho intensivo, a retomada dos velhos interesses de longo

alcance, ajudariam a mantê-lo afastado dos problemas íntimos. Em todo o caso, era o que esperava. A idéia lembrou-lhe repentinamente que logo — talvez no dia seguinte — teria de telefonar para Cindy, para combinar a mudança de suas roupas e pertences. Era uma situação melancólica, e confiava não encontrar as filhas, Roberta e Libby, em casa. A primeira providência a tomar seria morar num hotel até dispor de tempo para encontrar apartamento próprio.

Agora mais do que nunca percebia que a decisão mútua a respeito do divórcio tinha sido inevitável. Ambos sabiam disso há muito tempo. Nessa noite deixaram apenas cair as máscaras, atrás das quais nada mais existia. Qualquer adiamento seria prejudicial, tanto para Cindy e ele, como para as meninas.

Mas tardaria a se acostumar.

E Tânia? Mel ainda não sabia se o futuro reservava muitas esperanças para os dois. Tudo indicava que sim, porém o momento não lhe parecia muito oportuno para um compromisso — sobre o qual não tinha certeza. Sabia apenas que nessa noite, antes de terminar aquele longo dia de problemas e conflitos, ansiava por afeto, compreensão e carinho. E de todos os seus amigos, era Tânia quem melhor possuía essas qualidades.

Só com o tempo poderia dizer até que ponto os sentimentos que os uniam se transformariam em algo maior.

Pôs o carro em marcha, rumando para a perimetral que conduzia ao edifício principal. A pista número trinta ficava à sua direita.

Agora desinterditada, outros aviões começavam a usá-la, chegando em ondas sucessivas, apesar da hora tardia. Um Convair 880 da TWA deslizou por cima do campo e aterrou. Atrás dele, a menos de um quilômetro de distância, avistavam-se as luzes de pouso de outro vôo que se aproximava. E logo após, um terceiro já descrevia uma curva para descer.

Essas terceiras luzes chamaram a sua atenção para a ausência de nuvens. A neve havia parado de cair. Em algumas partes, mais para o sul, o céu principiava a limpar. Com alívio, percebeu que o

temporal estava passando atividade — funciona desastrosamente no fictício Aeroporto Internacional Lincoln, vítima, há três dias, da pior tempestade de neve que já assolou a região. A pista mais extensa e ampla encontra-se bloqueada por um gigantesco Boeing 707 atolado. Um operador de controle de trânsito aéreo, levado pelo desespero, resolve suicidar-se. E um vôo parte para Roma carregando a bordo um passageiro com um mecanismo explosivo na bagagem de mão. O modo como Mel Bakersfeld, administrador do aeroporto e todos os outros personagens enfrentam essa série de crises, fornece o *suspense* de uma trama sensacional, armada dentro de um roteiro que revela o profundo conhecedor do assunto. Hailey tem a ousadia de oferecer, num capítulo repleto de pormenores alarmantes, a receita para a fabricação de uma bomba com o material adquirido em lojas de ferragens "por menos de cinco dólares".